

7º ano



HISTÓRIA

www.japassei.pt



- ✓ Resumos da matéria
- ✓ Exercícios resolvidos

Este e-book é parte integrante da plataforma de educação *Já Passei* e propriedade da DEVIT - Desenvolvimento de Tecnologias de Informação, Unipessoal Lda.

Disciplina:
História

Ano de escolaridade:
7º ano

Coordenação:
Maria João Tarouca

Design e composição gráfica:
Vanessa Augusto

Já Passei

Rua das Azenhas, 22 A
Cabanas Golf
Fábrica da Pólvora
2730 - 270 Barcarena

site: www.japassei.pt
e-mail: marketing@japassei.pt

www.japassei.pt



ÍNDICE

INTRODUÇÃO AO PROGRAMA

1

DAS SOCIEDADES RECOLECTORAS ÀS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES

1.1) As Sociedades Recolectoras

- As primeiras grandes conquistas do Homem
- A arte rupestre

1.2) As Primeiras Sociedades Produtoras

- Nascimento da agricultura
- Criação de gado
- Cultos Agrários
- O período Calcolítico

1.3) Contributos das Primeiras Grandes Civilizações

1.3.1) As Civilizações dos Grandes Rios

- As Primeiras Civilizações

1.3.2) Egito - a Grande Civilização do Nilo

- Origens
- Religião
- O culto dos mortos
- Arte
- Sociedade Egípcia
- Actividades Económicas
- Saber e Ciência no Antigo Egito
- Esquema - Organização social do Egito
- Fenícios
- Hebreus

1.4) Exercícios

- Pré-história
- Mesopotâmia
- Egito
- Hebreus
- Fenícios
- Teste: Pré-história
- Teste: Egito, Fenícios, Hebreus

ÍNDICE

2

A HERANÇA DO MEDITERRÂNEO ANTIGO

2.1) Os Gregos no século V a.C. - O exemplo de Atenas

- Grécia Antiga - Origens e Cronologia
- Polis
- O Século de Péricles

2.1.1) Religião e Cultura

- Religião
- Arte
- As Letras e Saber Gregos A - Teatro
- As Letras e Saber Gregos B - Literatura e Ciência
- A Lenda de Troia
- Esquema de Desenvolvimento da Grécia

2.2) O Mundo Romano no Apogeu do Império

- A História de Roma: da Fundação à República
- A História de Roma: da República ao Império
- As Instituições do Império
- A Romanização
- Religião Romana
- Cristianismo
- Mensagem do Cristianismo primitivo
- Arte Romana
- Literatura Latina
- Educação Romana
- Queda do Império Romano
- Esquema - Roma

2.3) Exercícios

- Grécia
- Roma
- Cristianismo
- Teste: Grécia
- Teste: Roma

ÍNDICE

3

A FORMAÇÃO DA CRISTANDADE OCIDENTAL E A EXPANSÃO ISLÂMICA

3.1) A Europa Cristã nos Séculos VI a XIX

- Povos Bárbaros
- Início da Idade Média
- A Igreja Católica no Ocidente Europeu

3.2) O Mundo Muçulmano em Expansão

- O Nascimento do Islão
- Expansão Islâmica
- A Civilização Islâmica - Parte 1
- A Civilização Islâmica - Parte 2
- A Civilização Islâmica - Parte 3

3.3) A Sociedade Europeia nos séculos IX a XII

- As Novas Invasões e o Cerco da Europa

3.3.1) A Sociedade Europeia na Alta idade Média

- As Relações Feudo-Vassálicas - Parte I
- A Sociedade Senhorial - Parte II

3.4) A Península Ibérica: dois Mundos em Presença

3.4.1) Cristãos e Muçulmanos na Península Ibérica

- Al Andalus - 1ª Parte
- Al Andalus - 2ª Parte
- A Reconquista e a Formação dos Primeiros Reinos Cristãos
- Santiago de Compostela

3.5) Exercícios

- Povos e reinos bárbaros
- Sociedade medieval e feudalismo
- Igreja medieval
- Comércio medieval
- Muçulmanos na península ibérica
- Teste

ÍNDICE

4

PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU NOS SÉCULOS XII A XIV

4.1) Desenvolvimento Económico. Relações Sociais e Poder Político nos séculos XII e XIV.

- O dinamismo do mundo rural nos séculos XII e XIII
- O dinamismo do mundo urbano nos séculos XII e XIII
- Feudalismo em Portugal
- Os Diversos poderes em Portugal

4.2) A CULTURA PORTUGUESA FACE AOS MODELOS EUROPEUS

- Cultura Monástica
- Cultura Cortesã
- Cultura Popular
- As Novas Ordens Monásticas e as Universidades
- Do Românico ao Gótico

4.3) CRISES E REVOLUÇÃO NO SÉCULO XIV

- Crise económica e conflitos sociais
- Lisboa nos circuitos do comércio europeu
- Crise de 1383-85

4.4) Exercícios

- Dinamismo rural e dinamismo urbano
- Cultura monástica, cultura cortesã e cultura popular
- Tipos de poder em Portugal
- Interregno
- Teste

ÍNDICE

5

SOLUÇÕES DOS EXERCÍCIOS

5.1) Das sociedades recolectoras às primeiras civilizações

- Pré-história
- Mesopotâmia
- Egipto
- Hebreus
- Fenícios
- Teste: Pré-história
- Teste: Egipto, Fenícios, Hebreus

5.2) A herança do Mediterrâneo antigo

- Grécia
- Roma
- Cristianismo
- Teste: Grécia
- Teste: Roma

5.3) A formação da cristandade ocidental e a expansão islâmica

- Povos e reinos bárbaros
- Sociedade medieval e feudalismo
- Igreja medieval
- Comércio medieval
- Muçulmanos na península ibérica
- Teste

5.4) Portugal no contexto europeu nos séculos XII a XIV

- Dinamismo rural e dinamismo urbano
- Cultura monástica, cultura cortesã e cultura popular
- Tipos de poder em Portugal
- Interregno
- Teste

INTRODUÇÃO AO PROGRAMA

Olá Estudantes do 7º Ano de História :)

Sejam bem-vindos a estas páginas que foram escritas para vos ajudar e também para tentar despertar o vosso interesse pela Grande Aventura dos Homens ao longo dos tempos.

Os textos que irão encontrar são de vários tipos: os que contêm matéria considerada obrigatória no Programa. Reconhecerão quais: são os que tratam de assuntos de que os vossos Professores tenham falado ou que venham no vosso manual. Existem também outros textos que não são obrigatórios. Destinam-se a alunos curiosos que querem saber mais, o «como» e o «porquê» das coisas.

Os quizzes da secção «**Mostra o que aprendeste**» podem funcionar como exercícios práticos para verificarem o que aprenderam e como resumo da matéria já estudada.

Também encontrarão pequenas curiosidades na **Arca do Tesouro**: Imagens, lendas, mitos, historietas, anedotas, receitas...

Assim, estudem e divirtam-se, dêem o primeiro passo nesta jornada de saber quem somos, donde viemos, para onde vamos.

Boa Viagem!!

TEMA

1

Das sociedades recolectoras às primeiras civilizações



*** AS SOCIEDADES RECOLECTORAS ***

AS PRIMEIRAS CONQUISTAS DO HOMEM

A IMPORTÂNCIA DE ÁFRICA

Quando pensamos em África, imaginamo-la como um lugar muito quente, árido e deserto. Mas nem sempre foi assim. Há muito tempo, ela esteve coberta de árvores e a sua aparência era muito semelhante à da Floresta da Amazónia.

No entanto, o Clima começou a mudar há cerca de 20 milhões de anos: enormes vagas de ar quente secaram muitas florestas e metade do continente foi substituído por um novo tipo de paisagem: a Savana.



Floresta verde



Savana

Muitas espécies acabaram por se extinguir, porque não foram capazes de vencer as dificuldades que existiam neste novo ambiente. Outras conseguiram sobreviver, encontrando novos alimentos e aprendendo a defender-se dos novos predadores. Entre elas encontravam-se algumas espécies de macacos. Estes símios eram mais inteligentes do que os outros animais, devido ao seu grande cérebro. Sabiam distinguir várias cores, uma característica que lhes foi muito útil. Também sabiam identificar frutos e animais venenosos pela cor e avistavam melhor os seus predadores à distância.

África transformou-se num berço de uma nova família de macacos: os **Hominídeos**, de que falaremos adiante.

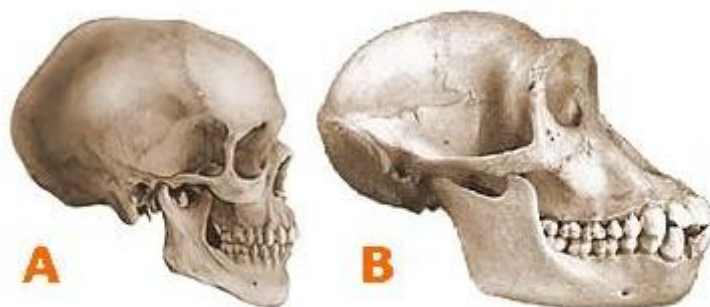
A BIPEDIA

Com o tempo, uma espécie de entre os macacos sobreviventes à mudança de Clima perdeu a cauda e transformou-se no antepassado comum da família dos Grandes Símios (Orangotangos, Gorilas, Chimpazés e Homens). Esse antepassado foi, portanto, um tetratetratetratetra(e por aí fora...) avô de todos nós. Na verdade, esse «avôzinho» dos Homens e seus descendentes foram ainda mais além: Conseguiram algo inteiramente novo no mundo animal: andar sobre «duas patas». Chamamos a isto **Bipedia**. Caminhamos em posição vertical, com as nossas «patas traseiras» assentes no chão, a suportar todo o peso do nosso corpo. Algum de vós já teve fortes dores de costas sem perceber porquê? Pois tudo tem um preço. Ganhámos muito com a Bipedia mas este (e as enxaquecas, entre outros males) faz parte da factura a pagar.

Caminhar sobre duas patas tem, contudo, as suas vantagens:

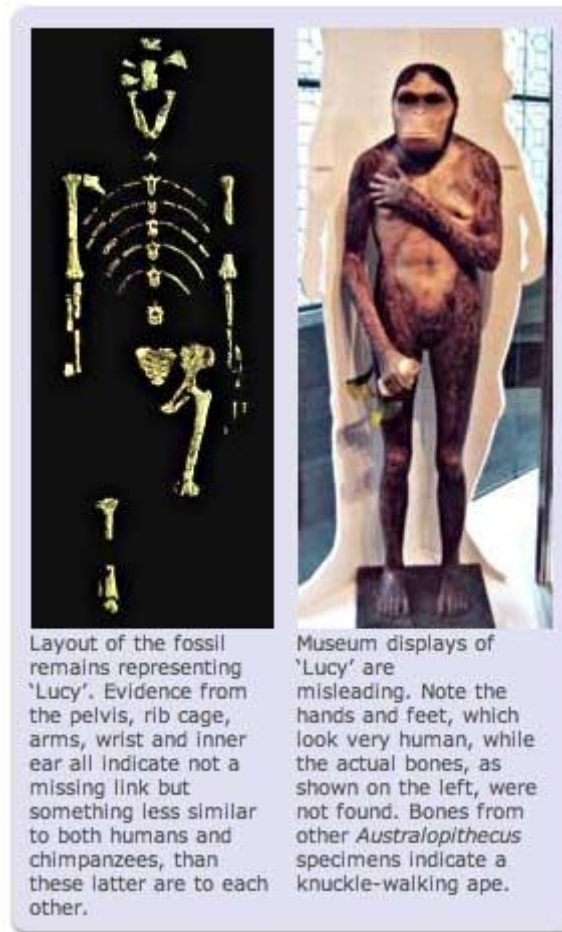
- Um bípede consegue **ver mais longe**, porque a sua cabeça fica mais alta que a folhagem da Savana.
- É mais fácil adquirir alimentos. Os nossos antepassados conseguiam **correr e fugir** dos seus predadores enquanto agarravam a comida.

- **Perda de pelo** no corpo. Alguns milhões de anos mais tarde, o nosso corpo ficará bem mais lisinho. Mas, com esse aspecto sedutor, aparece a necessidade de **suar**. Os Homens transpiram. Que aborrecimento??? É verdade, mas, se não tivéssemos esta capacidade, morreríamos «assados» com o calor....
- As nossas «patas dianteiras», agora livres, começaram a ser usadas em muitas funções: agarrar, cortar e fazer objectos. A **mão** começa a surgir, com dedos alongados. Graças a essa grande revolução anatómica, podemos começar a fabricar e aperfeiçoar ferramentas tornando o **cérebro** um instrumento de pensamento cada vez mais complexo.



Na figura A vemos o crânio do homem moderno. Na imagem B, o crânio de um chimpanzé.

Quem começou a andar de pé? Ainda há muita polémica sobre quem foi o primeiro bípede entre os símios pré-históricos. Mas sabemos, com toda a certeza, que os **Australopithecus** já eram bípedes. O nome significa «macaco austral» (austral significa do Sul e este nome vem do facto de os primeiros exemplares terem sido encontrados na África do Sul) e esta espécie viveu durante milhões de anos. Os primeiros surgiram há 6 milhões de anos. O esqueleto de australopiteco mais famoso é o de Lucy, australopiteca baixinha e gentil, desenterrada em 1974, na Etiópia. Curiosidade: chamaram-lhe assim porque uma canção dos Beatles, *Lucy in the Sky with Diamonds*, estava a tocar na rádio, quando os arqueólogos a encontraram. Lucy tinha quase metade do seu esqueleto intacta. Foi assim que pela 1ª vez se descobriu que estes símios conseguiam andar de pé.



E como a música também é cultura... clica [aqui](#)

Pouco se sabe acerca deles. Não deixaram utensílios e não fizeram fogueiras. Viveram em cima ou à sombra das árvores e aparentemente pertenciam a grandes grupos familiares. Sabemos, no entanto, que estes indivíduos inauguraram uma nova etapa na Evolução da Humanidade: eles pertencem a uma grande família da qual fazemos parte: os **hominídeos**.

O QUE É UM HOMINÍDEO?

Muitas pessoas confundem o termo «hominídeo» com «nosso antepassado». Em parte é verdade, porque nós descendemos de alguns deles. Mas há outras espécies de hominídeos que viveram ao lado dos nossos antepassados- e das quais não descendemos.

Hominídeos são todos aqueles que têm várias características humanas: posição vertical, caminhada bípede, grande cérebro e um focinho mais achatado que os restantes macacos. Aqueles que aprendem a fabricar utensílios recebem a classificação **homo**, que significa «homem, humano». Os **Homo** surgem há cerca de 3 milhões de anos.

Durante muito e muito tempo, vários australopitecos e várias espécies de outros hominídeos, alguns dos quais *homo*, viveram e povoaram espaços próximos, cruzando-se uns com os outros e, parece, até, interagindo uns com os outros. Esta situação que hoje conhecemos, em que os a única espécie de homo é a nossa, só existe desde perto de 30000 anos.



ALGUNS HOMO

- **Homo Habilis**- Esta espécie, uma das primeiras a merecer o nome *homo*, foi bastante inovadora e inventiva. Aprendeu a criar objectos com as suas mãos: pegavam em duas pedras de vários tipos de rocha, como sílex, obsidiana, etc, e batiam uma na outra, até conseguir superfícies cortantes. À medida que as pedras iam chocando, soltavam-se lascas que seriam usadas para uma quantidades de funções, desde cortar, raspar, furar e alisar. Desta forma foram criados os primeiros utensílios. É por isso que lhe chamaram *Habilis*, que significa «habilidoso». Eles inauguraram a **Idade da Pedra Lascada** ou **Paleolítico**, um período que vai desde 3.300.000 anos até 10.000 a.c.
- **Homo Erectus**- Foi a primeira espécie humana a sair do seu berço, em África e a migrar para a Ásia e Europa. Surgiram há 1 milhão e 600.000 anos deixaram-nos muitos vestígios da sua presença: vários utensílios de pedra que faziam as funções do machado, faca e lixa. Mas a maior proeza destes indivíduos foi a arte de dominar o **fogo**. O *Homo Erectus* sabia controlá-lo. Imaginem a grande mudança que representou, para aqueles que viviam nesta época:



1. O controlo do fogo afastou as feras perigosas, que atacavam, muitas vezes, durante a noite.
 2. O fogo aperfeiçoa a arte de fabricar utensílios complexos (pontas de seta e armas de arremesso).
 3. A comida também beneficia com o fogo: nasce uma forma simples de culinária. Cozinhar os alimentos pode matar certas bactérias nocivas, que poderiam ser fatais nos alimentos crus.
 4. O fogo aquece. Faz com que as crianças, os doentes e os velhos estejam protegidos do frio. Ajuda a comunidade a criar laços, a conversar e a contar histórias. Viver com o fogo tornou o nosso cérebro mais complexo.
- **Homo Sapiens Neardental** aparece muito mais tarde, na Europa, há cerca de 120.000 anos. Era muito inteligente (Nota que já era *sapiens* que quer dizer-que sabe, que raciocina): tinha música, usava adornos, cobria-se de peles e tatuava-se. Enterrava os seus mortos com flores ao lado do corpo (será que tinha uma Religião?). As razões para o seu desaparecimento são, ainda, misteriosas. Conviveu connosco, os *Homo Sapiens Sapiens* e extinguiu-se na Península Ibérica (o seu último lugar foi em Portugal) há 30.000 anos.



Queres ouvir como deveria soar a música do Homem de Neandertal? Clica [aqui](#)

NÓS!!!

- **Homo Sapiens Sapiens**- A nossa espécie surgiu há 40.000 anos, no sul do continente africano. Durante um período de grande seca, os homens modernos viram-se obrigados a sair de África, em busca de lugares melhores para viver. Graças a esse feito espalharam-se por todo o lado e povoaram a Terra. A este fenómeno chamamos **Hominização**.

Somos duplamente *sapiens* para indicar que, até hoje, fomos a espécie que mais longe foi em termos de raciocínio, de capacidade de dominar o seu meio ambiente, de capacidade de criar arte, etc...

Fomos os primeiros hominídeos a praticar a Arte da Pintura, enchendo as grutas de imagens dos animais que caçávamos. Aperfeiçoámos utensílios, criando armas sofisticadas, tais como arpões, azagaias e flechas. Começámos a coser peles com agulhas de osso e a criar fechos e botões para as roupas. Construímos as primeiras casas de peles (tendas) deixando de depender apenas de grutas e cavernas. A nossa capacidade e sofisticação muito acima dos restantes hominídeos permitiram-nos superar todas as dificuldades, sobreviver e progredir até hoje.

Olha que grande viagem que nós já fizemos!!!



Chegada à Lua em 1969

ECONOMIA DE CAÇA E RECOLECÇÃO

Todas as espécies de hominídeos começaram por viver da **Recoleção**. Recolhiam as frutas das árvores, as bagas dos arbustos, e alimentavam-se de insectos. Esta foi a primeira forma de economia. Também aprenderam a caçar. Começaram por caçar pequenos animais, que eram atacados com pedras ou apanhados em covas pequenas.

O *Homo Habilis* foi o primeiro a usar utensílios de pedra na caça. Esperava os animais em cima de árvores e atacava-os de surpresa, com as suas pedras lascadas, que funcionavam como um machado ou uma faca. Com estas armas, e aprendendo a caçar em grupo, passa a ser possível capturar animais de grande porte (hipopótamos, mamutes e bisontes). Estes animais alimentavam famílias inteiras. Eram cada vez mais cobiçados porque o número de seres humanos estava a crescer.

Com o aparecimento do *Homo Erectus* o fogo começou a ser usado também como arma, para assustar e encurralar as manadas contra um precipício.

Os hominídeos primitivos não produziam. Caçavam e recolhiam. Eram predadores dos outros animais e viviam uma vida **semi-nómada**, isto é, seguiam sempre as manadas, assentando o acampamento quando as encontravam e levantavam o acampamento no Inverno, para se refugiarem do frio nas grutas. Organizavam-se em grupos familiares e muitas vezes a família caçava em conjunto. A caça fortalecia a entre-ajuda, a solidariedade e a partilha dos bens.

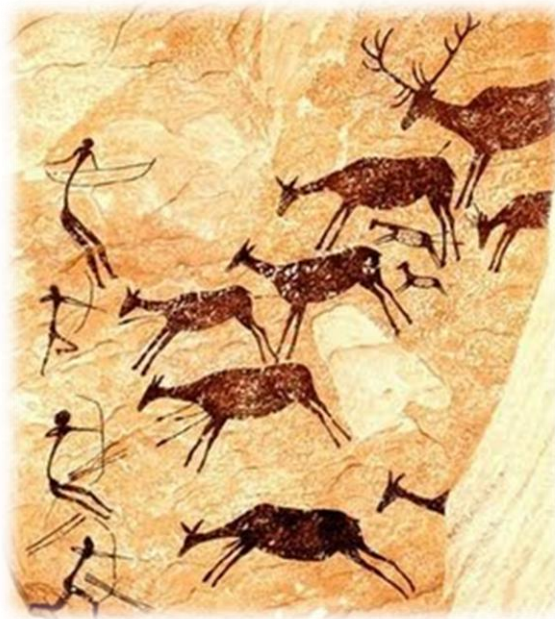
A ARTE RUPESTRE

ARTE

Desde sempre os homens primitivos demonstraram uma grande atracção pela Beleza e procuraram imitá-la, fazendo objectos agradáveis aos olhos e criando grandes pinturas e baixos-relevos nas paredes das grutas ou em pedras ao ar livre, como por exemplo em Foz Côa.

O gosto pelo Belo já existia ainda antes do *Homo Sapiens Sapiens*. O Homem de Neandertal já produzia, entre outros objectos, pequenos colares de pedrinhas polidas e furadas. Temos de admitir, contudo, que a Arte mais expressiva e mais elaborada foi feita por nós, os homens modernos. A este tipo de Arte Pré-Histórica chamamos **Arte Rupestre** (significando sobre rocha). A Arte Rupestre estende-se por um período entre 35000 aC a 10000 aC. Eis alguns exemplos:

- Quase desde os primeiros tempos do *Homo Sapiens* que verdadeiras obras de Arte são por ele pintadas nas grutas representando os animais e as paisagens que conhecia: renas, bisontes, mamutes, outras espécies de bovinos como touros ou vacas selvagens. Muitos desses animais desapareceram, não porque o Homem os tenha destruído mas porque o clima, como veremos adiante, mudou e os animais tiveram que se deslocar para outras paragens. O significado destas gravuras ainda hoje é desconhecido:



Arte Rupestre - Cena de Caça

- Terá sido um bonito desenho para decorar as paredes?
- Terá sido uma ritual especial, para dar sorte aos habitantes da gruta, para que pudessem ter sucesso na caça? Ainda hoje há algumas culturas em África que praticam esses rituais: quando um pintor pinta um leão, por exemplo, ele acredita que está a lançar um feitiço contra um leão e, deste modo, pode caçá-lo. A Arte Rupestre pode estar ligada a práticas semelhantes de **Magia**, como poderás verificar neste pequeno [vídeo](#).

Outra das formas de Arte desta época constituiu no fabrico de pequenas estatuetas conhecidas como «**Vénus**». Tratava-se de figuras de mulheres que não tinham rosto, mas tinham as formas femininas muito exageradas. Que significado tiveram?

Pensa-se que talvez estivessem ligadas a **Cultos de Fertilidade**, onde uma **Deusa-Mãe** tivesse um papel importante. Do seu tamanho bem como de marcas de pequenos furos encontradas em algumas delas, depreendem alguns estudiosos que fossem amuletos que as mulheres transportavam para dar sorte nos nascimentos e nos partos.



Vénus de Willendorf

RELIGIÃO

Poucas coisas são tão antigas como a espiritualidade. Nós, os homens modernos, temo-la desde que existimos. Porém sabemos que há um outro grupo de homínídeos que também a possuíam: os Homens de Neardental.

RELIGIÃO ENTRE OS NEARDENTAIS: Sabe-se que estes seres humanos já enterravam os seus corpos. Foi mesmo desenterrada a sepultura Neandertal na região de Shanidar (nordeste do actual Iraque). No seu interior estavam vários esqueletos pertencentes a um homem, duas mulheres e uma criança. Todos se encontravam em posição fetal, como se a Terra fosse uma mãe de onde eles tornariam a nascer. Descobriu-se que o homem sofria de uma doença que o incapacitou desde muito cedo, uma forma avançada de artrite. Ele era, portanto, um indivíduo que vivia às custas da tribo, que não podia caçar e ajudar os seus companheiros a trazer comida para a comunidade. No entanto, foi cuidado e amado e viveu até muito tarde.

- Enterrar os mortos significa uma coisa importantíssima: a crença num outro mundo, outra vida para além da Morte. Será que os neardentais já tinham uma Religião?

- Os neandertais já possuíam sentimentos de compaixão, solidariedade e entreatajuda entre os membros da sua tribo. Ajudavam os mais velhos e os mais fracos.
- Os cientistas descobriram pólen fossilizado no interior da cova onde o esqueleto foi encontrado. Este morto teve oferendas, colocaram flores ao lado do seu corpo.

Podes ler a notícia [aqui](#).

RELIGIÃO ENTRE OS PRIMEIROS HOMENS MODERNOS: Como terão sido as primeiras Religiões, entre nós? Eis algumas características dos cultos da pré-histórica:

- É muito provável que os nossos antepassados acreditassem que todas as coisas estivessem vivas (pedras, montanhas, animais e plantas, rios, Sol e Lua, por exemplo). Respeitavam a Natureza como algo Sagrado e cheio de Magia.
- Antes do aparecimento da Agricultura, a maior preocupação do Homem era ser bem-sucedido na caça e na reprodução



Esperando bebés

Toda a Arte Rupestre estava intimamente ligada a estas formas de culto. Muitas pinturas e gravuras em pedra têm símbolos estranhos, que temos dificuldade em entender (triângulos, círculos ou riscos cruzados) também chamados **petroglifos**. Também existem, nas grutas, gravuras salpicadas de pintas e manchas e representações ainda mais estranhas, de mãos algumas, por vezes, mutiladas, que parecem ter dedos parcialmente cortados. O significado destas pinturas foi esquecido há muito tempo mas muitos pensam que, em alguns casos, possa ser uma marca dos pintores, uma espécie de assinatura primitiva.



Mãos e pintas nas paredes de uma gruta

* AS PRIMEIRAS SOCIEDADES PRODUTORAS *

NASCIMENTO DA AGRICULTURA

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

No final do Paleolítico, cerca de 10.000 a.C. começaram a surgir grandes alterações climáticas:

- A temperatura subiu e os gelos da última grande Glaciação (período em que a Terra ou extensas regiões do planeta ficam cobertas de gelo. As glaciações (também são conhecidas como Idades do Gelo) derreteram. O clima tornou-se mais ameno e mais agradável.
- Muitos animais deslocaram-se para longe: as Renas os Mamutes e os Rinocerontes peludos, que existiam na região hoje conhecida como Península Ibérica - Portugal e Espanha, partiram para Norte à procura de paragens mais geladas. Alguns acabaram por se extinguir. Os Mamutes são uma das espécies que desapareceram.



Mamutes

- O homem moderno, agora livre do frio, habituou-se a uma nova vida, mais agradável. Os seres humanos cresceram de número e prosperaram. Infelizmente, quando o número de pessoas aumenta, é necessário procurar cada vez mais comida.
- O Homem precisa de cereais para viver. Sem eles a sua dieta não é saudável. Ele vai precisar de descobrir uma solução para o seu problema. E será na terra, agora livre do gelo, que o Homem descobrirá essa solução. O seu nome? **Agricultura.**

DUAS TEORIAS PARA EXPLICAR A INVENÇÃO DA AGRICULTURA

Não se sabe ao certo como é que a Agricultura apareceu. Alguns historiadores defendem a teoria de que foram as mulheres a inventá-la. Eram elas (segundo esta teoria) que apanhavam as bagas e as sementes e frutas, enquanto os homens caçavam. Ao fim de gerações a observar as plantas, descobriram que as sementes que colhiam poderiam, ao ser enterradas, «fazer» essas mesmas plantas. Esta teoria nunca foi provada. A hipótese que hoje parece ser aceite pela maioria é a da «Invenção por Acidente»: imaginem que um homem ou uma mulher deixou cair algumas sementes que tinha colhido (talvez o saco de pele se tenha rompido) e que estas desapareceram num buraco, numa cova ou numa fissura do chão. Esse indivíduo deve ter ficado muito frustrado porque na sua época ninguém deixava

nada fora e toda a comida era importante para a tribo. Mas ao fim de alguns meses apareceram rebentos no lugar onde a preciosa carga caíra e esses transformaram-se em plantas que produziram sementes iguais às que eles costumavam colher e guardar. Compreenderam, então, que as sementes podiam ser enterradas. E, ao serem enterradas, podiam dar origem a novas plantas. Podiam **produzir** a sua comida. Este grande acontecimento é denominado **Revolução Neolítica**. Estamos perante uma nova Era da História: o **Período Neolítico**, também conhecido como Idade da Pedra Polida porque nesta altura os instrumentos eram trabalhados de forma mais detalhada, chegando mesmo a ser polidos.

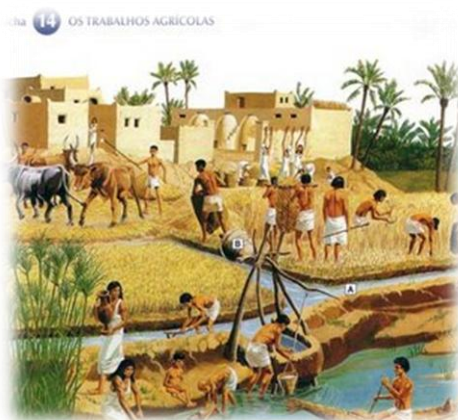
O LOCAL DE ORIGEM

A prática da Agricultura surgiu em vários pontos do planeta, mais ou menos na mesma altura. Mas os vestígios de cultura agrícola mais antigos remontam a 8.500 a.c., na região do **Crescente Fértil**.



Crescente Fértil

Se olharem atentamente para este mapa irão reparar que a mancha verde tem a forma de uma das fases da lua, daí chamarem a esta zona «Crescente». Todo este território, que cobre países desde o Egito à Mesopotâmia (hoje grande parte do Iraque e parte da Síria) é, ainda hoje, muito fértil. Mas naquele período a sua produtividade era «quase milagrosa». Algumas das terras desta grande região, como o Egito, sofriam cheias periódicas, de águas muito barrentas, escuras e espessas, carregadas de nutrientes. Quando as águas assentavam, a terra ficava «nutrida» e «alimentada». E a Agricultura era feita em quantidades consideráveis, capazes de alimentar povoações de tamanho considerável.



Agricultura nas margens do Nilo

AS PRIMEIRAS CONSEQUÊNCIAS DA INVENÇÃO DA AGRICULTURA:

Imaginem o impacto que esta invenção terá trazido para estes seres humanos! Outrora estavam sempre a mudar de lugar, numa existência de semi-nomadismo. Encontravam uma manada e paravam nesse lugar, vivendo lá durante uns meses. Entretanto iam colhendo as sementes e bagas para fazer um pequeno armazém para a comunidade. O Clima mudou, como já dissemos, mas as tribos cresceram e era necessário alimentá-las. E, claro, o frio não desapareceu completamente. Quando as manadas migravam e o Inverno chegava, os homens primitivos encontravam-se numa situação difícil. O seu pequeno armazém não durava muito: as sementes tinham que ser guardadas muito secas, ou apodreciam. A Arte de conservar a comida ainda não era muito sofisticada. Em breve a tribo tinha que sair do lugar onde estava para procurar outras manadas que se encontravam no alto dos montes ou montanhas.

Graças à Agricultura, o homem moderno já pode produzir em grandes quantidades e, a partir desse momento já pode fixar-se para sempre num lugar. A esta nova forma de vida chamamos **Sedentarização**.



Aldeia Neolítica

A AGRICULTURA FOI A «MÃE» DE OUTRAS INVENÇÕES

- A farinha: produzir cereal significa plantá-lo, colhê-lo e moê-lo. Para tal tiveram que ser inventados novos utensílios e objectos tais como a enxada, a foice, o machado e a mó.



Mó neolítica

- O cereal tinha que ser armazenado de forma cada vez mais eficaz. Foi neste período que foram criados cestos feitos a partir de ramos e hastes entrançadas (**Cestaria**). Também começaram a fazer um outro tipo de recipientes: estes eram duros, feitos a partir de argila crua e seca ao sol (mais tarde passou a ser cozinhada num forno). A esta nova técnica chamamos **Cerâmica**. Quando a cerâmica é feita apenas a partir do barro (argila amassada com água) chama-se **Olaria**. A Cerâmica com o tempo tornou-se sofisticada, com formas diferentes, que mudavam de cultura para cultura e adornada com desenhos elaborados.
- A **Tecelagem** também foi inventada neste período: se o Homem pode entrançar ramos e fazer cestos, porque não fazer o mesmo com outros materiais (linho, ou mesmo a lã das ovelhas que provinham da criação de gado)?

Claro que não podemos mostrar-te um tear desses tempos mas sabemos que os mais antigos eram verticais e muito semelhantes ao da gravura em baixo:



Tear vertical

A CRIAÇÃO DE GADO

Não foi só a Agricultura que revolucionou a vida dos Homens. Neste período já se começavam a fazer experiências com os animais que viviam ao seu lado. Ainda não há consenso sobre o que veio primeiro (se a Agricultura, se a Criação de Gado), mas é muito provável que tenham aparecido quase em simultâneo (com intervalos curtos entre uma e outra) porque ambas estão interligadas. Uma invenção influencia a outra:

- Os terrenos de cereais estavam ao lado dos animais. Muitas vezes o Homem era obrigado a afastá-los, para que estes não comessem as colheitas. Descobriu depois, que podia rodeá-los com uma cerca e ficar com eles.
- Para alimentar um animal -agora preso - é preciso trazer-lhe comida. Logo, é preciso trazer-lhe a parte do que cultivou.
- Se os animais passaram a estar retidos num espaço fechado, passou a haver controlo sobre a sua reprodução. O Homem escolhia quais os machos e fêmeas que se podiam cruzar e, desta forma, foi criando novas espécies de gado, mais dóceis e dependentes dos humanos.
- A Criação de Gado melhorou a existência dos seres humanos. Agora já não precisavam de caçar constantemente, já que eram os seus próprios animais que lhe forneciam a comida.

Vê este pequeníssimo [vídeo](#) e talvez te sintas um homem pré-histórico já que animais à solta felizes pelos campos e, já agora, seres humanos com tempo e ar puro para respirar são quase uma imagem pré-histórica: em extinção!!!

ESPÉCIES DOMESTICADAS PELO HOMEM

Eis alguns exemplos de **Domesticação de Espécies Animais e Vegetais**

- A vaca e o boi, que estamos acostumados a ver nas quintas, descendem de raças bovídeas selvagens. Foram alteradas para crescer mais depressa e produzir leite em enormes quantidades.
- O porco é outro exemplo: descende do javali. Também se tornou dócil e perdeu as presas.
- As cabras e ovelhas também são descendentes de animais selvagens dos montes e serras. Encolheram e tornaram-se muito úteis na produção do leite e da lã.
- O trigo, o centeio e a cevada tiveram a sua origem nos cereais bravios que outrora se recolhiam. Com a sua domesticação, a planta modificou-se: cresceu e passou a produzir mais bagas em cada haste. As plantas de cereais primitivas não tinham tantas sementes. O mesmo aconteceu com o milho (América Central e América do Sul) e com o arroz (na Ásia).



Trigo Selvagem



Trigo Cultivado

O NOSSO MELHOR AMIGO

Também foi neste período que se começaram a domesticar alguns lobos. Ainda existe alguma polémica sobre a espécie de lobo da qual o cão descende, mas a teoria que hoje é mais aceite é a de que o nosso melhor amigo provem do lobo cinzento. O estudo do ADN do cão provou que descende mesmo desta espécie.

Os lobos tentavam atacar o gado e os seres humanos precisavam de defender os seus animais. Tentaram, no início, matá-los, mas os lobos não desistiram. Alguns iam às lixeiras dos humanos para se alimentarem de restos. Então os homens começaram a «subornar» o lobo com comida, mantendo-o dependente e controlado. O lobo, por seu lado, «agradeceu» esta atenção, protegendo a comunidade de perigos e invasores. Em breve o Homem começaria a fazer com o lobo aquilo que fez com os outros animais, escolhendo apenas os indivíduos dóceis para a procriação. E do lobo domesticado nasceu o Cão. O cão passaria a guardar o gado, a proteger os humanos e as plantações. Surgiu uma **simbiose** (relação de dependência mútua entre duas espécies - ambas precisam uma da outra) entre o Homem e o Cão.

Hoje em dia, seja um exemplar de podengo português (foto à esquerda) seja um exemplar rafeirinho, cruzado entre o labrador e o dobberman (foto à direita), continuam a ser os nossos mais leais amigos!!!



UMA CONSEQUÊNCIA DA CRIAÇÃO DE GADO

Sabias que o ser humano é o único animal que bebe leite na idade adulta? Isto deve-se a uma modificação do nosso organismo que aconteceu neste período. O Homem domesticou as espécies de gado para muitos fins, inclusive a produção de leite. É por isso que as vacas, por exemplo, estão sempre a dar leite, mesmo quando os filhotes já cresceram. Desse leite aprenderam a fazer queijos e iogurtes, através de várias formas de fermentação e coalhos. Graças a este novo hábito alimentar, o nosso corpo desenvolveu a tolerância à lactose (açúcar do leite). Por isso, quando quiseres dar um prato de leite a um gato ou a um cão lembra-te: os gatos e cães adultos não devem beber leite muitas vezes ou ficam com cólicas na barriga.

Afinal nós não modificámos apenas a Natureza: também nos modificámos a nós mesmos.

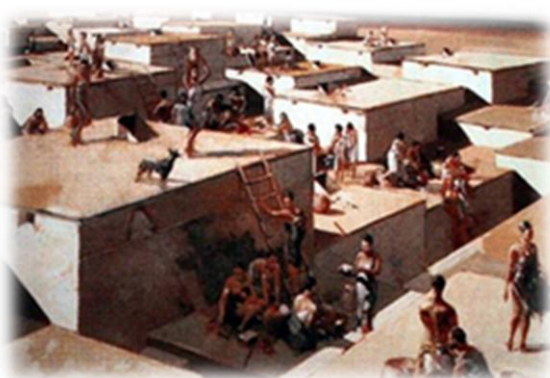
A FORMAÇÃO DE ALDEAMENTOS E A DIFERENCIAÇÃO SOCIAL

Durante o Paleolítico, os Homens viveram uma existência de semi-nomadismo, eram caçadores e recolectores. Com o advento da Agricultura e da Criação de Gado, os homens modernos começaram a produzir. Já não se tratava de uma Economia de Caça/Recolecção - era uma **Economia de Produção**. Graças a estas grandes mudanças, o ser humano transformou-se numa espécie bem sucedida, com um **Índice de Crescimento Demográfico muito elevado**, ou seja: a população cresceu desmesuradamente.

No Passado, os humanos viviam organizados em pequenas tribos, alojados em grutas, tendas de pele ou pequenas casas construídas por ramos. Depois, as pequenas tribos cresceram e desenvolveram-se em **povoados**, constituídos por várias famílias. No início do Neolítico, devido à **sedentarização** e ao aumento populacional, as casas tornaram-se sólidas, feitas a partir de tijolos de barro seco ao sol. Cada casa assemelhava-se a uma pequena «caixa» de forma quadrada ou rectangular, sem janelas (a luz entrava pela porta ou por um buraco no telhado), de dimensão reduzida. Essas casas eram encaixadas nas casas de outras famílias, também elas com este aspecto de «nicho». Foi desta maneira que se começaram a construir grandes povoados, que tinham um aspecto estranho de colmeias. O exemplo mais famoso é o de Çattal Hüyük (8.000 a.c.), localizada na Turquia: é um povoado constituído por cerca de cem casas (deviam viver ali mais ou menos 1000 pessoas!). A sua dimensão é tão grande que este local é conhecido como «a Cidade-Colmeia». E parece, de facto, uma colmeia, com as suas casas de barro, coladas umas nas outras e onde os habitantes se deslocavam pelos telhados e por eles entravam nas casas dos vizinhos. O povoado parecia ser uma fronteira difícil de transpor pelos seus inimigos.



Çatal Hüyük



Çatal Hüyük - Reconstrução

O NASCIMENTO DA DIVISÃO DO TRABALHO

Sim, dissemos inimigos: os povoados já competiam entre si e já tinham rivalidades. É neste período que o mal da Guerra, tal como a entendemos, começou a aparecer. Até lá só existiam pequenas escaramuças entre uma tribo ou outra, mas não eram feitas de uma forma planeada. Para haver defesa são precisos grupos organizados de homens com instrumentos especializados não no cultivo, mas no combate. E estes mesmos homens têm que se especializar nesta forma de vida, têm que ser dispensados das suas tarefas. Como é que pequenas tribos, outrora pequenas e com poucas actividades, passaram, com o tempo, a estar organizadas desta forma?

Eis algumas respostas:

- A Agricultura deu início à **acumulação de bens e riquezas**. Alguns agricultores e pastores começaram a ter mais produtos do que outros. Uns tinham colheitas maiores, outros mais cabeças de gado. Começa a existir uma noção de «meu» e «teu». A riqueza já não pertence mais a toda a tribo.
- Quem acumula riqueza quer transmiti-la só à sua família, aos seus parentes. Para isso precisa de demonstrar à comunidade que aqueles bens são «seus». Nasce a **Propriedade**.
- As propriedades são herdadas através da autorização de uma figura importante, que detém toda a memória dos bens e saber do povoado. A sua palavra tem valor de lei na comunidade.
- Antes de transmitir os seus bens, é preciso saber se os seus familiares são mesmo seus. É neste período que se começa a controlar a sexualidade. Cada casal tem de ter a certeza de que os possíveis herdeiros são do seu sangue.
- As propriedades têm de ser defendidas: quanto maior for a riqueza, maior a necessidade de a proteger. Começam a surgir homens especializados em combate. Nascem os primeiros **soldados**. Estes soldados são libertados de serviços pesados, como o cultivo agrícola ou outros ofícios (olaria ou construção de casas).
- Nestes povoados, alguém tem que ter o poder para organizar toda a comunidade: surgem os primeiros **chefes** das grandes cidades. Começaram por ser pastores poderosos, com muitas cabeças de gado ou então proprietários de grandes extensões de terra cultivada. Eram considerados sagrados e os habitantes acreditavam que os deuses falavam com eles. Estes chefes rodeavam-se de uma elite que não só o servia, como se dedicava a guardar a gerir as riquezas da comunidade.
- O trabalho é cada vez mais especializado e repartido, graças à troca de produtos entre localidades. Uns especializam-se em cestaria, outros em tecelagem. Da troca destes produtos nasceu o **Comércio**. O Comércio incentiva a especialização dos vários ofícios e actividades. Quem não faz artefactos cria gado ou governa, ou reza aos deuses, ou cultiva. Uns são donos de terras cultivadas, outros cultivam essas terras. É o nascimento das **Hierarquias**.



Fabrico de uma agulha na Pré-História

- Quem é considerado «superior»? Aqueles que detêm cargos ligados ao Sagrado (**Sacerdotes, Sacerdotisas** e seus funcionários), aqueles que combatem e defendem e, claro, **Governantes** e suas famílias.
- Quem é considerado «inferior»? Aqueles que estão sujos (o oleiro, o curtidor de peles, o que limpa os dejectos e o lixo)...e os que produzem a comida. Com o passar do tempo, as pessoas que cultivam a terra e colhem, que criam o gado e que pescam, isto é, os próprios fundadores de uma nova era - o Neolítico- e que são a base da economia, serão os habitantes do povoado com o estatuto mais baixo.

E aqui vai uma sopinha para alimentares a mente:

15 palavras esconderam-se. Encontra-as!

P	O	V	O	A	D	O	S	L	I	C	W	B	F	T
I	A	Z	H	S	C	Q	D	A	V	J	Q	A	A	X
J	P	V	T	O	J	I	O	T	X	U	J	R	R	H
O	S	H	N	Z	G	J	V	I	K	W	U	R	I	L
C	L	R	R	L	T	T	E	C	E	L	A	O	N	H
C	I	D	A	D	E	S	L	I	Y	Z	E	W	H	Q
Z	R	P	U	H	C	H	H	N	O	K	N	P	A	A
K	H	K	U	N	X	M	A	I	X	B	T	A	J	H
A	G	R	I	C	U	L	T	O	R	E	S	S	M	W
U	Z	F	F	N	W	I	E	S	U	U	Y	T	T	D
E	U	Y	M	J	W	N	K	Q	E	G	I	O	X	E
G	G	A	D	O	Z	H	H	Y	R	W	N	R	V	Q
F	O	I	C	E	Y	O	X	T	A	W	Y	E	N	X
N	E	O	L	I	T	I	C	O	D	L	Z	S	V	T
C	E	R	A	M	I	C	A	O	L	A	R	I	A	E

DEFINIÇÕES
Levam o gado a pastar
Plantam o que comem
Animais domesticados
Pequenos conjuntos de casas
Casas e serviços públicos
Fabrica tecidos
Segue-se ao Paleolítico
Fabrico de louça e outros recipientes
Cerâmica em barro
Ferramenta de corte de cereais
Produtos derivados do leite
Para fazer papas e pão
Dá-nos a lã
Tecido freco de origem vegetal
Argila amassada

OS CULTOS AGRÁRIOS

À medida que a abundância chegava aos povoados e as cidades iam crescendo em tamanho, organização e poder, os cultos antigos do período do Paleolítico sofreram grandes mudanças:

- Assistimos ao nascimento de uma nova forma de Religião, que está intimamente ligada ao calendário agrícola e às colheitas.
- Os novos cultos já não são praticados por toda a tribos mas sim por sacerdotes que detêm todo o poder religioso e concretizam os rituais mais importantes ou misteriosos.
- O calendário agrícola está organizado de forma a que os povoados compreendam a Natureza e saibam prever a vinda das estações. Muitas culturas prestam atenção ao movimento do Sol e da Lua. O sol está ligado aos Equinócios e à duração dos dias. A lua está ligada à fecundidade feminina, ao movimento das marés e ao crescimento das colheitas.
- No entender do homem neolítico, a terra cultivada dizia respeito às mulheres e à Fertilidade. da mesma maneira que uma mulher fica grávida, a terra recebia a semente e fazia-a germinar. A Natureza era a manifestação da Deusa-Mãe. Já o Sol e a Céu estava ligado ao elemento masculino (a chuva cai sobre a semente e fecunda-a; o Sol torna a terra fértil).
- Os animais também eram venerados: a serpente, feminina, era entendida como sendo um símbolo de fecundidade; o touro, masculino, era tido como um símbolo de força e poder. Faziam-se sacrifícios de touros e ovelhas e cabras, para agradecer os deuses e pedir boas colheitas.

AS CONSTRUÇÕES MEGALÍTICAS

Todos nós já ouvimos falar em Stonehenge, esse monumento construído com blocos de pedra gigantes sobrepostos. Mas ele não é único no seu tipo de construção. Existem monumentos deste tipo por toda a Europa, principalmente na península Ibérica. Portugal tem exemplos de Norte a Sul. Na verdade os estudos mais recentes indicam que a cultura megalítica surgiu na Península Ibérica. Portugal está cheio de um rico legado, que deveria ser explorado e preservado.

A cultura megalítica (o nome significa- com grandes pedras) durou séculos e, a partir da Península Ibérica espalhou-se por várias regiões da Europa, com particular incidência em França e na Grã Bretanha.

Não se sabe como é que os homens do Neolítico conseguiram transportar estes blocos para o local de construção, quanto mais levantá-los. Ainda hoje é um mistério que tenham conseguido fazê-lo. Só os nossos guindastes conseguem levantá-los! Mas não havia guindastes, no tempo do Neolítico...

CULTURA MEGALÍTICA NA EUROPA



A área a verde representa as regiões onde foram encontrados megalitos

PENÍNSULA IBÉRICA	ENTRE 7.000/6.000 A.C
SUL DE FRANÇA)	4.500 a.C.
BRETANHA (FRANÇA)	4.000/3.800 a.C.
GR-BRETª, IRLANDA, ESCANDINÁVIA	3.600/3.200 a.C.

ALGUNS TIPOS DE CULTURA MEGALÍTICA

Menires - Grandes blocos de pedra erguidos verticalmente muitas vezes isolados no cimo de montes e vales. Pensa-se que tenham sido usados para cerimónias religiosas, para assinalar sepulturas ou para demarcação de território.

Na verdade, no tempo em que se passam as aventuras de Asterix e Obelix já não existiam menires mas tinham mais um menir era mais ou menos assim...

Alinhamentos - Filas de Menires dispostos ao longo de planícies e vales.

Cromeleques - círculos de Menires, tal como Stonehenge, com uma ou mais estruturas circulares concêntricas. Há estruturas de Cromleques muito complexas. Parecem ter sido locais de reunião e, tal como os menires isolados ou em alinhamento, podiam estar ligados a rituais fúnebres e/ou religiosos ligados aos cultos agrários e da Natureza.



Asterix e o seu menir

Existem, contudo, fortes indícios de terem sido também lugares privilegiados de observação dos astros. Como a economia desta época estava muito dependente da Agricultura, a observação de equinócios (quando a Terra se encontra mais próxima do Sol, nos inícios da Primavera e do Outono) e solstícios (quando se encontra mais distante do Sol, nos inícios do Verão e do Inverno) poderia ser determinante para o conhecimento de quando semear, plantar, colher, etc... Em Stonehenge, por exemplo, ainda hoje se reúnem todos os anos nos solstícios, centenas de pessoas para ver o Sol surgir num ponto preciso por entre as pedras. Ora vê tu mesmo: [aqui](#).

Curiosamente, aqui no nosso país, bem pertinho de Évora, existe um cromeleque impressionante, o Cromeleque de Almendres, importantíssimo por várias razões:

- antiguidade: as primeiras pedras foram colocadas cerca de 6000 aC e as últimas cerca de 3000 aC, o que o torna num dos monumentos megalíticos mais antigos da Europa e revela que foi utilizado durante três milénios.
- a preservação: está quase intacto e com muitíssimas pedras ainda de pé.
- os desenhos simbólicos e bem preservados que muitas das pedras ostentam.

Queres vê-lo? Clica [aqui](#).

Dolmens ou Antas - Monumentos mais pequenos constituídos por 2 ou mais pedras na posição vertical encimadas por uma em posição horizontal formando uma espécie de mesa. por vezes eram prolongados por montes ou frutas artificiais, outras vezes havia mais pedras a formar essas cavidades. Pensa-se que eram, essencialmente, sepulturas.



Anta da Herdade da Candieira

Outro exemplo, na Irlanda: [aqui](#)

ORGANIZA OS TEUS CONHECIMENTOS

Cronologia da Pré-História:		
3.300.000- 1.500.000 a.C.	PALEOLÍTICO (INÍCIO)	- <i>HOMO HABILIS</i> - Primeiros utensílios de pedra lascada; Seixos talhados. - Caça e Sobrevivência.
1.500.000- 200.000 a.C	PALEOLÍTICO INFERIOR	- <i>HOMO ERECTUS</i> - Controlo do fogo. - Indústria de bifaces (utensílios produzidos em massa, a partir de pedra lascada). - Economia de Caça. - 1ª Hominização pelo Mundo.
200.000 - 42.000 a.C.	PALEOLÍTICO MÉDIO	- Última Glaciação. - <i>HOMO SAPIENS NEARDENTALENSIS</i>: nascimento deste homínido e sua proliferação na Europa. - Semi-Nomadismo. - Primeiros sinais de cultura sofisticada. - Religião; enterros. - Adornos; noção de Estética.
42.000 - 10.000 a.C.	PALEOLÍTICO SUPERIOR	- <i>HOMO SAPIENS SAPIENS</i> - Saída do continente Africano e 2ª Hominização. - Fim da última Glaciação. - Extinção do H. de Neardental (30.000a.C.). - Primeiras habitações de peles e ramos. - Indústria de pedras laminadas (pequenas lascas soltas, que servem para pontas de flecha, arpões. - Arte Rupestre. - Objectos delicados de uso quotidiano (agulhas, botões, etc...). - Existência Semi-Nómada. - Economia de Caça/Recoleção.
10.000- 7.000 a.C.	NEOLÍTICO	- Início da Agricultura, no Crescente Fértil; Economia de Produção. - Início das primeiras domesticações de animais. - Cerâmica, Tecelagem, Cestaria, artefactos de pedra polida. - Sedentarização- Grandes povoados. - Início das diferenças sociais e especialização do trabalho. - Cultos Agrários e adoração da Deusa-Mãe. - Início da Cultura megalítica na península Ibérica (por volta de 7.000 a.C).
6.000 - 5.200 a.C.	NEOLÍTICO	- Início da Agricultura e Criação de gado na Europa. - Avanço da Cultura Megalítica no Continente Europeu (4.500a.C na França; 3.600a.C na Grã-Bretanha).

O PERÍODO CALCOLÍTICO

O APARECIMENTO DOS METAIS

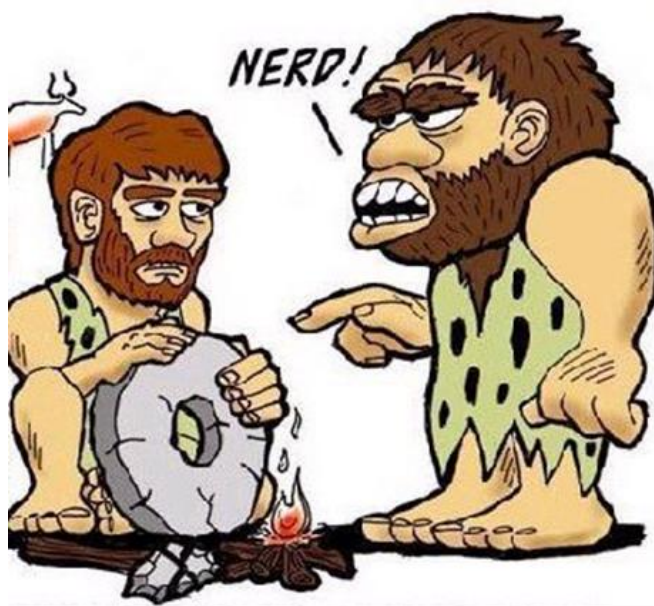
Como já foi dito, a invenção da Agricultura e da Criação de Gado revolucionou a vida dos Homens: aldeamentos (grandes povoados), diversificação profissional, diferenças sociais e cultos religiosos associados aos ciclos da Natureza.

Também sabemos que a diversidade de profissões levou os Homens da época a dedicar-se apenas ao seu ofício. Desta forma as técnicas de concepção (como fazer um vaso de barro cozido, por exemplo) e acabamento (como decorá-lo), também sofrem uma grande revolução:

- Muitos aldeias já tinham uma cerâmica, cestaria, Ttcelagem e edifícios próprios, que eram diferentes de povoado em povoado.
- Havia competição entre os povoados: quem tinha a cerâmica mais bonita? Quem fabricava os tecidos com melhores acabamentos? As necessidades cada vez mais exigentes bem como esta competição levaram a uma melhoria constante das diversas técnicas.
- As **trocas comerciais** vão dar um novo «empurrão» à **Revolução das Técnicas**: as aldeias começam a competir entre si, porque querem descobrir a forma de fazer utensílios tão bem ou melhor do que as outras.

Por sua vez, o **aumento populacional** implica o melhoramento da Agricultura e da Pastorícia (Criação de Gado). «Semear mais e melhor e mais depressa» é lema dos agricultores; «ter mais cabeças de gado e gado mais fértil» é o lema dos pastores». Para conseguir esse objectivo são precisas novas invenções:

- A **roda** e o carro de bois: transporta as colheitas do campo para a aldeia (bem como de aldeia para aldeia); auxilia o agricultor a trabalhar a terra que deseja plantar. A invenção da roda foi tão importante que se costuma compará-la à descoberta do fogo. Mudou por completo o dia-a-dia dos homens.



O «imbecil» que inventou a roda

A imagem acima é uma paródia à invenção da roda. O nosso sentido de humor leva-nos a imaginar que possa ter parecido, ao início, um instrumento mal feito. Não sabemos se assim foi. Por outro lado, tomem atenção que as peles que eles vestem já tinham desaparecido de moda há muito tempo. A invenção dos têxteis destromnu-as.

Sobre Mr. Nerd (O Senhor «Imbecil»), [aqui](#) tens mais uma história. Da mesma forma que não usavam peles também o animal que aparece a voar, um *pterossaurus*, já estava há muito extinto.

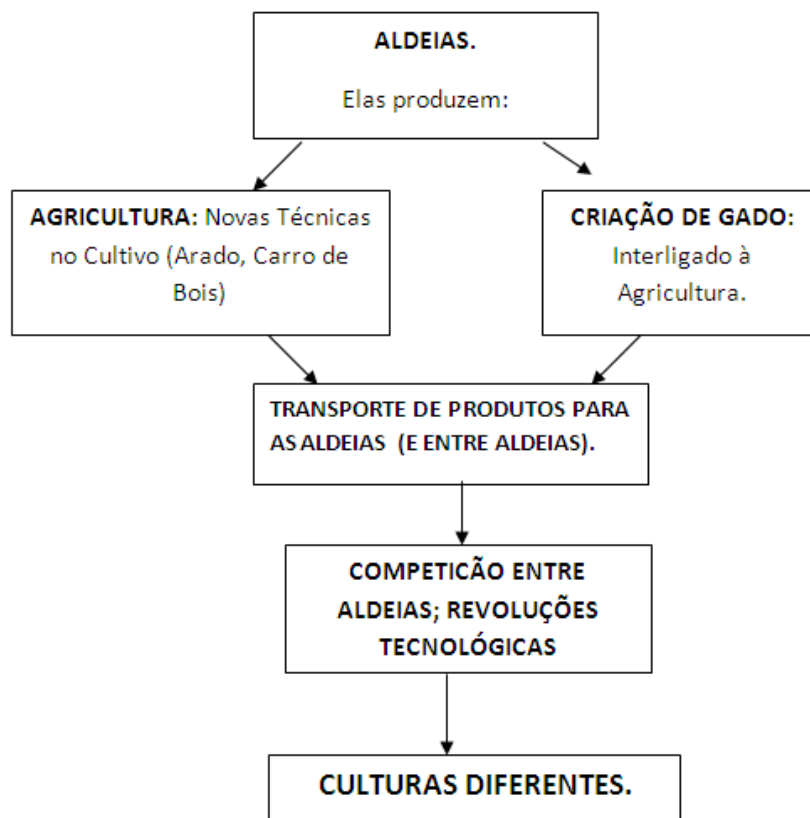
- O **carro de bois** exige um outro tipo de utensílios para ligar os animais ao transporte e permite melhorar as técnicas de sementeira o que, por sua vez, exige outras ferramentas como, por exemplo, o arado que pode ser arrastado por um animal atrelado a um carro.



Col. Eurico Galhardi

Roda e carroça de cerca de 3.000 a.C. encontradas no Vale do Indo

A vida nos povoados torna-se cada vez mais complexa. Surgem pequenas revoluções que dão origem a outras revoluções. como podemos ver no esquema seguinte:



CALCOLÍTICO

É neste contexto de competição que surge uma outra grande inovação: a **Metalurgia**.

Os mais antigos artefactos de metal encontrados datam cerca de 5.000a.C. A arte de moldar o Metal inicia uma nova Era na História da Humanidade: O **Calcolítico**. O Termo Calcolítico deriva da palavra «Cobre». Com efeito, foi com este material que se começaram a fabricar os primeiros instrumentos metalurgicos. Mais tarde uniu-se o cobre a um outro metal, o Estanho, criando uma liga: o Bronze. E com a chegada do Bronze começa uma nova Etapa: a **Idade do Bronze** (cerca de 3.000a.C.).



Faca da Idade do Bronze

Com a invenção do Bronze, o Homem pôde construir arados, machados e foices mais duros e resistentes, que melhoraram a produção agrícola e passou a construir rodas mais eficazes, graças às chapas de metal que as cobriam.

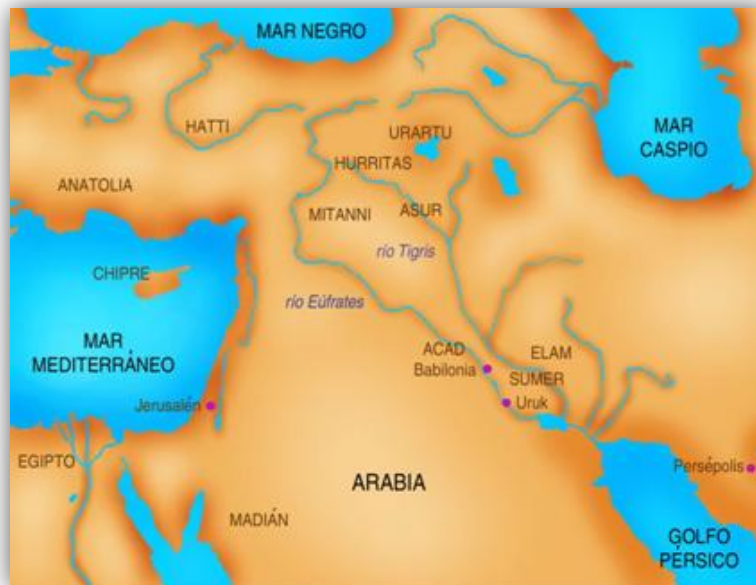
*** CONTRIBUTOS DAS PRIMEIRAS GRANDES CIVILIZAÇÕES *****AS CIVILIZAÇÕES DOS GRANDES RIOS****AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES**

Se te perguntarem o nome de uma grande Civilização do período da Antiguidade, alguns dos nomes que virão logo à tua cabeça (com quase toda a certeza) serão os de Roma, Grécia ou Egipto. Estas grandes Civilizações são consideradas as «principais antepassadas» da nossa Arte, Sociedade e até da maneira de pensarmos e vermos o mundo.

Isso é verdade mas Egipto, Grécia, Roma não teriam ido muito longe se não tivessem existido outras «antepassadas». Foi com essas culturas que os Egípcios contactaram, comercializaram e guerrearam, antes dos Gregos e Romanos se cruzarem com a sua História.

As civilizações a que nos referimos surgiram no **Crescente Fértil**, na região da Mesopotâmia, milhares de anos a seguir à Revolução Agrícola e ao aparecimento dos primeiros grandes povoados. E foram mesmo alguns desses povoados que deram origem a estas civilizações.

A Mesopotâmia é uma região delimitada pelos rios Tigre e Eufrates, um território que faz actualmente parte do Iraque. Aliás, a palavra Mesopotâmia significa exactamente «entre rios».

As mais importantes Civilizações da Mesopotâmia

Na imagem acima encontramos algumas das mais importantes civilizações da Mesopotâmia. Não surgiram todas ao mesmo tempo (a Babilónia, por exemplo, surgiu depois da Suméria e Acad), mas este mapa serve para visualizarmos a sua localização. Estas civilizações foram-se sucedendo umas atrás das outras no domínio da Mesopotâmia. Uma vez comerciavam entre si, outras vezes guerreavam-se. De todas estas culturas, talvez a que mais influenciou o futuro da Humanidade, tenha sido a Suméria, já que quase todos os estudos apontam para que aí tenha aparecido a **Escrita**.

SUMÉRIA: A INVENTORA DA ESCRITA

Situada na parte sul da Mesopotâmia, a Suméria é considerada a Civilização mais antiga da História. Dizemos «da História» porque, para facilitar os estudos, se passou a considerar Pré-História tudo quanto aconteceu antes da invenção da Escrita e História o que vem depois. É assim que, por vezes, numa mesma época havia civilizações ainda na Pré-História e outras, usando já a Escrita, são consideradas como já históricas.

No tempo da Suméria existiram outras culturas desenvolvidas mas sabe-se muito pouco sobre elas porque não deixaram registos escritos. A Suméria, no entanto, deixou-nos um vasto legado: milhares de tabuinhas de argila escritas, onde tudo estava registado (Literatura, Medicina, Astronomia, Mitologia, entre outros assuntos). A Escrita, tal como a conhecemos, começou com desenhos representando as palavras (pictogramas). Esses desenhos foram evoluindo pouco a pouco, até ganharem a forma de pequenas sulcos (é que nem toda a gente sabia desenhar e fazer passarinhos perfeitos...). As tabuinhas eram feitas de argila mole, os sulcos eram feitos sobre ela com a ajuda de estiletes em forma de cunha. A argila depois secava e endurecia, preservando o registo.

Podes ver abaixo um exemplo desta evolução de que falamos.

					SAG Cabeza
					NINDA Pan
					GU ₇ Comer
					AB ₂ Vaca
					APIN Arado
					SUHUR Carpa
En torno al 3100 a.C. (Uruk IV)	En torno al 3000 a.C. (Uruk III)	En torno al 2500 a.C. (Fara)	En torno al 2100 a.C. (Ur III)	En torno al 700 a.C. (Época neosíria)	Lectura sumeria + significado

Evolução da escrita cuneiforme

Queres ver escrever à maneira dos Sumérios? Clica [aqui](#).

O aspecto final era este:



Tabuinha com Escrita Cuneiforme

ASTRONOMIA E ARQUITECTURA

O génio dos Sumérios não se limitou à invenção da escrita:

- Foram dos primeiros povos a ser bem-sucedidos a gerir uma grande riqueza: a Água. Desviaram parte das águas dos rios Tigre e Eufrates e, com elas, encheram canais de irrigação construídos por eles. Deste modo obtiveram colheitas férteis e abundantes.
- Sabemos que os Sumérios foram astrónomos e que a sua Astronomia era muito sofisticada para a época.

As suas tabuinhas contêm uma lista extensa de constelações e sabiam que o nosso planeta estava dentro de um sistema solar que girava em torno do Sol.

É claro que havia alguns factores que sabemos hoje não estarem correctos: por exemplo, para eles estrelas e planetas eram a mesma coisa e o nosso Sistema Solar possuía 12 planetas, (estranhamente na ordem correcta). A Lua contava como um planeta da mesma importância que os outros e não como satélite. O sistema estendia-se para além de Plutão e sabiam da existência de mais um corpo celeste ao qual chamaram Niribu.

O estudo da Astronomia era, provavelmente, feito em edifícios altos. Muitos historiadores acreditam que os Zigurates podem ter sido os locais privilegiados de observação astronómica.

Um Zigurate era um edifício construído em andares ou plataformas, sendo a plataforma seguinte mais pequena que a outra. Do cimo ao topo do edifício, estava uma escada que dava acesso a todas as plataformas. Eram construídos com tijolos de barro cru, secos ao sol. Podiam dar-se ao luxo de usar estes materiais, porque estas terras eram secas e havia pouca chuva. A sua Agricultura era irrigada pelos rios.



Exemplo de um Zigurate (em Ur).

Os Zigurates eram, sobretudo, templos dedicados a um deus ou a uma deusa. Cada cidade suméria tinha um deus que a protegia (uma divindade padroeira), bem como outros deuses que adoravam. Havia portanto, um destes edifícios (pelo menos) em cada cidade.

- O legado da Civilização Suméria não se resumiu a grandes feitos de engenharia e astronomia. Eles deixaram-nos uma literatura e poesia vastas. A sua Poesia Épica era lida por todas as grandes civilizações da Antiguidade. Tinham uma epopeia que foi um verdadeiro *best-seller* durante milhares de anos e que só foi destronada pela *Ilíada* e a *Odisseia*, criada pelos helenos (gregos). Chamava-se *A Epopeia de Gilgamesh* e um dos episódios narra nada mais, nada menos, do que a história de uma Arca do Dilúvio que, tal como na Bíblia, continha um casal de cada espécie animal. As semelhanças com o episódio bíblico são intrigantes.

Afinal o que é uma Civilização? Estamos a falar de um grupo de seres humanos que vivem numa cultura com determinadas características:

- Religião comum, que se espalha por diferentes lugares. Os templos têm o mesmo tipo de construção e configuração, muito semelhantes nos detalhes.
- Arquitectura semelhante: as cidades têm planos de construção semelhantes, as casas têm mesmas decorações ou orientações.
- Arte semelhante (por exemplo, o mesmo tipo de cerâmica, pintura e murais, o mesmo tipo de escultura).
- Uma língua comum ou línguas muito semelhantes, vindas da mesma raiz.
- O mesmo tipo de estrutura social e o mesmo tipo de líder: Rei, Rei-Sacerdote, Chefe Tribal, etc...

As sociedades deste tempo eram, geralmente, muito hierarquizadas, como no caso da Suméria. Vê o esquema abaixo:



- As civilizações vivem da Agricultura (Economia Agrícola), mas possuem um comércio elaborado, com sistemas de trocas sofisticados. Para facilitá-los criam-se caminhos e estradas que ligam uma cidade a outra.
- Cada cidade é um lugar demarcado. Aquele que não vive nela e vem vender ou comprar tem que pagar tributo pela entrada. Nesta altura não havia moeda. O sistema de trocas era feito com géneros (comida, animais, objectos como tecidos ou potes, ente outros).

A Suméria não foi a única Grande Civilização a existir na Mesopotâmia, mas foi a primeira. Muitas se deixaram influenciar por ela, criando edifícios semelhantes, adoptando o seu sistema de escrita e criando organizações sociais semelhantes. Na Babilónia (uma Civilização mais tardia), o rei Hammurabi ordenou que se passasse a escrito as leis do seu reino, para que estas pudessem ser lidas (Código de Hammurabi, cerca de 1792 - 1750a.C.). Mas estas mesmas leis são influenciadas por um outro código sumério (o de Ur-Nammu, rei da 3ª dinastia de Ur, cerca de 2.111a.C.).

A Babilónia também foi uma civilização muito importante nesta região. Quando os Sumérios entraram em declínio, foram os Babilónios quem dominou toda a região.

Contudo, não apagaram a cultura anterior. Por exemplo, a *Epopéia de Gilgamesh*, suméria, foi compilada pelos Babilónios.

Dizia-se que uma das sete maravilhas da Antiguidade fora construída por eles: os jardins suspensos. No entanto, há imensa polémica em torno desta questão.

Encontrou-se algum pólen em alguns zigurates, durante as escavações arqueológicas do século XIX e XX, mas tal não significa que tivessem nascido ali plantas. O pólen pode muito bem ter sido arrastado para lá com o vento. De qualquer forma, as construções dos zigurates são demasiado frágeis para aguentar árvores e arbustos inteiros. As paredes desses templos, que eram feitas com barro seco, ruíam depressa. Os famosos jardins, tema de tantos livros e filmes ou foram míticos ou, muito provavelmente, teriam existido noutro lugar.

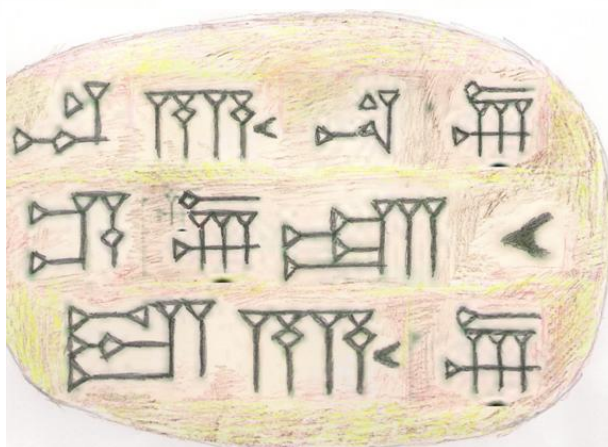
Eis como têm sido imaginados:



Reconstituição dos Jardins Suspensos da Babilónia

De qualquer forma, todas as civilizações mesopotâmicas que conheceram ou sucederam aos Sumérios, fossem eles os Assírios (grandes astrónomos, adivinhos e guerreiros), os Babilónios (legistas, arquitectos e engenheiros), ou os Hititas (potência rival do Antigo Egipto) nunca esqueceram a importância desta cultura que deixou a sua marca até aos dias de hoje.

Descobre a mensagem que te envio. Tem em atenção o facto de que não havia intervalo entre as palavras. Tinham de aproveitar todo o espaço.



E aqui vai o Alfabeto Sumério:



Nota: A escrita suméria começou por usar pictogramas: cada símbolo representava uma palavra. Em época mais tardia, os símbolos continuaram a ser usados como anteriormente mas, por vezes, tinham um valor fonético, isto é, podiam representar um som. Passa, então, a poder falar-se de alfabeto.

* Egipto - a Grande Civilização do Nilo *

ORINGENS

Egipto, a grande Civilização do Nilo

O Egipto é, até hoje, a Civilização que durou mais tempo na História. São mais de 3000 anos, desde o seu início (por volta de 3110 a.C., com a Primeira Dinastia) até cerca de 30 d.C. Nem mesmo Roma conseguiu persistir durante tanto tempo.



Influenciou imensos povos, incluindo os Gregos aos Romanos. E ainda hoje não perdeu o seu fascínio. Há quem diga que o seu solo ainda não mostrou quase nada das riquezas que nele estão enterradas. Enfim, por mais que se escave, o «filão egípcio» parece nunca mais ter fim...

O RIO NILO

O nome original do Egipto era **Kemi** que significa «**Terra Negra**». Parece um nome estranho, aos nossos olhos, mas ele tinha a sua razão de ser: todos os anos os egípcios viam as suas terras serem inundadas pelo rio Nilo.

Quando o Nilo chegava ao Egipto, já este tinha percorrido vários países, desde o Congo ao Sudão, arrastando consideráveis torrentes de água. Hoje sabe-se que a nascente se encontra num pequeno país chamado Burundi, a sul do Congo. Ao longo do seu percurso o Nilo junta-se a outras nascentes, ganhando cada vez mais força. Na Antiguidade a enxurrada era tão violenta que chegava a trazer dentro dela cadáveres de animais e árvores arrancadas, bem como terra de todos os tipos. Era esta água preta, espessa e fértil que «nutria» o solo egípcio e era dela que vinham as assombrosas colheitas que as nações da Antiguidade tanto invejavam. Eis aqui em baixo um mapa do percurso do rio Nilo.



Burundi (a sul do Congo) -onde o Nilo Nasce

O Nilo desloca-se no sentido do Norte. Quando desagua no mar (este é o destino dos rios), já está em pleno Mediterrâneo, perto das ilhas da Grécia. Esta região do Norte do Egito é conhecida como **Delta do Nilo**, ou **Delta do Egito**.

Foi precisamente por causa da viagem do Nilo, que o Egito passou a estar dividido em **Alto Egito** e **Baixo Egito**. Quando olhamos para um mapa desta Civilização notamos algo estranho: o «Alto Egito» está em baixo e o «Baixo Egito» está em cima.

Porque é que isto acontece? Bem, é muito simples: o Nilo nasce a Sul do Egito e desce em sentido Norte até ao Delta. Quem olhe para o mapa fica com a sensação de que o rio está a *subir*.

Eis um mapa desta Civilização, dividida em duas metades principais: através dele já podes aprender a assinalar as principais regiões do Alto e Baixo Egito.



Hoje o rio Nilo está mais «domesticado», graças à grande Barragem construída em Assuão, no final do século XIX. Já não tem águas pretas, como costumava ter, agora tem águas constantes e limpas, que servem para irrigar os seus campos.

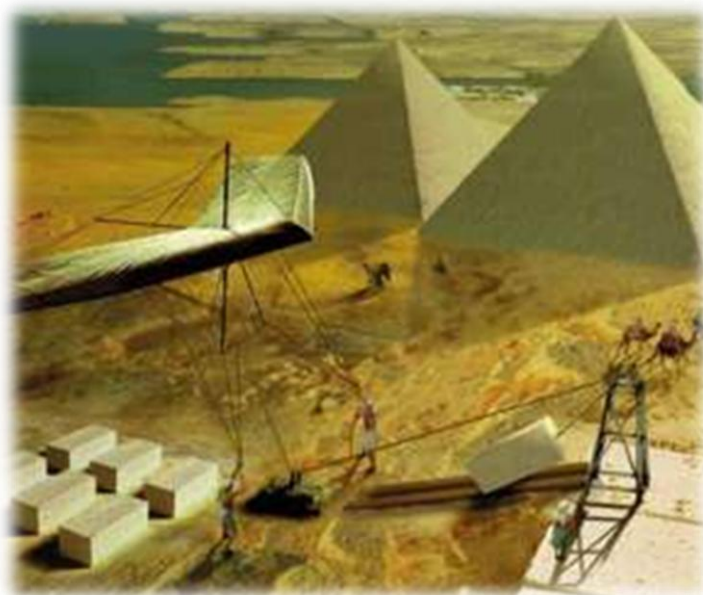
Os egípcios tinham dois termos para definir as terras: **Terra Negra** - aquela que era fertilizada, tocada pela inundação; **Terra Vermelha** - aquela que «ficou de fora», que não foi inundada pelo Nilo (terra estéril).

É bom não esquecer que o Egito está localizado no Norte do Continente Africano, numa área deserta, cheia de areia estéril. Daí o seu verdadeiro nome ser *Kemi* (Terra Negra): aos olhos deste povo, o Egito *era* o Nilo!

CANAIS DE IRRIGAÇÃO

Não foi apenas o Nilo que ajudou os egípcios a transformar esta região e a produzir grandes colheitas, foi também a imaginação humana e o seu engenho. Este povo soube tirar partido dos recursos que tinha.

Os povos da Mesopotâmia aprenderam a desviar o curso dos rios e a transportá-los para os seus territórios. Os egípcios foram ainda mais longe; aprenderam a conter a fúria das águas e a trazer a enxurrada para várias regiões, fazendo com que esta grande inundação se transformasse numa irrigação ordenada e controlada.



Um canal do rio Nilo, atrás das Pirâmides.

Como se fazia um **canal**? Escavava-se um grande fosso, sempre com a mesma profundidade, para que a água pudesse deslizar normalmente. Por vezes estes fossos eram tão grandes que os barcos podiam navegar neles.

Com o tempo, a arte de construir canais aperfeiçoou-se. Começaram a revestir os fossos com placas de mármore. Foi um feito de engenharia que libertou os egípcios de muitas tarefas, inclusive a da manutenção (de cada vez que havia uma inundação, era necessário reparar os canais, danificados pelas águas).

Os antigos Egípcios acreditavam que o Nilo era a encarnação de um deus, chamado **Hapi**. Este deus protegia e abençoava o Egito através de abundantes colheitas.

INÍCIO DA CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA

A História de *Kemi* começa com a sedentarização dos povos que viviam nesta região, por volta de 4600 a.C. Neste período começa-se a plantar trigo e começam a surgir povoados, com culturas locais, que depressa crescem e competem entre si. Ainda não se podem considerar pequenos reinos, mas já têm chefes locais.

Com o tempo, alguns desses chefes tornam-se mais poderosos do que outros. As localidades em torno deles decidem juntar-se aos líderes mais fortes, que reclamam o seu poder sobre um território inteiro. É o início dos reinos. Cada reino tem um deus guardião e protector (já encontramos deuses com forma de animal, neste período). Inevitavelmente os reis acabarão por se conquistar uns aos outros, até o Egito estar dividido em dois grandes reinos (Alto e Baixo).

O monarca do primeiro usava uma coroa alta e branca, chamada **hedjet**. Estava associada à Deusa Tutelar do Alto Egito, **Nekhbet**.



hedjet

O monarca do segundo reino usava uma coroa baixa e vermelha, a **deshret**. Estava associada a **Uadjit**, a Deusa tutelar do Baixo Egito.



deshret

Já deves ter ouvido falar no famoso Rei Escorpião, a partir de um filme de Hollywood. Pois bem, ficas a saber que ele não foi nenhuma lenda. Existiu mesmo. Governou o Alto Egito, entre 3150 a 3125 a. C. e conquistou muitos territórios a Norte, preparando o caminho para a futura unificação do Egito. A **união das duas coroas** foi finalmente conseguida por **Narmer**, por volta de 3100 a. C.

A partir desse acontecimento, as duas coroas passariam a estar unidas. Eis a imagem de uma coroa que representa um Egito unificado:



pschent

O Egito teve muitas dinastias e a sua História está dividida em vários períodos principais e intermediários. Mais adiante poderás ver uma cronologia simples que, além das datas mais importantes da História do Egito, te permitirá compará-la com a de outras civilizações desta região.

Após a unificação o Egito tornou-se uma nação cada vez mais forte. A sua figura central era o Faraó, a alma e a encarnação do Egito. Ele geria todas as riquezas e tomava todas as decisões, que eram delegadas e executadas por uma elite formada e qualificada de escribas e administradores. Em breve, o Egito estaria centralizado, com uma organização profundamente eficiente e com uma burocracia bastante complexa para a sua época.

RELIGIÃO

O Faraó era, para os egípcios, um «deus-vivo», descendente directo de Ísis e Osíris, dois dos mais importantes deuses da Mitologia Egípcia. Era do seu sangue divino que vinha toda a autoridade e poder de que dispunha sobre todos os que vivessem nas suas terras. Todas as riquezas, terras, minas, cascatas, rios e colheitas estavam sob o seu domínio. É por isso que chamamos ao sistema de governo do Egipto uma **Teocracia** (termo derivado de duas palavras gregas: **teo** - deus; **cratos** - poder). Portanto, o Faraó era o representante da família divina na Terra.

A religião egípcia começa ainda antes da unificação. Foram encontradas inscrições e imagens de deuses egípcios nas cidades dos velhos reinos. O deus ou deusa tutelar de um reino era diferente do de outro reino. As populações não veneravam os mesmos deuses e é bem provável que nem conhecessem as divindades dos reinos mais distantes. Com a unificação das duas coroas, os deuses também acabariam, com o tempo, por se unificar. O resultado foi a criação de uma mitologia coesa, com deuses aparentados e um mito de criação próprio.

Mesmo depois da união e já depois da «família divina» estar composta, cada cidade e região continuaram a manter as antigas divindades locais como protectoras.

Eis o mito da criação, tal como ele é narrado pelos Egípcios: [aqui](#)

Se quiseres saber algo mais sobre a Criação vista pelos Egípcios clica [aqui](#)

A mitologia egípcia é muito complexa. Estamos a falar de uma **Religião Politeísta** (ou seja, uma Religião com vários deuses). Cada divindade parece ter uma função para cada actividade ou profissão, como por exemplo:

- **Rá** -



Rá

Como acabaste de ver no vídeo acima, era o deus que se responsabilizava por lutar contra a grande serpente todas as noites, para que os dias e a Luz se mantivessem. Foi durante muito tempo o deus mais importante do Egipto. Numa fase mais tardia, essa importância seria passada a outro deus, **Amon**. Mas, como os Egípcios não esqueciam facilmente o seu «criador», os deuses acabaram por fundir-se numa única entidade conhecida como **Amon-Rá**.

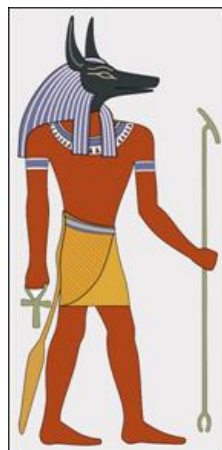
Amon-Rá

- **Thot** - Associado à Escrita, à Medicina e às Artes. Era o patrono dos escribas, dos médicos e dos escultores e arquitectos.



Thot

- **Anúbis** - Presidia e abençoava os rituais de embalsamamento. Era o patrono dos embalsamadores.

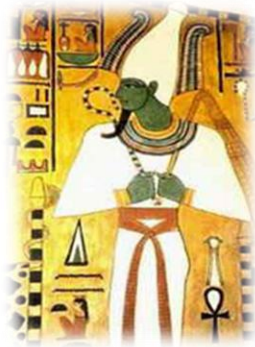


Anúbis

- **Hator** - Deusa da Fecundidade e dos partos. Era deusa das parteiras e das mulheres que desejavam engravidar. As mulheres também recorriam a Ísis para pedir uma gravidez. Podia ser representada com cabeça de vaca ou apenas com uma coroa que lembrasse os chifres da vaca.

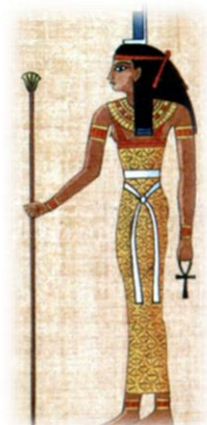


- **Osíris** - Um dos deuses mais amados. Presidia ao julgamento das almas e era o rei do submundo, onde os mortos viviam. Mais tarde foi associado ao Nilo e às inundações, fundindo-se a Hâpi, deus do Nilo, e passou a ser reverenciado pelos agricultores.



Osíris

- **Ísis** - Deusa da Feminilidade, da Beleza e do Amor, que abençoava os casais e era compassiva para com todas as pessoas (até as más). Era a grande deusa-mãe, mãe de Hórus, que fundou a dinastia dos faraós. Era esposa de Osíris de quem teve um filho: Hórus.



Ísis

- **Maat** - Deusa ligada à Ordem Universal e à Justiça. Quando um egípcio morria, a sua alma era sujeita a um julgamento, num tribunal divino. O coração do morto era pesado numa balança, lado a lado com a deusa Maat, que se transformava numa pena. Se o seu coração fosse mais leve que essa pena, a alma estaria autorizada a viver eternamente. Se o coração fosse mais pesado, a alma seria devorada por um monstro, criado para esse fim. Desta forma, a alma má deixaria de existir.



Maat

E não mencionei todos os deuses. Há muitos mais!

Também foi no Egito que surgiu a primeira tentativa de **Monoteísmo** (crença religiosa num deus único): foi instaurada no reinado de Amenhotep IV, por duas razões:

Políticas - o monarca, tal como o pai, queixava-se do poder excessivo que os sacerdotes, principalmente os do culto a Amon, tinham na corte real. Na sua época, eles conseguiam pressionar o próprio faraó a ceder à sua vontade. A crença num deus único acabaria com todas estas pressões e intrigas e, obviamente, diminuiria a multiplicidade de cargos de sacerdotes, deixando o rei sozinho, com todo o poder para governar.

Legado cultural - pensa-se que sua mãe, Tìe, de origem incerta (crê-se que não fosse egípcia pura), tinha crenças religiosas diferentes das egípcias. E pode ter sido uma influência decisiva na formação religiosa do jovem herdeiro.

Amenhotep IV subiu ao trono, por volta do ano 1352 a. C. e, em pouco tempo, as religiões foram todas proibidas. Os Templos foram fechados, os sacerdotes banidos e no seu lugar surgiu uma Religião substituta, onde só havia um único deus, Aton. Aton era a forma que o deus Rá tomava, ao meio-dia (um disco solar). Amenhotep IV mudou o seu nome para Akhenaton (significa «Servidor de Aton»). No entanto, o faraó continuou a manter o seu estatuto de «deus-vivo». Akhenaton não seguiu este novo culto apenas por razões políticas. Ele, bem como sua esposa, Nefertiti, parecem ter realmente acreditado nas virtudes do monoteísmo e na imensa bondade e grande poder de Áton. Um *Hino a Áton*, atribuído ao Faraó, é considerado um dos poemas mais belos do Egito. Se o quiseres conhecer porque não fazes uma pesquisa na Internet?



Nesta estela, Akhenaton diverte-se com Nefertiti, sua esposa e suas filhas.
O deus Aton abençoa a família com os seus raios.

Mas esta religião não durou muito, porque os Egípcios continuavam a venerar os seus deuses e a procurar secretamente os sacerdotes banidos, a pedir-lhes as suas bênçãos. Quando Akhenaton morreu em 1336 a.C., tudo regressou ao que era antes. Os cultos aos vários deuses foram repostos, os templos reabertos e os sacerdotes readmitidos.

O CULTO DOS MORTOS

No capítulo anterior analisámos os deuses mais importantes e mais conhecidos da mitologia egípcia. Entre eles encontrava-se a deusa **Maat**, que presidia a todos os julgamentos das almas. Maat, que se transformava numa pena, era colocada no prato de uma balança, lado a lado com o coração do morto. O desfecho do julgamento estava ligado ao peso do coração: se este fosse mais pesado que a pena, a alma do morto seria devorada por um monstro e deixaria de existir; se o coração tivesse um peso mais leve que a pena, a alma estaria autorizada a viver uma 2ª vida, entre os mortos.

Esta é apenas a última fase de uma grande viagem que todas as almas tinham que fazer depois da morte. E este "passeio" estava cheio de perigos e cheio de inimigos, entidades que procuravam destruir a alma do morto à primeira oportunidade. Por isso mesmo havia deuses que protegiam os espíritos dos falecidos logo desde o início. O primeiro a agir era **Anúbis**, que conduzia a alma até ao sub-mundo, o **Reino dos Mortos**.



Anúbis conduz
a alma ao
tribunal

O coração é
pesado ao
lado de Maat

Thot anota os
pecados

Hórus conduz a
alma a Osíris

Osíris autoriza
a alma a viver
eternamente

O morto era então levado a um tribunal divino, presidido por todos os deuses. No trono estava **Osíris**, rei do Mundo Subterrâneo, que observaria atentamente o procedimento do julgamento e daria a última palavra sobre o destino da alma.

Anúbis pesaria então o coração na balança, ao lado de Maat (à direita). Ao seu lado estaria **Ammut**, o deus-monstro devorador, esperando ansiosamente pela condenação da alma. **Thot**, com a sua cabeça de Íbis, anotaria todos os pecados numa tabuínha (até no sub-mundo há burocracia...). Depois da pesagem, o morto seria conduzido pela mão de **Hórus** (fundador da linhagem dos Faraós) até Osíris, seu pai. Por fim, o rei do sub-mundo decretaria o destino da alma: vida eterna ou destruição.

A viagem do Faraó era bem mais complicada. Sendo ele um deus-vivo, teria de atravessar muitos obstáculos e lutar contra entidades maléficas. A sua jornada até ao tribunal seria atribulada e cheia de Magia. Os Egípcios acreditavam que, se o faraó falhasse, seria o fim do Universo.

Da mesma maneira que nós usamos um mapa quando passeamos nas ruas de um país estrangeiro, o morto também tinha uma lista de instruções, dicas e fórmulas mágicas para ultrapassar os obstáculos. Esse conjunto de inscrições é conhecido como **O Livro dos Mortos**. O seu verdadeiro nome, entre os Egípcios, era **O Livro de Sair Para a Luz**. Segundo a lenda, foi o deus Thot quem o escreveu. É uma colectânea de mais de 200 versos, extremamente antiga. As suas origens remontam às primeiras dinastias e teve constantes acrescentos ao longo dos séculos. No período do Novo Império, este "guia turístico" passou a estar escrito em rolos de papiro, que eram colocados nos sarcófagos. Eis um pequeno excerto desta obra magnífica. Esta citação destinava-se a ser dita aos deuses, durante o julgamento:

"Não matei homens...;
 "Não falei mentiras...;
 "Contentei o deus com aquilo que ele ama;
 "Dei pão aos famintos, água aos sedentos, vestidos aos nus e condução para os que não tinham barco...
 "Salvai-me, portanto, protegei-me, portanto, e não testemunheis contra mim perante o grande deus!
 Tenho a boca pura e as mãos puras; sou um ao qual dizem: "bem-vindo!", quando me vêem".

Para além de serem um povo muito espiritual, os Egípcios tiveram também excelentes poetas.

Todas as almas estavam sujeitas a um julgamento e tinham que ser responsabilizadas pelas suas acções. Esta noção era avançadíssima para a época. Os Egípcios foram os primeiros a desenvolver a ideia de que os nossos actos têm consequências. Não existe nada igual nas outras religiões desta época. Toda a nossa moral Judaico-Cristã foi influenciada por esta ideologia. Aqui vemos a base religiosa que vai aparecer na *Torah* judaica e depois na nossa Bíblia, milhares de anos depois.

MUMIFICAÇÃO

Segundo as crenças dos Antigos Egípcios, nenhuma alma podia viver feliz sem um corpo. Ela não é destruída com a Morte mas, sem um corpo que a sustente, fica infeliz, a vaguear pelo mundo.

O julgamento é importante para garantir que o morto não seja devorado pelo mostro Ammut, mas a felicidade da alma é conseguida por outros meios: a preservação do corpo terreno.

Os Egípcios mais modestos e sem recursos recorriam às areias do deserto. Este hábito começou muito cedo e, ao que parece, todos o faziam. A mumificação artificial virá mais tarde, no Antigo Império. A areia escaldante do deserto tem a capacidade extraordinária de desidratar todos os tecidos do corpo (há uma expressão que diz «seco como uma múmia», que é bem verdadeira). Com o passar do tempo, os Egípcios inventaram uma forma de mumificação mais sofisticada. Era muito dispendiosa e só os mais abastados podiam ter acesso a ela. Esta mumificação era feita por sacerdotes qualificados e estava carregada de rituais especiais em cada fase da sua execução.

Queres dar uma espreitadela a uma cerimónia de embalsamamento? Heródoto (um grego que viajou pelo mundo, na Antiguidade) fez isso mesmo. Ele conta-nos que se escondeu num pequeno móvel que estava numa tenda de embalsamadores. Ali, em segredo, memorizou todo o processo de mumificação (que deveria ser secreto). Pelo menos é o que ele diz: é que este processo levava dias! Heródoto não poderia

ter ficado ali tanto tempo. De qualquer forma ele soube estes segredos. Não se sabe como os descobriu, mas tudo o que nos disse estava correcto. Podes fazer o mesmo que ele. Espreita: [aqui](#)

Convinha que a múmia tivesse uma caixa para a proteger. Esta era o **sarcófago**, com o nome do morto, indicação de parentesco e estatuto escritos. Também estava carregada de inscrições mágicas para proteger o corpo.

TÚMULOS E TEMPLOS

A múmia também precisava de uma casa para viver. Essa moradia era o túmulo. Este era mais do que um lugar onde era depositado um cadáver. Era a nova morada do morto. Ali, ele vivia a nova vida, rodeado dos seus bens mais preciosos como, por exemplo, mobiliário, jóias, roupas e sandálias, perucas, rolos de papiro para ler e instrumentos musicais. Havia, inclusive, estatuetas encantadas que se transformavam em verdadeiras estátuas vivas, se o morto soubesse usar as fórmulas mágicas adequadas. Estes pequenos **ushabti** (era este o seu nome), podiam fazer todo o tipo de tarefas, desde limpar, preparar banquetes, dançar e tocar uma harpa, ou jogar um jogo.



Uma caixinha com *ushabti*, encontrada num túmulo.

Os túmulos não foram sempre iguais, ao longo das eras. Começaram por ser fossos escavados, onde o morto e o seu tesouro eram ali enterrados. Por cima ficava uma grande plataforma de barro cru. Mais tarde, esta passou a ser revestida de blocos de mármore. Os túmulos tornaram-se mais grandiosos para demonstrar ao povo a importância do rei-deus. Estes monumentos chamam-se **Mastabas**.

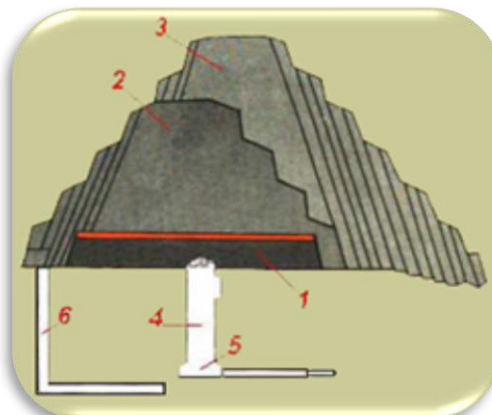


Mastaba, em Saquara.

As primeiras **Mastabas** começaram por ter uma plataforma mas as seguintes já possuíam duas. Mais tarde, no Império Antigo, um arquitecto que servia o Faraó Djoser (c. 2664-2646 a.C.), revolucionou a construção dos túmulos, ao desenhar um complexo de duas mastabas sobrepostas. Desta forma foi construída a primeira **Pirâmide**, a Pirâmide de Degraus. O nome do arquitecto era Imhotep.



Pirâmide de degraus de Imhotep, em Saquara. Túmulo do Faraó Djoser.



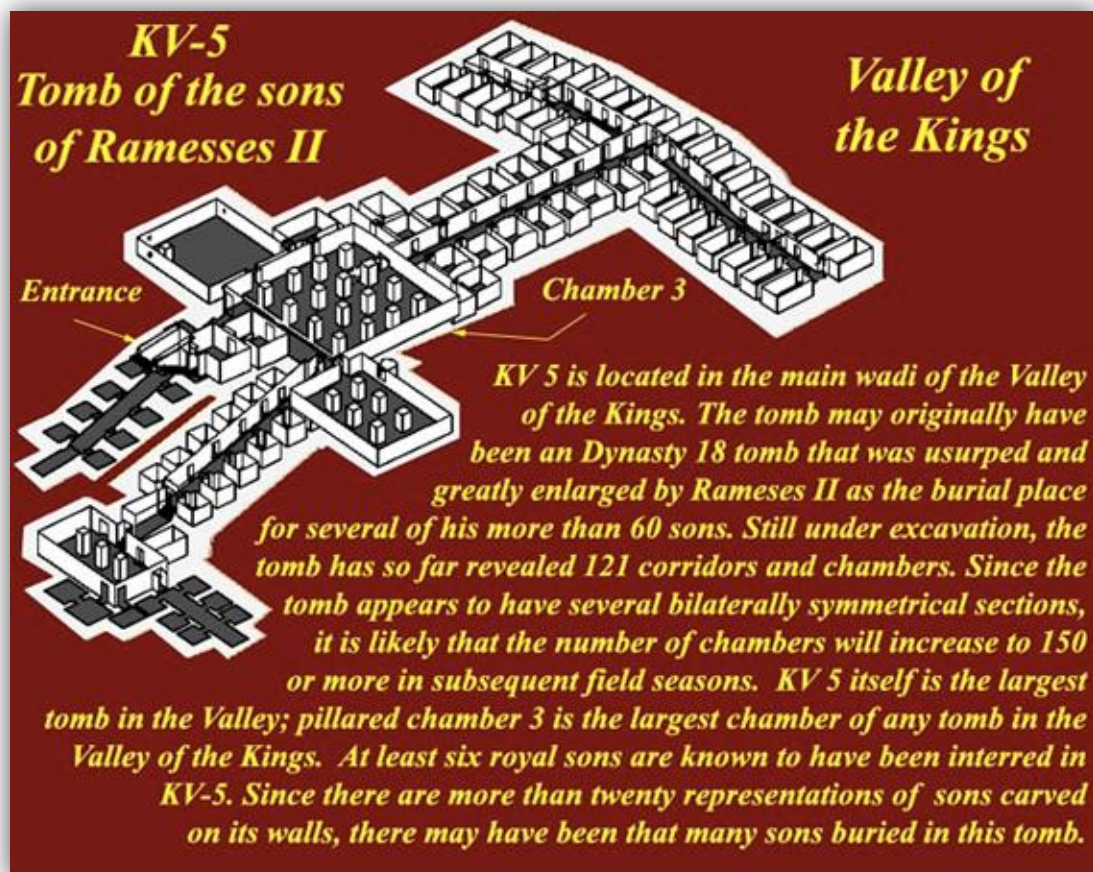
Desenho arquitectónico da Pirâmide: 2,3 (Mastabas sobrepostas); 1 (1ª Plataforma construída); 6,4,5 (Estrutura do Túmulo).

Ao desenhar a construção mais famosa dos Egípcios, Imhotep lançou uma tendência que durou séculos. Desde então, as pirâmides foram sendo cada vez mais aperfeiçoadas e a estrutura foi ficando cada vez mais complexa, até ficarem com o aspecto perfeito que estamos habituados a ver em Gizé.

Mas Imhotep não se limitou a ser apenas um arquitecto brilhante: revolucionou a Medicina. Iremos falar nele adiante.

A forma da pirâmide tem um significado sagrado para os Egípcios: o «Monte da Criação», de onde saiu Rá, no 1º dia do Universo, tinha semelhanças com um triângulo. Daí estes monumentos serem triangulares. Elas eram um símbolo do poder do Faraó e do poder do Egipto.

Infelizmente, todas as pirâmides acabaram por ser saqueadas. Os faraós compreenderam então que já não valia a pena arriscar a colocar os mortos em estruturas que não eram infalíveis. Escolheram um outro local para sepultar as múmias: o **Vale dos Reis**. Era um lugar profundamente protegido por soldados e difícil de transpôr. As sepulturas eram construídas dentro do vale, em câmaras cada vez mais profundas. Eis o exemplo de um túmulo do Vale dos Reis. A imagem está em Inglês. Fizemos uma tradução livre deste texto, que podes ler em baixo:



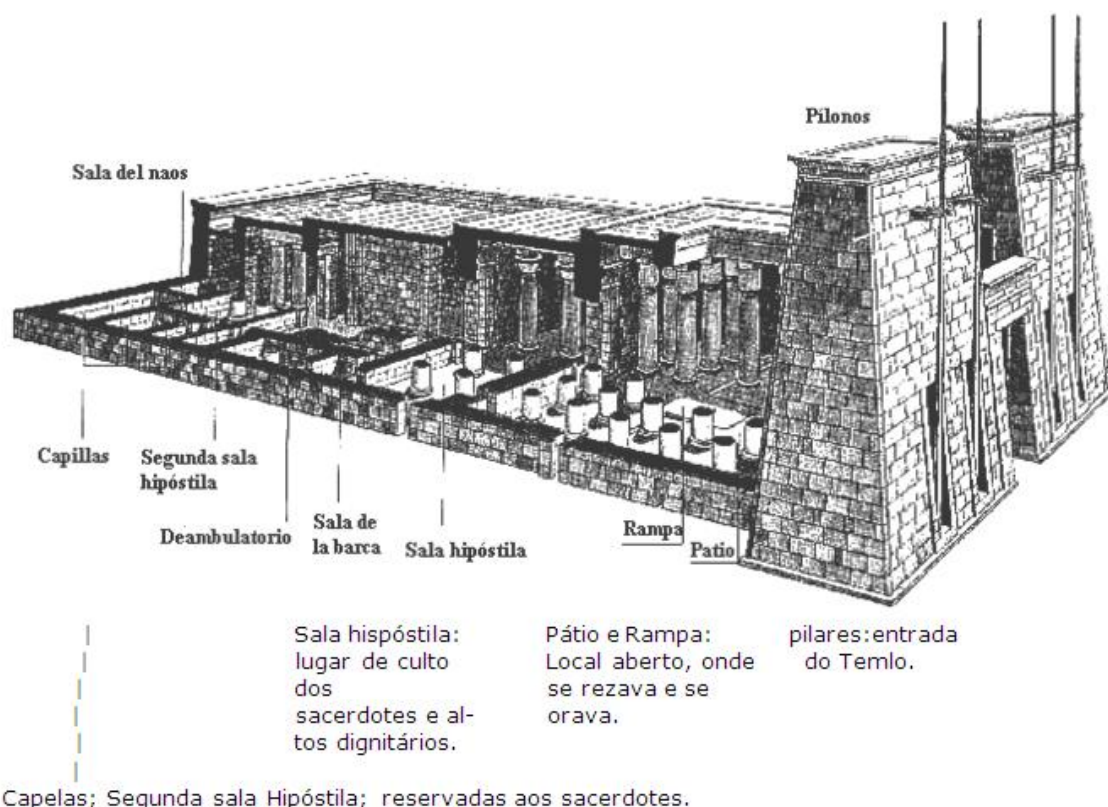
Tradução:

KV5; TÚMULO DOS FILHOS DE RAMSÉS II

O KV5 está localizado no Vale dos Reis. A tumba pertenceu à 18ª Dinastia, mas foi usurpada e aumentada por Ramsés II para servir de local de sepultamento para os seus filhos, que foram mais de 60. Ainda em escavação, a tumba revelou, até agora, 121 corredores e câmaras e é provável que o seu número aumente para 150 nas escavações seguintes. O kv5 é, ele próprio, o maior túmulo do Vale; só a câmara 3 é a maior do que qualquer outra em todo o Vale dos Reis. Pelo menos sabe-se que 3 filhos reais foram enterrados aqui. Uma vez que se encontraram mais de 20 representações de filhos seus gravadas nas paredes, é provável que estejam enterrados mais corpos.

Isto é que é um túmulo de dimensões faraónicas!

Os «vivos» também tinham locais próprios para homenagear os deuses e as almas que eram aceites no outro mundo: os **Templos**. Podiam ser de pequenas dimensões ou gigantescos complexos, como o templo de Karnak ou o *Rameseum* (dedicado a Ramsés II e sua amada, Nefertari). Eis uma ilustração de um templo egípcio. A organização destes edifícios não mudou muito, ao longo das eras.



A Arquitectura era extremamente simples: o Deambulatório, por exemplo, era engenhosamente erguido a partir de técnicas simples: erguer pilares muito próximos uns dos outros e, em seguida, construir o tecto por cima. A sala ficava com um aspecto de «floresta de colunas» - hipóstila significa isso mesmo - e com algumas aberturas para receber a luz. Desta forma, o tecto nunca caía. Era com este tipo de arquitectura simples, que se construíam os palácios e Templos.

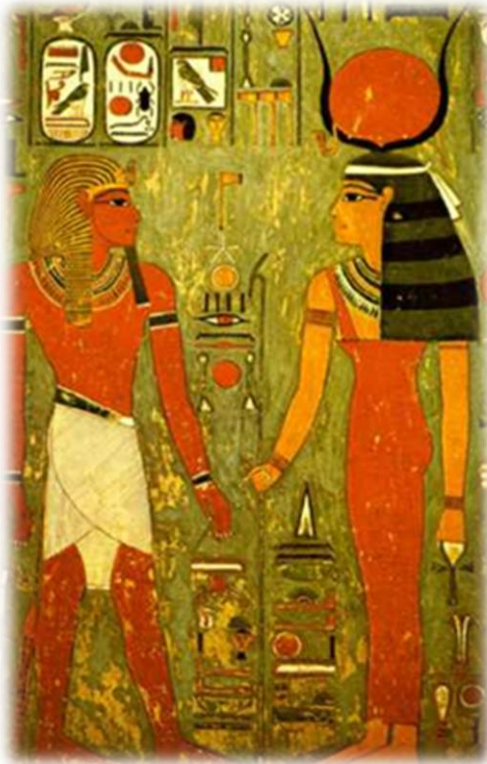
ARTE EGÍPCIA

Analisámos a Arquitectura do Egito Antigo no capítulo anterior porque a maior parte dos edifícios que eram erguidos estavam ligados à Religião. Até mesmo os palácios do Faraó eram, aos olhos deste povo, «a casa do deus vivo». As moradas dos altos dignatários imitavam o desenho da habitação do faraó. Os sacerdotes, por seu lado, viviam nos seus templos, lugares já de si sagrados. Apenas os camponeses viviam em casas diferentes, construídas com tijolos de barro cru e de dimensões mais modestas.

Todas as manifestações de Arte entre os egípcios estavam ligadas ao Sagrado. Observa bem este pequeno vídeo e olha atentamente todos os objectos construídos por eles, desde os sarcófagos, à joalheria, desde as estátuas às pinturas murais: [aqui](#).

Pintura

Todos nós as conhecemos: figuras estranhas, sempre com a mesma posição que desafia a realidade (ninguém consegue torcer-se daquela forma), e estão sempre de perfil. Tudo parece seguir um **estereótipo**.



- As figuras humanas são pintadas com uma determinada cor: ocre para os homens e amarelo para as mulheres.
- A representação é sempre feita de perfil; o olho é colocado no centro da cara e não no ângulo certo.
- A importância das personagens é ditada pela sua localização: os mais importantes à direita e os menos importantes à esquerda. Aqui, Ísis é a que está à direita do Faraó.
- A posição dos pés é sempre rígida: os pés estão sempre no mesmo sentido, com a ponta dos dedos apontados para o mesmo lado. Há um torção do corpo em ângulos diferentes (pernas de lado; peito, ombros e braços de frente; cabeça torcida ao lado).
- O espaço vazio era preenchido com Hieróglifos. Os Egípcios tinham horror aos espaços vazios.

Havia outra característica interessante na Pintura Egípcia: o tamanho das figuras era determinado pela sua importância. Os mais importantes tinham maior dimensão, em comparação com os menos importantes, que eram sempre mais pequenos, de acordo com o seu estatuto.



Tamanho das figuras: Osíris (centro) julga as almas que chegaram ao seu reino.

Não havia perspectiva (os objectos não têm a medida certa conforme a distância). O fundo era preenchido, ou com paisagens ou, na maioria dos casos, com escrita. Os temas podiam ser de todos os tipos: cenas do quotidiano (caça, tocadores de instrumentos e dançarinos, pesca, cultivo dos campos) cenas da Mitologia; vida e morte dos faraós (guerras, caçadas reais, as suas esposas e filhos, e a sua morte e passagem para o além).

Relevos

Toda a simbologia da Pintura era aplicada igualmente nos Relevos. São uma forma de escultura, a duas dimensões. Os desenhos são gravados numa superfície dura, ganhando relevo, como se estivessem a enterrar-se na pedra ou a sair dela. Este tipo de Arte era especialmente aplicado nas paredes dos muros e edifícios que se encontravam ao ar livre, por serem mais resistentes à chuva e ao vento. Foram muito úteis para divulgar aos Egípcios as grandes vitórias dos Faraós, os acontecimentos importantes que faziam parte da sua História ou cenas da Mitologia. Esta Arte também era utilizada para salientar textos escritos, com hieróglifos.

Havia dois tipos de Relevos: o Alto e o Baixo. Qual era a diferença entre eles?



Alto-Relevo

Este é um **Alto-Relevo**. Porque é que é alto? Porque o bloco de mármore parece ser mais alto que as letras, que estão mais fundas. A escrita (ou desenho, quando se trata de uma ilustração) parece estar a enterrar-se na pedra. Os Altos-Relevos são feitos desta forma: cravam-se letras ou desenhos na pedra em forma de sulcos fundos.

O **Baixo-Relevo** tem uma orientação diferente: a imagem ou escrita parece sair da pedra. O bloco ou a superfície onde o relevo foi feito parece estar numa dimensão «mais baixa» em relação à imagem. Eis um exemplo de Baixo-Relevo.



Baixo-Relevo. Como podem ver, a pedra que serviu de suporte para este relevo parece estar mais baixa que a imagem.

São muitas as pessoas que fazem confusão com os altos e baixos relevos. A explicação é muito simples: o nosso olhar vai logo para o desenho! É com base no tema (se se enterra ou sai da pedra) que nós definimos um relevo. Mas não é pela imagem ou escrita que se começa - é pelo suporte (pedra, madeira, o lugar onde se vai esculpir o tema)! O suporte está mais baixo que o tema esculpido? É um Baixo-Relevo; o suporte está mais alto que o tema? Então estamos diante de um Alto-Relevo.

Escultura

Os Egípcios fizeram lindíssimas esculturas, mas elas nunca apresentaram a versatilidade técnica daquelas que foram feitas pelos mestres gregos. Primeiro havia a questão do Sagrado: a Arte Egípcia seguia estereótipos ligados à Religião e à Tradição. Os Egípcios gostavam de manter a Ordem Universal e não desejavam mudanças radicais. É por isso que a sua arte se manteve quase inalterada ao longo das eras. Além disso, havia a dificuldade em resolver problemas técnicos. As estátuas de grandes dimensões não podiam ter braços afastados do corpo (só as pequeninas figurinhas de madeira podiam ser feitas dessa maneira). A figura humana tinha sempre o aspecto rígido de «coluna», como se fosse um bloco maciço de pedra. A beleza delas era investida nos pequenos pormenores: na peruca, nas feições do rosto, no tecido das vestes.



Exemplo de escultura egípcia

A maioria das esculturas (até mesmo as que estavam ao ar livre) eram pintadas com cores alegres e vivas. Elas não tinham a aparência que nós vemos nos dias de hoje. Os rostos das figuras humanas eram sempre serenos, com uma expressão misteriosa, «de esfinge». Não há rostos zangados ou sofredores na Arte Egípcia.

A idade também era importante: praticamente não encontramos representações de idosos, obesos ou doentes. Quando encontramos pessoas feias ou velhas, é sempre entre camponeses, escravos ou estrangeiros.

A beleza era outro pormenor importante: o Faraó nunca era representado como uma pessoa feia. Ele era sempre alto, com um corpo bem feito e bonito. O mesmo se passava com quase todas as esculturas, com exceção das representações dos escultores de sacerdotes ou escribas, que parecem denunciar uma idade mais madura (mas nada que se pareça com uma idade muito avançada).

Uma exceção à Regra.

Costumamos dizer que «para todas as regras há uma exceção». Essa exceção teve um nome: **Período de Amarna**. No reinado do Faraó-Herege, **Akhenaton**, é inventada uma nova corrente artística. O Faraó não só erradicou as velhas religiões e fundou uma nova capital em Amarna, como procurou quebrar regras até nas manifestações artísticas. Ele exigia ser representado com o aspecto que tinha, na realidade. Por vezes os artistas exageravam nos seus defeitos físicos. Akhenaton aparece nas imagens com uma aparência estranha: forma do corpo efeminada, coxas largas, ventre caído, o lábio inferior grosso e descaído e olhos meio oblíquos. Ou este rei era uma pessoa muito doente ou esta nova representação do faraó era contrária a todas as regras.

Foram produzidas obras magníficas, muito realistas, com uma qualidade artística elevada. Eis apenas alguns exemplos:



Duas filhas de Akhenaton. Reparem na primeira: até o crânio é realista (a família de Akhenaton tinha a tendência hereditária para ter crânios desta forma. À direita está o próprio faraó, com a sua aparência andrógina (entre homem e mulher).



Nefertiti, esposa de Akhenaton (o nome significa, «A Beldade chegou»)

SOCIEDADE EGÍPCIA

A sociedade egípcia era muito hierarquizada. A Pirâmide social é muito parecida com a da Suméria:



Pirâmide social do Antigo Egito

Análise da pirâmide social do Antigo Egito

- No topo estava o **Faraó**, seguido da sua família.
- Num patamar mais abaixo estava o grupo dos Dominantes. Era constituído por três camadas:

Os **Nomarcas** - que governavam as províncias e se ocupavam da sua administração. Eram quase sempre os comandantes dos principais postos militares.

Os **Sacerdotes** - Eram aqueles que praticavam as cerimónias religiosas e se ocupavam da administração dos bens religiosos do templo. Também detinham imenso poder junto do Faraó, nas decisões importantes do reino.

Os **Escribas** - Eram os escribas que tratavam de todos os documentos, registos, impostos e leis existentes no reino. É compreensível que tivessem estas tarefas nas suas mãos, dado que eram os que sabiam ler e escrever.

Abaixo da camada dos Dominantes vinha uma outra muito maior, a dos Dominados. Também ela tinha degraus diferentes:

Os **Artesãos especializados** - Eram os construtores dos túmulos reais, dos templos e dos palácios (sobretudo os construtores de túmulos). Este grupo gozava de privilégios no reino.

Os **Artesãos Menores** - os que trabalhavam em ofícios como olaria, carpintaria, tinturaria e tecelagem, por exemplo.

Os **Félas** - Eram camponeses que trabalhavam, de forma sazonal, nas construções de edifícios. Precisavam de pagar uma corveia e, para esse fim, ofereciam-se para pagá-la através deste trabalho.

Os **Camponeses** - Tinham um estatuto tão baixo na sociedade egípcia, que chegavam a viver pior que muitos escravos.

Escravos e Estrangeiros - Eram adquiridos nos despojos da guerra. Alguns egípcios ofereciam-se a si próprios como escravos, quando compreendiam que já

não podiam pagar as suas dívidas. Já os estrangeiros eram inferiores, pelo simples facto de não serem egípcios e de não pertencerem à sua cultura.

LER E ESCREVER

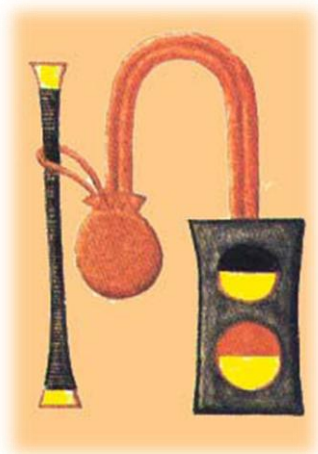
Ler e escrever era de tal modo importante para os Egípcios que a sua sociedade estava dividida entre «aqueles que sabiam ler e aqueles que não sabiam ler». Se um camponês conseguisse, através de uma escola, aprender a ler, ele subiria imediatamente de estatuto.



Nesta pintura, um escriba (figura de maior porte) inspecciona os campos que estão a ser tratados. Os camponeses poderiam ascender de condição se aprendessem a ler e a escrever.

O Egipto tinha algo parecido com as **escolas públicas**. Qualquer um podia inscrever-se nelas, independentemente do estatuto. Infelizmente os materiais eram muito caros e muitos camponeses eram obrigados a ajudar a família no trabalho dos campos, ao mesmo tempo que estudavam. Quando adoeciam, ficavam muito mais desamparados que os restantes colegas, porque não existia um Serviço de Saúde Público. Era por estas razões que não havia muitos camponeses ou artesãos a terminar os estudos. No entanto, quando um mestre se apercebia de que uma criança pobre era muito dotada, tentava logo apadrinhá-la e pagar-lhe a escola. O Egipto tinha uma **mobilidade social** (isto é, a hipótese de sair da pobreza e subir de estatuto) que se podia considerar revolucionária para a época. Eles criaram as primeiras «escolas abertas para todos», antes dos Romanos.

Tal como os alunos têm que ir às aulas com canetas, estojos, manuais e outros materiais, os escribas também tinham que ter o seu «material escolar». Era leve e portátil.



Instrumentos para escrita (pintura mural egípcia): à direita está representada uma paleta com orifícios contendo pigmentos (vermelho, amarelo, preto); no meio encontra-se uma bolsa que tem água no seu interior (para molhar as tintas); por fim, à esquerda está um cálamo (caneta feita a partir de uma cana).

DIREITOS E REGALIAS

A Civilização Egípcia oferecia certos direitos às camadas desfavorecidas: até os estrangeiros e escravos tinham o direito de se casar com uma pessoa livre (mesmo sendo egípcia), adquirir os seus próprios bens e podiam testemunhar em tribunais quando desejavam defender ou acusar alguém. Conhecem alguma Civilização em que os escravos beneficiassem de tal estatuto?

Havia espaço para a livre iniciativa no comércio. Um artesão podia criar e gerir o seu próprio ofício e competir com os outros nos mercados. Nenhum Nômade tinha o direito de ficar com as suas riquezas, mesmo que o artesão vivesse nas suas terras.

Por outro lado a posição da Mulher era bastante elevada na sociedade egípcia; tinham direito a herdar bens, a ter a sua própria riqueza e geri-la. Podia ter acesso à Educação (se fosse camponesa provavelmente nunca estudaria, tal como os homens) e podia ter uma profissão como médica ou «mulher de negócios» (proprietária de terras agrícolas ou vendedora de tecidos de linho). Na Arte egípcia ela está quase sempre representada lado a lado com o seu marido, por vezes com uma estatura idêntica, como se fosse um prolongamento dele.



ACTIVIDADES ECONÓMICAS

Já foi dito anteriormente que as terras negras do Egito, banhadas pelo Nilo, eram incrivelmente férteis. Não é de surpreender, pois, que toda a base da Economia tenha sido a Agricultura. O cultivo dos campos consistia na maior fonte de riqueza do país dos faraós. Cultivava-se o **Trigo** e a **Cevada**, principal fonte de alimento para todos, que eram utilizados para fazer o famosíssimo «pão egípcio» (que conhece, ainda hoje, muitas variedades), assim como se cultivavam castas de uvas (o vinho egípcio era famoso pela sua qualidade no Mundo Antigo. Também se plantava **Linho** (para tecidos e óleos) e **Papiro** (tinha muitos fins, entre os quais servir de suporte de escrita). Algumas flores como Nenúfares ou lótus eram utilizadas para fazer pães especiais (à base da farinha dessas plantas), de modo que também eram cultivadas.



Actividades económicas - ver a partir de baixo: pastorícia, agricultura e respectivos produtos (leite, queijo e pão); cestaria e tecelagem; artesanato especializado.

A **Pastorícia** estava ligada à **Agricultura**: criavam gado bovino e caprino. Os Egípcios produziam com o leite uma grande variedade de queijos, que exportavam para as nações estrangeiras. A criação de aves complementava a produção de qualquer produtor de gado. Igualmente necessária era a **Pesca**, que servia as necessidades alimentares de boa parte da população.

A economia egípcia também era complementada pela actividade artesanal, que ia desde a humilde **cestaria** até à **ourivesaria**. Os ourives trabalhavam essencialmente para os mais abastados e viviam muitas vezes nas aldeias dos construtores de túmulos.

Uma parte desses produtos era exportada. O artesanato egípcio era cobiçado e desejado em vários pontos do mundo antigo.

COMÉRCIO E IMPORTAÇÕES

Apesar de possuir grandes recursos (uma terra fértil, por exemplo) e artesãos muito hábeis e talentosos, o Egito precisava de recorrer a importações para adquirir os produtos que não conseguia produzir. A madeira, por exemplo, era um material que escasseava nas suas terras. Conseguiram fazer móveis e pequenos barcos a partir de juncos, papiro e árvores de pequeno porte, mas já não eram capazes de construir embarcações de grande porte com estes materiais. Para tal, tinham que recorrer às civilizações vizinhas, como a Núbia ou comercializar com os Fenícios, para ter a madeira de cedro, de que tanto precisavam. Outro produto de que precisavam era o lápis-lazuli para as tintas e ornamentação. Um produto natural de cor azul era escasso no Egito. Daí a necessidade de importá-lo de lugares distantes, tais como o Punt, que se pensa ter-se localizado no Nordeste de África, Líbia e nos reinos da Mesopotâmia. Estes eram apenas alguns produtos importados.

Até na localização geográfica o Egito foi abençoado: o Norte estava em contacto com toda a região mediterrânica: todas as regiões situadas na actual Grécia e Turquia, estavam ao seu alcance. Também estavam quase «ao lado» da Mesopotâmia. A Sul tinham contacto com as Civilizações Africanas, sendo a Civilização Núbia a mais poderosa em riqueza e poder. Por fim, resta mencionar os Fenícios, também eles africanos, que fundaram colónias e viajavam pelo mundo e comercializavam com todas as grandes nações, uma das quais, o Egito.

SABER E CIÊNCIA NO ANTIGO EGITO

Quando falamos no Antigo Egipto a primeira coisa que nos vem logo à cabeça são as Pirâmides que são o reflexo da sofisticação desta grande nação da Antiguidade. No entanto, elas nunca poderiam ter sido possíveis sem o conhecimento extraordinário que os Egípcios desenvolveram ao longo dos séculos.

MATEMÁTICA E ASTRONOMIA

Para se construir uma Pirâmide é necessário ter conhecimentos matemáticos e astronómicos.

Matemática - A Civilização Egípcia estava bastante adiantada para a época, em termos de Matemática. Sabiam operações simples, tais como somar e subtrair mas já sabiam lidar com operações mais complexas, desde fracções, raíz quadrada, ou calcular a área de um círculo. Não sabiam multiplicar ou dividir e não tinham um símbolo para o 0. São os fundadores de dois ramos da Matemática: **Aritmética** e **Geometria**. Foram estes conhecimentos matemáticos que permitiram que edifícios complexos como as Pirâmides se tornassem possíveis.

Exemplo de Sistema numérico egípcio

Astronomia - Quando se desejava construir uma pirâmide, o Faraó dirigia-se, à noite, para o terreno previamente escolhido, acompanhado da Sacerdotisa-mor e dos seus escravos. A cerimónia era sempre feita à noite, porque era necessário observar as estrelas. O Faraó enterrava uma estaca no chão e, com a ajuda da Sacerdotisa, tentava alinhar a estaca com a estrela Polar (uma estrela que indica o sentido Norte), que faz parte da constelação Ursa Maior. Era importante fazê-lo, porque uma das faces da pirâmide tinha que estar dirigida a Norte.

Toda a Civilização do Egipto estava voltada para o Nilo e, consequentemente, também as Pirâmides. Considerava-se que a melhor época para se procurar o local de construção de uma Pirâmide era na época em que a estrela Sírius estivesse visível no firmamento.

A estrela Sírius, importantíssima para os Egípcios, anunciava a chegada das inundações do Nilo e o começo de um novo ano. Um ano solar egípcio tinha 365 dias, com meses de 30 dias. No fim do ano somavam-se 5 dias para formar um calendário completo. O nosso calendário é um descendente directo do egípcio. Foi Júlio César quem decidiu introduzi-lo em Roma, sem grandes modificações, com excepção do ano bissexto.

MEDICINA



Estatueta de Imhotep

A reputação dos **médicos egípcios** era de tal forma elevada, que todos os reis do mundo antigo desejavam ter um nas suas cortes. Pessoas de várias proveniências deslocavam-se de propósito à terra dos faraós para aprenderem a sua Medicina. Que havia de tão especial nas «artes de curar» egípcias?

A explicação para o seu sucesso era muito simples: a Medicina Egípcia era eficaz - resultava. A taxa de sucesso, na época, era muito alta. Os médicos não se limitavam a recitar encantamentos e fórmulas mágicas, eles utilizavam ingredientes que eram muito eficazes, tais como o **mel** para as feridas, ou **carne crua** para as hemorragias. Inventaram formas de acalmar as dores de dentes (pastas de sementes esmagadas, mel e leite, que eram usadas para bochechar). Inventaram inclusive **próteses** para os dentes! Só isso já fazia com que os médicos fossem vistos pelos seus contemporâneos como «milagreiros».

Um dos médicos mais amados da História do Egito foi o grande Arquitecto Imhotep: grande matemático, arquitecto, criador da primeira pirâmide do Egito, sacerdote mais importante no reinado do Faraó Djoser (2664-2646 a.C.)...e médico. A sua reputação era tal que, com o passar do tempo, foi deificado (passou a ser considerado um deus, venerado em templos). Milhares de pessoas acorriam ao Egito, em peregrinação ao templo de Imhotep.

Observa este [vídeo](#) e aprende um pouco sobre a Medicina Egípcia.

A medicina egípcia considerava o coração como sendo a sede principal de todo o corpo humano: era nele que se alojava a nossa alma e as nossas emoções. Sabiam **medir a pulsação** e o lugar onde colocavam os dedos para a medir era na garganta ou no pulso, tal como os médicos fazem hoje, o que demonstra que já tinham uma ideia da circulação sanguínea. Pensa bem: quando falamos em expressões como «ter bom coração» ou «ouve o que diz o teu coração», talvez estejas a repetir uma velha sabedoria egípcia.

Igualmente, quando colocamos uma aliança no dia do casamento, estamos a repetir uma velha crença desta Civilização: o dedo anelar tinha uma veia que ia dar ao coração. Daí colocar um anel abençoado pelos sacerdotes no dedo anelar, para atrair a sorte.

Os Egípcios já conheciam o óleo de rícino e o **Propólis** (cera das abelhas) para a cicatrização. Já conheciam o **ácido acetilsalicílico** (extraído da casca de uma

variedade de salgueiro e ingrediente principal da aspirina) e os **opiácios** (analgésicos poderosos à base de ópio) para as dores. E sabiam **prever uma gravidez**. Quando uma mulher suspeitava que estava grávida, ela urinava para um recipiente contendo sementes de cevada. Se as sementes germinassem, era sinal de que estava à espera de bebé.

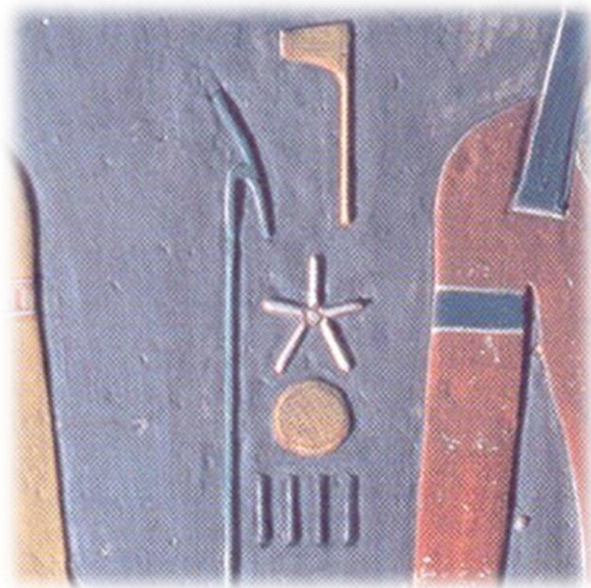
(*Propolis* vem de *pro polis* - pela cidade. Foi o nome que lhe deram os Gregos que a aplicaram e espalharam os conhecimentos antibióticos e cicatrizantes desta cera natural. Devem ter tomado conhecimento dela no contacto com os Egípcios. Consideravam-na «pela cidade» pelo bem que fazia aos cidadãos. Hipócrates, conhecido como pai da medicina, recomendava-a.)

ALQUIMIA

Sabias que a palavra Alquimia deriva do árabe *Al-Khen* que significa «País Negro» (*Kemi*), nome dado ao Egipto na Antiguidade? Não é por acaso que, mais uma vez, esta Civilização está na vanguarda de quase tudo o que é inovador, até dos produtos artificiais. Sim, os egípcios já produziam materiais sintéticos!

Lembram-se quando mencionámos que a cor azul (que tanto cobiçavam) tinha que ser importada? Pois eles encontraram uma forma de fazer um azul artificial, misturando óxido de cobre e cobalto com bicarbonato de sódio e cálcio e aquecendo a mistura a altas temperaturas.

Resulta? Claro que sim. O resultado era uma pedra azul, que era moída e guardada. Quando fosse preciso usá-la para pintar, era só preciso misturar o pó com clara de ovo ou goma arábica. E pronto, criava-se uma tinta líquida, pronta a usar. Muitas paredes de túmulos foram pintadas com esta tinta. Engenhoso, não é?



Pormenor de azul artificial, num mural

ESCRITA E LITERATURA

A civilização Egípcia também produziu Literatura e Poesia fabulosas. Os seus livros ainda hoje são lidos. Os poemas de Amor são lidos no mundo inteiro e traduzidos para imensas línguas.

A obra mais famosa é, sem dúvida, *O Livro dos Mortos*, de que já falámos num capítulo anterior.

Outra obra conhecida é *A Sátira dos Ofícios*, de Képhi, que pretende ridicularizar as actividades agrícolas e artesanais, ao mesmo tempo que valoriza a profissão de escriba. Eis alguns excertos:

[...] O pedreiro tem sempre a doença à espreita, porque está exposto às intempéries, construindo penosamente as casas, agarrado aos capitéis em forma de lótus.[...]

[...] O tintureiro, com os dedos a cheirar a peixe podre e os olhos cansados, não deixa parar as mãos nem por um momento[...].

[...] O sapateiro é muito infeliz; mendiga permanentemente [...].

[...] O lavadeiro lava a roupa no cais; é vizinho dos crocodilos. Para o pescador, a vida ainda corre pior do que para os outros ofícios."

Sátira dos Ofícios

Também foi muito popular a saga *Aventuras de Sinhué*, as histórias de um funcionário da corte exilado entre os povos estrangeiros. Estas são as últimas frases do livro, quando Sinhué regressa à corte do Faraó.

«(...)Todos os meus sofrimentos desapareceram como que por encanto; o encontro foi afectuoso "e foi como se os anos tivessem sido apagados do meu corpo; fizeram-me a barba, pentearam-me; a sujidade foi deixada no deserto, vestiram-me com linhos finíssimos, ungiram-me com perfumado óleos e finalmente deixei a areia para aqueles que ali habitavam e o óleo de madeira para aqueles que com eles se ungiram.

E vivi até o dia de minha partida, sob os favores de meu soberano".»

Este excerto (retirado de um *site*) teve algumas correções, dado que havia algumas gralhas:

http://en.octopop.com/Community_-Pensar-o-Mundo-_1446476_-A-Historia-de-Sinuhe-_4999930.html

Há outras obras com um conteúdo triste. *Diálogo de um Homem com a sua Ba* (alma).

(...)A Morte chegou hoje diante de mim como uma cura que se segue a uma enfermidade,

Tal como a Liberdade a seguir ao encarceramento,

A Morte chegou hoje diante de mim como o perfume da alegria,(...)

(...) *Tal como um homem anseia há tanto tempo por ver a sua casa depois de anos de cativoiro.*(...)

Tradução livre, da minha autoria, de um excerto retirado do site:
http://www.perankhgroup.com/destiny_journies.htm

Como já devem ter percebido, o tema é muito triste. Escrito em tempos conturbados na História do Egito, esta obra narra o desespero de um homem cansado da vida, que desabafa a tristeza com a sua própria alma.

Já agora, um pequeno poema de Amor:

*Tu minha és, meu amor,
O meu coração esforça-se para alcançar o cimo do teu amor,
Vê, encanto, a armadilha que montei com as minhas
próprias mãos.*

*Vê os pássaros de Punt,
Perfume de asas
Como chuva de mirra
Caindo sobre o Egito.*

*Vamos ver o trabalho que as minhas mãos fizeram,
Vamos os dois, juntos por esses campos.*

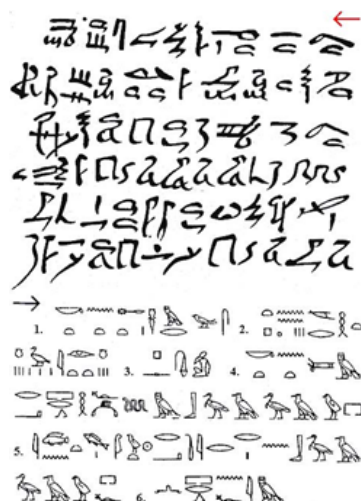
In *Rosa Do Mundo*, 2001 Poemas para o Futuro, direcção editorial de Manuel Hermínio Monteiro, Assírio e Alvim, Lisboa, 2001

Toda esta Literatura se tornou possível graças a um complexo **sistema de escrita** que englobava quase 7000 caracteres. Surgiu no Egito por volta de 3000 a.C. e começou por ser composta por **Hieróglifos** (termo que deriva das palavras *hierós* - sagrado; e *glýphein* - escrita). A escrita hieroglífica era composta por caracteres representativos (para escrever «casa» utilizava-se uma imagem semelhante a uma casa, para escrever Sol usava-se um disco, etc...). Havia uma certa componente fonética (de sons), mas a escrita egípcia era predominantemente representativa.

Os hieróglifos eram escritos sobre pedra, madeira e, especialmente, sobre **papiro**. E eram pintados de duas cores: o preto, que era lido por todos e o vermelho, que não era lido.

Complicado? Vamos explicar: Quando um escriba desejava escrever no texto uma palavra com um significado «mágico», ele desenhava-a, a tinta vermelha. A partir desse momento, essa palavra deveria ser evitada na leitura. Estranho? Bem, a escrita naqueles tempos era *Sagrada*. Acreditava-se que as palavras estavam vivas (no verdadeiro sentido do termo). Por vezes chegavam a cortar algumas «caudas», «asas» e «patas» das figuras com forma de animais, para que estas não fugissem da pedra ou do papiro.

Com o passar do tempo os escribas começaram a simplificar a escrita. A centralização do Poder e o excesso de registos levou a que se desenvolvesse uma escrita mais rápida, com símbolos mais fáceis de desenhar. Nasce então, o **Hierático**, por volta de 1900 a.C.. Não significou que a escrita hieroglífica tivesse desaparecido (até porque continuavam a ser hieróglifos): ela continuou a ser usada para a Literatura e poesia mas, no dia-a-dia, utilizava-se o Hierático, mais simples e mais fácil e rápida tanto de ler e escrever como de aprender.



Escrita Hierática (em cima; em baixo - escrita Hieróglifa)

No período tardio da História do Egito (por volta de 712 a.C.), uma nova forma de escrita substituiu as anteriores: o **Demótico**. Era uma escrita cursiva, onde os fonemas (caracteres mais ligados ao som do que à imagem de um objecto) se tornam dominantes, erradicando o que restava de uma herança muito antiga: os hieróglifos egípcios.

Queres saber como se escreve o teu nome em Antigo Egípcio?
Então, faz uma pausa nos estudos e diverte-te um pouco: [aqui](#)

OUTROS SABERES, LIGADOS À ALEGRIA DE VIVER

Não podemos falar nos Egípcios sem mencionar a sua característica principal: eram um povo alegre, que adorava comer bem, beber boa cerveja e vinho, vestir-se bem, pintar-se e perfumar-se, dançar e jogar. O Egito era conhecido pelas nações estrangeiras como sendo uma «terra de tentações». Eis alguns pormenores muito interessantes:

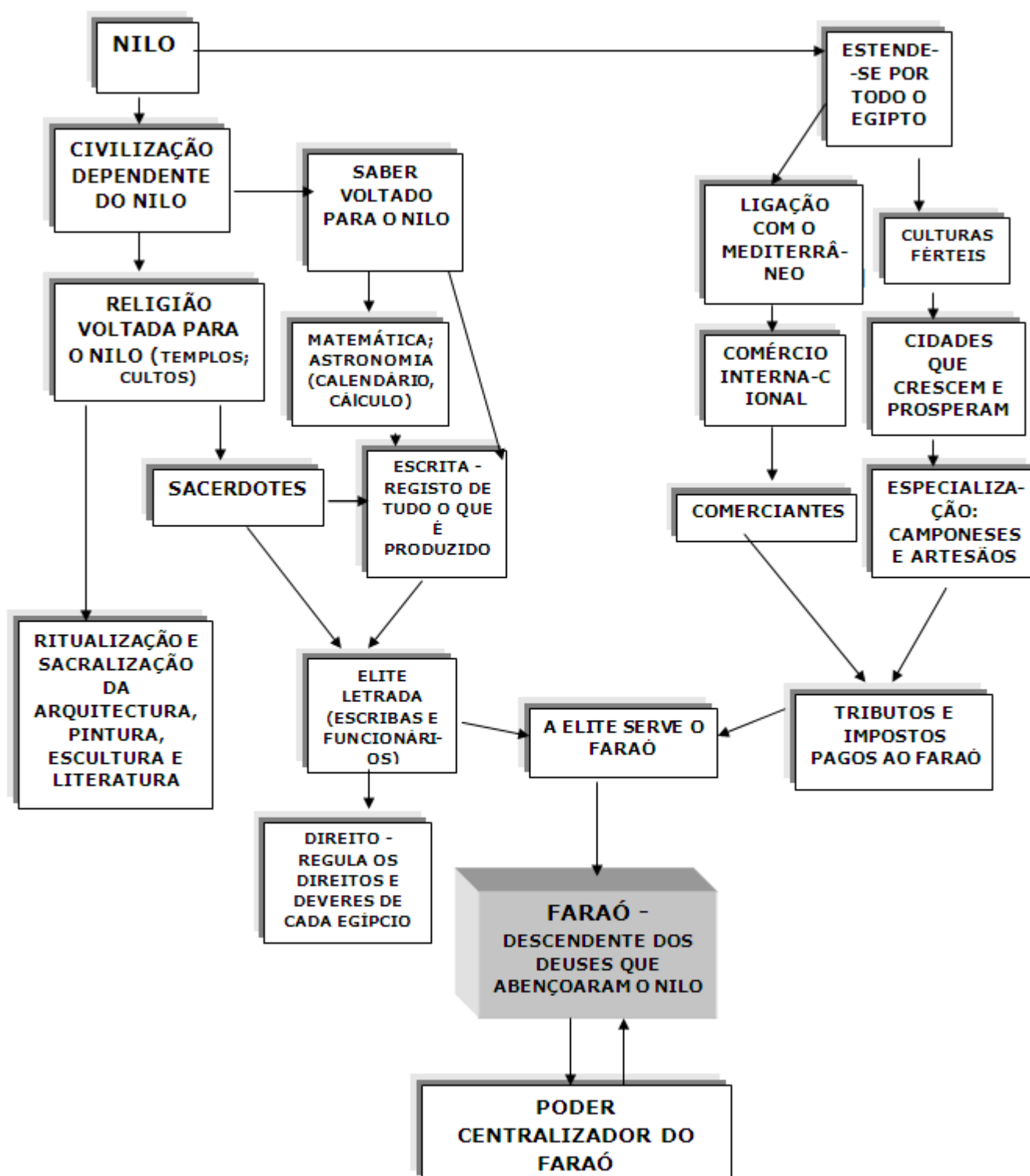
- Tinham a obsessão pela limpeza. Qualquer Egípcio que se prezasse, depilava-se de cima a baixo (cabeça, pestanas, sobrancelhas...tudo!). Esse costume era muito vulgar, porque o calor sufocante provocava a transpiração e atraía insectos, tais como piolhos e percevejos. Cobriam a cabeça com perucas elaboradas e maquilhavam os olhos e sobrancelhas com *Khol*, para proteger os olhos das areias do deserto, evitando as inflamações e pequeninos grãos alojados nas pestanas.
- Por causa da «mania das limpezas» inventaram o primeiro desodorizante do mundo.
- Tinham cremes de Beleza: uma espécie de cones feitos a partir de gordura, mel, óleos aromáticos e pétalas de rosa maceradas. Colocavam esse cone em cima das cabeças e, durante as noites de Verão, o calor derretia-os, hidratando a pele e tornando-a pronta para um novo dia.



Mulheres egípcias num banquete, com os seus cones «cosméticos» nas cabeças

Se queres saber mais sobre a vaidade dos egípcios, espreita este [vídeo](#).

ESQUEMA - ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO EGITO



FENÍCIOS

**Mercadores Fenícios**

A origem dos Fenícios ainda hoje é incerta. Enquanto o historiador grego Heródoto (484ac - 430ac) achava que eles teriam chegado à região que hoje corresponde a parte do Líbano, da Líbia da Síria e da Palestina vindos de regiões próximas do Oceano Índico, a maior parte dos estudiosos modernos pensam que eles vieram de uma região situada entre o Mar Morto e o Mar Vermelho.

Os próprios documentos fenícios também não resolvem o mistério pois falam apenas de terem chegado a Canaã, de terem passado a chamar-se a si mesmo **Cananeus** mas não explicam de onde vieram nem qual o nome que usavam antes.

Foram os Gregos quem, por volta de 2000 aC, lhes deram o nome de **Phoinix** (vermelho), o que mais tarde passou a ser **fenício**. Pensa-se que este nome tenha vindo do produto de comércio fenício mais procurado: a púrpura, substância usada para tingir tecidos que era extraída do molusco múrex. O vermelho era uma cor muito difícil de obter, na época. Ter roupas tingidas com essa cor, sobretudo se fosse púrpura (um vermelho com algo de roxo à mistura) era um sinal de nobreza ou de grande riqueza.

Os fenícios foram excelentes navegantes e fantásticos comerciantes. A riqueza obtida através do comércio levou-os a construir grandes cidades onde anteriormente apenas existiam aldeias. Criaram, inclusivamente, colónias por várias regiões do Norte de África e da Península Ibérica. Em 1100 aC fundaram, no Sul da actual Espanha, a cidade portuária de Gadir (actual, Cádiz). Havia prata na região e os Fenícios foram extraí-la porque sabiam que seria fácil vendê-la no Oriente. Em pouco tempo essa cidade tornou-se o maior centro de comércio de uma região que se estendia desde o Sul da actual Espanha até todo o Norte de África, actuais Marrocos e Argélia incluídos. A mais importante das colónias foi **Cartago** (situada na Tunísia de hoje) que chegou a fazer tremer o poder de Roma.



Navegantes e Mercadores

Os produtos mais importantes do seu comércio, além da já falada púrpura, eram o azeite, vinho, vários tipos de cereais, e variadíssimos artigos de luxo, como ourivesaria em ouro, prata e bronze e perfumes sofisticados. Também fabricavam armas em ferro e bronze, por encomenda de povos em guerra.

A SOCIEDADE FENÍCIA

Estavam organizados em **Cidades-Estado**, o que significava que cada cidade cuidava dos seus próprios interesses. Cada uma dessas cidades era governada por um rei e o trono passava de pai para filho. Algumas das cidades mais importantes foram Sídon e Tiro.

Os reis fenícios pagavam tributo aos seus vizinhos, Egípcios, Hititas, Babilónios e outros, desde que, em troca, lhes permitissem livre passagem e iniciativa para o comércio. Implantaram, mesmo, uma estratégia absolutamente inovadora: autorizavam estrangeiros a residir nas suas cidades sem exigências muito grandes nem taxas muito altas desde que abrissem algum tipo de oficina ou de negócio. Ou seja: o comércio era sempre bem vindo pois gerava riqueza.

Ao longo da sua História, a Fenícia sofreu o domínio, umas vezes político outras vezes apenas económico, de vários dos Povos vizinhos: primeiro dos Egípcios que, a partir de 2600 aC cobraram impostos muito altos mas, como precisavam da habilidade dos Fenícios e da madeira de cedro que só através deles podiam obter, sempre lhes permitiram que conduzissem os seus negócios com quem quisessem e da maneira que melhor entendessem.

Por volta do sec. VIII a.C. foi a vez dos Hititas e os Fenícios mostraram uma vez mais a sua habilidade em negociar: para evitar guerras e discórdias, as cidades combinaram entre si e dividiram os seus apoios: umas prestavam-nas aos Hititas enquanto outras continuaram a oferecê-lo aos Egípcios. Depois vieram os chamados «Povos do Mar» e, mais tarde, os Babilónios. Todos tentaram dominar a Fenícia que foi sobrevivendo mais ou menos a todas essas tentativas com mais ou menos êxito mas sempre mantendo a sua capacidade de se expandir e de negociar. Em 612 a.C. , a Pérsia conquistou a Babilónia e a importância da Fenícia começou a decaír ainda que lentamente. Vieram mais tarde os Gregos e, depois, os Romanos.

A queda definitiva chegou com a conquista da cidade Tiro pelos Romanos em 332 a.C. Quase dois séculos depois, em 146 a.C., Cartago foi destruída.

RELIGIÃO

A religião era politeísta e cada cidade possuía o seu próprio conjunto de deuses do qual, geralmente, se destacava um casal como o mais importante.

Os deuses principiaram por ter nomes próprios mas os títulos que lhes eram atribuídos (Senhor, Rei, Deusa, etc) acabaram por ser a única forma como se lhes dirigiam e foi assim que ficaram conhecidos até hoje: "Senhor" - **Baal**; "Rei da cidade" - **Melcart**; "Dama" - **Baalat**; "Deusa" - **Istar** ou **Astarte**, etc...



Astarte

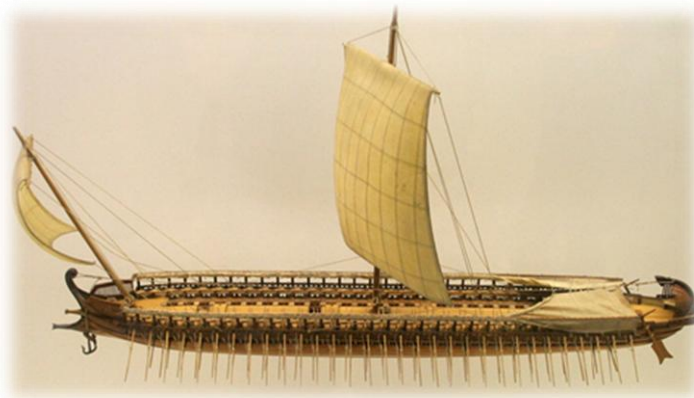


Baal

Estes deuses eram, por vezes, representados por pedras, chamadas **bétilos** que eram erguidas nas partes mais altas das cidades. Alguns deuses estavam associados a elementos da Natureza, como Baal, associado ao ciclo de Sol e chuvas, ou Astarte, deusa da fecundidade. Embora possuissem templos, a maioria dos rituais religiosos eram praticados ao ar livre e alguns eram muito arcaicos como sacrifícios de animais e até humanos, principalmente de crianças, normalmente filhos primogénitos. Estes sacrifícios eram feitos geralmente em épocas de crise ou doença pois acreditavam que podiam diminuir a ira dos deuses.

INFLUÊNCIA

Foram, além de grandes comerciantes, esplêndidos em navegação. Inventaram as **trirremes**, navios de casco arredondado para aumentar o espaço de carga e com três fileiras de remos sobrepostas o que permitia uma grande velocidade independente da força do vento. A sua fama de construtores de barcos espalhou-se por toda a região de tal forma que, nos textos das pirâmides, os Egípcios relatam que o faraó Sakuré, cerca de 288 a. C., encomendou e comprou 40 embarcações fenícias feitas de cedro.



Trirreme

O contributo mais importante para a nossa civilização foi o **alfabeto**.

Alfabeto, como sabes, é o conjunto das letras que utilizamos na escrita. O termo vem das palavras *alpha* e *beta* que são as primeiras letras do alfabeto grego. Ora os Fenícios já possuíam, como primeiras letras, *aleph* e *bet*. Praticamente todos os povos da região, semitas como já te dissemos, usavam a escrita. Alguns, como os Egípcios, tinham sinais que podiam representar palavras inteiras umas vezes e sons outras vezes. Outros tinham sinais que foram evoluindo de representarem palavras (pictogramas) a apenas sons (escrita fonética). Mas quase todos tinham a escrita como algo de quase sagrado.

A inovação dos Fenícios consiste em, além da escrita ser apenas fonética, terem considerado a escrita como um instrumento prático e do dia a dia. Os Gregos, que os conquistaram, adoptaram o seu alfabeto, adaptaram-no à sua língua e espalharam-no por todo o Ocidente. Assim, todos os alfabetos ocidentais são baseados no alfabeto fenício.

𐤀	𐤁	𐤂	𐤃	𐤄	𐤅	𐤆	𐤇
aleph	beth	gimel	daleth	he	waw	zayin	heth
A	B	C,G	D	E	F,U	Z	H
𐤈	𐤉	𐤊	𐤋	𐤌	𐤍	𐤎	
teth	yod	kaph	lamed	mem	nun	samekh	
T	I,J	K	L	M	N	S	
𐤏	𐤐	𐤑	𐤒	𐤓	𐤔	𐤕	
ayin	pe	sade	qoph	resh	shin	taw	
O	P	S	Q	R	S	T	

Alfabeto Fenício



Podes ver [aqui](#) um resumo do que te dissemos.

HEBREUS



Torah - Bíblia Judaica que corresponde aos primeiros cinco livros do Velho Testamento

O termo **hebreu**, que quer dizer «aquele que passa adiante», vem da raíz "a-var" que significa atravessar, passar, cruzar.... Dado que grande parte da História deste Povo é feita de migrações, fugas, deslocações de vários tipos, o nome é apropriado. Realmente, durante muito tempo, os Hebreus foram um povo nómada.

Embora tenham influenciado decisivamente a civilização ocidental, sobretudo do ponto de vista moral e religioso mas também filosófico e literário, pouco se sabe com uma certeza científica da História dos seus primeiros tempos. A maioria dos relatos sobre esses tempos vêm da **Bíblia**. Segundo esta, podemos dividir a história dos Hebreus em três fases:

GOVERNO OU ERA DOS PATRIARCAS

Patriarcas eram líderes políticos e religiosos encarados como «pais» e protectores da comunidade. O primeiro patriarca foi Abraão que conduziu o seu Povo até à «Terra Prometida», a Palestina, onde chegaram cerca de 2000 aC. Durante a viagem, Abraão transmitiu à sua tribo o **Monoteísmo** (crença em um único Deus). A herança foi passando de Pai para filho: Isaac, filho de Abraão, Jacob, filho de Isaac. Jacob mudou o nome para Israel (daí os Hebreus se chamarem hoje Israelitas) e os seus doze filhos deram origem a doze tribos.



Abraão conduzindo o seu Povo à Palestina

Sempre segundo o relato bíblico, uma grande seca na Palestina obrigou a uma emigração em massa para o Egito onde permaneceram cerca de 400 anos. O faraó começou então a temê-los e escravizou-os. Moisés, que tinha sido criado no palácio mas era Hebreu conseguiu libertá-los e conduzi-los de volta à Palestina. Esta viagem ficou conhecida como **Êxodo**.



Moisés separando as águas

Quando aí chegaram tiveram de lutar com os Cananeus para recuperar as suas terras e passaram, então, a ser liderados por outro tipo de chefes dando lugar a outra era.

Como curiosidade, podemos dizer-te que a luta dos Negros Americanos pela Liberdade usou muitas vezes os relatos bíblicos comparando as perseguições aos Hebreus às perseguições que eles mesmos sofriam. Esse tipo de música ficou conhecido como *Gospel*, abreviatura de *God Spell* (Discurso, Palavra de Deus). Abaixo está um link para que possas ouvir o grande Louis Armstrong cantar *Go Down Moses*. Convém que treines o teu Inglês mas damos-te um «cheirinho» do que é dito: «... Nesse tempo os Israelitas viviam em terras egípcias um destino muto duro de suportar. Então, Deus, na montanha, disse a Moisés: Desce até ao centro da terra egípcia e diz ao velho Faraó para deixar o meu Povo partir...»

GOVERNO OU ERA DOS JUÍZES

Durou cerca de 300 anos e eram Juízes indicados por cada uma das doze tribos.

GOVERNO OU ERA DA MONARQUIA

A luta contra os Cananeus e os Filisteus, obrigou a que o Estado se tornasse mais forte. Estabeleceram então a Monarquia. O primeiro rei foi Saul.

Os reis mais importantes foram David (sec. XI a.C.) e seu filho Salomão. Salomão ergueu o **Primeiro Templo** em Jerusalém e ficou conhecido pelas suas imensas riqueza e sabedoria. Apesar de sábio, este rei foi demasiado exigente com os altos impostos o que levou a injustiças e desigualdades dando origem a um enorme descontentamento. Após a morte de Salomão, o reino acabou dividido em dois: ao Sul Judá, com capital em Jerusalem, e Israel ao Norte, com capital em Samaria.

Os dois reinos, fragilizados, ficaram vulneráveis e os Babilónios conquistaram, primeiro Judá e depois Israel. O Templo foi destruído. Em 538 a.C., os Hebreus libertam-se, reconstroem o Templo e as cidades.

Voltam a ser conquistados, contudo, primeiro pelos Gregos, mais tarde pelos Romanos. Em 70 dC, os Romanos destroem novamente o Templo e uma nova

migração em massa espalha os Hebreus por todo o Mundo. Esta dispersão é conhecida como **Diáspora**.

Este relato é retirado da Bíblia e, portanto, não pode ser considerado histórico. A Bíblia é uma Obra monumental, valiosíssima do ponto de vista religioso e literário, mas é composta por vários livros (24 para os Judeus, 46 para a Igreja Católica, 39 para as Igrejas Protestantes). Esses livros foram escritos durante um período de cerca de 1600 anos, por cerca de 40 escritores diferentes, com diversas origens e diversos graus de cultura. A maioria dos seus relatos resultam da compilação de lembranças, mitos, lendas, histórias locais, que eram transmitidos oralmente de geração em geração. Assim, acreditar literalmente na Bíblia é um acto de Fé, absolutamente aceitável, mas não pode levar a considerá-la como uma fonte da História.

Historicamente, de tudo quanto acima se disse, apenas é possível confirmar que os Hebreus são um Povo originário da Mesopotâmia que se estabeleceu na Palestina, É também possível confirmar a existência de David e existem indícios da existência de Salomão. O Templo existiu, e as conquistas dos Babilónios, dos Gregos e dos Romanos estão provadas bem como a segunda destruição do Templo e a Diáspora.

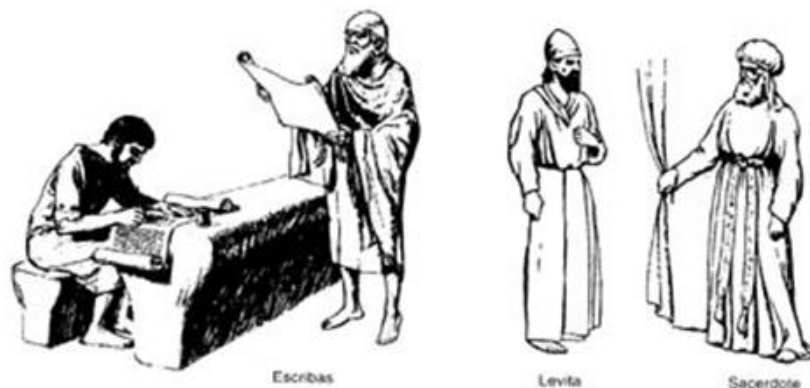
Também é possível considerar como absolutamente correcto o que se sabe do ponto de vista social e cultural: Eram um Povo que começou por ser essencialmente de pastores e que acabou por se converter à agricultura junto às margens do Rio Jordão, onde a terra era fértil. Cerca do sec. VI a. C. desenvolvem o comércio com as regiões vizinhas.

CULTURA

Os Hebreus eram um Povo de origem, cultura e língua **semita**. Ao contrário do que muitas pessoas hoje pensam, semitas não são apenas os Hebreus ou Judeus modernos. O termo (significa filhos de Sem, um dos filhos de Noé, ainda e sempre segundo a Bíblia) diz respeito a uma larga população: Hebreus, Cananeus, Egípcios, antigos Sumérios, Hititas, etc, compartilhando línguas de origem comum, elementos étnicos (populações com as mesmas origens), culturais e até religiosos. São Povos da região do Médio Oriente que correspondem, hoje, aos Israelitas mas também aos Iraquianos, aos Palestínianos, aos Libaneses e aos Sírios.

Os Hebreus foram influenciados pelos Hititas no uso da metalurgia, pelos Egípcios na agricultura e medicina, pelos Arameus na língua e na escrita.

Por sua vez, eles influenciaram imenso os povos vindouros, sobretudo pelo estabelecimento do Monoteísmo, pela transmissão de conhecimentos médicos, principalmente os de ervanária, pela Filosofia e Literatura (De que a Bíblia é a Obra mais influente).



Cultura Hebraica

*** EXERCÍCIOS ***

PRÉ-HISTÓRIA

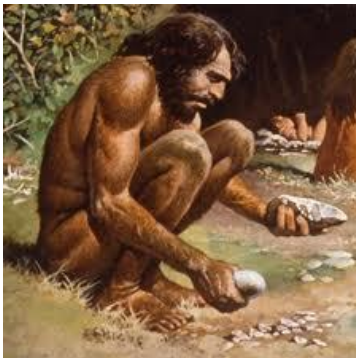
1 - Quanto tempo durou a Pré-História?



2 - Quando terminou a Pré-História?

3 - Quando e onde surgiu o Homem?

4 - Quantas espécies existiram de Homo Sapiens?



5 - Como se chamam os Períodos mais importantes da Pré-História?



6 - Quais as características principais de cada um?

MESOPOTÂMIA

1 - Qual o legado mais importante da Suméria?



2 - Que materiais usavam para escrever?

3 - Como se chamava o seu tipo de escrita?



4 - Como se chamavam os edifícios característicos deste povo que serviam de observatórios?



5 - A que Povo pertenceu Hamurábi?



6 - O que torna Hamurábi importante?

7 - Sumérios, Assírios, Babilónios, foram Povos da Mesopotâmia. Porque foram importantes?

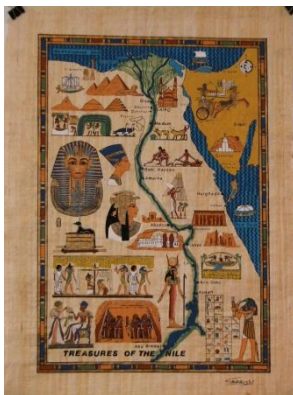


8 - Que quer dizer Mesopotâmia?



EGIPTO

1 - Em que região se situou a sua Civilização?



2 - Como ficou conhecida a região que rodeia o Delta do Nilo?



3 - Porque era o Nilo tão importante para esta Civilização?

4 - De cima para baixo, quais os extractos principais da pirâmide social egípcia?



5 - Eram Monoteístas?

6 - Acreditavam na Vida após a Morte?



7 - Como se chamava esse processo?

8 - Todos tinham acesso à mumificação e a ser enterrados em Pirâmides?



9 - Como se chamam os caracteres da escrita do Antigo Egipto?



10 - Que legados nos deixou esta Civilização?

HEBREUS

1 - Qual a região geográfica de que são originários os Hebreus?



2 - Qual o seu legado mais importante?

3 - Para facilitar o estudo, costuma-se dividir a sua História em vários períodos. Quais?

4 - Segundo a Bíblia, quem foi o primeiro Patriarca?



5 - Como se chamou o Patriarca que, segundo a Bíblia, liderou os Hebreus que saíram do Egito até à Palestina?



6 - Como se chamou o rei a quem é atribuída a construção do primeiro Templo?



7 - Quando Salomão morreu, o reino dividiu-se em dois. Quais?

8 - Quais os Povos que conquistaram esses reinos?

9 - No século II d. C., com a destruição do Segundo Templo, os Hebreus começaram a abandonar a Palestina que se encontrava sob domínio romano e espalharam-se pelo Mundo. Como se chamou esse Movimento?

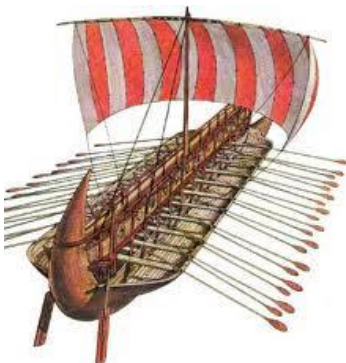
FENÍCIOS

1 - Onde se localizava a Fenícia?



2 - Quando viveram?

3 - Os fenícios viajaram?



4 - O que os levou a tornarem-se tão bons navegantes?



5 - Tinham um governo central?

6 - Quando a população aumentou e a necessidade de expandir o comércio também, que fizeram?

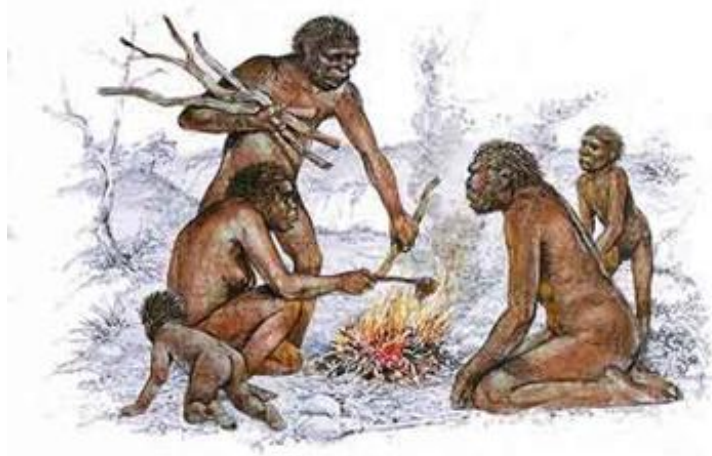


7 - Acreditavam num só deus?

8 - Qual foi o seu maior legado?

Teste de Pré-História

1 - Observa atentamente a imagem em cima e responde às seguintes questões:



- Repara na actividade que estão a fazer. Qual foi a espécie de hominídeos que aprendeu a controlar o fogo?
- A que período da Pré-História eles pertencem?
- Esta espécie caminhava em posição vertical. Qual é o termo que damos a esta característica?
- Qual foi o primeiro hominídeo a caminhar de pé?

2 - Observa atentamente a imagem em baixo e responde às seguintes perguntas:



- Quais foram os primeiros hominídeos a fabricar utensílios?
- Que significa o termo «Paleolítico»?
- Que tipo de Economia praticavam os hominídeos, no início da Pré-História?
- Que tipo de existência têm aqueles que nunca vivem no mesmo lugar?

3 - Observa atentamente as imagens e responde às seguintes perguntas:

I- Caverna de Lascaux, França.



- Que tipo de Arte encontras nestas duas fotografias?
- Que significado poderiam ter? (Escreve uma resposta contendo palavras como *Magia e Fertilidade*).

4 - Observa a imagem e responde às seguintes questões:



- A que período pertence esta aldeia?
- Enuncia os ofícios que encontras nesta gravura.
- Consegues distinguir alguém com grande estatuto nesta comunidade? Que tipo de símbolos religiosos encontras?

5 - Responde às seguintes questões.

- Que significa a palavra «Megalito»?
- Que tipo de construções megalíticas conheces?
- Que possíveis significados poderiam ser-lhes atribuídos?
- Qual foi o seu local de origem?

Teste (Egipto, Fenícios, Hebreus)

1 - Completa as seguintes frases:

- a) A Civilização Egípcia cresceu nas margens do _____ que, graças à suas _____ anuais, permitiu que a sua terra se tornasse fértil. Os Egípcios construíram _____ de irrigação para transportar a água e um _____ agrícola, que começava quando a estrela _____ podia ser observada no céu.
- b) Diz o nome de algumas plantas cultivadas pelos egípcios.
- c) A que regiões do Egipto pertencem estas coroas?



pschent
fig.1

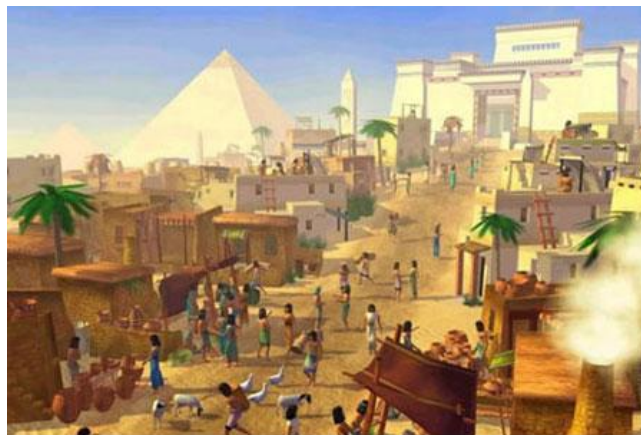


hedjet
fig.2



deshret
fig.3

2 - Observa a imagem e responde às seguintes perguntas.



- a) A que grande grupo social pertencem estes egípcios?
- b) Lembras-te da Pirâmide Social? Consegues distinguir aqui alguns patamares?
- c) Que tipo de monumentos encontras ao fundo da imagem?
- d) Quem foi o primeiro construtor de Pirâmides?
- e) Quais foram os túmulos que existiram antes das Pirâmides?

3 - Enuncia algumas das principais características da pintura egípcia:

Tamanho:

Cor das figuras humanas:

Posição das figuras:

Aparência física das figuras:

Fundo da imagem e distanciamento entre figuras:

4 - Quais são as principais características da escultura egípcia?

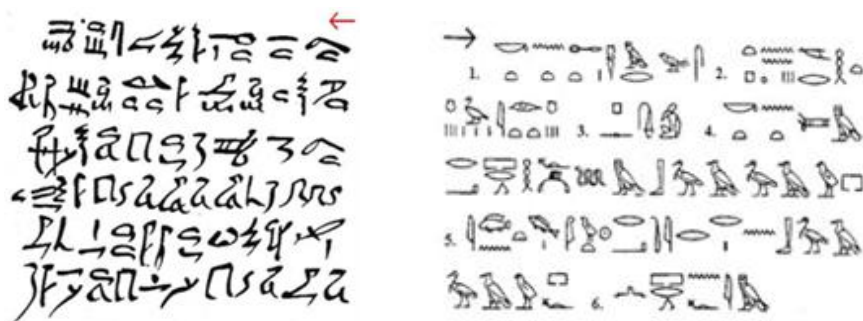


5 - Completa as frases:

Quando uma alma morria, ela era conduzida por _____ ao _____, governado por _____. Ali, a alma sujeitava-se a um _____, presidido por todos os deuses. Num prato de uma balança era colocado o _____ do morto ao lado da deusa _____, que se transformava numa _____, enquanto o deus _____ anotava todos os pecados.

A seu lado estava _____, que esperava ansiosamente o veredicto de Osíris para devorar a alma. Por fim, se a alma fosse bem sucedida, o filho do rei, _____, levaria a alma para junto do trono. O morto já pode viver uma vida eterna.

6 - Observa a figura: que tipo de escritas encontram-se aqui e quais são as suas diferenças?



7 - Responde correctamente às seguintes questões:

- Qual era a principal actividade dos Fenícios? O que é que eles comercializavam?
- Quais eram as principais colónias desta civilização?
- Qual foi o seu maior legado? E de que forma alterou as formas de escrita na Antiguidade?

8 - Responde correctamente às seguintes questões?

- O que é a Diáspora Judaica?
- Que nome é se dá às Escrituras Sagradas do Povo Judeu?

TEMA

2

A herança do mediterrâneo antigo



*** OS GREGOS NO SÉCULO V A.C. - O EXEMPLO DE ATENAS *****ORIGENS E CRONOLOGIA****DECLÍNIO DAS CIVILIZAÇÕES DO CRESCENTE FÉRTIL**

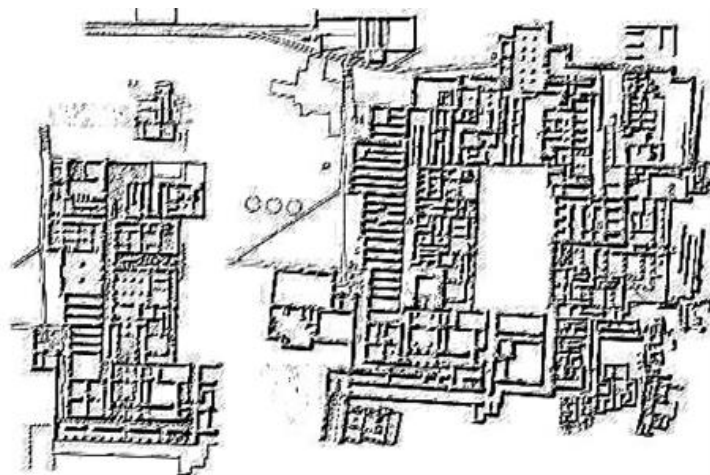
Depois de milhares de anos de Poder e Influência, a Civilização Egípcia chega ao fim do seu apogeu. Após a morte de Ramsés II, em 1223 a.C., a terra dos Faraós começa a perder força e, a partir de 1075 a.C., entra em declínio. Neste período, o Egito conhece várias invasões de povos estrangeiros, desde os Assírios (em 671 a.C.), aos Persas (em 525 a.C.).

A partir do século XX a.C. o Mundo Antigo é cada vez menos dominado pelas nações do Crescente Fértil mas sim, pela região do Mediterrâneo.



A região do Mediterrâneo (que rodeia o Mar Mediterrâneo), com as civilizações que ali prosperaram, em vários períodos. A partir do século X a.C, o Egito já se encontra em declínio.

Não significa que o poder das civilizações Egípcia e Mesopotâmicas tenham desaparecido de um momento para o outro. A perda de influência do Crescente Fértil foi gradual, com o passar dos séculos, graças ao aparecimento de novas culturas, que depressa se tornaram rivais e lutavam pelos mesmos territórios. Uma das regiões que começa a ganhar cada vez mais influência é a da Península Balcânica e as ilhas próximas. Numa dessas ilhas, Creta, surgiu uma Civilização que já era poderosa em 2000 a.C. É conhecida por nós como «Minóica», porque o arqueólogo que desenterrou as suas ruínas, Sir Arthur Evans, estava convencido de que tinha descoberto os palácios do lendário rei Minos (uma personagem da Mitologia Grega). Segundo a lenda, o rei Minos possuía um palácio que tinha, nos seus subterrâneos, um gigantesco labirinto onde vivia um monstro metade touro e humano. Os palácios desenterrados eram gigantescos e labirínticos, tal como o descrito na lenda.



Planta do Palácio de Knossos, em Creta.



Palácio de Cnossos - Hoje

Outras Civilizações despontavam enquanto declinavam as que já conhecemos. Entre as que nascem, uma das principais é a Civilização Grega.

ORIGENS

Chamamos Grécia Antiga ao conjunto de **cidades-estado** fundadas pelos Gregos e às regiões próximas que sofreram a sua influência: Turquia, Chipre, toda a costa do mar Egeu e as colónias que criaram, sobretudo no Sul de Itália, como no caso da Sicília, por exemplo.

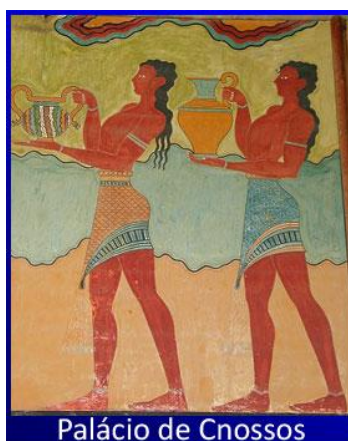


Grécia Antiga

Tradicionalmente, os Historiadores costumam considerar como fazendo parte da Grécia Antiga todo o período que vai do ano dos primeiros Jogos Olímpicos em 776 a.C. (alguns historiadores estendem o começo para o ano de 1000 a.C.) até à morte de Alexandre Magno em 323 a.C. A este período segue-se o do Helenismo.

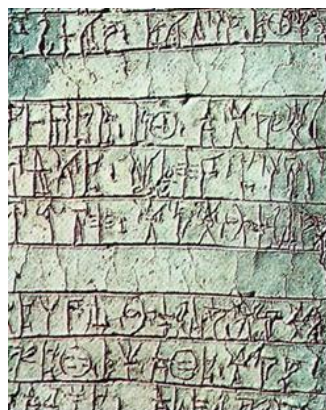
A Grécia Antiga é normalmente julgada como a **base da Cultura e Civilização Ocidentais**. Efectivamente, os Gregos foram influenciados por outros povos com quem contactaram mas tentaram sempre inovar, mesmo quando os conhecimentos tinham vindo de outros. Por sua vez, a Cultura Grega influenciou profundamente outros povos, com especial destaque para os Romanos que mais tarde acabaram por a espalhar por todas as regiões que fizeram parte do seu império.

Pensa-se que os Gregos descendam de povos que migraram para a península balcânica em diversas vagas datando a primeira do terceiro milénio a.C. Os primeiros destes povos invasores foram os Aqueus seguidos dos Jónicos, dos Eólios, e dos Pelascos. Todos estes povos eram Indo-Arianos e vinham da Europa Oriental. São, em geral conhecidos como **Helénicos** porque acreditavam descender de Helyeno, filho de Deucalião e de Pirra. Os últimos a chegar foram os Dórios, já em fins do segundo milénio a.C.



Palácio de Cnossos

Antes da chegada de todos estes povos existiu, na ilha de Creta, uma civilização conhecida como **minoica**, de origem incerta e que conheceu o seu maior esplendor entre 2700a.C e 1450 a. C. A cidade principal era Cnossos. Dominou toda a ilha e parte do sul da península graças ao domínio do bronze e, mais tarde, do cobre. Foi uma civilização brilhante que construiu palácios, criou verdadeiras obras de arte em pintura (especialmente frescos), cerâmica e armas e jóias. Fundaram, ainda, um sistema de escrita até hoje muito pouco decifrada e conhecida como escrita linear A da qual deriva, mais tarde, a linear B. Esta é melhor conhecida mas ainda não totalmente descodificada.



Linear A



Linear B

Tendo conhecido vários altos e baixos na sua História e tendo sofrido várias catástrofes como tremores de terra e erupções de vulcões, a civilização minóica acabou por se extinguir. Alguns estudiosos pensam que a erupção de um vulcão situado na ilha de Santorini, ao Norte de Creta, foi o responsável por essa queda. Contudo, outros pensam que a erupção se tenha dado mais tarde e tenha sido a responsável principal da queda de uma outra civilização que sucedeu à minóica: a **civilização micénica**.



Porta dos Leões, em Micenas

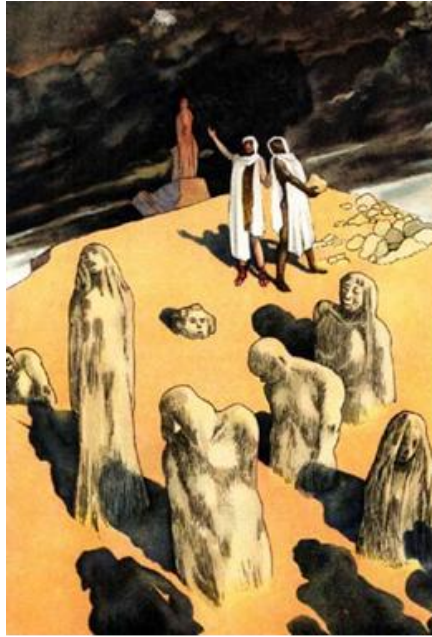
Esta Civilização foi fundada pelos Aqueus e pelos Jónios, aproveitando muito da herança cultural dos Minóicos, como a **metalurgia** e a **construção de barcos**. Foram dos primeiros a cultivar **oliveiras** em grande extensão, o que mais tarde se veio a tornar um dos produtos económicos mais importantes para os Gregos.

A propósito de "Gregos", é importante dizer que eles nunca se chamaram assim a si mesmos. A palavra é de origem latina e foram os Romanos que lhes deram esse nome. Eles diziam chamar-se **Helenos**, descendentes de Deucalião e Pirra, como já te dissemos acima.

MITO DE DEUCALIÃO E PIRRA

Deucalião era filho de Prometeu (deus que trouxe o fogo aos Homens) e casou com Pirra. A dada altura, Zeus (deus mais importante do panteão grego) considerou que os Homens se tinham tornado maus e era preciso destruí-los. Resolveu, então, inundar a Terra com um grande dilúvio poupando apenas dois justos: Deucalião e Pirra. Prometeu aconselhou-os a construir uma arca e a meter-se lá dentro, não se atrevendo a sair antes que o dilúvio acabasse. Flutuaram durante 9 dias e 9 noites até parar no cimo da montanha Tessália. Zeus enviou-lhes então Hermes (deus que era quase sempre escolhido como mensageiro dos deuses) para que lhes concedesse um desejo. Deucalião disse estar muito só e desejou outros homens que pudessem ser companheiros do casal. Então Hermes ordenou-lhes que atirassem por cima dos ombros os «ossos de suas mães». Pirra ficou horrorizada mas Deucalião percebeu que se tratava de pedras, os «ossos» da Terra, Mãe universal. Atiraram então pedras para trás dos ombros. As pedras lançadas por Deucalião deram origem a homens, das atiradas por Pirra nasceram mulheres. E assim se renovou a Humanidade.

(Texto elaborado a partir da entrada - **Deucalião**, in *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, direcção de Pierre Grimal, tradução de Victor Jabouille, Difel, Lisboa, 1992)



Deucalião e Pirra renovando a Humanidade

A civilização micénica existiu entre 1600 e 1100 grande civilização. e as principais cidades foram Micenas, Tebas, Tirinto e Esparta.

Espreita um pouco da vida micénica: [aqui](#)

Os Dórios, grandes guerreiros e que dominavam o fabrico do ferro, tinham armas que lhes permitiram dominar facilmente os Aqueus e, ou através da conquista pura e simples ou através de «converterem» os micénicos aos seus próprios costumes, acabaram por pôr fim à civilização micénica. Toda a região mergulha então numa «Idade das Trevas» que dura até ao sec. VIII a.C. também chamado «período dos tempos homéricos» uma vez que a única fonte de informação sobre esta época é a que encontramos nos poemas de Homero., *Ilíada* e *Odisseia*.



Gruta de Circe – *Odisseia*

CRONOLOGIA

Podemos considerar os seguintes períodos na História da Grécia Antiga:

Idade das Trevas ou Período dos Tempos Homéricos (século XII ao IX a.C.)

Como já dissemos, é principalmente com base nos poemas de Homero que esta época é estudada:

Nestes tempos, a sociedade estava dividida em grupos familiares, uma espécie de clãs cujos membros descendiam de um antepassado comum e que prestavam culto a um mesmo deus protector. Esses clãs chamavam-se **ghene** (singular: **ghenos**) e eram chefiados por um patriarca (geralmente o mais velho), o **pater**, com poderes religiosos, políticos e militares. Eram normalmente agricultores e pastores e a propriedade era colectiva e explorada por todo o **ghenos**.

Durante a maior parte deste período, a Escrita desapareceu bem como os edifícios em pedra. Quando, séculos mais tarde, a Escrita reaparece, é já com o alfabeto fenício que os gregos adaptaram à estrutura fonética da sua língua.

Período Arcaico (século VIII ao VI a.C.)

À medida que a população ia aumentando, os alimentos iam escasseando, bem como os artefactos necessários a cada clã familiar. Os **ghene** deixaram de ser auto-suficientes e uniram-se em grupos aparentados entre si chamados *fratrias* que, por sua vez, se agruparam em tribos. Algumas tribos conseguiram melhores terras, fabricaram melhores utensílios e armas, acumularam mais riquezas e começaram a considerar-se melhor do que as outras e a intitular-se **aristoi** (de onde vem a palavra aristocratas). Foram-se afastando cada vez mais do resto da população e esquecendo os costumes de cooperação e de vida comunitária e familiar dos **ghene**. Foram estas tribos que estiveram na origem da **polis** grega de que falaremos mais adiante e que acabou por tornar-se cidade-estado. Existiram várias cidades-estado mas as mais conhecidas foram Atenas e Esparta.

Também foi durante este período que começou a expansão e a fundação de colónias nas costas dos mares Egeu, Mediterrâneo e Negro.



Guerreiros Espartanos

Período Clássico (século V ao IV a.C.)

É o período mais estudado e mais conhecido, aquele de que normalmente nos lembramos imediatamente quando falamos da Grécia Antiga. Apesar de ser uma época de guerras também foi um tempo de grandes transformações económicas e de um enorme florescimento cultural e social.

Entre 492 e 479 a.C. deram-se as **Guerras Médicas** (entre os Gregos e os Medos, outro nome para Persas). Como teve um papel importantíssimo na derrota dos Persas, Atenas tornou-se a cidade-estado mais importante. Reuniu várias cidades na **Liga de Delos** para se protegerem de mais possíveis ataques como o que tinham sofrido. Mas, ao fim de algum tempo, acabou por tentar impor o seu domínio, os seus costumes, a sua forma de viver às outras cidades que começaram a revoltar-se, lideradas por **Esparta**. Isso deu origem à **Guerra do Peloponeso**: Peloponeso era o nome de uma nova liga que Esparta fundou. Foram 27 anos de luta ao fim dos quais Atenas foi derrotada e se submeteu a Esparta.

O domínio desta cidade durou cerca de 30 anos até que houve uma nova revolta de várias cidades chefiadas por **Tebas** que derrotaram e dominaram o mundo grego entre 371 e 362 a.C.



Batalha de Salamina - Guerras Médicas

Período Helenístico (século IV ao I a.C.)

Os Gregos tinham entrado em decadência e, aproveitando-se desse facto, Filipe, rei da Macedônia conquistou a Grécia em 338 a.C.

Quando Filipe morreu, o seu filho Alexandre que ficou conhecido como **Alexandre Magno** (Grande) subiu ao trono da Macedônia e, portanto, da própria Grécia que seu pai tinha conquistado.

Mapa do Império de Alexandre



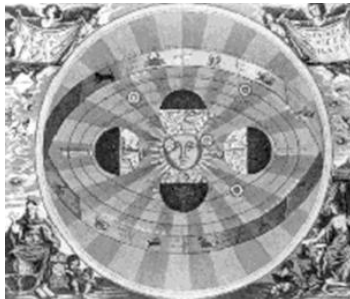


Alexandre, o Grande

A fusão das duas culturas e, mais tarde, através da enorme expansão levada a cabo por Alexandre, a integração da cultura oriental, fizeram nascer duas correntes de filosofia muito importantes: o **Estoicismo** e o **Epicurismo**. Eram, praticamente, opostas uma à outra. Enquanto o Estoicismo dizia que todos os homens eram iguais e que todos se deveriam resignar ao seu destino e suportá-lo com dignidade, o Epicurismo valorizava o prazer, sobretudo o intelectual e desafiava os Homens a procurar perder o medo de tudo quanto fosse sobrenatural e a atingir um estado de felicidade serena nesta vida e não depois da morte.

Durante este período vários ramos do Conhecimento desenvolveram-se muito:

Astronomia: Hiparco elaborou um método que permitia desenhar mapas astrais, inventou o astrolábio e é considerado o Pai da Trigonometria. Aristarco de Samos garantiu que eram os planetas, entre eles a Terra, que giravam em torno do Sol e não ao contrário.

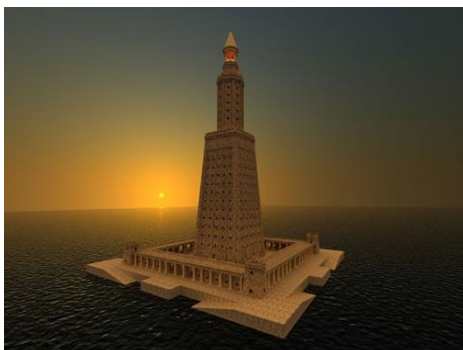


Sistema heliocêntrico proposto por Aristarco de Samos

Matemática: Euclides escreve os *Elementos de Geometria*, Arquimedes faz avançar o Estudo de volumes e a Mecânica.

Medicina: Herófilo, entre outros, dissecava cadáveres e, através disso, elaborou uma descrição muito pormenorizada do cérebro.

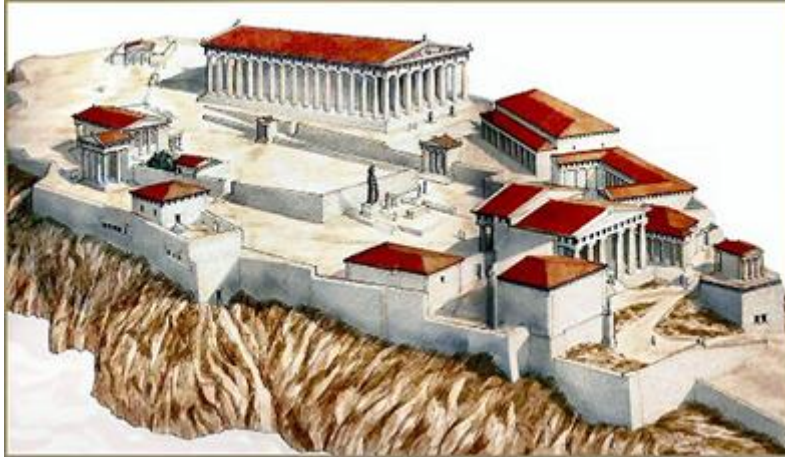
Arte: a Arte deste período mostra uma preocupação muito grande com as grandes dimensões, o efeito do espanto, a ostentação de luxo e riqueza, um certo dramatismo. As obras mais conhecidas foram o Farol de Alexandria e o Colosso de Rhodes de que nenhum vestígio chegou até nós.



Uma reconstituição possível do Farol de Alexandria

POLIS

Como já dissemos, a partir do sec. VIII a.C., começam a formar-se entre os Helenos diversas cidades independentes umas das outras e cuja origem tinham sido os *ghene*. Cada uma delas tinha o seu próprio governo, cunhava a sua própria moeda, regia-se pelas suas próprias leis, tinha formas próprias de prestar culto aos deuses. Eram as **Poleis** (plural de **Polis**), a que hoje chamamos **cidades-estado**.



Reconstituição de uma *Polis*
(a zona rural estendia-se pela base da colina)

O território ocupado pela *polis* não era, geralmente, muito grande: variava entre 1000 e 10000 Km² e era dividido em duas áreas:

- uma rural, onde a população cultivava trigo e cevada, videiras e, sobretudo vinha. Também criavam ovelhas, cabras e, quando as condições o permitiam, cavalos. Estas actividades pastoris e agrárias permitiam à cidade alimentar-se, exportar os excessos e ganhar o suficiente para importar o que não pudesse produzir. As cidades mantinham-se, assim, independentes umas das outras embora comerciassem muito entre si.
- uma área urbana que, na maior parte das vezes, era construída à volta de uma colina que fortificavam previamente e à qual chamavam **acrópole** (de *akrós* - alta e *polis* - cidade). Era na área urbana que se concentravam as tendas de comércio e de fabrico de artefactos: roupas e tecidos, calçado, produtos em vidro e cerâmica, entre outros.



Exemplo de Cerâmica Grega

Existiram várias cidades como, por exemplo, Corinto, Delfos, Epidauro, Mégara, Mileto, Olímpia, Plateias, Tebas, Téspias, entre outras mas as mais importantes foram Atenas e Esparta.

Os habitantes das diversas *poleis* eram diferentes uns dos outros, tinham ideias e costumes diferentes e, por vezes, entravam em conflito. Apesar disso, tinha muito maior importância aquilo que os ligava: falavam todos a mesma língua e acreditavam nos mesmos deuses. Assim, todos se consideravam **Helenos** e o seu mundo comum era a **Hélade**. Os estrangeiros, os que não falavam a sua língua eram chamados **Bárbaros**. O exemplo mais importante dessa cultura comum é o dos **Jogos Olímpicos** ou **Olimpíadas** assim chamados porque, de 4 em 4 anos, a partir de 776 a. C. os habitantes das mais variadas cidades pertencentes à Hélade se reuniam em Olímpia para competirem em honra de Zeus.

JOGOS OLÍMPICOS

Como já dissemos, realizavam-se em honra de Zeus. Eram anunciados por todas as cidades dez meses antes de se realizarem. Eram tão importantes para os Gregos que estes até interrompiam guerras entre cidades para que nada pudesse impedi-los ou atrasá-los. Chamava-se a estes períodos de paz temporários, as **tréguas sagradas**. Havia provas de saltos, corridas, arremesso de disco, etc. Ao mesmo tempo, também se realizavam uma espécie de Jogos Florais, com competições de Teatro, de Poesia e de Música.



Discóbolo de Míron

Vinham atletas e espectadores de toda a parte mas as mulheres estavam proibidas de competir e mesmo de assistir. O prémio dos vencedores era uma coroa feita com **ramos de oliveira** (e não de louro como é costume pensar-se). pode parecer pouco mas quem recebesse esse prémio cobria-se glória a si e à sua família. Quando voltava à sua cidade era recebido com recepções magníficas e até se compunham cânticos em seu louvor.

Os Jogos continuaram até 393 d.C.. Nesse ano, o imperador romano Teodósio I, que era cristão, ordenou o encerramento do templo de Zeus e os Jogos Olímpicos acabaram.

No sec. XIX, um educador e desportista francês, **Pierre de Fredy, Barão de Coubertin**, lutou pela restauração dos Jogos Olímpicos. Graças aos seus esforços, os primeiros da era moderna foram realizados em Atenas, em 1896.

Queres saber como eram os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga? Então clica [aqui](#).

COLONIZAÇÃO GREGA

Muito pouco tempo depois do aparecimento das primeiras *poleis*, muitos Gregos começaram a abandoná-las e a partir para outras regiões nas costas do mar Mediterrâneo e do Mar Negro. Aí fundavam novas cidades, **colónias** a que davam o nome de *apoikias* (significa: abrir uma nova casa). Este movimento dura de finais do sec. VIII até o século VI a.C.

As causas dessa expansão podem estar relacionadas com problemas sociais provocados por questões de posse de terras e de solos pobres para a agricultura. As famílias ricas, os *aristoi*, possuíam as melhores terras, deixando para os camponeses os solos mais pobres. Os alimentos começaram a não chegar para as necessidades e, assim, para fugir à miséria, muitos migraram em busca de novas paragens onde pudessem prover ao sustento das suas famílias.

A principal actividade económica destas colónias começou por ser a agricultura mas, com o tempo, tornaram-se importantes centros comerciais e portos que favoreceram o desenvolvimento da navegação e as trocas comerciais mas também culturais entre os Gregos e outros Povos.



Expansão Grega

ESPARTA E ATENAS

Esparta e Atenas foram as cidades mais importantes da Hélade, pela influência que exerceram em seu redor, pela capacidade de liderança, pela actuação decisiva em vários momentos da História da Antiga Grécia. Contudo, eram muito diferentes uma da outra. Atenas está muito mais próxima do pensamento contemporâneo e os costumes rígidos de Esparta parecem aos olhos de hoje, de uma crueldade quase insuportável. Porém, não podemos esquecer-nos de que a maioria dos testemunhos que nos chegaram foram escritos por atenienses ou simpatizantes dos atenienses. Sabe-se que estão correctos na sua maioria mas há que dar algum desconto...

Esparta: Oligarquia

Esparta, na península do Peloponeso, nunca possuiu terras muito férteis para a agricultura nem se dedicou muito nem ao fabrico de produtos nem ao comércio. O objectivo principal de um Espartano era tornar-se um **excelente militar**.

A sociedade espartana dividia-se em três categorias: os **Esparciatas**, os **Periecos** e os **Hilotas**.

- **Esparciatas:** Espartanos mais importantes que podiam participar do governo e possuir terras e outro tipo de propriedades mas estavam proibidos de exercer comércio ou qualquer outra profissão que não fosse a militar. Estavam à completa disposição do Estado a quem dedicavam a sua vida.
- **Periecos:** Eram também homens livres mas considerados socialmente um degrau abaixo dos Esparciatas. Tinham ofícios ligados ao comércio e ao artesanato e eram descendentes dos povos conquistados. Não podiam participar do governo, pagavam impostos e não tinham quaisquer direitos políticos.
- **Hilotas:** Não eram exactamente escravos mas era como se o fossem. Trabalhavam a vida inteira nas terras pertencentes aos Esparciatas e, se é verdade que não podiam ser expulsos delas, também não podiam abandoná-las e partir em busca de uma nova vida. Era o produto do seu trabalho que sustentava os Esparciatas. Explorados e desprezados, revoltavam-se de vez em quando contra o Estado. A fim de dominar essas revoltas através de um clima de terror, os Esparciatas organizavam perseguições anuais de extermínio dos Hilotas que considerassem mais perigosos. Essas perseguições anuais chamavam-se **criptias**. Existem alguns testemunhos que nos dizem que se um Hilota fosse encontrado com aspecto de bem-alimento fazia parte do tal grupo dos perigosos e, como tal, deveria ser morto.



Perseguição aos Hilotas (detalhe de um sarcófago)

Esparta era governada por **dois reis** com funções militares e religiosas. Quando havia uma guerra, um destes reis comandava o exército enquanto o outro ficava na cidade. Estes reis eram auxiliados por 3 órgãos: a **Gerusia**, um conselho vitalício de Anciãos de que faziam parte os dois reis e mais 28 esparciatas que deveriam ter mais de 60 anos, a **Ápela**, assembleia de Esparciatas maiores de 30 anos, e o **Conselho dos Éforos** grupo de 5 membros eleitos todos os anos pela **Ápela**. A **Gerusia** supervisionava e fazia as leis, a **Ápela** elegia os membros da **Gerusia** e aprovava ou rejeitava as leis que esta elaborava, e o Conselho dos **Éforos** era quem realmente governava: os seus membros podiam vetar as leis e até fiscalizar a actividade dos próprios reis. O governo era, pois, composto apenas pela elite e a este sistema político chama-se **Oligarquia**.

Educação dos Espartanos

Como o objetivo principal do Espartano era ser um bom militar, o treino físico era muito importante na sua **educação**. As mulheres recebiam uma educação quase igual à dos homens, de forma a possuírem corpos sãos e que pudessem gerar filhos perfeitos. Quando nasciam, as crianças eram examinadas e, se fossem saudáveis, eram protegidas pelo Estado mas, se apresentassem deficiências, podiam ser mandadas matar. Quando atingiam os 7 anos, os pais não mandavam mais na educação dos filhos que eram entregues a **professores especializados** sob ordens do Estado. Passavam a usar a mesma roupa de Inverno ou de Verão e caminhavam descalços para se habituarem a suportar frio e calor.

Eram suficientemente alimentados de forma a que não adoecessem mas também em quantidades que os fizessem ter de sentir um pouco de fome. Nestes casos, podiam roubar alimentos mas sem ser apanhados no acto ou seriam castigados.

Uma vez por ano, os rapazes eram chicoteados em público, diante do altar de **Ártermis**, e deviam mostrar resistência à dor física.

Na adolescência começavam a prestar pequenos serviços como ficar de guarda à noite ou entregar mensagens, sempre obedecendo cegamente aos mais velhos ou superiores. Com 20 anos, o Espartano juntava-se ao **exército**. Aos 30, adquiria todos os direitos políticos e passava a fazer parte da Ápela.



Jovens Espartanos

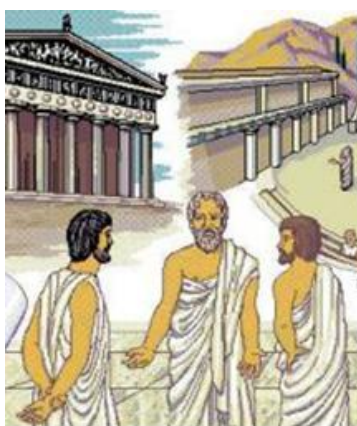
Atenas: Democracia

A sociedade de Atenas também se dividia em três categorias principais:

- **Eupátridas** ("Bem Nascidos") ou **Cidadãos**. Para se ser um Eupátrida, um Ateniense tinha que ter um pai e uma mãe atenienses, ser dono de terras e ter mais de dezoito anos. Com efeito, era a propriedade que definia o estatuto de cidadão e todos os respectivos direitos políticos. Caso as perdesse, podia descer de estatuto.
- **Metecos**. Eram cidadãos livres, normalmente de origem estrangeira, que residiam na cidade e exerciam ofícios ligados ao comércio e ao artesanato. Diferenças em relação aos periecos espartanos: tinham que fazer serviço militar, ao contrário dos periecos, que eram afastados do exército e, por vezes, podiam tornar-se Cidadãos.
- **Escravos**. Eram normalmente prisioneiros de guerra ou habitantes que tinham ficado de tal maneira na miséria que esta era única forma de pagarem a vida. Frequentemente, eram eles mesmos que se ofereciam ou vendiam algum membro da família. Este era também o destino de muitas crianças não reconhecidas.

A sociedade Grega, contudo, não era escravagista, no sentido que iremos encontrar mais tarde em Roma, ou seja, a economia não era baseada no trabalho de escravo. De facto, o escravo ateniense era muitas vezes recebido no seio da família e relativamente bem tratado.

Já vimos que a diferença entre os *aristoi* e a restante população levou à migração de muitos e criação de colónias. Cada cidade-estado ligou com este facto à sua maneira. Em Atenas, o caminho para a **Democracia** foi longo: de início foi uma **monarquia** que acabou por ser derrubada pelas famílias mais nobres, os Eupátridas, dando origem, assim, a uma nova forma de governo: a **Assembleia dos Homens Livres, Ekklesia**, passou a eleger três magistrados chamados **Arcontes**. O primeiro, **Arconte Rei**, exercia funções religiosas; o segundo, **Arconte Epónimo**, era o juiz supremo; o terceiro, **Arconte Polemarco**, encarregava-se dos assuntos militares. Mais tarde, por exigência popular, juntaram seis arcontes que tinham como função passar as leis a escrito e velar para que as mesmas fossem cumpridas.



Cidadãos deliberando

Com o aumento da população e a instabilidade económica foram aparecendo várias revoltas sociais. O que torna Atenas inovadora em relação às outras cidades-estado foi a forma radicalmente diferente e revolucionária como lidou com os problemas. Assim, três legisladores tiveram um papel preponderante em épocas diferentes e contribuíram para que a Democracia surgisse:

- **Drácon** - Ascendeu ao cargo de Arconte no ano de 621 a.C. De forma a acabar com o clima de vinganças entre famílias proibiu a justiça privada e redigiu um código de leis que hoje podemos considerar bastante severo (daí o termo "draconiano") mas que, na época, pareceu ser a única forma de criar alguma estabilidade.



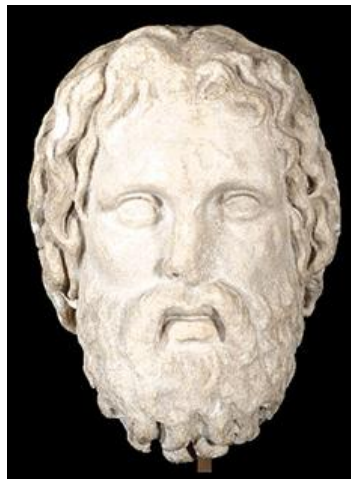
Drácon (imaginado por Merry-Joseph-Blondel, século XIX)

- **Sólon** - Ascendeu ao cargo de Arconte no ano de 594 a.C. Modificou as leis já existentes, tornando as leis de Drácon mais suaves mas aproveitando algumas delas. Perdoou todas as dívidas e proibiu que qualquer devedor pudesse vir a tornar-se escravo, o que foi um rude golpe na escravatura. Além disso, redigiu um código de leis iguais para todos.



Sólon - Fresco romano encontrado em Óstia

- **Clístenes** - Ascendeu ao cargo de Arconte no ano de 508 a.C. Dividiu a população ateniense em 100 **demos**, conjuntos de população distribuídos pelas várias áreas da cidade (próximo daquilo a que hoje chamaríamos "bairros"). Estes *demos* estavam agrupados em 10 tribos, cujos cidadãos eram iguais entre si. Cada tribo elegia um representante para o governo da cidade, o que impedia que só os mais ricos pudessem tomar nas suas mãos o destino da cidade. É, pois, considerado o Pai da Democracia e todos os regimes modernos democráticos foram influenciados pelas ideias de Clístenes. Não podemos, contudo, esquecer as diferenças no tempo: enquanto hoje nós consideramos "Democracia" a igualdade de direito e de deveres entre TODOS os cidadãos, na época de Clístenes só os Cidadãos do sexo masculino tinham acesso a ela. Contudo, neste tempo, este sistema era brilhante e avançado.



Clístenes

Como era de esperar, os poderosos não ficaram lá muito contentes e tentaram criar obstáculos a este novo sistema político e social. Para evitar isso, Clístenes instituiu uma prática que permitia aos Cidadãos, por meio de voto secreto, afastar aqueles que eram contra estas novas ideias. A isso se chamou **Ostracismo**. O nome deriva da palavra **Ostraka**, pedaço de cerâmica usado para este tipo de voto.



Ostraka

Todos os anos se realizava uma assembleia de cidadãos, que escreviam sobre um pedaço de cerâmica, a *Ostraka*, o nome daquele que pretendiam afastar de Atenas por um período de dez anos. No final da assembleia conferiam-se os cacos e quem tivesse mais de 6000 vezes o seu nome mencionado era candidato a esse afastamento (Ostracismo). Se houvesse mais do que um cidadão com 6000 nomeações, era aquele que mais vezes fosse mencionado.

Educação dos Atenienses

Ao contrário de Esparta, a educação dos dois sexos era totalmente diferente da dos rapazes. Poucas eram aquelas que aprendiam a ler e a escrever. Eram entregues aos cuidados das mães, raramente saindo do **gineceu** (parte da casa destinada às mulheres) e aprendiam o necessário para serem boas esposas e boas mães. Não possuíam direitos políticos e estavam totalmente dependentes do pai e do marido. Contudo, a maioria delas possuía influência sobre a família e eram respeitadas dentro da esfera familiar, sendo muito mal visto o Cidadão que as maltratava.



Mulher Ateniense



Platão e seus discípulos

Quanto aos rapazes, os Metecos aprendiam essencialmente os ofícios das respectivas famílias e os Cidadãos seguiam um programa de estudos que privilegiava os vários ramos do Conhecimento.

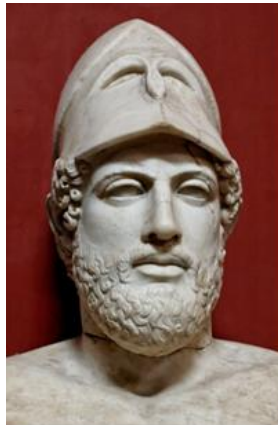
O sistema das escolas públicas, como mais tarde existirá em Roma, era aqui desconhecido. Em vez disso, havia mestres respeitados que reuniam à sua volta discípulos como, por exemplo, Sócrates ou Platão, de quem falaremos mais tarde. Os Atenienses mais abastados completavam a sua educação viajando, sobretudo, para o Egito. Heródoto foi um deles. Com efeito, muito do que conhecemos desta antiga civilização, a ele o devemos.

SÉCULO DE PÉRICLES

ATENAS: O FUNCIONAMENTO DO REGIME DEMOCRÁTICO

No capítulo anterior abordámos o desenvolvimento da Instituição da Democracia. Mencionámos três nomes importantes (Drácon, Sólon e Clístenes), Arcontes reformadores que permitiram que Atenas se transformasse, ao longo dos séculos, numa Cidade-Estado governada por indivíduos mais justos e igualitários. Prepararam o caminho para aquele que viria a ser conhecido como o «**Século de Péricles**».

Com efeito, foi em homenagem a Péricles, o principal governador da *Polis* de Atenas, que os historiadores baptizaram todo o **século Va.C.**



Péricles

Foi eleito pela cidade para o cargo de **Estratega** durante mais de 30 anos (462/429 a.C.). O cargo de Estratega tinha, no século V, funções políticas e militares. Certos cargos de Arcontes estiveram, no Passado, ligados a funções políticas (casos dos Arcontes Epónimo e Polemarco). Neste período estão limitados a funções religiosas e judiciais.

Péricles era sobrinho de Clístenes. Habitou-se desde muito cedo a saber viver num sistema democrático e, ao chegar à idade de exercer cargos importantes, tomou decisões que se tornaram benéficas para o grande desenvolvimento de Atenas, como potência mundial: após a última grande guerra com os Persas (Guerras Médicas), em 448 a.C., Péricles aproveitou o dinheiro da **Liga de Delos** para transformar Atenas. Mandou levantar muralhas sólidas, reconstruiu a cidade e mandou erigir na Acrópole um templo magnífico, para substituir aquele que os Persas tinham destruído.

Esse templo é hoje bem conhecido por nós. Conhecemo-lo como **Partenon** de Atenas.



Partenon de Atenas, na Acrópole

Péricles também desejou tornar a cidade mais poderosa, a nível militar. Incentivou os habitantes da *Polis* a construir uma **armada** com a «tecnologia» mais avançada da época. Esta frota era também utilizada para defender as cidades-estado mais fracas, quando eram invadidas por inimigos. Deste modo, transformou Atenas na principal potência da Liga de Delos.

Péricles não se limitou a criar medidas defensivas e económicas para a cidade de Atenas. Ele aperfeiçoou o sistema democrático, inventado por Clístenes.

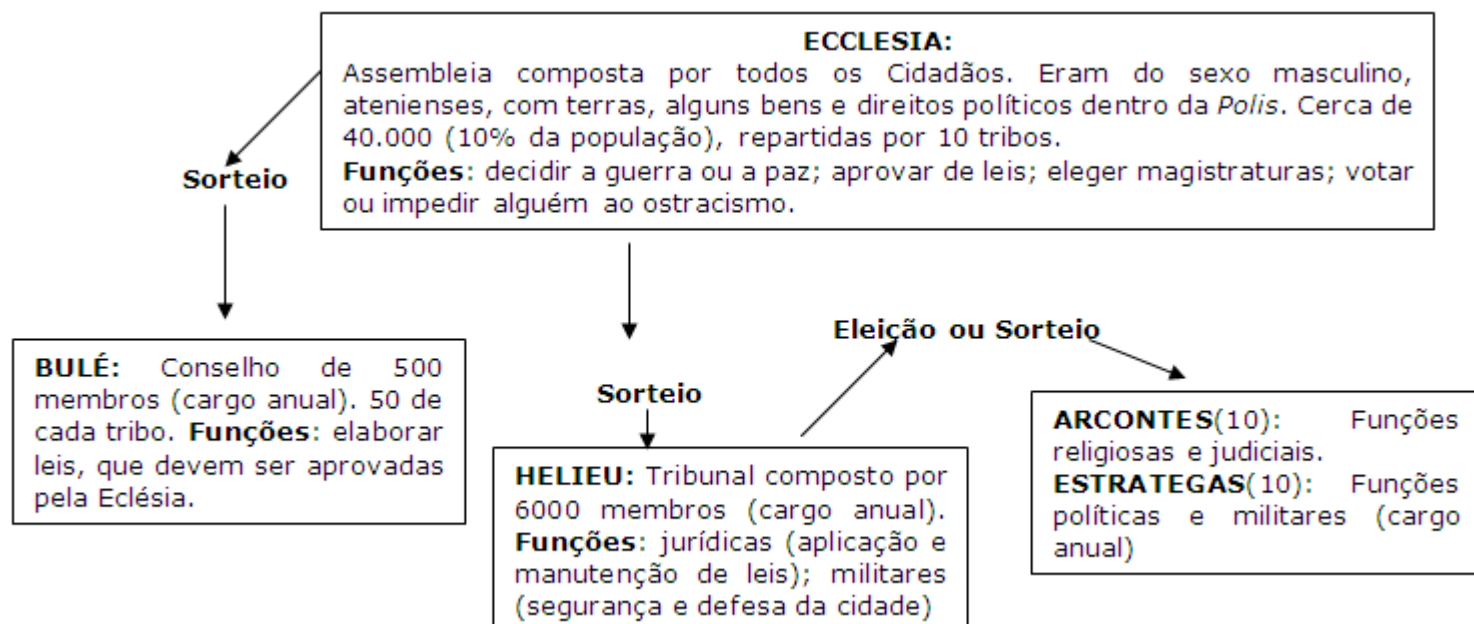
A jovem Democracia tinha algumas falhas: quando um cidadão era eleito para um cargo, este tinha que se dedicar completamente aos assuntos da *Polis*. Se não fosse abastado, as suas famílias ficavam com um parente a menos para cultivar as terras. Por esta razão, muitos se viam forçados a recusar ou abandonar o cargo, devido às dificuldades que surgiam a seguir à eleição. Péricles resolveu este problema, ao **subsidiar os menos abastados** durante o seu mandato. Isto permitiu que os mais modestos conseguissem governar até ao fim.

Por outro lado, o grande Estratega fez com que os **tribunais** e a **assembleia** se transformassem em **locais públicos**, onde os cidadãos faziam os seus debates e tomavam as decisões através da maioria de votos.

Também se opôs a um privilégio exclusivo da antiquíssima assembleia composta por nobres (**Aéropago**): o **direito de veto**. Esta assembleia tentou sempre vetar (bloquear, impedir, recusar) as reformas que ofereciam direitos a outros cidadãos da *Polis*, de origens mais humildes. Péricles aboliu esse direito, criando um «**Governo do Povo e para o Povo**».

Eis um esquema do funcionamento da Democracia Ateniense, no século V:

DEMOCRACIA ATENIENSE - ESTRUTURA



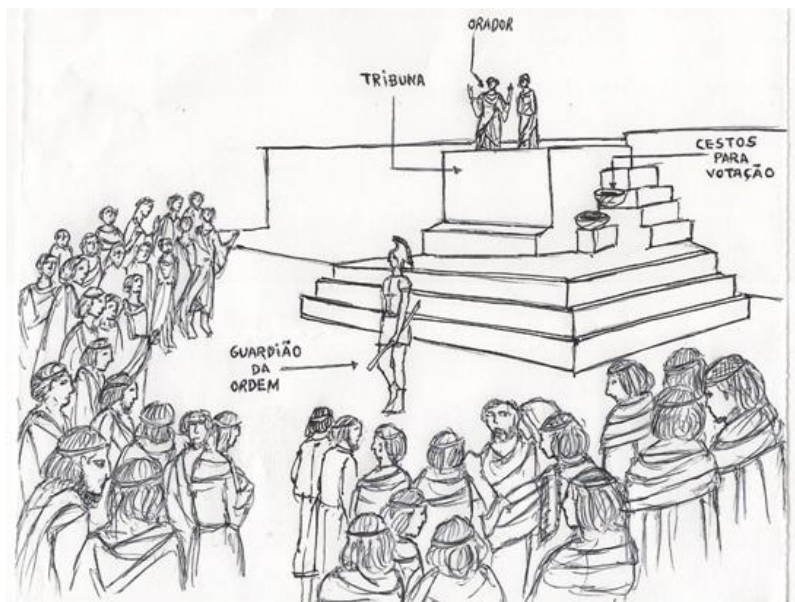
VIDA POLÍTICA EM ATENAS

A maioria das decisões tomadas pelos cidadãos era tomada em espaços públicos. A *Ecclesia* (o conjunto de todos os cidadãos) reunia-se numa colina próxima à Acrópole, que se chamava *Pnyx*. As reuniões faziam-se quatro vezes por mês. A *Pnyx* tinha este aspecto:



Pnyx, em Atenas

Como podem ver na imagem, é uma espécie de praça onde se situavam, ao fundo, lances de escadas. Por cima delas estava um patamar mais alto (aqui, na imagem, já está parcialmente destruído), a **Tribuna**. Era nesse degrau mais alto que ficava o orador e daí falava para a multidão, defendendo ou acusando uma pessoa ou uma decisão. A *Ecclesia* ouvia os argumentos daquele que orava. No lance de escadas, um pouco abaixo da Tribuna, estava um **Guardião da Ordem**, que era encarregado de acalmar as multidões quando estas começavam a discutir, a interromper algum cidadão ou a ficar violentas. Também observava os cidadãos, para saber quem é que falava primeiro ou a seguir (para que todos pudessem ter direito à palavra).



Vida Política em Atenas

Após a discussão, a *Ecclesia* partia para a **votação**. A decisão era tomada pela maioria, através de uma mão levantada para o ar.

No caso de se julgar uma pessoa, eram utilizados dois tipos de objectos:

Ostraka - Caco de cerâmica (já mencionámos este sistema de voto no capítulo anterior), onde eram escritos os nomes daqueles que deveriam ser exilados da cidade por um período de 10 anos. Eis o nome de dois atenienses ilustres que foram exilados:



Temístocles - Grande general que teve ostracismo. Sim, também ele!



Péricles também foi sujeito ao papel decisivo nas Guerras Médicas: Batalha de Salamina (480 a.C.)

Fichas de Votação - Para outro tipo de julgamentos eram usadas fichas. Os **Heliastas** (cidadãos que faziam parte de **Heliou** - ver esquema da estrutura da democracia ateniense), votavam com dois tipos de fichas redondas: uma com um orifício e outra lisa. A lisa era utilizada para a absolvição; a ficha com orifício era usada para a condenação.

Se Clístenes foi considerado o «Pai da Democracia», Péricles, por seu lado, foi o Pai da «Idade de Ouro da Democracia Ateniense». Atenas, sob o seu governo prosperou e serviu de exemplo para o mundo conhecido. Eis um excerto de um dos seus discursos. Podes lê-lo na integral, no link em baixo.

(...) A nossa constituição política não segue as leis de outras cidades, antes lhes serve de exemplo. O nosso governo chama-se Democracia, porque a administração serve aos interesses da maioria e não de uma minoria.

De acordo com as nossas leis, somos todos iguais no que se refere aos negócios privados. Quanto à participação na sua vida pública, porém, cada qual obtém a consideração de acordo com os seus méritos e mais importante é o valor pessoal que a classe a que se pertence; isto quer dizer que ninguém sente o obstáculo da sua pobreza ou da condição social inferior, quando o seu valor o capacite a prestar serviços à cidade. (...)

*** RELIGIÃO E CULTURA ***

RELIGIÃO NA ANTIGA GRÉCIA

MITOLOGIA E RELIGIÃO

Ao estudarmos as crenças religiosas na Grécia Antiga, temos por vezes alguma dificuldade em distinguir **Religião** propriamente dita de **Mitologia**. Todas as culturas têm os seus **mitos** que tentam explicar factos ou fenómenos para os quais não se conhece ainda uma explicação científica. As categorias principais dos mitos são:

- sobre a origem do Mundo - **Cosmogonia**
- sobre a origem dos deuses - **Teogonia**
- vida depois da morte ou fim do mundo - **Escatologia**

Os mitos tentam, ainda, explicar acontecimentos ou sentimentos que são a base da vida: o Amor, o Nascimento, o Tempo, o Destino, a Morte, etc...

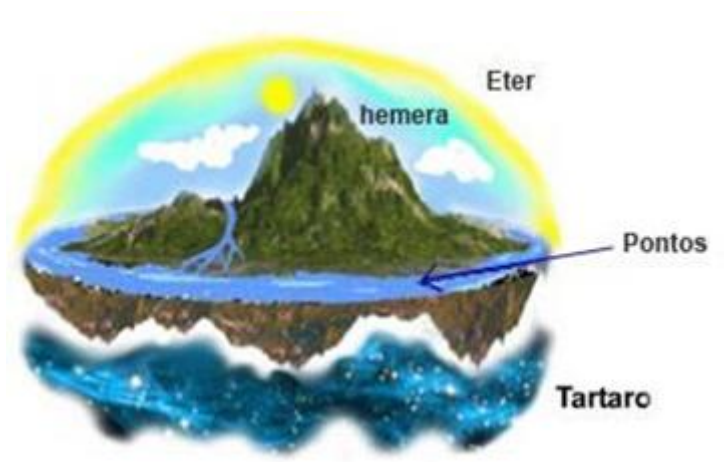


Gea



Érebro

Os Gregos acreditavam que, no princípio do Mundo, existia o Caos (vazio sem matéria nem forma). Várias forças primitivas entraram então em acção, tais como a Gea (Terra), Eros (Amor) entre outras. Essas forças fizeram surgir outras entidades, como Érebro (Escureza) ou Nix (Noite). Nix foi a mãe de Éter (Atmosfera) e de Hemera (Dia). Gea, sem nenhum auxílio masculino, dá à luz Urano (Céu) e Pontos (Mar).



Cosmogonia Grega

E assim estavam reunidas todas as forças necessárias para que o Universo pudesse existir. Os Helenos dividem então a história sobrenatural do Universo em quatro fases:

1 - Forças Primitivas

Úrano (Céu) une-se a Gea (Terra) e têm muitos filhos de força sobrehumana: os Titãs e as Titânides. O mais novo foi **Cronos** (Tempo). Com medo de ser destronado, Úrano obrigava mulher a guardar dentro do seu ventre os filhos que ia gerando sem os deixar vir ao Mundo. Geia acaba por se revoltar e pede ao filho Cronos que a ajude. Este mutila e mata o pai, libertando os irmãos e tornando-se senhor de todo o Universo.

2 - Primeira Geração

Assim que começou a reinar no Universo, Cronos provou ser tão egoísta e mau governante como seu pai. Casado com Rea, cada filho que esta lhe dava era imediatamente engolido por ele.

Quando Zeus nasce, Rea apresentou ao marido uma grande pedra embrulhada como se fosse um bebé. Ele engoliu a pedra e Zeus salvou-se. Quando chegou a adulto, revoltou-se contra o Pai. Houve uma grande guerra entre Cronos e os seus irmãos de um lado, e Zeus e os irmãos que ele libertou do ventre do pai, de outro lado. Ganhou Zeus e assim começou o poder da Segunda Geração.

3 - Segunda Geração

São conhecidos como **Deuses do Olimpo** ou **Deuses Olímpicos**, porque estabeleceram a sua morada no **Monte Olimpo** (montanha muito alta situada ao Norte da Grécia e cujo cimo está sempre nevado), depois de ter vencido a geração anterior. Quando a luta terminou, três grandes deuses fizeram um sorteio para saber que parte do Mundo iriam dominar. **Zeus** ficou com o Céu, **Poseidon** com o mar e **Hades** com o mundo subterrâneo. Mas todos compreenderam que o mais poderoso era Zeus.



4 - Terceira Geração

É o tempo em que aos deuses da segunda geração são acrescentados os seus filhos, continuando Zeus a ser o mais importante. É também o tempo em que aparecem os Homens.

Efectivamente, com o Mundo criado e a estabilidade conseguida entre os deuses, era preciso criar animais e também o mais inteligente deles todos: o Homem. Zeus encarregou **Prometeu e Epimeteu**, antigos Titãs, de os criar e de lhes dar os dons de coragem, força, corrida, etc, que permitissem a sua defesa e continuação da espécie. Prometeu pegou num pouquinho de terra, misturou-a com água e criou os Humanos. Quis que caminhassem erectos para os distinguir dos outros animais que olham para o chão; o Homem deveria olhar para as estrelas. Epimeteu, por sua vez, tinha distribuído os dons aos vários animais mas quando chegou a vez do Homem já não tinha nenhuns de sobra. Assim, Prometeu subiu ao céu, acendeu uma tocha numa das rodas do carro do Sol, e entregou o fogo ao Homem. Com este dom, o Homem conseguiu aquecer-se, defender-se das feras, construir armas, etc e tornou-se realmente o mais forte dos animais.



Prometeu trazendo o Fogo ao Homem

Nota: Há mais do que uma versão da entrega do Fogo aos Homens por Prometeu. Deixa que a tua curiosidade te transforme em investigador e vai à procura na Biblioteca da tua escola (o *Dicionário de Mitologia Greco-Romana*, de Pierre Grimal, é uma dica) ou na Net das outras versões.

DEUSES OLÍMPICOS

Em relação aos **deuses olímpicos** pode já falar-se de **Religião** e não apenas de Mitologia. Os Gregos, pelo menos na sua maioria, acreditavam que eles seguiam a vida dos Homens e que interferiam nela. Prestavam-lhes culto, ofereciam-lhes sacrifícios, consultavam-nos através de adivinhos e sacerdotes especializados que diziam comunicar-se com eles e interpretar as suas vontades.

O caso mais conhecido é o do **Oráculo de Delfos**. Esta palavra significava: resposta do deus a quem o consultava. Com o tempo, acabou por aplicar-se também ao local onde essas consultas se realizavam e, por vezes, à pessoa que tinha autoridade suficiente para falar em nome do deus.



Ruínas do Templo de Apolo, em Delfos

As peregrinações a Delfos, onde o mais famoso templo dedicado a Apolo se situava, duraram mais de 1500 anos. Vinham pessoas de todas as cidades-estado gregas mas também estrangeiros de outros estados e regiões, para consultar o deus.

A razão para que este templo se tivesse tornado tão importante é explicada pelo mito que conta a sua construção:

Mito do Oráculo de Delfos

Dizia-se que Zeus quis saber exactamente onde ficava o centro do Mundo. Então pediu a duas águias que voassem a partir de dois pontos na extremidade da Terra e opostos um ao outro. O ponto em que se encontraram determinava o centro do mundo e Zeus chamou-lhe **Ônfalos, o umbigo do Mundo**. Esse lugar situava-se perto do monte Parnaso, próximo da cidade de Delfos, e Zeus prometeu aos Homens que aí responderia a todos quantos lhe quisessem pedir conselhos.



A região, contudo, pertencia a uma cobra com poderes quase sobrenaturais, **Pítion**, que não deixava ninguém aproximar-se. Apolo combateu, matou a serpente e enterrou os seus restos no solo. Sobre esse ponto ergueu-se um templo que veio a ser o templo de Apolo e Zeus delegou neste deus a tarefa de ouvir e orientar quem quisesse consultar os desígnios dos deuses.

Apolo, que também é considerado o deus da adivinhação, passou a ser conhecido como o **deus Pítio** (por ter vencido a Pítion) e os Gregos passaram a chamar **Pitonisas** a todas as sacerdotisas que tivessem o dom de adivinhar. A mais famosa era, precisamente, a do oráculo de Delfos. Antes de começar uma consulta, ela jejuava durante três dias, mascava folhas de loureiro e isolava-se em meditação. Ao fim destes 3 dias, banhava-se na fonte de Castália, cujas águas eram consideradas sagradas, e dirigia-se ao templo. Sentava-se numa cadeira alta com três pés (**trípode**) por cima de uma fenda de onde exalavam vapores sulfurosos que se consideravam capazes de provocar o transe que permitia a profecia. Durante esse transe, ela divulgava o oráculo, geralmente de uma forma vaga e misteriosa, que cabia depois aos sacerdotes interpretar. Regra geral, a seu lado, durante todo o transe estava um sacerdote encarregado de anotar todas as palavras que a Pitonisa ia dizendo.



Pitonisa

Outro exemplo de templos importantíssimos para os Gregos são os dedicados a **Asclépio** (em Roma, chama-se Esculápio). Segundo algumas versões, era filho de Apolo e de uma mortal, segundo outras foi um mortal que, pelos seus conhecimentos médicos foi feito deus após a sua morte. Os templos erguidos em sua honra transformaram-se pouco a pouco em sanatórios. Os crentes dirigiam-se a esses locais sagrados em busca de cura para as suas doenças e dores. Todos eram aceites, mesmo os escravos. O mais importante destes templos era o que foi construído no Peloponeso e que se chamou **Templo de Epidauro**. Todos os anos aí se realizava um festival em honra de Asclépio, chamado a Epidauria. Acreditava-se que durante o festival todos os enfermos que dormissem no templo e fossem visitados pelo deus em sonhos, se fizessem o que ele dizia, seriam curados.

Nota: Castália fica perto da cidade de Delfos, da qual actualmente só restam ruínas. Havia ali um bosque de loureiros dedicado a Apolo. Nesse bosque havia várias fontes e era junto de uma delas, a fonte de Castália, que Apolo tocava lira enquanto as musas das fontes, chamadas naiades, cantavam e dançavam

Conheces esse símbolo?

É o símbolo da Medicina, ainda hoje usado em honra de Asclépio que era muitas vezes representado apoiado a um bordão envolto por uma serpente.



Caduceu de Asclépio

Apolo era um dos seguintes doze deuses mais importantes do Olimpo:

Zeus - Senhor do Céu, o mais importante dos deuses, o raio era a sua arma mais letal.



Zeus

Hera - Esposa de Zeus, protectora dos casamentos. Muito ciumenta, vingava-se sempre das deusas, semideusas e mortais com quem o seu inconstante marido tinha várias aventuras.

Nota: O pavão é um animal tradicionalmente ligado a Hera porque, como ela não conseguia saber de todas as aventuras do marido, pediu ao pavão que a ajudasse. Este disse não conseguir ver tudo ao mesmo tempo e, então, Hera dotou a sua cauda de mil olhos.



Hera

Poseidon - Irmão de Zeus, era o senhor dos mares e estava logo abaixo de Zeus na hierarquia do Olimpo.



Poseidon

Dioniso - Filho de Zeus e de Sêmele, é deus da alegria, do vinho e dos bosques.



Dioniso

Palas Atena (também conhecida apenas como **Atena**) - saiu inteira e vestida de armadura da cabeça de seu pai - Zeus. Era deusa da sabedoria e a filha favorita de Zeus.



Palas Atena

Apolo - Filho de Zeus e de Leto (uma das muitas aventuras extraconjugais de Zeus) era muitas vezes identificado como o próprio Sol. Era deus das artes, principalmente da música, e também era patrono da medicina, tendo ensinado aos Homens muitas artes curativas. Também presidia aos dons de adivinhação.



Apolo

Artemis - Irmã gémea de Apolo, era deusa da caça e também da castidade. Estava ligada ao culto da Lua.



Artemis

Afrodite - Deusa do Amor e da beleza, muito sedutora. Dizia-se que nenhum deus ou mortal era capaz de lhe resistir.



Afrodite

Ares - Filho de Zeus e de Hera, era o deus da guerra.



Ares

Hefesto - Deus do fogo. Era ferreiro e era ele quem forjava as armas dos deuses e dos heróis semi-deuses (semideus era um filho de deus e mortal).



Hefesto

Deméter - Deusa da terra cultivada, dos cereais e da Agricultura.



Deméter

Hermes - Filho de Zeus e de Maia - era o mensageiro dos deuses. Muito rápido, esperto e manhoso, era o protector dos comerciantes mas também dos ladrões.



Hermes

Além dos deuses acima, considerados como os mais poderosos (a lista varia, mas estes são normalmente os mais aceites), outros deuses habitavam o Olimpo como, por exemplo, **Héstia**, deusa do lar, que virá a tornar-se muito importante em Roma com o nome de Vesta.

Outros deuses, também muito poderosos, não habitavam no Olimpo como é o caso de **Hades**, Senhor do **Mundo Subterrâneo** para onde iam os mortos: os bons habitavam o Eliseu e o Tártaro era a casa dos maus.

Para os Gregos, os deuses comportavam-se como seres humanos: comiam, bebiam, dormiam, amavam, odiavam, eram sujeitos a ciúmes, à raiva, à ira, mas também eram capazes de compaixão e de bondade. Casavam, tinham aventuras de todos os tipos, tinham filhos, guerreavam entre si e faziam as pazes, etc... A este

fenómeno que consiste em imaginar divindades com características humanas chama-se **Antropomorfismo**.



Deuses no Olimpo

Se tens achado a Grécia Antiga interessante, porque não tentas, por ti mesmo, descobrir mais? Tenta, por exemplo, descobrir como se chamavam aqueles seres meio humanos meio cavalos. Ou, por falar em cavalos, quem eram aqueles cavalos voadores? Pesquisa. Os tesouros são mais ricos quando nós mesmos os desenterramos...

ARTE ENTRE OS HELENOS

A Civilização Helénica (com especial destaque para os Atenienses) foi aquela que deixou a influência mais duradoura na Arte Ocidental. Tudo aquilo que nós consideramos «Clássico» na Pintura, Escultura e Arquitectura tem origem na Arte que se produziu em Atenas a partir do século V.

Todas as noções de proporção e de perspectiva derivam de todo um conjunto de regras que os Helenos inventaram há milhares de anos.

Para compreender melhor o impacto que as revoluções artísticas provocaram na Antiguidade, vamos apresentar, de forma breve, uma pequena História da Arte Grega, a partir do Período das Trevas.

Período das Trevas (sec XII a IX)

Como já foi mencionado num capítulo anterior, a Península Balcânica passou por um período de caos que se seguiu a grandes cataclismos que derrubaram a Civilização Micénica. Nesta altura desaparecem, quase por completo, os edifícios de pedra e a Escrita. A Arte da época perde o esplendor dos frescos minoicos e as estruturas grandiosas de Micenas. Torna-se simples, geométrica. É por isso que também se atribui o nome **Geométrico** a este período.



Exemplos de Arte Geométrica deste período (por volta de 800 - 750 a.C.)

A escultura era muito simples - geométrica, com formas muito estilizadas. Eis alguns exemplos:



Pequenas esculturas do Período Geométrico

Período Arcaico (sec VIII - VI a.C.)

Foi a partir do século VIII a.C. que as ilhas gregas começaram a sair do seu isolamento e a entrar finalmente em contacto com o Mundo Mediterrânico e com o Norte de África (mais precisamente com o Egipto). A Escultura, Pintura e Arquitectura são muito influenciadas pelas técnicas dos países com os quais os Helenos entram em contacto. Eis alguns exemplos:



Escultura do século VI a.C. - mais uma vez a influência egípcia se faz notar, sobretudo na posição dos corpos.

ESCULTURA

Neste período, os escultores ainda experimentavam dificuldades em dar flexibilidade às figuras humanas. Ainda não eram anatomicamente correctas, mas já apresentavam alguma preocupação com as proporções. A beleza da obra, tal como acontecia com a escultura e pintura egípcias, estava no detalhe:



Tocado de uma escultura feminina



A mesma escultura, de frente

Notem bem o tipo de penteado: parecem-se com os complicados penteados que vemos nos habitantes da Mesopotâmia.

Tal como as obras feitas pelos Egípcios, as figuras humanas gregas eram **maciças**, com uma **postura rígida**, assemelhando-se a colunas. As figuras femininas eram conhecidas como **Kourai** (em singular - **Koré** - significa «rapariga»). As masculinas são denominadas **Kouroi** (em singular **Kouros** - significa «rapaz»).



Kouros grego
sec VI a.C.



Estátua egípcia.
sec VII a.C.



Koré grega
sec VI a.C

As estátuas eram pintadas em cores vivas, para conferir às figuras humanas uma aparência mais realista. No caso da *Koré* em cima, ainda se consegue ver a cor dos seus cabelos e o que resta de um cinto (no vestido).

ARQUITECTURA

A partir do século VI, Atenas começa a emergir como uma potência no Mundo Mediterrânico. Quase todas as grandes revoluções artísticas vão ser feitas nesta cidade e uma das que irá ter mais destaque será a da Arquitectura. No entanto, todos nós sabemos que as ideias não aparecem do nada. Poucos sabem que o modelo que serviu de «maquette» a todos os templos que se seguiram foi o antigo *Mégaron* Micénico, um edifício central que se encontrava no interior dos palácios em Micenas e que era, ao mesmo tempo, um local de culto. É com base nesse tipo de planta que surge, no século VII a.C. a primeira Ordem Arquitectónica grega: a **Ordem Dórica**. Teve origem no sul da Grécia, nas costas do Peloponeso.



Templo Micénico



Templo de Poseidon, sec.VI a.C.

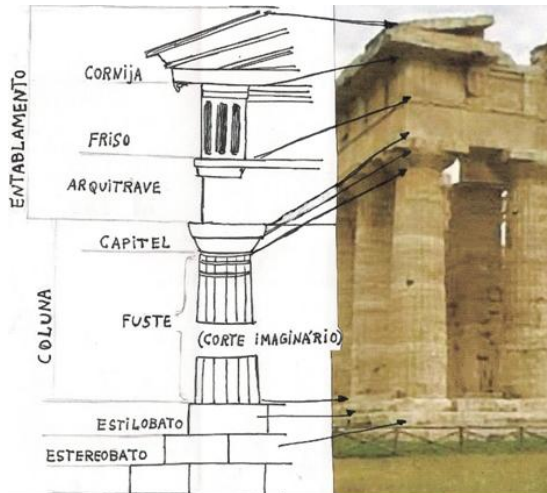
Ordem em Arquitectura ou Escultura, é um conjunto de regras e características consideradas como o «certo» pelos entendidos em determinada época. Utilizando uma analogia com os dias de hoje, tu dirias: é o que está *in*

Os primeiros Templos Dóricos ainda não atingiam o aspecto refinado, com as colunas esguias que estamos acostumados a ver nos documentários, que geralmente se focam em tempos mais tardios. Os edifícios ainda são muito simples: baixos e maciços, possuem uma fileira de colunas grossas (mais tarde terão duas), agrupadas muito próximas umas das outras (para sustentar o tecto), à semelhança dos edifícios da época, em muitos lugares do mundo.

No entanto, já se notam aqui as bases do modelo arquitectónico que veremos na chamada Arquitectura Clássica, que se irá espalhar por todo o mundo, especialmente na Civilização Romana: um edifício rectangular, assente numa plataforma de degraus, com um tecto triangular sustentado por fileiras de colunas.

Vê [aqui](#).

Também surgem, nestes edifícios, certas componentes que se vão tornar frequentes na futura Arquitectura do Ocidente:



Ordem Dórica
Templo de Poseidon

A Ordem Dórica durou até ao século V a.C. Na verdade, o mais famoso templo dórico é o **Pártenon**, em Atenas (447-436 a.C.). O arquitecto principal foi Ictino e o escultor foi Fídias. Observa uma verdadeira maravilha realizada pelo Museu Britânico: um [Pártenon virtual](#). Como poderia ele ter sido, no Passado?

Período Clássico
(coincidente com o século de Péricles)

ARQUITECTURA

A Ordem Dórica coincidiu com o aparecimento de outras duas Ordens: a **Jónica** e a **Coríntia**. Qual é a diferença entre elas?

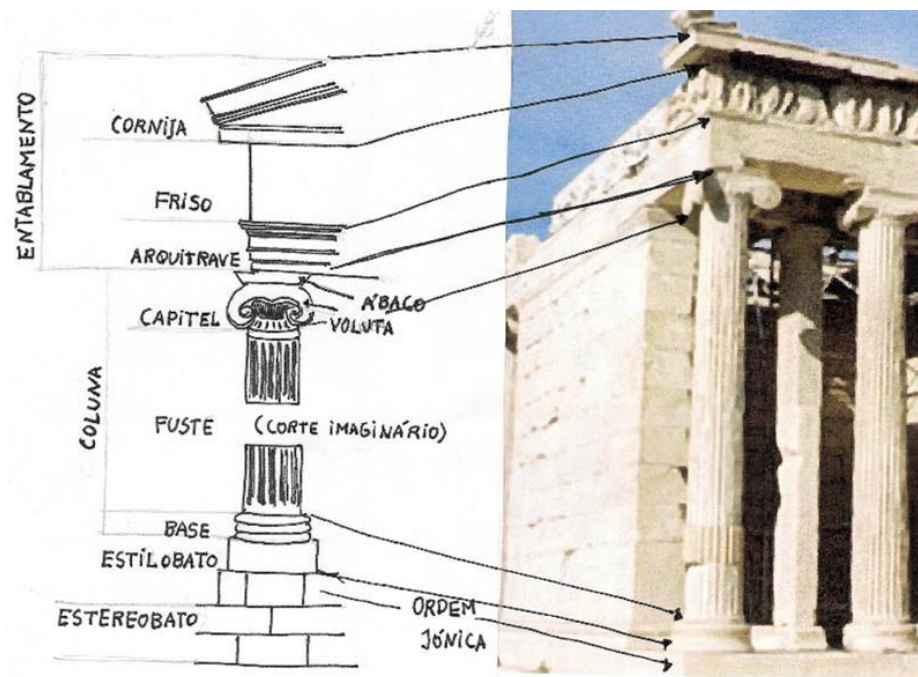
Os Templos Jónicos já são mais altos e possuem duas fileiras de colunas mais esguias. Sobretudo notam-se as diferenças no tipo de coluna: a **Jónica** possui uma base própria (ao contrário da primeira, que está assente directamente na plataforma de degraus) e o capitel tem uma aparência completamente diferente (muito mais detalhado, como se vê na ilustração). Eis um exemplo de templo jónico, em Atenas:



Templo de Atena Nikê
(Atena vitoriosa), em
Atenas.

432-420 a.C.

Esquema de um templo Jónico:



Templo Jónico - Templo de Atena Nike

A última ordem Arquitectónica chamou-se **Coríntia**. As diferenças entre esta ordem e as anteriores pode ser verificada, mais uma vez, na espessura e altura das colunas (muito altas e muito esbeltas). Estas eram encimadas por um capitel extremamente requintado, com motivos de folhas e flores. Apenas os operários mais dotados para a escultura podiam fazer estas colunas tão requintadas. Eis alguns exemplos:



ORDEM CORÍNTIA

Exemplo pormenorizado de uma coluna coríntia.



Coluna coríntia



Templo de Zeus - sec. II a.C.

A Ordem Coríntia seria aquela que os Romanos iriam adoptar na sua Arquitectura, por acharem que, de entre as três, era a mais elegante e bonita.

Também foi utilizado outro tipo de «colunas» (se é que se pode chamá-las desse modo), para sustentar o Entablamento: eram figuras femininas, denominadas **Cariátides**.



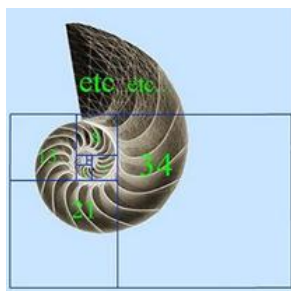
Cariátides

Tornaram-se muito populares entre os Gregos a partir do Período Clássico e foram muito apreciadas pelos romanos abastados que nunca se cansaram de as colocar nos seus palácios.

É preciso salientar, mais uma vez, que estes edifícios eram pintados. Os Gregos não gostavam de edifícios brancos e «vazios de cor». E por falar em cor, aqui fica um pequeno vídeo que apresenta o Pártenon em toda a sua glória, como ele seria hoje caso nunca tivesse sido destruído ou atacado. Infelizmente esta grande Obra-Prima da Humanidade foi usada como pedra para construir novas casas durante a Idade Média (era considerada um edifício pagão, sem importância), foi partida por balas de canhão nos séculos XVII, XVIII e XIX da nossa Era, e muitas das suas esculturas e frisos foram tiradas das paredes por «homens de letras» que resolveram levá-las para os museus dos seus países e colecções privadas. Este vídeo é uma homenagem à beleza deste templo. Vale a pena [ver](#).

A REGRA DE OURO NA ARTE GREGA

A Civilização Grega nunca poderia ter chegado a este nível de desenvolvimento e criatividade se não tivesse inventado a **Filosofia** e não tivesse tido grandes sábios que estudavam o Universo e a Natureza. Foi, com efeito, o «**Amor à Sabedoria**» (em Grego, Filosofia) que levou os Gregos ao estudo da **Matemática**, da **Geometria**, do **Espaço** e das **Formas** (que consideravam mágico e sagrado). A partir dessa observação descobriram que tudo o que existia (desde as folhas das árvores aos dedos das nossas mãos) tinha sempre as mesmas formas geométricas (Rectângulos, Triângulos, Pentágonos, etc...) e a mesma medida. A essa medida eles chamaram **phi**, o «Número Áureo» através do qual se cria a «**Regra de Ouro**» ou «**Divina Proporção**». Confuso? Pois ora [vê](#).



A Divina Proporção (*phi*) numa simples concha

Toda a Arte deste Povo estava sujeita a este Cânone. Um Cânone é um conjunto de regras pré-determinadas (regras para a Escultura, Arquitectura, padrões de beleza, etc...) e todos os artistas tinham que as seguir, porque elas eram consideradas as regras do Universo.

ESCULTURA

Todas as formas de Arte desenvolvidas na Antiga Grécia estavam sujeitas à regra de **phi** e a quatro princípios: **Simetria**, **Harmonia**, **Equilíbrio** e **Proporção**. Por outras palavras, nem demais, nem de menos.

Cada edifício ou corpo tinha que ser perfeito, com os dois lados (esquerdo, direito) exactamente iguais e com as mesmas proporções (Simetria - como um objecto e a sua imagem num espelho).

A Beleza, para o escultor grego, era inatingível, era um ideal que não podia ser conseguido na nossa realidade: nenhum de nós é completamente simétrico dos dois lados. Há sempre um braço mais comprido que o outro, um olho um pouco mais acima que o outro, etc... A Escultura Clássica representava seres perfeitos. Os homens escolhidos para serem esculpidos pelos artistas eram atletas, devido ao seu corpo saudável (os Gregos valorizavam muito o Desporto). Os outros três princípios, Harmonia, Equilíbrio e Proporção estavam relacionados ente si. As medidas da cabeça, do tronco, das pernas, por exemplo, tinham de obedecer à Regra de Ouro e tinham de «parecer» naturais embora já saibas que o não eram - não existem assim na Natureza. A figura, ou o edifício, ou a coluna, fosse o que fosse, não podia ter a aparência demasiado pesada ou, pelo contrário, não assente na base. As expressões dos rostos deveriam ser serenas, etc... Em suma: tudo devia ser calmo, equilibrado, suave, sereno...Perfeito!!!

Alguns dos nomes que ficaram para a História da Escultura foram **Fídias**, **Praxíteles**, **Míron** e **Policleto**. Eis uma obra de cada um deles. De certeza que conheces pelo menos uma delas:



Praxíteles - Hermes
(364 a.C.)



Fídias - Atena
(438 a.C.)



Míron - Discóbolo
(490-430 a.C.)



Policleto
(450 a.C.)

...e ainda há essa estátua fabulosa, conhecida como Vénus de Milo. Será do Período Clássico? Não, é uma escultura tardia, datando de cerca de 130 a.C., atribuída a Alexandros de Antioquia. Que tem esta obra de tão especial? Bem, para além de ser linda, ela é uma obra de Escultura Clássica. Sem dúvida que Alexandros aprendeu, um a um, todas os Cânones ensinados pelos Gregos. Todo o legado da



Vénus de Milo

Civilização Helénica está lá. e este legado vai aparecer, séculos mais tarde, em Miguel Ângelo, Da Vinci, Rafaello, Botticelli...e nunca mais daqui saímos, se começarmos a mencionar os nomes daqueles que se inspiraram na escultura da Grécia Antiga.

PINTURA

Em relação à Pintura, as notícias não são animadoras: quase nada chegou até nós. Sabemos que pintavam estátuas e edifícios, mas sobraram poucos traços de tinta. Sabemos, também, que pintavam tudo com cores vivas e contrastantes (azul indigo, preto, escarlate, branco, amarelo...

Podemos imaginar a Pintura Grega a partir daquilo que vemos na Cerâmica. As pinturas eram de dois tipos:

Figuras negras sobre fundo vermelho, amarelo ou ocre.

Figuras vermelhas, amarelas e brancas sobre fundo vermelho, negro ou ocre.

Os Gregos gostavam do contraste, da diferença entre claro- -escuro na Cerâmica. Aplicavam, é claro, os princípios anatômicos usados na Arquitectura ou Escultura. Os temas eram variados. Tanto podiam pintar uma Pitonisa num trípode como podiam pintar atletas a correr numa maratona ou um episódio da sua Mitologia. A imaginação dos Gregos (como é costume nos povos criativos) foi sempre muito fértil. E não se limitou à Criatividade Artística: eles também inventaram o **Teatro**. E o Teatro é precisamente o tema que iremos desenvolver a seguir.

AS LETRAS E SABER GREGOS - PARTE A

Ao longo de toda esta unidade aprendeste bastante sobre os Gregos: foram os descobridores da «**Divina Proporção**»; revolucionaram a **Arquitectura**; inventaram a **Democracia** e a **Filosofia**... mas a sua criatividade não se fica por aqui: eles também inventaram o **Teatro**.



Máscaras de Teatro - Mosaico Romano.

TEATRO

Todos nós estamos familiarizados com a profissão de Actor: ele simula as emoções das personagens que representa; encarna essas mesmas personagens (a ponto de os espectadores se convencerem de que estas existem mesmo!). E todos estamos habituados a vê-los num palco ou num ecrã de Cinema - com uma certa distância entre eles e nós. Também sabemos que existe um lugar onde eles actuam - um teatro (os Americanos chamam às suas salas de cinema *Theater*). E conhecemos os seus nomes e as obras que representam. Pois bem, é isso o Teatro - algo que foi inventado na Grécia e que ganhou raízes em todas as Civilizações posteriores.

Teatro deriva da palavra grega *Théatron*, que significa «Lugar onde se vê». É, portanto, uma recriação da própria Realidade. Tal como toda a matéria representada na Arte recria o «Número *phi*», o Teatro recria as emoções e as relações entre os Homens e os Deuses.

Os textos mais antigos sobre uma arte *semelhante* ao teatro grego encontram-se (mais uma vez)...no Egipto. Datam de cerca de 4.000 a.C. e foram encontrados nas Pirâmides. Neles estão escritas instruções de como um actor deveria representar o seu papel no espectáculo (baseado em ritos sagrados) e que máscara de animal deveria usar (sim, eles também já usavam máscaras). Qual é a diferença entre estas antigas representações e o teatro grego, como o conhecemos? Ambos têm actores que representam alguém, esses actores, tanto egípcios como gregos usam máscaras e adereços e ambos recriam algum acontecimento mitológico, relativo à sua Religião. Então onde está a diferença? Pensa-se que os dramas egípcios fossem apenas representados nos templos e estavam ligados a cultos sagrados. Também se crê que acreditavam que estes textos, representados pelas almas dos mortos, pudessem apaziguar os deuses. O Teatro grego tinha um público e, embora, baseado em temas mitológicos, o tema central era o Homem.

O Teatro Grego (como forma de Arte propriamente dita) teve as suas origens no século VII a.C. nas festas sagradas, ligadas ao **Culto do Deus Dioniso**, deus da alegria e do vinho.



Festas Dionisiacas (já ritualizadas) - É a partir delas que vem o Teatro Grego

Eram celebradas na Primavera, com cânticos e danças e, nesses dias (que eram 6), erguia-se um palco onde se declamavam poemas em homenagem ao deus. Também se escreviam obras que narravam as histórias dos deuses, que depois eram representadas no sopé da Acrópole por actores. Foi neste contexto sagrado que o Teatro, como nós o conhecemos, teve o seu começo. Têm aqui um pequeno excerto de uma recriação dos ritos dionisiacos. É pena serem apenas uns míseros 30 segundos: [aqui](#).

Nesses dias era realizado um concurso de novos talentos na arte de escrever e declamar. Com o tempo, esse concurso tornou-se mais complexo, até adquirir a dimensão de uma verdadeira competição internacional, de onde saíram grandes mestres.

No início existia apenas um **Coro** (conjunto de indivíduos que cantavam e declamavam os poemas), que era conduzido por um solista, o **Corifeu**. Mais tarde, um poeta de nome **Téspis** (do qual nada chegou até hoje), fez algo de verdadeiramente inovador: quando estava no palco, pronto para a sua declamação, desceu dele, e exclamou para o público: «eu sou Dioniso!» e lidou com o Coro e o Público como se a declamação fizesse parte da realidade. Isso levou a que todos entrassem em diálogo com ele. Modificou as máscaras, colocando-lhes emoções, para que aqueles que estivessem ao longe, pudessem compreender o que o Coro estava a sentir.



Máscaras Gregas - representações de várias emoções

O sucesso foi estrondoso. *Téspis* foi o primeiro actor da História e inventou o palco onde entrava em contacto com os espectadores (**Thymele**). A partir daí os poetas (os textos eram todos escritos de forma poética) começaram a aumentar o número

de figuras no palco que interagiam com o coro e o público. Através dessa interacção criou-se aquilo que viria a ser, mais tarde, a **Tragédia**.

Todos os anos eram seleccionados, numa pré-eliminatória, três candidatos (dos muitos que concorriam). Estes tinham que apresentar três Tragédias e uma Comédia. O vencedor era coroado com uma Coroa de Hera e tinha o seu nome inscrito nos registos de honra da cidade.

A TRAGÉDIA

O que é uma **Tragédia**? Para já vamos dissecar o nome: vem de duas palavras (**tragos** = **Bode** e **oidé** = **Canto**). As festas dionisiacas tinham cantos que honravam Dioniso e costumava-se sacrificar um bode em sua honra porque este deus se transformava em bode para fugir da deusa Hera, que o odiava e lhe queria mal.

A Tragédia punha em cena as emoções humanas: o medo, o ódio, a tristeza. Com base nelas, construíam-se as histórias que eram consideradas importantes para os Gregos: a revolta do ser humano, que se recusava a aceitar um destino que lhe tinha sido imposto; o desespero de uma personagem que tentava fugir de um castigo ou maldição que tinha caído sobre si por causa de um pecado que os seus pais tivessem cometido no Passado; o engano; a traição, etc...

Eis os componentes indispensáveis de uma Tragédia:

- **CORO**: o seu papel inicial era narrar o drama, cantando e declamando. Depois, com a introdução dos actores, passou a funcionar como espectador, como se fosse um segundo público em cima do palco. O Coro representa a serenidade e a harmonia. Os seus elementos comentam as cenas à medida que a peça se vai desenrolando e, por vezes, interagem com os actores. Eis um exemplo, retirado da Tragédia *Prometeu Acorrentado* (lembras-te da história de Prometeu, já mencionada antes?), de Ésquilo:

(...) **Prometeu** - Sim: libertei os Homens da obsessão da Morte.

Coro - Que remédio encontraste, pois, para esse mal?

Prometeu - Fiz nascer, entre eles, a cega esperança.

Coro - Poderoso consolo deste, nesse dia, aos mortais!

Prometeu - Dei-lhes um dom ainda maior: ofereci-lhes o fogo.

Coro - E o brilhante fogo está agora nas mãos dos efémeros?

Prometeu - Que por ele aprenderão um grande número de artes.

Coro - E por essas culpas te inflinge Zeus...(...)



Coro Grego, com expressões de aflição e preocupação.

- **CORIFEU:** era o «chefe» do Coro, a personagem principal deste «2º público». Muitas vezes fazia as ligações entre o Coro e os actores. Eis uma sequência, retirada da peça *Antígona*, de Sófocles:

Corifeu (após um diálogo com o Coro) - *Mas eis que chega Creonte, filho de Meneceu, novo rei do país (...). Que projecto se agitará no seu espírito, para que tenha convocado, por arauto público, esta assembleia de anciãos (...)?*

Assim que o Corifeu diz estas palavras, entra em cena o rei Creonte, com um numeroso séquito. E a partir daí o próprio Corifeu faz de Personagem e interage com o rei:

Contexto: Antígona, sobrinha de Creonte, deseja enterrar segundo os ritos sagrados o seu irmão Polínice, que morreu lutando com outro irmão. Creonte, contudo, proíbe o funeral porque Polínice lutou contra ele. Antígona desobedece e é isso que vai desencadear a Tragédia.

(...) **Creonte** - *Velai, pois, para que as minhas ordens se cumpram.*

Corifeu - *Encarrega dessa missão outros mais jovens do que nós.*

Creonte - *Já mandei colocar guardas junto do cadáver.*

Corifeu - *Que outra coisa tens a recomendar-nos?*

Creonte - *Que sejais inflexíveis para com os que infringirem as minhas ordens.(...)*



Corifeu

- **ACTORES:** Obviamente, estes eram os que representavam as personagens da peça. Alguns deles eram especializados em Tragédia e outros em Comédia mas, a maioria deles, representava os dois géneros, usando para isso máscaras e trajos diversos. Por exemplo, se um actor entrasse em cena, calçado com uns sapatos de sola altíssima, os coturnos, era certo que iria representar uma Tragédia.

Foram inúmeros os que escreveram peças de Tragédia mas, infelizmente, poucos chegaram até nós. Conhecem-se, pelo menos, três nomes importantes:

- **Ésquilo** (cerca de 525 a 456 a.C.) - Foi considerado o fundador da Tragédia. Tivemos a sorte de ter sete peças sobreviventes. As mais conhecidas são *Prometeu Acorrentado* (da qual retirámos o pequeno excerto acima), *Agamemnon* e *Os Sete Contra Tebas*.
- **Sófocles** (cerca de 496 a 406 a.C.) - Foi um tragediógrafo muito importante. Só chegaram até nós três peças. As mais representadas são *Antígona* (da qual também retirámos um excerto, exibido acima) e *Édipo Rei*.
- **Eurípedes** (cerca de 485 a 406 a.C.) - De todos estes autores é aquele que teve o maior número de peças sobreviventes (18). As mais conhecidas são *Medeia*, *Elektra* e *Orestes*.



Outra máscara: este actor está a representar o deus Apolo

A COMÉDIA

A **Comédia** tem a mesma origem que a Tragédia: nos ritos dionisíacos. A palavra vem do grego *Komoidía*. Esta mesma palavra descende de outra, **Komos** (em plural, **Komoi**), que significa «Procissão». Havia duas **Komoi**:

-uma celebrava a Natureza.

-outra era feita por jovens que corriam pela cidade mascarados de animais e batendo às portas pedindo doces e fazendo partidas.

Era considerada um género menor (daí só haver uma Comédia pedida a cada candidato). Quem assistia essencialmente às comédias eram os homens comuns, de baixa condição, enquanto as tragédias eram vistas principalmente pelas pessoas nobres, que tinham cultura, filosofavam e sabiam todas as histórias relacionadas com a Mitologia Grega.

Os temas não eram grandiosos: não abordavam os grandes heróis e as lutas entre os deuses, eram pessoas comuns que entravam nelas. Havia uma vertente política nessas obras: criticavam-se os homens de poder e as figuras influentes da *Polis*. A Humanidade e os próprios deuses são ridicularizados através do riso.

Uma das mais famosas comédias, *As Vespas*, foi escrita por um grande comediógrafo, **Aristófanes** (cerca de 452 a 380 a.C.). Logo no início vemos dois escravos que guardam a casa de Filocleon e que contam um ao outro sonhos que tiveram na noite anterior:

(...) **Sosias** - *Julguei ver, no meu primeiro sonho, sentados no Pnyx e reunidos em assembleia, uma multidão de carneiros, com báculos e mantos; depois pareceu-me que entre eles falava uma omnívora baleia, cuja voz parecia a de um porco que estivesse a ser chamuscado.*

Jantias - *Puf!*

Sosias - *Que se passa?*

Jantias - *Basta, basta, não contes mais: esse sonho fede a couro apodrecido.*

Sosias - *Aquela maldita baleia tinha uma balança na qual pesava gordura de boi.*

Jantias - *Ó desgraça! Quer dividir o nosso povo.*

Sosias - *A seu lado julguei distinguir Teoro, sentado no chão e com cabeça de corvo, e Alcibíades disse-me, tartamudeando: «Olha, Teolo tem cabeça de corvo.»*

Jantias - *E nunca Alcibíades tartamudeou mais oportunamente.*

Sosias - *E não será mau agouro o facto de Teoro ter-se convertido em corvo?*

Jantias - *Nada disso; é excelente.*

Sosias - *Como?*

Jantias - *Como? Era homem e de súbito transformou-se em corvo. Não pode conjecturar-se sem dificuldade que nos deixará para ir juntar-se aos corvos? (...)*

A Comédia era representada em duas partes (com um intervalo entre elas) e estava profundamente ligada à Democracia. Quando esta acabava, o coro tirava as máscaras e dialogava com o público.



Estatueta do sec. IV a.C., representando um actor de Comédia

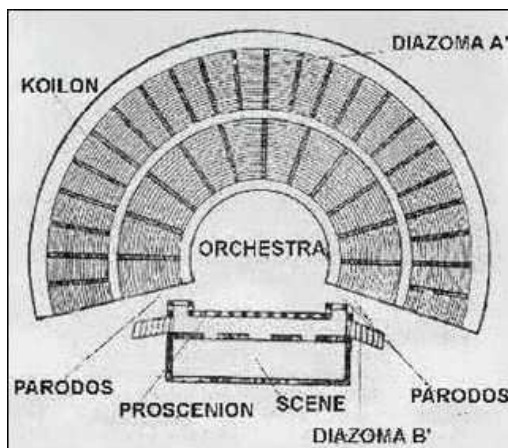
PALCO DO TEATRO



Teatro Grego Epidauro

O local onde se realizavam as peças era concebido pelos Gregos de forma a que o som se propagasse de forma eficaz. Eles eram verdadeiros peritos em **Acústica**. Os teatros tinham um som excelente. Olha só este vídeo espectacular. Ele passa-se no teatro que vemos acima, na fotografia. O som é focado no centro. Quanto mais os actores se afastavam dele mais o som se desvanecia. Contudo, desde que a representação se fizesse no local certo, todos os espectadores, longe ou perto, ouviriam da mesma forma. Vê [aqui](#).

Este teatro foi construído em 400 a.C. por Policleto, o Jovem, de Argos. Já mencionámos Ictino, o principal arquitecto do Pártenon, em Atenas. Agora já sabes o nome de outro grande Arquitecto.



Planta de um teatro grego

A área da **Plateia**, chamada **Théatron** (de onde vem o nome Teatro), era construída na encosta de uma montanha, dando a impressão de que saía dela, e tinha a forma de um **semi-círculo**, uma sucessão de degraus que desciam até ao centro, onde estava a **Orquestra**. A Orquestra era um recinto onde se encontravam os músicos que acompanhavam os actores e o Coro. Em cima da plateia era colocado o palco, feito de madeira, com o **Proskeinon** área de representação. Do termo **Keinon** surgiu a palavra «cena». Atrás dele estava a **skene**, onde ficava o pessoal que lidava com os adereços de palco, guarda-roupa e actores que não estavam a representar a cena que decorria no palco.

Os **Periactos** (na ilustração Parodos) foram mais tarde construídos para poder mover o palco e mudar os cenários. Assim, o público tinha acesso a fundos diferentes, consoante a peça:

Tragédia - Palco com Palácio ou Templo.

Comédia - Palco com casa particular.

Também faziam cenários com paisagens naturais.

Os géneros mais importantes do antigo Teatro Grego foram a Tragédia e a Comédia. Contudo, eles também tiveram géneros mistos, como a Tragicomédia ou a Sátira. Porque não tentas saber mais sobre elas?

PALCO E ACTORES

Pode parecer estranho para nós, mas durante milhares de anos (até à chegada do Cinema) a profissão de actor foi alvo de medos irracionais e de superstição. Os actores eram famosos já no tempo da Grécia Antiga mas, infelizmente, eram postos à margem da sociedade. Por outras palavras: eles serviam para ser convidados para as festas, mas não serviam para acompanhar um jantar de família.

Porque é que, durante tanto tempo, as pessoas temeram os actores? A resposta é muito simples: eles encarnavam uma personagem. Não se limitavam a representá-la - eles eram a personagem. Um bom actor (sempre um homem; as mulheres não eram atrizes) era uma espécie de camaleão, que mudava de personalidade.

E quando era muito bom naquilo que fazia, chegava a ficar irreconhecível em relação ao verdadeiro homem que encarnava as personagens. Ele não tinha um feitio e um nome: tinha vários.



Muitas Máscaras, muitas personalidades - algo que perturbava o público.

Dado que as pessoas foram durante muito tempo supersticiosas e tiveram uma forma de pensar em que a Magia e o Sagrado estavam ligados, tornou-se normal marginalizar o actor.

Porque é que o palco era alto? Para que todos pudessem ver bem a peça e para proteger os espectadores dos actores. Quando subia para o estrado, o artista entrava numa espécie de dimensão diferente da nossa, onde mudava de personalidade.

Durante muito tempo, os actores e dramaturgos (escritores de peças de Teatro) eram enterrados em lugares que não eram considerados sagrados. Na Era Cristã, até quase ao sec. XIX, eles não podiam ser sepultados nos mesmos cemitérios, em «Chão Sagrado». Acreditava-se que eles eram «criaturas amaldiçoadas» e que os seus corpos, em chão benzido iriam «contaminar» os outros corpos ali enterrados. Eram enterrados no lugar onde estavam os assassinos, as prostitutas, os loucos, os pagãos (que não eram cristãos) e os suicidas. Há até uma história incrível (é verdadeira!) que diz respeito ao dramaturgo francês Molière (século XVII!). Luís XIV, o rei de França adorava as suas peças e, quando Molière morreu, quis enterrá-lo num cemitério normal. Como a Igreja recusou (que horror, um dramaturgo em «chão sagrado!»), o rei mandou desenterrar o corpo à noite e, sem dizer nada à Igreja, enterrou-o à mesma num cemitério.

O prestígio da profissão de actor só se tornou constante com a chegada do Cinema, quando os actores e actrizes se tornaram «estrelas», olhados como semi-deuses e copiados por todos os seus fãs.

A **Arte de representar** na Grécia Antiga e, mais tarde, na Civilização Romana, não tinha nada a ver com o que estamos acostumados a ver num actor: era carregada de «tiques» e gestos muito estranhos. Era a **entoação da voz** e a **posição corporal** que dizia tudo ao público já que o actor usava muita maquilhagem ou uma máscara. A **maquilhagem** estava cheia de simbolismo, com as cores muito carregadas. A **máscara** representava as emoções. Se um homem do século XXI se metesse numa Máquina do Tempo e fosse ver uma peça num teatro grego, iria ficar confuso com tantos movimentos de corpos, braços, mãos, dedos e posturas.



Posturas corporais - O actor descobre algo; sente-se derrotado; pede piedade.

Tens aqui um pequeno anúncio brasileiro sobre «o mau comportamento no teatro». Ficas com uma ideia de como poderia ter sido: [aqui](#).

Da mesma maneira que existiam rituais para a arte de representar, havia rituais no espaço do palco:

Nascimento - Era expressamente proibido exhibir uma personagem grávida (nem que fosse um homem com uma máscara de mulher e com um volume na barriga).

Morte - Representar a Morte estava fora de questão. Quando uma personagem morria, esta tinha que estar fora do palco. O público sabia que a personagem tinha morrido, através de outros actores que anunciavam o seu falecimento, no decorrer da peça ou através do Coro.

Estes rituais, que nos parecem hoje um preconceito, tinham a sua razão de ser: os Gregos acreditavam que o Teatro era uma representação da Realidade e havia certas coisas que nunca poderiam ser postas em cena num palco, porque isso atrairia a ira dos deuses. A palavra «Obsceno» ou «Obscena» vem dessa mesma raiz. Significa «Fora de cena». Tem que se retirar da *Skene* tudo o que não é aconselhável. Hoje o termo «obsceno» é interpretado por nós como algo inapropriado, feio, mas no início não teve este sentido. Ainda hoje os actores utilizam a mesma expressão antes de começar um espectáculo, dizendo: «Fora de cena quem não é de cena!»

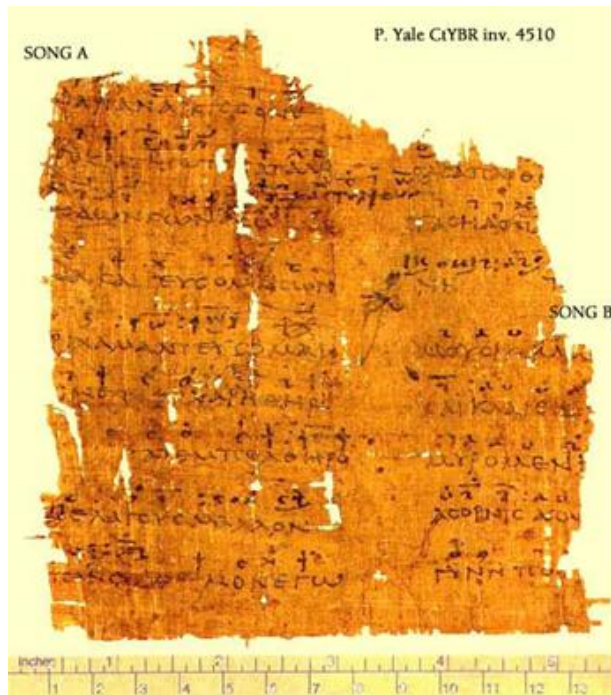
Resta-nos falar da música utilizada nas orquestras: muito pouca coisa chegou até nós. O que conhecemos vem de fragmentos tardios, alguns dos quais de época romana que são uma cópia de cópia, de cópia... Não temos, pois, a certeza de qual o grau de exactidão. Noutros casos, estudiosos «carolas» metem-se a aprender ou reconstruir instrumentos clássicos com base em frescos ou esculturas. Estas músicas eram tocadas em cerimónias sacras e, quem sabe, em teatros.



Músicos Gregos



Recriação



Fragmento de Música Grega

Para ficares com uma ideia:

Música Grega Antiga (dirigida por Seikilos): [aqui](#)

Músicas ligadas aos ritos dionisíacos (recriação de Michael Atherton): [aqui](#)

Hino Déléfíco a Apolo (tardio, do sec II a.C.): [aqui](#)

Hino a Zeus (Com pequeno poema): [aqui](#)

Lamentos: [aqui](#)

O Teatro também teve muitos «Efeitos especiais»: maquinaria, fogos, vapores, etc... mas das invenções tecnológicas iremos tratar, num outro capítulo.

LETRAS E SABER GREGOS - PARTE B: LITERATURA E CIÊNCIA

Nos dias de hoje temos a nossa própria noção de **Literatura**: separamos a **Poesia** da **Prosa** e dividimos a Prosa em vários géneros (Novela, Romance e Contos, por exemplo). Por outro lado, já não consideramos as obras de **História** como fazendo parte da Literatura (a não ser um género muito particular, entre a História e a Literatura chamado Romance Histórico). O mesmo se passa com a **Física** e a **Matemática** que, segundo a nossa mentalidade, fazem parte do ramo da Ciência. Pintura, Escultura, Arquitectura e Música são aquilo que consideramos «**Arte**».

Os Gregos não pensavam da mesma maneira. Para eles, as obras que se relacionavam com a Palavra escrita ou falada (Poesia, Teatro e História) tinham a mesma importância. Muitas vezes os géneros misturavam-se: as peças de Teatro, por exemplo, eram escritas de forma poética. A Filosofia fundia-se com a História e até com matérias diferentes como a Matemática. Por outras palavras: o Saber, entre os Gregos era algo «unificado», «completo», onde cada pessoa tinha que saber um pouco de tudo porque tudo estava interligado.

Quando estudamos a «Literatura Grega» temos que concentrar a nossa atenção (segundo a mentalidade moderna) na palavra "escrita". E uma das suas manifestações era a Poesia. Não falaremos nas Tragédias e Comédias. Também são escritas de forma poética mas foram já analisadas no capítulo anterior.



Athena, deusa da Sabedoria

POESIA

(do Grego - *Poiesis* que significa «Criação»)

Um dos nomes mais antigos da Literatura Grega, **Hesíodo**, viveu no sec.VIII a.C.. Escreveu *Teogonia* (um longo poema que narra toda a História Mitológica - do Nascimento do Universo até aos deuses do Olimpo). Muito do que sabemos da Religião Grega deriva deste livro.

Segundo os Historiadores Gregos, Hesíodo foi proprietário de uma pequena porção de terra. Tinha de a cultivar (não era rico) e, devido à sua experiência como agricultor, sabia o quanto custava cuidar dela. Passou por secas e cheias e viu as suas colheitas desaparecerem. Tais acontecimentos deixaram-no marcado e, por esta razão, escreveu *Os Trabalhos e os Dias*, um manual de sobrevivência que ensina o agricultor a prevenir as catástrofes e a lidar com a Natureza no dia-a-dia.



Musas dançando

(Musas são filhas de Zeus que inspiravam os sábios e artistas. Tradicionalmente eram sete e cada uma delas inspirava um Saber diferente: Poesia Épica, Poesia Lírica, Tragédia, Comédia, Música, Matemática, etc... Hesíodo, como quase todos os poetas gregos, começa as suas obras, pedindo inspiração às Musas.)

Outra forma de Poesia que nós conhecemos como **Épica** estava a ser desenvolvida nos séculos VIII e VII a.C.. Quase toda a literatura deste género produzida na Europa nos milénios seguintes (*A Eneida*, de Vergílio, *A Divina Comédia* de Dante e *Os Lusíadas* de Camões, só para citar três exemplos) foram largamente influenciadas pela ***Ilíada*** e ***Odisseia***, os dois primeiros poemas deste género que nós conhecemos no Ocidente. Pensa-se que foram escritos por volta do século VII a.C. e são atribuídos a **Homero**. Ainda não há um consenso sobre este poeta: há quem diga que nunca existiu, outros acreditam que foi um poeta incrivelmente talentoso que reuniu todos os poemas épicos que eram cantados na época, criando um poema único, com princípio meio e fim, com acrescentos seus e improvisações suas. Não importa se existiu ou não, o certo é que as obras que lhe são atribuídas ainda hoje maravilham aqueles que as lêem.

O poema épico narra uma história (escrita em verso) de grandes acontecimentos que mudaram o mundo, protagonizados por personagens heróicas. Eram narradas nas praças públicas e misturavam a História com a Mitologia.

Os Épicos não foram, no início, criados para serem escritos. Eram cantados por **aedos**, profissionais que os decoravam, através de exercícios especiais que favoreciam a memorização da (incrivelmente longa) obra poética.



Aedo

No século VII a.C. a Península Balcânica está em contacto com todo o Mundo Mediterrânico e com o Crescente Fértil. É um período em que os Helenos se sentem motivados a inovar, a fazer algo que os outros povos não fazem. A Poesia Grega (tal como o Teatro, já existente neste período) reflectia sobre a vida dos Homens, o seu Destino e o seu lugar na Terra. «Quem somos»; «Que estamos a fazer aqui?»; «Para onde vamos?» eram questões que levavam os Gregos a reflectir e a filosofar. É claro que todas as outras Civilizações também fazem as mesmas perguntas. O que torna a Civilização Grega tão diferente das outras é a forma como tenta responder-lhes.

Um dos poemas mais comoventes, neste século foi escrito por Mimnermo e fala-nos da triste Condição dos Homens: a velhice, a doença e a morte.

Mimnermo (sec VII a.C.)
A Caducidade Humana

*(...)E depois, logo que chega ao fim da estação,
melhor é morrer logo que viver,
pois são muitos os males que surgem no nosso coração: ora é a casa
que cai em ruínas, e os efeitos dolorosos da pobreza;
outro não tem filhos, e, sentindo a sua falta,
desce ao Hades, debaixo da terra;
outro tem doença que lhe destrói a vida. Não há homem
a quem Zeus não dê muitos infortúnios.*

O século VI a.C. é um período de grandes revoluções políticas e sociais. Clístenes inventa a Democracia, a Ordem Dórica é um exemplo para todos os arquitectos helénicos, a Filosofia está no seu início e a Poesia é de belíssima qualidade. Os nomes mais sonoros são os de **Anacreonte**, **Safo** e **Píndaro**. Eis um excerto da poesia de um deles:

Anacreonte (c.570 a 525 a.C.)
Paixão

*Ó jovem de olhar virginal,
eu te busco, mas tu não atendes,
sem saberes que da minha alma
deténs as rédeas.*

Após o grande apogeu de Atenas, a poesia começa a perder a sua originalidade. Muitos poetas escrevem as suas obras a copiar os Mestres de séculos anteriores. A Poesia não desaparece, mas nota-se que, neste período, os escritores sentem necessidade de criar algo novo, que não seja monótono e previsível:

Calímaco (IV a III a.C.)
A Procura da Originalidade

*Detesto um poema cíclico e não aprecio
caminho por muitos trilhado.*

HISTÓRIA

A partir do século VII a.C. os Helenos começaram a estar rodeados de estímulos inteiramente novos. Este ambiente diferente, carregado de inovações, influenciou os homens dedicados à Sabedoria. Tudo passou a ser questionado. Os velhos mitos e a Natureza passaram a ser observados de outra forma: já não eram uma invenção dos deuses, mas algo que estava ligado a forças que podiam ser controladas e medidas. A nova maneira de ver o mundo criou raízes nos séculos que se seguiram e, no tempo de Péricles, o Passado também começou a ser questionado.

Durante muito tempo, a História foi analisada do ponto de vista cosmogónico (com a obra do poeta Hesíodo) ou épico (com os poemas de Homero). Os Helenos estavam totalmente convencidos de que Tróia realmente existira e que a Guerra entre os Troianos e os Aqueus fora um facto bem real. Para eles, a *Ilíada* era um relato verídico.

Séculos depois esta realidade foi posta em causa.

Heródoto de Halicarnasso (484 a 425 a. C.) foi o primeiro grande historiador (por alguma razão o chamamos «O Pai da História») a procurar outras versões dos acontecimentos históricos, para além das religiosas. Foi também o primeiro a preocupar-se com os documentos e testemunhos vindos de outros povos. A sua obra principal (um vasto estudo sobre as Guerras Médicas) foi revolucionária para época.



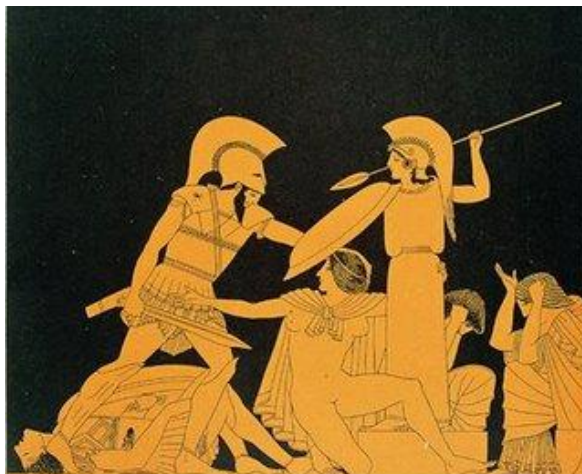
Heródoto

Para compreender todos esses acontecimentos históricos, Heródoto decidiu viajar pelo mundo conhecido. Percorreu a Ásia Menor, o Norte de África (deixou-nos muitos testemunhos sobre o Egito) e toda a região da Mesopotâmia. Nessas viagens visitou Bibliotecas, estudou documentos, ouviu testemunhas ainda vivas do tempo das guerras com os Persas.

Heródoto tinha muito cuidado com os documentos e testemunhos que estudava. Apesar de ainda estar influenciado pelas velhas ideias mitológicas, tentava relegá-las para segundo plano, considerando os acontecimentos históricos como «a vontade dos deuses».

Foi **Tucídides** (460 a 396 a.C.) quem criou uma visão inteiramente nova da História: uma História esvaziada de Religião e de Sagrado, deixando espaço apenas aos Homens. Só eles eram responsáveis pelos acontecimentos e as decisões que tomavam estavam ligadas a intrigas políticas, a alianças e a desejos bem humanos como a ganância ou, pelo contrário, o altruísmo. A sua principal obra analisa a Guerra do Peloponeso (entre Atenas e Esparta).

A ignorância é audaz; a sabedoria, reservada
(Tucídides)



A Guerra do Peloponeso

Após Tucídides, (e Xenofonte - 430 a 335 a.C., outro historiador que acreditava que o papel do Homem era central na História) o estudo desta sofreu um grande retrocesso na Grécia. A época instável em que a Península Balcânica vivia, a partir do século III a.C, levou a que os Gregos perdessem a autoconfiança (imbatível durante tanto tempo) e se preocupassem com questões metafísicas e esotéricas para explicar a realidade. Os historiadores interessavam-se pelas questões das «**Essências**» e acreditavam que uma força cósmica, a **Providência**, se ocuparia da vida de cada um. Quando um homem marcava a História, tal facto devia-se ao seu **Carisma** (significa que tinha recebido a atenção privilegiada dos deuses, que lhe tinham dado um destino especial). E assim, a pouco e pouco, o estudo da História entrou em declínio. Por outras palavras: a História deixou de ser analisada pelo prisma da «objectividade». Ela só volta a ter algum rigor, séculos mais tarde, com os eruditos da Roma Antiga.

FILOSOFIA

A **Filosofia** nasceu, como sabes, na Grécia Antiga e coincidiu com o nascimento do Teatro (sec. VII a.C.). Precisamente no mesmo Período em que as festas dos ritos dionisiacos se estavam a transformar numa grande competição literária, certos homens sábios procuravam encontrar respostas para tudo o que existe (como nasceu o Universo? O que é a Matéria e o que é Espírito?). A partir destas questões, (cujas respostas levavam a mais questões e mais respostas e a mais questões, etc, etc, etc...) os Sábios procuravam atingir um Saber Completo. Ao caminho para esse Saber, ao estudo dessas "dúvidas" chamavam «Amor à Sabedoria» (em grego **Filosofia**).

A Filosofia da Grécia Antiga está dividida em 2 grandes Períodos: Pré-Socrático e Socrático. Como já deves ter percebido, o nome **Sócrates** separa estes dois períodos. Tal facto se deve às ideias deste filósofo, que modificou o Pensamento e as Escolas de Filosofia da sua época.

A **Filosofia Pré-Socrática** tinha várias correntes mas todas elas partilhavam algo em comum. Por exemplo, a questão fundamental era a de saber como tinha começado o Universo e qual a substância principal de que tinha sido formado.

As teorias variavam: **Tales de Mileto** (624 a 548 a.C.) estava convencido de que o principal «ingrediente» (que eles chamavam **Physis**) era a Água, porque ela está em todo o lado. **Parménides** (530 a 460 a.C.) defendia que «nada nasce do nada» e tudo o que existe sempre existiu. A única coisa que se pode estudar é a mudança (dos rios, do tempo, da idade, das estações, etc...). Já **Heráclito** (540 a 480 a.C.) acreditava que a *Physis* era o fogo. Mas, aos nossos olhos, o mais original de todos é **Demócrito** (460 a 370 a.C.), que elaborou a incrível ideia do Átomo. Para ele, toda a matéria que existia era formada por pequeníssimas partículas, que não se viam a olho nu. Uma teoria muito avançada para a época. Como é que ele chegou a esta conclusão? Não se sabe, é um dos grandes mistérios da História.



O Mundo visto por Tales de Mileto (assente sobre Água)

Existiram outros nomes importantes para além daqueles que mencionámos, mas o nosso objectivo, neste capítulo é explicar a importância da Filosofia e quais os assuntos que eram estudados nos séculos VII e VI a.C. (com excepção de Heráclito e Demócrito, que já viveram no século de Péricles).

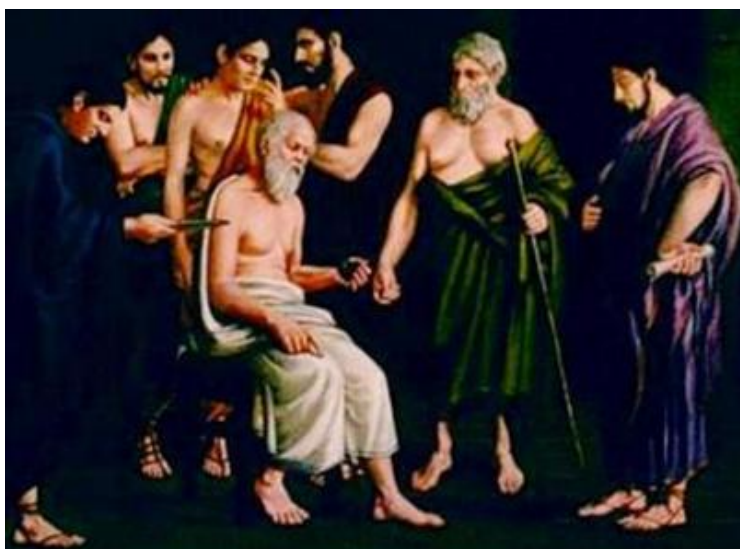
A Filosofia **Pós-Socrática** começa, obviamente, com **Sócrates** (469 a 399 a.C.), um dos mais importantes filósofos de sempre. O que dele conhecemos, contudo, chegou-nos através dos seus discípulos, principalmente Platão, já que ele não escreveu nada. Os seus ensinamentos foram sempre orais. Sócrates estudou o Homem e as Emoções Humanas. Não quer dizer que os Mestres que surgirão depois venham a desprezar as velhas ideias (muito pelo contrário, influenciaram-se bastante nelas) mas o estudo central vai passar a ser o Ser Humano e o seu papel no Mundo e na História. É preciso não esquecer que estamos no século V a.C., onde «**o Homem é a medida de todas as coisas**»! (citação de Protágoras)



Sócrates

Sócrates acreditava na existência de uma alma imortal (como nós a entendemos) e que o ser humano, depois da morte viajava para uma outra dimensão (isto viria a influenciar o seu maior discípulo, Platão, que desenvolveria a teoria do «Mundo das Ideias»). Sócrates também defendia a ideia de que as qualidades humanas como a virtude, o altruísmo e a nobreza podiam ser ensinadas. Quando observava as famílias ao seu redor, descobria que certos homens considerados exemplares tinham filhos com feitiços diferentes. Por outras palavras: não herdavam essa «nobreza de espírito» do pai. A noção de «Bem», «Mal», «Certo» e «Errado» podiam ser transmitidas pela Educação. Por isso mesmo tornou-se Mestre, ensinando os que o seguiam através do processo da **Maiêutica**, isto é, pelo diálogo, o professor leva a que o aluno chegue ele mesmo à conclusão certa, guiando-o e conduzindo-o desde o princípio.

Como ensinava os jovens a pensar e os exortava a fazer isso mesmo, claro que o consideraram perigoso. Foi acusado de corromper a Juventude Ateniense e deram-lhe a escolher: ou bebia cicuta (veneno mortal) ou se exilava para sempre. Sócrates, incapaz de viver longe da sua cidade bem-amada e de trair os seus princípios, escolheu o veneno. Reuniu os amigos e discípulos uma última vez e... partiu.



Entregando a bandeja com a cicuta a Sócrates

Após Sócrates os pensadores, influenciados por ele, vão, pouco a pouco, afastando-se das correntes filosóficas anteriores. Conhecemos estes filósofos como **Pós-Socráticos** e distinguem-se dos anteriores, essencialmente, pelo seguinte: os **Pré-Socráticos** preocupavam-se com os Elementos da Natureza (Terra, Fogo, Água e Ar) ou com «ingredientes desconhecidos» que o Homem não conseguia entender. Estes filósofos são por isso mesmo chamados «Naturalistas», porque a Natureza e o Universo ocupam quase toda a sua atenção. Os **Pós-Socráticos**, embora não recusem as teorias anteriores, centralizam o seu interesse no Homem e nas suas motivações.

Platão (427 a 347 a.C.) foi o maior discípulo de Sócrates. A maior contribuição deste filósofo foi a teoria do «**Mundo das Ideias**». Platão acreditava que a nossa realidade era uma imitação tosca e mal acabada de uma outra realidade, numa outra dimensão. O Mundo dessa outra dimensão era perfeito, cheio de luz e cores vivas, simétrico, com as formas das montanhas, rios e vales harmoniosas e cheias de Beleza. Não havia uma única falha. Do lado de cá, na nossa dimensão, estava a cópia, o reflexo desse mundo perfeito, com tudo assimétrico, escuro, e feio. Até mesmo as coisas mais bonitas pareceriam feias ao lado do outro. E, da mesma

maneira que falamos em formas, também falamos em Música, Arte, Poesia...e até a Moral e as Emoções. Tudo era perfeito do outro lado. O dever dos seres humanos, portanto, era tentar recriar e procurar a perfeição desse Mundo, porque, no entender de Platão, as nossas almas vêm de lá, do outro lado. E é por isso que os Homens se sentem sempre infelizes. Afinal saíram de um lugar bonito para viver num tão feio! A nossa vida, cá neste lado, é como se estivéssemos acorrentados no fundo de uma caverna em que tudo quanto vemos não passa da sombra da realidade.



Mito da Caverna

Para divulgar as suas ideias e todas as teorias filosóficas, Platão fundou a **Academia**. Não é a mesma instituição que estamos acostumados a ver nos nossos dias: um edifício onde se tiram cursos com tempo determinado, para ganhar um nível superior de escolaridade (Bacharelato, Licenciatura, Doutorado, etc...). A Academia era um lugar onde, de facto, se estudavam matérias de Conhecimento, mas não havia tempo determinado (podia-se ficar o tempo que se quisesse) e não era sequer obrigatório levar os estudos até ao fim (saía-se quando se queria). As pessoas estavam ali pelo **simples prazer de aprender e de ensinar!** É uma pena que, nos nossos dias, o Ensino no mundo inteiro não seja feito desta forma.

Resta mencionar um outro grande filósofo grego, **Aristóteles** (385 a 322 a.C.): foi discípulo de Platão e foi o primeiro a desenvolver a noção da **Lógica**. O que é a Lógica? É a observação de algo (animal, pedra, céu ou pessoa) de maneira organizada. Por exemplo: quando Aristóteles observava os animais, ele organizava as suas observações:

- Quais os que voam e não voam?
- De entre aqueles que não voam, quais os que têm pêlo e os que não têm?



Aristóteles estudando a Natureza

- Quais os que têm as crias na barriga e as amamentam?

Foi através deste tipo de observações que ele descobriu que as baleias e os golfinhos eram «peixes» muito diferentes dos outros, porque amamentavam e tinham as crias no seu ventre, tal como os cavalos ou as mulheres. Claro que Aristóteles continuava a ver as Baleias como «peixes», tal como todos viam na sua época, mas esta noção revela como Aristóteles raciocinava de forma diferente dos outros, graças ao seu pensamento organizado e em passos, chamado Lógica. Sabias que Aristóteles foi Mestre de Alexandre o Grande? Facto de que este se orgulhou toda a vida...



Aristóteles ensinando Alexandre O Grande

A Lógica viria a ser a base de toda a Ciência. Todos os cientistas (Físicos, Biólogos, Engenheiros Genéticos, etc...) usam o pensamento lógico para desenvolver as suas pesquisas e chegar às conclusões devidas.

Influenciado pela criação da Academia, Aristóteles fundou o **Liceu** (mais uma das instituições que se modificaram ao longo dos séculos): um local onde os seus alunos se dedicavam ao estudo científico da Natureza (através do uso da Lógica). Qual era a grande recompensa que se recebia com estes estudos? O engrandecimento da alma obtido através do Conhecimento. Segundo Aristóteles, para os Homens serem «bons» precisavam de três coisas:

- Natureza: todos os seres humanos nascem com dons especiais: a capacidade de rir; a inteligência e a capacidade de imitar os deuses na criação de coisas belas.
- Hábito: através da Disciplina pode-se chegar ao Conhecimento: um pensamento organizado e «arrumado» poupa tempo no estudo de qualquer matéria e é um excelente auxiliar para a memória e concentração.
- Razão: a Lógica, conseguida através do Hábito (e da Disciplina) modifica a nossa maneira de ver o Mundo. Mas nada disso seria possível se os seres humanos não tivessem inteligência. A Razão é a inteligência disciplinada, é «um cérebro ginasticado», que chega mais depressa à Sabedoria.

INVENÇÕES MECÂNICAS

Sempre que pensamos em máquinas, pensamos logo nos nossos computadores ou, no mínimo, na Revolução Industrial do século XIX. Contudo, as máquinas são muito mais antigas do que aquilo que pensamos. E os Gregos eram excelentes mecânicos. Aprenderam imenso com os ensinamentos de **Geometria** e **Matemática** de **Pitágoras** (571 a 496 a.C.), e, mais tarde, num período tardio da Grécia Antiga, com **Euclides** (360 a 295 a.C.) e **Arquimedes** (287 a 212 a.C.). As máquinas eram utilizadas para impressionar os espectadores: eram colocadas nas portas dos templos mais importantes, para que os fiéis pensassem que eram os deuses que as abriam (elas tinham um mecanismo que permitia que se abrissem sem ser empurradas); eram usadas para mover pesos, bombear água para vários pontos das cidades e mover transportes; e eram, sobretudo, usadas para entretenimento. Era no Teatro que os mecânicos tinham o maior espaço para a criatividade. Quando usamos a expressão *Deus Ex Maquina* estamos a falar uma linguagem de Teatro. Os mecânicos tinham um mecanismo que fazia com que os deuses parecessem voar ou descer para o palco, como se estivessem a aterrar na terra. Esse dispositivo era posto a funcionar quando uma personagem divina entrava em cena. O público delirava! Também usavam as máquinas para encher o palco de água, para criar vapores, para simular ondas e chuva. O Teatro não era uma coisa «aborrecida» e «parada». Era um verdadeiro espectáculo interactivo.

Podes ver uma dessas invenções - máquina de produzir vento e vapor: [aqui](#).

Numa época mais tardia, Héron herdou esses saberes e conseguiu inová-los e acrescentá-los tornando-se um dos mais conhecidos mecânicos da Antiguidade. Espreita só a sua incrível criatividade: [aqui](#).

Nota:

Os poemas transcritos podem encontrar-se em *Rosa do Mundo, 2001 Poemas para o Futuro*, dir. Manuel Hermínio Monteiro, 3ª edição, Assírio e Alvim, Lisboa, 2001

A LENDA DE TROIA

GUERRA DE TROIA

A Guerra de Troia tem sido contada e recontada muitas vezes ao longo de séculos. A maioria dos Antigos Gregos acreditava nela como um facto histórico ou, pelo menos, com um fundo de verdade.

Nos tempos modernos, a maioria dos Historiadores considerou, durante muito tempo, que todo este episódio era apenas um mito e que a própria cidade de Troia nunca tinha existido. Tal facto deve-se a não serem conhecidas provas históricas ou arqueológicas que permitissem considerar este episódio como verdadeiro. A única fonte conhecida são os poemas de Homero, A ***Ilíada*** (assim chamada porque Ílion era outro nome de Troia) e a ***Odisseia***.

LENDAS DE TROIA

Segundo o mito, tanto Zeus como seu irmão Poséidon desejavam a ninfa Tétis. Mas Prometeu, que por vezes conseguia ver o futuro, fez uma profecia: Tétis teria um filho que, quando crescesse, seria mais forte do que o seu próprio pai. A paixão dos dois deuses arrefeceu logo e decidiram fazer com que ela casasse com Peleu, um mortal que, como já era muito idoso, não correria grandes perigos.

Organizaram uma grande festa de casamento e convidaram todos os deuses e deusas excepto Éris, deusa da discórdia, a fim de evitar que ela estragasse a festa ou oferecesse o desentendimento como prenda aos noivos.

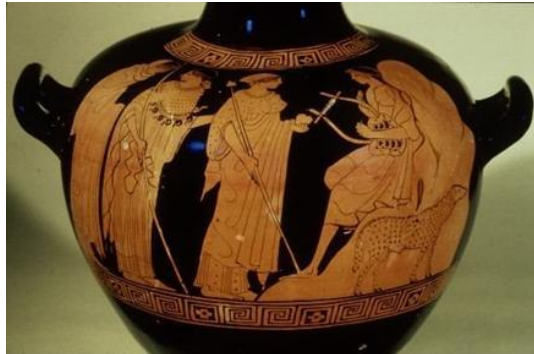
A deusa sentiu-se magoada e resolveu vingar-se. Entrou invisível na sala do banquete e atirou para cima da mesa uma **maçã de ouro** com a inscrição: «**Para a mais bela**». Claro que isto provocou imediatamente a discórdia que tinham querido evitar.



Éris

Três deusas, Hera, Afrodite e Atena disputaram a maçã e o título de «a mais bela». Zeus, chamado a arbitrar não conseguiu escolher, talvez com medo de desencadear uma crise de raiva e de ciúmes por parte das não escolhidas. Assim, decidiram que iriam pedir a um mortal que escolhesse. As deusas apareceram a **Páris**, filho de Príamo, rei de Troia, que pastava rebanhos perto do monte Olimpo e cada uma delas ofereceu-lhe um dom, caso ele a escolhesse. Hera ofereceu-lhe o poder sobre

toda a Ásia e toda a Europa, Atena prometeu torná-lo o mais sábio dos Homens e Afrodite jurou que lhe entregaria o amor da mulher mais bela da Terra. Páris escolheu Afrodite e este episódio, conhecido como o Julgamento de Páris, veio a ser a causa, muitos anos depois, da Guerra de Troia.



Julgamento de Páris

Nota: Se achares estranho que um príncipe andasse a fazer de pastor, fica a saber que, quando estava para nascer, a sua mãe sonhou com uma tocha que destruiria Troia. O pai foi aconselhado a abandoná-lo no monte Ida. Mas foi recolhido e cresceu pastando rebanhos de quem julgava ser o seu pai (em algumas versões Agelau, servo do rei). Apenas já em adulto tudo se veio a esclarecer e ele retomou o seu lugar de príncipe. Tenta saber mais. Pesquisa numa biblioteca ou na Net. Verás que uma história leva a outra, a imaginação dos Gregos era prodigiosa...

Já com todos os deveres e direitos de príncipe, Páris é enviado por seu pai numa missão diplomática a Esparta. Aí, enamorou-se da esposa do rei Menelau, Helena, que era considerada a mulher mais bela da Terra. Em algumas versões, Páris rapta Helena mas, na maioria dos "relatos", "ela também se apaixonou por ele e fogem ambos para Troia. Menelau, ofendido, pediu a ajuda de todos os outros Povos Helenos, invocando um juramento que, na altura do seu casamento com Helena, todos os reis tinham feito: apesar de todos terem sido seus pretendentes, respeitariam a escolha feita por ela e todos acorreriam a defender o seu marido, em caso de necessidade. E é assim que reuniram uma armada e partiram para Troia, chefiados por Agamémnon, rei de Micenas e irmão de Menelau.

A guerra durou 10 anos e nela se destacam vários heróis:

Nota : Um herói, para os Antigos Gregos, era sempre um semideus, isto é, filho de deus e mulher ou de deusa e homem. Como eram capazes de proezas magníficas e superiores aos outros homens a palavra herói acabou por ganhar o sentido que hoje lhe damos. Alguns destes heróis (não todos) ganhavam a imortalidade como prémio dos seus feitos e iam viver com os deuses.

- Aquiles, filho de Tétis e Peleu. A deusa, receosa da fraqueza que a parte humana daria a seu filho, mergulha-o no rio Estige (rio que corre nas terras dos deuses e que torna imortal quem nele entrar) mas, como o segura pelo calcanhar, essa parte não é banhada e torna-se o ponto fraco de Aquiles. É por isso que hoje chamamos «calcanhar de Aquiles» ao ponto fraco de alguém ou de alguma coisa. Aquiles era o herói mais valoroso em batalha.
- Odisseu (chamado Ulisses pelos Romanos), rei de Ítaca, filho de humanos mas neto de deuses. É muito inteligente mas também muito manhoso. Ajuda a vencer Troia pela astúcia o que o torna merecedor da ira divina, como veremos mais tarde.

- Heitor, um dos muitos filhos de Príamo e, portanto, irmão de Páris. Também ele era filho de humanos (Príamo e Hécuba) mas descendente de deuses: a tradição considerava que a mãe de Príamo era filha do deus-rio Escamandro. Era corajoso, completamente dedicado a Troia e ao seu povo. Quando a guerra se dá, era ele quem verdadeiramente dirigia a cidade já que o pai estava demasiado idoso.



Aquiles arrastando o corpo de Heitor

Além destes heróis, outras personagens importantes se destacaram na história que Homero nos conta, como: Cassandra, a profetisa que acertava sempre mas em quem ninguém acreditava; Pátroclo, companheiro de armas de Aquiles que, ao ser morto por Heitor, desencadeou a cólera e a dor que levaram Aquiles a matar Heitor e a desrespeitar o seu cadáver; Andrômaca, esposa de Heitor e profundamente apaixonada por ele; Hécuba, rainha de Troia que vai perdendo os filhos um a um; Príamo, o rei, que vai pedir o cadáver de seu filho a Aquiles numa das passagens mais comoventes da Literatura ocidental, entre outros. E, claro os deuses e deusas que vão tomando partido pelos seus protegidos ou ajudando a dominar os que consideram inimigos: Afrodite, Ares e Artemis defendem Troia; Hera, Poseidon e Atena estavam do lado dos Gregos.

(Nota: Um poema que reúne tradições antigas, fala do heroísmo de um povo, conta a sua história de uma forma mitológica e faz os deuses intervirem e tomar partidos, chama-se Epopeia ou Poema Épico. A *Ilíada* é um poema épico.)

Ao fim de dez anos de lutas e da morte de Aquiles e de Heitor, Odisseu teve a ideia de fingir que os Gregos iam partir. Afastou os navios para alto mar onde não pudessem ser vistos das muralhas de Troia, mas deixou às portas desta um enorme cavalo de madeira dentro do qual estavam escondidos alguns dos melhores guerreiros gregos. Como o cavalo era para os Troianos um animal sagrado, eles pensaram ser um presente para os deuses oferecido pelos Gregos em fuga. Fizeram-no entrar na cidade, apesar dos avisos de Cassandra. De noite, quando os Troianos já estavam completamente bêbedos de festejarem o que julgavam ser a vitória, os Gregos saíram do cavalo, abriram as portas das muralhas aos outros que tinham voltado nos seus barcos pela calada da noite, e atacaram Troia, chacinando, pilhando, incendiando, até destruírem totalmente a cidade.



Cavalo de Troia

Percebes, agora, porque se chamam «cavalos de Troia» ou «troianos» aos vírus que entram escondidos para fazer estragos no teu computador?

A ira dos deuses caiu sobre muitos dos Gregos por causa da forma como se comportaram. Mesmo os deuses que estavam do seu lado ficaram indignados com tal chacina pois, segundo os mesmos, esta vitória foi conseguida não pela bravura mas pela manha. E os deuses não gostam de soldados que fazem *bluff*...

Alguns dos reis que cometeram actos indignos, como, por exemplo, o sacrilégio de matar Príamo enquanto este estava refugiado juntamente com esposa e filhas num templo, são mortos ao regressar às suas terras. O que acontece a Odisseu (Ulisses) é diferente. Este não comete esses sacrilégios mas, como já dissemos, venceu Troia pela manha, não pela coragem. Assim, tem de pagar pelo que fez e vagueia pelos mares durante dez anos, exposto a mil perigos enquanto foge à cólera de Poseidon, até chegar finalmente à sua terra. Esta, porém, é outra história. Uma história de viagens e aventura, com gigantes de um só olho, feiticeiras e sereias, que te aconselhamos a ler. Chama-se *Odisseia* e também é atribuída a Homero.

Nota: A leitura da *Odisseia* na sua versão completa pode ser muito difícil para a tua idade. Contudo, existem versões que te podem ajudar a conhecer a obra e a preparar-te para a leres quando tiveres mais maturidade, Por exemplo, a versão de João de Barros, Edição Sá da Costa. Também podes pesquisar na Net alguns dos seus episódios.



Odisseu e as Sereia

Para não ficares com a ideia de que a *Ilíada* é apenas uma história de guerra eis um pouquinho de duas das passagens mais emocionantes e que falam de sentimentos. Na primeira, Andrómaca despede-se de Heitor, seu marido, antes de este ir lutar com Aquiles:

[Andrômaca] veio ao encontro [de Heitor], e com ela vinha a criada segurando ao colo o brando menino tão pequeno, filho amado de Heitor, semelhante a uma linda estrela. Sorriu Heitor, olhando em silêncio para o seu filho. Mas Andrômaca aproximou-se dele com lágrimas nos olhos e acariciando-o com a mão, falou-lhe pelo nome: Homem maravilhoso, é a tua coragem que te matará! Nem te compadeces desta criança pequena nem de mim, desafortunada, que depressa serei a tua viúva. Pois rapidamente todos os Aqueus se lançarão contra ti e te matarão. Mas para mim seria melhor descer para debaixo da terra, se de ti for privada. Compadece-te e fica aqui na muralha, para não fazeres órfão o teu filho e viúva a tua mulher. A ela respondeu em seguida o alto Heitor do elmo faiscante: Todas essas coisas, mulher, me preocupam; mas muito eu me envergonharia dos Troianos e das Troianas de longos vestidos, se tal como um cobarde me mantivesse longe da guerra. Nem meu coração tal consentia, pois aprendi a ser sempre corajoso e a combater à frente dos Troianos, esforçando-me pelo renome de meu pai e pelo meu. Pois isto eu bem sei no espírito e no coração: Virá o dia em que será destruída a sacra Ílion assim como Príamo e o povo de Príamo da lança de freixo. Mas não é tanto o sofrimento futuro dos Troianos que me importa, nem da própria Hécuba, nem do rei Príamo, nem dos meus irmãos, que muitos e valentes tombarão na poeira devido à violência de homens inimigos - muito mais me importa o teu sofrimento, quando em lágrimas fores levada por um dos Aqueus vestidos de bronze, privada da liberdade que vives no dia a dia: em Argos tecerás ao tear, às ordens de outra mulher; ou então, contrariada, levarás água da Messeida ou da Hipereia, pois uma forte necessidade se terá abatido sobre ti. E alguém assim falará, ao ver as tuas lágrimas: Esta é a mulher de Heitor, que dos Troianos domadores de cavalos era o melhor guerreiro, quando se combatia em torno de Ílion. Assim falará alguém. E a ti sobrevirá outra vez uma dor renovada, pela falta que te fará um marido como eu para afastar a escravatura. Mas que a terra amontoada em cima do meu cadáver me esconda antes que oiça os teus gritos quando te arrastarem para o cativo.

Ilíada, VI, 399-493 (Tradução de Frederico Lourenço)



Na segunda passagem, Príamo pede a Aquiles que lhe devolva o cadáver de seu filho:

[Príamo] foi direito à casa
onde Aquiles, dilecto de Zeus, costumava estar sentado. [...] Despercebido, entrou, acercou-se
e com as mãos agarrou os joelhos de Aquiles e beijou
as terríveis mãos assassinas, que tantos filhos lhe mataram. [...] Espantou-se Aquiles ao ver Príamo divino.
Suplicante, dirigiu-lhe então Príamo este discurso:

"Pensa no teu pai, ó Aquiles semelhante aos deuses!
Ele que tem a minha idade, na soleira da dolorosa velhice [...] quando ouve dizer que tu estás vivo,
alegra-se no coração e todos os dias sente esperança
de ver o filho amado, regressado de Tróia.
Mas eu sou totalmente amaldiçoado, que gerei filhos excelentes
na ampla Tróia, mas afirmo que deles não me resta nenhum. [...] E o único que me restava, Heitor, que sozinho defendia a cidade e o povo,
esse tu o mataste quando ele lutava para defender a pátria.
Por causa dele venho às naus dos Aqueus
para te suplicar; e trago incontáveis riquezas.
Respeita os deuses, ó Aquiles, e tem pena de mim,
lembrando-te do teu pai. Eu sou mais desgraçado que ele,
e aguentei o que nenhum outro terrestre mortal aguentou,
pois levei à boca a mão do homem que me matou o filho."

Ilíada, XXIV, 471-492 (Tradução de Frederico Lourenço)

Nota: Estes dois poemas foram transcritos de HOMERO, *Ilíada*, tradução de FREDERICO LOURENÇO, Ed. Biblioteca Editores Independentes, Lisboa, 2007



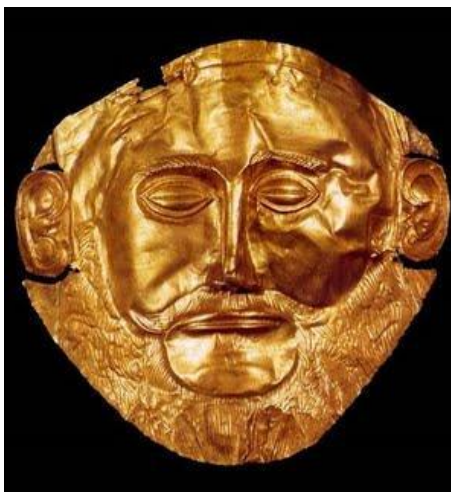
Corpo de Heitor levado de volta a Troia
Pormenor de um sarcófago romano

A GUERRA DE TROIA EXISTIU? E A CIDADE?

A Guerra entre os Aqueus (Povos Gregos da época de Micenas) e os Troianos é tradicionalmente datada de cerca de 1200 a.C. Homero escreve sobre ela quase 4 séculos depois e, entretanto, os Helenos tinham passado pela Idade das Trevas de que já te falámos. Todos os vestígios ou possíveis fontes tinham desaparecido. Restam os mitos e lendas passados de boca em boca e reunidos na *Ilíada*.

Quando no século XIX a Arqueologia conhece um forte desenvolvimento, um arqueólogo alemão, Heinrich Schliemann, apaixonado pela obra de Homero, procura Troia e acaba por situá-la na colina de Hissarlik, na Anatólia (actualmente território da Turquia).

Embora a colina não fique perto do mar, foram encontradas provas de que em tempos se encontrava mesmo na costa. Schliemann escavou e encontrou nove cidades que se foram construindo ao longo dos séculos, cada uma em cima das ruínas da anterior. Uma delas parecia ter sido destruída pelo fogo e poderá ser da época de que fala Homero. Nas suas ruínas foram encontradas muitas joias e objectos quer do dia-a-dia quer de luxo e Schliemann achou que tinha encontrado Troia.

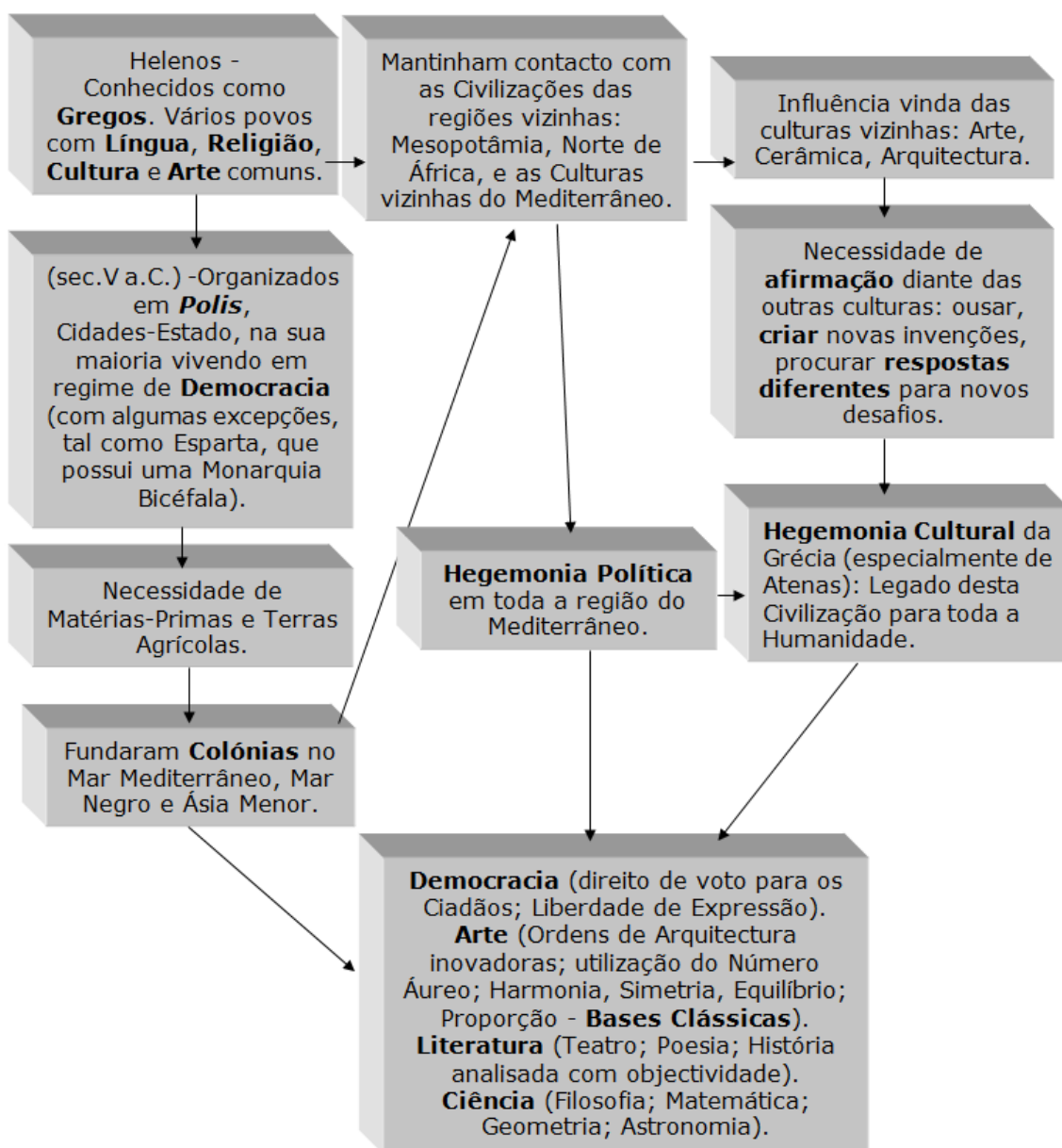


Máscara mortuária que Schliemann acreditava ter pertencido a Agamémnon

Embora Schliemann tenha sido muito desacreditado depois da sua morte, uma equipa conjunta de arqueólogos americanos e alemães, chefiada por Manfred Korfmann voltou às escavações em 1982 e, desde então tem descoberto uma série de provas que lhe dão razão.

As últimas descobertas indicam que a cidade deve ter ali existido, que foi grande e rica, fortificada, e que é bem possível que tenha sido destruída devido não a uma mas a várias guerras. Pensa-se que Homero tenha reunido essas guerras em uma só. Mas nada diz que tenha realmente existido cavalo de Tróia ou que as guerras se tenham feito pelo amor de uma mulher. É bem provável que tenham sido por razões económicas. Mas isso não teria sido um bom tema de epopeia, não achas?

ESQUEMA DE DESENVOLVIMENTO DA GRÉCIA



ROMA: DA FUNDAÇÃO À REPÚBLICA



Eneias, saindo de Tróia com seus Pai e Filho

Séculos mais tarde, reinava na cidade o rei Númitor mas o seu irmão Amúlio, que desejava o trono, encarcerou-o e, para evitar que tivesse descendência, obrigou a sobrinha, Rea Sílvia a tornar-se Vestal. Um dia, quando a jovem foi buscar água para um sacrifício, o deus Marte enamorou-se dela. Tiveram dois gémeos, **Rómulo** e **Remo**, que o tio, furioso, mandou atirar ao rio Tibre dentro de uma cesta.

A cesta encalhou perto de uma gruta chamada Lupercal onde **uma loba** amamentava as suas crias. Marte fê-la sentir compaixão pelos bebés e a loba amamentou-os como se fossem seus filhos.

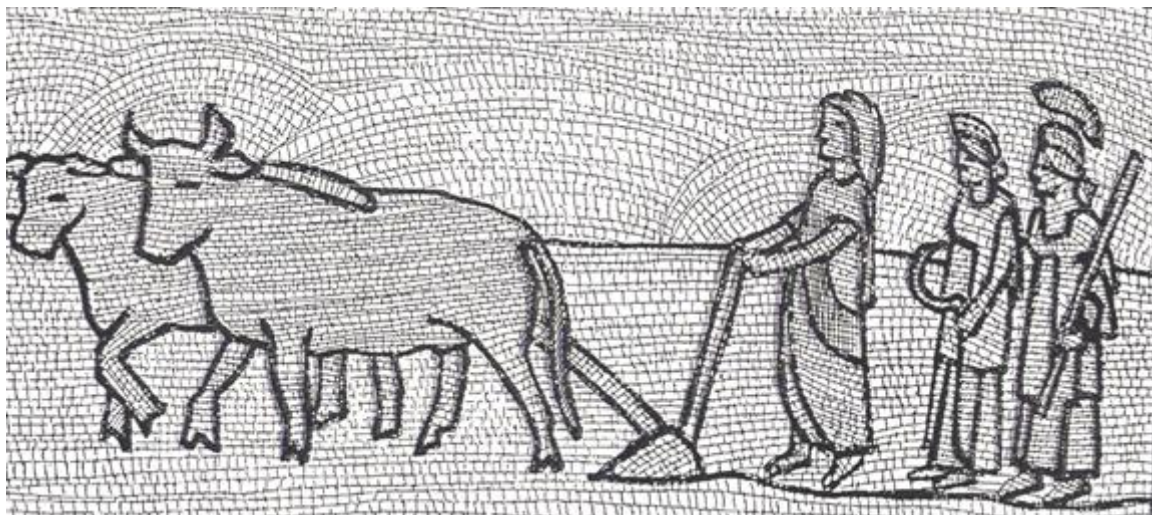


Loba amamentando Rómulo e Remo

Quando já não precisavam de ser amamentados, foram recolhidos por um casal de pastores, Fáustulo e Arca Larência que os criaram até à idade adulta. A dada altura, Remo brigou com uns pastores vizinhos que, por vingança, o levaram até Amúlio e o acusaram de ladrão. O rei prendeu-o. Então Fáustulo conta a Rómulo quem realmente eram ele e o irmão e Rómulo dirigiu-se a Alba Longa, matou Amúlio e libertou o irmão e o avô, Númitor. Este, reposto no trono, recompensou os netos com o direito de poderem fundar uma nova cidade.

Os gémeos consultaram os deuses e, seguindo as suas instruções, partiram em duas direcções diferentes. Remo dirigiu-se ao monte Aventino e aí avistou seis aves a sobrevoar a colina. Rómulo, que se tinha dirigido ao Palatino, viu doze aves no cimo do monte. Compreendeu que era ali o local escolhido pelos deuses e, com um arado, traçou um sulco circular que delimitou o recinto sagrado da futura cidade.

Esse círculo chamou-se **Pomerium** e, para o atravessar, eram necessários alguns rituais. Ciumento por ter sido Rômulo o protegido dos deuses, Remo atravessou de um salto o *pomerium* sagrado e, num ataque de cólera (de que mais tarde se arrependerá), Rômulo matou-o e enterrou-o no Aventino. Os Romanos chamavam **Urbs** a Roma. O nome vem de *uruus*, sulco feito a enxada, referindo-se ao *pomerium* traçado por Rômulo. Mais tarde, a palavra veio a aplicar-se a qualquer cidade (e está na origem de palavras como urbano, urbanístico, urbanização, etc...).



Rômulo traçando o *Pomerium*

Muitas datas foram sugeridas para a **fundação da cidade** pelos historiadores romanos até que Marco Terêncio Varrão (116 a.C. /-27 a.C.) a estabeleceu no dia que, no nosso sistema moderno de datação, corresponde a 21 de Abril de **753 a.C.** Os Romanos, tal como nós usamos o nascimento de Cristo como referência para as nossas datas (a.C. e d.C.). Usavam a fundação de Roma como ponto de referência e datavam a sua História **ab urbe condita** (significa: a partir do ano em que a Cidade foi fundada).

Rômulo precisava de povoar a nova cidade e, assim, nos primeiros anos, acolheu bandidos, desterrados, renegados, que aí encontraram refúgio. Pouco a pouco outros se foram juntando como os Sabinos com quem os Romanos lutaram durante muito tempo. Mediante acordo entre Rômulo e Tito Lácio, rei dos Sabinos, acabaram por fundir-se, formando uma única nação.

Este relato é lendário, como já dissemos. Contudo, algumas das suas afirmações podem ser comprovadas historicamente:

- Os vestígios arqueológicos mostram que a cidade deve realmente ter sido fundada no sec.VIII a. C;
- A forma de governo nos primeiros tempos foi a Monarquia.
- O fundo étnico da sua população tem como base uma fusão entre tribos latinas com populações sabinas que habitavam as colinas em volta e formavam a Liga dos Sete Montes (as colinas romanas são sete).

MONARQUIA ETRUSCA

(640 a.C. a 509 a.C.)

Embora os terrenos sobre os quais a cidade estava construída fossem pobres e pantanosos, as colinas em volta ofereciam terrenos cultiváveis e, sobretudo, boas pastagens para o gado. Contudo, o que tornava a cidade apetitosa a outros povos, era a sua localização, nas margens do rio Tibre e muito perto do mar. Isso tornava-a um ponto de interesse para dela fazer um centro comercial de primeira ordem.

Assim, em 640 a.C., os **Etruscos** conquistaram a cidade e nela se estabeleceram como reis. Foram eles quem verdadeiramente transformaram uma povoação pouco mais do que uma aldeia numa verdadeira cidade. Secaram os pântanos, criaram os primeiros sistemas de esgotos, erigiram templos e outros edifícios públicos, lançaram as bases do sistema de leis, influenciaram profundamente os costumes religiosos. Séculos depois de terem partido, ainda a maioria dos rituais religiosos dos Romanos eram essencialmente etruscos.



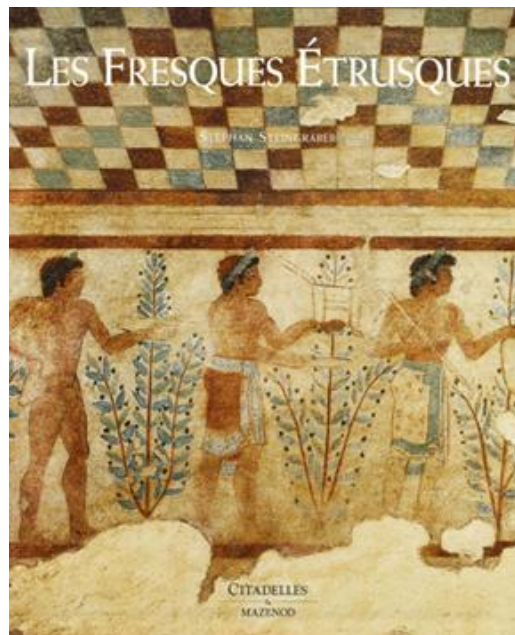
Arúspice: Sacerdote etrusco que revelava a vontade dos deuses interpretando as entranhas de animais sacrificados. Usava um chapéu alto e pontiagudo atado debaixo do queixo para que não caísse durante as cerimónias, o que seria considerado um mau presságio

Organização da Sociedade:

Os Romanos estavam divididos entre **Patrícios** e **Plebeus**. (Patrícios vem da palavra *patres*, plural de *pater*, pai. Eram, pois, os descendentes dos «pais» de Roma, ou seja, das famílias fundadoras anteriores ao próprio domínio dos Etruscos. Os plebeus eram os descendentes de estrangeiros italianos que se tinham juntado a Roma nos seus inícios.)

Os Patrícios compunham a camada superior da sociedade, os nobres, e os Plebeus eram a camada inferior. O que fazia de um cidadão um Patrício era o facto de pertencer a uma **gens**. Esta instituição era semelhante ao *genos* grego e só os Patrícios pertenciam às diversas **gentes** (plural de *gens*). Todos os patrícios pertencentes a uma determinada *gens* descendiam em linha directa do mesmo antepassado masculino. Cada *gens* tinha um nome e agrupava várias famílias.

Os Plebeus eram os descendentes dos Povos Italianos que se juntaram aos Romanos no início da cidade. Os Plebeus não ascendiam à condição de Patrícios. A única excepção conhecida é a dos Cláudios, aristocratas sabinos que se tornaram patrícios (*gens Claudia*) já no início da República (sec. V a.C.).



Etruscos cultivando

Cada *gens* tinha os seus próprios deuses e era chefiada por um **pater** que também tinha funções sacerdotais. Com o correr dos tempos, algumas *gentes*, por razões de vizinhança, de interesses comuns ou de união por casamentos, agruparam-se em **cúrias** também com chefes próprios. As cúrias reuniam-se em assembleias chamadas **comícios curiatis** e aí elaboravam as leis. Várias *gentes* formavam uma **Tribo**.

Se recordares a organização social nas cidades-estado gregas, verás que há uma certa afinidade:

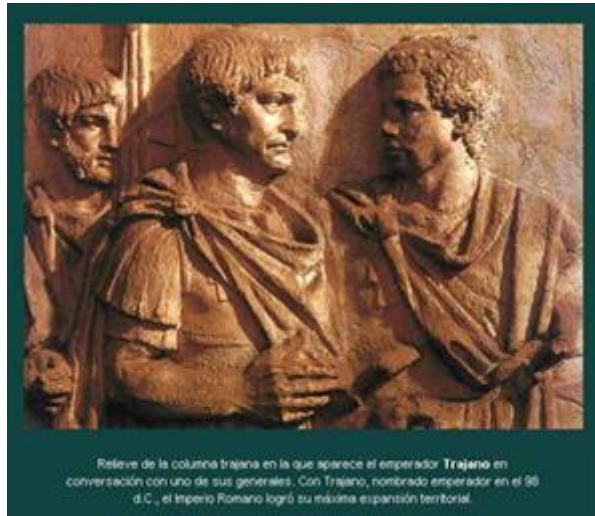
Grécia			Roma		
Genos	→	Fratria	→	Tribo	
			Gens	→	Cúria
					→
					Tribo

O chefe das *gentes*, *prates*, formavam um Conselho de Anciãos chamado **Senado** (palavra que vem de *Senex* que significa Velho) - O Senado foi, durante a Monarquia, um órgão que auxiliava o rei mas mais tarde, durante a **República**, virá a transformar-se no órgão supremo do Poder.

Nesta altura, a divisão não era feita com base na riqueza. Havia Patrícios muito ricos e outros menos ricos, alguns viviam mesmo com alguma dificuldade. Do mesmo modo, existiam Plebeus ricos. Os cidadãos menos abastados, patrícios ou plebeus eram, frequentemente, «**clientes**» de famílias patrícias mais ricas.

Não devemos confundir o significado desta palavra, cliente, com aquele que lhe damos hoje, de «freguês». Em Roma, significava ir cumprimentar e prestar homenagem à casa do patrício de quem se era cliente, acompanhá-lo pelas ruas da cidade, estar sempre disposto a falar bem dele e a prestar-lhe pequenos serviços. Em troca, o patrício-protector deveria defendê-lo em tribunal, protegê-lo contra os

seus inimigos, oferecer-lhe presentes, geralmente em forma de alimentos - *sportula*



O Imperador Trajano com os seus clientes

No patamar mais baixo da sociedade, encontravam-se os **Escravos**. Não possuíam direitos alguns e eram considerados propriedade dos seus senhores, ao mesmo nível de gado. A escravatura foi uma instituição considerada normal nas civilizações antigas. Existiu na Suméria, na Fenícia, entre os Hebreus, existiu no próprio Egipto embora aí tenha sido relativamente pequeno o número de escravos. Existiu também nas Cidades-Estado gregas onde, tanto na agricultura como no artesanato, os escravos se tornaram a mão-de-obra mais importante. O que torna a escravatura diferente e tão notória em Roma foi o grau em que foi praticada. O número de escravos foi crescendo e crescendo cada vez mais e a economia foi ficando cada vez mais baseada no seu trabalho, ao ponto de se poder falar em verdadeiro **Esclavagismo**: Escravatura é a condição de ser escravo. Esclavagismo é um sistema que depende economicamente da escravatura.

Isto é, de um sistema económico/social inteiramente baseado no trabalho de escravos. Basta ver a proporção entre homens livres e escravos: nos primeiros anos do século III a.C., para cada 73 homens livres havia um escravo; dois séculos depois, a proporção era já de dois homens livres para um escravo.

O número podia crescer de diversas maneiras:

- Podia nascer-se escravo (herdava-se a condição);
- Um homem livre podia ser reduzido à escravidão (ou vender-se a ele mesmo ou a um filho) por dívidas;
- Uma criança exposta (abandonada), se fosse recolhida, poderia ser feita escrava por quem a criasse;
- Alguns condenados recebiam penas que os obrigavam a ser remadores em navios de guerra ou de transporte ou a trabalhar nas minas;
- Muitos prisioneiros de guerra eram feitos escravos.



Escravo trabalhando no campo

A forma como os escravos eram tratados em Roma divergia muito de senhor para senhor. Havia os **escravos públicos**, pertencentes ao Estado, explorados até à morte e cuja alimentação e saúde eram frequentemente negligenciadas. Os remadores e trabalhadores das minas encontravam-se neste caso e raros eram os que sobreviviam mais do que 4 ou 5 anos. Entre os **escravos particulares**, havia os que trabalhavam no campo e os domésticos. Os que trabalhavam no campo, normalmente às ordens de um escravo mais qualificado, o feitor, recebiam, geralmente, um tratamento pior do que os domésticos. Quanto a estes, tudo dependia da família que servissem. A maioria não era nem bem nem mal tratada. Cumpriam as suas tarefas e, desde que as fizessem bem, não eram muito incomodados. A sua existência passava quase despercebida como se fossem mais um objecto da mobília. Outros eram amados e acarinhados porque, muitas vezes, os tinham visto nascer e crescer e os afectos tinham surgido. Alguns tornavam-se mesmo muito influentes, geralmente as escravas que tinham sido amas-de-leite ou os preceptores dos anos de meninice. Outro escravo influente era o chefe cozinheiro que, quando era bom, era considerado uma preciosidade. Havia ainda o caso do servo-médico, geralmente de origem grega ou egípcia, que também recebia um tratamento particular.

A forma como os senhores tratavam os seus escravos foi evoluindo ao longo da História de Roma. Nos últimos tempos da República uma demasiada severidade já não era bem vista. Ao longo do Império, várias foram as vozes de cidadãos famosos e respeitados que se levantaram a favor deles. No século I d.C., já era condenado pela sociedade quem maltratasse os seus escravos. Mas a condição daqueles que trabalhavam nas minas ou nas galés (remadores de navios) nunca mudou.

Podes fazer uma ideia de como era a vida de um escravo nas galés, através deste excerto do filme *Ben-Hur*, onde o comandante do barco testa as forças da sua equipa de remadores, ordenando que remassem em várias velocidades - de batalha, de ataque e de abalroamento: [aqui](#).

Os reis em Roma foram sete, sendo etruscos os últimos três:

- **Tarquinius Priscus:** patrocinou novas técnicas de arquitectura, fez construir o Fórum Romano. Fórum era o lugar da cidade onde se encontravam os principais edifícios públicos e onde os cidadãos se reuniam.

- **Servius Tullius:** filho de Tarquinus Priscus. Fez erguer as primeiras muralhas de pedra para proteger Roma. Reorganizou o exército e foi o autor de diversas leis que acabaram por abrir caminho à República. O poder dos Patrícios tinha-se tornado demasiado grande e, com o sistema de clientes de que falámos mais acima, algumas famílias tinham-se tornado arrogantes ao ponto de desafiarem o poder do rei. Então, Servius Tullius resolveu fortalecer os Plebeus: protegeu o artesanato e o comércio, normalmente exercidos por plebeus, reorganizou o exército e criou os **comícios centuriatos** de que falaremos um pouco mais adiante.



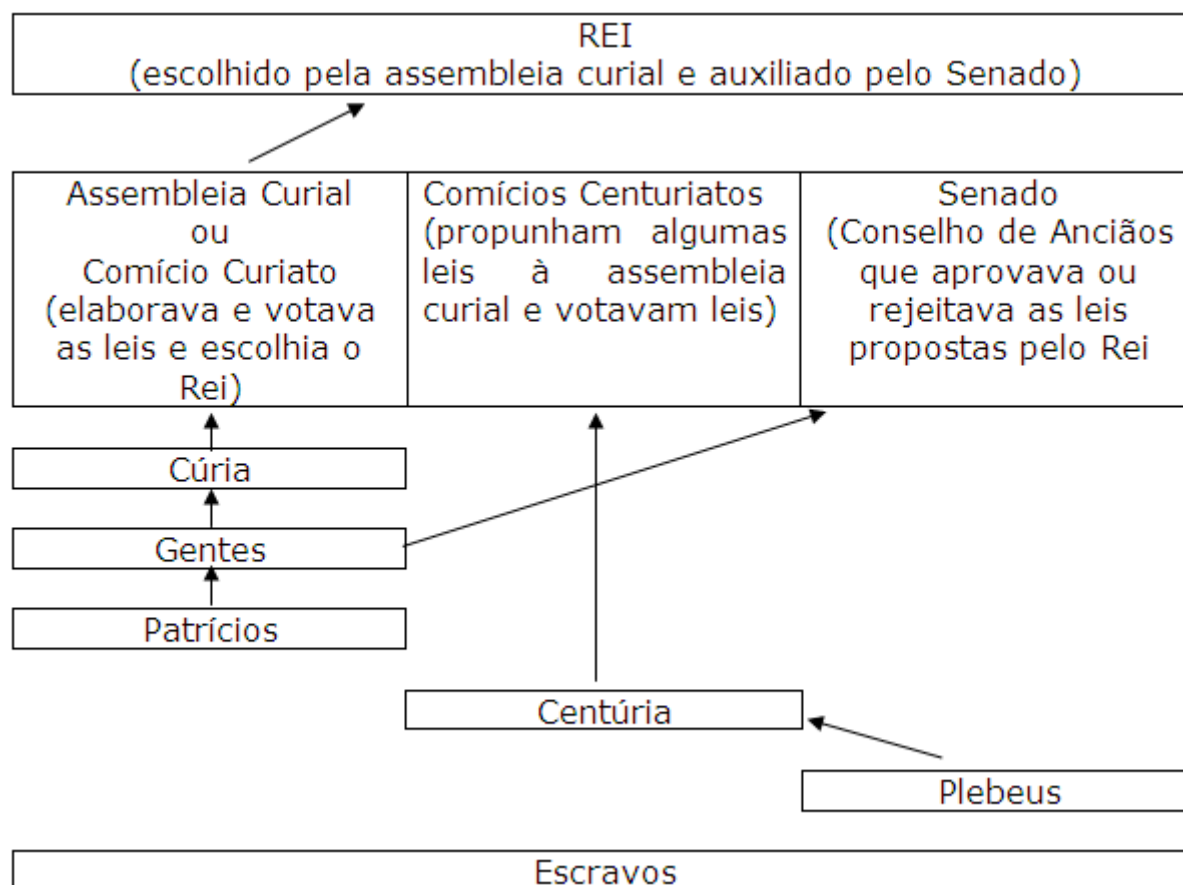
Exemplo de artesanato etrusco - joalharia

- **Tarquinius Superbus:** Chamou a Roma artistas e arquitectos etruscos e fez construir o Templo de Júpiter.

Comícios Centuriatos

Os soldados romanos estavam agrupados em grupos de oito. Cada um destes grupos chamava-se *contubernium* e dormia numa tenda espaçosa. Era-lhe atribuída uma mula que carregava a tenda e outros objectos de necessidade quando o exército se deslocava. Dez grupos destes formavam uma **centúria** que, portanto, era constituída por oitenta militares e não por cem como muitas vezes se pensa. O chefe da centúria era o **centurião**. O rei Servius criou assembleias de centúrias, chamados **comícios centuriatos**, onde podiam participar todos os cidadãos com meios suficientes para pagar impostos e para poder cumprir o serviço militar, incluindo Plebeus dando assim a estes, pela primeira vez, um meio de expressão política.

A estrutura político-social de Roma no tempo da monarquia pode, pois resumir-se da seguinte forma:



A QUEDA DA MONARQUIA

Os Patrícios, obviamente, não gostaram das restrições ao seu poder e influência de que os últimos dois reis foram responsáveis. Assim, esperavam apenas um pretexto para derrubar a Monarquia. Esse pretexto foi-lhes dado em 509 a.C., quando um filho do rei se introduziu em casa de uma romana respeitadíssima, esposa e mãe de reputação impecável, e a violentou. A monarquia foi derrubada, o rei teve de fugir e os Romanos juraram solenemente nunca mais consentir um rei em Roma.

Nota: A violação de Lucrecia era considerada histórica pelos Romanos. Porém, não está absolutamente comprovado que tenha realmente acontecido.

DA REPÚBLICA AO IMPÉRIO

REPÚBLICA

(509 a.C. a 27 d.C.)

Após a queda da Monarquia, os Patrícios trataram de anular algumas das conquistas dos Plebeus, mantiveram o Senado e os Comícios (tanto os Curiatos como os Centuriatos) e criaram um novo cargo, o de **Cônsul**. Eram sempre dois cônsules eleitos pelo Senado e exerciam mandatos de um ano. Além disso, desempenhavam os poderes que anteriormente pertenciam ao rei.

Os Plebeus participavam nos Comícios Centuriatos mas apenas os Patrícios podiam ser senadores ou cônsules. Durante os primeiros duzentos anos da República, os Plebeus nunca vão deixar de lutar por mais direitos. Contudo, eles não constituíam um grupo homogêneo: os Plebeus pobres lutavam por leis escritas que acabassem com as decisões arbitrárias dos magistrados e exigiam, também, a abolição da redução à escravidão por motivo de dívidas e uma distribuição de terras mais justa. Os Plebeus mais ricos desejavam essencialmente uma lei que permitisse o casamento entre Patrícios e Plebeus e cobiçavam também o acesso às magistraturas.



Cônsul Romano

Embora não faça parte do programa do 7º Ano (portanto não te assustes...) mostramos-te, de seguida, um pequeno resumo dessa longa luta por direitos iguais entre Patrícios e Plebeus, apenas para que possas fazer uma ideia do quanto ela foi difícil.

Em 494 a.C., os Plebeus, fartos de esperar, ameaçaram abandonar Roma e construir outra cidade nas vizinhanças. Dado que o comércio e o artesanato era gerido por Plebeus, e dado que eram a «carne para canhão» no exército, os Patrícios ficaram aterrorizados com a ameaça. Concederam assim a criação de um órgão político que defendesse os interesses dos Plebeus: o **Tribunato da Plebe**. Os **Tribunos da Plebe** de princípio eram dois e, mais tarde, dez. Eram considerados sacrossantos, isto é, ninguém poderia atacá-los ou mesmo ameaçá-los. Quem o fizesse incorria em sacrilégio, crime punível com a morte.

Em 471 a. C., é criada a **Assembleia da Plebe** em que o conjunto de Plebeus com um certo poder económico podia propor e criar leis que os regessem. Essas leis chamavam-se **plebiscitos**. Os tribunos da Plebe podiam convocar as assembleias sempre que o julgassem necessário. Tinham também o poder de **intercessio** que consistia em poder interceder para modificar ou anular decisões que pudessem prejudicar os Plebeus bem como em socorrer um Plebeu que considerassem perseguido injustamente por um magistrado.

Cerca de 450 a.C., depois de mais uma revolta plebeia, foi criada uma comissão de 10 membros (decênviros) que, finalmente, passou a escrito um código de leis que era válido para todos - **a Lei das Doze Tábuas**.



Pretor

Em 445 a.C., com a **lei Canuleio**, os Patrícios e os Plebeus podem casar entre si. Isso levou os Patrícios a rejeitar a ascensão dos Plebeus ou seus descendentes ao cargo de cônsules. No ano seguinte, aboliram o cargo de Cônsul.

Em 366 a.C. o consulado foi restabelecido e os Plebeus passaram a poder aceder-lhe. Mas, ao mesmo tempo, foram criados dois novos cargos, **Pretores** e **Censores**, com alguns poderes dos antigos cônsules, e reservados exclusivamente a Patrícios.

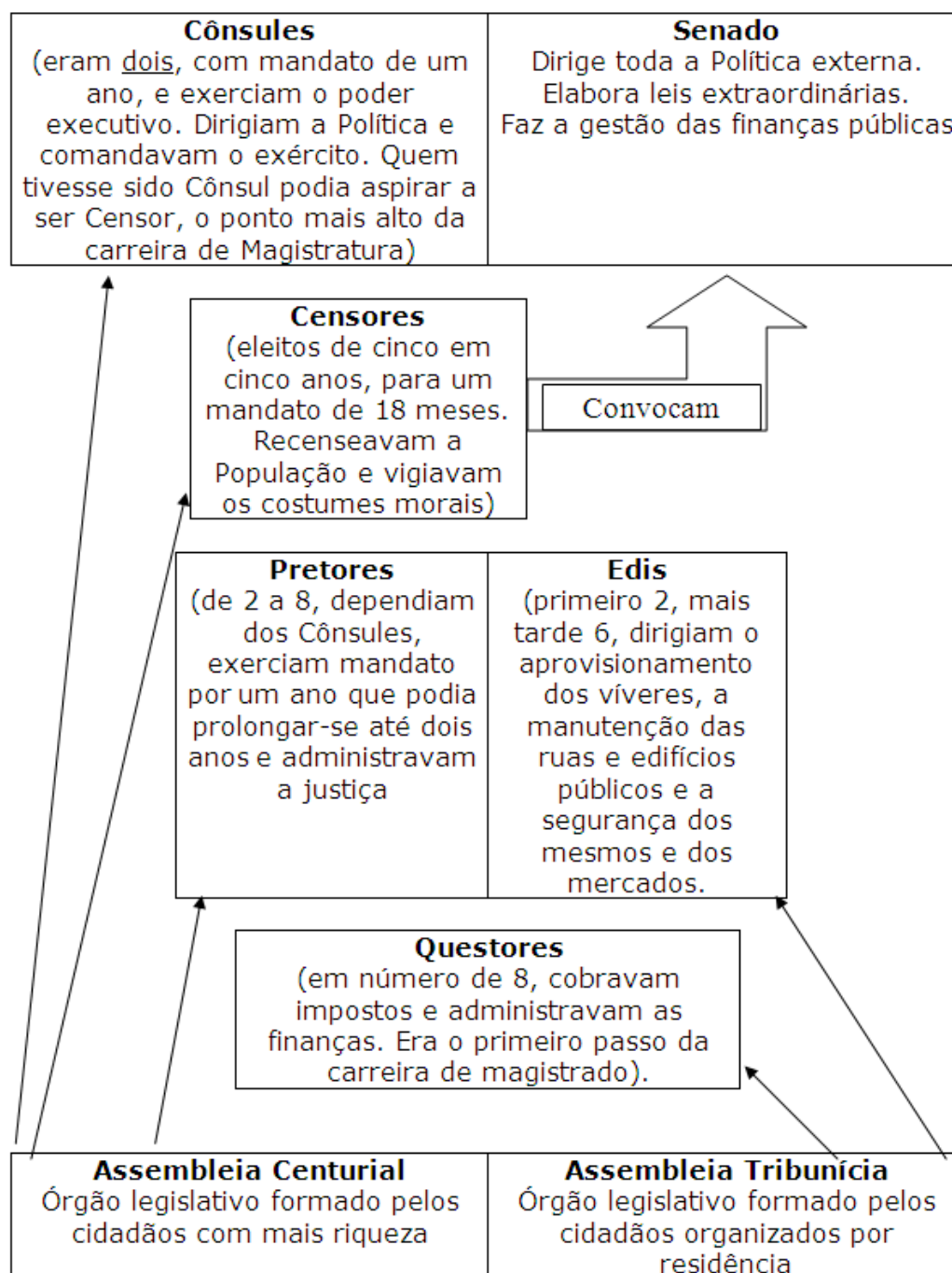
Os últimos passos desta longa caminhada estavam prestes a ser dados: em 326 a.C. é abolida a escravidão por dívidas, em 300 a.C. Os Plebeus conquistam assim o direito de aceder a todas as magistraturas e, finalmente, em 286 a. C., os plebiscitos passam a ser válidos para toda a população sem discriminação.

Entretanto, ao longo destes anos, o acesso à expressão política e aos cargos de poder passou a depender muito mais do poder económico dos indivíduos do que do seu nascimento enquanto patrício ou plebeu. As tribos passaram a organizar-se territorialmente. No final da luta entre Patrícios e Plebeus, eram 35, 4 urbanas e 31 rurais. Por esse facto, a Assembleia Curiata foi perdendo força a favor da **Assembleia Centuriata** (herdeira dos comícios centuriatos) e acabou por desaparecer. Surgiu, ainda, a **Assembleia Tribunicia** que reunia os chefes das várias tribos.



Senado deliberando

A organização político-social durante a República pode ser esquematizada da seguinte forma:



Um cidadão romano aspirava sempre a seguir a carreira de magistratura a que se chamava o **cursus honorum** (percurso de honra). Nos primeiros tempos, só os patrícios podiam aceder a este "privilégio". Mais tarde, qualquer cidadão poderá concorrer a este cargo máximo.

Questor (idade mínima: 31 anos) => Edil (idade mínima: 37 anos) => Pretor (idade mínima: 40 anos) => Cônsul (idade mínima: 43 anos) => Censor (tinha de ter sido cônsul)

Falta falar de um cargo extraordinário: o de **Ditador**. Um ditador não era uma pessoa autoritária com poderes absolutos tal como o entendemos hoje. O Ditador romano era nomeado pelo Senado ou por um Cônsul em caso de emergência. Contudo, apesar de concentrar a maior parte dos poderes nas suas mãos, o mandato limitava-se a seis meses e não tinha poder sobre as finanças públicas. Dois ditadores, Lucius Cornelius Sulla e, mais tarde, Júlio César, aboliram estes mecanismos de contenção e governaram com poder quase absoluto. Após a morte de Júlio César, os Romanos aboliram o cargo de Ditador.

O Brasão (emblemata) da cidade de Roma era uma águia, que se encontrava em quase todos os estandartes, bandeiras e insígnias públicas. Nos finais da Monarquia e princípios da República aparecem também quatro letras: SPQR (*Senatus Populusque Romanus*). Ainda hoje, em Roma, em certos edifícios públicos, bocas-de-incêndio, tampas de entrada para esgotos, etc... as iniciais são usadas, indicando que são administrados pela Câmara Municipal da cidade, em nome do Povo.



Brasão de Roma

Nota: SPQR significa *O Senado e o Povo Romano* que, ligado à palavra *Populus* significava «e». Embora se escrevesse ligado à palavra anterior era uma palavra diferente, daí aparecer nas iniciais.

EXPANSIONISMO

Durante os séculos em que durou a República, Roma consolidou as bases do que viria a ser o seu império no Mundo.

Num primeiro tempo, lutou para se defender dos ataques de Povos que lhe cobijavam a riqueza e poderios crescentes. Teve de defender-se dos seus vizinhos, entre eles os **Etruscos** que não tinham desistido de voltar a dominar Roma. Uma vez vencidas as principais cidades etruscas, foi a vez de várias cidades de Povos Latinos (que não tinham tomado parte na fundação de Roma) atacarem e, contra ela, constituírem a **Liga Latina**. E lá tiveram os Romanos de se defender de novo, primeiro integrando-se na Liga. Porém, continuaram a não se sentir seguros e, desta forma, romperam o tratado e conquistaram o território da maioria dessas cidades.

As lutas com os povos da Península Itálica continuaram; mais guerras com os Etruscos que se tinham voltado a erguer contra Roma e depois todo o norte de Itália foi conquistado. Roma começou então a defender-se dos povos que lhe ficavam a Sul. Em 272 a.C., quase toda a Península Itálica, excepto o vale do rio Pó, era território romano.

Sempre que conquistava uma nova região, Roma apropriava-se de um terço do território e transformava-o em **ager publicus** (terreno público); esse *ager* era distribuído pelos cidadãos romanos para que instalassem colónias, o cultivassem ou nele construíssem lotes individuais. Assim, pouco a pouco, os cidadãos romanos foram formando colónias por toda a Itália, colónias essas ligadas entre si por uma rede de estradas.



Ager Publicus (Cidadão indicando ao escravo onde cultivar)

Num segundo momento, Roma irá expandir-se para fora de Itália. Ao conquistar o Sul da Península, tinha ameaçado o poder e os desejos expansionistas de uma outra grande cidade, **Cartago**, situada no Norte de África onde hoje é a Tunísia. Cartago tinha várias colónias na Sicília, na Sardenha e na Península Ibérica. Ao ver o poder de Cartago, Roma sentiu-se francamente ameaçada. A guerra entre as duas potências estalou e conheceram-se três fases, as três guerras púnicas (o termo vem de *Poeni*, nome pelo qual os Romanos conheciam os Fenícios dos quais os Cartagineses descendiam) entre 264 e 146 a.C.

Roma ganhou e destruiu Cartago. Estas guerras levaram Roma até à **Península Ibérica** para melhor se defenderem. A conquista desta região apenas se completou em 133 a.C.

Entretanto, os Romanos tinham chegado à conclusão de que a melhor política de defesa era o ataque. Passaram a conquistar todos quantos lhes fizessem frente ou pudessem vir a fazê-lo. A Oriente conquistaram a Macedónia e a Síria. Na Ásia Menor, o alvo mais apetecido foi a **Grécia**, com quem os Romanos sempre mantiveram uma relação ambígua de admiração mesclada de inveja. Conquistaram-na em 146 a.C. e, quando os Gregos se revoltaram contra o seu protectorado, tornaram-na definitivamente província romana em 129 a.C. Estabeleceram em seguida um protectorado romano no Egipto.

Em 52 a.C., Júlio César conquistou a **Gália Transalpina** (território que corresponde mais ou menos à França actual). Com esta vitória, Roma, nos finais da República, tinha-se transformado no maior império que a História tinha conhecido até então, com uma população calculada em quase 1/4 de toda a população mundial.



Júlio César conquistando a Gália

QUEDA DA REPÚBLICA

A expansão territorial de que temos vindo a falar mudou toda a estrutura social, política e económica de Roma, o que levou a mudanças também culturais. Vejamos alguns exemplos:

O número crescente de prisioneiros de guerra provocou um aumento extraordinário do número de escravos.

O *ager publicus*, de início destinado a ser cultivado e distribuído de uma forma mais ou menos justa, foi apropriado pelos Patrícios que se tornaram possuidores de grandes extensões de terra, os **latifúndios**, provocando cada vez mais descontentamento entre os Plebeus.

Surgiu uma nova classe social, a dos **Cavaleiros**, constituída por homens enriquecidos de forma demasiado rápida e não muito clara: cobrança de taxas demasiado altas, exploração de minas, etc...

No exército, o militar dedicado ao Estado deu lugar ao militar profissional que, por razões de interesse, passou a servir, não Roma mas sim o seu general.

O empobrecimento dos pequenos artesãos e dos pequenos proprietários, bem como a progressiva dependência do trabalho escravo, deixou os Plebeus menos favorecidos sem terras para cultivar nem trabalho com que pudessem sustentar as suas famílias. A maioria saiu dos campos para as cidades em busca de trabalho, tornando as cidades sobrepovoadas sujeitas a epidemias e a insegurança.

Para tentar combater todos os problemas acima descritos, o Estado lançou a **Política de Pão e Circo** (distribuição de alimentos e de divertimento gratuitos).



Gladiadores

Começaram a surgir, então, várias revoltas e várias tentativas de mudança. Olhemos algumas, passo a passo, num caminho que irá levar ao desmoronar da República:

Em 133 a. C., **Tibério Graco** é eleito Tribuno da Plebe. Filho e neto de magistrados com tradições liberais (é neto de Cipião, o Africano, herói da luta contra Cartago), segue a tendência familiar e propõe uma **reforma agrária** para que o empobrecimento dos camponeses não termine em revolta e desencadeie o fim da República. Um outro tribuno da Plebe, Octávio, veta a Lei e o Senado segue-lhe o exemplo. Tibério Graco dirige uma revolta plebeia, destitui Octávio e tenta de novo fazer vencer as suas ideias mas é assassinado. O seu irmão mais novo, **Caio Semprônio Graco**, toma o seu lugar à frente da Plebe. Eleito Tribuno da Plebe em

123 a.C., consegue fazer aprovar a reforma que o irmão tinha desejado e defende mais duas leis: a Lei Frumental, que regulamenta subsídios para o cultivo do trigo, e a Lei Viária, que ordena a construção de obras públicas que ofereçam trabalho a desempregados. O Senado opõe-se-lhe e os seus partidários revoltam-se. Durante a luta, Caio é assassinado.



Irmãos Graco

O aumento de poder dos generais e o apoio dos militares a cada um deles, divide o exército em facções agindo segundo os interesses deste ou daquele general. Alguns deles servem-se desse poder para dominar e isso provoca guerras civis.

Entre 121 e 86 a.C., dois generais, **Mário** e **Sulla** (também conhecido como **Sila**), põem, ao longo de duas guerras civis, Roma a ferro e fogo. As razões do desentendimento entre ambos são várias e diversas e envolvem rivalidades sobre méritos na guerra, invejas e traições. Mas também existem algumas razões ideológicas de fundo.

Mário é o chefe do chamado Partido Popular e defende a profissionalização do exército, a distribuição de terras aos militares veteranos e um maior poder da Plebe. Sila é partidário das elites senatoriais. Após lutas longas e renhidas, Sila vence, nomeia-se a si mesmo ditador, anula todas as restrições ao cargo e dá início a um período dos mais sangrentos na História de Roma, Extermina todos os antigos adversários, as suas famílias, aqueles de quem não gosta ou de quem pensa poder vir a temer alguma represálias. Dá-se um verdadeiro banho de sangue.

Apesar de terrível e sanguinário, Sila acredita estar a salvar a República Romana. Promulga várias leis e, quando acredita que Roma está segura, retira-se voluntariamente para a Sicília onde viverá os últimos anos da sua vida sem mais interferir na política.

EM 59 a.C. três homens juntaram-se para partilhar o Governo de Roma: **Júlio César**, brilhante jurista e acabado de ser eleito cônsul, **Pompeio**, (também conhecido por Pompeu), grande general extremamente popular mas desprezado pela elite do Senado pela falta de sangue patrício, e **Crasso**, considerado o homem mais rico de Roma. O acordo, selado pelo casamento de Júlia, filha de César, com Pompeio, não teve valor jurídico mas ajudaram-se uns aos outros como podiam. Este acordo ficou conhecido como **Primeiro Triunvirato**. Enquanto cônsul, Júlio César legislou de forma que os soldados de Pompeio recebessem terras e fez promulgar leis que ajudavam os interesses de Crasso. Em troca, Pompeu apoiou a sua pretensão de conquistar e governar a Gália e Crasso disponibilizou o dinheiro necessário ao exército.



Primeiro Triunvirato - Júlio César, Pompeio o Grande e Crasso

Em 55 a.C., Pompeio e Crasso são eleitos ambos cônsules e César consegue manter o poder sobre a Gália por mais cinco anos. Então Júlia morre e Pompeu, que já só se mantinha ligado a César por ser o pai da sua mulher, a quem ele realmente amava, afastou-se do antigo amigo. Crasso morreu numa batalha contra os Persas e, com o triunvirato definitivamente desfeito, Júlio César e Pompeu, o Grande (como era conhecido pelos seus militares) tornaram-se inimigos.

Júlio César acabou por vencer Pompeio (que entretanto é assassinado no Egipto) e tornou-se Ditador em Roma. Promulgou várias leis e estabilizou a vida política, económica e social na Cidade. Contudo, o seu poder era cada vez maior o que acabou por convencer alguns cidadãos de que ele desejava abolir a República, deixar-se coroar rei e reclamar o poder absoluto. Conspiraram então para o assassinar, o que fizeram em pleno Senado em 44 a.C.



Morte de Júlio César

A Plebe gostava de Júlio César e Marco António, seu amigo, convenceu a população romana da injustiça da sua morte enfurecendo-a contra os chefes da conspiração que se viram obrigados a fugir.

Em 43 a.C. estabeleceu-se o **Segundo Triunvirato**, desta vez com validade jurídica, entre **Marco António, Lépido e Octávio** (sobrinho e filho adoptivo de Júlio César). Aos três homens foram concedidos poderes para governar Roma por um período de cinco anos. Octávio, como já dissemos, era filho adoptivo de Júlio César; Marco António e Lépido tinham sido seus amigos e generais da sua confiança. Todos desejavam vingança e todos ambicionavam poder. Depois de eliminarem os conspiradores contra César que ficaram em Roma, perseguiram e venceram os que se exilaram.

Os três triúnviros, contudo, não se deram muito bem entre si. Ao fim dos cinco anos, o mandato foi prolongado por mais cinco mas Lépido foi afastado do poder quase logo a seguir e exilado de Roma. Marco António e Octávio não mais pararam de conspirar um contra o outro até que Marco António, vivendo com Cleópatra no Egipto, é vencido por Octávio na batalha de Actium em 31 a.C.



Octávio

Marco António e Cleópatra suicidaram-se e Octávio voltou a Roma vitorioso. Em 27 a.C. foi-lhe oferecido pelo Senado o título de **César** (Chefe). Ele aceitou e assim se iniciou uma nova fase no governo de Roma: o **Império**.

AS INSTITUIÇÕES DO IMPÉRIO

ROMA SOB O PODER DE AUGUSTO

A Decadência do Sistema da República desencadeou um período de constante instabilidade no seio do Território Romano. As Guerras civis sucediam-se e não parecia haver fim para as constantes intrigas e rivalidades entre as famílias influentes. Com a morte de Júlio César, a Guerra Civil atinge o seu auge e três figuras influentes lutam pelo poder: Marco António, Lépido e Caio Octávio, filho adoptivo de Júlio César. Como já vimos, primeiro criaram o **Segundo Triunvirato** mas acabaram por desentender-se. Octávio conseguiu derrotar os seus oponentes, estabelecendo-se definitivamente em 27 a.C. como **Princeps** (que significa «Primeiro cidadão»).



Debate no Senado

Octávio, que viria a ser chamado **Augusto** (que significa sagrado), não desejou repetir os erros da maioria dos seus antecessores. Em vez disso, desenvolveu estratégias de governação muito inteligentes, que visavam unir os oponentes e não afastá-los:

1 - Antes de Octávio Augusto, os oponentes tentavam tomar o Poder através da Guerra e da eliminação dos seus rivais. Devido ao clima constante de guerra, as famílias patrícias viviam no medo, saltando de partido em partido consoante a conveniência. Quando apoiavam o indivíduo errado, as consequências prejudicavam toda a família: homens, mulheres e crianças não eram poupados.

Augusto preferiu chamar a si os seus possíveis rivais, colocando-os como conselheiros, aliados, estabelecendo contratos e acordos com eles. Desta forma, os Patrícios reaprenderam a saber tomar em conjunto as decisões importantes da *Urbs*, integrados numa vida política menos destrutiva.

Para evitar o destino de seus antecessores, criou um novo sistema de Governo - o **Principado** - um regime que não pretendia acabar com os cargos tradicionais da República mas sim, reuni-los todos em torno de uma única pessoa, o *Princeps*. A partir de então, Augusto manteria a ilusão de que a República estava viva quando, na realidade, os poderes mais importantes já estavam a ser transferidos para as suas mãos. O Sistema de Principado durou até 23 a.C.

2 - Impressionado pelo excelente desempenho de Octávio, o Senado (que tinha absoluta confiança nele) começou, a pouco e pouco, a atribuir os cargos políticos e religiosos mais importantes de Roma (para além daqueles que já tinha, antes de se

estabelecer no poder). Acreditavam que só ele seria capaz de restaurar a República, devolver a estabilidade e manter a ordem. Assim, todo o Poder ficou nas suas mãos. Durante o período da duração dos cargos, Augusto instaurou reformas:

- Reorganizou os exércitos, premiando as figuras militares (de todos os lados rivais) que se destacaram pela sua bravura nas guerras.

Legiões Romanas



- Transformou o exército numa força permanente e criou salários decentes para os soldados e reformas mais estáveis para aqueles que se reformavam.

- Coordenou toda a reconstrução da Cidade de Roma (muito massacrada pelas guerras constantes), devolvendo à *Urbs* a sua antiga grandiosidade e mandou erigir novos edifícios, sendo um dos mais famosos o **Panteão**.

- Reabilitou a lei da proibição do porte de armas dentro da cidade e estabeleceu a *Pax Romana* (Paz Romana) em todo o território do Império.

- O cuidado extremo que teve com os exércitos levou a que todas os soldados ficassem do seu lado. Com o passar do tempo, o Poder Militar começou a ser transferido para as mãos de uma única personalidade. É devido a Augusto que o termo **Imperator** ganha um sentido inteiramente novo. Outrora tinha sido um título honorífico que os soldados ofereciam a um general que admiravam. Quando um exército tinha uma grande vitória numa batalha ou campanha, os soldados aclamavam o seu general como *Imperator* (significa «Aquele que tem Poder»). Quem obtivesse esse título poderia entrar em Roma através de uma Parada Triunfal. Júlio César, por exemplo, foi aclamado desta forma pelas suas tropas. São conhecidas as suas entradas triunfais em Roma, onde foram exibidos prisioneiros de guerra como Vercingétorix, da Gália e Arsinoe, irmã de Cleópatra.

A Partir de Octávio Augusto (aclamado em 29 a.C.), este título transformou-se e começou a estar ligado a um único indivíduo: a figura cimeira do Império Romano, o **Imperador**.

Triunfo Romano



3 - Augusto aceitou, um a um, os cargos concedidos pelo Senado (com excepção de um, o Consulado), mas devolvia-os sempre, quando o prazo destes terminava. Esta atitude, nada comum na Aristocracia Romana, provocava admiração nas massas e nas famílias influentes. É-lhe finalmente concedido (por pressão do povo, que já o via como uma figura sagrada) o cargo religioso mais importante da República: **Pontifex Maximus** (que significa «Supremo Construtor de Pontes»). Este título é vitalício. Uma vez concedido, já não pode ser tirado. O Máximo Pontífice ocupou-se assim de todos os aspectos relativos à Religião de Roma (Cerimónias Sagradas; Templos; nomeação de novos pontífices, entre outras). Ele está acima de todos os sacerdotes e nem o Senado tem poder sobre ele.



Sacerdotes executando um sacrifício

Mas a partir deste momento, o mais importante cargo religioso da República também passou a estar associado ao Imperador.

Quando Augusto morreu, em 19 de Agosto de 14 d.C., a República tinha já desaparecido. Aos olhos do povo romano parecia ainda funcionar, com todos os seus cargos activos, cada qual com as suas anteriores funções. Contudo, tinha-se transformado em algo completamente diferente: um sistema que tinha, à cabeça, o Imperador, que concentrava todos os tipos de poder sob a sua autoridade. Roma já não era uma república; era um **Imperium**.

IMPERIUM

A Palavra *Imperium* significa algo como «executar o Poder». Não se refere a uma pessoa, refere-se, isso sim, ao poder dado a uma pessoa para esta exercer autoridade sobre alguém. Aqueles que detinham o *imperium* estavam autorizados a fazer cumprir ordens e a punir aqueles que não as cumpriam. Fora da cidade de Roma chegavam a ter poderes religiosos e judiciais. O título *Imperator* foi, como já dissemos antes, um título honorífico que os exércitos davam ao seu general vitorioso, por aclamação e significa «Aquele que tem o Poder». A partir de Augusto, esta palavra passou a estar associada ao *Imperator*, que «tem o Poder» de tomar todas as decisões importantes no território romano. Que poderes são esses? Bem, basicamente...todos.

Nota: É interessante verificar como, por exemplo, Octávio Augusto é representado de diversas maneiras consoante o tipo de cargo que, na altura, estava a exercer:

Com armadura como general; de toga como magistrado; ou com uma ponte da toga cobrindo a cabeça como Sumo Sacerdote.

Poder Religioso - O Imperador é a figura religiosa mais importante do Estado. Ele é o **Supremo Sacerdote**, que dirige todas as cerimónias sagradas da Religião Romana. Com o passar do tempo virá a adquirir a dimensão de um verdadeiro deus-vivo, com templos específicos para ser adorado. O Culto do Imperador virá a ser, no futuro, uma das causas das perseguições aos cristãos, que se recusarão a fazer sacrifícios ao Imperador e a adorá-lo como um deus.



Octávio Augusto enquanto Sumo Sacerdote

Poderes Militares - Para além dos poderes religiosos, ele é também, o Chefe Supremo dos exércitos. Faz-se acompanhar por uma guarda especial, a **Guarda Pretoriana** que serve unicamente o Imperador e que o defende de todos os seus inimigos, funcionando como uma espécie de corpo de guarda-costas. Contra todas as expectativas, houve casos, raríssimos, em que a Guarda Pretoriana se virou contra um Imperador, como no caso de Calígula - 12 a 41 d.C. - a quem mataram por se ter transformado num monstro de crueldade.

O Imperador tomava todas as decisões militares relativas a todas as províncias.



Octávio Augusto enquanto General

Poder Judicial - Regula e fiscaliza todo o funcionamento da Justiça e vela para que esta seja bem executada.



Octávio Augusto enquanto Magistrado

Poder Financeiro - Também tem o poder de gerir e fazer crescer a riqueza de Roma, controlando o Tesouro Imperial. Esta autoridade pode, por vezes, trazer dissabores. Muitos Imperadores delapidaram a fortuna do Estado, deixando milhões de habitantes na miséria. Quando Vespasiano subiu ao poder a seguir à morte de Nero em 68 d.C., teve de gerir um Império com cofres vazios. Para salvar Roma da bancarrota, mandou cobrar centenas de impostos sobre toda a população. Esta tendência que os Imperadores sempre tiveram para desperdiçar a riqueza do Estado, será uma das muitas causas que virão a causar a Queda de Roma.

Juntando todos os seus poderes, o Imperador pode nomear quem deseja para todas as magistraturas e funcionários superiores, além de convocar o Senado e Comícios quando lhe interessa.

Quando é que os Romanos se começaram a aperceber de que já não viviam numa República? A noção de que viviam num regime muito diferente não apareceu de repente, levou tempo a surgir. No «reinado» de Tibério, sucessor de Augusto (que governou de 14 a 37 d.C.), já havia várias vozes descontentes, que se queixavam de que já não viviam numa República. As multidões (menos atentas a jogos de poder e à vida política nos Senados) mantiveram, durante duas gerações a ilusão de que ainda viviam num sistema político fundado pelos seus antepassados a seguir à expulsão dos Etruscos. Antepassados que se tinham recusado a ter, a partir de então, um rei.

A ROMANIZAÇÃO

A INTEGRAÇÃO DOS POVOS NO IMPÉRIO

A Civilização Romana, como vimos anteriormente, teve as suas origens numa pequena terra pantanosa do Lácio e que, com o passar dos séculos, se transformou numa nação poderosa, com imenso território conquistado. **Numa etapa inicial**, os Romanos guerrearam contra outros povos **em defesa das suas terras**. Chegaram mesmo a conquistar regiões longínquas (como a Península Ibérica) para se defenderem de futuras invasões de povos como os Cartagineses.



Galera Romana (sec II a I a.C.)

Depois os papéis inverteram-se. Os Romanos começaram a invadir e a anexar cada vez mais regiões. **Transformaram-se numa nação agressiva**, com um número crescente de habitantes. O aumento demográfico levou, por sua vez, a outras necessidades: quanto maior é a população, maior é a necessidade de procurar alimento e matérias-primas para todos. Daí a procura, cada vez maior, de novos territórios. É uma «bola de neve» que não pára de crescer e parece ter ganho uma vida própria. No século II d.C., o Império Romano já dominava todas as costas que circundavam o Mar Mediterrâneo.



Mapa do Império Romano no século II d.C.

São muito raras as nações que se juntaram aos romanos de livre vontade. Mas a esmagadora e maciça maioria era simplesmente vencida, após uma ou várias guerras. À medida que expandiam o seu Império, os Romanos anexavam todos os povos que nele passavam a viver. É então colocada a pergunta: que fazer com estas populações? Estamos a falar de centenas de nações diferentes, com costumes, língua, religião e cultura próprias!

Para que estes povos, uma vez conquistados, não se sentissem «invadidos», os Romanos aceitavam-nos, tal como eram. Não impunham nada: não forçavam os conquistados a aprender a sua língua e a adoptar a sua cultura; não proibiam a sua religião; não impunham, sequer, que saíssem das suas casas e fossem morar para as cidades romanas (que entretanto construíam). Desta forma acabavam por conquistar «socialmente» os povos sob o seu domínio, que se **romanizavam**. Através da tolerância, Roma tornava-se uma Civilização que todos queriam imitar. Houve sempre algumas excepções: A região da Palestina nunca os aceitou e as Ilhas Britânicas tiveram sempre, para com os Romanos, uma resistência persistente. Quando os exércitos saíram da Bretanha, durante a Queda do Império, os Bretões rapidamente recuperaram as suas tradições e costumes, já que nunca se romanizaram inteiramente.

Podes ver aqui um excerto cómico de um filme cuja acção se passa numa região conquistada pelos Romanos: [aqui](#)

OS PASSOS DA ROMANIZAÇÃO

1 - Evocatio: após a conquista de uma terra (é preciso não esquecer que a Romanização vem sempre a seguir à Anexação), o poderoso exército romano seguia um ritual que tinha, como função, persuadir os deuses do povo derrotado a juntar-se aos deuses da nação vencedora.

Centurião Romano, chamando os deuses vencidos, para se juntarem a Roma



Isto pode parecer estranho para nós, mas as pessoas que viveram na Antiguidade (tirando algumas excepções) não estranhavam a existência de vários deuses. Se olharmos para a Mitologia Grega encontraremos centenas de criaturas imortais de todos os tipos, desde Ninfas a Sátiros, desde Titãs a Harpias, desde Deuses da 3ª geração a «Animais Imortais», como o Unicórnio ou o Pégaso. Por isso, os povos da Antiguidade nunca se espantavam quando encontravam deuses de que nunca tinham ouvido falar e que protegiam outras nações para além das suas.

Os Romanos foram conhecidos por todo o Mundo como sendo um povo prático, que sempre gostou de atingir as metas através da organização e do método. Na óptica deles, enfurecer os deuses da nação derrotada era «pouco prático». Para ganhar a confiança desses deuses, procediam ao ritual **Evocatio**: numa cerimónia solene, com «Honras de Estado», as imagens dos ídolos das nações vencidas eram levadas em procissão até à cidade de Roma. Ali eram colocadas no **Panteão** (Panteão era o conjunto de todos os deuses. Também se dava este nome a um templo consagrado a todos os deuses), num lugar só para elas, construído de propósito para as receber. Desta forma, os deuses passavam a fazer parte da «Grande Família Divina» de Roma. E também conseguiam obter o respeito por parte das nações vencidas, ao perceberem que os seus invasores não só não os rejeitavam como os aceitavam, passando a considerá-los como sendo deles.

2 - Construção de uma nova Cidade: os Romanos «exportavam» a sua Civilização. Onde quer que estivessem havia sempre uma cidade romana, com todas as instituições, hábitos e comodidades a que estavam habituados: templos, anfiteatros, aquedutos e termas, só para citar alguns exemplos.

Era através da cidade que se faziam as trocas comerciais mais importantes. Os povos invadidos traziam as suas mercadorias e, a pouco e pouco, começavam a acostumar-se aos hábitos e ao modo de vida das cidades romanas: ir ao anfiteatro ver os jogos do circo; assistir às corridas de quadrigas; tomar banho nas termas; gozar de um sistema de canalização que abastecia as ruas e a maioria dos bairros; tomar contacto com mercadorias «exóticas» que nunca tinham visto, vindas de países distantes. Além do mais era na cidade romana que muitos encontravam uma nova forma de subir de condição social: muitos indivíduos nunca teriam chegado a lugares cimeiros na sua sociedade se não tivessem tido acesso ao Sistema de Ensino Romano.

3 - Construção de estradas que liguem a cidade a todo o império: o Império Romano estava interligado por uma rede de estradas que unia todas as províncias.

Estrada romana. Ainda hoje muitas estão de pé!



As estradas eram excelentes veículos para os viajantes, para a circulação das mercadorias, do correio, das notícias e até para enviar exércitos quando havia alguma crise numa província.

4 - Língua unificadora: agora que a região já se encontrava sob o poder dos romanos era necessário consolidar a vida na própria cidade. Não bastava oferecer termas com banhos quentes ou anfiteatros com espectáculos de gladiadores. É preciso mais para conquistar uma população. Para tal oferecia-se uma **Cultura** à qual todos podiam aceder: uma cultura onde a grande base era a língua dos Romanos, o **Latim** (não te esqueças que o povo que criou este império vinha do povo dos Latinos). O Latim não era obrigatório, quem quisesse podia aprendê-lo,

mas aqueles que o aprendiam tinham logo a sua vida melhorada. É que o Latim estava para o Mundo de então como está para nós o Inglês. Aqueles que o dominavam tinham uma «porta aberta» para todos os negócios, trabalhos, contratos e até para atingir certos cargos importantes dentro do próprio Sistema Romano: funcionários, juízes, senadores e...quem sabe, futuros imperadores de Roma. Sim, muitos imperadores romanos não vieram necessariamente de Roma. Muitos vieram das populações das províncias conquistadas... que se romanizaram.

5 - Moeda única: as moedas romanas circulavam por todo o Mundo da época e todas as nações desejavam usá-las. Era a moeda mais forte que existia, o que reflectia o Poder dos Romanos. Uma das faces de cada moeda era cunhada com o rosto do Imperador.

Moeda Romana - com a face do
Primeiro Imperador, Octávio
Augusto (c.20 a.C.)



6 - Legislação e Conhecimentos Novos: e quem fala em Latim, fala, igualmente, de tudo o que deriva de uma língua: a Literatura e a Legislação, por exemplo. O Direito Romano ainda hoje é estudado. Ficas a saber que todos os alunos na Faculdade de Direito têm uma cadeira intitulada «**Direito Romano**». Porquê? Porque os nossos tribunais, os nossos julgamentos, os advogados e os juízes são uma cópia de tudo o que vemos no Sistema de Justiça Romano (com algumas mudanças, claro) e que era aplicado em todos os cantos do Império. As leis eram as mesmas, quer estivéssemos em Massília, em Cartago ou na Lusitânia. Isto fornecia ao Império um sentido de união e estabilidade.

Não foi só a Justiça que se espalhou por todas as Províncias, foi também todo o tipo de Conhecimentos: Engenharia, Matemática e Medicina.

Vale a pena mencionar um assunto importante: os Romanos também receberam as suas influências. O povo que mais marcou esta nação vencedora foi a civilização dos Helenos (a quem eles chamavam «Gregos»). Com efeito, a Civilização Grega, ao ser anexada pelo Império deixou um imenso legado cultural que iria mudar a face de Roma para sempre. Os Romanos já admiravam os Gregos ainda antes de os invadir. Uma das ordens que o exército recebeu, antes que chegar à *Magna Graecia* (hoje Sicília) foi a de poupar os sábios que ali viviam (filósofos, matemáticos, artistas, por exemplo). Um nome muito respeitado era o de Arquimedes. Infelizmente Arquimedes parecia mais um mendigo do que um sábio. Quando os romanos chegaram à ilha e começaram a dominar as populações, repararam num idoso sentado no chão a escrever na areia com um galho fino.



A Morte de Arquimedes

O sábio, que tinha a sua cabeça «na lua» (que nem se apercebeu que a sua terra estava a ser invadida), disse para o soldado que se encontrava ao seu lado: «não pisem os meus círculos!». O soldado irritou-se com a insolência do «maltrapilho» e matou-o. Imaginem a cara com que ficou quando ficou a saber quem era aquele que acabara de matar!

Os Gregos conquistaram os Romanos a nível cultural e, através dessa influência, a cultura do Império Romano, que se espalhou para todas as províncias já estava muito «Helenizada». O Teatro, a Filosofia, a Poesia, a História e várias formas de saber gregos, sobreviveram e prosperaram graças à admiração de Roma.

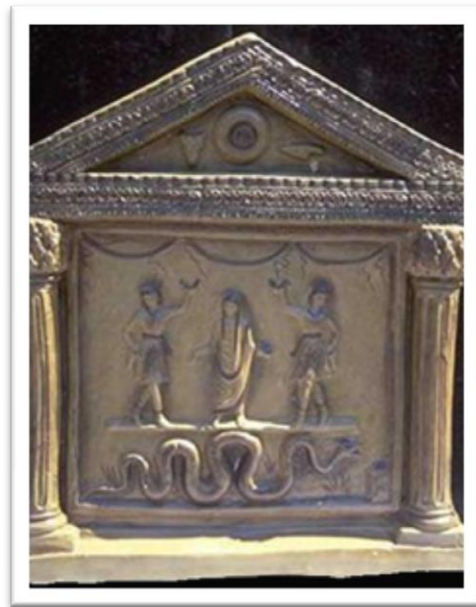
A RELIGIÃO ROMANA PRIMITIVA

CULTOS DOMÉSTICOS

Desde os princípios de Roma que se praticam cultos e rituais privados de cada família e de cada *gens*. Eram praticados pelas famílias patrícias (as que pretendiam a uma *gens*) no **lararium** (também chamado **sacrarium**) que era o altar familiar. Cada família tinha os seus próprios deuses protectores. Além destes, veneravam-se outras divindades com determinadas «funções»: os **Penates** protegiam o interior das residências, os **Lares** protegiam os campos agrícolas pertencentes à propriedade familiar (mais tarde foram associados aos **Manes** e considerados, tais como estes, personificação das almas dos antepassados) e o deus **Ianus** protegia as portas de entrada.

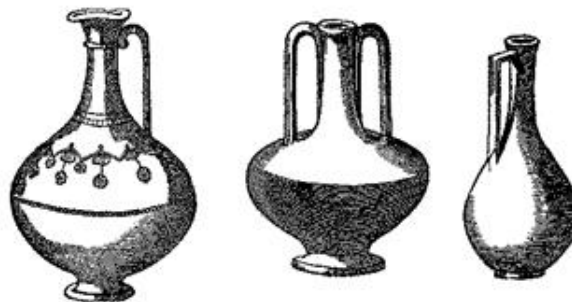


Paterfamilias presidindo
ao culto familiar



Um Larariu

Os **Manes** eram espíritos dos antepassados e o *paterfamilias* (o chefe da família) era o sacerdote que praticava todos os cultos da religião doméstica. Assim que nascia o dia, oferecia alimentos e bebidas aos Manes e aos outros deuses familiares. Em certos dias especiais, presidia a cerimónias também elas especiais como, por exemplo, quando chegava a altura do ano em que se acreditava que os mortos regressavam e tinham de ser apaziguados. À meia noite, lançava para trás das costas, sobre o ombro, nove favas negras enquanto pronunciava nove vezes fórmulas de esconjuro.



Oferendas aos deuses

Os Romanos, Patrícios ou Plebeus, evitavam sempre praticar todo e qualquer acto que pudesse ofender os deuses: fitar um mocho durante a noite, assistir a qualquer acto público com uma toga que estivesse suja ou tivesse algum rasgão, espalhar sal perto de casa ou nos campos, pisá-lo, etc...

Perto do *lararium* havia sempre fogo ou, pelo menos, cinzas que se deveriam manter permanentemente ardentes. Era obrigação do *paterfamilias* manter a chama sempre acesa e era considerado muito mau presságio se alguma vez se apagasse. O fogo só deveria ser extinto se todos os elementos da família (incluindo os escravos) morressem. Uma deusa patrocinava esse fogo sagrado, protegendo todo o lar: **Vesta**. E, dado que Roma era considerada o lar de todos os Romanos, Vesta foi uma das primeiras deusas a ter um templo onde ardia o fogo sagrado guardado por sacerdotisas virgens chamadas **vestais**. Estas gozavam de vários privilégios e eram muito respeitadas e influentes.. Tinham mesmo o direito de poder perdoar a qualquer condenado que se cruzasse no seu caminho. Mas tinham de manter-se virgens durante o tempo que durasse o seu sacerdócio (normalmente 30 anos) e não podiam deixar apagar o fogo, o que seria considerado um presságio de catástrofe e até do fim da Cidade.



Este fogo, porém, tanto o da Cidade como os vários fogos domésticos, era apagado um dia por ano. Deveria ser aceso no dia seguinte segundo ritos muito rigorosos: com dois pedaços de madeira (que só podia ser de oliveira ou de loureiro) procurava-se um sítio onde o Sol incidisse e esfregavam-se os mesmos até fazer fogo que era depois transportado para o *lararium*. Durante o ano, a chama tinha de ser alimentada com o mesmo tipo de madeira e com a gordura dos animais sacrificados. Nada mais era permitido.

CULTOS PÚBLICOS

Além da Religião doméstica também existiam vários deuses e cultos que pertenciam a toda a Cidade. Os seus sacerdotes chamavam-se **pontífices** e havia-os de vários tipos: as **vestais**, de que já falámos, os **sális** (sacerdotes do deus Marte), os **flâmines** (encarregados do culto em templos de deuses patrocinados pelo Estado), os **feciais** (a quem cabia determinar se as razões para uma guerra eram justas ou não), os **Áugures** e **Arúspices** (que interpretavam o futuro através de elementos como o voo das aves ou as entranhas de animais sacrificados) etc. Presidia a todos estes pontífices o **Pontifex Maximus** (que no Império passou a ser quase sempre o próprio Imperador). Era ao *Pontifex Maximus* que cabia, no princípio de cada ano, interpretar os sinais e determinar quais seriam os dias **fastos** (protegidos pelos deuses e considerados dias de sorte) e os **nefastos** (dias em que os deuses não protegeriam e poderia acontecer desgraças).

As cerimónias públicas variavam e podiam incluir procissões, jogos, divertimentos, combates rituais. Também incluíam sacrifícios de animais (chamados **victimias** quando eram de grande porte e **hostias** quando eram pequenos). Os animais sacrificados não podiam apresentar manchas nem defeitos e deveriam ser enfeitados com faixas e grinaldas.

Sacrifício de um animal



Os deuses públicos romanos reflectiam o seu carácter de agricultores, pastores e militares. Assim, e por ordem alfabética:

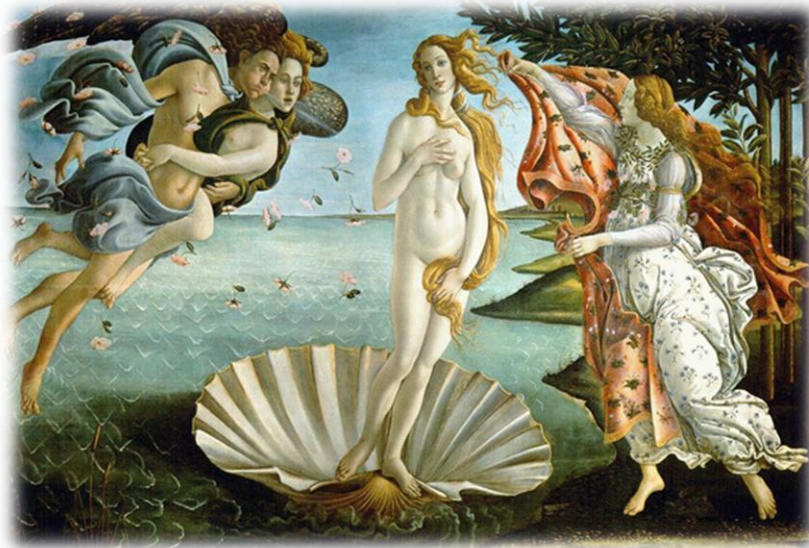
- CERES - deusa dos frutos dos cereais e da agricultura.
- CONSO - deus protector do grão antes de germinar.
- FAUNO - deus protector dos pastores e dos rebanhos.
- FLORA - deusa protectora das plantas e flores.
- IANUS - deus protector das entradas. Era representado com dois rostos (um atrás e outro à frente); o seu templo mantinha as portas abertas em tempo de guerra.
- JUNO - esposa de Júpiter, deusa protectora do casamento e dos nascimentos.
- JÚPITER - deus considerado o mais importante de todos, da chuva e do raio.
- LIBER - deus das vinhas.
- MARTE - deus da guerra.
- MINERVA - deusa da inteligência, da sabedoria e da arte.
- POMONA - deusa dos frutos de árvores.
- SATURNO - deus das sementeiras.
- TELURE - deusa da terra e dos seus fenómenos (tremores de terra, crescimento de montanhas, etc...).
- VÉNUS - deusa do amor
- VERTUMNO - deus do comércio e das estações do ano.
- VESTA - deusa do lar e do fogo sagrado.
- VULCANO - deus do fogo.

A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO GREGA

A expansão romana transformou também a sua religião. O Senado sempre aceitara os deuses dos povos vencidos que eram convidados a instalar-se em Roma pela cerimónia da *evocatio* de que já te falámos. Quando os Romanos assimilaram a Grécia passaram a identificar os seus deuses com os do panteão grego. Como os Romanos não acreditavam que os seus deuses fossem iguais aos humanos, não lhes tinham atribuído as histórias e aventuras dos deuses gregos. Ao conhecer estes, porém, ficaram fascinados e, embora conservassem os nomes romanos, atribuíram aos seus deuses as aventuras e histórias de vida dos deuses gregos. A este fenómeno chamamos **Sincretismo Religioso**.

COMPARAÇÃO ENTRE OS PANTEÕES GREGO E ROMANO:

GRÉCIA	ROMA	ATRIBUTOS
Afrodite	Vénus	Deusa do amor
Apolo	Febo	Deus da Poesia e da Música.
Ares	Marte	Deus da guerra
Ártemis	Diana	Deusa da caça e da castidade
Crono	Saturno	Deus do tempo
Deméter	Ceres	Deusa dos cereais da agricultura
Dionísio	Baco	Deus do vinho e das festividades campestres
Eros	Cupido	Deus da paixão e do amor erótico
Hades	Plutão	Deus dos mortos
Hefesto	Vulcano	Deus da metalurgia e do fogo
Hera	Juno	Rainha dos deuses, protectora do casamento e do parto.
Hermes	Mercúrio	Mensageiro dos deuses, protector dos comerciantes
Héstia	Vesta	Deusa do fogo eterno e sagrado
Poseidon	Neptuno	Deus dos mares
Zeus	Júpiter	Rei dos deuses, senhor das tempestades e do raio.



O Nascimento de Vénus, de Sandro Botticelli

Vários deuses romanos



Júpiter
Deus do céu e do trovão



Juno
Protectora do casamento



Ceres
Deusa das safras



Marte
Deus da agricultura e da guerra



Vênus
Deusa do Amor



Mercúrio
Deus da eloquência, do comércio e dos ladrões

Com a chegada do Império, vários imperadores foram divinizados e o **culto às suas figuras** espalhou-se pelos quatro cantos do Império, sendo um dos meios utilizados por Roma para manter a unidade entre as suas vastas e longínquas províncias. Mais tarde, essa foi uma das razões para a perseguição aos Cristãos que se recusavam a prestar homenagem ao Imperador enquanto deus. Apenas em 313 d.C., pelo **Édito de Milão**, o Imperador Constantino estabeleceu liberdade de culto para os Cristãos. Em 381, o Imperador Teodósio tornou o Cristianismo a religião oficial do Estado Romano.

CRISTIANISMO

ORIGEM E INÍCIO DAS CONVERSÕES

Já te dissemos em textos anteriores que os Romanos aceitavam muito facilmente os deuses dos povos conquistados. A cerimónia da *Evocatio* tinha como objectivo convidar as divindades das nações vencidas a entrar na grande família romana divina. Por isso mesmo, a chegada de uma nova religião não era algo que incomodasse muito este povo prático. Então, por que motivo o Império Romano demorou tanto tempo a aceitar a religião cristã?

Ao contrário dos Romanos, os Judeus e os Cristãos praticavam a **Religião Monoteísta** e não reconheciam mais nenhum deus além do seu. Tal fé era considerada por muitos como sendo «intolerante». Acresce o facto que tanto o **Cristianismo** como o **Judaísmo**, graças às suas ideias religiosas, punham em causa os fundamentos do próprio Estado Romano, entre eles o culto ao Imperador, o culto a outros deuses e as desigualdades sociais no Império.

O Cristianismo surgiu no século I numa província romana, chamada **Palestina**. Pensa-se que **Jesus**, o seu fundador, tenha nascido em **Belém**, na **Judeia**. Foi por volta dos trinta anos que Jesus começou a pregar a sua Palavra Divina, que consistia acima de tudo numa mensagem de paz e de tolerância, de compaixão e de perdão.

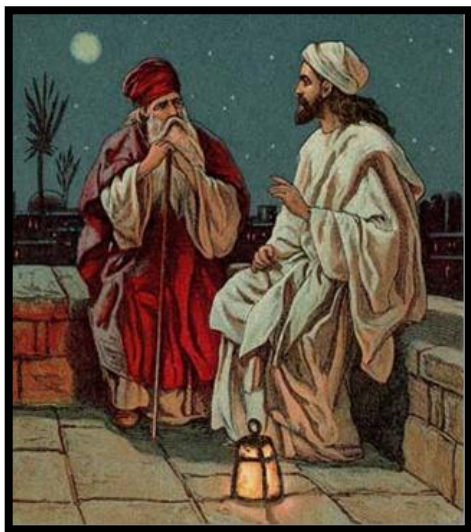


Fresco de Jesus Cristo
numa catacumba romana

O que tornava este Homem tão diferente de muitos outros profetas de então? Tal como o Judaísmo (o Cristianismo era inicialmente considerado um ramo do Judaísmo e não uma religião separada e autónoma) Jesus acreditava na existência de um **único Deus** e tinha fé na **ressurreição da Alma Humana** e na **Vida Eterna**. Porém, a religião Cristã é universal, aberta a todos os Homens e a todas as raças. Trata-se de uma fé a que qualquer ser humano pode ter acesso, o que já não acontecia com a fé religiosa de muitos povos: naquele tempo, nascia-se dentro de uma religião e muito dificilmente eram aceites as conversões. A Fé Cristã não era algo que se herdava, era uma escolha pessoal de cada indivíduo.

As ideias revolucionárias de Jesus entraram em imediato choque com o poder fortíssimo dos **Fariseus**, um grupo de Judeus que tinha como objectivo principal estudar a **Torah**, um conjunto de livros dos mais místicos e mais sagrados da religião Judaica. Estes criaram um conjunto de leis orais e foram responsáveis pela

criação da instituição da **Sinagoga**. Com o tempo, tornaram-se muito influentes e poderosos e os próprios Romanos temiam-nos.



Jesus falando com o fariseu Nicodemus

Convém também salientar que o Judaísmo acreditava (e ainda acredita) na chegada de um **Messias**, um salvador descendente da linha do rei bíblico David, que reconstruirá a nação de Israel e, desta forma, trará a paz a este mundo. No entanto, o «Reino» de Jesus, como rezam os Evangelhos do **Novo Testamento**, «*não é deste mundo*». Concluimos que Jesus não estava interessado nem em declarar guerra ao Império Romano nem em criar um império material. Os seus objectivos eram bem diferentes do que todos esperavam: eram essencialmente de ordem moral.

O fim da história é conhecido por todos nós: Cristo é acusado de ser um agitador, é preso, torturado e crucificado. Ora a crucificação era uma das formas mais violentas e mais bárbaras de se condenar à morte um ser humano...

Após a morte de Jesus, os seus apóstolos continuaram o seu trabalho e espalharam a Fé Cristã pelos quatro cantos do mundo, tendo sido **S.Pedro** e **S.Paulo** os dois apóstolos que mais viajaram pela Ásia e pela Europa.

Os primeiros a serem convertidos foram os próprios judeus, devido à sua proximidade religiosa. Com efeito os apóstolos, na falta de templos religiosos cristãos, expunham as suas doutrinas nas sinagogas. Com o tempo, foram conquistando também os gentios, isto é, aqueles que adoravam outros deuses. A religião cristã funcionou muito num processo de "passa-a-palavra" (aliás, a palavra Evangelho significa precisamente "Boa Nova") e os bons exemplos dos seus fiéis inspiraram muito os que os conheciam, particularmente os escravos, que encontravam no Cristianismo uma liberdade interior.

A Fé Cristã expunha ideias bastante apelativas:

- Luta pela igualdade de direitos entre todos os homens. No início, por razões essencialmente económicas e políticas, não condenou abertamente o regime escravagista. Assim que as condições o permitiram, o Cristianismo opôs-se fortemente a esta prática.
- A consolação de uma vida eterna, que recompensava não os ricos e poderosos mas as pessoas que tinham bom coração, partilhavam os seus pertences com os seus irmãos e sabiam perdoar. Desta forma, o «Reino dos Céus» era uma porta aberta para todos, mesmo aqueles que eram escravos.

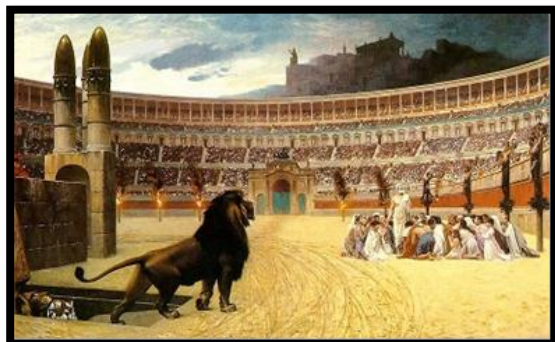


Um centurião pede ajuda a Jesus para curar um dos seus servo.

- A presença de um Deus bom e misericordioso, que aceita o lado pecador do ser humano e está sempre disposto a dar uma «segunda oportunidade» até ao pior dos criminosos. Tudo o que é preciso é termos consciência do mal que fizemos e arrependermo-nos do nosso passado.
- Não deixa de ser irónico, mas o Império Romano ajudou a Fé Cristã a espalhar-se por toda a parte, graças às suas ruas, pontes, transportes e vias de comunicação.
- Os próprios deuses romanos já não satisfaziam as necessidades das populações do Império, por isso estavam cada vez mais desacreditados.

PERSEGUIÇÕES E RECONHECIMENTO DO CRISTIANISMO

Já apontámos acima as razões que levaram os Romanos a temer e a perseguir os fiéis cristãos e esta «caça ao Homem» durou cerca de três séculos. As **perseguições** começaram logo no século I d.C mas foram particularmente cruéis e violentas nos séculos III e IV d.C, graças aos imperadores **Valeriano** e **Diocleciano**. Muitos destes religiosos passaram a ser a diversão favorita dos **circos de Roma** e era bastante comum as multidões adorarem estes espectáculos sangrentos onde homens, mulheres, velhos e até crianças eram torturados e devorados por animais ferozes nas arenas. Ironia das ironias, foi graças a estes "entretenimentos" que cada vez mais pessoas, chocadas com o que viam e comovidas pelo sofrimento destes **mártires**, se convertiam ao Cristianismo, de tal forma que, no século IV, a maioria dos Romanos já professava a Fé de Cristo, até mesmo membros da família imperial.



*A última prece dos mártires cristãos,
de Jean-Léon Gérôme (1883)*

Não é verdadeira a história de que muitos Cristãos passaram a viver nas **catacumbas**, ou seja, túneis que serviam para enterrar mortos ou lugares onde se praticava o culto cristão. Este mito tem como origem o facto de os Cristãos, tal como os judeus, serem contra a cremação e preferirem o sepultamento dos seus amigos e familiares. Na verdade, era impossível ali viver, uma vez que o cheiro dos corpos em putrefacção, bem como o ar rarefeito não criavam condições para que um ser humano ali habitasse. Todos os artistas que pintavam as catacumbas sofriam imenso com o frio destes túneis, frio este capaz de rivalizar com as nossas arcas frigoríficas. Os encontros entre Cristãos eram feitos quer em casas de amigos e familiares que professavam a mesma religião (ou em quem confiavam absolutamente) quer, quando as circunstâncias eram difíceis, nas catacumbas. Mas isso era temporário e não uma residência permanente.

Os Cristãos reconheciam-se através de um símbolo: **o peixe**. Porquê este animal? Há várias explicações, mas a mais comum está ligada à palavra grega **Ictus** («peixe»), que corresponde às iniciais do nome *Iesus Christus Theos Uios Soter* («Jesus Cristo Filho de Deus, Salvador»). Qualquer casa que apresentasse o desenho de um peixe poderia ser a casa de uma família Cristã. Por fim, este símbolo não só era fácil de ser entendido como era fácil de passar despercebido (pelo menos nos primeiros tempos...). Afinal, não há nada de errado numa parede pintada ou esculpida com peixinhos alegres aos saltos!



Desenhos de peixes e uma âncora nas catacumbas de *Domitilla*, em Roma

Foi graças ao imperador **Constantino** que esta perseguição sofreu uma reviravolta: reza a lenda que no mês de Outubro do ano 313, durante a sua guerra contra o imperador rival **Maxêncio**, uma cruz surgiu no céu e nela estava escrita a seguinte frase: *Por Este Sinal Vencerás*. Nessa mesma noite, Cristo apareceu-lhe em sonhos e pediu-lhe que fizesse um estandarte brasonado com os símbolos cristãos, pois só assim venceria a batalha. Constantino mandou então fazer o que Jesus lhe pediu e exigiu também que os seus soldados pintassem uma cruz nos seus escudos. Desta forma, o seu exército derrotou o inimigo na **Batalha da Ponte Mílvio**, sobre o rio Tibre. Maxêncio morreu afogado e Constantino entrou em Roma vitorioso.



Constantino e a cruz no céu, ilustração do século XVI

Esta foi obviamente a versão oficial que foi contada aos povos do Império Romano. Outra «versão dos factos» aponta para a mãe de Constantino como sendo aquela que conseguiu converter (ou pelo menos convencer) o seu filho a valorizar a Fé Cristã, uma vez que era uma devota dos ensinamentos de Jesus. Provavelmente, Constantino deve ter-se apercebido que o poder dos Cristãos podia ser usado para sua vantagem, visto que o Império Romano já se encontrava numa fase de grande declínio e descrédito. A sua unidade espiritual podia ser uma grande vantagem para um Imperador! Além disso, era inútil proibir uma fé religiosa que, para todos os efeitos, não só não parava de crescer como já era a fé principal de muitos povos do Império. Assim, no ano de 313, o imperador, através do **Edicto de Milão**, concedeu a liberdade de culto aos Cristãos, mantendo-se, apesar de tudo, tolerante para com as outras religiões. Foi só no ano de 381 d.C que o imperador **Teodósio** reconheceu o Cristianismo como a religião oficial do Império Romano e, pouco tempo depois, proibiu o culto e a adoração dos deuses pagãos. Como era de se calcular, muitos templos foram fechados, saqueados, queimados. Em seu lugar nasceram as igrejas romanas, criou-se uma administração própria dirigida por bispos e o Papa passou a residir em Roma.

Os tempos áureos da *Evocatio* terminaram...

MENSAGEM DO CRISTIANISMO PRIMITIVO

A MENSAGEM DO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Nos últimos capítulos sobre a Civilização Romana fizemos uma breve menção ao início da Religião Cristã. Em termos cronológicos o Cristianismo surgiu num período em que Roma estava no seu auge, alastrou e espalhou-se ao longo de todo o Império e, quando se tornou na Religião Oficial do reino, Roma estava no seu declínio. Foi por esta razão que decidimos enquadrar o Cristianismo na História da Civilização Romana: para dar aos leitores um sentido de continuidade.

Neste texto iremos analisar o Cristianismo Primitivo e como este evoluiu ao longo dos séculos até ao mandato do Imperador Constantino.

A RELIGIÃO CRISTÃ PRIMITIVA

Como já foi dito anteriormente, as primeiras comunidades de convertidos eram constituídas por Judeus e a própria Religião era olhada como uma seita dentro do Judaísmo: a diferença que existia entre estes e os restantes Judeus era a de que os Cristãos acreditavam que o Messias tinha chegado.

Gruta a norte do Jordão -
pensa-se que tenha sido o
primeiro lugar de reunião
de cristãos (uma igreja)
entre 33 e 70 d.c



Ao Povo hebraico juntaram-se Romanos, na sua maioria militares (soldados, centuriões). Por isso não é de estranhar que muitos rituais, datas e práticas sagradas tenham sido herdadas directamente dos Judeus. Eis alguns exemplos:

A Páscoa - Começou por ser uma festividade hebraica, que recordava a matança dos Primogénitos no Egipto (10ª Praga) e a saída deste povo da terra dos Faraós, em direcção à Terra Prometida. Segundo reza o livro do Êxodo na Bíblia, o Faraó mantinha o Povo hebreu como escravo e não autorizava a sua saída do reino. Deus enviou 9 pragas terríveis como sinal de aviso, mas o faraó não se demoveu. Por fim Moisés (o líder do povo Judaico) foi avisado por Deus de que uma 10ª praga atacaria o Egipto: um Anjo Exterminador iria matar todos os primeiros filhos do sexo masculino em cada família. Para que os judeus não fossem afectados, teriam que sacrificar um cordeiro e, com o seu sangue, molhar a porta da sua casa. O Anjo, seguindo as ordens de Deus veria o sangue e passaria adiante. É daí que vem o nome «Páscoa», que significa «Passagem do Senhor». Durante essa noite, comeram pão ázimo (sem fermento), para se manterem puros e vestiram roupas de viagem porque estavam convencidos de que, desta vez, iriam mesmo sair do Egipto. Esta festividade manteve-se até hoje entre o povo judaico e manteve-se como uma data sagrada no Cristianismo, dado que Jesus ressuscitou nesse dia. Para os Cristãos, a Páscoa celebra o dia da Ressurreição de Cristo.

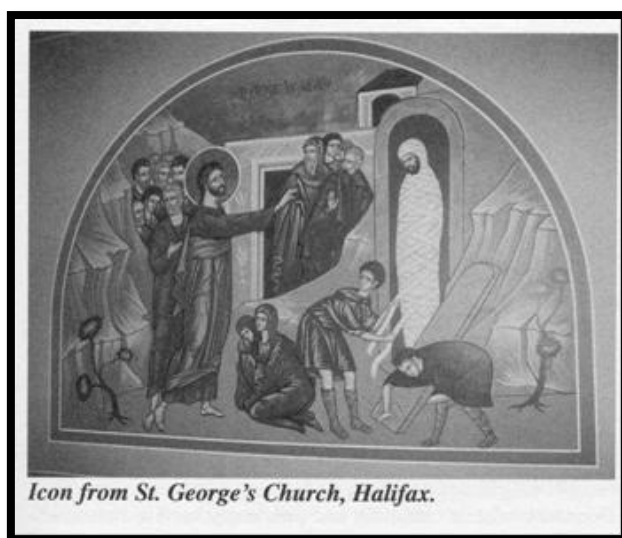
Enterro dos corpos - Os Cristãos não cremavam os cadáveres como faziam, por exemplo, os Romanos. Esta prática vem da crença judaica no Dia do Juízo Final: um dia em que Deus descerá à Terra e abrirá todas as sepulturas para que todos os seres humanos sejam ressuscitados e sujeitos a um julgamento. Daí a necessidade por parte dos Judeus (e mais tarde Cristãos) de manter o corpo intacto. Foi por causa desta crença que as catacumbas se transformaram em cemitérios cristãos.

Túmulo de Santa Tecla, na Síria - uma das primeiras santas cristãs. Na localidade onde se encontra este túmulo, ainda se fala o Aramaico (a língua falada por Jesus).



Circuncisão - As Primitivas comunidades cristãs mantiveram, no início, esta prática, dado que a esmagadora maioria dos convertidos eram Judeus (e os Romanos adoptavam-na para se sentirem integrados entre eles). Contudo, à medida que o número de crentes começou a ultrapassar as fronteiras da Palestina e a pertencer a outras Civilizações, esta prática começou a tornar-se controversa. Com efeito, os apóstolos de Jesus tiveram que discutir a circuncisão em inúmeros debates com as comunidades cristãs não-judaicas. Por fim foi tomada a decisão de aboli-la. A partir de então, a circuncisão deixaria de ser obrigatória.

Muitos cristãos primitivos mantiveram hábitos alimentares idênticos aos dos Hebreus: evitar o sangue; não comer carne de porco, etc... e até as mesmas tradições no vestuário: não usar vestes com riscas, ou enfaixar os mortos, por exemplo. Todas estas tradições viriam, com o tempo, a ser abandonadas. E é preciso salientar que a *Torah* não foi esquecida. Ela simplesmente mudou de nome. Passou a ser, mais tarde, conhecida como «Velho Testamento», a História dos Judeus antes da chegada de Cristo.



Jesus ressuscitando Lázaro (Igreja de s.Jorge, Inglaterra) - a forma como Lázaro estava enfaixado vai ser, nos primeiros tempos, seguida pelos 1ºs cristãos.

Apesar das semelhanças que existiam entre o Judaísmo e esta nova Fé havia, no entanto, pontos muito diferentes entre uma e outra:

Universalidade - Estava nova Fé funcionava como uma forma de Judaísmo Universal, aberto a todos os povos, sexos, idades e condições sociais. Não existia a ideia de um Povo Escolhido. Se alguém se convertesse a esta seita, poderia considerar-se cristão.

Separação entre o Poder Terreno (Temporal) e Espiritual - Jesus afirmou «o meu Reino não é deste Mundo» e «dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus». Os Cristãos no início não se importavam com posições de poder e consideravam esta vida, a terrena, como algo que não durava para sempre. Não lhes interessava se era Roma ou a Palestina quem os governava. Eles preocupavam-se principalmente em viver de acordo com os seus preceitos porque seriam estes que dariam acesso à Vida Eterna.

Estatuto da Mulher - Quase todas as grandes etapas da vida de Jesus estão relacionadas com uma figura feminina: o primeiro milagre (transformar água em vinho) foi feito diante da sua mãe, Maria.



Túmulo de Santa Tecla, na Síria - uma das primeiras santas cristãs. Na localidade onde se encontra este túmulo, ainda se fala o Aramaico (a língua falada por Jesus).

As Bodas de Canaã - Nesta festa de casamento, Jesus transformou a água em vinho, para que os parentes de Maria (que já não tinham vinho) não ficassem mal diante dos seus convidados.

A primeira pessoa que ressuscitou (segundo três Evangelhos bíblicos) foi uma menina, a filha de Jairo; e a primeira pessoa a ver e falar com Jesus após a sua ressurreição foi uma mulher. Jesus compadecia-se das pecadoras. Quando lhe foi apresentada uma adúltera para ele a julgar segundo as leis tradicionais (apedrejamento), enfrentou a multidão e disse: «quem não tiver pecados, que atire a primeira pedra». Encorajava a Monogamia nas famílias e condenava o abandono da esposa por parte do marido. A atitude de Jesus para com as mulheres deixava muita gente perplexa. Não era normal os homens dirigirem-se às mulheres como se estas fossem iguais a eles. Esta é uma das razões da rápida difusão do Cristianismo: todos os pobres, oprimidos e gente pertencente a um estatuto inferior

na sociedade sentiam-se atraídos por este Mestre que aceitava todos e não colocava ninguém em 2º plano.

Com efeito, o Cristianismo Primitivo deu às mulheres uma liberdade que nunca tinham conhecido: podiam pregar e espalhar a «boa nova», tal como os homens; frequentavam o mesmo tecto onde as congregações se reuniam, sem estarem separadas dos homens em salas diferentes.

Esta Religião «recém-nascida» ainda não estava completamente organizada. As comunidades reuniam-se numa casa cedida por um crente e sentavam-se muitas vezes no chão, a ouvir e a discutir os ensinamentos de Cristo. Os rituais limitavam-se ao Baptismo e à Partilha do Pão (que era feito na época da Páscoa, em memória de Cristo na Última Ceia). Nestes tempos as mulheres conversavam com toda a congregação e tinham autoridade para dar bênçãos e baptizar convertidos. Tinham funções que nós hoje atribuímos aos sacerdotes. Isto só demonstra a enorme rapidez com que o Cristianismo se alastrou. A explosão de conversões que se sucederam após a morte de Cristo não deu tempo a esta nova fé para se consolidar e se estruturar em hierarquias.

Estatuto da Criança - Outra grande inovação do Cristianismo foi a forma de como os crentes olhavam a Criança: esta não era um mero prolongamento da Linhagem. Era um indivíduo com um estatuto privilegiado diante de Deus: «(...) *Aquele que se fizer humilde como esta criança será o maior no Reino dos Céus.* (...)»

Jesus abençoando as crianças



Segundo os Evangelhos, Jesus encorajava aqueles que o ouviam a dirigir-se a Deus com a simplicidade de uma criança. Não deveriam fazer orações elaboradas mas sim, orações simples, puras e sinceras. Em relação àqueles que tivessem intenções de lhes fazer mal, disse as seguintes palavras: « (...) *M... lhes fazer mal:ivessem intencera dirigir-se a Deus com a simplicidade de uma criança. tal como os homens; frequentavam a as se alguém fizer cair em pecado um destes pequenos que crêem em mim, melhor fora que lhe atassem ao pescoço a mó de um moinho e o lançassem ao fundo do mar.* (...)»

A Família de Jesus - As primeiras comunidades não praticavam o Celibato e aceitavam perfeitamente a ideia de que Jesus tinha tido irmãos. Segundo as suas crenças, Cristo era filho de Deus, mas os seus meio-irmãos tinham Maria e José como pais. Esta é uma das principais diferenças entre os primitivos cristãos e aqueles que viriam, um século mais tarde, a espalhar-se pelo Império.

Existência de vários Evangelhos - Dado que a Religião Cristã ainda estava nos seus primórdios, houve uma produção extraordinária de Literatura Cristã. A comunidade não parava de crescer e todos queriam interpretar e divulgar as suas crenças. Destas «Epístolas» e «Evangelhos» são muito poucos os que ficaram no *Cânone* da nossa Bíblia. Iremos mencionar adiante quais foram as razões que levaram a que determinados Evangelhos fossem aceites e outros não.



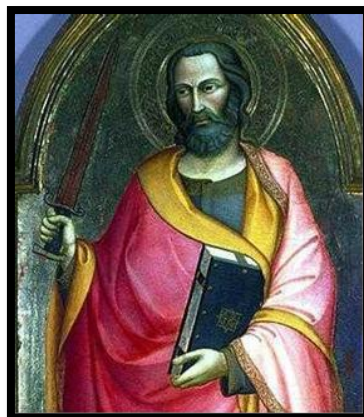
Códice de Nag Hammadi - apesar de datar do sec. IV d.C., muitos textos já são cópias de outros ainda mais antigos. Foi descoberto recentemente, num túmulo de um cristão primitivo.

Alguns dos mais conhecidos são: Evangelho de Maria Madalena, o Evangelho de São Tomé e um dedicado a Judas. Neste último, Judas é descrito não como um traidor mas como o melhor amigo de Cristo. A sua traição mais não foi do que uma decisão combinada entre ambos. Segundo o que vem escrito neste Evangelho, estava determinado que o filho de Deus tinha que ser preso e executado para carregar os pecados do Mundo. Alguém tinha que suportar o fardo e a tarefa ingrata de o denunciar, para que todas estas coisas acontecessem. Judas ofereceu-se de livre vontade para o fazer, por amor ao seu Mestre.

Muitos outros documentos foram encontrados. Uns relatam a infância de Jesus, outros narram o lamento do Mestre após a morte do seu pai adoptivo, S.José. Toda esta documentação é chamada Apócrifa, ou seja, não faz parte do conjunto de livros que constituem a nossa Bíblia.

S.PAULO DE TARSO

O momento que marca a transição de um Cristianismo primitivo à Fé que conhecemos hoje começa com S. Paulo.

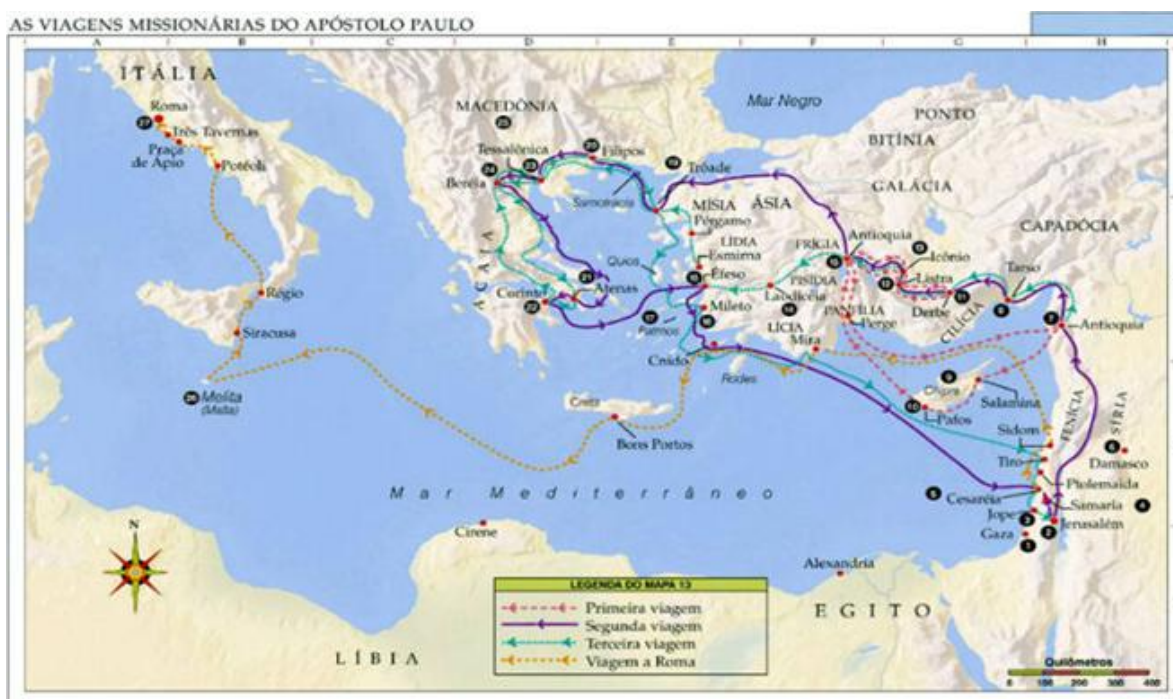


S.Paulo, segundo uma representação medieval

O seu nome original era Saulo. Nascido por volta de 5 d.C foi um judeu que vinha de uma família muito rica e poderosa. Recebeu uma Educação primorosa, baseada numa Cultura Greco-Romana e tinha estatuto de «cidadão romano». Inicialmente começou por perseguir os cristãos e assistiu ao apedrejamento do primeiro mártir, Sto Estevão. Pouco tempo depois converteu-se a Cristo, quando atravessava uma estrada em direcção a Damasco. Segundo o relato contido no livro Actos dos Apóstolos, tencionava entregar cartas importantes à Sinagoga ali existente e atacar a comunidade cristã que ali vivia, mas foi detido por Jesus em pessoa que apareceu à sua frente. Saulo entrou em Damasco temporariamente cego por causa da Luz que rodeava a figura de Cristo. Ali ficou durante três dias, sem comer nem beber. Nessa cidade vivia Ananias, um convertido à nova Religião e Deus contactou-o para que este se dirigisse à casa onde Saulo se encontrava, para o curar e baptizar. Saulo curou-se milagrosamente e fez-se baptizar com o nome de Paulo.

Começa então, uma vida de peregrinação e pregação que só viria a terminar em 64 d.C. quando é executado em Roma.

S.Paulo viveu numa era em que o Cristianismo já começava a sair das fronteiras da Palestina. Converteu muitos indivíduos, fundando congregações novas.



As Viagens de S.Paulo

No entanto percebeu que estas ainda estavam muito frágeis e vulneráveis e não eram suficientemente fortes para se apoiarem mutuamente e se unirem entre si.

A literatura cristã que circulava era variada: umas vezes era facilmente compreendida, outras vezes era escrita de uma forma tão simbólica que os convertidos não conseguiam compreender o seu significado. As comunidades estavam confusas com tantas ideologias diferentes e muitas vezes desentendiam-se por causa da interpretação que cada um fazia das Escrituras. Umas continuavam a querer seguir os hábitos alimentares judaicos, outras queriam perdê-los e não desejavam ter contactos com as congregações de origem diferente. A circuncisão era outro motivo de querelas.

Enquanto o Cristianismo se manteve nas fronteiras da Palestina, os crentes pertenciam todos a uma cultura comum, que reconheciam. Mas quando novas Civilizações com hábitos e costumes diferentes (Gentios) se juntaram aos judeus a unidade da nova Religião começou a desaparecer. Era necessário criar uma ideologia universal que unisse todas as novas congregações em torno de uma fé cristã comum.

Separação com a Religião Judaica - S.Paulo foi uma figura determinante no desenvolvimento dessa união. Segundo os seus ensinamentos, não era necessário ser circuncidado ou adoptar uma tradição para ser aceite como «cristão». Bastaria, para tal, a fé em Cristo e a sua aceitação como Messias. Este foi um momento decisivo para a História desta Religião. Foi a primeira separação importante com o Judaísmo. Ele virá a ser conhecido como «O Apóstolo dos Gentios».

Mais tarde, em 66 d.C. dá-se uma importante revolta judaica na Judeia contra os Romanos. Os Cristãos, que eram confundidos com os Judeus, começaram a ser perseguidos pelos soldados e poderes imperiais. Como não queriam estar envolvidos neste conflito, os discípulos de Jesus (que já estavam um pouco afastados das comunidades hebraicas) afirmaram que não pertenciam à mesma Religião. A partir de então, as duas fés seguirão o seu caminho separadas.



Triunfo de Tito, após a vitória nas guerras romano-judaicas (70 d.C.). Neste Baixo-Relevo, encontramos os Tesouros do Templo de Jerusalém, destruído pelos Romanos, a serem levados como saque para a cidade de Roma.

A Nova Lei - Educado pelos ensinamentos greco-romanos e judaicos, S.Paulo valorizava tudo o que dizia respeito a leis: a Lei Romana (escrita e aplicada em todo o Império) e a Lei Judaica (escritas em pedra por Moisés, memorizadas e cumpridas com rigor). Com o advento do Cristianismo, S.Paulo anuncia uma nova Lei, aquela que é escrita nos corações dos Homens pela mão do próprio Deus. Portanto, um Cristão não se limita a seguir uma nova crença: ele encarna a Lei de Deus. Graças à conversão um homem ou mulher «nascem» de novo. Eles são considerados «novos homens».

Esta nova ideia virá, com o tempo, a quebrar ensinamentos de Jesus que sempre disse: «não vim quebrar a lei dos Profetas». Jesus respeitava as leis que existiam na sua comunidade, não tencionava fazer rupturas.

A Nova Lei está destinada a substituir a antiga, a do Pentateuco (que se pensa ter sido escrita por Moisés em pedra). Para S. Paulo uma alma só é salva através de Jesus, que é o único mediador e o caminho directo para Deus. A pouco e pouco começa-se a cavar um fosso cada vez mais fundo entre os Cristãos e os Judeus.

Uma nova forma de ver a História - Como já sabes, o nosso Calendário divide-se em Antes de Cristo (a.C.) e Depois de Cristo (d.C.). Tal divisão deve-se a S. Paulo. Foi ele quem criou a ideia de que «a História avançava em direcção a Cristo» e que todos os momentos antes da chegada de Cristo mais não eram do que uma «preparação» para a sua vinda. E, a partir de então, a História continuaria a prosseguir em direcção ao Dia do Juízo Final. Esta noção de História (uma História que caminha para o Fim do Mundo Bíblico) será aquela que os Eruditos medievais irão usar ao longo de toda a Idade Média. Nós mantivemos simplesmente esta divisão.

Uma nova noção do Poder - Se Jesus dizia aos seus discípulos: «Buscai antes o Reino dos Céus», negligenciando os cargos de Poder e os valores materiais, S. Paulo institui uma nova crença na Lei e na Liderança: aquele que está cheio do Espírito Santo e recebeu a Lei de Deus no seu coração tem a autorização de Deus para guiar a congregação e decidir os destinos desta. A este Poder, dado por Deus a um ser humano, chamamos Carisma. Na Idade Média encontramos estes reis que são considerados «Carismáticos» ou seja, que vieram ao mundo autorizados por Deus a governar os seus reinos.

Carisma - deriva do Espírito Santo (representado por uma pomba).
Dele vêm muitos dons, um dos quais o dom de liderar.



Outras consequências - A educação de Saulo pode ter sido influenciada pela cultura greco-romana, mas este «novo homem», S. Paulo, continuava a manter certos traços da sua educação judaica. A Mulher, para ele, deveria ser sujeita ao marido.

«Mulheres, estais sujeitas aos vossos maridos» disse, numa das suas cartas e aconselhou a que estas voltassem a cobrir os cabelos para não provocar desejos nos homens. A condição feminina, que até então era satisfatória, modificou-se nestas novas comunidades cristãs. Por outro lado, S. Paulo preocupou-se com o seu bem-estar: «Maridos, tratai as vossas mulheres como os vossos corpos». A violência doméstica era, para ele, um gesto vergonhoso aos olhos de Deus.

Ao mesmo tempo que dava conselhos às mulheres, para que estas tapassem a cabeça, aconselhava os homens a cortar os seus cabelos. Isto não tem nada de judaico. Os Judeus sempre tiveram os cabelos compridos (incluindo Jesus). É a sua

herança romana que pesa neste caso. Jesus Cristo, nos primeiros séculos era representado como um homem sem barba e de cabelo curto, à semelhança dos homens romanos. E, dado que o Cristianismo se espalhou pelo Império Romano, o Latim começou a ser, cada vez mais, a língua dos convertidos e da futura Igreja no Ocidente.



Jesus, o Bom Pastor - representação romana de Cristo.

Outra consequência foi o desaparecimento da família de Jesus. Esta nova forma de fé Cristã espalhou-se para fora da Palestina à medida que as conversões iam aumentando (muitas congregações foram fundadas por ele). A antiga fé, que aceitava um Jesus humano (que apesar de ser filho de Deus continuava a ter essência humana) com meios-irmãos, filhos de Maria e José, deu lugar a um Jesus Divino, com uma família reduzida a Maria, um pai adoptivo (José) e uns parentes que eram olhados como primos.

PRIMEIRAS DISSIDÊNCIAS

S.Paulo foi decisivo na união entre as várias congregações Cristãs espalhadas pelo Império. Sem ele e a acção de outros discípulos como Tiago e Pedro, a Religião Cristã nunca teria sido tão bem-sucedida. O Cristianismo criou um sentido de identidade comum entre todos os milhões de habitantes existentes no território de Roma. Contudo, como acontece com todas as jovens Religiões, começaram a surgir vertentes com ideias radicalmente diferentes entre si.

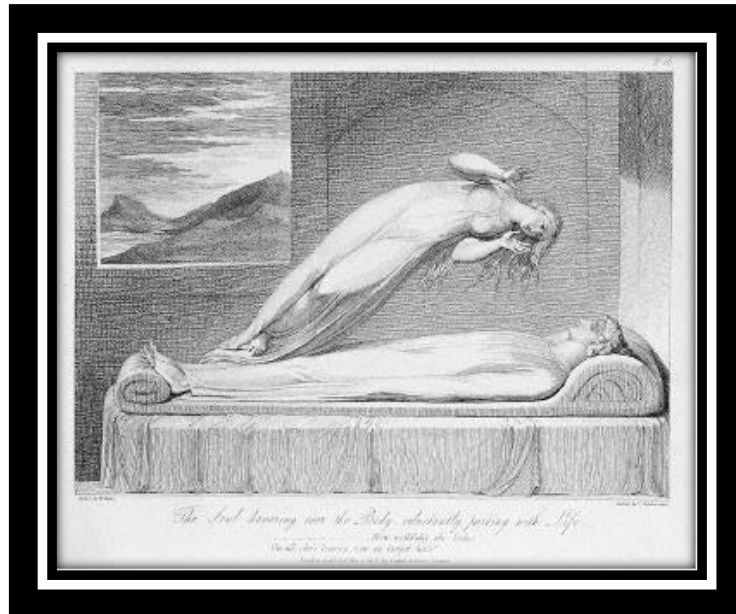
As primeiras dissidências começaram com as práticas do Judaísmo: valerá a pena seguir as tradições judaicas? Foi criado um concílio em 59 d.C., que decidiu que estas tradições e hábitos passariam a ser facultativas.

Depois começaram a surgir discussões que diziam respeito à natureza de Jesus: era humano ou era divino? As várias vertentes da Religião Cristã tinham as mais diferentes teorias:

A fé de S.Paulo pregava a crença num Jesus divino que veio ao mundo com um corpo de carne humana temporário. Após a sua morte, a sua verdadeira Natureza voltaria para junto de Deus.

Havia teorias ainda mais radicais que pregavam que Jesus era apenas divino, só feito de espírito. Para eles, o Filho de Deus não podia ter um corpo feito de Matéria porque a Matéria era para eles impura. A sua carne só podia ser diferente da

nossa: ou era aparente (não existia, era só uma ilusão óptica) ou era feita de uma matéria «celestial» diferente da nossa. Por outras palavras - Jesus não tinha um corpo feito de carne, como nós, era só Espírito. Esta visão era partilhada pelos Gnósticos.



Gavura do século de William Blake (sec XIX): este artista acreditava, tal como os Gnósticos, que a carne era impura e o espírito (aqui representado por uma mulher) era puro e ansiava por sair do corpo e regressar a Deus.

Outros acreditavam que Jesus era só humano, embora tocado por Deus na sua missão. Estes, os Ebionistas, iam contra as novas teorias de S.Paulo e defendiam que todos os convertidos deviam manter-se fiéis às tradições judaicas.

Já os Arianos, (não confundir com o termo *Arianismo* ligado às ideologias Nazis), uma corrente fundada por Ario de Alexandria (nascido cerca de 280 d.C.) acreditavam que Cristo foi o primeiro ser a ser criado, antes do Universo. Existiu antes do Tempo, antes da Criação. A maioria dos Povos Bárbaros (de que falaremos adiante) que invadiram o Império Romano era constituída por cristãos de vertente Ariana.

Se tu já achas confusa a teoria Ariana, que dizer da dos Coríntios? Estes achavam que Jesus estava dividido em dois: o Jesus humano, filho de pai e mãe humanos e o Cristo, uma Entidade que existia antes do Universo nascer. Este Cristo entrou no corpo de Jesus, quando este foi baptizado e guiou-o na pregação e nos milagres. Quando Jesus foi crucificado, Cristo saiu do seu corpo. Há crenças ainda mais complexas do que esta.

Estas são apenas algumas das correntes do Cristianismo que desuniram os fiéis nas diferentes congregações. Como criar um consenso? Como desenvolver uma unidade no seio do Cristianismo? Já foi dito, num capítulo anterior (no estudo da Civilização Romana), que os cristãos eram perseguidos por causa das suas crenças religiosas. Neste período as dissidências dentro das congregações também não melhoravam em nada a sua situação precária: como poderiam os cristãos resistir às torturas e às perseguições se nem mesmo eles sabiam ser unidos?

Para tentar unificar a Religião Cristã os bispos, intelectuais e crentes tentaram, ao longo dos séculos, rever todos os livros e doutrinas e seleccionar aqueles que

considerariam mais dignos de credibilidade: os livros que constituem a nossa Bíblia, por exemplo, foram mudando ao longo dos séculos. E uma dos que a alterou foi Irineu de Lyon.

Irineu de Lyon



Irineu de Lyon (cerca de 130 a 202 d.C.), após ler centenas de livros cristãos, considerou que só existiam quatro evangelhos dignos de crédito, S.Mateus, S.Marcos, S.Lucas e S.João. Estes são chamados Evangelhos Canónicos.

As razões da sua escolha são simples:

- Leitura fácil - Os Relatos são semelhantes e os episódios da vida de Jesus coincidem. Qualquer um pode ler estes Evangelhos e entendê-los.
- Natureza de Cristo - Nestes livros Jesus é humano e simultaneamente divino. Todos os textos que aceitam apenas um dos lados de Jesus são rejeitados e considerados «heréticos». O Evangelho de S.Tomé foi rejeitado porque considerava Jesus como essencialmente humano. Todas as teorias vindas do Gnosticismo passaram a ser consideradas heréticas.
- Maria, Salvadora da Humanidade - a mãe de Jesus é aceite como uma figura importantíssima na Redenção dos Homens. Se Eva (considerada a Primeira Mulher) desencaminhou Adão (o Primeiro Homem) e causou a Queda da espécie humana, Maria «cura» a Humanidade com a sua gravidez «sem pecado».



Maria Redentora - uma imagem mística da mãe de Jesus: dentro dela está um círculo onde se encontra Jesus e, atrás dele, o próprio Universo.

- S. Paulo e S. Pedro como Mestres a seguir - Os ensinamentos destes dois apóstolos ultrapassaram em importância os restantes ensinamentos dos outros discípulos de Jesus (como Tiago, por exemplo), que ficaram na sombra e relegados para segundo plano. Alguns até foram considerados heréticos, como aqueles que estavam contidos no Evangelho de Maria Madalena.

- Rejeição de Judas - É neste período (sec II e III) que a figura de Judas se começa a transformar na figura de um indivíduo traçoeiro. Muitas correntes cristãs não apoiavam a ideia de um «plano divino» e de um discípulo que combina com Jesus para o entregar às Autoridades. A Traição é sempre algo imperdoável e só um ser horrível é que poderia ter traído Cristo. Judas é, portanto, um homem amaldiçoado. Infelizmente a noção de Judas como «traidor» viria a ser a base de todas as ideologias anti-judaicas. Graças a Judas, «o traidor», o Povo Judeu passou a ser olhado como traçoeiro, perigoso e «Inimigo de Cristo» ao longo de milénios.



Judas, como nós o entendemos: à volta de Jesus estão só 11 discípulos. O 12º prepara-se para sair e denunciá-lo.

Também foi com a intenção de unificar as crenças numa Religião comum que se criaram, mais tarde, os primeiros Concílios. Com excepção do primeiro em 59 d.C., todos se fizeram a partir do reinado do imperador Constantino. Nestes Concílios reuniram-se figuras proeminentes de várias regiões do Império e ali decidia-se quais eram as correntes que deveriam ser aceites e quais aquelas que passariam a ser consideradas «heréticas». Todas estas dissidências duraram séculos e nunca foram resolvidas de forma pacífica. As Ideologias foram sempre resolvidas com perseguições, mandatos de captura, extermínio das famílias dos seus respectivos crentes e queima dos seus livros. O Cristianismo, como nós o conhecemos, levou séculos a estar completado.

ARTE ROMANA

Como já foi dito anteriormente, os Romanos foram um povo prático, interessado em procurar soluções para os seus problemas diários. Toda a Arquitectura está ligada a esse espírito pragmático: edifícios bem organizados, ruas bem desenhadas, obras de engenharia que serviam para transportar eficazmente bens essenciais, tal como a água ou alimentos. Até os edifícios desenhados para o entretenimento eram concebidos de forma a que as multidões circulassem e saíssem deles, sem se atropelarem ou amontoarem.

AQUEDUTOS E PONTES

As cidades romanas eram um exemplo de eficiência e organização: possuíam um abastecimento de água que não tinha paralelo no Mundo Ocidental. Só nas cidades da distante China se poderia encontrar algo semelhante.

A água era transportada através de uma obra de engenharia notável, o **Aqueduto**, e distribuída através de uma rede de esgotos, pelos centros principais da cidade.

A construção de um aqueduto seguia regras que ainda hoje nos espantam pela sua extraordinária simplicidade. Com poucos (e bem engenhosos) ingredientes se faziam monumentos que se entendiam por quilómetros:

Cimento - Os Romanos foram os inventores de algo que se usa nas nossas construções diariamente: o cimento. Juntavam areia escura das praias costeiras da Sicília, Córsega e Marselha com um material retirado das regiões vulcânicas (ao qual chamavam tufo) e misturavam tudo com cal, cascalho e água. Faziam com isto uma pasta tão dura que ainda hoje é difícil partir. Com este material construíram gigantescos edifícios, tais como o famoso Coliseu. O que era ainda mais extraordinário era o tipo de «secagem» que ele tinha: não dependia do ar e do calor, como o nosso cimento. Ele secava por «fusão», por ligação imediata dos ingredientes. Fizeram-se experiências, deitando essa mistura num molde de tijolo e este foi colocado debaixo de água. Quando o partiram, saiu dele um rectângulo de cimento completamente duro e seco!

Arco - Uma das grandes invenções dos Romanos foi o **Arco de Volta Redonda**. O Arco já existia no tempo dos Etruscos, mas a sua forma era mais oval ou elíptica que curva. Os Romanos aperfeiçoaram-no de forma a que este se tornasse totalmente redondo. E conseguiram-no de maneira bastante engenhosa: para que as pedras não caíssem, estas eram colocadas de forma a estarem comprimidas umas com as outras e a sua forma não era inteiramente igual à usada anteriormente. Tinham uma medida cada vez mais estreita à medida que iam partindo para o centro. Vê [aqui](#).

Desta forma produziam verdadeiras filas de arcos que podiam transformar-se em tudo o que os Romanos quisessem: anfiteatros, pontes e...aquedutos. Com efeito, um aqueduto era uma gigantesca fila de arcos que se prolongava por toda uma encosta, vale ou até montanhas. No topo, estava um túnel onde a água corria até à cidade.

Quando a cidade era muito grande o aqueduto chegava a ter dois «andares»: uma fila de arcos sobre outra.

Nestas obras de engenharia não trabalhavam apenas arquitectos. Havia engenheiros mecânicos, que criavam as engrenagens que permitiam bombear e purificar a água.

Quando chegava à cidade, a água era mantida em cisternas e depois distribuída por fontes, casas-de-banho públicas, bicas, Anfiteatros e Termas. Eis aqui um pequeno excerto sobre o génio dos Romanos, no que toca ao saneamento básico: [aqui](#).

Outro exemplo de uma obra pública que os Romanos construíam para as suas cidades era o das pontes, com uma aparência muito parecida com a de um aqueduto. No entanto, as pontes eram mais baixas e robustas e o arco mais elíptico: [aqui](#).

Eis um exemplo de uma ponte romana construída em Portugal:



Ponte Romana na cidade de Chaves, Portugal

BASÍLICA

As **Basílicas** eram edifícios públicos, onde se concentravam todas as áreas importantes de uma cidade: eram locais onde estavam guardados os registos da cidade (casamentos, impostos, censos, etc...); onde se situavam os tribunais e se faziam os julgamentos; funcionavam como locais de discussão e debatiam-se, em assembleias, os assuntos políticos da actualidade. Também continham espaços próprios para as funções que nós chamaríamos «funções de escritório». Os leilões eram lá realizados.

A sua arquitectura era simples. Normalmente era um edifício rectangular, dividido em três áreas, chamadas **Naves**: a central, mais larga, era o espaço aberto, onde todos se cruzavam e conviviam. De cada lado da Nave central estavam as Naves Laterais. Estas tinham muitas portas, que davam para as várias áreas de serviço. Todas elas comunicavam com a Nave Central, que funcionava como um corredor. A Basílica podia ter dois andares. Neste excerto podes ficar com uma ideia de como eram as Basílicas na Roma Antiga: [aqui](#).

No fundo da Basílica encontrava-se um canto redondo e abobadado, a **Tribuna**, onde se faziam os julgamentos e se faziam os comícios.



1ª Nave Lateral

Nave Central
Tribuna (ao fundo)

2ª Nave Lateral

Basílica Patriarcal de Aquileia, Itália.

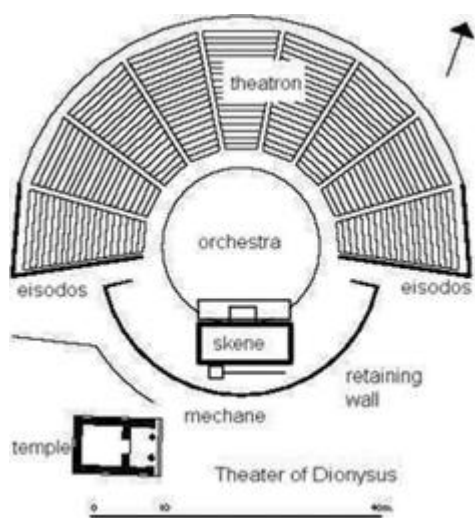
A planta arquitectónica da Basílica viria a ser mais tarde adoptada pela Igreja Cristã, devido à sua orientação a Leste e pela forma de cruz que algumas apresentavam, devido às alas laterais que começaram a ser acrescentadas ao edifício principal. O local da Tribuna passou a ser o lugar onde se coloca o altar e onde o sacerdote conduz o culto aos seus fiéis.

CIRCOS E ANFITEATROS

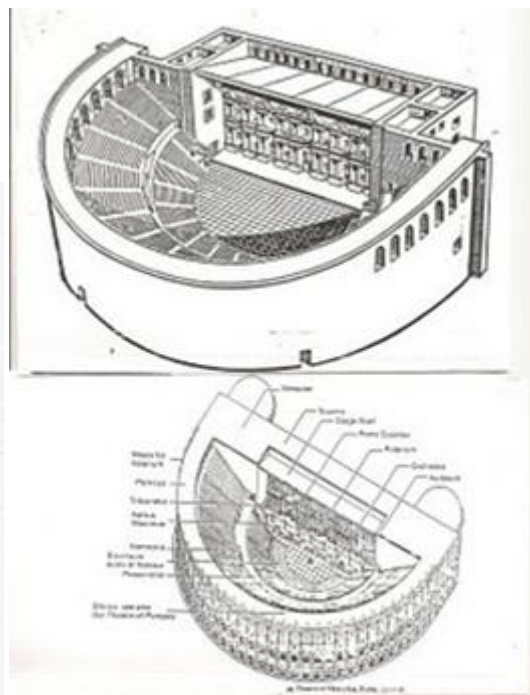
Já foi dito, em capítulos anteriores, que os Romanos se deixaram influenciar pela Civilização Grega em muitos aspectos: Religião, Cultura e Arte, por exemplo. Eles importaram a Arte do Teatro, bem como a construção dos edifícios onde as Tragédias e Comédias eram representadas. Vê [aqui](#).

O edifício de Teatro romano era ligeiramente diferente do grego: enquanto o grego tinha uma forma que excedia um pouco a medida de um semi-círculo, o romano era construído com a forma de um semi-círculo perfeito (180º). Na Grécia, estes monumentos eram construídos ao ar livre, aproveitando a encosta de uma montanha. Em Roma eram construídos a partir de qualquer solo, embora alguns também fossem edificadas sobre colinas. Eram edifícios incorporados em pleno centro da cidade. O que importava era que, no interior, a planta tivesse as mesmas características que se encontravam nos teatros gregos (plateia, orquestra, por exemplo). O edifício grego possuía um lance de escadas plano, idêntico de cima a baixo. Já o edifício romano tinha escadas superiores e inferiores. Por outras palavras: já havia uma hierarquia entre os espectadores. Os Patrícios assistiam nos lances em baixo, enquanto aqueles que eram considerados inferiores (por exemplo, as mulheres da Plebe e os Escravos) assistiam em cima.

Notem bem a diferença no nivelamento dos degraus do edifício romano.



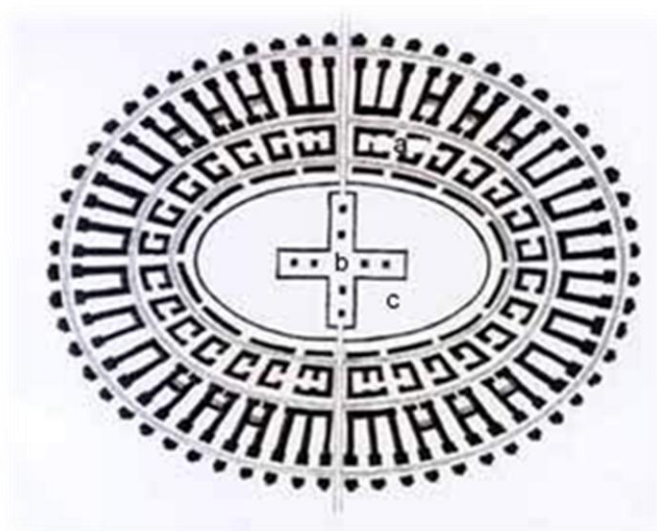
Planta de Teatro Grego



Teatro Romano

Temos [aqui](#) um pequeno excerto sobre um teatro descoberto no subsolo de Lisboa.

Esta hierarquia de estatutos sociais manteve-se nos anfiteatros, que possuíam uma planta muito simples, como vemos nesta imagem:



Planta de Anfiteatro romano: a - Bancadas; b - Fosso; c - Arena

Os dois teatros eram unidos num só, segundo uma planta elíptica e construídos com cimento que mantinha de pé, tal como nos Aquedutos, andares de arcos de volta redonda. Os anfiteatros eram lugares de puro entretenimento: havia espectáculos de todos os tipos, desde batalhas navais (com água e navios a sério), execuções de prisioneiros e criminosos, lutas entre homens e animais. O mais famoso de todos era os combates entre gladiadores. Estes começaram por ser vítimas de sacrifício, num tempo muito recuado da História Romana: pensa-se que os combates entre gladiadores tenham tido origem nos jogos fúnebres que se praticavam entre os Etruscos pela ocasião de um funeral de alguém importante.

Nessa altura, companheiros de armas e por vezes servos entre os mais amados digladiavam entre si em honra dos deuses e para apaziguar a alma do falecido.

Segundo a maioria dos historiadores, esses combates deram origem às lutas entre gladiadores (o nome vem de os primeiros usarem uma espada curta chamada gládio). Eram geralmente escravos, especialmente alimentados, alojados e treinados para o combate durante jogos públicos. As lutas com o simples gládio foram evoluindo até haver diversos tipos de combate com diversas armas. Por curiosidade, fica a saber que os gladiadores eram adorados e tinham legiões de fãs como são as estrelas de rock actuais. Quando um gladiador sobrevivía a vários combates de morte, podia obter uma espada de madeira, que simbolizava a conquista da liberdade.

A aparência exterior do edifício é conhecida por todos nós.

Anfiteatro Romano - O Coliseu



O mais famoso anfiteatro é o **Coliseu**. O seu nome original era **Anfiteatro Flaviano**, devido ao nome do imperador que o mandou edificar, Tito Flávio Vespasiano. Foi construído sobre o leito do antigo lago que existiu na **Domus Aurea** (Casa Dourada), propriedade do imperador Nero. Nela, existia uma estátua enorme de Nero, que foi colocada neste anfiteatro e rebaptizada com o nome de Apolo. Dado que o seu tamanho era colossal, o povo passou a chamar ao anfiteatro **Colosseum** (em português «o lugar onde se guarda o Colosso»). O nome ficou.

Temos tendência a confundir o *Circus Maximus* com o Coliseu. Mas na verdade o **Circo Máximo** era um lugar onde se realizavam essencialmente corridas de quadrigas e competições onde a velocidade era a característica principal. Com efeito o próprio edifício estava concebido para que os carros tivessem que contornar várias vezes a arena (separada pela fila de estátuas e colunas) . Eis uma planta deste edifício:

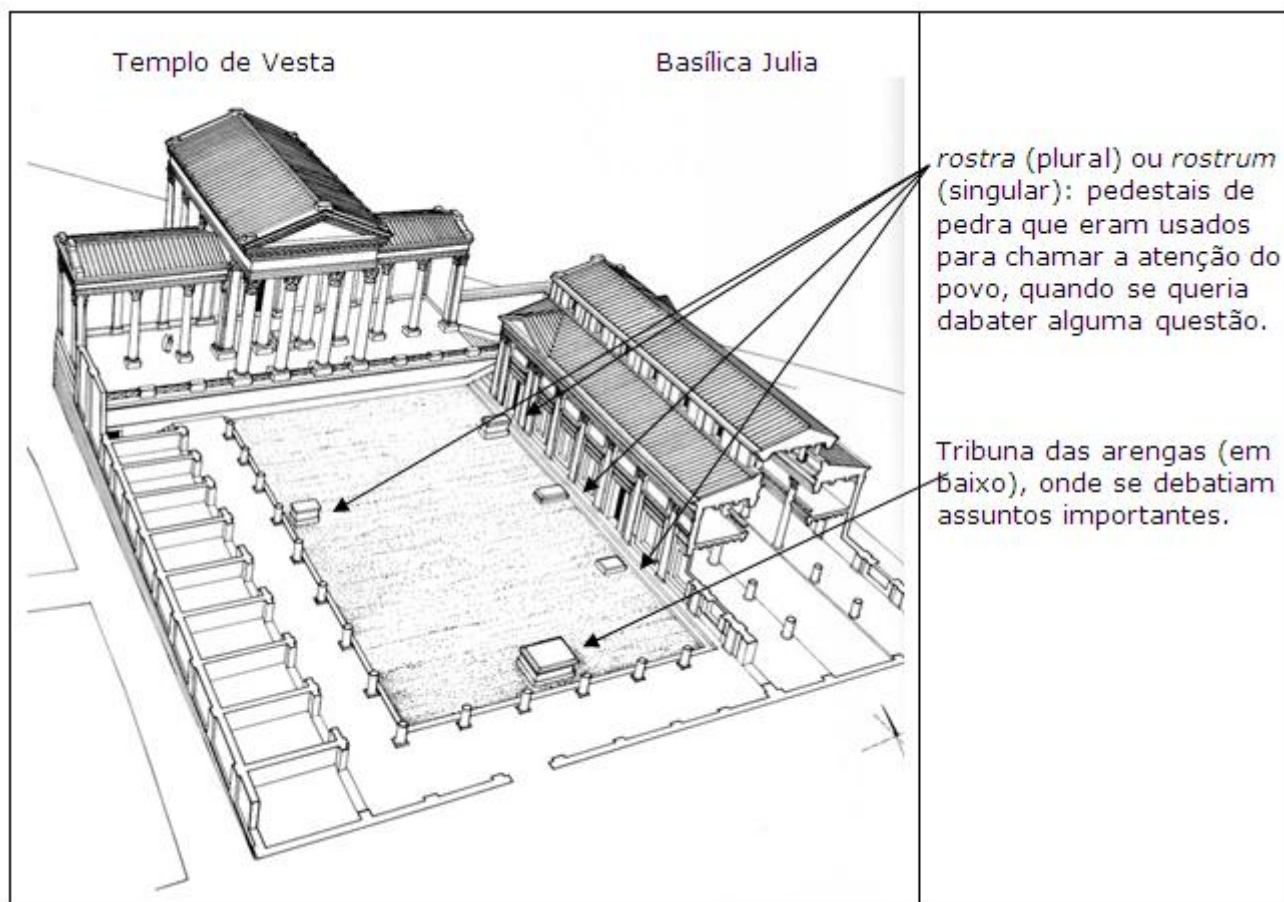


Circo romano

FORUM E TERMAS

O **forum** era, acima de tudo, o **coração da cidade Romana**. Nele encontrava-se tudo: todo o tipo de mercados e lojas; os templos onde se desejava ir rezar; uma basílica para resolver assuntos que dissessem respeito à Lei, costumes e propriedade; os anfiteatros estavam perto do *forum*, bem como os teatros; havia termas para se poder tomar banho, conviver e tratar de negócios; lugares de pregação onde um indivíduo podia reclamar ou falar sobre algo que achava ser importante para a cidade; cambistas; havia até um lugar onde eram fixadas as notícias do Império. Estas eram colocadas sobre as colunas dos templos mais importantes, para que todos pudessem ler o que estava escrito e ficassem a saber o que se passava em toda a Roma. Houve mais de um *forum* e de cada vez que um imperador procurava mandar erguer um novo, este era sempre mais grandioso do que o anterior. Eis uma ilustração da parte central de um *forum* (mais precisamente o **forum romano**, um dos primeiros, ainda existentes nos tempos da República). Por detrás dele (ainda no seu território) está o mercado; ao seu redor encontram-se outros templos (Castor e Pollux, por exemplo). O Anfiteatro e o Circo Máximo também estão próximos.

forum Romano:



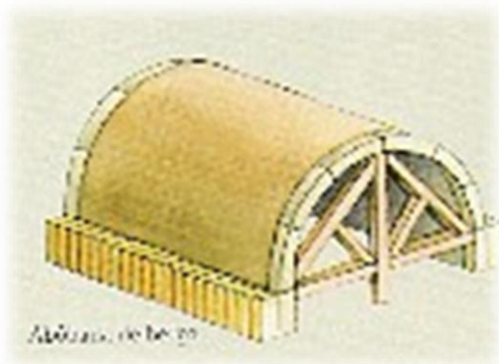
Localizadas em vários pontos da cidade, estando as mais importantes, regra geral, frente a um *forum*, as **termas** serviam as necessidades higiénicas da população, uma vez que a maioria não possuía casas de banho. Os Romanos faziam as suas necessidades nas **latrinas públicas**, um lugar onde havia vários assentos e onde, por debaixo deles, corria sempre água. Tomar banho estava fora de questão, na maioria das casas. Dado que os Romanos gostavam da limpeza (um hábito muito arraigado), o banho era extremamente importante para eles. Por esta razão, foram

concebidos edifícios especialmente dedicados à higiene das populações. Por um preço mínimo, quase simbólico, todos tinham o direito de usufruir delas, até os escravos.

As termas romanas estavam divididas em vários espaços: salas com piscinas de água tépida (*tepidarium*); salas com piscinas de água quente (*caldarium*) ou fria (*frigidarium*). Havia um lugar onde os clientes deixavam a sua roupa e um espaço onde faziam exercício. A água e mesmo o chão eram aquecidos de forma artificial (através de trabalho escravo) ou de forma natural (ligada às águas quentes de uma nascente). Eram abastecidas por aquedutos ou nascentes. Algumas das termas mais luxuosas possuíam ginásio, biblioteca e até galerias de Arte.

É nas termas (e nas basílicas) que se começa também a explorar uma das mais extraordinárias invenções da engenharia: a **Abóbada**. Os Etruscos já a utilizavam mas foram os romanos que a aperfeiçoaram, a ponto de a tornar praticamente circular. O auge desta criação viria a ser mais tarde a **Cúpula**. Então, o que é uma abóbada?

11 Explicámos antes que os romanos utilizaram o Arco de Volta Redonda de várias formas, transformando-o em vários tipos de edifícios: aquedutos, anfiteatros, etc. A abóbada, mais uma vez, demonstra a capacidade que os romanos sempre tiveram de tirar partido desta invenção.



Abóbada romana



Maquette de termas romanas em Chaves

Olhando para estas duas figuras acima, podes reparar que uma abóbada é uma fila de pedras colocadas de forma a criar um túnel, e esta construção é tão perfeita que não cai. Mais tarde, esta hábil criação de engenharia deu origem à cúpula. Qual é, então, a diferença entre uma abóbada e uma cúpula? Os arcos, em vez de serem colocados em fila uns atrás dos outros, são cruzados de forma a formar um **meio-ovo**. A mais extraordinária criação de uma cúpula é a do **Panteão Romano**, de que **falaremos** adiante.

TEMPLOS E MONUMENTOS DE TRIUNFO

Os templos dos Romanos começaram, nos primórdios, por ser semelhantes às **antigas cabanas circulares** onde moravam. Alguns ainda mantêm o seu traçado circular, embora tenham sido cobertos de pedra e remodelados ao gosto helenístico.

Influenciados pelos Gregos, os Romanos começaram a remodelar os seus templos ou a construir outros. Mas a arquitectura dos seus edifícios nunca seria tão bela como aquela que era construída pelos seus «Mestres» conquistados. A planta era muito simples: uma «caixa de pedra» com paredes espessas. Nelas, estavam

encostadas (ou mesmo quase fundidas) as colunas que rodeavam o templo. A parte onde os Romanos investiam toda a beleza era a da entrada. Esta teria uma fachada ornamentada com colunas coríntias (principalmente), embora as velhas ordens gregas (Dórica e Jónica) tivessem igualmente sido usadas. O templo ficava assente numa plataforma de degraus, tal como os gregos. A construção era, de facto, muito mais simples. O templo era pintado, tal como eram pintados os edifícios da Grécia. Eis duas imagens de dois templos romanos:



Templo de Vesta - Planta Circular



Templo Romano (ao estilo Grego)

Observa esta pequena reconstituição: [aqui](#).

O mais famoso templo romano não foi dedicado a apenas um deus mas sim, a todos. Era ali que estava toda a Família Divina que protegia o Império Romano. Chamaram-no Panteão (o nome significa «o lugar de todos os deuses»). Foi construído no sec. I d.C. Visto de fora parece pouco impressionante: uma estrutura tubular com um tecto redondo e uma fachada idêntica à da maioria dos templos romanos.

Panteão de Roma - Aparência exterior



É no interior deste edifício que a genialidade dos engenheiros romanos se revela: a característica mais impressionante é a sua Cúpula. Perfeitamente redonda e com um diâmetro muito largo, foi executada de uma forma tão excepcional que, mesmo apesar das suas dimensões, não cai sob o seu próprio peso. Tal feito é algo que ainda hoje impressiona os arquitectos, engenheiros actuais... e até turistas: [aqui](#).

Como é que este tecto não cai? Este monumento foi desenhado de forma a que o peso fosse escoado do tecto para o chão. Quanto maior é a altura, mais leves são os materiais (por exemplo, o tecto é progressivamente mais fino, à medida que atinge o topo).

Panteão Romano - Espessura das paredes exteriores (a cinzento)



Os pequenos nichos (de forma quadrada) que se posicionam ao longo de toda a Cúpula permitem que a força da gravidade seja controlada e distribuída de forma gradual, sem pressionar num único ponto. Por fim, o resto do peso «escorre» pelos arcos, abóbadas e colunas principais que sustentam a Cúpula. Genial, não é? Já não se fazem edifícios assim.

ARCOS E COLUNAS DE TRIUNFO

Os Romanos construíram monumentos que tinham, como função, comemorar um grande acontecimento histórico: **Arcos de Triunfo** e **Colunas**. Os arcos de triunfo homenageavam a vitória de um imperador ou general numa grande batalha ou numa campanha. Um dos poucos que chegaram até nós foi o Arco Triunfal dedicado a Tito Flávio (39 a 81 d.C.), filho do imperador Vespasiano.



Arco de Tito

As Colunas Triunfais eram colocadas nos locais importantes da cidade e tinham a mesma função que a dos Arcos. A mais famosa é a de Trajano (53 a 117d.C.), erguida para comemorar as suas campanhas vitoriosas na Dácia.



Coluna de Trajano - Dois Baixo-Relevos.

Este monumento está esculpido de cima a baixo, com baixo-relevos variados, onde as figuras humanas que neles aparecem têm rostos diferentes. Nenhum rosto é igual e a perfeição das esculturas consegue rivalizar com a das gregas.

ESCULTURA ROMANA

A Escultura Romana nunca foi uma imitação da Grega. Os Romanos aprenderam bastante com eles e foi muitas vezes graças às suas cópias que podemos ter uma ideia de como eram as obras de Praxíteles ou Fídias, por exemplo. Muitas das esculturas que nós consideramos «gregas» são réplicas feitas pelos romanos. No entanto, atingir a perfeição e procurar um Cânone perfeito nunca fez parte do interesse dos escultores de Roma. Preferiam a **Arte do Retrato** e aí procuraram ser o mais realistas possível. O Retrato era o expoente máximo da Escultura Romana. O rosto é esculpido com todos os pormenores. A Arte de esculpir a face humana também está patente nos Baixo-Relevos onde, mais uma vez, as expressões de cada rosto se vêm com todo o pormenor.



Busto do Imperador Cláudio



Baixo-Relevo do altar romano *Ara Pacis*

PINTURA

Pouco chegou até nós sobre a Pintura Grega. Já a **Pintura Romana** conseguiu sobreviver até aos nossos dias. Pormenorizada, colorida, muito realista, consegue ter noção de Perspectiva e profundidade. Os Romanos pintavam rituais de iniciação, paisagens campestres, cenas da mitologia greco-romana, enfim...pintavam um pouco de tudo. Nas casas dos mais abastados os artistas realizavam frescos que pretendiam imitar os espaços exteriores. Os franceses têm um nome para esse tipo de pintura: chamam-lhe *Trompe l'œil*. Eis alguns exemplos:

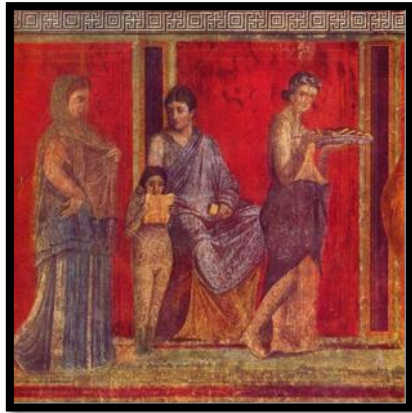


Falso jardim - dois exemplos de Pintura a imitar espaços exteriores.



Painéis do cubículo da villa romana, Museu Metropolitano de N.York

Havia, no entanto, uma característica nos retratos romanos: quase nunca olhavam nos nossos olhos. Os Romanos achavam que dava azar olhar nos olhos de um rosto pintado ou esculpido. Assim, vemos quase sempre os rostos a olhar para baixo, para o lado ou com uma expressão pensativa:



Fresco romano na *villa* dos Mistérios, Ritual pouco conhecido, numa casa privada



Pompeia Um dos raros retratos em a figura humana nos olha de frente.

Por fim falta mencionar que os Romanos tinham uma grande preferência por certas cores: o azul e o vermelho, que eram muito difíceis de encontrar e que reflectiam o estatuto e a riqueza dos proprietários. Sempre que um romano ascendia de condição, procurava logo pintar as paredes da sua casa com frescos onde o vermelho ou azul fosse a cor de fundo da parede.

Havia outras formas de Arte, como os Mosaicos ou os embutidos de Mármore que embelezavam o chão e as paredes. Porque não tentas tu ir à Net ou à Biblioteca da tua escola investigar sobre este assunto? Falamos sempre na Escultura, Arquitectura ou Pintura, mas esquecemo-nos muitas vezes de mencionar outras formas de produzir Beleza, que muitas vezes são injustamente consideradas «formas menores de Arte».

LITERATURA LATINA

O conjunto de obras escritas em Latim constitui um dos legados mais duradouros que os Romanos nos deixaram. Escreveram Poesia, Comédia, Retórica, Teatro, História, etc, para já não falar nas obras de natureza jurídica que constituem o núcleo do Direito Romano, ainda hoje na base do nosso. Longos anos depois da queda do Império Romano do Ocidente ainda a Língua Latina e a sua Literatura desempenhavam um papel importantíssimo na civilização dos Países que tinham sido romanizados.

Podemos dividir a Literatura Latina em vários períodos:

- **Período Antigo:** poucas obras chegaram até nós. Entre estas estão peças de teatro de Plauto e de Terêncio ou obras didáticas, como as de Catão.
- **Período Clássico - Era de Ouro:** de início do século I a.C. até meados do século I d. C. Deste tempo fazem parte, entre outros, escritores como Catulo, Horácio, Ovídio ou Vergílio, na Poesia; Júlio César, Cícero, Vitruvius, na Prosa; Tito Lívio, Salústio, Júlio César, na História.
- **Período Clássico - Era de Prata:** de meados do século I d. C. até finais do século II d. C. Desta altura fazem parte escritores, entre outros, como Caio Valério Flaco, Lucano, Estácio, Juvenal, Marcial ou Fedro, na Poesia; Apuleio, Columela, Petrónio, Plínio, o Velho, Plínio, o Novo, Quintiliano, Séneca, na Prosa, Tácito na História; Suetónio na História e na Biografia, etc...
- **Antiguidade Tardia:** a Literatura produzida a partir do século II d. C. foi, durante séculos, desprezada e considerada como inferior mas várias foram as obras importantes produzidas em Latim ao longo dos últimos anos do Império e mesmo durante grande parte da Idade Média. Basta pensar em Agostinho de Hipona, (Santo Agostinho) ou em S. Jerónimo para ajuizar da importância desta literatura.

Literatura



Vamos falar um pouco dos escritores romanos e das suas obras, dividindo-as por géneros para facilitar o seu estudo.

ÉPICA ROMANA

CARACTERÍSTICAS E ORIGENS DO GÉNERO

Consideramos **Épica** uma narrativa poética que, com um tipo de linguagem majestosa e solene, geralmente fazendo intervir deuses e outros seres sobrenaturais bem como heróis semi-divinos, nos conta as origens míticas ou as proezas de um Povo. A Épica surge em todas as civilizações primitivas que começaram por ter uma tradição oral. Fazem parte do género, por exemplo, a *Epopéia de Gilgamesh*, na Suméria, o *Mahabharata*, na Índia, a *Ilíada* e a *Odisseia* entre os Helenos.

Neptuno censurando os Ventos



Em Roma, o género começa com **Lívio Andronico**, poeta originário da colónia grega de Tarento, que traduziu a *Odisseia*, obra que chegou a ser ensinada nas escolas romanas e exerceu um enorme influência.

No século II a.C., **Névio** escreve aquela que pode ser considerada a primeira obra romana épica: *De Bello Punico* (Sobre a Guerra Púnica). O género, contudo, só fica perfeitamente consolidado em Roma com o poema *Annales*, de **Énio** (239 a.C./169 a.C.). A obra, de que só chegaram até nós alguns fragmentos, retrata a história de Roma e é a primeira a usar o verso hexâmetro (com 6 sílabas métricas) característico dos poemas épicos.

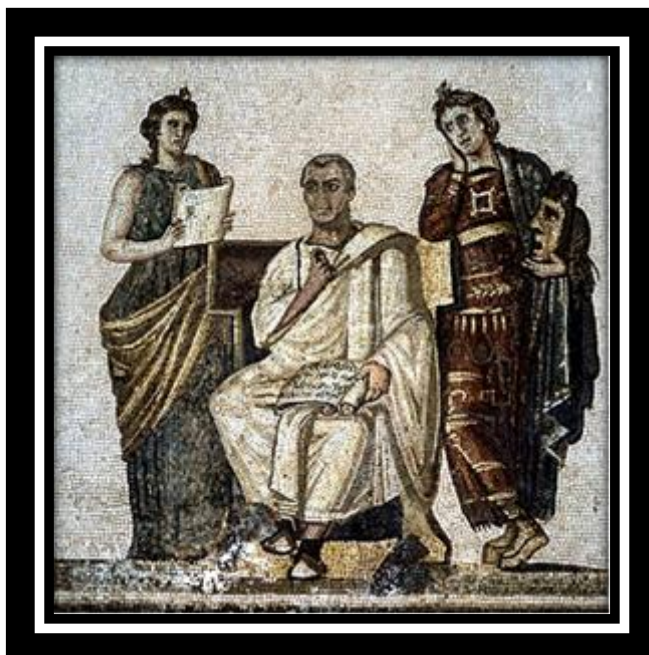
VERGÍLIO E A **ENEIDA**

A obra épica mais importante de Roma é, sem a menor sombra de dúvida, a **Eneida**, escrita por **Vergílio**. Publius Virgilius Maro, juntamente com **Horácio** e com **Ovídio**, faz parte do grupo de poetas que os estudiosos costumam considerar como uma verdadeira personificação da Era de Ouro. Nasceu em 70 a.C. perto de Mântua, estudou em Milão e em Roma e passou a maior parte da sua vida em Nápoles. Morreu em Brindisi em 19 a.C., quando regressava de uma viagem à Grécia. O seu corpo foi transportado para Nápoles e sepultado junto às muralhas da cidade.

Foi um adepto sincero das reformas levadas a cabo pelo Imperador Octávio Augusto de quem acabou por se tornar amigo. Fazendo parte do grupo de **Mecenás** (amigo de Augusto e grande protector da Arte e dos Artistas), Vergílio exalta, ns suas obras, os princípios morais, religiosos e patrióticos defendidos pelo

imperador. Escreveu : *Bucólicas* de tema pastoril, as *Geórgicas*, onde apoia as reformas de Augusto e a Agricultura como meio de viver em harmonia com a Natureza, e a *Eneida*, sua última obra.

Vergílio foi admirado e reconhecido como um grande poeta ainda em vida. Era acarinhado não apenas pelos intelectuais mas também pelo povo que o amava e lhe manifestava o seu afecto sempre que aparecia em lugares públicos (apesar da sua timidez natural e pouco gosto pelas consequências da fama).



A *Eneida*:

Vergílio passa os últimos dez anos da sua vida (de 29 a.C. a 19 a.C.) a escrever a *Eneida*. Dividido em dez cantos e escrito em verso hexâmetro, o poema fixou as regras do género para a posteridade.

O tema central do poema é a viagem de Eneias, herói troiano que sobreviveu à destruição da sua Cidade e que, por mandato dos deuses vagueia muitos anos pelos mares, passando por muitas aventuras, até fundar uma colónia troiana no Lácio, onde haveriam de nascer os fundadores de Roma. Vergílio relaciona, assim, Roma com a cultura grega, faz a linhagem romana provir dos deuses (Eneias era filho de Vénus e um dos seus descendentes vem a ser filho de Marte). Além disso, valida a legitimidade de Augusto em governar Roma visto que pertencia à *gens Iulia*, descendente de Iulus, filho de Eneias.

A *Eneida* tem sido considerada, ao longo dos séculos, uma obra de extraordinária perfeição literária. Apesar disso, corre a lenda (que não foi nunca comprovada mas também não foi desmentida) de que Vergílio, um perfeccionista, pediu, pouco antes de morrer, que fosse destruída por não ter podido revê-la, pelo que a considerava inacabada. Augusto teve a sagacidade de mandar publicá-la sem que nada fosse emendado ou acrescentado e é por isso que alguns versos nos surgem incompletos.

Deixamos-te aqui um pouco da beleza maravilhosa da *Eneida*.

No excerto seguinte, Eneias procura a esposa, que se tinha perdido algures durante a fuga precipitada. Volta para trás mas apenas encontra o seu fantasma:

"...A mim que a procurava, desvairado, entre as casas da cidade, apareceu ante meus olhos um triste simulacro, a sombra da própria Creúsa, uma imagem maior do que a que eu conhecia. Fiquei estarrecido, meus cabelos arrepiaram-se e a voz prendeu-se-me na garganta. Então ela assim falou e com suas palavras acalmou meus cuidados: De que adianta entregares-te a uma dor insana, querido esposo? Estas coisas não acontecem sem a vontade dos deuses. Nem o destino nem o rei do alto Olimpo permitem que leves Creúsa como companheira. Longos exílios e uma vasta extensão de mares devem ser enfrentados por ti: chegarás à terra Hespéria onde o Tibre lídio corre por entre os férteis campos dos homens com uma corrente mansa. Ali coisas felizes te serão reservadas, um reino e uma esposa real; afasta as lágrimas e os pensamentos de tua querida Creúsa'. [...] Assim que disse tais palavras, ela afastou-se de mim, que estava chorando e desejava dizer-lhe muitas coisas, e desapareceu nos ares. Três

vezes tentei abraçá-la, três vezes a imagem querida escapou de minhas mãos, igual ao vento, semelhante a um leve sonho"

(Eneida, Canto II, versos 771-784; 790-794)



Eneias fugindo à destruição de Troia

No segundo excerto, fala-se do poder maléfico do boato, da calúnia, a que o Poeta chama Fama:

"... Imediatamente a Fama vai pelas grandes cidades da Líbia. A Fama – e nenhum outro mal é mais veloz que esse – tem grande mobilidade e caminhando adquire forças. Inicialmente pequena em razão do medo, eleva-se rapidamente nos ares, anda no solo e esconde a cabeça nas nuvens" [...] É um monstro horrendo, enorme, que tem tantas plumas no corpo quanto olhos vigilantes sob elas, coisa incrível, tantas línguas quanto bocas que falam e quanto ouvidos que se põem atentos"

(Eneida, Canto IV, versos 173-176; 181-183).

(Excertos retirados de *Eneida*, tradução de Nicolau Firmino, ed. Livraria Simões, Lisboa, 1955).

Outros poetas romanos posteriores a Vergílio escreveram poemas épicos. Desses o mais importante talvez tivesse sido **Lucano** (39 d.C./65 d.C.) que escreveu, entre outras, a obra *Pharsalia* que trata da luta entre Júlio César e Pompeio.

HISTORIOGRAFIA ROMANA

A Historiografia, em Roma, foi muitas vezes uma forma de glorificar a Cidade, de aprovar ou condenar uma determinada forma de governo, de elogiar ou de denegrir uma determinada personagem, de consolidar uma dinastia, de justificar uma guerra... Foi também um meio de unificar o Império, uma vez que as obras dos historiadores eram estudadas e divulgadas em todo o território.

Havia historiadores mais objectivos e outros menos objectivos que não hesitavam em relatar histórias de deuses e de presságios, lendas ou factos maravilhosos como se de factos históricos se tratassem. Apesar dessas falhas, pode dizer-se que muitos dos factos chegaram até nós de uma forma genuína ou muito próxima disso através da voz de muitos destes historiadores.

Catão - Marcus Porcius Cato (234 a.C./139 a.C.)

Catão não costuma ser recordado como historiador. É mais lembrado pela actividade de censor e de cônsul, pelo seu feitio severo, conservador, e pelos seus tratados práticos, como *De Agricultura*. Também é recordado pelo amor à República e aos costumes romanos. Contudo, a sua obra *Origines* pode considerar-se histórica na medida em que procura narrar os primeiros tempos de Roma.

Catão e sua esposa



Catão levava o tempo a criticar os Gregos e a acusar quem os admirava e imitava, fingindo mesmo não entender uma palavra de Grego. Sabe-se, porém, que possuía um conhecimento muito razoável da língua (e no final da vida foi mesmo apanhado a ler poetas e filósofos gregos às escondidas). Em *Origines*, imita um truque usado pelos historiadores gregos que consistia em pôr as personagens a falar umas com as outras a fim de conseguir um toque mais realista.

Aprende algum ofício; pois quando a fortuna vai embora de repente, o ofício fica e nunca deixa a vida da pessoa.

Fonte: *Dísticos Morais* (compilação tardia que lhe é atribuída).

Compra não o que consideras oportuno, mas o que te falta; o supérfluo é caro, mesmo que custe apenas um soldo

Fonte: Citado em Séneca, *Cartas a Lucílio*

Cícero - Marcus Tullius Cicero (106 a.C./43 a.C.)

Cícero também não costuma ser considerado um historiador. Todavia, muitos dos seus discursos como advogado, contra (*Catilinarias*, por exemplo) ou a favor de alguém, são verdadeiros mananciais para o conhecimento da época conturbada em que viveu.

Também escreveu tratados políticos e jurídicos que permitem um olhar sobre as transformações do final da república, como em *De Republica* ou sobre as leis, *De Legibus*. Também não podemos esquecer a vertente filosófica da sua obra como quando fala da natureza dos deuses (*De Natura Deorum*) ou sobre a Amizade (*De Amicitia*).

O estilo de Cícero é límpido, culto e elegante, por vezes um pouco pomposo. Era rigoroso e não recorria a presságios nem a factos maravilhosos para explicar os eventos que referia.

Cícero discursando



O primeiro dever do historiador é não trair a verdade, não calar a verdade, não ser suspeito de parcialidades ou rancores.

Fonte: *De Oratore*

O melhor tempero da comida é a fome

Fonte: *De Finibus Bonorum et Malorum*

Júlio César - Caius Iulius Caesar (100 a.C./44 a.C.)

O grande general foi também um dos historiadores que escreveu num estilo puro e clássico, num Latim elegante e culto.



Rendição de Vercingetorix, chefe gaulês, a Júlio César

Além de vários comentários e discursos, deixou-nos duas obras: *De Bello Gallico*, sobre a conquista da Gália, e *De Bello Civili*, em que relata a guerra civil que o opôs a Pompeio.

César refere-se a si mesmo na 3ª pessoa. É objectivo (nem uma única vez explica seja o que for através de intervenções divinas ou do Destino), o seu uso da língua é magistral e foi, durante séculos, um padrão da «boa maneira» de escrever Latim. Contudo, muitas vezes, sob essa capa de objectividade, transparece o auto-elogio e a vaidade que era, talvez, o pior defeito de Júlio César.

Há nos confins da Ibéria um povo que nem se governa nem se deixa governar

(Referindo-se aos Lusitanos)

Veni, Vidi, Vici (Tradução: "Cheguei, vi, venci"; in *De Bello Gallico*)

Salústio - Caius Sallustius Crispus (86 a.C./ 35 a.C.)

Um dos maiores historiadores contemporâneos de César e de Cícero foi Salústio. Depois de se retirar de uma vida política sem brilho, dedicou-se à historiografia. A sua História cobre cerca de 20 anos referentes ao seu próprio tempo. Era, pois alguém a que hoje chamaríamos historiador contemporâneo. Da obra chegaram-nos apenas fragmentos. Também conhecemos alguns ensaios mais curtos, como *A Conjuração de Catilina*, que ajudaram a estabelecer a sua reputação de historiador. Falta-lhe alguma da lucidez de Júlio César e a fluidez de escrita de Cícero mas existe uma enorme força na representação dramática que faz dos acontecimentos.



Salústio

Quanto mais se está no alto, menos se é livre
Fonte: *A Conjuração de Catilina*

Entre outros exercícios de espírito, o mais útil é a história
Fonte: *Guerra de Jugurta*

Tito Lívio - Titus Livius (50 a.C./17 d.C.)

A obra mais conhecida foi a monumental *Ab Urbe Condita*, uma História de Roma em 140 livros dos quais nos chegaram 30 e partes de outros 5.

Tito Lívio fez em prosa o que Virgílio fez em verso: celebrou a grandeza do seu país. Mas, contrariamente a Virgílio, não tinha no regime de Augusto a mesma total confiança. Sucumbia, por vezes, aos relatos lendários, sobretudo ao relatar as origens míticas de Roma.

O seu Latim era quase tão puro como o de Júlio César e com a elegância que se costuma associar a Cícero.

Nenhuma lei se adapta igualmente bem a todos

Fonte: *História de Roma*

A guerra nutre a si mesma

Fonte: *História de Roma*



Tito Lívio

Suetónio - Caius Suetonius Tranquillus (69 d.C./141 d.C.)

A obra mais conhecida é *De Vita Caesarum* (*Vidas de Césares*). Embora seja uma das principais fontes para o conhecimento biográfico de vários imperadores bem como para a interpretação de alguns factos ocorridos durante os seus mandatos, há que ter cuidado pois Suetónio nem sempre foi objectivo. Deixou-se muitas vezes influenciar por rumores e boatos sem os verificar, assim como se deixava levar pela sua própria opinião, prejudicando a imparcialidade.

Parecendo-lhe (...) que seria temerário entregar a República ao arbítrio de muitos, perseverou em a dirigir, sem que se saiba se foi melhor o resultado ou o intento"

(sobre Octavio Augusto, in *O Divino Augusto*, tradução de Agostinho da Silva, Livros Horizonte, S. Paulo, 1975)

Tácito - Cornelius Tacitus (55 d.C./120 d.C.)

Sem sombra de dúvida o maior historiador da era pós Augusto, relatou os mandatos dos imperadores que vão de Augusto a Nerva. Era um advogado de prestígio e um senador muito respeitado. Mantinha a fé na antiga república e discordava profundamente da concentração de poderes nas mãos de um só homem ainda que esse homem fosse imperador. O seu estilo é vivo, elegante, por vezes veemente na afirmação daquilo em que acredita.

Rara felicidade deste tempo, onde é permitido pensar o que se quiser e dizer o que se pensa

Fonte: *História*

O mais corrupto dos Estados tem o maior número de leis

Fonte: *Anais*

Plutarco - (cerca de 59 d.C./120 d.C.)

Ensaísta e filósofo grego, foi educado em Atenas e viajou por vários países, entre os quais Egipto e Roma onde se deslocou várias vezes. Muito culto e interessante como pessoa, fazia facilmente amigos. Alguns dos amigos romanos mais influentes conseguiram-lhe a cidadania romana.

A sua obra mais conhecida é *Vidas Paralelas*, onde elogia o modo de vida e as virtudes desse povo que tanto admira. Isso não o fazia renegar a Grécia nem a sua cultura.



Plutarco

César declarou... que amava as traições, mas odiava os traidores

Fonte: *Vidas Paralelas*

Ter tempo é possuir o bem mais precioso para quem aspira a grandes coisas

Fonte: *Vidas de Homens Ilustres*

LÍRICA ROMANA

A Poesia lírica aparece em Roma bastante mais tarde do que a épica, em finais do século II a.C. , sob influência helenística, quando as circunstâncias políticas e sociais tinham levado os Romanos a interessar-se mais pela vida íntima e privada.

Eis alguns dos mais conhecidos Poetas Líricos:

Catulo - Caius Valerius Catullus (85 a.C./ cerca de 57 a.C.)

Versos curtos e vívidos, hinos de casamento, elegias eróticas, etc... Poeta lírico e um dos primeiros, em Roma, a expressar sentimentos e a usar o «eu» poético.

*É difícil, é difícil abandonar de repente um longo amor
mas tu deves fazê-lo seja como for.
Esta é a única salvação, tens de o conseguir,
deves fazê-lo quer te seja ou não possível.
Oh, deuses, se é próprio de vós compadecer-vos
ou se alguma vez haveis prestado alguém
o derradeiro auxílio no momento da morte,
tende compaixão deste infeliz e, se vivi sem mácula,
arrancai de mim esta desgraça, este flagelo.*

Catulo, *Carmina*

(in PIMENTEL, Cristina de Sousa, ESPÍRITO SANTO, Arnaldo, BEATO, João, *Latim, Exercícios Resolvidos*, Edições Colibri, Lisboa, 1996)



Enamorados
(Fresco Romano, sec.I d.C.)

Horácio - Quintus Horatius Flaccus (65 a.C./?)

Era filho de um liberto que ganhou riqueza e status social e o mandou estudar, viajar até Atenas e seguir o *cursus honorum*. Em Roma conheceu Ovídio e Vergílio que o apresentaram ao patrono Mecenas de quem se tornou muito amigo.

A sua poesia apresenta frequentemente um cunho pessoal embora, na maior parte das vezes, retrate mitos e personagens mitológicas e nos mostre uma natureza panteísta. A obra mais conhecida é *Odes*.

O Reino da Morte

A pálida morte bate com pé igual nos casebres dos pobres / e nos palácios dos ricos

Fonte: *Odes*

Ovídio - Publius Ovidius Naso (43 a.C./17 d.C.)

Poeta multifacetado, foi durante muito tempo um protegido de Augusto mas depois caiu em desgraça (não se sabe bem porquê e existem várias versões sobre o assunto) e foi exilado. Embora tenha várias vezes pedido perdão do que quer que tenha sido a sua falta, nunca foi autorizado a regressar a Roma.

Uma das suas obras mais conhecidas e influentes é *Ars Amatoria* (*A Arte de Amar*). Outro trabalho também bastante conhecido e que recupera mitos antigos, gregos e outros, por vezes dando-lhes uma nova versão, é *Metamorfoses*.

**Arte de Amar**

Não há mulher, por mais feia que seja, que não tenha um traço de beleza

Fonte: *A Arte de Amar*

SÁTIRA

Lucílio - Caius Lucilius (180 a.C./102 a.C.)

Foi o primeiro poeta e filósofo a emancipar-se da literatura grega e a criar um produto literário verdadeiramente romano. Os seus trabalhos vieram a ser conhecidos como sátiras, da palavra *satura* que queria dizer miscelânea e que foi usada, de início, com um sentido pejorativo (negativo). Eram uma versão popular do Estoicismo mas com comentários cáusticos (corrosivos) e humorísticos sobre personalidades do seu tempo.

Juvenal - Decimus Iunius Iuvenalis (cerca de 60 d.C. / cerca de 127 d.C.)

Pouco se sabe ao certo sobre a sua vida pessoal e mesmo uma *Vida de Juvenal*, aparecida após a sua morte, é baseada largamente no conteúdo do seu livro *Satirae*, (*Sátiras*).

Os ataques a costumes e a certas personagens são muitas vezes virulentos mas, ao longo de 30 anos de carreira, vão-se tornando menos venenosos mas mais apurados e certos. O seu estilo é descritivo, cheio de vida, com uma maestria da Língua admirável. É o máximo representante romano do género satírico.



A honestidade é elogiada por todos, mas morre de frio
Fonte: "Sátiras"

Alguns tiveram a força como preço pelo próprio crime, outros, a coroa
Fonte: *Sátiras*

EPIGRAMA

Os epigramas começaram por ser pequenas composições destinadas a ser gravadas sobre pedra, breves pensamentos com carácter votivo e funerário. Os primeiros epigramas literários têm a sua origem nestas inscrições e delas herdaram as características de serem breves e concisos. Ao longo do tempo vão alargando a sua temática para poderem exprimir a mais variada gama de sentimentos: encontramos epigramas amorosos, eróticos, satíricos, políticos, moralistas, etc...



Marcial - Marcus Valerius Martialis (38 ou 40 d.C./102 d.C.)

Embora não sejam muitas as certezas sobre a vida do mais importante poeta romano a cultivar a arte do epigrama, pode tomar-se como certo que nasceu na *Hispania* mas foi para Roma ainda muito jovem e aí viveu a maior parte da sua vida. Relacionou-se com intelectuais importantes como Juvenal, Quintiliano ou Plínio, o Jovem. Também parece ter sido protegido por poderosos, incluindo o imperador Domício, a quem dedica vários epigramas. Escreveu 12 livros de epigramas, os *Epigrammata*, e mais três livros de outros géneros: o *Livro dos Espectáculos*, escrito por volta de 80 d.C., pela inauguração do Coliseu, *Xenia* e *Apophoreta*, duas colecções de frases que deveriam acompanhar as prendas e os alimentos oferecidos durante as Saturnais.

Marcial é justamente considerado o maior escritor de epigramas da história literária romana. As suas composições são certeiras, agudas, cortantes, e o Poeta demonstra um poder total sobre a Língua que torna maleável e perfeitamente adaptada ao que pretende transmitir.

Eis um exemplo em que critica os «parasitas» que se servem dos amigos e tentam viver às suas custas:

*Lá porque vês Sélio de cenho enevoadado, Rufo,
lá porque tão tarde anda errante a polir esquinas no pórtico,
lá porque o seu rosto abatido cala qualquer coisa sinistra,
lá porque o seu nariz quase toca indecentemente o chão,
lá porque bate com a direita no peito e arranca os cabelos,
não chora o tipo a morte de um amigo ou de um irmão,
os dois filhos vivem e oxalá continuem a viver,
a mulher está de saúde e os bens e os escravos,
e o feitor e o caseiro em nada o defraudaram.
Qual é então a causa da tristeza? Janta em casa.*

(Marcial, Epigr., II, 11, tradução de José Luís Brandão)

TEATRO ROMANO

O Teatro foi o único género literário que, quando a cultura latina se helenizou, já tinha uma longa tradição em Roma. Desde muito cedo o carácter latino de tendência ao burlesco e à crítica trocista se revelou em representações improvisadas que se podiam dividir em dois tipos; as **farsas atelanas** e os **mimos**.

As **farsas atelanas** eram pequenas peças bufas baseadas na vida quotidiana e com tipos fixos representados por actores com máscaras: o velho estúpido, *Puppus*, o jovem meio tolo, *Maccus*, o glutão *Buccus* ou o corcunda, *Dossenus*. Quando, com a helenização se começam a representar tragédias gregas ou por elas influenciadas, as farsas atelanas passam a ser consideradas um género menor mas nem por isso deixaram de ser representadas. Passaram a ser uma espécie de «bombom» no fim do espectáculo.

Nota: Tipo é uma personagem que aparece em várias peças e que tem as características de um tipo de pessoa (daí o nome) que se pretende criticar

Máscara do tipo Maccus



Os **mimos** eram representações em que tanto homens como mulheres retratavam cenas da vida do dia a dia, partindo de um texto em prosa.

A partir das guerras púnicas, a presença de militares romanos na Sicília (*Magna Graecia*, onde se localizavam as colónias gregas mais importantes) é um dos primeiros contactos com o Teatro Grego. Aos poucos, os contactos de Roma com outros povos e, principalmente com a Grécia, leva a uma valorização do Teatro Grego ou «à maneira grega».

Não são muitos os nomes de dramaturgos romanos que chegaram até nós. Falemos de três dos mais conhecidos e influentes:

Plauto - (cerca de 250 a.C./184 a.C.)

Desejou ser um poeta épico como o seu contemporâneo Énio mas, ao contrário deste, que era patrocinado por Cipião, o Africano, não tinha patrono e, assim, tinha de escrever comédias para vender aos edis que necessitavam delas para as representações que ofereciam aos cidadãos.

Inspiradas em comédias gregas, as suas eram, contudo, muito mais livres de constrangimentos morais. De algumas quase se poderia dizer que eram amorais.

A par de situações passadas com deuses e de ressonância mitológica, também se retratavam nessas comédias situações da vida quotidiana. O público ria e delirava com as comédias de Plauto das quais a mais conhecida é *Amphitruo* (Anfitrião).

Máscaras de representação
para Amphitruo



A mulher tem bom perfume quando não tem perfume algum

Fonte: *Mostellaria*

Não existe hóspede, por mais amigo que seja de quem o recebe, que não comece a incomodar depois de três dias

Fonte: *Miles Gloriosus*

Terêncio - Publius Terentius Afer (195 a.C./159 a.C.)

Contemporâneo e rival de Plauto, Terêncio era patrocinado por Cipião. As suas comédias eram mais aristocráticas e comedidas, de um humor mais intelectual. Menos influenciado pelo teatro grego do que Plauto, era, porém, mais respeitador da «moralidade» nas peças que escrevia.

Eu sou homem e nada do que é humano me é estranho

Fonte: *O Carrasco de si Mesmo*

O mais próximo de mim sou eu

Fonte: *A Moça de Andros*

Sêneca - Lucius Annaeus Sêneca (4 a.C./65 d.C.)

Filósofo, poeta, homem de estado, dramaturgo, seguidor da moral estóica, foi preceptor de Nero e foi sob sua influência que os primeiros anos de governo deste imperador foram benéficos. Mais tarde, Nero viria a «sacudir» essa influência e, acusando-o falsamente de fazer parte de uma conspiração, enviou-lhe ordem para que se suicidasse.

Escreveu tragédias, das quais a mais conhecida é *Phaedra* (*Fedra*). Também praticou o género epistolar como em *Cartas a Lucílio* onde a filosofia estóica que defendia é bem visível.

O estilo é vibrante, dramático, muitas vezes dilacerante, extremamente musical. A sua influência foi enorme e prolongou-se até ao século XVII e aos dramaturgos barrocos.

É melhor saber coisas inúteis do que não saber nada

Fonte: *Cartas a Lucílio*

Os vícios de outrora são os costumes de hoje

Fonte: *Epístolas*

EDUCAÇÃO ROMANA

Quando uma criança nascia em Roma (nascimento livre, não escravo) era colocada aos pés do pai, despida e o seu corpo era deitado no chão, para entrar em contacto com as forças da terra. Se o pai lhe pegava e a erguia nos braços, isso significava que a reconhecia como filho ou filha. Se não a levantava do chão, tal gesto significava que a rejeitava. A criança era então exposta ao abandono e ou morria de fome ou era recolhida umas vezes por gente caridosa, embora a maior parte das vezes tivesse a triste sorte de ser levada por negociantes de escravos. O abandono de crianças tinha lugar quando o Cidadão desconfiava de que o filho não era seu ou quando já tinha uma prole suficiente para perpetuar o nome da família. Porém, desde muito cedo tal prática era mal vista entre os Romanos, e embora as leis estivessem do lado do *paterfamilias* os costumes morais condenavam quem os usava.



Por outro lado, os Romanos podiam praticar a **adoção**. Recorriam muitas vezes a esta prática ou quando perdiam os seus filhos legítimos ou quando deserdavam um filho ou então quando não tinham descendência legítima. A adoção também podia ser feita através de acordos entre famílias ou quando a personalidade do adoptado se adequava às características que se desejavam para um sucessor. A partir daí, o adoptado passava a ser a partir daí «um dos seus», tomava os nomes da *gens* e da família e tinha todos os direitos e deveres de um filho natural.

Escola Pública Romana (*Ludus*)



As crianças eram educadas pela mãe até aos sete anos de idade. A partir de então, as raparigas continuavam sob influência materna e os rapazes passavam a ser guiados pelos pais.

Ambos os sexos aprendiam a ler, a escrever e a fazer contas. Podiam estudar em casa e quem os ensinava era um **pedagogo**, um servo ou um escravo liberto,

quase sempre de origem grega. Também era comum os filhos frequentarem uma escola pública, conhecida pelo nome de **ludus**.

Se em casa havia um pedagogo, este acompanhava as crianças ao longo da sua educação como **preceptor** e **conselheiro**, e mesmo quando os seus educandos frequentavam o *ludus* público, acompanhava-as à ida e no regresso a casa, orientando e auxiliando os seus estudos.

Na maior parte das vezes, o *ludus* funcionava em pequenos recantos frios e ventosos, salas improvisadas com cortinas a fazerem de porta e uns assentos toscos quer para o professor (que se chamava **litterator**) quer para os alunos. Estes aprendiam as letras numa primeira fase – **abcedarii** – as sílabas depois – **sylabarii** – e finalmente as palavras – **nominarii**. O *litterator* mal pago, pouco prestigiado e pouco respeitado, tinha que ter mais do que um trabalho e acabava por não ter muita paciência, recorrendo frequentemente a castigos corporais.



Mulheres Patrícias

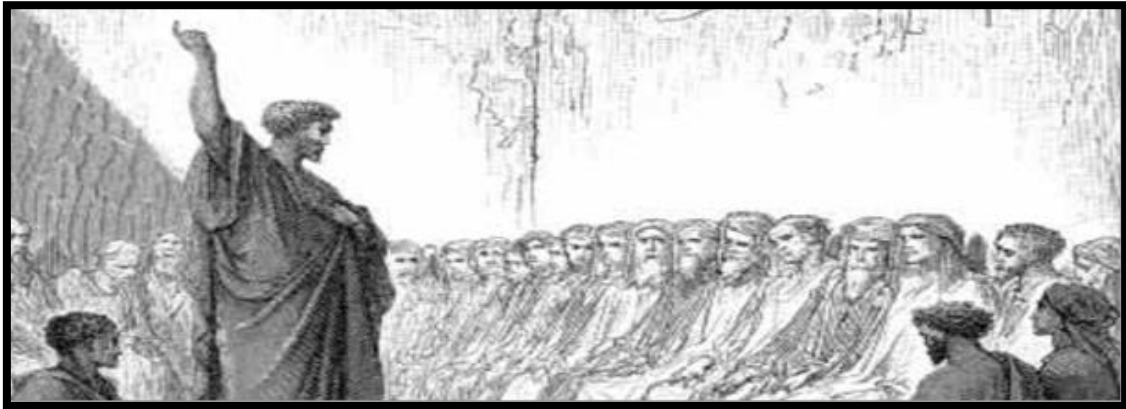
Terminado o *ludus* (normalmente aos onze anos de idade), a maioria das raparigas deixava de aprender fora de casa. Passavam a preparar-se para o casamento, o que não significava que, em casa, com o pedagogo ou com os professores contratados pela família, não aumentassem os seus conhecimentos. Era de bom tom que uma «menina de família» soubesse escrever em Latim elegante, conhecesse alguns poetas e dramaturgos, estivesse a par de um pouco de História e pintasse ou tocasse algum instrumento.

Os rapazes prosseguiam os seus estudos. Passavam das mãos do *litterator* para as do *grammaticus* e aprendiam trechos literários, os quais serviam como ponto de partida não apenas para o domínio da língua, mas também como fonte de conhecimentos de História, Geografia e, às vezes, de Ciências Naturais. É igualmente nesta fase que adquiriam as primeiras bases da **Retórica**, isto é, a arte de saber falar bem em público: colocar correctamente a voz, ter a postura corporal certa, fazer a expressão e o gesto correctos.

O menino que aspirasse a uma educação mais completa (a este nível já nem todos o faziam) passava, então, a aprender com o *rethor*. Fazia exercícios para se habituar a expor as suas ideias em público, aprendia a argumentar e a convencer o público, aprendia a analisar e a traçar conclusões. Aprendia ainda a arte do debate e da controvérsia: saber defender as suas opiniões. Este era uma espécie de ensino

universitário que preparava os Cidadãos para serem advogados, magistrados ou políticos.

As famílias de maiores posses, que desejavam que os seus filhos tivessem uma educação realmente sofisticada, incentivavam-nos a viajar, e a passagem pela Grécia não era um mero recreio, era uma obrigação. Era lá que se aprendia a falar correctamente a língua grega e era lá que se tinha acesso aos mestres e ao estudo das grandes correntes filosóficas de então. Por fim, era sempre «chique» dar uma «escapadela» à Palestina, Pérsia e sobretudo o Egipto.



Cidadão argumentando

A Educação era o meio de aceder à carreira política. Tal não só fazia com que o Cidadão cumprisse o seu dever de bem servir a Cidade, como estava na base de uma genuína possibilidade de ascensão social. Em Roma, qualquer homem, mesmo de origens humildes poderia (em teoria, claro) aspirar aos cargos mais altos e poderosos, inclusivamente o do imperador, desde que fosse de nascimento livre e tivesse uma boa educação. Isto não era muito frequente (os recursos económicos das famílias eram muitas vezes um entrave a sonhos altos) mas podia acontecer: um dos exemplos foi o pai do poeta Ovídio, um escravo liberto respeitado que enriqueceu graças ao seu trabalho. Sabendo da importância da Educação, mandou o filho estudar para Atenas e fazer o *cursus honorum*. Assim, Ovídio veio a ser um poeta que teve a honra de fazer parte do círculo íntimo do imperador Augusto.

O jovem percorria toda uma escada na sua carreira: começava como questor, depois edil, pretor, tribuno e por aí fora até chegar a senador, cônsul, governador da província, etc... Era o famoso *cursus honorum* ou «percurso de honra», de que já falámos acima.

Quintiliano



Não podíamos acabar este texto sem prestarmos homenagem a um dos maiores educadores da Época Clássica: Quintiliano. Foi à sua gigantesca obra *Institutio Oratoria*, terminada em 95 d.C e composta por doze volumes, que muitos pedagogos foram buscar inspiração para o Sistema de Ensino que hoje conhecemos. Nos seus dois primeiros volumes, Quintiliano explica-nos qual era a educação fundamental que todo o cidadão romano devia ter e recomendava que se ensinassem ao mesmo tempo os nomes das letras (*abcedarii*) e as suas formas (*nominarii*), ao contrário do que se fazia nas escolas públicas romanas, como já foi referido acima. Considerava importantíssima a arte da Retórica, pois esta desenvolvia o raciocínio, a curiosidade e aumentava a cultura geral de um indivíduo. Era totalmente contra os castigos corporais e afirmava que os estudos deviam ser interrompidos por intervalos periódicos, úteis para as crianças poderem descansar, brincar e criar laços de amizade e de respeito com outros seres humanos. Segundo a sua opinião, o descanso favorecia uma aprendizagem mais serena e mais lúcida. Além disso, achava que pequenas recompensas como, por exemplo, um elogio na sala de aula, podiam fazer milagres com a auto-estima dos alunos, incentivando-os, assim, a superar-se.

Quintiliano recomendava também a **emulação**, ou seja, o desejo de encontrarmos alguém que nos sirva de exemplo a seguir. Este «mestre» serviria, assim, como um ponto de partida para a descoberta de nós mesmos, bem como o desejo de nos superarmos.

O décimo volume é o mais conhecido da sua obra, pois fala de todas as qualidades que um bom orador deve ter, especialmente as qualidades que mostram o seu verdadeiro «eu». Para Quintiliano, a técnica de saber falar em público não era tudo: para se conquistar uma audiência, um bom orador deve ser humilde, observador, apaixonado, honesto, justo, imparcial. Sem essa personalidade «intocável», não conseguirá tocar o coração dos espectadores.

É também neste volume que Quintiliano defende a leitura como elemento fundamental na formação de um orador. Quanto mais ler melhor saberá escrever, pensar, raciocinar, falar, debater ideias, saber defendê-las e sugerir soluções construtivas.

Concluindo, esta vasta obra não influenciou apenas o Império Romano: influenciou o mundo inteiro e foi tão importante que, ainda hoje, é estudada e respeitada em todas as faculdades.

QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

CAUSAS DO DECLÍNIO

A partir do século III d.C., o Império Romano começa, pouco a pouco, a desmoronar-se. Esse **processo** foi **lento**, tão lento que os seus habitantes não deram por ele e, se alguém perguntasse a um Romano desse século ou do seguinte se achava que o Império tinha os dias contados, ele teria pensado que quem lhe fazia a pergunta estava louco. De facto, o **domínio de Roma** estendia-se **da Pérsia à Bretanha, da região que hoje é a Alemanha até ao Norte de África**. Era habitado por **100 milhões de pessoas**, e defendido por milhares de legionários. A melhor rede de estradas jamais construída e uma frota poderosa, garantiam as comunicações por terra e por mares. Produtos caros e exóticos chegavam a Roma de pontos longínquos do mundo e mensagens eram trocadas por todo o Império através de uma rede de correios muitíssimo eficiente. Se exceptuarmos uma ou outra escaramuça perto das fronteiras, Roma vivia em paz há cerca de dois séculos e meio.

Que poderia, pois, provocar o declínio de uma potência assim? Hoje sabemos que toda essa grandeza era, até um certo ponto, ilusória. As **diferenças sociais** tinham-se tornado tão grandes que eram um **permanente foco de instabilidade**.

A cerca de 1800 residências luxuosas correspondiam cerca de 50000 habitações paupérrimas onde uma população cada vez mais descontente vivia à base da política de «**pão e circo**».

A riqueza dos poderosos, porém, também era enganadora em muitos casos. Realizavam banquetes e jogos para manter as aparências e, muitas, vezes, endividavam-se ou vendiam os últimos bens para pagar essa «fachada».

Tem-se muitas vezes falado do luxo excessivo e de uma depravação completa dos Romanos como uma das causas principais para o declínio do Império mas hoje sabe-se que não foi exactamente assim. Houve excesso, loucura, depravação, sim, principalmente em alguns imperadores e seus círculos mais íntimos mas, de uma forma geral, a sociedade romana não era assim tão corrupta como vemos nos filmes de *Hollywood*.

Patrícias



Então, onde começaram os problemas? Enumeremos alguns:

- **Sistema social rígido:** poucos conseguiam ascender socialmente.
- **Estagnação tecnológica:** o número de escravos tinha atingido tais proporções que todo o trabalho dependia deles. Não se sentia, pois, a necessidade de avançar em termos tecnológicos. Para quê se havia quem fizesse todo o trabalho mais pesado?
- **Estagnação da Agricultura.** Se podiam ser importados produtos de todos os tipos de vários lugares da terra, para quê trabalhar as terras em Itália.

Camponeses Romanos



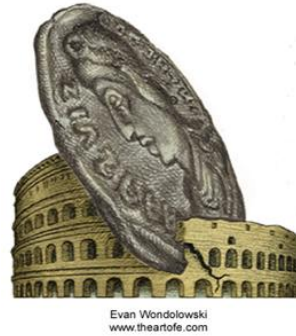
- **Abandono dos campos:** a concentração na Cidade leva ao crescimento de uma classe que tem dificuldades em encontrar trabalho e passa a depender dos subsídios (pão e circo).
- **Especulação e inflação:** para sobreviverem, alguns recorrem a meios ilegais e especulam de todas as formas possíveis. Alguns imperadores, como Diocleciano, tentam travar estes abusos instituindo penas pesadas que podiam chegar até à morte para quem vendesse produtos de primeira necessidade (como o pão) a preços superiores aos determinados por lei. Os **filhos** passavam a ser **obrigados a seguir a profissão dos pais**. Tais medidas contiveram a inflação mas aumentaram o sentimento de insatisfação.

Ofícios hereditários



- **Diminuição de Metais Preciosos:** Roma sofria de **escassez de cereais** devido ao número cada vez maior de terras por cultivar ou terras esgotadas (que perderam a sua fertilidade). Para alimentar uma população que não parava de crescer, as importações eram cada vez maiores. Parece que o Oriente sempre seguiu a tradição de ser um Celeiro para o Ocidente. Já nessa altura os cereais eram pagos a preço de ouro. Com efeito, esta necessidade levou a que grandes quantidades de metais preciosos como o ouro e a prata fossem transferidas para o Oriente, deixando Roma empobrecida.

Inflação da moeda romana



Estes foram **alguns dos factores** que provocaram o início da queda. A partir de meados do século III d. C., ela tornou-se imparável e outras causas vieram juntar-se às já mencionadas:

- **Regime de Colonato nos campos agrícolas:** o tempo prolongado de Paz tinha afectado uma das principais fontes da escravatura: os prisioneiros de guerra. De um número excessivo de escravos passou-se, aos poucos, para a falta destes em número suficiente para trabalhar os campos (a Agricultura estava parada em Itália mas continuava a existir nas províncias e delas vinham os alimentos de que Roma necessitava). Os escravos eram cada vez mais caros.
- O **Regime Esclavagista** foi, assim, **parcialmente substituído pelo de Colonato** em que os Patrícios arrendavam os seus latifúndios a plebeus que quisessem sair da cidade e partirem para as suas propriedades, na Itália ou nas províncias. Esses Plebeus tornavam-se camponeses e passavam a viver do que produzissem mas tinham de dar uma grande parte da produção ao proprietário, de trabalhar apenas para este em certos dias da semana e de comprar todos os utensílios e sementes de que necessitassem. Apesar destas condições difíceis, os campos voltaram a produzir e estes camponeses estavam a tornar-se autosuficientes.
- Os proprietários, com medo do poder crescente dos seus rendeiros conseguiram uma **legislação** que proibia os colonos de abandonarem as villae e os campos em que trabalhavam, tornando-os, na prática, semi-livres, servos. Foi a **origem do Feudalismo** tão largamente praticado ao longo da Idade Média, como veremos mais tarde.
- **Instabilidade Política:** Entre 235 e 284, Roma teve 26 imperadores, dos quais 24 foram assassinados. Os generais arrogavam-se o direito de escolher os imperadores, o que provocava constantes facções, crises e anarquia entre os militares. A instabilidade política fazia com que o Império Romano acabasse por perder o seu poder político e militar.

Vitória do rei Persa Shapur I na batalha contra o imperador Valeriano (259 d.C.)



- **Expansão do Cristianismo:** os Cristãos recusavam-se a aceitar outros deuses e, portanto, a prestar culto ao Imperador divinizado, culto esse que se tinha tornado importante para manter o Império unificado e coeso.
- **Decadência do Sistema de Ensino:** outrora as escolas públicas foram o orgulho de Roma. Elas elevaram esta Civilização em vários pontos do mundo. Nos últimos tempos do Império a qualidade do ensino nelas praticado tinha de tal modo decaído que muitos Romanos com posses, principalmente Patrícios, voltaram aos velhos tempos do ensino particular, em casa, entregue a mestres escolhidos a dedo. Mas isso deixava de fora as massas e foi mais um factor a provocar desagregação.

Os povos dominados aproveitaram a fraqueza crescente de Roma e organizaram revoltas um pouco por toda a parte. Ao mesmo tempo. Os chamados **Povos Bárbaros** começavam a aproximar-se das fronteiras.

Instabilidade das fronteiras romanas



Sem verdadeiras guerras que pudessem originar saques ou recompensas em terras, os soldados não se sentiam motivados como outrora e a força para dominar estes problemas não era a mesma.

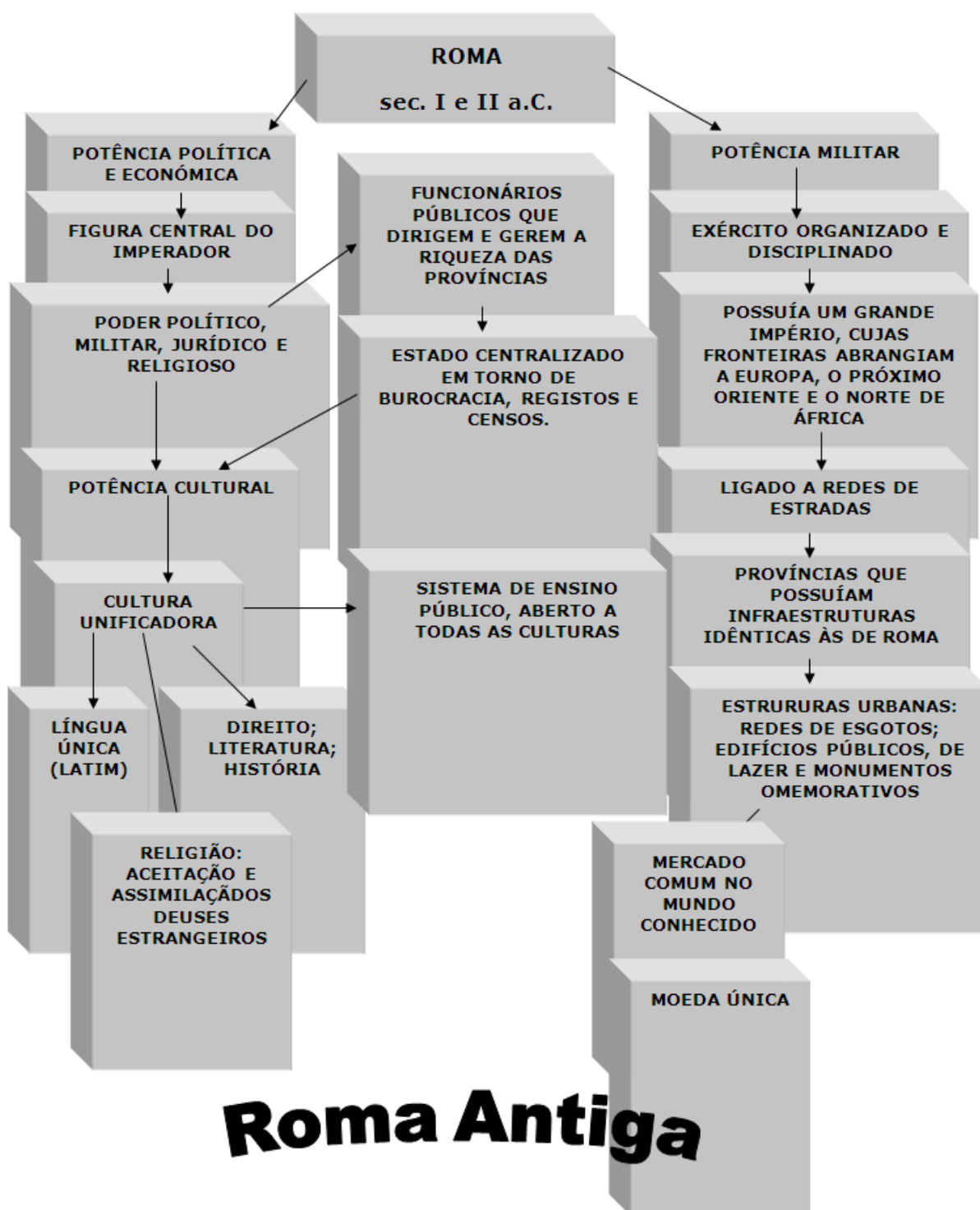
Roma foi sitiada e saqueada por três vezes. No final do século IV, O **Império Romano** foi **dividido em dois**: o **Ocidental**, com capital em Roma, e o **Oriental** com sede em Constantinopla. Em 476 d. C., **Odoacro**, chefe de uma tribo de origem germânica, invadiu Roma e depôs o imperador **Romulus Augustulus**.

Queda de Roma



Roma tinha terminado. Teria mesmo terminado? Bem: a maioria das línguas faladas no Ocidente, ou são filhas do Latim ou possuem inúmeras palavras de origem latina; o Direito que nos rege ainda é fortemente baseado no Direito Romano; instituições como a cerimónia do casamento ou alguns ritos funerários descendem directamente dos romanos; técnicas de engenharia e arquitectura, algumas receitas gastronómicas, até provérbios, poderiam ser facilmente reconhecidas em Roma. Roma é eterna...

ESQUEMA – ROMA



*** EXERCÍCIOS ***

GRÉCIA

1 - Entre 2000 a.C. e 900 a.C., aproximadamente, quais foram os povos mais importantes que invadiram as ilhas gregas?



2 - Os Aqueus desenvolveram uma importante civilização na ilha de Creta. Qual?



3 - Antes dessa ainda houve uma outra na mesma ilha. Como se chamou?

4 - Gregos foi o nome que os Romanos deram a estes Povos. Como se chamavam eles a si mesmos?

5 - Tiveram um governo central e unificado?



- 6 - Algum factor geográfico facilitou essa divisão em Cidades-Estado?
- 7 - Qual destas Cidades é considerada o «Berço da Democracia»?
- 8 - A Democracia ateniense era para todos os habitantes?
- 9 - Como se chamavam os cacos de cerâmica que serviam para registar votos?



- 10 - Quais as diferenças principais entre Atenas e Esparta?



- 11 - Como se chamaram as Guerras entre Persas e Helenos?
- 12 - O século V a. C. foi considerado uma época de ouro na História da Grécia. Ficou conhecido pelo nome de um grande estadista ateniense. Quem?
- 13 - Os deuses gregos eram espirituais e inacessíveis?
- 14 - A Escultura e Pintura Gregas eram distorcidas?
- 15 - Qual o maior legado que nos deixaram?

ROMA

1 - Quando começaram os primeiros pastores nómadas a povoar a região de Roma?



2 - Como se chamavam os irmãos gêmeos ligados à lenda da fundação de Roma?



3 - Que data se costuma considerar para a fundação da Cidade?

4 - Entre a Monarquia Etrusca e o Império, que forma de governo adoptaram os Romanos?

5 - P: Que obras importantes patrocinaram os reis etruscos?



6 - Que acontece em 509 a.C.?



7 - Quais as duas ordens em que se dividiam os Romanos livres?

8 - Quem eram os máximos governantes durante a República?



9 - Qual era o órgão que legislava e representava os cidadãos?

10 - Em períodos de guerra ou de graves perturbações era possível, temporariamente, fazer concentrar os poderes num só magistrado. Como se chamava?

11 - A luta entre Patrícios e Plebeus pelos direitos destes foi longa e difícil. Finalmente, no século V a. C., uma lei consagra a igualdade entre ambas as Ordens. Como se chamou?

12 - Antes, já tinham conquistado o direito de que uns magistrados especiais os defendessem. Como se chamavam?



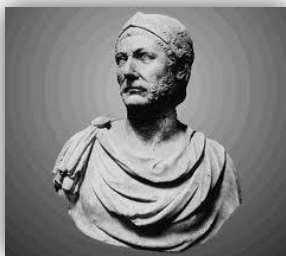
13 - No início da sua expansão, Roma manteve três guerras com uma cidade-estado de origem fenícia, Cartago. Como se chamaram essas guerras?

14 - Quando se deram?

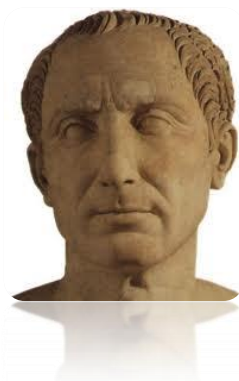
15 - Quem venceu?



16 - Como se chamou o general cartaginês que fez um exército (de que constavam militares montados em elefantes) atravessar os Alpes e quase derrotou os Romanos?



17 - No final da República, após guerras civis, constituiu-se um pacto governativo entre dois generais (que, contudo, eram rivais de longa data), Júlio César e Pompeio e um cidadão muito rico, Crasso. Como se chamou a esse governo?



18 - Quando o triunvirato se desfez, Júlio César foi declarado Ditador Vitalício. Com medo de que viesse a exorbitar do poder e a querer ser rei, um grupo de conspiradores assassinou-o. Seguiu-se um Segundo Triunvirato entre Marco Antônio, Octavio e Lépido. Um deles veio a ser o primeiro Imperador. Qual?

19 - Octavio intitulou-se Imperador?

20 - Octavio Augusto inaugurou um período de estabilidade, de prosperidade, organização legislativa e administrativa, construções públicas, grande protecção às artes. Como ficou conhecido esse tempo de prosperidade?

21 - Se os Romanos eram tão tolerantes com as outras religiões, porque perseguiram os Cristãos?

22 - Se os Romanos eram tão tolerantes com as outras religiões, porque perseguiram os Cristãos?

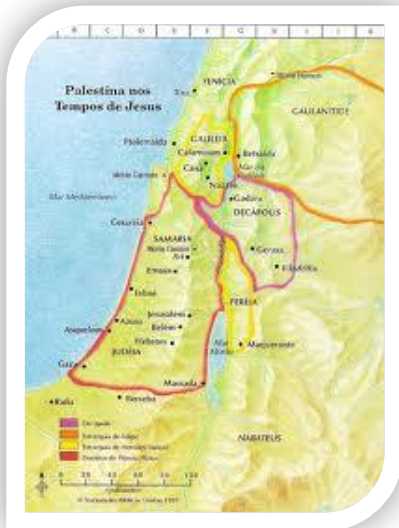
23 - Como chamavam os Romanos aos Povos que não falavam Latim ou Gregos e tinham costumes diferentes?

24 - Quando ganharam os Cristãos liberdade de culto?

25 - Quando terminou o Império Romano?

CRISTIANISMO

1 - Onde nasceu o Cristianismo?



2 - Quem foi o seu fundador?

3 - Então porque se chama Cristianismo?

4 - Era uma religião politeísta ou monoteísta?

5 - Assentava em que princípios fundamentais?



6 - Porque razão foram perseguidos os Cristãos pelos Romanos?

7 - Quem foi o primeiro Papa da Igreja?



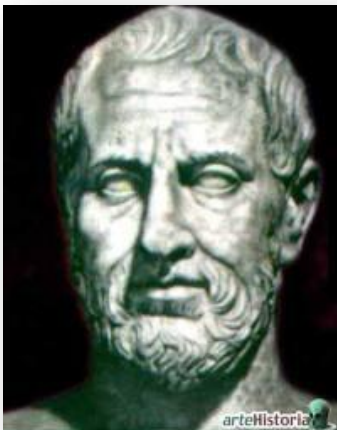
8 - Qual foi o papel de S. Paulo?



9 - Quem foi o imperador que permitiu a liberdade de culto aos Cristãos?



10 - Quem tornou o Cristianismo a Religião Oficial do Império Romano?



Teste - Grécia

1 - Observa a imagem em baixo:



Porta dos Leões

1.a - A que Civilização pertence este monumento?

1.b - Esta Civilização parece ter existido na mesma altura que uma grande cidade narrada no poema *Ilíada*.

Qual foi essa cidade?

Quem foi (ou se pensa ter sido) o autor da *Ilíada*?

Em que data se pensa que a obra possa ter sido criada?

Em que género de Poesia se encaixa a *Ilíada* e a *Odisseia*?

2 - Completa a frase:

Após a Era das Trevas, os povos helenos começam a estabelecer a sua posição no mundo conhecido. Devido a falta de _____ começam a tentar sair das suas terras e a fundar _____ por todas as costas do

_____. Organizavam-se em _____. Apesar de serem autónomas, as populações tinham pontos em comum _____.

3 - Observa a imagem abaixo e responde às seguintes questões:



3.a - Que objecto vês na imagem?

3.b - Qual era a função deste objecto?

3.c - O direito de voto pertencia a que sistema político?

3.d - Quem foi o «Pai», o Fundador desse sistema?

3.e - Consegues ler o nome ali escrito (facultativo)?

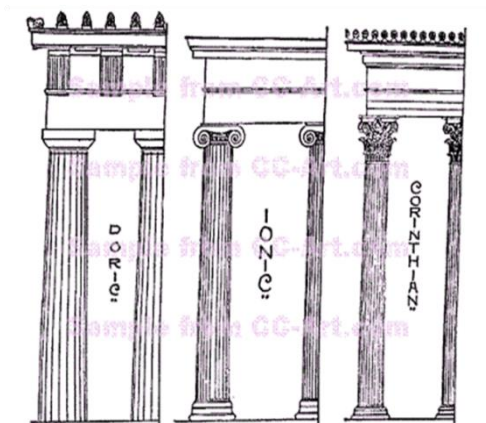
4 - Responde às seguintes questões:

4.a - O século V a.C. é conhecido por um nome. Como é ele chamado?

4.b - Qual foi a *Polis* que governou?

4.c - Cite algumas das reformas que instaurou na sua cidade?

5 - Escreve os nomes das componentes assinaladas:



Teste - Roma

1 - Observa a imagem em baixo e responde às seguintes perguntas:



- 1.a - Quais foram as causas para o crescimento do território dos Romanos?
 1.b - Porque é que o Povo Romano, a partir da derrota de Cartago começou a transformar-se numa potência agressiva?

2 - Até que ponto a Expansão mudou para sempre a sociedade romana? Cita algumas transformações:



Escravos a servir num banquete romano

Na Agricultura (Latifúndios, *ager romanus*):
 Na população existente em Roma:
 Na Decadência da República:

3 - Observa a imagem em baixo e comenta:



- 3.a - Que tipo de edifício público vês na imagem?
 3.b - Qual era a sua função?

3.c - Que outro tipo de edifícios eram construídos pelos romanos, nas cidades que edificavam em todo o Império?

- Edifícios públicos:
- Edifícios de Lazer:
- Edifícios Religiosos:

4- Observa a imagem seguinte e responde às perguntas.



4.a - Esta casa de banho servia as necessidades de muitos habitantes. Porquê?

4.b - Como é que estas casas de banho funcionavam?

4.c - Os Romanos adoravam água. Como é que conseguiam levar a água à cidade?

5 - Completa o texto:

A Civilização Romana reconhecia a existência de outros deuses e integrava-os na sua cultura, fundindo-os com os seus. Este fenómeno chama-se _____. Quando Roma conquistava uma região, realizava um ritual chamado _____.: convidava os deuses do povo vencido _____ e levavam-nos em _____ onde eram colocados no _____. O próprio imperador era considerado um _____, com templos onde era adorado. Ele era o principal sacerdote, o _____ e era ele quem executava os rituais mais importantes que trariam sorte e poder a Roma.

6 - Observa a imagem em baixo e comenta:



6.a - Qual era a função do *lararium* nas casas romanas?

6.b - Quem era o principal executante dos rituais da família?

6.c - Como se chamavam os deuses protectores do lar?

6.d - Diz o nome de outro tipo de espíritos nos quais os romanos acreditavam:

7 - Completa os espaços em branco. Estes deuses gregos equivalem aos seguintes deuses romanos:

Ares : _____
 Afrodite: _____
 Hefesto: _____
 Zeus: _____
 Artemis: _____
 Hera: _____
 Dioniso: _____

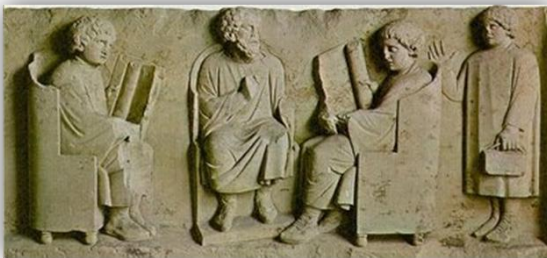
8 -Enumera os vários poderes do Imperador:



Imperador Augusto

Políticos:
 Religiosos:
 Militares:
 Financeiros:
 Judiciais:

9 - Completa o texto:



Todos os habitantes de Roma tinham acesso a um Sistema de Ensino. Havia uma rede de _____ que preparavam a população para os conhecimentos básicos, tais como ler, escrever e contar. O Ensino Romano, quando completo, tinha _____ etapas: a primeira (para todos) era o _____, ensinado pelo _____. Após esta etapa, os alunos que continuavam os estudos eram ensinados pelo _____. Com ele aprendiam _____; Por fim, os mais abastados seguiam uma nova etapa com o _____, que ensinava os alunos a _____. A Educação só se podia considerar completa quando o aluno viajava para a _____, _____. Com o Ensino completo, um romano podia seguir um percurso que poderia levá-lo aos cargos mais altos da sociedade romana. A esse percurso chamavam _____.

TEMA

3

A formação da cristandade ocidental e a expansão islâmica



* A EUROPA CRISTÃ NOS SÉCULOS VI A XIX *

POVOS BÁRBAROS

Os Romanos chamavam "**Bárbaros**" a todos aqueles que não falassem Latim ou Grego, línguas que eles consideravam como as únicas «compreensíveis». Os Povos que habitavam nas regiões exteriores ao Império falavam línguas que, aos ouvidos dos Romanos, soavam como um «bar-bar-bar» estranho, possuíam costumes estranhos e celebravam ritos estranhos...

A maioria destes Povos era de **origem germânica** e residiam no Norte da Europa e no Noroeste da Ásia. Viviam em aldeias cujas habitações eram construídas com materiais primitivos, como o barro mas não totalmente desprovidas de conforto. É errada a ideia generalizada de que estes povos viviam mal alimentados ou com necessidades extremas bem como é errado considerá-los selvagens e sem qualquer tipo de organização.



Povos nórdicos

Praticavam a agricultura, cultivando principalmente cereais (trigo e cevada), feijão e vários tipos de ervilhas. Também criavam gado para aproveitar, além do leite e da carne, a pele que curtiavam, usando depois o couro para vestuário e calçado.

Do ponto de vista económico, usavam o regime de troca de produtos e de exploração colectiva das terras que cultivavam até que estas se esgotassem, mudando depois de residência para junto de terras virgens ou que já tinham descansado (ficado em pousio) o tempo suficiente. Eram, pois, semi-nómadas, uma vez que possuíam, como já dissemos, aldeias permanentes, mas deslocavam-se muitas vezes formando acampamentos em vastas áreas em redor destas, a fim de fazer uma rotação das terras de cultivo. Campos agrícolas, alfaías, madeira dos bosques, água de rios e lagos, etc, eram propriedade colectiva. Os rebanhos, contudo, eram considerados privados e constituíam os principais indicadores de riqueza criando, assim, uma certa divisão de classes.



Aldeia Nórdica

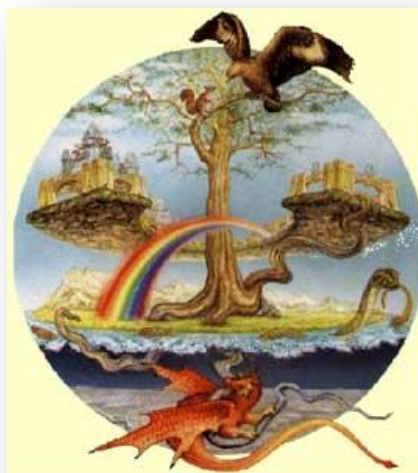
Ao contrário da maioria dos Povos que estudámos até agora, os de origem germânica não possuíam o conceito de Estado ou de Cidade-Estado. As suas comunidades eram tribais, com a família monogâmica e patriarcal como base. As famílias formavam clãs que, por sua vez, formavam tribos. O órgão público mais importante era a Assembleia dos Guerreiros que declarava guerra ou paz, interpretava a Lei que era geralmente baseada nos costumes dos antepassados e, em caso de guerra, escolhia o guerreiro mais corajoso e experiente para liderar a tribo. Mais tarde, esses chefes militares tornaram-se líderes permanentes e passaram a actuar como reis. Tinham direito a uma protecção pessoal chamada **séquito**, origem da futura corte da Idade Média.

CULTURA E PENSAMENTO

Os Povos Germânicos imaginavam que o mundo era um disco rodeado de água. No centro do disco, encontrava-se *Asgard*, onde viviam os deuses. Para lá chegar, era preciso atravessar o arco-íris (Ponte de Bifrost). No subsolo ficava um reino escuro, frio e húmido, lugar dos mortos, chamado *Niflheim* e regido pela deusa Hel. Entre *Asgard* e *Niflheim* ficava *Midgard* (Terra Média), onde residiam os Homens. Acreditavam existirem ainda outros mundos em outros discos entre estes três principais, como, por exemplo, *Alfheim*, terra dos Elfos luminosos, *Jotunheim*, país dos Gigantes, *Svartalfheim*, mundo dos Elfos escuros, ou *Nidavellir*, reino de minas onde viviam os Anões.

No centro deste universo crescia uma árvore, *Yggdrasil*, com raízes no mundo dos mortos e copa que chegava aos céus (*Asgard*). Junto às suas raízes havia várias fontes, a que dava origem aos rios, a que conferia sabedoria a quem bebesse a sua água, etc... Espíritos maus tentavam roer as raízes e um dia iriam conseguir destruí-las. Esse seria o fim dos deuses e dos homens.

Cosmologia Germânica



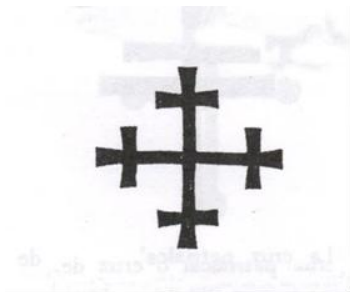
Estes povos conheciam a escrita mas esta é, ainda hoje, muito mal conhecida. Pensa-se que, além de registar factos ou para fins práticos, esta escrita, quando gravada em jóias ou em armas, possuía poderes mágicos de protecção.

Os sinais desta escrita chamam-se **runas**. As inscrições mais antigas que se conhecem datam de cerca de 150 a. C.. Com a cristianização destes povos, os alfabetos rúnicos foram sendo substituídos pelo alfabeto latino e essa substituição progressiva, iniciada por volta do século VI, foi terminada no século XI na Escandinávia. Esta nação relegou para o esquecimento uma grande parte desta escrita que, contudo, continuou a ser usada até aos nossos dias, principalmente nas zonas rurais da Noruega e da Suécia, em calendários e outros objectos decorativos.



Runas

As manifestações de Arte mais importantes encontram-se na ourivesaria e na ornamentação de armas. Havia uma nítida preferência por desenhos estilizados e geométricos, com destaque para a chamada cruz germana e para a roda. A figura humana era rara.



Cruz germana



Ourivesaria germânica

RELIGIÃO

A **religião** praticada por estes povos era **politeísta** e centrada nas **forças da natureza**. O deus considerado normalmente como o mais importante era **Wothan** (ou **Odin**), senhor dos mortos, da tempestade e da guerra. **Thor** era o protector dos camponeses e podia lançar raios; **Tyr** comandava os céus e convocava as assembleias dos deuses, e existiam muitos outros.

Acreditavam na vida depois da morte. Os guerreiros valorosos que tivessem morrido a lutar seriam conduzidos pelas **Valquírias** até a um paraíso a que chamavam **Walhalla**. Os outros homens iriam para o *Nifheim*. As mulheres, essas, seriam acolhidas no palácio da deusa **Freyja**. Os cultos eram, geralmente, realizados no cimo de montanhas ou no interior de bosques considerados sagrados. Também existiam práticas mágicas, principalmente entre os Vikings.



Odin

CONTACTOS COM OS ROMANOS

O contacto dos Povos de origem germânica com o Império Romano pode dividir-se em dois períodos distintos:

Migrações (do século I d.C. até o século V d. C.): Produziram-se de forma gradual e pacífica. O próprio governo romano foi estabelecendo acordos com os povos bárbaros, permitindo-lhes residir no Império e até ingressar em certas unidades auxiliares do exército romano.

No tempo de Diocleciano (284 d.C. a 305 d. C.), esse recrutamento passou a ser prática comum. Procurava-se, assim, defender as fronteiras com militares que estivessem familiarizados com a língua e a cultura dos povos que viviam à beira do Império mas que lutassem pelos interesses deste..

Invasões (a partir do século V d. C.): Ataques e pilhagens violentos que acabaram em conquista de vários territórios e conduziram à queda do Império Romano.

Cerca do Século IV d.C., muitos povos germanos tinham assimilado boa parte da cultura romana, graças aos contactos acima referidos. Também muitos deles se tinham convertido ao Cristianismo embora, na sua maioria, tivessem aderido ao Arianismo, ramo cristão que tinha sido considerado herético pelo Concílio de Niceia (325 d.C.).

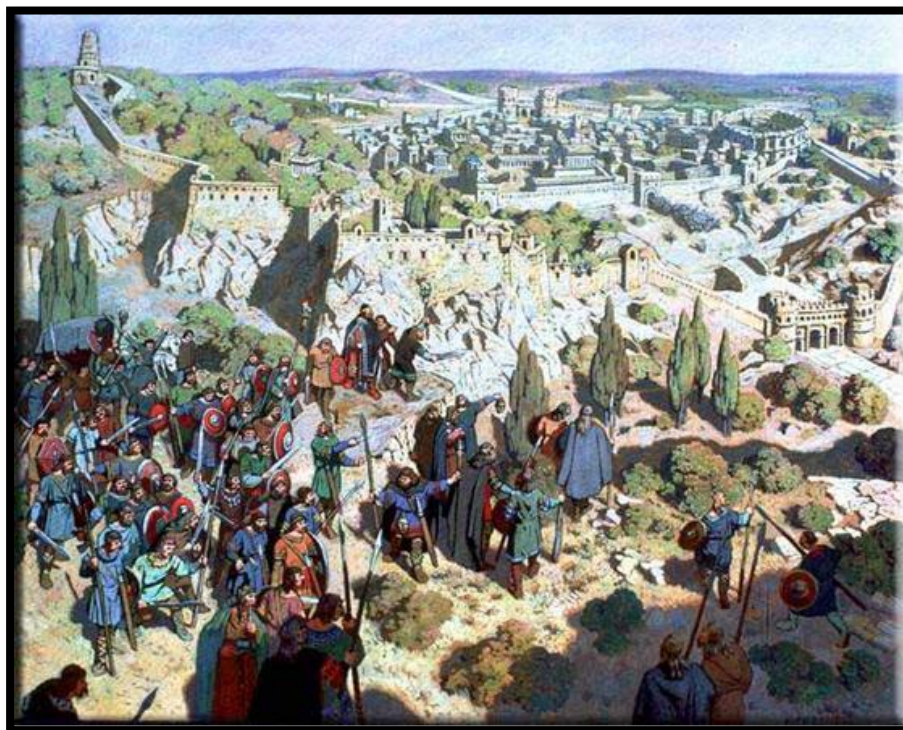


Horda de Hunos

Chega então à Europa um povo vindo da Ásia Central, os **Hunos**. Eram nómadas, extremamente ferozes e praticavam sistematicamente o saque de povos vencidos. Entraram em conflito com os Germanos **Ostrogodos** que fugiram para o Ocidente e, por sua vez, empurraram os **Visigodos** que tinham começado também a ser pressionados pelos Hunos.

Incapazes de fazer frente a uma luta desigual, o chefe dos Visigodos pediu ao imperador romano, autorização para entrar no Império e aí procurar abrigo. Milhares atravessaram o Danúbio mas, pouco tempo depois, foram seguidos por outros povos germânicos e, uns e outros avançaram em direcção ao Mediterrâneo

saqueando cidade e aldeias pelo caminho. Aos poucos foram conquistando várias regiões do Império e organizando-se em reinos. **Godos (Visigodos e Ostrogodos), Alanos, Suevos, Francos, Vândalos**, entre outros, ocuparam a Gália, a Itália, a Península Ibérica e parte do Norte de África. **Anglos, Saxões e Jutos**, ocuparam a Britânia.



Invasões Bárbaras

Eis alguns dos principais povos bárbaros e os locais onde vieram a fixar-se:

- **Anglos e Saxões** : instalaram-se no território que é hoje a Inglaterra
- **Burgúndios** : ocuparam o sudoeste da França
- **Francos** : estabeleceram-se na região da atual França
- **Lombardos** : ocuparam o norte da Península Itálica
- **Ostrogodos** : passaram a habitar na região da atual Itália
- **Suevos e Alanos**: instalaram-se na Península Ibérica
- **Vândalos** : dominaram o norte da África e a Península Ibérica
- **Visigodos** : invadiram e fundaram reinos nas regiões da Gália, Itália e da Península Ibérica

Queres um resumo que te ajude a «organizar» ideias? Então vê [aqui](#).

INÍCIO DA IDADE MÉDIA

Todos nós temos a tendência para dizer «A Idade Média começou nesta data» ou «O Renascimento começou neste ano». No entanto, as Eras que existem na História foram inventadas por nós. Precisamos sempre de catalogar tudo, encaixar tudo com as suas gavetas e etiquetas e a História não é uma exceção.



Iluminura num Livro de Horas

Imagina que existe uma máquina do Tempo e viajas para Roma no período das Invasões Bárbaras para veres o grande caos que por lá se passava. Agora imagina que perguntas aos Romanos se eles têm consciência de que vem aí uma nova era e que seu Império vai desaparecer. Ficarias espantado com a resposta: na verdade eles estão simplesmente convencidos de que o Império mudou de mãos, como já tantas vezes aconteceu e que desta vez serão os Bárbaros a governá-lo. Quanto à grande crise que se está a passar, eles dir-te-ão logo que já tiveram outras antes (a Decadência da República, com as suas guerras civis, os tumultos após a morte de Nero, etc...). Esta, para eles, é só mais uma - apesar de forte - e irão ultrapassá-la, como sempre fizeram. Somos nós, os descendentes, que olhamos depois para o Passado e nos apercebemos de que tudo mudou de maneira radical. Somos nós que dizemos «o Mundo nunca mais foi como dantes». É nessa altura que começam as catalogações.

A data oficial da entrada da Idade Média é a da Queda do Império Romano no Ocidente no ano de 476 d.C. e antes de começarmos a estudá-la precisamos de esclarecer dois pontos:

- **Porque dizemos «Queda do Império Romano no Ocidente»?** - Porque a parte que pertenceu ao Império Romano na região do Oriente ficou intacta, não sofreu invasões. A Queda do Império Romano do Oriente, em 1453 irá inaugurar (mais uma vez de forma artificial) o período que se segue à Idade Média, o Renascimento.

- **Porquê o nome «Idade Média»?** - Porque este nome foi dado, mais de 1000 anos depois, pelos intelectuais que viveram na era do Renascimento. É um nome pejorativo, ofensivo, que só demonstrava o desprezo que estes tinham pelo mundo medieval. Segundo a sua mentalidade, o abandono da Civilização Romana, dos hábitos, costumes, Arte e Literatura Clássica levou a que os seres humanos da Europa caíssem numa «Era das Trevas», dominada pela superstição e pela ignorância. Estes homens renascentistas tencionavam ressuscitar os saberes desaparecidos da Antiguidade Clássica; queriam criar uma nova forma de Poesia; desejavam escrever Épicos para imitar a *Ilíada* ou a *Eneida*; desejavam esculpir tão

bem como Fídias ou Praxíteles. E queriam que o Latim e o Grego regressassem à vida. Os Matemáticos, Astrónomos e Estudantes de Medicina desejavam libertar-se de uma Igreja demasiado poderosa, que impedia os sábios de prosseguir com os estudos da Natureza e de contestar as teorias impostas, que proibía a dissecação dos cadáveres e impedia os médicos de conhecer o interior do corpo humano. Por causa deste sentimento de desprezo para como a «Era das Trevas» que durou mais de mil anos, inventaram um nome depreciativo: Idade Média - a era que simplesmente se situava «no meio», entre a Antiguidade Clássica e o novo período, onde estes homens viviam.



Idade Média - Paródia

Mas a Idade Média não foi nem uma Era das Trevas nem um período de ignorância e estupidez, como iremos ver ao longo dos capítulos. E divide-se em dois períodos:

Alta Idade Média - dos séculos V a X

Baixa Idade Média - dos séculos XI a XV

SOBREVIVER NOS SÉCULOS V E VI

Insegurança - Os anos das invasões bárbaras (houve duas) foram marcados pelo medo e pelo sentimento de insegurança. O Império estava em guerra em quase todas as frentes. Já não havia soldados que chegassem para tantas batalhas. Há vestígios de cidades onde as muralhas aproveitam as paredes das casas (em vez de contorná-las), só para poupar no material de construção. As terras das Ilhas Britânicas foram subitamente esvaziadas de Romanos de um dia para o outro porque o Império precisou de soldados para combater numa outra guerra. E nunca mais voltaram.

Estradas abandonadas - Por causa do sentimento de insegurança as estradas começaram, gradualmente, a ser abandonadas. Os exércitos deslocavam-se nelas (quer romanos, quer bárbaros) e nenhum deles se compadecia das populações: exigiam comida, intimidavam as pessoas a esvaziar as suas dispensas e alimentá-los, saqueavam, incendiavam, agrediam e pilhavam. Devido ao constante contacto com os exércitos, as populações fugiram para longe das estradas. As localidades que outrora estiveram ligadas às estradas começaram a ficar vazias.



Estrada romana

Estagnação das trocas comerciais - As estradas eram excelentes veículos para o transporte de mercadorias de todo o tipo: matérias-primas com as quais se fabricavam muitos produtos; produtos alimentares destinados a abastecer as várias regiões; artigos valiosos (como metais preciosos, por exemplo); correio e notícias; moedas de troca e outros. Que aconteceu quando as estradas foram abandonadas? A vida das cidades romanas paralizou. Os mercados ficaram quase parados porque ninguém aparecia para comprar ou vender. E como as matérias-primas não chegavam ao seu destino, muitos produtos não puderam ser feitos (vidros, couros, cerâmica, carpintaria, etc..). Houve escassez de produtos nos mercados e escassez de clientes.

Os principais afectados foram os artífices e todos os que tivessem um negócio. Muitos romanos abastados sofreram igualmente com este grande abalo económico: vários proprietários de campos agrícolas ou vinhas, fábricas ou minas não conseguiam vender o que produziam.

Aumento dos impostos - Devido à ausência de trocas comerciais, os impostos dispararam. Era necessário e urgente voltar a encher os cofres do Estado, nem que isso fosse feito à custa de impostos demasiado pesados para a população. Muitos impostos que tinham sido abolidos em momentos de prosperidade regressaram e outros foram inventados. Foram enviados para as localidades cobradores com o seu respectivo séquito de guarda-costas para obrigar os Romanos a pagar o que deviam. Nesta altura muitas famílias começaram a esconder o seu dinheiro, enterrando-o no chão. Ainda hoje se desenterram sacos cheios de moedas romanas, datando deste período.



Tesouro romano, sec.IV d.C.,
desenterrado em Mêda (Vale do Mouro)

Nesses sacos aparecem moedas de ouro e prata em estado puro, datando da época de Imperadores passados. A razão é simples: houve escassez de metais preciosos. O ouro foi transferido para o Oriente em troca de cereais (como já vimos anteriormente) e as moedas desta época eram de fraca qualidade, misturadas com metais não-preciosos. Também foi neste período que as pessoas começaram a morder nas moedas de ouro, para saber se era verdadeiro. Quando o detentor de algumas moedas escondia o seu dinheiro estava a contar utilizá-lo mais tarde. A avaliar pela quantidade de sacos desenterrados muitos não viveram para reavê-lo.

À espera dos Bárbaros - Por incrível que pareça, há relatos de algumas localidades que esperavam ansiosamente pela chegada dos Povos Bárbaros. Tinham medo deles, mas também tinham medo dos seus próprios exércitos e dos cobradores de impostos e dos seus guardas. O Império Romano já não tomava conta dos seus, como antigamente fazia. Já não havia pão para as populações, só medo e intimidação. Muitos acreditavam que os Bárbaros seriam os novos Imperadores de Roma e que, com eles, a ordem regressaria.

Abandono das cidades - Muitas cidades romanas perderam a sua actividade: os aristocratas fugiram para o campo, para paragens mais calmas; os artífices saíram delas, abandonando o seu ofício; muitos magistrados e homens de letras decidiram procurar nova morada no Oriente, para lugares onde o comércio e a vida citadina estivesse viva; outros juntaram-se aos exércitos romanos; outros decidiram ir ter com os Bárbaros e colocar-se ao seu serviço. Em suma, as cidades pareciam estar mortas, quase desertas. Muitas simplesmente desapareceram e morreram. Delas restam só ruínas. Algumas das poucas cidades que foram poupadas a este destino eram costeiras, ligadas ao comércio marítimo.



Camponeses medievais

Clientelismo - Como já foi dito antes, muitos Romanos tiveram a consciência de que só sobreviveriam a todas estas dificuldades se tivessem um protector poderoso. O sistema de clientelismo não era novo, já existia antes, mas voltou a ser utilizado em larga escala no extinto Império. Desta forma, muitas famílias bárbaras passaram a ter imensos «clientes» a seu cargo.

O Clientelismo era um contrato entre «aquele que serve e aquele que é servido». Um indivíduo pede ao um Senhor para ser seu servo, protegê-lo e trabalhar para ele. Em troca, o Senhor (se o aceitar) protegê-lo-á de todos os seus possíveis inimigos, ao mesmo tempo que veste e alimenta o seu cliente. O sistema de Clientelismo, usado em larga escala neste século virá a originar a condição de **Servidão**, imposta aos camponeses (**Sistema de Feudalismo**).



Senhor Feudal e Servo

Novo Sistema de Governo - A maioria dos Bárbaros preferia viver no campo. Não significa que não tenham existido cortes constituídas por estes povos nas cidades, mas neste período, o local onde habitavam eram essencialmente as regiões rurais. Ali viviam, com as suas famílias (integradas em clãs), o seu séquito e seus servos. Possuíam exércitos próprios, constituídos por elementos da sua tribo e alguns romanos que, pelo seu valor e capacidade de combate, foram aceites como guerreiros ao seu serviço. Estes chefes de clãs não foram «bárbaros incultos», como se disse durante tanto tempo: sabiam ler e escrever, falavam Latim (embora não fosse totalmente puro) e muitos deles já misturavam hábitos romanos com as suas tradições próprias. Algumas tribos mantiveram a sua Religião de origem germânica, outras já se tinham convertido ao Cristianismo.

Tinham o hábito de guerrear entre si (entre chefes e tribos) e destas lutas surgiram, tempo depois, os primeiros reis da Europa Medieval. Alguns países foram mesmo baptizados com o nome dos Povos Bárbaros que os conquistaram. Eis alguns exemplos:

França - Nação onde os Francos se estabeleceram.

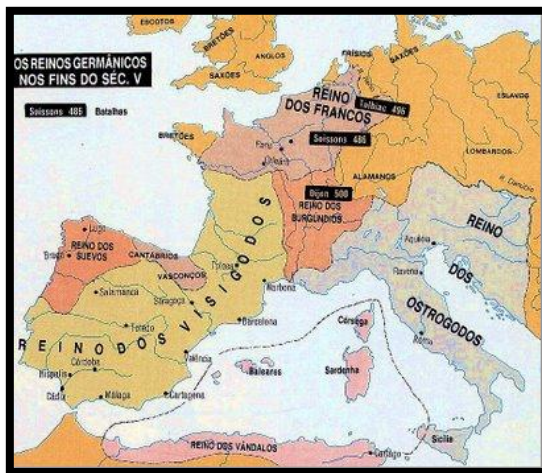
Inglaterra- Nação dos Anglos.

Alemanha - Nação dos Alamanos.

Em Portugal os Suevos fundaram o seu reino na região que hoje consideramos o Norte de Portugal e Galiza, com capital em Braga. O nome Braga é de origem bárbara. Significa «calças» (usavam umas calças de pano, que protegiam as pernas do frio).

Mas foram os Visigodos que se mantiveram no nosso país durante mais tempo. O seu poder só caiu com a chegada dos Mouros, em 711.

Os países europeus que hoje conhecemos começaram, pois, a ser desenhados nesta época.



Mapa da Europa - sec.V.

Leis e Costumes diferentes no mesmo território - Uma das grandes mudanças que se verificaram com a queda do Império Romano foi a perda de influência do Direito Romano. Estes povos trouxeram consigo as suas civilizações. Subitamente apareceram leis e costumes diferentes no mesmo território. É preciso não esquecer que os Povos Bárbaros guerreavam entre si, o que significa que viviam pessoas de diversas origens na mesma região. Os Burgúndios podiam viver ao lado dos Francos (há uma região na França chamada Borgonha. Ali existiu um reino governado por Burgúndios). Os Suevos podiam viver ao lado de Visigodos. Os Lombardos (na Itália há a região da Lombardia - já sabes o que isso significa) podiam estar ao lado de Ostrogodos. E todos eles tinham leis próprias.

Que fazer com toda esta mistura de leis? Muito simples: aceitavam-se todas. O Romano aplicava - entre Romanos - a Lei Romana; o Franco usava as leis da sua tribo entre os seus, etc...

No entanto, surgiram complicações: que fazer quando um indivíduo era filho ou filha de pais de povos diferentes? Quando um homem de um povo raptava uma mulher de outro povo, como é que esta questão se colocava em tribunal? Qual seria a lei usada pelo juiz para defender a mulher ou o raptor? Qual seria a lei aplicada quando, por exemplo, um Franco ficava com a propriedade de um Romano?

Casamento medieval



A unidade dos povos romanizados tinha as suas vantagens: todos tinham as mesmas leis, hábitos e costumes. Havia uma identidade própria. Ser «um romano» era tão importante como é, para um americano nos dias de hoje, ser «um americano». Essa identidade perdeu-se no início da Idade Média.

Foi devido a essas complicações que os povos vencedores começaram a criar uma legislação para proibir os casamentos entre pessoas de povos diferentes (ou então autorizá-los só entre vencedores do sexo masculino e vencidos do sexo feminino). Essas legislações defendiam a sua família e a sua propriedade dos seus inimigos. Em épocas de insegurança aqueles que guardam a sua propriedade e os seus bens conseguem ter mais hipóteses de sobreviver do que os outros.

Influências culturais - neste contexto de caos e incerteza, qual seria a cultura que todos acabariam por adoptar? Seria uma mistura de duas:

A Cultura Romana - Ao contrário do que se afirmou até ao século XIX, os Bárbaros não abandonaram a cultura romana. Sem dúvida que ela se misturou com a sua própria cultura, mas não se extinguiu: as cortes dos reis bárbaros imitaram as imperiais; o Ensino entre os Bárbaros era feito segundo as mesmas etapas que existiam no Ensino Romano (*grammaticus, rhetor, etc...*); o mesmo se pode dizer da cultura clássica (com toda a Filosofia Grega incluída), e das artes de saber falar em público.

A Cultura Judaico/Cristã - Dado que algumas tribos bárbaras já se tinham convertido ao Cristianismo, a mentalidade cristã (herdeira da judaica) entrou na mente dos habitantes do início da Idade Média: acreditavam na ideia do Pecado e tentavam recusar os prazeres da carne (a comida, bebida, sexo, etc...); acreditavam na vinda do dia do Juízo Final e num Cristo Guerreiro que, com a sua espada, castigaria os pecadores.

Cristianização dos povos «pagãos» - A partir do mandato de Constantino, os cristãos começaram a mudar de atitude para com as outras religiões. De vítimas de perseguição, passaram a perseguidores. Não durou muito tempo para começarem a destruir os templos dos outros deuses e a perseguir os devotos das outras religiões. A religião de paz transformou-se numa religião intolerante. Começam a surgir relatos de martírios, só que desta vez eram martírios de pagãos: sacerdotes que tentavam proteger os seus templos e morriam por isso; devotos pagãos que se recusavam a converter ao Cristianismo e que eram torturados por causa dessa recusa; famílias chacinadas. Em Éfeso, na Grécia, os crentes de Artemisa roubaram a estátua da deusa durante uma noite e enterraram-na, para a proteger dos Cristãos, que tencionavam destruí-la. Um dos episódios mais tristes deste período foi o último incêndio da Biblioteca de Alexandria (um edifício que, nos seus tempos de glória, guardou centenas de milhares de livros de todos os temas).



Reconstituição possível da Biblioteca de Alexandria

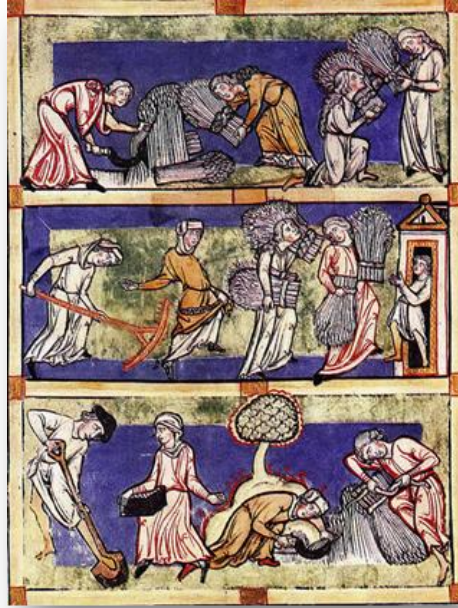
Espreita a reconstituição: [aqui](#).

Após o decreto do Imperador Teodósio no século IV, proibindo as religiões pagãs, o bispo Teófilo da cidade de Alexandria mandou incendiar a biblioteca em 391. Hipácia, o seu último guardião, uma filósofa e matemática, tolerante, amada e respeitada pelos sábios da cidade, foi linchada pela população fanática em 415.

Eis a história: [aqui](#).

Os documentos históricos que chegaram até nós apontam para um cenário de pressão e intimidação por parte dos cristãos. Os pagãos reagiram, escondendo-se e fazendo as suas orações e rituais em segredo. Apenas a população camponesa foi poupada a estas perseguições, devido ao facto de viverem longe das cidades. E os camponeses tentaram sempre, por razões de sobrevivência, nunca entrar em conflito com os seus senhores. Sempre procuraram ser discretos. A Religião Cristã foi desde o início um «fenómeno urbano»: avançou de cidade em cidade, até Roma, a chamada «Cidade Eterna». Foram as populações urbanas que a abraçaram, não os habitantes do campo.

Camponeses medievais



Quais eram as preocupações dos habitantes rurais?: o sucesso das suas colheitas e o clima. Chuva a mais ou chuva a menos? Granizo, seca ou cheia? A doença e a fome eram, para eles, outras das consequências derivadas, quase sempre, dos maus anos agrícolas.

Para os bons anos agrícolas existiam deuses como Ceres, Cibele ou Deméter, que velariam pelos seus campos. Cristo podia salvar as almas, mas será que podia salvar o seu trigo de uma praga? Quando Júpiter lançava um raio para as suas casas, será que Jesus podia salvá-los dos incêndios? Aos olhos dos camponeses, o Cristianismo não tinha utilidade. Não acreditavam nele.

A Europa levou muito tempo a estar completamente cristianizada. Ao longo de séculos, a Igreja enviou missionários para evangelizar os camponeses. A própria palavra Pagão deriva do latim *pagus* que significa «aldeia». Um habitante dos campos seria, aos olhos dos cristãos, um «infiel» ou «gentio», que acreditava em outras religiões.

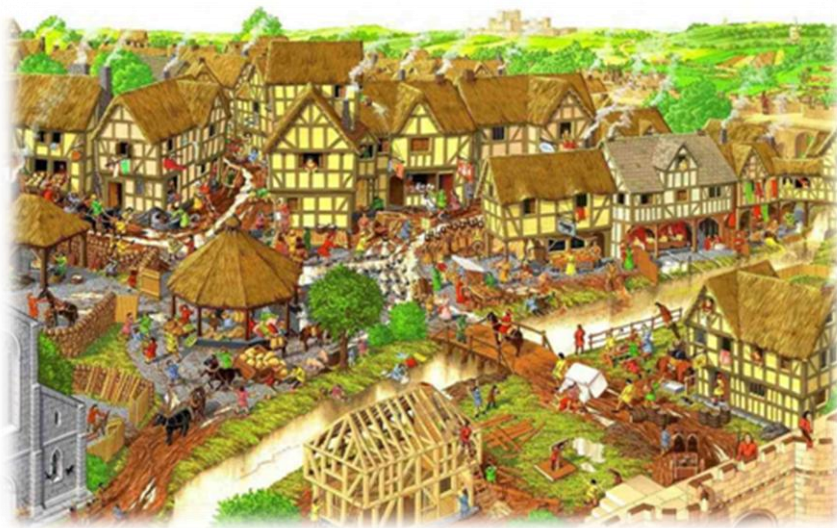
O que aconteceu aos aristocratas da corte imperial? - A Aristocracia não desapareceu, ela simplesmente aliou-se aos vencedores. Para os Bárbaros esta elite era muito útil: tinha toda a experiência política, jurídica e económica e sabia todas as estratégias que garantiriam o seu lugar no poder. A Aristocracia serviu como ponte entre duas culturas: a latina e a germânica. Dela fizeram parte os seus conselheiros e magistrados. Tinha o Saber e a Experiência.

O conceito de Cristandade - Agora que já não havia Império Romano (pelo menos no Ocidente), como se definiria um habitante das terras conquistadas? Franco, Romano, Suevo? Como se sentiam os novos líderes das terras conquistadas?

Os primeiros reis da Idade Média mantiveram sempre um sonho: restaurar o Império do Ocidente e voltar a uni-lo à parte que sobreviveu do Oriente. Alguns deles sentiam-se relutantes em aceitar o título de «rei», pois consideravam-se humildemente os guardiães provisórios do Império até à chegada de um líder que unisse todas as terras dispersas, em nome de um Passado do qual todos tinham saudades.

O sonho de ressuscitar Roma só foi abandonado séculos depois, quando finalmente os habitantes se mentalizaram de que os tempos de Roma já não iam mais voltar.

No entanto, à medida que os séculos iam passando, toda esta mistura de etnias e nações teve, como ponto comum, o facto de pertencerem a uma religião que passou a ser comum a todos os povos da Europa ocidental: o Cristianismo. Um Francês podia viajar para a região dos Alamanos e ali encontrava a mesma crença. Um Lombardo viajava para a ex-Hispânia e encontrava habitantes que tinham uma fé igual à sua. Até no Oriente Europeu a religião era a mesma. Esta identidade baseada na religião cristã tem um nome: **Cristandade**. A ideia da Cristandade preencheu o vazio deixado por Roma. No lugar de um Império territorial havia agora um «Império Espiritual», do qual faziam parte centenas de culturas diferentes, unidas pela «argamassa» religiosa que era o Cristianismo.



Vilarejo medieval - com a sua igreja

EXPANSÃO DO CRISTIANISMO NA EUROPA

Coroa Lombarda - início do sec.VII



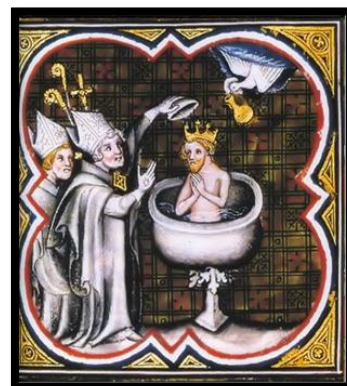
O Período da **Alta Idade Média** está marcado por dois pontos-chave: as invasões periódicas de povos estrangeiros e a consolidação da Religião Cristã no território europeu. A conversão de toda a população foi conseguida graças ao esforço da Igreja. Numa era conflituosa e turbulenta era a única Instituição que conseguia mediar e organizar, fazer parar guerras ou começá-las. Atrás de um chefe bárbaro pagão estava um clérigo a tentar convertê-lo. Atrás de um rei convertido estava um bispo ou mesmo um papa. A Igreja tornou-se onnipresente (isto é, estava em todo o lado). Adquiria e geria propriedades; resolvia brigas entre proprietários devido a questões de heranças ou roubo de terras, funcionando como magistrados; reunia os vários textos que existiram antes da queda do império, compilando-os, fazendo cópias deles e guardando-os. Desta forma conseguiu manter de pé o máximo possível da cultura clássica. No mínimo dos mínimos, tentou preservá-la.

A EVANGELIZAÇÃO DOS REIS BÁRBAROS

Já foi dito em capítulos anteriores que muitos Bárbaros se tinham convertido ao Cristianismo (de vertente Ariana), mas também muitos permaneciam pagãos. A mentalidade dos Germânicos era colectiva e não individualista. O Chefe, a «cabeça do clã ou da tribo» era o representante de toda a tribo. Se este se convertesse ao Cristianismo, todo os clãs do seu povo se converteriam. Não era de admirar, pois, que a Igreja investisse na evangelização destes chefes. No entanto, a crença em Jesus, por si só, não era suficiente: tinha que ser «a crença certa». O Arianismo não era aceite pela Igreja. Foi considerado uma heresia e rejeitado no Ocidente. Os reis germânicos tinham de se converter ao Cristianismo - e ser Católicos.

Não tardou para que alguns chefes tribais, já com os seus reinos e com o título de «reis» se apercebessem do imenso poder da Igreja. A Igreja, como aliada, como dadora de riquezas e poder era imbatível. Por isso, alguns se converteram ao Catolicismo por uma questão de «sentido de oportunidade». Acreditavam que «a nova fé» iria colocá-los numa posição de vantagem perante os povos inimigos (não se esqueçam que os Bárbaros combatiam entre si). Outros tiveram uma conversão sincera.

Batismo de Clóvis



Clóvis, reis dos francos, converte-se no dia de Natal de 496; Recaredo, rei dos Visigodos torna-se católico em 587; a conversão dos Suevos começou com Riquário, em 461, mas teve contratempos, porque o seu filho negou o Catolicismo. A evangelização só ficaria consolidada com Teodomiro, em 561. Estas conversões foram decisivas para que a maior parte abandonasse as crenças pagãs ou arianas. Restavam ainda os camponeses das terras muito longínquas ou interiores, de várias origens, que mantinham as velhas crenças.

EVANGELIZAÇÃO DAS POPULAÇÕES CAMPONESAS

Na Idade Média, a paisagem dominante era a das florestas cerradas e pântanos. O acesso a essas regiões era difícil, de maneira que muitas populações nasceram, viveram e morreram ali, sem nunca se deslocar para fora da aldeia onde viviam.



Miniatura medieval, com paisagem de floresta cerrada

O isolamento de muitas aldeias permitiu que as velhas crenças se mantivessem. Para acabar com o paganismo foram enviados missionários para converter as populações rurais.

Eis as estratégias que muitos homens da Igreja utilizaram para cristianizar os pagãos:

Rejeição das práticas pagãs: Nos primeiros séculos, os missionários tentaram converter os camponeses ao Cristianismo, rejeitando tudo o que era pagão. As populações não os aceitavam de início. Há relatos de missionários que são atacados e expulsos das aldeias por causa das suas pregações. Muitos deles, depois dessas más experiências, tentaram pregar os evangelhos de maneira mais cautelosa, sem pressa e com paciência.

Depressa as populações perceberam que a vinda da Igreja trazia os seus benefícios. Onde havia uma igreja havia mercados protegidos, vigias nas estradas, que velavam pela segurança das comunidades, circulação e troca de bens. Os camponeses começaram a reconhecer o poder deste Deus que abençoava as suas culturas e lhes dava segurança e converteram-se, com sinceridade. Quem aderiu à

Igreja recebia muitos benefícios quando esta se estabelecia. As regiões enriqueciam e estradas toscas eram construídas, ligando a aldeia ao resto da Cristandade.

No entanto, ninguém abandona a sua educação religiosa e tradicional de um dia para o outro: muitos hábitos se mantêm, por questões de medo e superstição.

Os camponeses reconheciam os benefícios oferecidos pela Igreja mas temiam que, se não praticassem os seus rituais, teriam azar e má sorte nas suas colheitas. Alguns temiam desagradar aos velhos deuses que tinham abandonado.



Paganismo entre os camponeses - uma vaca nas nuvens? A aproximação entre os camponeses e a Natureza mantinha hábitos pagãos, tais como acreditar no poder de uma Natureza toda-poderosa, da qual eles dependiam.

Os missionários tentavam convencer as populações de que a sua fé é que era a verdadeira, a mais forte e a mais eficaz. Quando os camponeses continuavam a fazer os seus rituais pagãos eram repreendidos e ameaçados de **excomunhão** (expulsão da Fé Cristã). Eis dois excertos escritos por um missionário que pregou na França:

Sermão 13 (para uma paróquia rural), de São Cesário de Arles (470-543)

A Igreja dá saúde:

"III. (...) Vede, irmãos, como quem recorre à Igreja em sua doença obtém a saúde do corpo e a remissão dos pecados. Se é possível, pois, encontrar este duplo benefício na Igreja, por que há infelizes que se empenham em causar mal a si mesmos, procurando os mais variados sortilégios: recorrendo a encantadores, a feitiçarias em fontes e árvores, amuletos, charlatães, videntes e adivinhos?

Ameaça de expulsão da Igreja para os que continuam com as tradições pagãs:

"E se virdes alguém dirigir votos junto a fontes ou a árvores e ir procurar, como já dissemos, charlatães, videntes e adivinhos, pendurar no próprio pescoço – ou no de outros – amuletos diabólicos, talismãs, ervas ou âmbar, repreendei-o duramente, dizendo que quem cometer estes males perderá a consagração do Baptismo."

Este *site* contém imensos excertos de documentos medievais, escritos por Homens da Igreja, que escrevem sobre os camponeses: seus hábitos e costumes. Ficamos com uma ideia fiel sobre as populações rurais da Alta Idade Média.

Sincretismo Religioso: Já ouviste falar neste termo, nos capítulos sobre a Civilização Romana. Foi exactamente o que os missionários fizeram. Como não conseguiram modificar os hábitos destas populações começaram a tentar disfarçar as tradições pagãs, transformando-as em tradições cristãs. Eis alguns exemplos:

As tradições pagãs homenageavam, muitas vezes, os espíritos ou deuses protectores de determinados locais, tais como rios, nascentes, montanhas ou grutas. Para estes casos inventava-se um santo ou uma santa mártir que morreu nesses lugares. Esses santos ficavam com as características dos deuses protectores.

Muitas vezes os camponeses rezavam a deuses quando havia tempestades ou ventos fortes ou trovoadas. Tentavam acalmá-los com essas orações. Foi usada a mesma estratégia para combatê-los. Um dos exemplos no nosso país é o de Santa Bárbara.

Antigamente, quando havia uma grande trovoadas, os habitantes rurais recitavam uma ladaínha a Santa Bárbara.

«Ó Santa Bárbara, que sois mais forte que as torres das fortalezas e a violência dos furacões, fazei com que os raios não me atinjam, os trovões não me assustem e o troar dos canhões não me abalem a coragem e a bravura. Ficai sempre a meu lado para que eu possa enfrentar, de frente erguida e rosto sereno, todas as tempestades e batalhas de minha vida: (fazer o pedido) para que, vencedor de todas as lutas, com a consciência do dever cumprido, possa agradecer a vós, minha protectora e render Graças à Deus, criador do céu, da Terra, da Natureza; este Deus que tem poder de dominar o furor das tempestades e abrandar a crueldade das guerras. Amen.

Santa Bárbara



Em seguida tinham que rezar três Pai Nossos, três Ave Marias e Três Glórias ao Pai. Só assim a oração estaria completa. Esta é apenas uma das ladaíñas a Santa Bárbara. Há muitas mais diferentes de região para região. Uma, por exemplo, reza assim:

«Santa Bárbara menina se vestiu e calçou e pelos caminhos do Senhor andou. Encontrou o Senhor e este lhe perguntou:

- Onde vais, Bárbara?

- Vou em busca do Trovão.

- Pois leva-o para o monte maninho, onde não haja pão nem vinho, nem pedrinha de sal, nem nada a que possa fazer mal.».

Dizia-se que esta santa conseguia parar as noites de tempestade. Obviamente tomou os poderes de uma divindade antiga à qual os camponeses rezavam.

Havia lendas de deuses ou espíritos acompanhados de lobos ou de aves. Eram substituídos por santos acompanhados de um cão ou de uma ave. As pedras, grutas ou rochas sagradas que eram adoradas e reverenciadas pelos habitantes rurais transformaram-se em lugares onde um santo se sentava, vivia ou pregava.

Os dias pagãos e as cerimónias pagãs foram sendo cristianizados ao longo de Toda a Idade Média. Eis alguns exemplos:

Dia-de-todos-os-Santos - Foi outrora um dia sagrado dos Romanos, o Dia dos Mortos.

Dia de S.Valentim; Dia de Santo António - Substituiu os cultos pagãos de fertilidade que comemoravam a Chegada da Primavera.

Muitos amuletos não-cristãos foram misturados com o Cristianismo ou simplesmente substituídos por cruzes ou imagens sagradas do Cristianismo:

Ferradura - Foi um amuleto de sorte já na Antiguidade, devido à sua forma de lua ou ao facto de estar associado aos cavalos (muitas Civilizações veneravam os cavalos).

São Dunstan, com a ferradura



Os Cristãos associaram-na a um monge inglês, São Dunstan de Cantbury (sec. X), que a inventou para afastar o demónio. Segundo a lenda ele era um hábil metalúrgico. Um dia o Diabo quis tentá-lo e desviá-lo. O Santo fez várias ferraduras e colocou-as no diabo, prendendo-o. Satanás pediu-lhe para o soltar e S.Dunstan obrigou-o a jurar de que nunca mais se aproximaria deste objecto. O diabo jurou e, a partir de então a ferradura passou a estar associada a um amuleto que dá sorte e afasta o feitiço e mau-olhado.

Trevo - O trevo normal tem três folhas. A Igreja associou o trevo normal a Cristo que fazia parte de uma Trindade (3) que começou a sua pregação aos 30 anos (3), que teve 12 apóstolos ($1+2=3$), etc... o trevo de quatro folhas passaria a estar associado aos Quatro Evangelhos, aos quatro lados da cruz, etc... O Trevo de quatro folhas como amuleto de sorte foi, escusado será dizer, um amuleto pagão, venerado muito antes do Cristianismo.

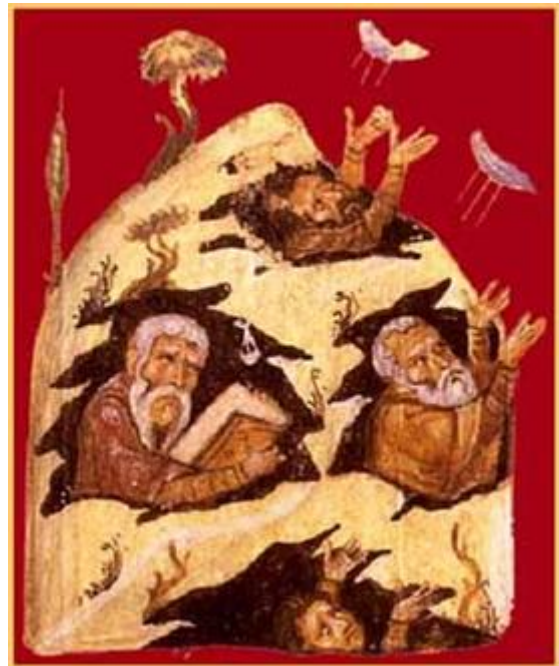
AS ORDENS MONÁSTICAS

"O fruto da vida espiritual começa com as lágrimas"
S.Isaac, o Sírio (esc.VII d.C.)

Quando falamos nas Ordens Monásticas do Ocidente europeu, temos tendência a falar imediatamente em S. Bento. Muitos consideram-no o fundador dos primeiros mosteiros esquecendo-se de que muito do que ele criou foi influenciado pelos ensinamentos de monges orientais que começaram um verdadeiro movimento religioso, séculos antes, nos desertos do Egipto. Por isso achamos justo mencionar este período de grande fervor religioso, que começou no Oriente e chegou, algum tempo depois, ao Ocidente.

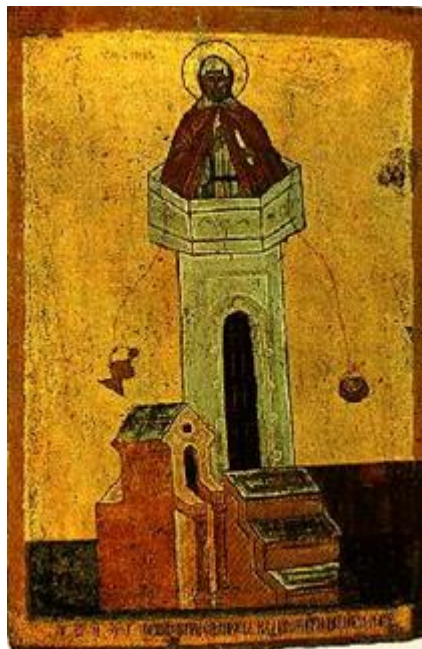
Estes monges orientais são conhecidos por **Eremitas**, porque se afastaram da comunidade e foram viver para lugares solitários e hostis como o deserto. Também podemos chamá-los

Homens de Fé no deserto



Anacoretas, que significa «Homens que se retiram». Podiam viver em grutas, em buracos, em covas, em cabanas, debaixo de árvores. Há até eremitas que viveram a vida inteira no cimo de uma coluna. O que eles tentavam provar aos olhos da comunidade e de Deus, é que deviam, acima de tudo, abandonar tudo quanto era material, vazio e fútil. A única coisa que interessava era a Alma.

S.Simeão, na sua coluna



Os Anacoretas desejavam afastar-se dos ruídos e das tentações das cidades para entrar em comunicação plena com Deus, no meio do Silêncio, dos Jejuns e das Orações. O movimento iniciou-se no sec.III, e tornou-se muito popular a partir do sec. IV, V e VI.

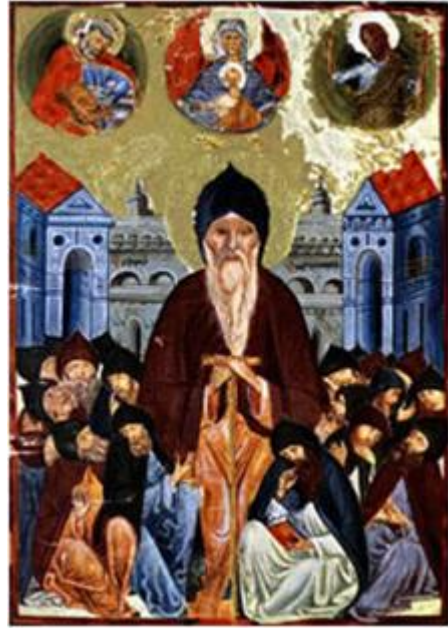
Quais forma as causas que estão por detrás desta maneira radical de manifestar a fé? A primeira de todas tem que ver com o período caótico e conturbado em que os cristãos viviam. A Era de Medo provocava muitas questões: que se passa com a Humanidade? Haverá alguma forma de seguir o Bem e Deus sem grandes obstáculos e sem grandes tentações?

Depois, a pouco e pouco, à medida que as Igrejas foram consolidando o seu poder e estabelecendo regras e ganhando riquezas, muitos homens (e mulheres) entraram em «crise de fé»: será que valeria a pena continuar a ser cristão? Era esta a Religião em que tinham sido criados? De facto o Cristianismo tornara-se, aos olhos destes homens, irreconhecível. Tornou-se numa instituição de Poder e de Intimidação. Alguns destes indivíduos não se identificavam com as hordas de fanáticos que perseguiram os pagãos e com as constantes disputas entre clérigos. A forma que encontraram para lidar com esta crise de fé foi «isolar-se do mundo, das suas riquezas e guerras» e restaurar a fé cristã até ao seu estado de pureza, que existira no tempo de Cristo. Com efeito, estes eremitas procuravam imitar Jesus na sua simplicidade e desinteresse pelos assuntos deste mundo.

Eis alguns dos Eremitas mais notáveis:

Um dos fundadores mais famosos deste período (sec. III) foi **S.Antão** (250 - 356). Retirou-se para o deserto por volta de 275, após vender toda a sua riqueza e distribuir o dinheiro aos pobres. Seguiu à letra as palavras que Jesus dissera a um rico: «vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e segue-me».

Sto Antão, pregando às multidões



S. Simeão (389 - 459), foi um eremita que viveu décadas numa coluna, amarrado a uma corrente para não cair. A coluna era constantemente modificada, para ficar cada vez mais alta. Chegou a ter 15 metros de altura. A comida e as oferendas eram enviadas por um cesto que descia e subia por uma corda. Foi considerado santo pelo Oriente e pelo Ocidente.

São Macário (sec.V) de Alexandria tinham uma cesta cheia de areia às suas costas, que carregava para todo o lado até cair de exaustão.

Eis uma História curiosa sobre S.Macário:

Um homem foi ter com Macário, o Egípcio, e pediu-lhe um conselho profundo.

- Vai ao cemitério - disse-lhe Macário - e insulta os mortos. O homem entrou num cemitério, injuriou demoradamente os mortos e atirou pedras aos túmulos. Depois voltou para junto de Macário e contou-lhe o que tinha feito.

- Os mortos disseram-te alguma coisa? - perguntou Macário.

- Não.

- Volta ao cemitério e diz-lhes louvores.

O homem voltou ao cemitério e apresentou os seus cumprimentos aos mortos. Chamou-lhes íntegros, inteligentes e bondosos. Louvou a sua beleza e admirou a sua glória.

Depois foi ter com Macário, que lhe disse:

- Eles disseram-te alguma coisa?

- Não.

- Pois bem, aqui tens o meu conselho. Deixa o desprezo e a lisonja. Sê como um morto.

S.Onofre (sec. V-VI) - tinha um aspecto animalesco: cabelos e barba que tocavam o chão. E estava quase nu. Deus alimentava-o milagrosamente, enviando-o pão e água.

Santo Onofre



S.João Clímaco (580-650). O seu último nome vem da palavra *Klimax* que significa «Escada». Escreveu um livro intitulado «Escada para o Céu», onde ensinava aos fiéis os passos ideais para orar e comunicar com Deus. Viveu anos no deserto, jejuando, estudando a Bíblia e orando numa pequena cela. Só saía de casa para tomar a Eucaristia. Foi eleito Bispo do monte Sinai aos 70 anos. Gregório Magno, um importante Papa na História do Ocidente Medieval e que o admirava auxiliou-o a construir hospitais para os mais pobres, na região onde vivia.



Escada para o Céu - Se repararmos nas figuras, só os reis cristãos e os eremitas ou homens pios subiam por ela. Todos os que seguiam a vida material eram atirados para fora da escada e expulsos directamente para o Inferno.

"Quem possui verdadeiramente a paz, não se preocupa mais com o próprio corpo".
- S.João Clímaco

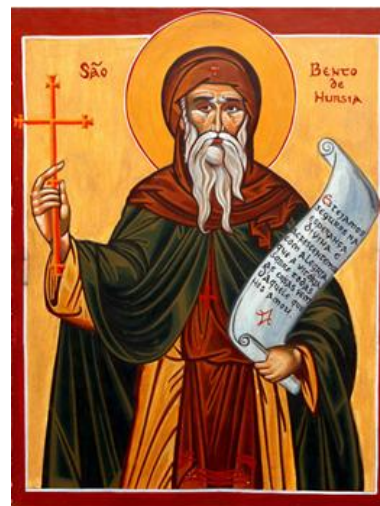
Estes são apenas alguns nomes dos «monges do deserto» que serviram de inspiração a S. Bento. Eis algumas das ideias que eles pregavam:

- **A Solidão é o caminho mais rápido para Deus** - Sem a vida das cidades ou aldeias, o indivíduo está só. A sua única companhia são os animais selvagens e o Silêncio. Ali, no Silêncio, o Homem pode finalmente comunicar com Deus, sem nada que o distraia.
- **Relação Mística com Deus** - Não há superiores, não há Bispos, não há Igreja, não há intermediários. O eremita reza directamente à Fonte: a Deus. A esta ligação directa entre Deus e o fiel chamamos **Misticismo**. O Misticismo será sempre um problema para a Igreja ao longo da sua História, porque liberta o fiel, o crente, do poder desta Instituição. Diante do Misticismo, a Igreja fica colocada em segundo plano, atrás de Deus. Acaba por se tornar desnecessária. O movimento dos monges do deserto surgirá no Ocidente de forma mais controlada. Os monges medievais seriam colocados, não num lugar ermo, mas num edifício. Ali viveriam em isolamento, fazendo tudo o que os eremitas fazem, só que integrados na comunidade e dentro da Hierarquia da Igreja, não fora desta.
- **A Oração como forma de Salvação e de entrega a Deus** - É através da «recusa do Mundo» e das questões materiais que os homens de fé se retiram, quais anacoretas, para os seus mosteiros. E farão tudo o que os anacoretas fazem: rezam, trabalham, fazem penitência, não aceitam prazeres da carne, nem vestes ricamente bordadas. Vivem uma vida ligada a um horário rígido e orações rígidas. Trabalham o solo com as suas próprias mãos (muitos mosteiros têm hortas) e dedicam-se a trabalhos considerados inferiores (trabalhos de mãos). Os monges vivem como camponeses, reduzem-se a uma forma de vida «inferior» e considerada «desprestigiante» pelos Homens da Idade Média. Desta forma, as suas orações irão subir ao céu e Deus protegerá a comunidade.

A Primeira Ordem Monástica foi, como já dissemos, criada por S.Bento, a dos «**monges beneditinos**».

Foi criada no ano de 529 e teve uma importância relevante na sociedade:

S.Bento



- **Preservação da Cultura Clássica** - Foram os primeiros a criar verdadeiras oficinas de cópias de documentos antigos. Uma vez que não tinham que viver os seus dias na comunidade, podiam dedicar-se inteiramente aos assuntos espirituais, tais como rezar ou ler ou copiar textos. Foi nestes mosteiros que nasceu a **Arte da Iluminura**, como a

conhecemos. Os monges beneditinos salvaram o que restou da Cultura Clássica, os velhos textos produzidos antes da vinda do Cristianismo.

- **Protecção das populações** - Onde havia um mosteiro havia soldados e exércitos, que não só protegiam o «lugar sagrado» dos mosteiros, como protegiam as populações. A Nobreza era ali ensinada e educada e, por isso, havia quartéis para proteger os filhos dos senhores.
- **Progresso económico** - As Ordens Monásticas sempre tiveram o dom de fazer crescer o dinheiro e de geri-lo. As localidades que tivessem um mosteiro depressa se tornariam em centros económicos: mercados, feiras, trocas e vendas de produtos tornavam-se comuns. O mercado de luxo, que agradava a população nobre, também crescia.
- **Inovações tecnológicas** - Dado que estes monges tinham acesso ao Saber perdido dos Romanos e Gregos, tentavam reproduzir as velhas máquinas e engrenagens: moinhos, alavancas, portões e alçapões com mecanismos de abertura especial, cisternas semelhantes às romanas. Também estudavam as plantas e a terra, fazendo com que a Medicina e as técnicas de Cultivo da Terra progredissem, sem desgastar demasiado o solo.

Vida e Milagres de S. Bento



Na iluminura acima, do século XI, vemos episódios importantes relacionados com S:Bento:

1ª imagem, à esquerda - S.Bento escreve a regra da sua Ordem.

2ª imagem, à direita - Morte do santo por uma grande febre.

Fila seguinte (2ª):

1ª imagem, à esquerda - Corpo de S.Bento no seu funeral.

2ª imagem, à direita - Dois monges, em distâncias diferentes, vêm o caminho celestial onde S.Bento viaja até Deus.

3ª Fila:

1ª imagem, à esquerda - Uma louca é salva e curada pelo simples facto de viver na gruta onde ele outrora viveu antes de fundar a sua Ordem . Última imagem - S.Gregório escreve a vida de S.Bento e divulga o livro à Cristandade.

O legado de S.Bento foi importantíssimo. Muitos foram os homens influenciados por ele. Um deles viria mesmo a ser Papa. **Gregório Magno** (540 - 604 d.C.) - Foi monge beneditino e enviou os primeiros missionários para a Grã-Bretanha, para converter os anglos e os saxões. Divulgou uma forma de música que estava a surgir entre os monges, uma música baseada apenas na voz humana.

Para os monges, o silêncio era favorável à Música. E a melhor forma de música era aquela que podia ser feita em qualquer lado: a da voz. Assim, foi desenvolvido uma forma de canto onde as vozes se misturavam de forma harmoniosa e relaxante. Gregório Magno, como seu divulgador, acabou por dar, de forma involuntária, o nome a este canto: **Gregoriano**.

Apenas a voz humana era considerada sagrada. Todos os outros instrumentos eram considerados demoníacos, tocados pelos habitantes «pecadores» das aldeias e vilas. Os instrumentos de percussão estavam ligados aos saltimbancos, aos bandidos, aos corcundas, aos loucos, às gentes simples e pouco inteligentes, em suma...aos camponeses. Lembrava-lhes o exército do Diabo, com os seus demónios a tocar tambores, címbalos e campainhas, fazendo um enorme barulho que era desagradável aos ouvidos de Deus. Os instrumentos de sopro também eram considerados desagradáveis e rejeitados.



Instrumentos musicais medievais - tocados pela população. Reparem bem nas feições com que eram representados: cara de macaco; cara de cão, gato, bode, etc...

É neste ambiente de oração e jejum que se irá desenvolver a futura **Cultura Religiosa da Idade Média**. Dizemos Cultura Religiosa (própria dos religiosos e nobres cultivados), porque haverá outras que surgirão nos séculos seguintes: a **Cultura Cortesã**, criada nas cortes, que não nasce nos conventos e que não segue as regras estéticas impostas pela Igreja; a **Cultura Popular** - que já existe e sempre existiu e que seguirá um caminho muito seu. Mas isso será assunto para mais tarde.

* O MUNDO MUÇULMANO EM EXPANSÃO *

O NASCIMENTO DO ISLÃO

O **Islão** (a palavra significa Paz e obediência voluntária a Deus) surgiu no **século VII d.C.** na Península Arábica, região maioritariamente coberta pelo deserto, isolada dos continentes africano e asiático pelo Mar Vermelho. O isolamento é tão grande que, embora seja uma península, os próprios Árabes se lhe referem como *Jazirat Al 'Arab* que significa «Ilha dos Árabes».

Península Arábica



Na península Arábica podem distinguir-se:

- Hijaz, grupo de montanhas ao longo do Mar Vermelho;
- Nadj, planalto coberto de areias, deserto e dunas.
- «Arábia Feliz», nome pelo qual era conhecido o Sul, porque era a única região fértil ao receber alguma chuva das monções. Só aqui existiam povoações com uma população sedentária. É também desta região que provém o incenso.

Antes da chegada do Islão, não existia unidade política na Península. As populações agrupavam-se em tribos, conjuntos de descendentes de um antepassado comum. Cada tribo era composta por vários clãs que, por sua vez, reuniam várias famílias. A organização era patriarcal (um homem chefe de família e com plenos direitos sobre os seus membros, um homem chefe de clã, um homem chefe de tribo). Havia algumas tribos nómadas, os Beduínos, e outras sedentárias. Na maior parte do tempo as tribos viviam a guerrear umas com as outras.

RELIGIÃO PRÉ-ISLÂMICA

Os Árabes eram, na maioria, politeístas. Os deuses principais eram adorados sob a forma de árvores ou pedras sagradas (bétilos). Algumas destas pedras podiam ser transportadas para acompanhar as tribos nómadas nas deslocações. Para outras, construíam-se santuários. Os cultos incluíam oferendas aos *djins* (espíritos que podiam ser benévolos ou malévolos), jejuns e peregrinações.

Além destas divindades, existia a crença num ser divino superior aos outros, criador do Universo, a quem chamavam **Al lah** (mais tarde Allah, Alá, etc e que significa, simplesmente: O Deus). Al lah não tinha ainda as características de Deus Único que virá a adquirir com o Islão e tinha três filhas: Al lat (A Deusa), Menat (Destino) e Al Uzza (A Poderosa).

Al Uzza, Al Lat e Menat



Anualmente, os Árabes faziam uma peregrinação a **Meca**, cidade principal do Hijaz onde tinha sido construído um santuário, a **Kaaba**, destinado ao culto da **Hajar el Aswad (Pedra Negra)**, uma pedra sagrada, provavelmente um meteorito. Os peregrinos davam sete voltas no sentido contrário aos ponteiros do relógio em redor do santuário.

Meca também era importantíssima como centro económico pois por aí passava a maioria das caravanas com os produtos que vinham da Índia ou da Abissínia, em direcção ao Iémen.

Apesar de, como já dissemos, a maior parte dos Árabes ser politeísta, também existiam algumas comunidades monoteístas como as judaicas que tinham saído da Palestina depois da destruição do segundo Templo ou algumas tribos que se tinham convertido ao Cristianismo. A maioria destas tribos localizava-se nas regiões de Fardak e de Yathrib (que vem a ser, mais tarde, Medina).

Rota do Incenso



O PROFETA MAOMÉ

A 21 de Setembro de 570 (12 de Rabi-al-awwal - terceiro mês do calendário árabe, no ano do Elefante, nasce em Meca, **Muhamad (Maomé)**, filho de Abdullah e de Amina. O pai morreu pouco antes dele nascer e a mãe faleceu quando ele tinha 6 anos. Assim, o menino foi entregue, primeiro ao seu avô e, na morte deste, a seu tio, Abdul Muttalib, que se encarregou da sua educação. Pertenciam a um clã pobre de uma tribo prestigiada, a dos Coraixitas que eram os guardiões da Kaaba.

Maomé foi educado para ser um mercador e, quando tinha 25 anos, casou com uma viúva rica, Khadija, de cujos camelos costumava tomar conta e com cujas caravanas costumava viajar.

Coloca-se, aqui, o mesmo problema de fontes historiográficas que nos surgiu ao falar dos Hebreus e dos relatos Bíblicos: Muito do que escreveremos a seguir provém da tradição, de relatos passados oralmente e do *Corão*, Livro Sagrado do Islão. As fontes têm o valor que lhes advém da Tradição e da Fé mas não podem ser consideradas científicas nem históricas.

Segundo a tradição e segundo o **Corão**, Maomé costumava meditar e jejuar nas montanhas perto da sua casa. Um dia, cerca de 610, no cimo da montanha Hira, o Anjo Jibril (nome árabe do Arcanjo Gabriel), apontou-lhe um Livro e ordenou-lhe que o recitasse. Maomé respondeu que não sabia ler mas Jibril insistiu. Maomé recitou, então, os primeiros versículos do Corão.

Revelação a Maomé



O **Corão**, conhecido também como **Alcorão**, que os Muçulmanos acreditam ser a transcrição exacta das revelações divinas feitas a Maomé através de Jibril, é composto por 114 capítulos chamados **sunas**. É errado dizer «o Alcorão» porque al é o artigo definido o em Árabe. Estaríamos, pois, a dizer «o o Corão*». Correcto é dizer apenas Alcorão ou o Corão. A palavra vem de *qur'ān* que significa leitura, ou recitação. Alcorão significa, pois, literalmente, A Recitação.

Maomé teve muitas dúvidas sobre a verdade da revelação e chegou a pensar estar a enlouquecer. Foi sua esposa quem mais o estimulou e ajudou a espalhar e consolidar a nova religião. Na época, esta foi inovadora e progressista, tendo em conta as condições e costumes existentes na região. Afirmava o **Monoteísmo** (Al Ah, ou Alá é o Deus Único; condenava o materialismo; dava pela primeira vez, nessa região, alguns direitos às Mulheres (como o de herdar, por exemplo); condenava o desprezo pelos órfãos ou pelas viúvas, estabelecia regras de conduta que iam da moral à higiene ou à alimentação; e garantia que, no dia do Julgamento

Final, cada pessoa seria julgada pelos actos bons ou maus que tivesse praticado e a riqueza material de nada lhe valeria.

Alá não é, ao contrário do que muitos pensam, o «Deus dos Muçulmanos». É exactamente o mesmo Deus a quem os Judeus chamam *Yaveh* ou os Cristãos, simplesmente, Deus. Aliás, é isso mesmo que a palavra quer dizer: Deus, da mesma forma que *God* não é o Deus dos Ingleses ou *Dieu* o dos Franceses mas palavras em línguas diferentes referindo-se ao mesmo Deus. Tanto assim é que os Cristãos de língua árabe, ao rezarem ou assistirem à Missa, é *Al Lah* que pronunciam ao referir-se a Deus.. Porque estas três Religiões têm um tronco comum (Abraão é o antepassado comum segundo a tradição) e, porque todas possuem um **Livro Sagrado**, também são conhecidas como *Religiões do Livro*.

As reacções foram diversas, desde a mais completa adesão à mais extrema hostilidade, sobretudo por parte dos mercadores ricos que viam algumas das suas prerrogativas postas em perigo ou dos guardiães dos santuários que Maomé afirmava pertencerem a falsos deuses.

Quando morrem o tio e, pouco depois, a esposa, Maomé perde dois dos seus mais influentes protectores. Ele e os seus seguidores começaram a ser perseguidos e tiveram de fugir para Yathrib. Esta partida para Yathrib foi em 622 d.C., e é chamada a **Hijra (Hégira)**, e marca o início do calendário islâmico. Em Yathrib, Maomé obtém apoio e forma com os convertidos a **umma**, a comunidade islâmica. A cidade passa a chamar-se **Medina** (do Árabe *al Madinah* - a cidade).

Hégira



Meca considera o exílio de Maomé e de seus seguidores como uma afronta e as duas cidades entram em guerra. Em 630 d.C., (ano 8 segundo a datação muçulmana), Meca rende-se e Maomé regressa à cidade onde forma governo. Aí, legisla, consolida a nova religião, e destrói os ídolos na Kaaba. A Pedra Negra, contudo, continua a ser considerada sagrada. Segundo o Corão, tinha sido uma dádiva de Deus. Maomé aconselha a que seja colocada num manto, ordenando aos chefes de cada tribo que o puxassem para mais perto do canto oriental do santuário. Depois ele mesmo colocou a Pedra que aí tem sido conservada até hoje. Recomeçaram então as peregrinações anuais à Kaaba (o lugar mais importante de todo o Islão).



Maomé coloca a Pedra Negra na Kaaba

Maomé morreu em 632 d.C. (ano 11 do calendário muçulmano) em Medina. Nesta altura, toda a Península Arábica estava unificada em **califado** (Califa era o chefe da *umma* e, portanto, de todos os Muçulmanos).

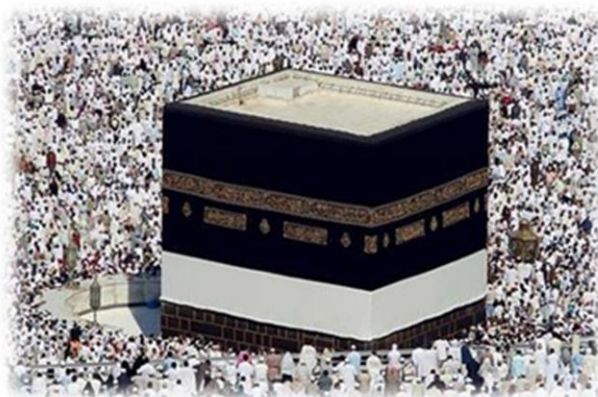
OS CINCO PILARES DO ISLÃO

A fé muçulmana assenta em cinco preceitos básicos conhecidos como os **Cinco Pilares do Islão**. São eles:

- **Shahada** (ou *Chahada*) - Aceitação e Declaração da Fé. Recitada ao acordar e ao deitar, no leito da morte e em todos os momentos considerados importantes. A frase é: Não há outro Deus para além de Deus e Maomé é o Seu Profeta.
- **Salat** (ou *Salah*, ou *Salá*) - Rezar cinco vezes ao longo do dia.
- **Zakat** (ou *Zakah*) - Prática ritualizada da caridade ou da esmola.
- **Saum** ou *Siyam* - Prática do Jejum e de outras obrigações durante o mês do Ramadão.
- **Hajj** (ou *Hajj*) - Peregrinação a Meca que deve ser feita, ao menos uma vez na vida.

De notar que, embora esta seja a base da Religião Islâmica, admitem-se excepções, baseadas naquele que é o conceito mais arreigado entre os Muçulmanos: que Deus é misericordioso. Assim, quem não tiver dinheiro ou saúde, pode não ir a Meca. Quem estiver doente, for demasiado jovem ou demasiado velho ou estiver em viagem, está dispensado do jejum. Quem não tiver meios está dispensado (ou dará menos) da *zakat*. Quem, por motivos alheios à sua vontade, não puder rezar às horas marcadas, deixará para depois. No fundo, só a *Shahada* recitada com sinceridade é considerada indispensável para que alguém se considere muçulmano.

Peregrinação anual a Meca



Um pouco de Música árabe para ti: [aqui](#).

Como podes ver, o Islamismo, tal como o Judaísmo ou o Cristianismo, pregam a Paz e a Caridade. Todos os fundamentalismos que cada uma destas religiões tem vindo a conhecer ao longo da sua história são deturpações grosseiras do seu verdadeiro espírito. As ortodoxias, embora se digam interpretações literais dos Livros Sagrados, vão contra o espírito de Paz e de tolerância que os Fundadores queriam. Assim aconteceu com as Cruzadas ou com a Inquisição entre os Cristãos, assim está a acontecer agora, infelizmente, com parte do mundo islâmico onde a palavra *jiḥād* (guerra santa), inicialmente entendida como legítima defesa contra atacantes ou como luta interior em busca do melhor de nós mesmos, foi transformada em desculpa para actos de terrorismo. Devemos, por isso, aprender a distinguir a loucura e ignorância de alguns de toda uma cultura ou civilização seculares.

SUNITAS E XIITAS

Quando, nos tempos actuais, ouves dizer ou vês na TV ou na *Net* que Sunitas e Xiitas, ambos muçulmanos, se guerreiam entre si, talvez já te tenhas interrogado: Mas porquê, se ambos pertencem à mesma religião? O desentendimento vem de há muito tempo e vamos lá a ver se conseguimos explicá-lo em poucas palavras.

Logo a seguir à morte de Maomé coloca-se o problema da sua sucessão, uma vez que ele não era apenas um chefe religioso mas também político e militar.

Sunita e Xiita



Segue-se uma época muito conturbada conhecida como o **Período dos Quatro Califas**.

- **Abu Bakr** (632 – 634):

Quando Maomé morreu, as antigas e destronadas religiões árabes tentaram voltar a dominar e a desunir a Arábia, e por isso a maior parte da *umma* elegeu como seu sucessor Abu Bakr, sogro do Profeta, e homem rico e influente, que utilizou todos os recursos possíveis para impedir essa desagregação. Conseguiu dominar as revoltas, fazer as pazes com os Beduínos que se tinham revoltado e ainda conquistou o Iémen, o reino de Sabá e Omã, expandindo o Islão até ao litoral do Golfo Pérsico. Designou como sucessor Omar, que tinha sido um dos seus mais fiéis aliados.

- **Omar ibn al-Khattab** (634 – 644):

Omar (também conhecido como Umar) tinha sido um dos inimigos mais ferrenhos da nova religião mas converteu-se por volta de 619 e tornou-se um dos seus mais poderosos dirigentes. Durante o seu governo foram conquistadas as antigas Judeia e Fenícia, as regiões que tinham sido a Mesopotâmia e o califado chegou até Alexandria, no Egipto. Em 642 o Império Árabe já chegava a toda a Pérsia (actual Irão).

Uma das razões para a rapidez e relativa facilidade desta expansão é a de que, a exemplo dos antigos Romanos, os Árabes não obrigavam as populações conquistadas a aderir ao Islamismo. Contudo, impunham o pagamento de um tributo que por vezes era muito pesado, a quem não se convertesse à nova fé...

Foi Omar I quem organizou o calendário muçulmano fixando a **Hégira como a data zero do novo sistema de datação** e considerando doze meses lunares.

Mês	Dias	Significado do nome	Transcrição
[1] Muharram	30	Mês sagrado	Muharran
[2] Sáfar	29	Mês da partida para a guerra	Saphar
[3] Rabiá-al-áual	30	1º mês da Primavera	Rabia-1
[4] Rabiá-a-Thâni	29	2º mês da Primavera	Rabia-2
[5] Jumáda Al-Ula	30	1º mês da seca	Jomada-1
[6] Jumáda A-Thânia	29	2º mês da seca	Jomada-2
[7] Rajáb	30	Mês do respeito e da abstinência	Rajab
[8] Xaaban	29	Mês da germinação	Shaaban
[9] Ramadan	30	Mês do grande calor	Ramadan
[10] Xauál	29	Mês do acasalamento dos animais	Shawwâl
[11] Dhu Al-Qaáda	30	Mês do descanso	Dulkaada
[12] Dhu Al-Hijja	29	Mês da peregrinação	Dulheggia

Calendário Islâmico

Apesar de um grande conquistador e legislador, além de reformador das finanças, Omar era também conhecido pela sua crueldade e intransigência. Foi assassinado por um escravo. Pouco antes de morrer, ainda teve tempo para nomear um conselho com a missão de determinar quem seria o sucessor.

- **Uthman ibn Affan** (644 – 656):

Ao contrário de seus predecessores, não era famoso, nem herói militar, nem particularmente conhecido pela sua religiosidade. Mas era um comerciante rico e aristocrata de Meca. A sua eleição voltou a colocar Meca no centro do Poder. O novo califa retomou terras que tinham sido perdidas e consolidou as outras conquistas. Preparou, assim, as bases para o início da expansão marítima árabe.

Foi no tempo deste califa que se escreveu o texto definitivo do Corão pois, como Maomé não sabia ler nem escrever, tinha-o ditado a várias pessoas e as contradições começavam a gerar problemas.

O califa Uthman, contudo, começou a ter conflitos com o povo, ao nomear para os cargos mais importantes parentes e amigos. Por outro lado, começou a obrigar as populações conquistadas a converter-se, o que provocava a revolta e diminuía as receitas financeiras já que, uma vez convertidas, não tinham de continuar a pagar tributo.

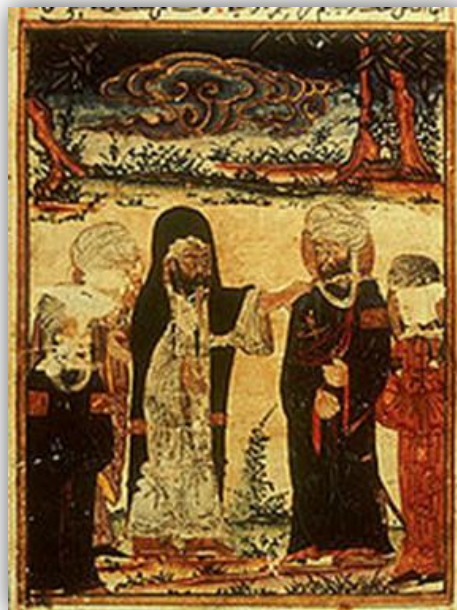
A revolta estala quando, no final de 655, o Califa depõe o Governador do Egipto, Amr, para colocar em seu lugar um parente. Revoltados, alguns dos soldados que lhe tinham sido leais invadiram o palácio e mataram-no enquanto lia o Corão.

- **Ali ibn Abi Talib** (656 – 661):

Poucos dias após a morte de Uthman, Ali, primo de Maomé, e seu genro (casara com Fátima, filha querida do Profeta), toma o título de Califa. Parece ter aceite o califado com muita relutância porque as circunstâncias da morte do califa anterior lhe criavam muitas dúvidas. Mas, como estava convencido de que os conflitos cada vez maiores se deviam ao facto de os governadores serem quase todos incapazes, demitiu-os e nomeou novos. Todos aceitaram excepto Muawiya, governador da

Síria que, com o apoio de Aisha, viúva de Maomé, achava que a primeira acção do novo califa deveria ter sido punir os assassinos de Uthman. Ali, porém, recusou-se a punir sem provas.

Investidura de Ali



As perseguições foram tais que o Califa se viu obrigado a mudar a capital para o Iraque.

No ano 40 da Hégira (660 d.C.), um grupo de dissidentes, os Kharijitas, começaram a dizer que nem Ali, nem Muawiya, o governante da Síria, nem Amr, governador do Egipto, mereciam governar. Para eles, o último califa digno desse nome tinha sido Omar e os Muçulmanos deveriam aceitar apenas o governo directo do próprio Deus. Os Kharijitas constituíram o primeiro grupo dissidente do Islão. Enviaram assassinos para matar os três dirigentes. Apenas o que tinha a missão de matar Ali conseguiu fazê-lo, matando-o com uma espada envenenada quando estava a orar numa mesquita.

Com a morte de Ali, Muawiya tornou-se califa e, a partir daí, o governo passou a ser hereditário.

Xiitas:

Quando Ali morreu, foi transformado por muitos numa figura quase divina e o grupo dos seus seguidores passou a defender que apenas a sua descendência (dele e de sua esposa Fátima, filha de Maomé) era digna de governar e, sobretudo, de liderar a Fé. Nestes tempos, o Califa era, ao mesmo tempo, *Malik* (rei) e *Imam* (Líder religioso). O culto que irá desenvolver-se a Ali e também a Hussein, seu filho, trata-los-á sobretudo como *Imams*, considerando o cargo de governante como subordinado ao de líder religioso. Foi um verdadeiro **Cisma** (separação, fractura) no Islão e os seguidores desta ideologia (o **Xiismo**) chamam-se **Xiitas**.

Além de acharem que o primeiro califa deveria ter sido imediatamente Ali, os Xiitas entenderam que cada *Imam* possuía um dom, dado por Deus, de interpretar ou mesmo de rever as escrituras, pelo que a palavra de um *Imam* pode, por vezes, ser considerada superior ao que diz o próprio Corão.

Na opinião dos Xiitas, quando Uthman foi califa e determinou o texto único do Corão, retirou do Livro todas as alusões que pudessem garantir a Ali o direito à sucessão.

Os Xiitas nunca aceitaram o califado tal como se foi desenvolvendo, contribuindo para a queda da dinastia Omíada.

Ainda hoje esperam por um *Imam* a quem chamam *Mahdi*, que virá como enviado de *Allah* e que será infalível.

Orando



Um trecho de música sacra sufi (Sufi é uma corrente mística do Islão): [aqui](#).

Sunitas

A maioria dos seguidores do Islão manteve-se fiel aos califas oficiais e, sobretudo, ao texto oficial do Corão e à prática de vida de Maomé. Esta prática tornou-se um exemplo e uma tradição de costumes e é designada **Sunna** pelo que os seguidores são os **Sunitas**.

Os Sunitas acreditam que o Corão e os *hadith* (*Hadith* ou *Hadiz*, é um conjunto de lendas e histórias sobre a vida de Maomé, (*Sunnah* ou *Sunas*) que podem incluir a sua biografia (*Sira*). As histórias relatadas pelos companheiros do Profeta ou que falam deles, constituem a *Sahaba*) são as verdadeiras fontes do Islão e que a relação de um Muçulmano com Deus não necessita de um Imam. Respeitam os Imams como conselheiros espirituais ou mestres mas não os consideram sacerdotes (qualquer homem pode liderar uma oração na mesquita). Também acreditam que esta posição é a única que poderá manter a *umma* unida.

Nos dias de hoje, a maioria do Islão é composta por Sunitas, excepto no Irão e no Iraque, onde a maioria da população é Xiita. Neste último país, contudo, a minoria sunita tem dominado a maioria xiita, o que tem dado origem a inúmeros conflitos.

EXPANSÃO ISLÂMICA

Já vimos que, após a morte de Ali, Muawiya, Governador da Síria, se proclamou califa e tornou o califado hereditário. Com ele começou a **dinastia Omíada** que fez de Damasco a sua capital e que governou o mundo muçulmano durante 90 anos, de 661 a 750 d.C.

Foi um governante eficaz e um verdadeiro estadista. Durante o seu governo, os Árabes conquistaram a **Ifríquia** (que corresponde à região hoje composta por Marrocos, Argélia e Tunísia e o Afeganistão. Fortificaram as fronteiras e criaram a primeira frota do califado.

Apesar de todos estes sucessos, Muawiah não conseguiu reconciliar-se com os Xiitas e reunificar o Islão como desejava e assim, depois da sua morte, a guerra estalou e alguns Omíadas saíram de Bagdad e espalharam-se pelo norte de África e pela Península Ibérica, formando reinos independentes.

A Muawiya sucedeu seu filho Yazid e esta sucessão foi totalmente repudiada por **Hussein**, filho de Ali e de Fátima e, portanto, neto de Maomé. Organizou e liderou uma revolta contra o novo califa mas foi derrotado e morto na **batalha de Karbala** a 10 de Outubro de 680. Em consequência desta morte (que os Xiitas consideram uma tragédia, cumprindo ainda hoje 40 dias de luto em cada ano por Hussein a quem chamam mártir) a resistência Xiita aumentou e provocou a queda da dinastia Omíada, que foi substituída pela **dinastia Abássida**.

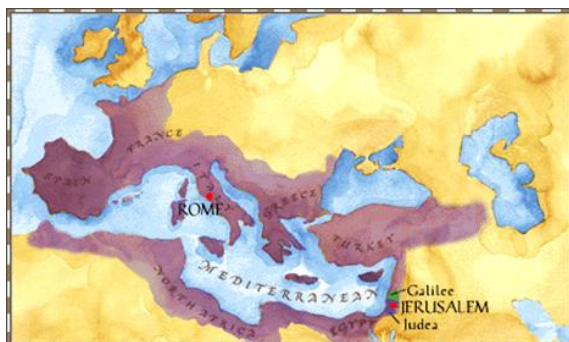
Martírio de Hussein em Karbala



Os historiadores do Islão não costumam fazer grandes elogios à dinastia Omíada, talvez por não ter sabido impedir as divisões da *umma*. Mas a verdade é que foi com esta dinastia que começou o período a que se convencionou chamar **a Idade de Ouro do Islão**. Foi nesta altura que este atingiu o ponto máximo da sua expansão territorial, que o comércio floresceu e que o ambiente de tolerância e de gosto pelo saber permitiu que intelectuais das ciências, das artes e das letras, muçulmanos judeus e cristãos se encontrassem, trocassem ideias, praticassem medicina, alquimia, astronomia, farmácia, filosofia, etc...

É durante os anos da dinastia Omíada que se funda o primeiro estado muçulmano na Índia, que é cunhada uma moeda única para todo o califado e decretado o Árabe como sua língua oficial. Foi criado um sistema organizado de correios e lançadas as bases da arquitectura que virá a ser conhecida como Árabe.

Império Árabe no tempo dos Omíadas



Data desta época a **Mesquita de Al-Aqsa**, em Jerusalém, considerada a primeira obra prima de arte árabe. A sua cúpula, conhecida como **Cúpula do Rochedo** ergue-se num lugar considerado sagrado por Judeus, Cristãos e Muçulmanos. Para os Judeus ela foi construída sobre parte dos terrenos onde outrora se ergueu o segundo Templo, destruído pelos Romanos em 70 d.C., e do qual apenas resta parte da muralha ocidental, o **Muro das Lamentações**; para os Cristãos, foi nesse Templo que Jesus falou aos Sábios, ainda criança e foi dos seus terrenos que expulsou os vendilhões; para os Muçulmanos, foi para aí que Maomé foi transportado uma noite por Jibril, fazendo deste lugar o terceiro mais sagrado do Islão (a seguir a Meca e a Medina).

Mesquita de Al Aqsa com a
Cúpula do Rochedo



Da mesma época é a **Mesquita de Damasco**, considerada uma das mais belas do mundo.

Mesquita de Damasco



A rápida expansão e os problemas levantados pelo governo de um vasto império fizeram com que os califas se ocupassem cada vez mais das questões políticas e militares e descurassem as religiosas. Isso descontentava os Muçulmanos mais devotos que formaram uma coligação com os rebeldes Xiitas. Em 750, descendentes de **Abbas**, tio de Maomé, declararam o seu direito à sucessão e derrotaram o último califa omíada. O líder, Abul Abbas foi proclamado califa e fundou a dinastia Abássida que governará o mundo muçulmano durante cinco séculos.

Com a ascensão ao poder desta dinastia, cessa a expansão territorial e política islâmica e o Império Árabe começa a fragmentar-se.

CIVILIZAÇÃO ISLÂMICA

O conjunto de saberes, costumes, modos de pensamento, artes etc., que costumamos considerar como **Cultura ou Civilização Islâmica**, nasce ou desenvolve-se na Idade Média, durante o período da **Idade de Ouro do Islão**: dos séculos VIII a XIV da nossa era. É uma cultura rica e diversificada que desabrocha em Damasco no tempo dos últimos Omíadas, continua em Bagdad sob os primeiros Abássidas e atinge o auge na Península Ibérica, na região conhecida como **Al Andaluz**.

CIÊNCIAS E TÉCNICAS

O desenvolvimento científico e tecnológico no mundo islâmico começa por dar os primeiros passos com a tradução e leitura de obras dos Autores clássicos (Romanos, Egípcios, Fenícios e, principalmente, Gregos). As obras tratavam dos mais variados assuntos: de Física, de Medicina, de Astronomia...

Essas traduções permitiram conservar todo um conjunto de conhecimentos que, de outro modo, se teria irremediavelmente perdido e foram também a base sobre a qual os estudiosos árabes inovaram.

- **Matemática** - uma das contribuições mais importantes foi a substituição da numeração romana pela indiana que incluía o **número zero**. A partir do **sistema de numeração indiano**, os Árabes criaram um sistema decimal e transmitiram-no aos povos que conquistaram. A Matemática foi estudada como ciência auxiliar da Astronomia ou de técnicas de construção geométrica (mosaicos, cúpulas, etc, mas também com objectivos religiosos como, por exemplo, para melhor calcular as coordenadas geográficas que permitissem indicar a direcção de Meca.

HINDU 300 a.C.	-	=	≡	୩	୪	୫	୬	୭	୮	୯
HINDU 500 d.C.	୭	୮	୯	୦	୧	୨	୩	୪	୫	୬
ÁRABE 900 d.C.	١	٢	٣	٤	٥	٦	٧	٨	٩	٠
ÁRABE (ESPANHOLA) 1000 d.C.	١	٢	٣	٤	٥	٦	٧	٨	٩	٠
ITALIANO 1400 d.C.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
ATUAL	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0

Sistemas Numéricos

- **Medicina** - Durante toda a Idade Média os avanços de Medicina acontecem no mundo dominado pelos Árabes. Vejamos alguns exemplos: os primeiros hospitais, de início destinados a leprosos, depressa se tornaram lugares de tratamento de várias doenças, bem como escolas de aprendizagem prática. É graças a isso que, no século XI, **Al Razi** aconselhou o uso do álcool na limpeza das feridas, **Ibn Nafis** descreveu o sistema pulmonar ou **Ibn Sina** (conhecido no ocidente como **Avicena**) escreveu uma enciclopédia médica.

Hospital organizado segundo as instruções de Avicena



Maimonides, médico judeu do sultão **Saladino**, foi também muito influente na prática da Medicina.

Na Cirurgia, sabiam utilizar a **anestesia** através do uso de uma esponja embebida em ópio, mandrágora e outras substâncias soporíferas. Chamavam-lhe esponja sonífera.

- **Farmácia** - Traduziram o tratado de Dioscórides (médico greco-romano do sec I d.C.) sobre plantas medicinais e fizeram progredir o estudo da Farmacopeia, plantando jardins botânicos, destilando essências de plantas medicinais e fabricando xaropes (a palavra xarope vem do Árabe *sharab* que significa poção).

O desenvolvimento de técnicas de irrigação para estes jardins auxiliou a agricultura, permitindo plantar outros produtos além dos habituais nos países que iam dominando.

Farmácia num hospital de Al Andaluz



- **Física, Química e Óptica** - A primeira menção às leis de refração da luz encontra-se numa obra de Ibn Sahl. Um seu contemporâneo, Ibn Al-Haitan escreveu o tratado *De Optica* (Sobre a Óptica). Nele foi estudado o olho humano de uma forma completamente moderna. Foi o inventor da primeira fotografia, utilizando as mesmas técnicas que os primeiros fotógrafos do séc. XIX.

Com a invenção dos **alambiques**, foi possível a destilação de uma enorme variedade de substâncias. A Alquimia desenvolveu-se muito e adquiriu as bases do que virá a ser a Química.

Multiplicaram-se os tratados de Óptica (alguns indicando aplicações na Medicina).

- **Astronomia** - A Astronomia foi uma das ciências que menos se desenvolveram na Europa durante a Idade Média mas, no mundo árabe, esteve sempre florescente: os livros de Ptolomeu foram traduzidos bem como outros que a Europa cristã julgava perdidos.

Embora a Astronomia se tenha desenvolvido muito nos meios muçulmanos, é preciso dizer que o seu estudo tinha fins essencialmente religiosos: servia para determinar as datas do Ramadão (o mês dedicado ao jejum), as horas das cinco orações diárias, etc.

Um dos maiores avanços na observação dos astros foi o uso do **astrolábio**, instrumento provavelmente inventado por **Hiparco**, melhorado por sábios islâmicos e levado para a Europa cristã em 970 pelo monge Gerbert d'Aurillac que o tinha encontrado em Al Andalus.

Astrolábio



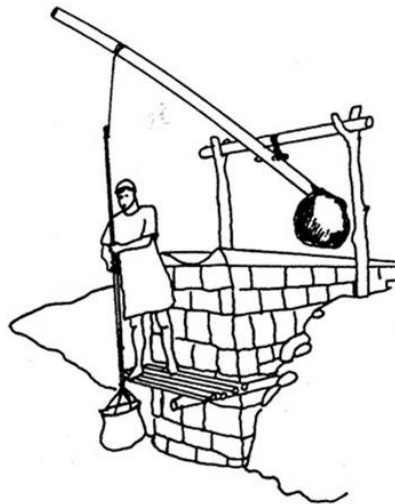
- **Geografia** - Os geógrafos árabes preservaram e desenvolveram a herança persa e greco-romana entre outras. Traduziram obras de Plínio o Velho e de Heródoto e escreveram tratados originais. Um dos maiores geógrafos foi **Al Idrisi**.

Mapa do Mundo segundo Al Idrisi



O estudo da Geografia levou a um desenvolvimento sem precedentes da cartografia (traçado de mapas).

- **Tecnologias** - Os avanços neste campo deram-se em vários aspectos: grande desenvolvimento de técnicas de irrigação que chegaram a contar com a construção de máquinas hidráulicas automatizadas; invenção de vários tipos de moinhos; aperfeiçoamento de sistemas de engrenagens usados entre outros objectivos, para relógios; enormes avanços no fabrico de papel, entre outros.



Irrigação

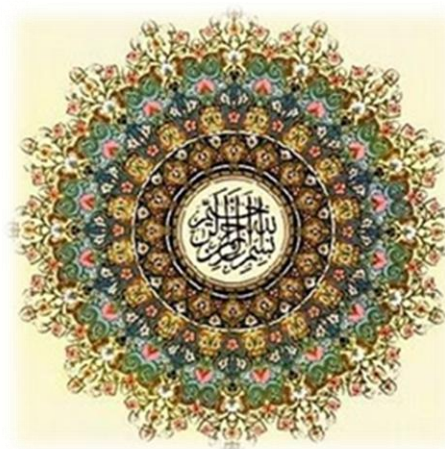
CIVILIZAÇÃO ISLÂMICA (PARTE2)

ARTES VISUAIS

A Arte na cultura islâmica tem mantido uma **unidade notável** e um conjunto de características que não têm conhecido mudanças radicais nem de região para região nem através do tempo. Conhece-se imediatamente uma manifestação de arte islâmica desde os primeiros tempos até ao século XIX. Só a partir do século XX se introduzem algumas mudanças mas não tão radicais que se possa falar de uma verdadeira revolução de técnicas ou de estilos.

Uma das razões dessa unidade estilística é o uso de uma **escrita comum** a toda a civilização islâmica, escrita essa cuja **caligrafia** é, por si só, um elemento artístico largamente utilizado. Outros elementos comuns são a importância dada ao **design geométrico** e às decorações com motivos arrojados em forma de «tapeçaria» ou «caleidoscópio».

Mosaico em tapeçaria



Na **Arquitetura** existe, apesar das formas variadas, um **esquema-base preciso** consoante a função a que é destinado cada edifício. E, apesar de não se poder falar propriamente de uma arte de **escultura**, os elementos decorativos em baixo e alto-relevo, em cerâmica ou em metais preciosos, atingem muitas vezes uma grande perfeição técnica do ponto de vista escultural. A **Pintura** atinge o seu ponto mais artístico nas **iluminuras** de livros, tanto sagrados como profanos.



Baixo-Relevo Islâmico



Iluminura Islâmica

Ao contrário do que geralmente se pensa, existem na arte islâmica representações de animais, pessoas e até mesmo de Maomé. Essas imagens apenas são proibidas nos espaços ou nas obras de carácter religioso (mesquitas, santuários, escolas religiosas (madrasas) edições do Corão, etc...). Os motivos mais frequentes, contudo, são estilização de vegetais, letras e palavras e outros motivos geométricos a que se chama arabescos.

ARQUITECTURA

Já dissemos que os edifícios seguem um plano-bases consoante a função a que são destinados. Assim, as **mesquitas** construídas entre os séculos VI e VIII têm como **modelo a casa de Maomé em Medina**: forma quadrangular com um pátio central e duas galerias. A área de oração era coberta e no pátio eram colocadas as fontes para as abluções rituais. As formas foram variando, como as das cúpulas, principalmente, mas a distribuição das várias áreas sempre se manteve.

Mesquita de Suleiman - Istambul



A arquitectura utilizada na construção das residências dos altos dignitários (xeques, emires, sultões, ministros de estado, etc...) é considerada importante mas, ainda assim, de segunda classe em relação à das mesquitas. Isso não impede o luxo, por vezes feérico (significa «próprio das fadas»). São consideradas uma representação do espírito e da sensibilidade de quem as mandou construir e daí a profusão de elementos decorativos, de jardins, etc.... A sala de trono ou de audiências era a divisão mais importante e chamava-se **diwan**. Um dos exemplos mais belos desta arquitectura é *Al hambra*, (significa «A Vermelha») em Granada.



Alhambra - Vista Lateral



Alhambra - Interior do Pátio

Uma das originalidades arquitectónicas da arquitectura islâmica é o **minarete**, uma espécie de torre que tanto pode ser octogonal como cilíndrica e que é construída no exterior da mesquita. É do alto deste minarete que o *almuaden* ou *muezim* chama os fieis à oração, cinco vezes ao dia.

Minarete



Na região do **Al Andalus** (de que falaremos mais tarde), correspondente mais ao menos, ao Sul de Portugal e Espanha, após a reconquista cristã, alguns dos minaretes foram transformados em torres de Igreja onde se colocou o sino. É o caso, por exemplo, da Giralda, em Sevilha.

Torre Giralda



PINTURA

As obras de pintura islâmica são essencialmente **frescos** e **iluminuras**. Muito poucos foram os frescos que chegaram até nós suficientemente conservados para que os possamos apreciar devidamente. Sofreram variadíssimas influências, entre outras, Helénicas, Bizantinas, Indianas...

Quanto à Iluminura, ao contrário do que acontece no Cristianismo, não surge essencialmente nos textos religiosos. Aliás, é mesmo extremamente rara nesse contexto, graças à interdição de figuras humanas e animais em obras religiosas. Na civilização Islâmica, a iluminura é sobretudo utilizada nas publicações de divulgação científica: Medicina, Botânica, Astronomia, Óptica, viagens e Geografia, etc... O fundo é quase sempre dourado e existe ausência de perspectiva.

Iluminura islâmica num livro de viagens

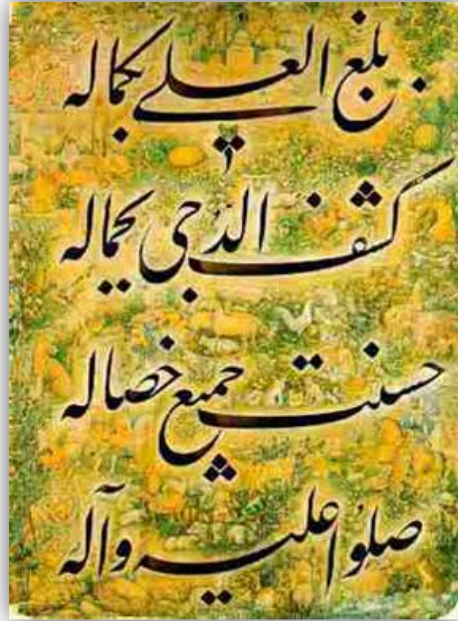


CALIGRAFIA

O facto de a **arte figurativa**, principalmente em edifícios e textos religiosos, poder ser considerada **idolatria**, fez com que as palavras e as letras se transformassem, elas mesmas, em arte.

A **Caligrafia Árabe** pode ser considerada a primeira forma de arte visual islâmica e, segundo os Muçulmanos, a mais sagrada. Existem vários estilos de Caligrafia e, alguns deles, indicam a função do edifício (ou mesmo da sala) onde estão inscritos. Todas as inscrições obedecem a regras que fazem com que (segundo os entendidos muçulmanos) estejam integradas numa corrente de energia que cria espaços positivos e negativos no edifício, indicam caminhos de percurso no mesmo, etc...

Exemplo de Caligrafia Islâmica



Além das artes acima mencionadas, a civilização Islâmica é ainda conhecida pelas suas contribuições nas seguintes manifestações artísticas geralmente consideradas, injustamente, como menores:

Cerâmica - invenção e fabrico de diversos tipos de pigmentos para pintar e vitrificar as peças fabricadas.

Exemplo de Cerâmica islâmica



Tapeçaria - sempre teve grande importância, até porque era o que tornava mais confortável as tendas onde habitavam os Povos do deserto árabe. Os tapetes fabricados antes do século XVI possuíam uma trama com 80.000 nós por metro quadrado. Hoje, os mais valiosos são fabricados no Irão (tapetes persas) e na Turquia. A trama ainda é mais intrincada com 400.000 nós por metro quadrado.

Tapete Persa



Vidro - A arte de fabricar vidro na cultura Islâmica é herdeira directa das Egípcia e Persa. Inovaram, contudo, no tipo de fabrico (vidro soprado em ponta de diamante e quase sempre de forma artesanal), e na pintura entalhada ou em relevo.

Vaso em vidro islâmico



CIVILIZAÇÃO ISLÂMICA (PARTE3)

LITERATURA

Nota prévia: Estamos a tratar da Civilização Islâmica que, como já dissemos, nem sempre é sinónimo de árabe. Contudo, aqui, trataremos essencialmente da Literatura em língua árabe porque os Muçulmanos, seja qual for a sua nacionalidade, consideram o Árabe a língua literária por excelência e, mesmo quando escrevem nas suas próprias línguas, são influenciados pela literatura árabe.

A palavra árabe para **Literatura** é **Adab** termo cujo significado primitivo era «convite para uma refeição» e hoje é sinónimo de educação, bom comportamento, costumes e cultura refinados. Só isso já nos diz muito sobre a importância que a Literatura tem nesta Cultura.

Antes do século VI, a transmissão literária era essencialmente oral e os poucos escritos que chegaram aos nossos dias não passam de fragmentos. O hábito de escrever as composições literárias só ganha força a partir de finais desse século. Apenas dois séculos mais tarde, contudo, são compiladas as primeiras duas recolhas de poemas: os *Mu'allaqât* e os *Mufaddaliyat*.

O **Corão** (sec.VII) é a obra mais importante e mais influente de toda a Literatura Árabe e, mais tarde, de todos os Povos que, por se terem convertido ou terem sido conquistados, passaram a fazer parte da Civilização Islâmica. Com passagens em prosa e outras poéticas, pode considerar-se como fazendo parte do género **saj'** (prosa rítmica). Não nos podemos esquecer, porém, de que os Muçulmanos não consideram o **Corão** como uma obra literária mas sim como a revelação da própria Palavra Divina.

Até finais do século VIII não se conhecem poetas dignos de nota à excepção de Hassan ibn Thabit conhecido como o «Profeta do Profeta» porque os seus poemas são compostos em homenagem a Maomé.

À margem do **Corão** mas influenciado por ele, surgem os **hadith**, contando a vida do Poeta e as suas acções. Estas acções e ensinamentos são chamados *sunnah*, (o caminho). Muitos destes hadith podem considerar-se verdadeiramente poéticos além de fixarem a gramática da Língua Árabe.

Excerto de *Haddith*

إن الله زوى لي الأرض . أو قال : إن ربي زوى لي الأرض ، فرأيت مشارقها ومغاريها ، وإن ملك أمتي سيبلغ ما زوى لي منها ، وأعطيت الكثرين الأحمر والأبيض ، وإني سألت ربي لأمتي : أن لا يهلكها بسنة بعامة ، ولا يسلط عليهم عدوا من سوى أنفسهم ، فيستبيح بيضتهم ، وإن ربي قال لي : يا محمد ! إني إذا قضيت قضاء فيه لا يد ، ولا أهلكهم بسنة بعامة ، ولا أسلط عليهم عدوا من سوى أنفسهم فيستبيح بيضتهم ، لو اجتمع عليهم من بين أفطارها - أو قال بأفطارها - حتى يكون بعضهم يهلك بعضها ، وحتى يكون بعضهم يسيء بعضا . وإنما أخاف على أمتي ! الأئمة المضلين ، وإذا وضع السيف في أمتي لم يرفع عنها إلى يوم القيامة ، ولا تقوم الساعة حتى تلحق قبائل من أمتي بالمشركين ، وحتى تعبد قبائل من أمتي الأولان ، وإنه سيكون في أمتي كتابون ثلاثون ، كلهم يزعم أنه نبي ، وأنا خاتم النبيين لا نبي بعدي ، ولا تزال طائفة من أمتي على الحق طاهرين لا يضرهم من خالفهم حتى يأتي أمر الله الراوي: ثوبان مولى رسول الله المحدث: أبو داود - المصدر: سنن أبي داود - الصفحة أو الرقم: 4252

POESIA

A **Poesia** tem um lugar importantíssimo na Literatura árabe e /ou de civilização islâmica. Os temas são variados, desde os mais solenes aos da crítica amarga, desde o sagrado e religioso ao profano celebrando o amor e a sensualidade. As composições literárias (tanto em poesia como em prosa) foram compostas, inicialmente, para serem lidas em voz alta pelo que tinham de ser agradáveis ao ouvido. O género de prosa rítmica, **saj'** significa «o arrulhar da pomba».

Um género importante é o **ghazal** - poema de amor com um mínimo de cinco e um máximo de doze versos, com poetas como Ibn Hazm (sec. XI), autor de *O Colar da Pomba*. Eis um exemplo de um poema dessa Obra:

Quem me dera rasgar o coração com uma navalha,
encerrar-te lá dentro
e voltar a fechar o peito
para que dentro dele tu estivesses,
para que em mais nenhum tu habitasses,
até ao dia da ressurreição
e do juízo final.

Assim viverias comigo enquanto eu existisse
e assim ficarias, entre as dobras do meu coração,
mesmo depois da minha morte,
rodeada pelas trevas do sepulcro.

(In Revista Medusa, de 24 de Fevereiro de 2005, Editora Independente, Curitiba)

Além do **ghasal**, outros dois géneros são importantes: o **qasida** que pode conter de vinte a mais de cem versos e que é de louvor ou de carácter místico e religiosos, e o **qita** sem regras estritas e que trata temas da vida de todos os dias.

Uma das características principais de toda a Poesia clássica árabe é que é monórrima (todos os versos de uma composição apresentam uma rima única) e de métrica muito complicada.

Ibn Ammar, poeta de Silves, sec.XI



LITERATURA FICCIONAL

A **Prosa** nunca teve a mesma importância da Poesia na Literatura Árabe. Uma das razões para este facto vem de que a Poesia usa a língua erudita, *al fusha* e a Prosa, que conta histórias, usa de preferência a forma de língua popular, *al ammiyyah*.

Alguns escritores esforçaram-se por passar a escrito, em língua mais cuidada, as lendas e histórias que circulavam oralmente mas o papel dos *hakawati*, os contadores de histórias nunca diminuiu e ainda hoje se podem encontrar alguns sobretudo em Marrocos, na Tunísia e no Egipto.

Contador de Histórias num
café de Marrocos



Uma excepção a esse vazio de grandes obras literárias em prosa é a célebre colectânea de contos conhecida como *As Mil E Uma Noites*. É um conjunto de lendas, historietas e lendas populares originárias de todo o Médio Oriente, principalmente da Pérsia. Foram sendo transmitidas oralmente de geração em geração e começaram a ser compiladas em Árabe a partir do século IX. Ninguém sabe quem as compilou ou mesmo se foi um autor apenas ou vários.

Às histórias foi dado um «fio narrativo», ou seja, uma história que ligasse todas as outras entre si. É assim que o sultão Shariar, enraivecido pela traição da sua sultana, resolve casar em cada noite com uma súbdita e mandá-la matar na manhã seguinte. Mas, quando casa com Sherazade, esta começa a contar-lhe um conto e termina num ponto de grande *suspense*. Dizendo-se muito cansada, adia a continuação da história para a noite seguinte e faz isso durante 1001 noites. O Sultão enamora-se dela e nem pensa mais em mandá-la matar.

A Obra tornou-se conhecida no Ocidente quando, em 1704, foi traduzida para Francês por Antoine Galland que a tinha ouvido da boca de um contador de histórias tradicional. Acrescentou-lhe duas histórias que não faziam parte do original: a de Aladino e sua lâmpada mágica e a de Ali Baba e os 40 ladrões.

Mil e Uma Noites



Um dos géneros mais importantes na Prosa árabe é o **maqama**, uma forma intermédia entre a Poesia e a Prosa e também a meio caminho entre a ficção e o real. Trata de ficções construídas a partir de situações vividas na realidade. Também pode ser utilizado para criticar de uma forma oculta ou para satirizar, casos em que só é totalmente entendido por quem conhece bem as regras.

O género tem sido, ao longo dos tempos, imensamente popular e manteve-se até ao século XVIII. Já no século XX, o escritor Gibran Khalil Gibran tentou retomá-lo com algum sucesso.

MÚSICA

A tradição musical árabe tem mais de 1000 anos. Na chamada época de ouro da civilização árabe (dos séculos VIII ao XI) juntou aos seus elementos de pura origem árabe outros elementos vindos das músicas persa, bizantina, turca, indiana e até dos Balcãs.

A escala no coração da música árabe é o *maqam* que tenta transmitir a espiritualidade através de uma sucessão de meios tons sobre os quais se pode improvisar quer com a voz (*mawal*) quer com os instrumentos (*taqsim*).

Não existe polifonia no sentido ocidental do termo mas sim um tema principal quer instrumental quer vocal em torno do qual se improvisa.

Polifonia é uma técnica, que permite que duas ou mais vozes actuem em conjunto conservando uma melodia e um ritmo individuais..Opõe-se à monofonia, a mais utilizada na música árabe, em que, ou há só uma voz ou, existindo outras, cantam em uníssono ou apenas fazendo floreios de voz em torno da linha melódica principal.,

Os **instrumentos de cordas** são importantíssimos e devem poder corresponder aos meios tons e até quartos de tom que este tipo de música utiliza. Alguns dos mais importantes são:

- **Alaúde**, ou **oud**, (do Árabe *al ud*, a madeira) - Dele provém a maioria das violas e guitarras que hoje conhecemos.



- **Kamanja** - Instrumento musical da família da rabeca do violino



- **Kanun ou Al-qanoon** - Instrumento em forma de trapézio com um número de cordas que vai de 64 a 84.



- **Bouzouk** - Espécie de alaúde mais pequeno mas com um braço maior do qual se extraem sons mais agudos dos que os do alaúde

A **percussão** também é muito importante na música árabe. Eis alguns dos instrumentos de percussão mais usados:

- **Darbukka** - Talvez o mais importante dos instrumentos de percussão porque, enquanto os outros servem para marcar o ritmo, este pode ser utilizado em improviso.



- **Duff ou Raqq** - Espécie de pandeireta com pele de peixe para que o som seja suave. Dele provém o nosso adufe.



- **Tabel** - Tambor grande, recoberto de pele no topo e na base e que produz sons graves. Prende-se ao corpo e toca-se com uma baqueta.



- **Sagat** ou **snujs** - pequenos pratos de metal que se acreditava terem o poder de afugentar os maus espíritos.



Existem também alguns instrumentos de sopro típicos como:

- **Mizmar** - Pequena corneta que produz um som agudo parecido com um grito.



- **Nay** - Espécie de flauta que é misticamente associada ao corpo humano : ambos precisam do sopro da vida para se activarem.



E agora, que já conheces todos estes instrumentos, que tal ouvires um pouco da música de que acima te falámos? [Aqui](#) e [aqui](#).

*** A SOCIEDADE EUROPEIA NOS SÉCULOS IX A XII *****AS NOVAS INVASÕES E O CERCO DA EUROPA**

Vaso de Tavira, sec. XI -
Tavira fez parte de um reino
muçulmano.



Até ao século X, as populações do Ocidente Europeu viveram constantemente debaixo do sentimento de insegurança. Quando finalmente se adaptaram às grandes mudanças que se seguiram à Queda do Império Romano Ocidental, foram atacadas por uma nova vaga de invasões. Os povos que chegaram às suas fronteiras pretendiam fazer exactamente o mesmo que os Bárbaros: tomar terras de cultivo para si e expulsar os reis dos seus tronos para formar reinos com líderes da sua Tribo.

MUÇULMANOS

A **segunda vaga de invasões** começou **no início do século VIII**: os Muçulmanos atravessaram o Estreito de Gibraltar, no ano de 711 que, antes desta data, era conhecido por outro nome: Os Pilares de Hércules. Contudo, após a primeira incursão muçulmana na Península Ibérica, liderada pelo general **Tariq Ibn Zihad**, o estreito passou a ser conhecido como *Jebel al Tariq* que significa «Montanha de Tariq». Não tardou para que estas duas palavras fossem adoptadas pelos habitantes dos reinos visigóticos que passaram a pronunciar-las à sua maneira, juntando-as em uma: **Gibraltar**.

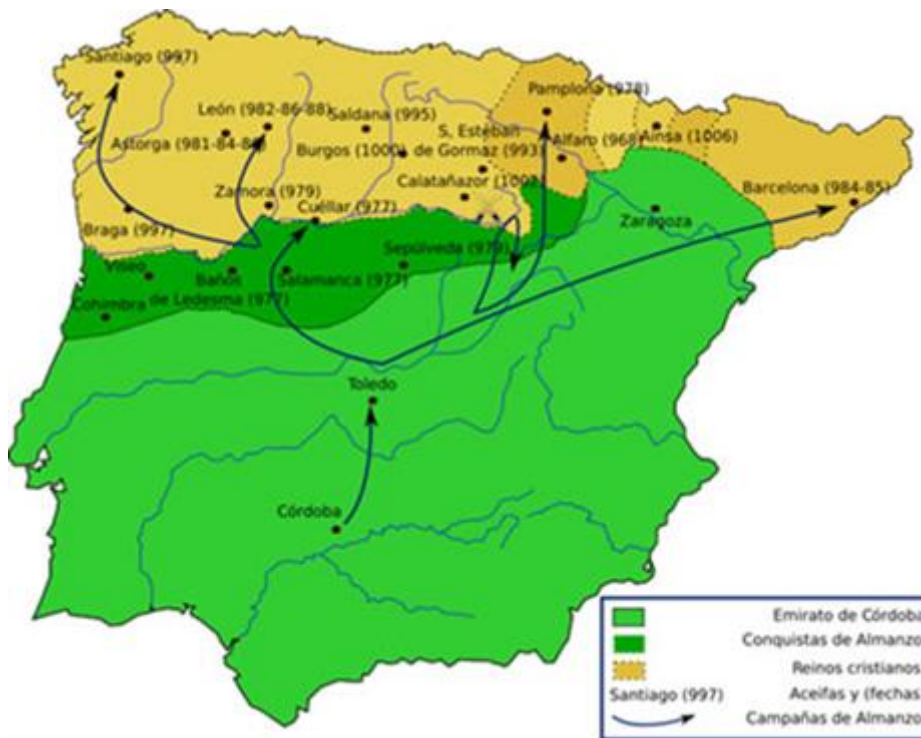
A derrota das famílias reais que viviam na região foi rápida devido às guerras entre os Visigodos, que estavam desunidos. Aproveitando-se das disputas e querelas entre eles, os Muçulmanos destronaram os reis da Península Ibérica.

Alguns reis cristãos dirigiram-se a outros para tentar pedir apoio, formar ligas e tentar recuperar o seu poder. Não conseguiram, no entanto, derrotar os Muçulmanos. Os exércitos dos Povos Islâmicos estavam muito bem equipados e muito bem organizados.

No entanto, um pequeno grupo de Cristãos de várias origens (sueva, visigótica, etc...) conseguiu fugir para Norte, chefiados por Pelagio. Foi daquele pedaço de território, baptizado com o nome de **Reino das Astúrias** que partiu a Reconquista, séculos depois.

Os Muçulmanos conquistaram todo o território da Península Ibérica (com excepção do Norte), fundando um grande domínio que se estendia por várias extensões do território da actual Espanha e Portugal, a que chamaram **Al-Andalus**, palavra cujo

significado é incerto. A região que corresponde ao Algarve e ao Baixo Alentejo era conhecida por eles como **Al Gharb al Andalus**, que significa «O Ocidente de Al-Andalus». Contudo, o seu poder político só se estabeleceu verdadeiramente no Sul. Havia muitos territórios abandonados que pertenciam oficialmente aos Muçulmanos mas que não eram muito explorados. Os Visigodos também não os reclamavam para si porque não possuíam uma força militar capaz de competir com eles.



Al-Andalus, no ano de 997, marcada a verde. O verde mais escuro marca novas conquistas feitas pelos muçulmanos, sob o seu líder Almançor.

O poder dos reinos islâmicos só começou a entrar em declínio a partir de 1031, quando perdeu a sua unidade e se desagregou em vários pequenos reinos. A partir daí os Cristãos começaram a fazer o que os Muçulmanos tinham feito com os Visigodos: aproveitaram-se da sua desunião para conquistar as suas terras.

VIKINGS

Eram conhecidos por vários nomes. Os Francos chamavam-nos *Normanni* (Normandos), eram *Dani* entre os Anglo-Saxões. Ambos os termos significam «**Homens do Norte**». Os Alamanos conheciam-nos como *Ascomanni* («Homens de Madeira», por causa dos seus navios). Na História passaram a ser conhecidos como **Vikings**.

Há várias versões para o nome *Viking*: alguns defendem que a palavra vem do Escandinavo `vik (fiorde, riacho); outros dizem que é uma palavra do Inglês Antigo *wik* (acampamento) que deu origem ao nome destes povos. Outra teoria defende a que a palavra alemã *wik* ou *vik* está associada a cidades mercantis. Não sabemos se era assim que se chamavam a si próprios. Sabemos, com toda a certeza, que estavam ligados ao comércio e à navegação. E sabemos que eram originários da Escandinávia.

Mapa da Escandinávia, com os países actuais.



A Escandinávia é uma Península situada a Norte do Continente Europeu. As populações que lá habitavam no sec.VI sempre se dedicaram ao comércio, pelo que eram excelentes navegadores, conhecedores das estrelas e do mar. Os seus navios, conhecidos como *Drakkar* (navio de guerra) ou *Knorr* (navio mercantil e de transporte de passageiros), eram especificamente desenhados para navegar longe das costas. E como sabiam «ler a posição das estrelas», sobretudo da Estrela Polar, não se perdiam no mar alto, sabiam sempre a direcção em que estavam. Outra formas de se orientarem era levar consigo cestos com aves que soltavam em determinados pontos da viagem. As aves voavam para terra o que lhes indicava a direcção a seguir.

Desde o século VI que já entravam em contacto comercial com as terras do Mar Báltico, sendo a actual Rússia um dos seus pontos principais de comércio.

Contudo, os Vikings não eram apenas comerciantes, também eram guerreiros. À medida que iam comercializando e criando entrepostos, também tomavam terras.

Viking - este seria o verdadeiro aspecto de um Normando. Os capacetes com chifres ou asas são uma imagem falsa propagada pelos escritores do sec.XIX.



As causas que os levaram a sair da sua região foram variadas:

- Excesso populacional - Cresceram demasiado em número e precisavam de terras para cultivar e alimentar as suas famílias.
- Rivalidades entre tribos - Vários tiveram que sair das suas terras e procurar refúgio em outros lugares.
- Instabilidade política na Europa do Ocidente - os Povos do Norte aperceberam-se, tal como os Muçulmanos, de que as coroas europeias eram frágeis e de que os reis europeus estavam sempre em guerra uns com os outros. A fragilidade do poder político no nosso continente facilitou as invasões.

As incursões na Europa começaram logo no final do Século VIII, quando atacaram as costas da Inglaterra, saqueando aldeias e mosteiros e levando as colheitas. A seguir ao saque partiam e iam-se embora, levando algumas mulheres e crianças como escravos e deixando as populações aterrorizadas. As aldeias ficavam vazias devido ao terror, o que tornava fácil a tomada das terras. Em breve chegaram ao continente europeu, em vagas sucessivas.

Drakkar Viking - a visão do «Navio-Dragão» aterrorizava os habitantes das costas



Os relatos da época descrevem-nos como «selvagens sem lei nem ordem», que não têm respeito pelos fracos e doentes, pelos velhos e crianças. Ao longo de dois séculos, estas vagas vão-se sucedendo. As cidades importantes da Europa foram tomadas: Utrech; Rouhen; Hamburgo; Paris.

As populações tentaram proteger-se: as muralhas das localidades foram reforçadas e os habitantes preparavam-se para a realidade de um cerco armazenando comida e aumentando o número de cisternas. Paris foi uma destas cidades: cansados de ser invadidos e saqueados, os parisienses reforçaram as defesas da cidade e resistiram-lhes durante um ano inteiro (885-886).

Por fim, os Vikings eram já uma realidade que os poderes da época não podiam ignorar. Os métodos para tentar contê-los foram diversos: para além do combate e da força das armas, os **tratados** foram úteis para evitar mais vagas de violência. Um dos exemplos foi **o tratado estabelecido no ano de 911 entre Carlos III e Rollo, chefe dos Normandos**: em troca de uma porção do território franco (que virá a ser a Normandia), estes novos habitantes da França farão tudo para proteger as fronteiras do Sena de novas invasões por parte de outros Vikings. O tratado também marcou a data do início da conversão ao Cristianismo por parte destes povos no território da França.

Os Vikings não foram só invasores. Também colonizaram terras despovoadas, criando entrepostos na sua já alargada rota comercial. Um dos exemplos foi a Gronelândia. Acredita-se que chegaram à América, antes de Cristóvão Colombo.

A Civilização Viking era voltada para a Guerra e para a valentia no combate. Eles não temiam a Morte, antes festejavam-na. Consideravam-na como sendo a passagem para um Reino onde os guerreiros bebiam e festejavam para sempre. A sua Religião era idêntica à Germânica, com algumas mudanças nos nomes dos deuses e de região para região. No fundo todos estes povos vindos do Norte possuem raízes comuns, étnicas e culturais.

A sociedade dos Vikings dividia-se em três grupos: os *jarls* (homens ricos que possuíam posses e tinham poder dentro do círculo do chefe); os *karls* (homens livres que possuíam pequenas terras ou serviam os *jarls*) e os *thrals*, os escravos (por dívidas ou por derrota numa guerra). Acima deles estava o líder.

Viviam em pequenas comunidades, em sistemas de agricultura comunitária, onde todos participavam na riqueza e na produção de bens, consoante a sua especialidade (ferreiros, artesãos, pescadores, agricultores, etc).

À medida que se iam instalando, convertiam-se à Religião Cristã, misturando-se com a Nobreza das cortes medievais europeias e aprendendo a sua língua e costumes.

Arte Viking: Pormenor de uma talha de madeira proveniente da porta de uma igreja norueguesa.



Algumas famílias ascenderam de condição e chegaram a misturar-se com famílias reais. Foram reis em alguns países. A Rússia começou com reis Vikings. Outro país que teve reis de origem Escandinava foi a França. A região da Normandia foi a terra-natal de um rei que invadiu a Inglaterra em 1066. Guilherme da Normandia, que era de ascendência Viking (embora já falasse Francês e fosse cristão), venceu o rei Saxão na Batalha de Hastings, instalando uma corte Normanda na Inglaterra.

A Cultura Viking misturou-se à cultura já existente no Ocidente. Se hoje lemos as lendas do Rei Artur e ouvimos falar nos Cavaleiros da Távola Redonda ou no Santo Graal, é devido à ascendência cultural que os Normandos deixaram na Inglaterra.

MAGIARES

Outra etnia que chegou às portas da Europa no século IX foi a dos **Magiares**. Os seus antepassados, os Ugrianos, desceram da Sibéria para os Montes Urais e ali viveram durante milhares de anos. Começaram por ser sedentários (por volta de 2.000 a.C.), cultivando terras, fabricando bronze e criando gado. Mil anos depois, quando aprenderam a domesticar e a criar cavalos, tornaram-se pastores nómadas. Durante séculos viveram nos montes Urais, divididos em sete tribos, que obedeciam a um chefe principal.



Mapa da Rússia - os Montes Urais estão à direita da Sibéria.

No ano de 830, no decorrer de uma guerra civil entre várias tribos, os Magiares começam a atravessar a região dos Cárpatos e invadiram a Ásia Central em 895, liderados por Árpád. Este desejava criar laços com as nações europeias cristãs. Os motivos eram simples:

- Proximidade geográfica com o Ocidente - a posição geográfica em que se encontravam os Magiares era excelente para criar contactos e alianças com a Europa quer ocidental quer oriental.
- Mercados - A criação de uma nação na região em que hoje se situa a Hungria estaria integrada numa rede de mercados que só iria trazer benefícios para o seu povo.

Os Magiares também constituíram grande perigo para o Ocidente: invadiram o território da actual Itália, Alemanha e Gália, destruindo tudo à sua passagem. As populações fugiam das suas terras e os reis não conseguiam fazer frente a estes exércitos. Muitas regiões colocaram-se sob a protecção da Igreja e da Nobreza. Desta forma, o Regime do Feudalismo ganhou raízes.

O Oriente europeu também teve de os combater: Sérvios; Croatas; Romenos; Eslavos; Eslovénios; Pechengues; Búlgaros... o Mapa étnico da Europa do Oriente é muito complexo. É devido à quantidade de povos que ali sempre existiram que ainda hoje o Leste Europeu tem os problemas de fronteiras que conhecemos.

Tal como aconteceu com os Povos Germânicos e Escandinavos, os Magiares acabaram por se converter ao Cristianismo.

O rei Estêvão fez-se baptizar pelo Papa e formou uma aliança com Roma no ano 1000. A Coroa de Sto. Estêvão é olhada pelos Húngaros como um símbolo da sua nação. A partir desta data, os Húngaros conseguiram, com o auxílio da Igreja, fazer crescer o seu território, alargando a sua influência e espalhando a sua língua por muitas regiões.

Coroa de Sto Estêvão



*** A SOCIEDADE EUROPEIA NA ALTA IDADE MÉDIA *****AS RELAÇÕES FEUDO-VASSÁLICAS - PARTE I****A DINASTIA CAROLÍNGEA**

No dia de Natal do ano 800, um rei do povo Franco é coroado em Roma pelo Papa Leão III. Esta coroação é diferente das outras: pela primeira vez em séculos, um monarca recebe o título de *Imperator*. Era algo que não acontecia desde a Queda do Império Romano no Ocidente.

Coroação de Carlos Magno
como Imperador



Havia algo de diferente neste rei dos Francos: Com a morte do seu irmão (que herdou metade do reino do seu pai), todas as terras Francas ficaram reunidas num reino único. Conquistou os territórios da Alemanha e Itália. Dominou a Lombardia e anexou a Saxónia. Este rei conseguiu o que muitos desejavam há tanto tempo: reunir uma grande parte das fronteiras que pertenceram, no Passado, à Roma do Ocidente. O seu nome era **Carlos Magno** (747-814 d.C.). e era olhado pelos seus contemporâneos como aquele que faria Roma renascer das cinzas.

Dissemos, num capítulo anterior, que durante muito tempo os reis do início da Alta Idade Média desejavam que o Império Romano fosse restaurado e acreditavam que um dia haveria um rei que conseguiria fazê-lo. Carlos Magno parecia reunir todas essas características: um rei investido de **Carisma** (um dom do Espírito Santo) com toda a Autoridade vinda de Deus - e aprovada pela Igreja - para mudar o mundo e conduzir os contemporâneos a uma nova era, sob o governo de um César.

Foi o fundador - e 1º Imperador - do **Sacro-Império Romano-Germânico** ou seja, a união de todas as nações cristãs da Europa Central sob a autoridade de um Imperador coroado pelo Papa, o Sacro Imperador Romano. Durou centenas de anos e teve uma influência determinante sobre toda a Civilização Medieval.



Mapa do Império Carolíngio

A criação do Sacro-Império Romano-Germânico foi um dos mais importantes legados da dinastia Carolíngia, da qual Carlos Magno fazia parte. Esta dinastia é responsável pela criação e consolidação de um sistema político-económico-social que fortaleceu a Europa e modificou as relações entre os vários graus de poder na Idade Média: o **Feudalismo**.

CARLOS MARTEL

O nome da dinastia é inspirado no do avô de Carlos Magno, **Carlos Martel** (c.688 a 741).

Viveu num período conturbado, marcado pelas constantes lutas entre reis e guerras entre reinos.

A Europa ocidental estava fragmentada e dividida em vários reinos. Os povos Germânicos tinham costumes e tradições diferentes no que toca à sucessão do Trono. Uns faziam-no através de uma eleição: após a morte do monarca, propunham-se sucessores ao trono e havia partidários que tentavam lutar pela colocação do seu candidato. Em outros casos distribuía-se o reino pelos filhos do monarca. A divisão do território em várias partes, cada qual com o seu líder, desunia ainda mais os povos europeus e tornava as regiões vulneráveis às invasões. Cada rei tentava conquistar o reino vizinho para aumentar as suas fronteiras e seu poder.

Foi neste ambiente de guerras e intrigas constantes que Carlos Martel viveu. Aproveitou a decadência da dinastia governante, que já não tinha prestígio nem influência, para fazer crescer o seu poder sobre os Francos. Foi Prefeito no palácio dos reis Merovíngios (a dinastia que então governava), em 717. O cargo de Prefeito

era extremamente importante: representava o rei no Palácio, quando este estava ausente ou não podia comparecer.

Serviu os reis que achava conveniente servir, colocando-os no poder e guerreava contra os partidos rivais. Guerreou contra todos os povos vizinhos que considerasse uma ameaça contra a estabilidade do seu reino e protegeu as fronteiras da Europa contra os invasores estrangeiros. Assistiu à impotência dos monarcas que não conseguiam proteger as suas populações dos saques e dos ataques de inimigos.

Carlos Martel, recebendo um mensageiro



No ano de 731 era já o líder de todos os Francos. O rei que tinha sido colocado no trono graças à sua influência, Teodorico IV, governava apenas em nome. Era Carlos Martel quem verdadeiramente tinha todo o poder sobre o reino.



As razões do seu sucesso foram as seguintes:

• **Conjuntura Política e Histórica** - Carlos Martel compreendeu desde cedo que precisava de alargar as fronteiras do reino franco. Um reino pequeno e fragmentado não seria suficientemente forte para lutar contra invasões e investidas de povos estrangeiros. Em seguida lutou pela estabilidade das fronteiras recém-adquiridas, pois esta era vital. Para conseguir essa paz teve que conquistar as terras que faziam fronteira com o reino da França. Ao defendê-las, chamou a

atenção dos senhores locais. Estes viam-se obrigados a defender as populações dos seus domínios contra os povos inimigos e faziam-no muitas vezes sem o apoio dos seus reis, que se viam impotentes para enviar reforços. Carlos Martel era um líder carismático e um general brilhante. Os seus exércitos eram extremamente eficientes e os senhores locais sentiram necessidade de se aliarem a ele. Colocaram-se sob a sua autoridade, prestando serviço e alargando o seu exército. Em troca, Carlos Martel recompensava os aliados com terras e bens (feudos). Desta forma desenvolveram-se laços de dependência entre senhores mais poderosos e menos poderosos.

- **Inteligência** - Descobriu os pontos fracos dos seus inimigos e procurou sempre agir de maneira inesperada, utilizando estratégias de combate pouco usuais para a época. Por exemplo, sabia coordenar os seus exércitos de maneira a que parecessem estar a fugir para enganar os inimigos. Modificou os exércitos a nível estrutural, criando uma verdadeira Infantaria Pesada e uma Cavalaria inteiramente nova, que viria a ser o tipo de Cavalaria utilizada em toda a Idade Média. Também sabia colocar-se no lugar dos seus inimigos e tentar pensar como eles, prevendo as decisões e acções que estes iriam tomar. Soube tirar proveito da desunião entre os vários Povos e, desta forma, unificou todo o território Franco e ainda expandiu as suas fronteiras.

- **Apoio à Igreja** - A ascensão e poder da dinastia Carolíngia está ligada ao apoio e protecção que esta sempre deu à Igreja. Carlos Martel conseguiu a sua lealdade ao oferecer aos bispos e abades influentes terras e dinheiro. Ajudou-os a construir mosteiros e igrejas em lugares onde a Religião Cristã ainda não tinha sido implantada e protegeu-os contra os ataques dos invasores ou habitantes locais. Também perseguiu as populações não-cristãs, combatendo os seus líderes, destruindo os seus templos pagãos e forçando as populações a converter-se ao Cristianismo. Assim, através das armas ajudou a Igreja a aumentar o número de Cristãos, ao mesmo tempo que evitou o aparecimento de futuros inimigos. A riqueza da Igreja cresceu, bem como o seu poder.

A História conheceu-o sobretudo pelas suas batalhas contra os Muçulmanos. Carlos Martel observou atentamente os governantes islâmicos e percebeu que, mais cedo ou mais tarde, as fronteiras do Islão iriam espalhar-se pelo continente Europeu se nenhuma medida fosse tomada. Tomou, então, uma decisão arriscada: criou um exército onde os guerreiros teriam que se dedicar inteiramente ao combate.

Os exércitos Francos não tinham qualquer hipótese de derrotar os Muçulmanos. Eram sazonais, só combatiam em determinadas épocas do ano, devido a razões agrícolas (plantação das sementes e colheitas). E o tipo de combate era diferente: enquanto os Muçulmanos utilizavam máquinas de guerra, com toda a engenharia herdada dos Gregos e Romanos e lutavam em uníssono, como uma colmeia, os francos usavam essencialmente a luta corpo-a-corpo e a escaramuça e agiam de forma individual, para ganhar glória e prestígio entre os seus. Este tipo de exército tinha de acabar.

Mas a criação de um exército permanente tinha o seu preço: os soldados tinham que ser sustentados. Carlos Martel teve que encontrar uma forma de alimentar as famílias dos seus guerreiros, apropriando-se de terras alheias e utilizando-as como pagamento da alimentação, vestuário, criação de armas. A nova Cavalaria tinha armas actualizadas, estribos nos cavalos e combatia de forma colectiva e coordenada, sob as direcções de um general. Carlos Martel obteve a sua grande vitória na **batalha de Poitiers (732 d.C.)**, impedindo os Muçulmanos de se espalharem pelo resto da Europa.



Batalha de Poiteirs, vista pelos olhos de um pintor do século XIX

A vitória sobre o Islão da Península Ibérica granjeou-lhe uma reputação de «intocável». Só faltava ser rei dos Francos. Mas, estranhamente, não desejou sê-lo. Quando Teodorico IV morreu, em 737, ninguém se ofereceu para ocupar o trono. Carlos considerava-se *princeps et dux Francorum*. O termo *dux* (Duque) significa Chefe. Este período da História da França é conhecido como **Interregno**. Até à sua morte, o reino dos Francos teve um líder que não era rei. O sucessor da coroa, Childerico III foi colocado no trono pelos filhos de Carlos Martel, Pepino, o Breve e seu irmão.

O FIM DA DINASTIA MEROVÍNGEA

Se Carlos Martel não se interessava pelo estatuto de monarca, o seu filho, **Pepino, o Breve** (c.714 a 768 d.C.), sonhava em ter o reino da França para si. Perguntou ao Papa quem é que tinha o direito a ser rei: aquele que tem apenas o título ou aquele que governa de facto?

A resposta do Papa (que estava dependente dos exércitos Francos) foi-lhe favorável: aquele que tem o poder de um rei é que deve ser digno de o ser. Devido a esta resposta, o último rei Merovíngeo foi deposto e, no ano de 751, inicia-se a dinastia Carolíngia.

Deposição de Childerico III - Antes de ser enviado para um mosteiro, cortaram-lhe os cabelos. O Cabelo longo fazia parte da identidade dos reis merovíngios que, segundo as suas crenças, possuía poderes mágicos e dava-lhes força.



Os descendentes de Carlos Martel seguiram as mesmas estratégias no que toca a fazer alianças:

- Criar laços com Senhores oferecendo, em troca, terras e títulos senhoriais:

Dux - «Chefe ou «Líder»»; eram sempre líderes militares. As terras governadas pelos *dux* (duques) passaram a chamar-se Ducados. Eram os mais importantes generais das coroas.

Condes - (do Latim *comes*, que significa «aquele que acompanha», mais tarde «Companheiro»). As terras passaram a ser conhecidas como Condados.

Vicecomes - Mais tarde «Viceconde ou Visconde», começaram por ser os que substituíam o conde, quando este falhava na sua missão, morria ou era ferido no decorrer de uma batalha. No século X tornou-se hereditário.

Cavaleiro - Correspondia a um grau não muito alto da hierarquia. Para ser considerado como tal, bastava ter um cavalo e possuir uma ascendência nobre. Isso não impediu que alguns indivíduos de origem não-nobre pudessem ascender a Cavaleiros. Eram aqueles que constituíam a maior parte dos exércitos senhoriais.

Escudeiro - Era um grupo constituído pelos indivíduos que pertenciam ao grau mais baixo na Nobreza. Também podia ser o grau dado aos jovens filhos dos vassallos que, para preparar a sua vida de Cavaleiros junto do seu Senhor, serviam-no como escudeiros. Através do seu esforço e dedicação o Senhor recompensava-os. Estes trabalhavam quase sempre como acompanhantes dos seus superiores, transportando mensagens, cuidando do seu vestuário, calçado e tratando do seu cavalo.

Suserano e Vassalo:
Cerimónia de Vassalagem



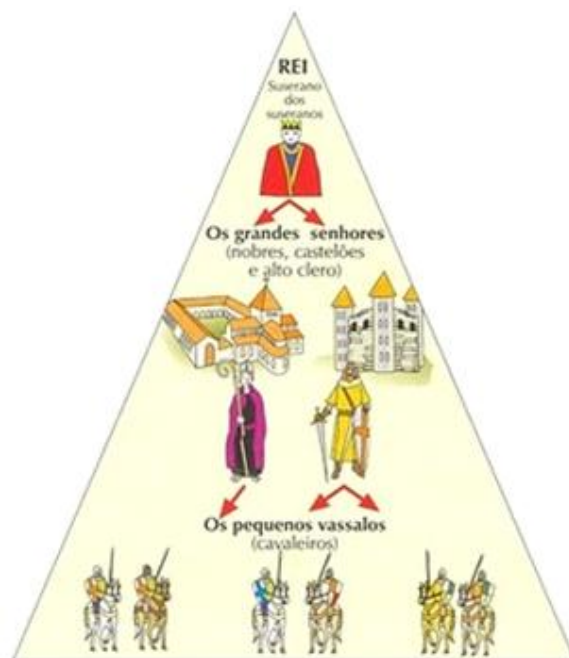
Aqueles que se colocavam ao serviço de um líder que lhes prometia terras e títulos tornavam-se seus **Vassalos**. Prestavam-lhes **Vassalagem**. Os que eram servidos pelos Vassalos tornavam-se seus **Suseranos**. Um Senhor podia ser Vassalo e, simultaneamente Suserano. Como é que se explica esta pirâmide?

Vamos ver um exemplo: imagina que não és um Grande Senhor; não estás ao lado do rei nem na sua corte; não tens grandes posses nem grandes terras; tens um título de «Conde» ou «Viceconde», mas não és um «Duque». Qual é a tua situação, em termos de laços de vassalagem? Bem, és Suserano dos homens que te servem (servos, camponeses, cavaleiros do teu exército). Até podes ter outros senhores locais que reconheçam o teu poder na região e se coloquem ao teu serviço e se tornem, eles próprios, teus vassalos. No entanto, tens sempre Senhores mais poderosos acima de ti. És vassalo deles e presta-lhes serviços. E eles são teus Suseranos.

Acima de todos os Senhores, maiores ou menores, o **Suserano sobre todos os Suseranos**, estava o rei.

Com o passar dos séculos, os títulos aumentaram. De qualquer forma, a pirâmide será sempre a mesma: os servos e camponeses são vassalos de pequenos e grandes senhores. Os senhores são vassalos de um Senhor maior e todos são vassalos do rei. O rei, por sua vez, só tem de responder perante Deus. Segundo a mentalidade medieval, o rei é um escolhido, que nasceu de propósito para ficar no seu lugar de monarca.

Pirâmide de Vassalagem - a partir do século X



Os descendentes de Carlos Martel também lutaram para manter as fronteiras e converter as populações ao Cristianismo pela força das armas. Apoiaram a Igreja, que se tornava cada vez mais dependente dos seus exércitos para defender a sua sede, em Roma, dos ataques dos reinos vizinhos (a Lombardia, por exemplo).

A Relações de interdependência não foram só feitas entre Senhores das terras, foram também realizadas com membros do Clero. Este sistema de interdependência entre os vários poderes, menores e maiores, em troca de serviços e terras passou a ser conhecido como **Feudalismo**. Nasceu na França e espalhou-se em vários países da Europa. No entanto este sistema não foi introduzido na mesma altura (em algumas nações chegou mais tarde) e não foi igual em todos os

reinos. Temos o exemplo de Portugal que teve uma forma de Feudalismo que nunca foi tão rigoroso nem tão rígido como aquele que encontramos na França.

OS CONTRATOS DE VASSALAGEM

A partir do século IX e X, as alianças entre Senhores e Vassalos começaram a ser feitas de forma ritualizada. Quando alguém desejava colocar-se sob a protecção de um Senhor, tinha que passar por um ritual que era considerado sagrado e que era realizado em três etapas:

- **Homenagem** - O candidato a vassalo colocava-se de joelhos diante daquele a quem desejava servir. O Senhor perguntava- -lhe, então se queria submeter-se à sua autoridade. O candidato, por sua vez, respondia: «assim o quero». A cerimónia era completada com o fechar das mãos do Senhor sobre as do Vassalo e um beijo. Desta forma passava a ser olhado por todos como «homem de um senhor».

Suseranos e Vassalos - Os brasões dizem tudo: atrás do maior vem o menor, cada qual com os seus vassalos.



- **Juramento de Fidelidade** - Nesta fase o «homem de um senhor» precisava de tornar sagrada a sua promessa, através de um juramento. Durante milhares de anos acreditou-se que as palavras tinham poder, uma «essência mágica». Quando se fazia um juramento, essa força sobrenatural caía sobre a pessoa que jurava, tornando-a ligada, através de uma espécie de «laço invisível» a esse compromisso. É por isso que, ainda hoje, acreditamos que uma jura não pode ser quebrada. Nesta fase o «homem de um senhor» jurava solenemente sobre as relíquias dos santos e sobre Deus que iria cumprir os seus compromissos para com o seu senhor: protegê-lo em caso de guerra (se fosse chamado tinha que vir com os seus exércitos em socorro do seu suserano); dar conselho e ajuda em todas as acções que o senhor desejasse tomar - sempre em seu benefício.

- **Investidura** - O Senhor pegava no seu bastão e colocava-o sobre o recém-vassalo, considerando-o como seu vassalo. Em troca desse compromisso oferecia-lhe um «feudo», uma porção do seu território, para que pudesse criar a sua própria riqueza e ter, também ele, homens a seu serviço. Também lhe oferecia protecção contra seus inimigos e assistência jurídica quando dela necessitasse.

Queres ver um Contrato de Vassalagem ao vivo?
Espreita só esta aula de História: [aqui](#).

O RENASCIMENTO CAROLÍNGEO

Pepino, o Breve sonhava, tal como os reis que o antecederam, em ressuscitar Roma. Tentou fazer reformas importantes para reforçar o poder do seu reino para, tal como aconteceu com o Império Romano, torná-lo soberano sobre os outros.

Uma das suas reformas foi de natureza **monetária**: conseguiu, pela primeira vez na Europa ocidental, cunhar uma moeda capaz de competir com aquelas que já existiam no mundo bizantino e árabe. No século VIII a riqueza de um rei ou de um Senhor feudal era vista pelo conjunto de terras, exércitos, homens e servos a seu cargo.

A Economia Europeia era essencialmente agrícola (embora também existissem alguns mercados) e baseada na prestação de serviços. A moeda era algo que pertencia de uma forma geral ao Oriente e ao Islão (incluindo o da Península Ibérica) que eram civilizações viradas para o comércio e que não criavam entraves para o florescimento económico. A moeda não era desconhecida dos reis europeus. Ao longo dos séculos os reis ocidentais da Alta Idade Média tentaram cunhar as suas, meras cópias das romanas, mas eram pouco usadas, eram de fraca qualidade em termos de metais preciosos e não tinham força diante das outras moedas vindas do Oriente. A moeda cunhada por Pepino, o Breve era feita segundo as medidas de ouro e prata que se utilizavam nas cidades como Constantinopla, por exemplo.



Moeda cunhada por Pepino, o Breve - «R» para «Rex» (Rei) e «P» para «Pepino»

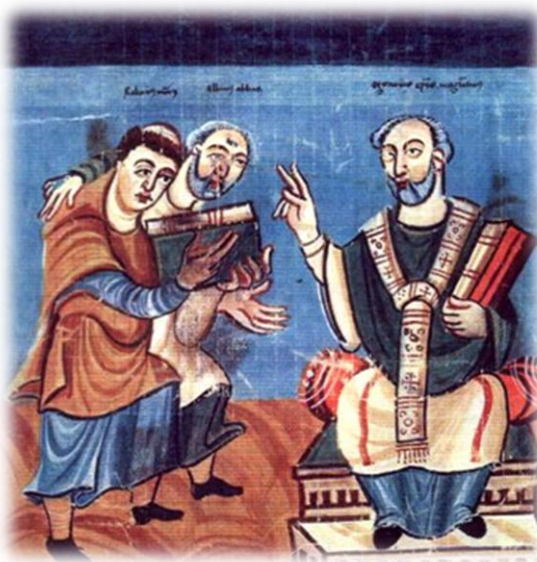
Graças a esta nova moeda, muitas riquezas que faziam parte das Igrejas (Cálices, Crucifixos, etc...) e casas de Nobres (jóias, cofres, etc..) foram derretidas e transformadas em moeda. Os metais preciosos, que estiveram «parados» durante tanto tempo, «retidos» na forma de objectos decorativos ou sagrados, passaram novamente a circular nas praças, mercados... revitalizava-se, assim, a Economia.

Com a reintrodução de uma moeda forte europeia, Pepino, o Breve encorajou outros reis europeus a cunhar as suas, exactamente com as mesmas medidas. A Europa estava, aos poucos, a tentar competir com as potências rivais. Contudo, este processo durará ainda mais dois séculos e só depois do ano 1000 é que se começarão a ver mudanças radicais. Por enquanto o Ocidente Europeu ainda vai viver mais um século a tentar combater invasores e a tentar assegurar as suas fronteiras.

Carlos Magno, seguindo o exemplo do pai, desenvolveu várias Reformas, sendo a mais famosa a da **Educação**. À medida que o seu Império crescia em território,

cresceu também a necessidade de imitar a Roma de Augusto, com o seu florescimento artístico e intelectual. À maneira de um imperador desejou ter uma corte inteligente, culta e erudita, que falasse correctamente o Latim, uma corte capaz de produzir obras que ficassem para a posteridade. Restaurou as antigas escolas, transformando-as em centros localizados em mosteiros, catedrais e cortes. O tipo de Ensino ali realizado era idêntico àquele que foi usado no Império Romano (*grammaticus, rector, etc.*

Alcuíno e Carlos Magno - este erudito e Raban-Maur são chamados pelo monarca para fundarem escolas e espalhar o Ensino pelo seu Império.



Também pagou a construção de monumentos e apoiou a criação de novas Bibliotecas. Como aliado da Igreja, procurou sempre apoiar os monges na cópia de vários manuscritos e na criação de iluminuras.

Teve como professor Pedro de Pisa, um gramático influente na época, que lhe ensinou Latim. O monarca, humildemente, colocou-se no lugar de um aluno. Três das figuras mais importantes deste Renascimento foram **Alcuíno, Teodulfo de Orleans e Raban-Maur** que compreendiam o Latim e eram versados na Literatura e Saberes Clássicos. Fundaram escolas que serviriam de base para as futuras universidades e que tinham uma secção de livros aberta aos que soubessem ler e quisessem aprender mais. Cumpriam a função das bibliotecas actuais.

Nas cortes do monarca faziam-se experiências com a música: novos tipos de cânticos, novos instrumentos (muitos deles de origem árabe). Nascia ali uma nova forma de cultura que não era apenas eclesiástica. Era uma **cultura cortesã**, totalmente diversa da religiosa.

Queres ter uma ideia de como soava a música na Alta Idade Média? Este é apenas um pequeno exemplo de música tocada na corte. É um excerto do épico do sec. VIII. *Bewooulf*. As músicas costumavam ser longas: vê [aqui](#).

A SOCIEDADE SENHORIAL - PARTE II

No capítulo passado analisámos as origens das relações Feudo- -Vassálicas (como surgiram e como se desenvolveram).

Explicámos também que existia uma pirâmide de suseranos e vassalos, onde o menos poderoso prestava serviço ao mais poderoso sendo o rei suserano de todos os suseranos. Falta analisar **os tipos de terras** que o Senhor possuía e que relações ele tinha com aqueles que as trabalhavam.

Domínio Senhorial



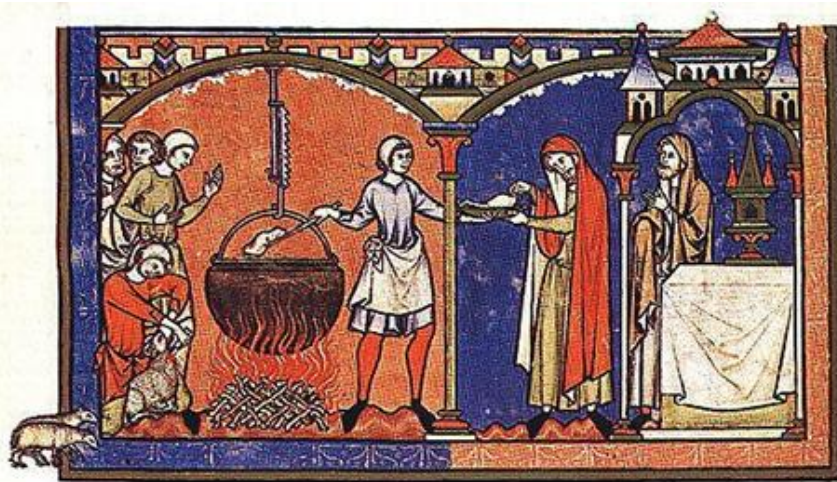
A Economia, como nós já sabemos, era essencialmente agrícola, composta por terras e prestação de serviços. Já existia uma componente mercantil, com um comércio que foi crescendo a partir do século X. Mas toda a Riqueza era baseada na terra, na terra herdada ou ganha como recompensa. Só através dela é que se ascendia na pirâmide social. Mesmo quando as cidades começaram a crescer no século XI e um novo tipo de habitantes surgiu (os Burgueses - falaremos neles mais tarde), a riqueza continuou a ser agrícola. E manteve-se desta forma por muito, muito tempo.

A Terra pertencia à Igreja e aos Senhores (grandes e pequenos), quetiravam proveito dela, usufruíam dela, possuíam e geriam a sua riqueza.

Quando um Senhor (ou bispo poderoso) possuía uma grande terra, esta incluía terrenos de cultivo, bosques, terrenos de pastagem e até zonas quase despovoadas de vegetação (baldios). Nela também existiam edifícios onde se produziam vários tipos de produtos como moinhos (farinha), lagares (vinho - quando tinham uma vinha na sua terra ou nas proximidades), fornos (alimento) e forjas (metalurgia), entre outros. Toda esta extensão era conhecida como **Domínio Senhorial**. Podes ter uma ideia de como podia ser, pela imagem que vês acima.

Nos Domínios senhoriais existiam: as **Reservas** que eram exploradas pelos seus Senhores e cultivadas pelos camponeses ou servos que ali viviam. Era também nas reservas que se encontravam os lagares, fornos, forjas e moinhos. E existiam os **Mansos** (que em Portugal serão conhecidas como **Casais**). Este tipo de terreno era

arrendado pelo Senhor a uma família de camponeses que passariam a explorá-la e a viver nela durante gerações, desde que cumprissem o que prometiam: prestar serviços gratuitos em outros lugares do Domínio Senhorial e dar uma porção daquilo que produziam.



Pagamento por géneros - parte daquilo que os camponeses dos Mansos produziam era dada ao Senhor

Também existiam terras que não pertenciam a ninguém. Eram quase sempre situadas nas orlas das florestas ou mesmo dentro delas. Ali os camponeses tentavam produzir as suas próprias colheitas ou trabalhavam-nas de forma colectiva, partilhando o espaço com os outros aldeãos que depois partilhavam a colheita entre eles.

Qual é diferença entre camponês e servo? Nesta época, as palavras eram praticamente sinónimas. A Servidão era a condição legal do camponês. Esta condição teve a sua origem nos tempos da decadência do Império Romano, quando as profissões passaram a ser hereditárias e quando muitos Romanos se colocaram sob a autoridade dos senhores rurais, em troca de protecção e sustento. A partir de então desenvolveu-se um Sistema Social em que a condição de uma pessoa já estava determinada logo à nascença. O camponês era forçado a viver sob o poder do seu Senhor e a trabalhar os seus domínios. Mas também não se deixem cair em *clichés*: a ideia de que os camponeses eram mantidos à beira da fome para serem melhor controlados pelos seus Senhores é, em grande parte, um mito. Havia, sem dúvida, Senhores mal-formados e sem sentimentos que, de facto, tratavam mal os seus Servos. Mas na sua maioria protegiam os habitantes rurais dos seus domínios. Não lhes convinha nada que as populações morressem à fome, porque uma população mal alimentada não trabalha bem a terra e não produz em condições. É preciso não esquecer que os trabalhos do campo precisam sempre de energia e força para serem bem feitos. Outros Senhores nem se importavam se os camponeses estavam bem alimentados, desde que os servissem convenientemente. Eram dois mundos totalmente separados e distantes. A maioria dos Servos nunca chegava a ver o seu Senhor em toda a sua vida. Eram os representantes das famílias dos camponeses que se dirigiam à casa senhorial para prestar serviço, pagar tributo ou entregar géneros, deixando a mulher e os filhos nas terras onde viviam. Ou então eram homens ao serviço do Senhor que se dirigiam às casas dos camponeses para recolher as rendas.

Para além do trabalho forçado tinham que pagar impostos. Eram variados, numerosos e diferentes de localidade para localidade. Os mais frequentes eram quase sempre estes: **Géneros** - parte daquilo que produziam; **Corveias** - Serviços gratuitos em determinados dias da semana nos moinhos, fornos, fazendas,

estábulo, etc...; **Banalidades** - Quando um camponês não tinha, por exemplo, um forno para cozer o seu pão, precisava de se servir do forno que existia nos domínios senhoriais. Nesse caso, ele pagava uma Banalidade: tinha que dar parte do pão que cozia. O mesmo se passava com a farinha, por exemplo. Se ele se servisse do moinho do Senhor, tinha que dar uma porção da farinha que ali moía.

Pagamento ao Senhor



Quando um camponês não conseguia pagar o que estava estipulado era punido pelo seu Senhor, que tinha poder jurídico sobre ele. É preciso não esquecer que a Igreja também tinha Domínios seus e possuía todos estes direitos senhoriais sobre aqueles que trabalhavam nas suas terras.

UMA SOCIEDADE DE ORDENS

Quando dizemos que, na Idade Média, a condição de um indivíduo estava determinada desde o nascimento, estamos a falar num sistema social rígido, do qual muito poucos saem. São raros os relatos de indivíduos que subiram de posição. Quanto mais baixo é o seu estatuto na sociedade, mais difícil é para ele subir na pirâmide social

O Homem medieval acreditava que cada pessoa estava sujeita a uma **Ordem** que foi criada por Deus, antes mesmo da Criação do Mundo: um camponês nasceu camponês porque Deus tinha decidido que seria essa a sua condição. O mesmo se passava com os Homens da Igreja, os Nobres e o Rei. Um rei era rei porque Deus assim o determinou. A Idade Média não tem «classes sociais» como as entendemos. Ela segue uma «ordem», um plano ordenado por Deus. É, portanto, uma **Sociedade de Ordens**.



As Três Ordens Medievais - Em cima: os Clérigos, Rei e Senhores;

Em baixo: os homens urbanos (Burgueses) e Camponeses.

A sociedade medieval estava dividida em três grupos: **Oratores** (os que rezam); **Bellatores** (os que guerreiam - e governam); **Laboratores** (os que trabalham). A História, por convenção chamou-lhes Clero, Nobreza e Povo. Mas esta terminologia (Classificação) não é totalmente exacta. O Povo também pode incluir os Burgueses, habitantes da cidade. Ora os Burgueses só começam a surgir a partir dos séculos X/XI. O seu nome deriva de «Burgo», que eram as povoações que foram sendo construídas junto às muralhas exteriores das cidades medievais. Estes indivíduos não eram nem camponeses, nem nobres, nem homens do clero, eram essencialmente comerciantes, mercadores e artesãos especializados. Como colocá-los no Grande Esquema de Deus? As iluminuras que representam os Burgueses são tardias (da Baixa Idade Média) e «encaixam» a Burguesia acima dos camponeses e abaixo da Igreja, Rei e Senhores Feudais. É como se a Ordem dos *Laboratores* se tivesse dividido em dois grupos diferentes. Abaixo deles estavam os escravos. Não eram muitos, mas também existiam. A sua situação, como sabemos, era precária.

Quebrar a sua condição era quebrar as Leis de Deus. Qualquer indivíduo que pretendesse subir ou desejasse ser mais do que aquilo que era seria castigado pelas autoridades locais por «subverter a ordem natural».



A Ordem Natural do Mundo - Senhor Feudal ao centro, rodeado de Clérigos (à esquerda) e família nobre (à direita). Os servos (camponeses) estão a seguir o seu papel: a servi-los.

ORATORES - A IGREJA

No grande Plano Divino estão os *Oratores*, aqueles que rezam. São considerados os que estão mais próximos de Deus. Detêm imensas riquezas e privilégios, estão isentos de impostos.

Isenções e Privilégios - Um Bispo abençoa uma feira. Reparem no tamanho dos outros. Se uma pessoa é menor do que a outra, significa que é considerada inferior.

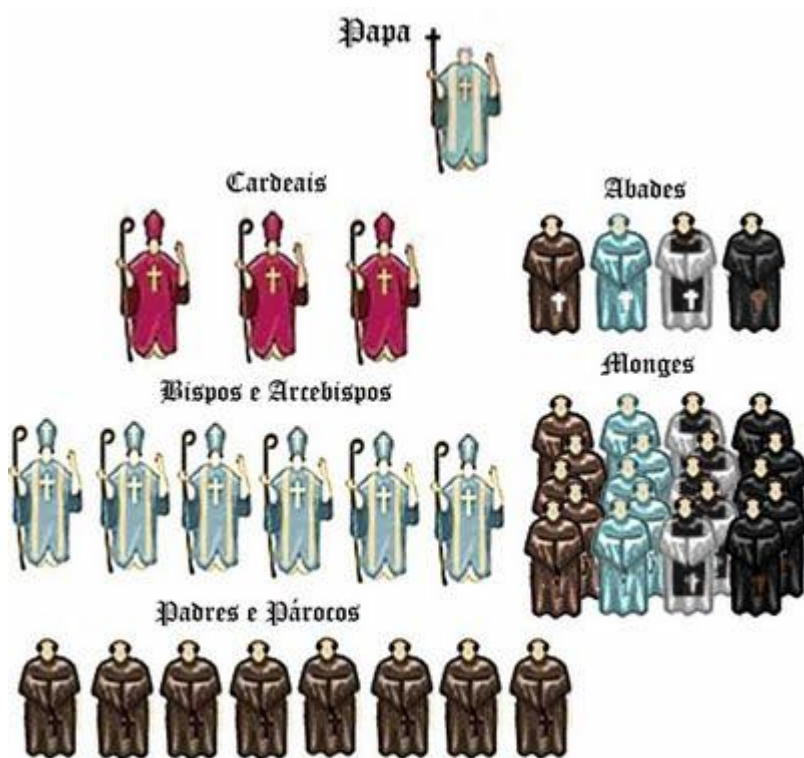


Eram a ordem mais culta, devido ao facto de todos saberem ler e escrever. Tinham acesso às bibliotecas dos mosteiros que estavam cheias de livros de variados assuntos, desde Literatura e Direito Clássicos, passando pela Religião e Teologia, até a Livros de Medicina e Astronomia. A Igreja estava em todos os lugares estratégicos da sociedade medieval. Detinham os cargos administrativos mais importantes e prestavam conselho em todas as cortes. As alianças matrimoniais não estavam completas sem a sua bênção e os reis eram coroados pela mão de um bispo ou Papa. A Igreja era uma força unificadora, o «cimento» que unia todos os que viviam na Cristandade.

Os Clérigos estavam divididos em dois tipos: **Clero Regular** e **Clero Secular**.

Clero Regular (do termo «Regra») - Viviam afastados do mundo em Mosteiros e Abadias, seguindo a Regra de S.Bento (ou inspirada nele). Eram os Frades, Monges e Abades.

Clero Secular - Viviam nas cidades e aldeias, em dioceses e paróquias. Estes lidavam com as almas, de uma forma directa. Os Bispos e Arcebispos governavam as cidades. O Cardeal ficava na Sé do reino. Eram aliados dos Nobres, frequentando as suas casas e participando nas decisões políticas da cidade. Já os Padres e Párocos viviam nas paróquias e ocupavam-se das almas das populações mais humildes. Os Padres, Párocos e Monges eram considerados como pertencendo ao «Baixo Clero», devido à sua posição na hierarquia da Igreja. Os Abades, Bispos, Arcebispos e Cardeais eram considerados como «Alto Clero».



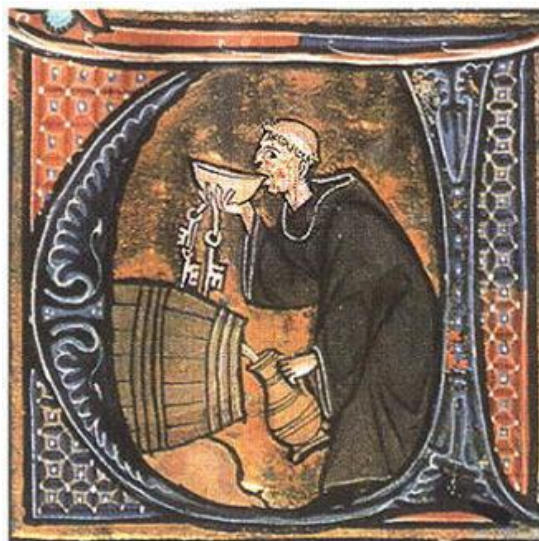
Hierarquia do Clero

AS GRANDES REFORMAS RELIGIOSAS DO SÉCULO X

Já mencionámos, num capítulo anterior, que a Igreja se tinha tornado dependente da dinastia Carolíngia. Apesar de ser uma força unificadora desde a Queda do Império, a situação dos Clérigos foi muitas vezes instável. Isto pode parecer contraditório: afinal a Igreja é, ou não é poderosa? A verdade é que os *Oratores também* dependiam do poder secular (não-religioso) para sobreviver. Havia demasiadas guerras entre reinos e ainda havia muitos pagãos na Alta Idade Média que atacavam as fronteiras cristãs. Os mosteiros e as igrejas precisavam de protecção porque eram presa fácil para os invasores que tinham tendência a pilhá-las e saqueá-las. Na tentativa de sobreviver eles colocaram-se ao lado de reis poderosos para assegurar a sua estabilidade. Em troca aconselhavam-nos e auxiliavam-nos nas questões administrativas e jurídicas. Era uma relação de mútua dependência. A Igreja só se tornará todo-poderosa a partir do século X, quando tenta colocar-se acima de todos. Por isso podemos separar a História da Igreja da Idade Média em dois momentos:

Até ao século IX - Vive dependente das boas vontades dos Senhores e Reis. Os Papas e Bispos têm exércitos, tal como os Senhores Feudais. Têm Vassalos a seu cargo e servos que cuidam da sua terra. Os Senhores protegem bispos e papas consoante a oportunidade e lutam uns com os outros para colocar no poder o papa que desejam. A Igreja, por seu lado, alia-se aos líderes que irão favorecer as suas causas e a sua posição. Bispos e Abades são parentes dos Senhores.

Monges e Vícios - Neste caso, o vinho



Neste período o Clero Secular (e mesmo Regular) foi criticado pelos seus contemporâneos por causa do seu estilo de vida: tinham excesso de bens, misturavam-se com a nobreza, vivendo numa vida de luxo e exibindo, sem vergonha, a sua riqueza.

Havia duas grandes «pragas» no seio do Clero: a **Simonia**, que consistia em comprar cargos religiosos (sim, podiam-se comprar estes cargos, até o cargo de Papa!) e a **Imoralidade** entre os Clérigos que não respeitavam o Celibato.

A Partir do século IX - A Igreja começa a reforçar o seu poder, graças às ordens de Cluny e de Cister.

CLUNY

Cluny surgiu primeiro, fundada em 910 por Guilherme, o Piedoso. Este nobre de Aquitânia (França) desejou que a Regra de S.Bento regressasse e voltasse a ser praticada entre os monges. A Ordem de Cluny dava uma grande ênfase à Oração. Ela ocupava a maior parte dos dias dos monges. Acordavam muito cedo e oravam. Oravam quando trabalhavam, oravam quando copiavam os documentos, oravam ao deitar-se, oravam em silêncio. O Silêncio, nesta ordem também era olhado como sendo uma «escada para o céu». Através do Silêncio atingia-se Deus com maior facilidade. Os monges de Cluny rezavam pelas almas dos mortos. A oração às almas permitia que estas não fossem esquecidas por Deus e chegassem ao Paraíso mais cedo. Cluny rezava pelo rei, pelos senhores, pela comunidade que os servia.

Viviam pobremente, trabalhando com as mãos, algo que era visto como inferior na sociedade medieval. Mas amavam a Beleza e a Música e dedicavam-se ao Canto Gregoriano.

Eis três exemplos de música que se cantava nos mosteiros: [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#).

A Música, tal como o Silêncio era uma outra forma de chegar a Deus. As suas abadias eram obras de Arte a nível de Arquitectura. Também se dedicavam à tradição de copiar manuscritos e a aperfeiçoar a Arte da Iluminura. Cluny pretendia viver afastada do mundo exterior, com as suas tentações e vícios.

Desde a fundação que se colocaram sob a autoridade directa do Papa para não depender de Bispos ou Senhores Nobres. Não desejavam ter que responder perante ninguém a não ser ao Papa. O respeito que esta ordem recebeu foi quase imediato. Os Senhores poderosos encomendavam aos monges de Cluny orações para os seus parentes defuntos e ofereceram terras e dinheiro (já havia moeda forte, nesta altura). A Ordem começou a ter uma fama de santidade e muitas pessoas dirigiam-se a ela, em peregrinação. Muitos mosteiros começaram a imitar este estilo de vida. Redes de estradas foram criadas para ligar os mosteiros Cluniacenses. Em troca os monges ofereciam assistência aos aflitos, criando hospitais numa ala exterior dos seus mosteiros. Este gesto de piedade inspirou até os que não pertenciam ao Clero. Iniciou-se uma «onda de solidariedade» para com os pobres e miseráveis. Muitas casas abriam as portas a mendigos ou viajantes, colocando mais um prato nas suas mesas.

Canto Gregoriano entre monges
Cluniacenses



O impacto de Cluny sentiu-se por toda a Europa. E, dado que os monges cluniacenses só respondiam perante o Papa, a escolha de um novo Pontífice era mais justa, baseada em interesses que não cobrissem as vontades dos Reis e Senhores Nobres. Combateram deste modo a Simonia e a Imoralidade, através da punição e excomunhão dos clérigos que não respeitassem as leis da Igreja. A Ordem enriqueceu e tornou-se poderosa e influente em muito pouco tempo. Dela saíram Papas que propagariam esta nova forma de pensar durante os seus pontificados. Um deles foi Gregório VII (1025-1085). Este iniciou reformas importantes dentro e fora da Igreja que mais tarde foi conhecida como Reforma Gregoriana. Graças a elas o espírito da paz começou a ser imposto às casas reais e senhoriais. Eis as três mais importantes, que mudaram a face da sociedade senhorial no final da Alta Idade Média:

Tréguas de Deus - As lutas constantes entre nobres e senhores feudais tinham que terminar. Foram instituídas as «Tréguas de Deus» entre os exércitos rivais. O que eram as Tréguas de Deus? Era uma forma inteligente de impedir a prática da guerra. Quando um Senhor se irritava com outro Senhor e declarava guerra, era necessário esperar um certo tempo (40 dias) até que os exércitos fossem autorizados a batalhar.



As Tréguas de Deus - As contendas entre Senhores Nobres diminuiu.

Durante esses 40 dias os desavindos teriam que reflectir na sua decisão, rezar e pedir conselho ao clérigo da região (que os aconselhava sempre a não guerrear). Esta lei impediu imensas querelas porque os mesmos Senhores, 40 dias depois, já não tinham vontade de lutar. A ira já tinha passado e acabavam por fazer as pazes, sempre com um bispo ou padre a abençoá-los e perdoando os seus pecados. Foi desta forma que a Nobreza começou a ser, progressivamente, pacificada.

Heranças e Sucessões - Foi neste período (sec. X) que a Igreja começou a persuadir os nobres a transmitir as suas heranças aos primogénitos (1º filho). As sucessões aos tronos dos vários reinos começaram, pouco a pouco a ser feitas desta forma, em datas diferentes de reino para reino. Infelizmente os outros filhos ficavam sem nada para si e tinham que depender da boa vontade do irmão mais velho. Muitas vezes colocavam-se sob a autoridade de um senhor, sonhando em adquirir como recompensa terras para si próprios. A nova maneira de transmitir heranças pacificou as famílias europeias e diminuiu as guerras dentro das famílias reais.

Culto a Nossa Senhora - Temos tendência a olhar para a Religião Católica como uma religião que coloca Nossa Senhora acima de toda a Humanidade, quase no mesmo patamar que Jesus Cristo. Esquecemo-nos de que a veneração a Maria foi relativamente tardia.

Sem dúvida que os Cristãos rezavam a Maria e mencionavam-na nas suas preces a Jesus. No entanto, nunca existiu até ao século XI um culto tão importante totalmente dedicado à mãe de Deus, com Igrejas que lhe fossem especificamente dedicadas. Havia, na época, uma outra figura feminina que era venerada pelos medievais: Maria Madalena.

Episódios da vida de Maria - Esta Iluminura pertence a um Livro de Horas, um livro onde estavam escritas as orações que se deviam fazer ao longo dos dias, meses e anos. Os Livros de Horas foram muito utilizados pela Ordem de Cluny.



Esta era alvo de um culto inteiramente organizado, com rotas de peregrinação e igrejas que alegavam guardar relíquias da Santa: cabelos, lágrimas, pedaços de um vestido seu, etc... Maria, mãe de Jesus substituiu Maria Madalena, graças à Ordem de Cluny, que incentivou os fiéis a rezar àquela que consideravam «a mulher mais importante da História».

CISTER

Com o passar das décadas a Ordem de Cluny começou, também, a decair em termos de pureza e moralidade. Quase um século depois, um grupo de monges descontentes deixou a ordem de Cluny e, guiados por Robert de Champagne, refugiaram-se na Borgonha, em Saint-Nicolas-lès-Cîteaux. Ali fundaram em 1098 uma abadia que passaria a ser conhecida como **Abadia de Cister** (Cîteaux - Cister). O nome passou a ser dado aos monges que seguiam a reforma religiosa propagada por Robert de Champagne: renovação da regra de S.Bento, com a vida austera, baseada em oração, trabalho manual e poucos bens materiais.

Ora e Labora - «Reza e trabalha» era um dos lemas do Clero Regular. Na Ordem de Cister o trabalho era feito pelos «convertidos»



Os seus mosteiros tinham um tipo de planta diferente. Tinha duas áreas principais: a primeira era semi-aberta ao público, onde trabalhavam os «monges conversos» (quase sempre aqueles que acabavam de entrar para o mosteiro). Ali trabalhavam em quintas, granjas e vinhas, armazenando, vendendo e gerindo a riqueza do mosteiro. Eram autênticas Unidades de Produção: a Riqueza era produzida, vendida e armazenada. A segunda ala pertencia à dos monges de clausura. Estes viviam os seus dias lendo, copiando textos, a cantar e a orar em silêncio. Não significa que os «conversos» fossem considerados inferiores. Simplesmente faziam outro tipo de serviço.

Uma das figuras mais importantes desta Ordem foi **S. Bernardo de Claraval** (1090-1153), um monge cisterciense que, devido ao seu carisma e dom para a palavra conseguiu propagar a ordem por toda a Europa ocidental. Cister apoiou os Cristãos nas Cruzadas e está associada à criação de uma nova ordem, a dos **Templários** (originalmente chamava-se Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão). Foi no concílio de Troyes, em 1128, que S. Bernardo convenceu o papa Honório II a aprovação para a sua criação e escreveu, ele mesmo, os seus estatutos (Regulamento).

No entanto a Europa modificou-se desde o ano 1000. Uma das grandes revoluções, surgida na França, foi o aparecimento das novas escolas urbanas, precursoras das Universidades: o Ensino ali ministrado foi considerado perigoso aos olhos dos monges e abades cistercienses. Este Ensino levava os alunos a raciocinar através do uso da Lógica e a questionar a realidade. As novas escolas urbanas introduziram ideias novas e conhecimentos ligados aos ramos da futura Ciência. A Ordem de Cister valorizou sempre a Tradição, o Dogma, a aceitação da Realidade tal como ela era, sem a questionar. Por isso procurou sempre controlar estas novas escolas e, mais tarde, as Universidades, quando estas apareceram no século XII. O Ensino das Universidades acabou sendo controlado pelo Papa, graças ao empenho da ordem de Cister.

Alfinete de Peregrinação - Era usado na roupa (de alguém mais abastado) nas viagens de Peregrinação.



No século XII a Igreja já era todo-poderosa. Era ela quem detinha as rédeas do poder sobre todas as casas reais e senhoriais. Apesar de viverem num mundo diferente, com escolas universitárias, uma cultura produzida fora dos mosteiros e línguas novas que substituíram o Latim, os *Oratores* sempre se souberam adaptar. Por muito que a Europa mudasse, um papa sempre estaria sempre por detrás de um rei, um bispo estaria sempre a viver numa cidade e um padre estaria sempre numa paróquia. A próxima crise na Igreja só surgiria no final da Idade Média, no século XIV. Mas este é um capítulo que ficará para depois.

*** CRISTÃOS E MUÇULMANOS NA PENÍNSULA IBÉRICA *****AL ANDALUS -1ª PARTE****OCUPAÇÃO ISLÂMICA DA PENÍNSULA IBÉRICA**

Como já foi dito, no século VII d. C., os Árabes convertidos ao Islamismo têm dois objectivos principais: alargar os territórios do seu califado e espalhar o mais possível a influência do Islão. Com esse fim iniciam uma expansão quer para oriente quer para ocidente.

No início do século VIII d. C., o poder muçulmano já se encontra bem estabelecido no noroeste de África. Entretanto, na Península Ibérica, os reinos visigóticos encontram-se em desagregação acelerada, devido a lutas internas pelo poder e a divergências de toda a espécie, os Muçulmanos aproveitam a fraqueza destes reinos cristãos e, **em 711**, um grupo de Muçulmanos (que incluem Árabes, Sírios, Persas e Berberes e a quem os Cristãos chamam Mouros) atravessa o Estreito de Gibráltar e em pouco tempo ocupam a quase totalidade da Península Ibérica aí estabelecendo uma civilização que ficou conhecida como **Al Andalus**.

Mouro



(Mouro é o habitante da Mauritânia, no Noroeste de África. Como foi daí que partiram os Árabes que conquistaram a Península Ibérica, os Cristãos aí residentes passaram a chamar Mouros a todos os Muçulmanos do *Al Andalus*)

O domínio islâmico na Península Ibérica pode dividir-se em vários períodos:

- Período da conquista da Península, regida por Governadores dependentes do **Califado de Damasco**, onde reinava a **dinastia Omíada**. Vai de 711 a 756.
- **Emirado de Córdoba**, de 756 a 929.
- **Califado de Córdoba**, de 929 a 1031.
- Primeiros reinos de **taifas**, de 1031 a 1090.
- **Período almorávida**, de 1090 a 1146.
- **Segundos reinos de taifas**, de 1145 a 1150.
- **Período almóada**, de 1146 a 1228.
- **Terceiros reinos de taifas**, de 1228 a 1262.
- **Reino de Granada**, onde governou a dinastia **Nasrida** entre 1238 e 1492.

Vamos resumir aqui um pouco do que aconteceu nos períodos considerados mais importantes.

EMIRADO DE CÓRDOVA

Em 750, a dinastia Omíada cai em Damasco e o poder é tomado pela **dinastia dos Abássidas**. O único sobrevivente do massacre que a família omíada sofre é o príncipe *Abd al Rahman* que foge com o seu exército para a Península Ibérica e se instala em **Córdova em 756**. Aí toma o título de Emir (título de nobreza inicialmente atribuído aos descendentes de Maomé e que mais tarde significa comandante, chefe) e declara-se independente do califado dominado pelos Abássidas.

O novo emir lutou contra vários reis cristãos, o mais importante dos quais foi Carlos Magno, rei dos Francos. Contudo, o emirado de Córdova preferiu sempre as relações diplomáticas e manteve-as com muitos reinos cristãos, incluindo o Império Bizantino.



Selo de 1986 em homenagem a Abd Al Rahman

CALIFADO DE CÓRDOVA

A fim de evitar as lutas internas pelo poder que levavam a que, de vez em quando, alguns grupos se declarassem a favor dos Abássidas e do Califado de Damasco, o emir *Abd al Rahman II*, em 920, autointitulou-se **Califa**. O título tornava-o independente quer politicamente quer religiosamente dos Abássidas. Pacificou em seguida todo o sul da Península que passou por um período de paz.

Entre 978 e 1002, *Muhamad Ibn Abi Amir* (que ficou conhecido nas crónicas cristãs sob o nome de Almançor - do Árabe *al Mansur* - o Vitorioso) é o *hajib* do califa *Hisham II*. *Hajib* é o prefeito do Palácio, um cargo muito importante quase equivalente a primeiro ministro. Almançor consegue que o califa lhe dê poderes quase plenos e passa a reger o califado de Córdova. Nessa qualidade combate vários reinos cristãos e chega mesmo a destruir o santuário de Santiago de Compostela, em 997. É também ele que consolida o domínio de *Al Andalus* na parte ocidental do Magreb (Norte de África).

Quando Almançor morre, o cargo passa para o filho, *Abd al Malik* e, deste, passa para seu irmão *Abd Rahman Sanchuelo* (assim chamado por ser neto do rei cristão de Navarra Sancho Garcés II. Sanchuelo consegue ser nomeado para o cargo pelo califa passando por cima de descendentes nobres Omíadas. Isso gera uma enorme revolta que vem a dividir o califado e a dar origem aos reinos das taifas.

O **califado de Córdova** é considerado o período de máximo esplendor da Civilização Islâmica na Península Ibérica. Há mesmo quem o considere o auge da Civilização Islâmica em todo o mundo.

Mesquita de Córdoba
(hoje Catedral)



PRIMEIROS REINOS DAS TAIFAS

A desagregação do califado de Córdoba tinha começado muito antes da nomeação de Sanchuelo para o cargo de *hajib*. As constantes lutas e a anarquia acabam por levar à fragmentação do território, dividido em pequenos reinos conhecidos como **taifas** (do Árabe *al ta'ifa* - bandeira, estandarte). Cada um destes reinos é baseado na unidade étnica. Assim, os de origem eslava estabeleceram-se a leste e os de origem berbere no centro e no sul da Península.

Os Cristãos apressaram-se a aproveitar esta divisão e consequente fraqueza. É assim que, entre outras pequenas conquistas, Fernando I, rei de Castela e Leão, conquista **Coimbra** em **1064**.

PERÍODO ALMORÁVIDA

Em 1085, os Cristãos conquistam Toledo. *Al Mutamid*, rei da taifa de Sevilha, preocupado com o avanço cristão, pede ajuda ao emir *Yusuf*, governador da dinastia berbere dos **Almorávidas**, que dominava o norte de África. Em 1086 os Cristãos são derrotados por Yussuf na batalha de Zalaca. Os Almorávidas conquistam então as várias taifas e acabam por integrar *Al Andalus* no seu Império.

Batalha de Zalaca



Este período foi de opressão sobre os não muçulmanos e até mesmo sobre os muçulmanos que discordassem do Islão fundamentalista e intransigente defendido pelos Almorávidas. Foi, também, um período de estagnação artística e cultural.

Durante este período, Afonso I de Aragão e Afonso VII de Castela atacam os Almorávidas e, em **1118**, **Saragoça** passa a ser Aragonesa.

O poder almorávida entra em declínio, o que vem a dar origem a uma nova divisão em novos reinos de taifas de pouca duração e interesse reduzido.

PERÍODO ALMÓADA

Em África, a dinastia Almorávida é substituída por uma nova dinastia, também berbere, a dos **Almóadas**. Em 1145, o califa *Al Mu'min*, da nova dinastia, conquista as taifas da Península Ibérica e dá origem ao poder Almóada em *Al Andalus*.

O novo poder governa a partir da sua capital, em Marraqueche (Marrocos) e são ainda mais intolerantes do ponto de vista religioso do que os Almorávidas. Apesar disso, *Al Andalus* desenvolve-se economicamente neste período e um programa bem organizado de construções públicas tem lugar, principalmente em Sevilha, onde é erguida uma nova mesquita, um palácio, e mercados públicos arejados, grandes, e com um sistema avançado de higiene.



Torre de Ouro (antigo minarete da mesquita Almóada de Sevilha)

Neste período as **reconquistas cristãs** continuam sendo a mais importante a de **Lisboa (em 1147)**, por D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal.

Em **1211** dá-se a **batalha de Navas de Tolosa** em que Portugal, Leão, Castela, Navarra e Aragão se juntam para vencer e travar o avanço do poder almóada na Península. Em 1228, crê-se que apoiada por reis cristãos, rebenta em Múrcia uma revolta que em pouco tempo se espalha por todo o *Al Andalus*.

Segue-se, então, um terceiro período de divisão em taifas que dura pouco tempo. Os reis cristãos aproveitam a instabilidade e continuam a Reconquista: em **1236** é conquistada **Córdova**, em **1248 Sevilha** e, em **1249**, Afonso III de Portugal conquista todo *Al Garbh* - o **Algarve**.

REINO DE GRANADA

O avanço cristão no sul da Península durante todo o século XIII, leva o rei *Muhamad I ibn Al Ahmar*, do reino-taifa de Jaén, a declarar-se vassalo do rei de Castela, pedindo-lhe ajuda na luta contra os outros reinos. Fixa a sua capital em Granada e funda a dinastia dos **Nasridas** que, durante mais dois séculos e meio, virá a ser o último alento do poder islâmico na Península Ibérica.

Granada tornou-se um importante centro cultural e, durante algum tempo, fez reviver o esplendor e a glória do (então já extinto) califado de Córdoba. Basta dizer que esta dinastia foi a responsável pela construção do *Al Hambra*.

Al Hambra



Em 1491, o último rei desta dinastia, *Abu Abd Allah*, conhecido como *Boabdil*, rende-se aos reis de Castela e Aragão, os Reis Católicos, Isabel e Fernando e, em **1492**, Granada é integrada no reino de Castela. Em 1502 os Mouros que tinham permanecido foram obrigados a converter-se ou seriam expulsos. (Os Judeus já tinham passado pelo mesmo quase um século antes).

Diz a lenda que Boabdil chorou em altos prantos, totalmente desesperado, ao olhar as muralhas de Granada de onde tinha sido obrigado a sair e que sua mãe, que nunca tinha aprovado a rendição, lhe disse: «Chora agora como uma mulher o que não soubeste defender como um homem.».

Rendição de Granada



VIDA QUOTIDIANA

A população de Al Andalus era multi-étnica, multi-religiosa e multi-cultural. Era constituída por:

- **Muçulmanos** - de várias origens mas, principalmente Árabes e Berberes. Eram guerreiros, juristas, estudiosos da Religião e, mais tarde, geógrafos, botânicos, alquimistas, médicos, poetas, etc. Formavam a elite governante.
- **Moçárabes** - Cristãos que continuaram a seguir o Cristianismo, praticando o rito moçárabe, mas que adoptaram o vestuário e muitos dos costumes muçulmanos. Eram, na sua maioria, de origem visigótica. Geralmente eram agricultores, mercadores ou artesãos.
- **Muladis** - Cristãos convertidos ao Islamismo.
- **Judeus** - Exerciam o comércio e a recolha dos impostos. Foram também estudiosos tal como os Muçulmanos e, sobretudo, médicos famosos. Muitos deles eram os médicos de confiança dos emires e califas e também vários foram os encarregados das Finanças de *Al Andalus*.
- **Eslavos** - ao princípio eram escravos mas muitos foram libertos ou conseguiram comprar a liberdade. Alguns chegaram a cargos importantes no tempo das taifas e até a reis de algumas destas.

Como a maioria dos Eslavos vem para o Ocidente europeu, de início, na condição de escravos, a palavra «escravo» tem origem no nome destes Povos.

- **Africanos Negros** - inicialmente escravos ou guardas pessoais dos governantes. Mais tarde, muitos deles foram libertados, converteram-se ao Islamismo e integraram-se na restante população.

Cristão e Muçulmano jogando xadrez



Tanto os Moçárabes como os Judeus tinham vários privilégios:

- Liberdade de culto.
- Direito e juízes próprios e direito a ser julgados pelas suas próprias leis.
- Autoridades próprias.
- Liberdade de circulação.
- Liberdade de exercer um ofício.

Contudo, esses direitos vinham acompanhados de várias restrições:

- Pagamento de impostos de que os principais eram a *gízia* (imposto pessoal que lhes permitia viver em *Al Andalus* com os direitos acima citados) e a *carage* (imposto sobre o rendimento das terras que cultivassem ou possuísem);
- Interdição de exercer cargos políticos;

- Proibição de ter qualquer tipo de serviçal muçulmano;
- Proibição de um homem casar com uma muçulmana (O contrário era permitido porque se considerava que dependia do pai a religião em que seriam educados os filhos do casal.).
- Obrigação de habitar em bairros separados dos muçulmanos.

Toda esta população, que no século X chegou aos dez milhões, vivia em relativa harmonia numa região que possuía o conforto, o bem estar e a cultura mais avançados em toda a Europa e dos mais avançados em todo o Mundo.

As casas eram confortáveis e, as mais abastadas, possuíam jardins, pátios, paredes cobertas de tapeçarias luxuosas, objectos de luxo em cerâmica e vidro.

Nas zonas rurais ou nas cidades, para todos os habitantes abastados ou não, havia banhos públicos, os **hammam**, herdeiros das termas romanas, com várias salas de piscinas a diferentes temperaturas e com espaços para exercício físico, para leitura, etc. Tinham funções higiénicas e também de convívio. As manhãs estavam reservadas para os homens e as tardes para as mulheres. Após a Reconquista cristã, a maior parte destes banhos foi mandada encerrar por serem considerados imorais ou lugares de conspiração política.

Hammam do século X utilizados ainda hoje



Ao contrário da maioria das cidades cristãs da época, as ruas das cidades de *Al Andalus* eram **iluminadas por lamparinas a azeite** que eram mantidas por funcionários que também tinham a seu cargo a patrulha e a higiene das mesmas ruas. Isso tornava as cidades mais seguras e apelativas, até para a organização de festas nocturnas. Nas casas mais ricas e nos palácios essas festas eram realizadas nas próprias residências e jardins mas os menos favorecidos também as organizavam: em praças e em pátios, tal como ainda hoje se faz nos pátios de Andaluzia.

O alimento base de toda a população, rica ou pobre, era o pão de que se conheciam muitas variedades. Também havia carne e peixe, legumes e, principalmente, frutas de inúmeros tipos. Os alimentos eram cozinhados em azeite (*al zait*) e com ervas aromáticas e especiarias. Muitos dos pratos que hoje consideramos portugueses ou espanhóis vêm desse tempo e da cozinha árabe como o arroz doce com canela ou as queijadas (*qayyata*).

A agricultura conheceu um enorme avanço porque, além de introduzirem legumes, especiarias e árvores de fruto até aí não conhecidos na Península os Árabes também introduziram técnicas de irrigação inovadoras, ao criarem um sistema que aproveitava o melhor das técnicas romanas, orientais e visigóticas:

construíam moinhos de água (*saniya*, de onde vem a palavra azenha) ao longo dos rios tiram água dos poços com a nora (*na'ura*) até então desconhecida nestas paragens, traçam canais e abrem cisternas muito parecidas com os dos Romanos.

Continuou o cultivo do trigo e da cevada mas semearam-se também a ervilha, o grão e a fava em grande escala que, nos anos menos produtivos de trigo ou cevada para o fabrico do pão, asseguravam a alimentação das classes mais pobres.

Foram também os Árabes que introduziram na Península Ibérica o arroz, a beringela, a cana de açúcar (*al zukkar*), entre outros produtos.



Agricultura em Al Andalus

O gosto intenso dos Árabes pelos frutos e doces feitos à base destes levou a que os pomares se tornassem importantíssimos: neles se cultivavam maçãs, peras, laranjas, figos e uvas.

Também se criava gado, principalmente caprino e havia criação de galinhas e coelhos. A madeira era cortada obedecendo a um plano que permitisse que se não reduzisse os bosques em demasia e era utilizada para a construção naval. Alguns destes barcos eram destinados à pesca, principalmente de sardinhas e de atum.

Apesar deste desenvolvimento que era essencialmente rural, a economia de Al Andalus era baseada essencialmente nas actividades urbanas. Nas cidades muçulmanas, um dos locais mais importantes era (e ainda é nos nossos dias) o **mercado** (*suq*). Nos mercados havia tendas de artesãos e tendas onde se vendiam os produtos aí fabricados. Muitas destas tendas e destes produtos pertenciam ao Estado ou este recebia uma percentagem pelo direito a fabricá-los ou a vendê-los. Os produtos principais eram as tapeçarias, os objectos em prata e cobre e os tecidos de lã, de algodão e de seda.

AL-ANDALUS - 2ª PARTE

A CULTURA EM AL ANDALUS

Quando, num texto anterior, falámos da Cultura da Civilização Islâmica, estávamos também a falar da cultura de *Al Andalus*.

Porquê, então, voltar ao assunto? Apenas para destacar aquilo que foi verdadeiramente próprio desta época e desta região.

Efectivamente, a contribuição de *Al Andalus* para aquilo que hoje conhecemos como civilização ocidental foi enorme. Quando os chamados Mouros invadiram a Península, a maior parte do legado greco-romano tinha desaparecido ou estava de rastos. Tinham-se perdido livros e os estudos de Química, Botânica, Astronomia e, principalmente, Medicina, tinham recuado de uma forma assustadora. A Igreja, se bem que um foco civilizacional em vários aspectos, tinha posto entraves em muitos outros e os avanços nos campos acima mencionados eram poucos ou nenhuns.

Na Península Ibérica os Muçulmanos construíram uma civilização que serviu de ponte entre o oriente e o ocidente e que, através da tradução e estudo de muitas obras conservou o legado clássico das civilizações anteriores à queda do Império Romano. Além disso ergueram monumentos, estudaram Ciência, fizeram florescer as Letras e as Artes e deixaram-nos uma herança difícil de esquecer.

Azulejo representando um alquimista/químico de Córdoba



b21-430395 comps.fotosearch.com

Ao princípio, a cultura de *Al Andalus* foi influenciada pela de Bagdad e de Damasco. No século X, porém, atinge o ponto mais alto e está já bastante independente e com características próprias, ao ponto de Córdoba ser considerada a cidade europeia mais avançada e sofisticada.

Abdul Rahman III, califa de Córdoba, desejava que a sua cidade se igualasse ao esplendor de Bagdad e construiu uma rede de hospitais, mesquitas, centros de estudos, bibliotecas, etc... Rodeou-se de cientistas, filósofos, médicos e poetas. A Córdoba de Abdul Rahman III possuía 700 mesquitas imensos palácios e 70 bibliotecas, uma das quais guardava mais de 500000 manuscritos. Todas as bibliotecas contavam com equipas de tradutores, de conservadores e restauradores de manuscritos e de encadernadores. Córdoba foi a primeira cidade europeia a ter iluminação pública e, depois da queda do Império Romano, a primeira a ter casas de banho públicas (900).

Estudando em *Al Andalus*



Havia também um forte interesse pelos estudos científicos desde a Física à Matemática, passando pela Botânica, Geografia, Astronomia, Zoologia, Química e, sobretudo, Medicina.

Algumas das obras produzidas por estes sábios foram traduzidas para Latim e algumas delas, sobretudo as que se referiam a Medicina e Oftalmologia, adoptadas por Universidades europeias até ao século XVI.

Matemática, Mecânica e Astronomia:

Na Matemática, o estudo da trigonometria e dos algoritmos ainda hoje é, em muitos casos, uma base válida para a ciência moderna.

Um dos maiores matemáticos foi *Al-Zarqali* (século XI), conhecido no ocidente como **Arzaquel**. Os seus profundos conhecimentos matemáticos levaram-no a interessar-se por outras ciências em que eles se pudessem aplicar. É assim que se interessa pela construção de relógios de água bastante rigorosos e que reúne dados astronómicos que, juntamente com outros dados de outros estudiosos, formam as famosas e apuradas *Tabelas Astronómicas Toledanas*.

Outro matemático e mecânico importante foi **Abbas ibn Firnas** (sec.IX) que, além de professor de música, se interessava por estudos matemáticos e por mecânica. Teve a ideia de prender um par de asas a uma estrutura em madeira para tentar voar antecipando-se cerca de 600 anos à ideia semelhante de Leonardo da Vinci. Construiu também um planetário onde conseguia simular tempestades.

Reconstituição da tentativa de voo de
Abbas ibn Firnas



Muitos dos nomes ainda hoje usados no estudo da astronomia vêm do Árabe e dos estudos desta época: *azimut*, *zenit*, *nadir*, etc...

Geografia:

Vários foram os trabalhos importantes no âmbito da Geografia como mapas e descrições da região hoje correspondente à Andaluzia, topografia da Península, estudo de correntes e marés, etc...

O geógrafo mais famoso foi *Ibn Battuta* (sec.XIV, tempos já tardios de *Al Andalus*, portanto) que escreveu um livro das viagens que efectuou ao longo de 28 anos com informações precisas sobre rotas de navegação, estradas, regiões e suas coordenadas, povos e costumes, etc.

A seguir a *Ibn Battuta*, o geógrafo mais respeitado foi *Muhamad Al Idrisi* (sec.XII) que estudou em Córdoba, viajou por muitos lugares distantes e acabou por se estabelecer na Sicília onde escreveu um livro de geografia conhecido como o *Livro de Roger* porque foi apadrinhado por Roger II, rei da Sicília. Parte das informações contidas nesse livro foram gravadas num mapa em forma de disco de prata que foi considerado uma verdadeira obra de arte.

Planisfério em prata baseado nas informações de Al Idrisi



Medicina:

A medicina era considerada pelos Muçulmanos como a «ciência por excelência». Os maiores médicos viveram em Bagdad mas, em pouco tempo, os de *Al Andalus* igualaram as suas competências e a sua fama. Eis alguns dos mais importantes:

No século X, *Ibn Al-Nafs* descobriu a circulação sanguínea dos pulmões; no mesmo século, *Abu-al-Qasim al-Zahrwi* escreveu *Tasrif* um texto médico que se tornou obrigatório (traduzido para Latim, claro) nas universidades europeias; no século XI, *Ibn Zuhr*, conhecido entre os Cristãos por **Avenzoar**, descreve pela primeira vez abscessos do pericárdio e é o primeiro a recomendar operações como a traqueotomia (operação em que se abre a traqueia para deixar circular o ar) para casos em que a respiração seja demasiado difícil; no século XII, *Ibn al-Baytar* escreveu um compêndio de plantas medicinais, chamado *Drogas Simples e Alimentos*, com indicações de cultivo e de fabrico de medicamentos bem como da sua utilização em culinária; já no século XIV, *Ibn Al Khatib* escreveu um tratado importante sobre o contágio explicando como uma infecção se pode transmitir através das roupas ou dos objectos que passam de mão em mão bem como através da falta de higiene.

Tratado sobre Plantas medicinais



História e Filosofia:

Foram muitos os historiadores em *Al Andalus* mas o mais conhecido e importante talvez tenha sido **Ibn Khaldun** (sec. XIV) que foi o primeiro a explicar como se processam a ascensão e a queda das civilizações. Escreveu uma História Universal em 7 volumes e na Introdução, a que chamou *Prolegómenos*, define a História como ciência e aconselha métodos lógicos e científicos para o seu estudo.

Ibn Khaldun



A Filosofia foi outra das áreas estudadas, principalmente através da tradução e preservação das obras dos filósofos gregos. O mais importante dos filósofos foi *Ibn Rushd* (sec. XII), conhecido no ocidente como **Averroes**. Nasceu em Córdoba numa família de intelectuais e pertenceu ao governo das cortes de Sevilha e de Córdoba. Foi médico respeitado e filósofo. Era um apaixonado pela filosofia grega, principalmente pela de Aristóteles e escreveu uma extensa obra que, traduzida para Latim, foi ensinada e estudada até ao século XIX nas universidades de todo o Mundo.

Averroes



Poesia:

A Poesia talvez tenha sido a manifestação cultural que mais ganhou com a multicularidade das povoações de *Al Andalus*. As influências foram várias e vindas tanto da tradição oriental como das tradições judaica e cristã. Protegida e acarinhada por quase todos os governantes, floresceu e tornou-se famosa quer na Península quer fora dela.

Nos séculos X e XI, surgem vários poetas como *Abu Abd Al Malik Marwan* (sec. X) príncipe bisneto de Abdemarran III que, quando tinha 16 anos, matou o seu pai por este lhe ter roubado uma escrava por quem estava muito apaixonado. Esteve preso durante 16 anos e foi amnistiado por Almançor e daí o nome pelo qual ficou conhecido - **Ash-Sarif al Taliq** que quer dizer «príncipe amnistiado».

*De madrugada, a água do jardim fundiu-se
com o seu nome, mais penetrante do que todo o seu perfume.
A flor branca é o seu sorriso, o zéfiro o seu alento,
a rosa, perlada de orvalho, a sua face.
Por esta razão amo os jardins. Porque sempre
me trazem a recordação daquela que adoro.*

Poema de Ash-Sarif al Taliq

Outro poeta importante foi *Ibn Hazm*, autor do *Colar da Pomba* de que já falámos no texto sobre Civilização Islâmica.

Um dos mais famosos poetas foi também rei da taifa de Sevilha, *Muhammad ibn 'Abbad al-Mu'tamid*, mais conhecido por **Al Mutamid**. Nasceu em Beja em 1040 e foi nomeado governador de Silves por seu pai. É considerado por quase todos os estudiosos como um dos maiores poetas de *Al Andalus*.

Saudade

*Breve será vencedora
A morte com tal paixão,
Se não estancas coração
Esta dor que me devora.*

*Ausente minha senhora
Mil cuidados me dão guerra.
Não logro paz cá na terra.*

*E o sono, que invoco em vão,
Com a sua doce mão
Nunca as pálpebras me cerra*

Poema de Al Mutamid, tradução de Adalberto Alves

(In ALVES, Adalberto, *Portugal, Ecos de um Passado Árabe*, Instituto Camões, Lisboa, 1999).

Poema de Al Mutamid



No tempo dos Almorávidas e dos Almóadas, a Poesia refinada, erudita, com temas como o Amor ou a vida da corte era muito mal vista, pois era considerada profana e contrária à pureza ensinada no Corão. Em lugar desta, floresce a poesia popular, principalmente a *moaxaja*, com estrofes rimadas terminadas por uma espécie de remate, a *jarcha*. Algumas jarchas são escritas em línguas romances precursoras das que viriam a ser as futuras línguas faladas na Península Ibérica.

Tal como nas *Cantigas de Amigo*, as *jarchas* eram escritas imaginando uma voz feminina. Eis um exemplo:

*Meu coração se parte de mim;
Oh, Deus, acaso vai voltar?
Esta dor pelo meu amado dói tanto!
Está doente. Quando há-de sarar?*

Jarcha Popular.

(In BASSO Renato e ILARI Rodolfo, *O Português da Gente*, Editora Contexto, S. Paulo, 2007)

Mouro e Cristão declamando jarchas



E, para terminar: vê [aqui](#).

A RECONQUISTA E A FORMAÇÃO DOS PRIMEIROS REINOS CRISTÃOS

PELÁGIO E A RESISTÊNCIA NAS ASTÚRIAS

Quando os Muçulmanos (Árabes, Berberes, Sírios, etc...) invadiram a Península Ibérica, não conseguiram ocupar as montanhas das Astúrias e aí se refugiaram muitos cristãos, principalmente de origem visigótica. Em pouco tempo organizaram um movimento de resistência liderado por Pelágio (também conhecido por Pelaio) com o fim de reconquistar as terras perdidas.



Região das Astúrias no início da Reconquista

Sabe-se muito pouco sobre a vida e a origem de Pelágio. O nome não é visigótico e esse facto tem dado origem a variadíssimas versões sobre a sua pessoa: há quem pense que era galego, outros pensam que tinha nascido nas Astúrias de uma família que vinha de tempos anteriores à chegada dos Visigodos, outros, ainda, pensam que ele era conde da Cantábria e parente do rei Rodrigo das Astúrias.

Quando os Berberes se começam a revoltar contra o domínio árabe, Pelágio aproveita esse princípio de desagregação interna em *Al Andalus* para dar **início ao processo de Reconquista (718 d.C.)**. Esse processo irá durar oito séculos.

A primeira vitória dos Cristãos contra os Mouros dá-se na **Batalha de Cangas de Onís, em 722**. Pelágio utilizou um ardil para ganhar: enviou guerreiros para a floresta, para um lugar por onde sabia que os militares muçulmanos iriam passar. À chegada destes, os Cristãos puseram-se em fuga apresentando todos os sinais de medo. Os Muçulmanos seguiram-nos e foram levados, tal como estava previsto no plano de Pelágio, até à **gruta de Covadonga**. Pelágio tocou então a sua trombeta e, do cimo das rochas surgiu o resto dos seus guerreiros que, com flechas e lanças mas também lançando rochas do alto, venceram os inimigos. Mais tarde foi erigida uma Igreja na gruta, em memória dessa batalha.



Gruta de Covadonga

Entretanto, os Beberes continuaram a revoltar-se contra supremacia dos Muçulmanos de origem árabe, o que provocou uma prolongada guerra civil em *Al Andalus*. Cerca de 740, os Berberes começam a marchar para Sul guerreando os Árabes e deixando quase vazias as terras a Norte do Mondego que, imediatamente, foram reocupadas por Cristãos. As populações dessas regiões não se encontravam sujeitas a nenhum rei verdadeiramente, nem mesmo a nenhum senhor nobre único. Não havia ainda fronteiras nem reinos definidos e a única autoridade era a do Clero. Existiam, pois, divisões eclesiásticas, cada uma com a sua **sede (Sé)** governada por um **Bispo**.

A partir de então, a Reconquista faz-se de avanços e de recuos, com ataques conhecidos como **razias** que consistiam em invadir rapidamente uma região, saqueá-la, matar o maior número possível de Mouros e sair rapidamente, levando consigo o maior número possível de Cristãos. Este processo ficou conhecido como **Ermamento** (despovoamento) porque as terras ficavam despovoadas e os chefes cristãos pensavam que, sem gente e com as colheitas destruídas, os Mouros perderiam o interesse nas terras e não tentariam reavê-las podendo assim, um pouco mais tarde, ser reocupadas por Cristãos.



Reconquista

Este processo resultou mas só até um certo ponto. Muitos Cristãos Moçárabes não desejavam sair das terras que cultivavam e onde tinham uma vida estável. Bastantes possuíam laços de amizade e até familiares com os Muçulmanos. Eram frequentemente arrebatados à força e levados para as terras cristãs onde, ou se faziam militares ou ficavam sem terras nem sustento para as famílias. Assim, habituaram--se a fugir ao menor sinal de avistamento de soldados, fossem cristãos ou mouros. Refugiavam-se nos montes ou em grutas e esperavam que se fossem embora. Então regressavam às terras, reconstruíam as casas e recomeçavam as colheitas. Isso foi fortalecendo o sentimento popular de desconfiança e o hábito de contarem apenas consigo mesmos. Esta foi uma das razões para que, nos reinos cristãos que se vieram a formar na Península Ibérica, nunca tivesse existido um verdadeiro sistema feudal com as características do existente no resto da Europa.

FORMAÇÃO DOS REINOS CRISTÃOS

O primeiro reino cristão formado a partir da Reconquista foi o das Astúrias, mais tarde chamado **reino de Leão**. No século X, uma província deste reino tornou-se independente e formou o **reino de Navarra**. Pouco a pouco, os exércitos e reis destes países foram conquistando terras aos Mouros e iam-nas repovoando e construindo igrejas e mosteiros que ajudavam a fixar as populações.

Pouco antes dos finais do século X, as várias desavenças entre os reis cristãos enfraqueceram-nos e Almançor, de quem já falámos, aproveitou e destruiu a capital do reino de Leão reduzindo muito os territórios deste reino

No século XI, o rei Sancho de Navarra consegue reconquistar o território correspondente a Castela e, ao morrer, divide os seus domínios pelos três filhos sendo cada uma dessas parcelas considerada reino: **reinos de Navarra, Castela e Aragão**. O rei do novo reino de Castela anexa em pouco tempo o de Leão, passando a **ser Fernando I, rei de Leão e Castela**. Este rei é um dos maiores combatentes da reconquista, conseguindo Coimbra em 1064 (mais tarde perdida de novo para os Mouros) e desenvolvendo todo o território entre o Douro e o Mondego, conhecido como **Portucale**, que eleva a condado, (**Condado Portucale**) e ao qual concede autonomia administrativa, leis e magistrados próprios.

Condado Portucale



Ao falecer, em 1065, Fernando I reparte o reino pelos seus filhos: Castela para Sancho, Leão para Afonso, Galiza (**com o Condado Portucale**) para Garcia. Estalam as lutas entre irmãos, Sancho é morto e Garcia destronado e Afonso passa a ser **Afonso VI, rei de Castela, Galiza e Leão**.

Afonso VI prossegue a Reconquista e **toma Toledo em 1085, fazendo dela a capital do seu reino.**

Preocupados com as vitórias cristãs, os Muçulmanos pedem auxílio aos Almorávidas que reinavam na Mauritânia e, com a sua ajuda, derrotam os Cristãos na **Batalha de Zalaca, em 1086.** Mas as vitórias cristãs continuavam, principalmente por parte dos Galegos e dos Condes de *Portucale* que tomam Santarém e Lisboa em 1093. Os Mouros retaliam e voltam a reconquistá-las após um prolongado cerco.

D. Afonso VI que, como já dissemos era rei de Castela, Galiza e Leão, lança então um apelo aos Cavaleiros Cristãos residindo para lá dos Pirenéus e este apelo é ouvido. Em seu auxílio vêm vários Cavaleiros com seus Homens de Armas, entre eles o filho do Conde de Borgonha, **D. Raimundo**, cuja recompensa vem a ser casar com Dona Urraca, filha legítima do rei, recebendo ainda toda a região da Galiza. Pouco depois chega a Castela **D. Henrique**, primo de D. Raimundo, para participar na luta. A recompensa deste vem a ser a mão de Dona Teresa, filha ilegítima do rei e o governo do Condado Portucale, integrado no reino de Galiza. Quando D. Henrique morre, Dona Teresa casa com um nobre galego, Fernão Peres de Trava mas seu filho, **D. Afonso Henriques**, não aceita este casamento nem o domínio cada vez maior da nobreza galega sobre o condado. Revolta-se e, na **Batalha de S. Mamede, a 24 de Junho de 1128,** vence os exércitos da mãe e do padrasto e toma o governo do Condado.

D. Afonso Henriques passa rapidamente a assinar os documentos como *rex*. Entretanto, vai continuando a alargar o seu território reconquistando terras aos Muçulmanos. Em **1139** obtém uma vitória esmagadora na **Batalha de Ourique** e é aclamado rei pelo Povo. Essa independência só é reconhecida por Afonso VII de Castela em **1143 pelo Tratado de Zamora** e apenas em 1179 o Papa Alexandre III (de quem D. Afonso Henriques tinha pedido a bênção, declarando o novo reino dependente da protecção da Santa Sé a quem passaria a pagar tributo) reconhece Portugal como reino totalmente independente através da *Bula Manifestis Probatum*.

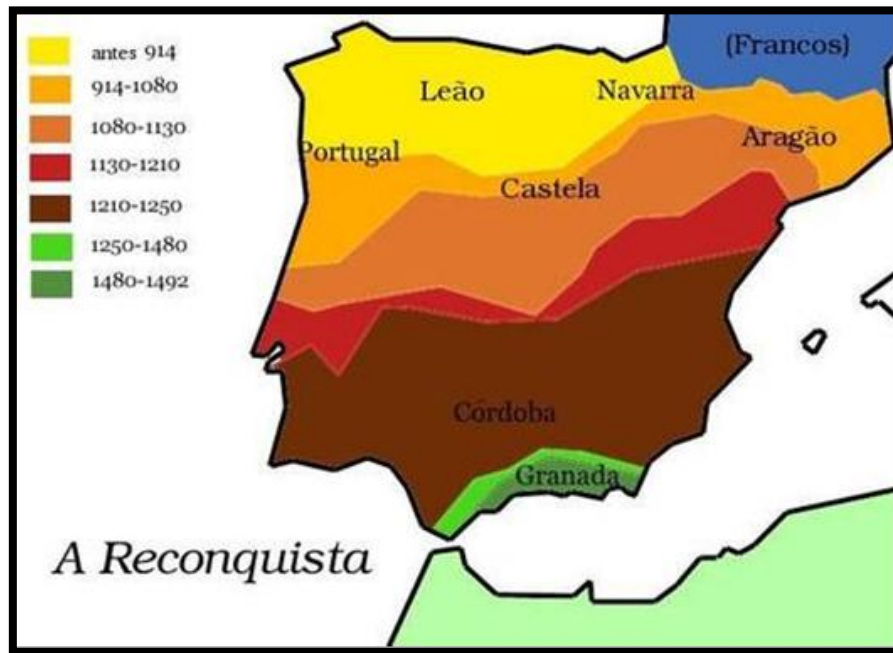
Estátua de D. Afonso Henriques



Em 1147, D. Afonso Henriques reconquista definitivamente **Santarém** e, nesse mesmo ano, com a ajuda de cerca de 12000 cruzados que se dirigiam à Terra Santa e fazem uma paragem ao largo de Lisboa dos 160 navios que os transportam, **reconquista Lisboa.**

Com o tempo, os vários reinos da Península ficarão cada vez mais dependentes do poder de Castela e Portugal será o único reino independente desse poder, com **fronteiras definitivas** a partir de **1267** tal como estabelecido no **Tratado de Badajoz, assinado entre D. Afonso III de Portugal e D. Afonso X.**

A partir de então, o domínio Mouro apenas subsiste, como já vimos, no reino de **Granada** até que esta cidade é conquistada pelo **Reis Católicos** em **1492** colocando a Península Ibérica inteiramente sob domínio cristão.



Evolução da Reconquista Cristã

CRONOLOGIA MAIS IMPORTANTE DA RECONQUISTA

711-718 - Invasão Muçulmana da Península Ibérica.

718 - Pelágio funda nas Astúrias a Resistência e inicia a Reconquista Cristã.

750 - Os Cristãos, sob o comando de D. Afonso I, rei das Astúrias, ocupam a Galiza depois dos Berberes a terem abandonado.

905-926 - D. Sancho I Garcez (Garcia) cria o reino de Navarra.

930-950 - D. Ramiro II de Leão derrota Abd al-Rahman III em várias batalhas das quais a mais importante é a de Talavera.

981 - Almançor derrota D. Ramiro III de Leão na batalha de Rueda e Leão passa a pagar tributo ao Califado de Córdova.

999-1018 - D. Afonso V reconstrói os reinos de Castela e Leão.

1035-1063 - D. Fernando I de Leão e Castela conquista Coimbra e exige que as taifas de Toledo, Badajoz e Sevilha paguem tributo. Pouco antes de morrer, divide os territórios entre os filhos.

1065-1109 - Afonso VI reúne de novo os reinos de Leão e de Castela e toma Toledo tornando-a capital.

1086 - Os reis das taifas de Granada, Badajoz e Sevilha pedem auxílio aos Almorávidas.

1118 - D. Afonso I de Aragão conquista Saragoça.

1135 - D. Afonso VII de Leão é proclamado Imperador.

1143 - Tratado de Zamora que reconhece a independência de Portugal.

1147 - D. Afonso Henriques, com a ajuda de Cruzados, conquista Lisboa.

1151- Os Almóadas depõem os Almorávidas.

1195 Os Almóadas derrotam os Castelhanos na Batalha de Alarcos.

1212 - D. Afonso VIII de Castela, D. Sancho VII de Navarra, D. Pedro II de Aragão e D. Afonso II de Portugal vencem os Mouros na Batalha de Navas de Tolosa.

1230 - D. Afonso IX de Leão toma Mérida e Badajoz.

1217-1252 - D. Fernando III de Castela conquista Córdoba, Múrcia, e Sevilha. Granada passa a ser o único domínio muçulmano.

1252-1284 - D. Afonso X de Castela, o Sábio, continua a Reconquista.

1309 - D. Fernando IV de Castela conquista Gibraltar.

1312-1350 - D. Afonso XI de Castela e D. Afonso IV de Portugal lutam para derrotar o reino de Granada e, em 1340, vencem os Mouros na Batalha do Salado.

1469 - Dona Isabel I de Castela casa com D. Fernando II de Aragão. Ficam conhecidos como os Reis Católicos e unificam a Espanha.

1492 - Os Reis Católicos tomam Granada e assim termina a Reconquista.

SANTIAGO DE COMPOSTELA

SANTIAGO DE COMPOSTELA

A história de Santiago de Compostela está intimamente ligada à Reconquista Cristã uma vez que foi um foco de união e de fé e trouxe muitos Peregrinos à Península Ibérica que depois acabavam por aqui se estabelecer, ajudando na luta contra os Mouros e no repovoamento das terras reconquistadas.

Diz a tradição que, quando os Apóstolos se espalharam pelo Mundo, São Tiago veio pregar na Galiza onde criou vários discípulos. Quando voltou à Palestina, foi preso, executado, e o seu corpo foi atirado do alto das muralhas de Jerusalém. Dois dos discípulos que o tinham acompanhado, Atanásio e Teodoro, conseguiram recolher os seus restos mortais e, às escondidas, levaram-nos num navio de volta ao Ocidente. O navio aportou na antiga cidade romana de Iria Flávia (na actual região da Galiza) e os discípulos desembarcaram e enterraram os restos do Apóstolo num bosque chamado Libredon, onde ficaram esquecidos durante oito séculos.

Em cerca de 830, um eremita chamado **Paio** (ou **Pelayo**) reparou numa verdadeira chuva de estrelas que caía todas as noites sobre o mesmo lugar do bosque e avisou o bispo de Iria Flávia, Teodomiro, do que acontecia. O bispo mandou fazer escavações e encontraram um sarcófago em mármore com os restos do Santo.

Lugar onde foi encontrado
o túmulo de São Tiago



A notícia depressa se espalhou fazendo da região um novo lugar de devoção e peregrinação cristã, dando assim origem a uma rota conhecida como **Caminho de Santiago**.

Esta descoberta foi importantíssima para a Reconquista porque D. Afonso II, rei das Astúrias, precisando de apoio interno para a resistência e luta contra os Mouros, fez imediatamente uma peregrinação e anunciou-a a toda a Europa. Estando Jerusalém em poder dos Muçulmanos, toda a Cristandade sentia a necessidade de um novo lugar onde fosse rezar, pedir indulgências, fazer penitência, etc, e a sepultura de Santiago servia perfeitamente o objectivo.

Os primeiros peregrinos foram camponeses das aldeias próximas mas, pouco a pouco, foi-se formando uma povoação que não mais parou de crescer. Primeiro estabeleceu-se uma comunidade de monges formada pelo Bispo de Iria, a Comunidade dos Monges de São Paio de Antealtares que recebeu como missão

guardar os restos do Apóstolo e receber os Peregrinos. Depois começou a chegar gente vinda de toda a Península e mesmo de toda a Europa.

Em 915, Ordonho II, rei de Galiza e Leão, estabeleceu como privilégio que todo o servo que aí se dirigisse e, durante 40 dias não fosse reclamado pelo seu senhor, seria considerado homem livre e com direito a residir em Compostela.

Uma das origens apresentadas para a palavra Compostela é a de Campo de Estrelas que remete para a lenda.

Os Cristãos passaram a gritar «**Por Santiago!!!!**» nas lutas contra os Mouros e é por isso que São Tiago também é conhecido popularmente como o «Mata Mouros».

Por Santiago!!!!!!



A povoação cresceu e em breve se tornou uma cidade com igrejas e mosteiros, mercados e artesanato, estalagens, feiras, etc.

Em 997, Almançor atacou e destruiu a cidade poupando, contudo, a sepultura do Apóstolo. Quando Compostela foi retomada e reconstruída pelos Cristãos, rodearam-na de muralhas e fossos defensivos. Em 1075 começa a construção da Catedral românica para albergar os restos mortais de São Tiago. Essa catedral contribuiu também para o aumento de visitantes.

Havia hospedarias ao longo do Caminho que costumavam oferecer alojamento gratuito ou mais barato, aos Peregrinos. Estes identificavam-se frequentemente ostentando uma **concha de vieira** pendurada ao pescoço, na cintura, ou na mochila. A origem deste costume parece vir do facto de, como o mar simbolizava o desconhecido para os habitantes da Europa Central, os Peregrinos que tinham ido até ao Ocidente (Finisterra - fim do Mundo, como lhe chamavam), traziam uma concha de vieira apanhada no mar para mostrar aos familiares e amigos que tinham lá estado. Ao fim de algum tempo, a concha tinha-se tornado um símbolo, servindo mesmo de meio de identificação nas hospedarias e estalagens. Passaram, também, a ser fabricadas nos vários diversos materiais e a ser comercializadas ao longo do Caminho como recordação.

Concha de vieira, símbolo dos
Peregrinos de Santiago



O auge do Movimento foi entre os séculos XII e XIII mas, ainda hoje, milhares de pessoas percorrem o Caminho. Tal como na Idade Média, saem de suas casas e calcorreiam a antiga rota. Há três formas consideradas como «autênticas» de fazer esta peregrinação: a pé, de cavalo ou de bicicleta (esta só foi incorporada a partir do século XIX). São cerca de 20.000 pessoas que cruzam o Caminho todos os anos, umas por espírito religioso, outras por aventura, outras, ainda, para contemplarem a Arte das construções religiosas, civis ou militares nos mais variados estilos que, ao longo dos séculos foram enriquecendo a rota. Por essa razão, em 1993, a Unesco declarou o Caminho de Santiago de Compostela Património da Humanidade.



Caminho de Santiago de Compostela

Percorre tu também um pouco do Caminho de Santiago: [aqui](#).

*** EXERCÍCIOS ***

POVOS E REINOS BÁRBAROS

1 - Quem eram os Bárbaros?



2 - Que origem tinham os Povos Bárbaros que primeiro invadiram a Europa?

3 - Possuíam um Estado único e organizado?

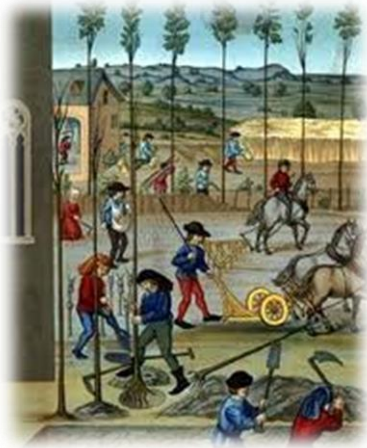
4 - Quais os principais povos e onde se estabeleceram?



5 - Qual a organização político/social destes Povos?



6 - Qual era a actividade económica mais importante destes Povos?



7 - Religiosamente, eram monoteístas?

8 - O estabelecimento dos Francos na região que hoje corresponde à França foi importantíssimo para toda a Europa porque as instituições aí estabelecidas e a cultura aí seguida serviram de modelo aos outros reinos. Duas dinastias francas foram responsáveis por esses desenvolvimentos. Quais?



9 - Quais foram os fundadores de ambas?



10 - Quais os feitos mais importantes da época de Carlos Magno?



11 - Entre os séculos VIII e X, a Europa sofreu um segundo surto de invasões bárbaras. Quem foram os povos que, desta vez, invadiram o continente europeu?

13 - Que papel tiveram na Europa medieval?

14 - E os Magiares?



15 - A influência dos Povos Muçulmanos foi mais ou menos forte do que a dos Vikings e Magiares?



SOCIEDADE MEDIEVAL E FEUDALISMO

1 - Que é a Idade Média?



2 - A Idade Média costuma dividir-se em dois períodos. Quais?

3 - Quais os factos mais importantes da Alta Idade Média?



4 - O que era um feudo?



5 - Um feudo de dimensões razoáveis estava muitas vezes dividido em mansos. Quais?

6 - Um senhor de terra concede terra a um outro e/ou oferece-lhe protecção em troca de prestação de serviços principalmente militares. Esta é a base do Feudalismo. Neste sistema, como se chama o senhor e como se chama o que recebe a terra?



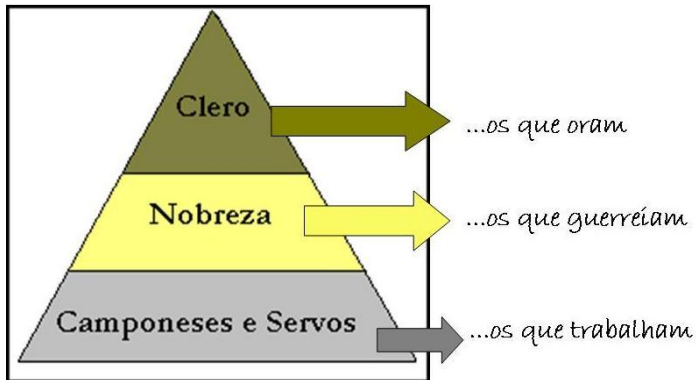
7 - Como se chamava a cerimónia em que um vassalo jurava lealdade ao suserano e este lhe prometia protecção?

8 - Qual a diferença entre servos e camponeses vilões?



9 - Que obrigações tinham os servos para com os senhores?

10 - Aos vários grupos sociais existentes na Idade Média costuma-se chamar ordens e não classes sociais. Qual é a diferença entre umas e outras?



11 - Quais as ordens sociais principais na Idade Média?

12 - No século XI entramos num período conhecido como Baixa Idade Média. Quais as suas características principais?



IGREJA MEDIEVAL

1 - Quando o Império Romano se desagregou, uma única autoridade era reconhecida por todos no Ocidente europeu. Qual?



2 - Como conseguiu isso?

3 - A autoridade da Igreja era apenas espiritual?



4 - De que outras formas a Igreja obtinha riqueza?

5 - Como estava organizada a Igreja na Idade Média?



6 - Quem fundou as Ordens Monásticas?



7 - Dá exemplo de algumas.

8 - Em que medida foi importante o papel dos monges que faziam parte dessas ordens?



9 - Quando, além da oração, as Ordens tinham como objectivo combater os assaltantes, proteger os Peregrinos e defender as terras conquistadas aos Muçulmanos, como se chamavam?

10 - A construção de catedrais influenciou a criação de dois estilos próprios da Idade média. Quais?



COMÉRCIO MEDIEVAL

- 1** - Quando começou a desenvolver-se o Comércio na Idade Média?
- 2** - O que o levou a desenvolver-se?
- 3** - Os senhores feudais e os reis patrocinavam essas trocas? Como e porquê?
- 4** - Qual era a diferença entre feiras e mercados?
- 5** - Como se chamavam as feiras em que os mercadores estavam dispensados de pagar impostos e os produtos eram comprados sem taxas acrescidas ao valor real?
- 6** - Quando o comércio passou a realizar-se inter-regiões e internacionalmente, privilegiava-se que tipo de transporte?
- 7** - Quando o Comércio passou a ser internacional, que progressos se tornaram necessários?
- 8** - Em Portugal também existiram esses «Seguros»?
- 9** - Quais foram os principais centros de comércio europeus?

MUÇULMANOS NA PENÍNSULA IBÉRICA

- 1** - Onde nasceu a e Religião islâmica e quando?
- 2** - Quem foi o seu fundador?
- 3** - Porque se expandiram os Muçulmanos?
- 4** - Por onde se expandiram?
- 5** - Quando chegaram à Península Ibérica?
- 6** - Ocuparam toda a Península?
- 7** - Durante todo o tempo que ocuparam a Península estiveram sempre em guerra com os Cristãos?
- 8** - Como ficou conhecido o reino que aqui fundaram?
- 9** - A convivência entre Muçulmanos e não Muçulmanos dentro de Al Andalus era fácil?
- 10** - Culturalmente, como se pode classificar Al Andalus?
- 11** - Como se chamavam os Cristãos que viviam à maneira muçulmana?
- 12** - E os Cristãos que se convertiam ao Islamismo?

TESTE

1 - Observa a imagem, lê o texto e responde às seguintes perguntas:



(...)Todos eles têm membros completos e firmes, pescoços grossos, e são tão prodigiosamente disformes e feios que os poderíamos tomar por animais bípedes ou pelos toros desbastados em figuras que se usam nos lados das pontes.(...)
(...) Ninguém entre eles lavra a terra ou toca num arado. Todos vivem sem um lugar fixo, sem lar nem lei ou uma forma de vida estabilizada, parecendo sempre fugitivos nos carros onde habitam; aí as mulheres lhes tecem as horríveis vestimentas, aí elas coabitam com os seus maridos, dão à luz os filhos e criam as crianças até à puberdade.(...)

1.a - O que era um «Bárbaro» para os Romanos e qual era a opinião que tinham dele?

1.b - Cita o nome de alguns Povos que invadiram as fronteiras do Império.

1.c - Quais foram os Povos que fundaram reinos na Península Ibérica.

2 - Observa a imagem e comenta a importância que os Muçulmanos tiveram na evolução dos Conhecimentos na Idade Média:

HINDU 300 a.C.	-	=	≡	♀	♂	6	7	5	?
HINDU 500 d.C	7	2	3	8	4	(	7	1	9
ÁRABE 900 d.C.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
ÁRABE (ESPANHA) 1000 d.C.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
ITALIANO 1400 d.C.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
ATUAL	1	2	3	4	5	6	7	8	9

2.a - Medicina:

2.b - Engenharia:

2.c - Literatura
Clássica:

2.d - Astronomia,
matemática e
Navegação:

2.e - Música:

Sistema Numérico importado pelos Muçulmanos

3 - Observa a imagem abaixo e responde às seguintes perguntas:



3.a - Qual é a Cerimónia representada na iluminura?

3.b - Quem é o Vassalo?

3.c - Quem é o Suserano?

3.d - Quais eram os deveres do Vassalo perante o seu Senhor?

3.e - Quais eram as obrigações do Senhor perante o seu Vassalo?

3.f - As relações de Vassalagem estavam integradas num Sistema Económico-Político e Social. Qual?

4 - Completa o seguinte texto:

Os Muçulmanos chegaram à Península Ibérica no ano _____ e fundaram um reino que abrangia o Sul de Espanha e Portugal ao qual chamaram _____. Apesar de ser um reino governado por Muçulmanos, as 3 Religiões _____ viviam de forma pacífica em bairros _____.

Os Cristãos, chamados _____ e Judeus podiam manter a sua Religião e Costumes desde que pagassem a _____ e a _____. Pagariam muito menos se se convertessem ao Islamismo. Passariam a ser conhecidos como _____. Os não-convertidos não podiam exercer _____, não se podiam casar com _____, e não podia ser servidos _____.

O coração da cidade era o mercado, o _____, onde se vendiam, compravam e transaccionavam todo o tipo de mercadorias. As Termas, os _____, estavam abertos para todos. As manhãs eram para _____ e as tardes eram para _____.

5 - Observa a imagem e responde às seguintes perguntas:



Ora et labora

5.a - Que Ordem foi responsável pelas grandes Reformas que surgiram na Igreja a partir do ano 1000?

5.b - Qual foi a medida que a Igreja tomou para evitar a guerra entre Senhores Feudais? Em que consistiam?

5.c - Porque é que nas Ordens Monásticas os monges tinham que trabalhar?

TEMA

4

Portugal no contexto europeu nos séculos XII a XIV



*** DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO ***
*** RELAÇÕES SOCIAIS E PODER POLÍTICO NOS SÉCULOS XII E XIV ***

O DINAMISMO DO MUNDO RURAL NOS SÉCULOS XII E XIII

Depois dos longos séculos de instabilidade que a Europa viveu com a queda do Império Romano, as várias invasões, a Reconquista na Península Ibérica, a formação dos vários reinos, etc, um período de estabilidade e de crescimento surge finalmente.

Entre os séculos XI e XIII todo o Ocidente cresce, desenvolve-se economicamente e a população aumenta.

Esse desenvolvimento tem início nos campos.

DINAMISMO RURAL

Foram três as razões principais para o desenvolvimento que o mundo rural europeu conheceu entre os séculos **XI e XIII**. A primeira deveu-se a condições da própria Natureza pois todo o continente foi beneficiado por uma **forte melhoria do clima**. A segunda teve a ver com o aumento de campos de cultivo, através do desbravamento de florestas e do **arroteamento** (preparação de um terreno retirando raízes de árvores, drenando pântanos, nivelando, etc...). A terceira resulta das duas primeiras e consiste num **progresso das técnicas de agricultura e das ferramentas nela utilizadas**. Os mais importantes factores desse progresso foram:

Ciclo trienal de culturas. Um terço de cada terreno era deixado em pousio em cada ano, cultivando-se os outros dois. No ano seguinte, seria outro e no seguinte o último. Ao fim de 3 anos, o ciclo repetia-se.

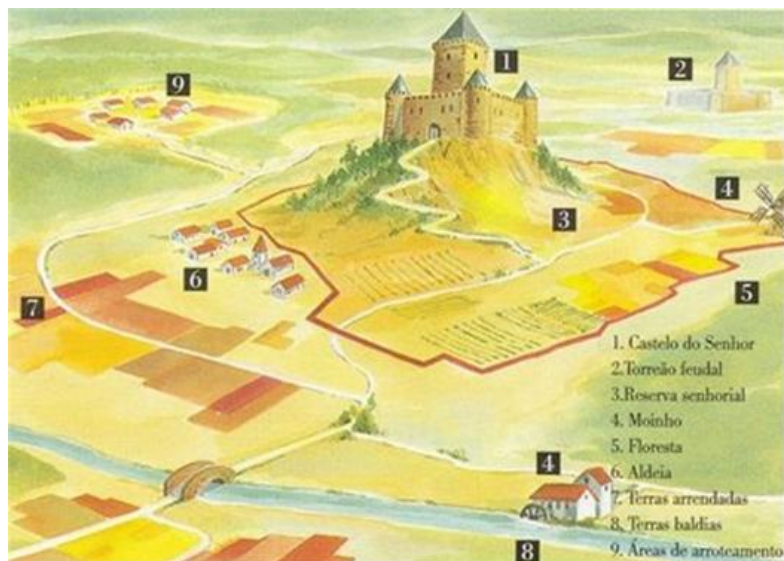
Fertilização intensiva das terras de cultivo: Usava-se para tal restos de vegetais, cinza e estrume dos animais.

Substituição de utensílios (alfaia) em madeira por utensílios em ferro.

Utilização de animais para o trabalho de sementeira, transporte de produtos, etc...

Tudo isto permitiu uma melhoria da alimentação que, por sua vez, permitiu o aumento demográfico das populações). Nos séculos XII e XIII, a população europeia quase duplicou. Uma imagem comum a quem percorresse os campos nesta época era a de vários feudos, cada um com o castelo ou casa grande do Senhor e, à volta, os vários campos de cultivo e de pastagem.

Feudo



PORTUGAL RURAL

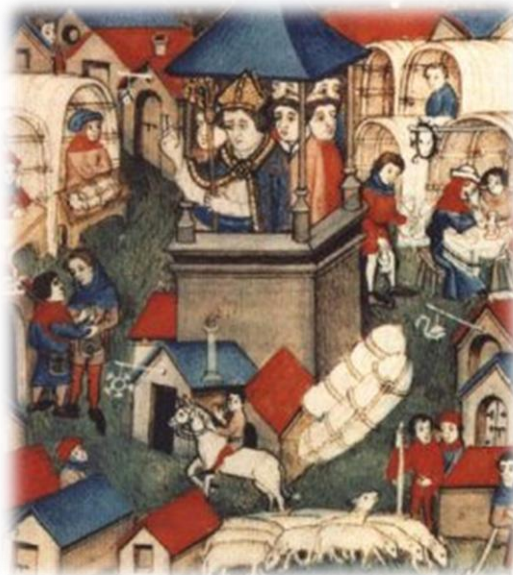
A organização das populações e as formas de desenvolvimento económico (com predomínio das regiões rurais) em Portugal são uma consequência das características do território (grande extensão de costa, montanhas ao Norte e planícies ao Sul...) mas também das condições em que se foi fazendo o repovoamento cristão durante a Reconquista e nos anos que se lhe seguiram.

Esse repovoamento contou com movimentos de populações e foi incentivado pelos reis que doavam terras a Nobres e a Ordens Religiosas que ajudassem a combater os Mouros e a fixar as novas populações: a Ordem dos Templários recebeu terras entre o Mondego e o Tejo; a Ordem dos Hospitalários estabeleceu-se sobretudo no Alto Alentejo e ao longo do Guadiana; ainda no Alto Alentejo instalou-se a Ordem de Calatrava (quando a Ordem dos Templários é extinta pelo Papa, os seus Monges, juntamente com os de Calatrava, formam a Ordem de Avis que virá a ser tão influente nos Descobrimentos); a Ordem de Santiago ficou com terras espalhadas por quase todo o Baixo Alentejo. Estas eram as Ordens Religiosas e Militares mas também as Ordens Monásticas receberam valiosas doações, principalmente a Ordem de Cister, com sede em Alcobaça e domínios em toda a região que hoje conhecemos Como Beira Alta e Beira Baixa.

Além das doações a Ordens Religiosas, Militares e Monásticas, havia as doações a Nobres que tinham ajudado na Reconquista.

Embora Portugal nunca tivesse conhecido um Feudalismo rígido como no resto da Europa (veremos isso um pouco mais adiante), existiram, ainda assim, formas de domínio senhorial.

Feudo religioso



Como a maior parte das primeiras famílias da que virá a ser a Nobreza de Portugal descendem directamente dos Cristãos que vieram de Castela, Leão, Galiza, França, etc, que entrevam pelo Norte e nele se iam fixando, o regime de tipo senhorial sempre predominou no Norte e no Noroeste do País, nas regiões que ficam entre os rios Minho e Douro e, ao longo do litoral, até ao Mondego. Para Sul, onde a Reconquista foi mais tardia e onde os camponeses moçárabes eram mais difíceis de subjugar e onde foi mais fácil a concentração do poder régio, o tipo de feudo que podes ver na primeira imagem do texto torna-se mais raro e, quando existe, o castelo do Senhor é, na maioria das vezes, substituído pelo Mosteiro.

Contudo, mesmo no Sul, havia algumas concessões à Nobreza mas adquiriam outras características que veremos já a seguir quando falarmos do desenvolvimento urbano.

Porque se viam os reis obrigados, mesmo num país como o nosso onde a centralização do seu poder se fez tão cedo, a entregar terras e privilégios aos Religiosos e aos Nobres?

No caso dos Religiosos, já dissemos que eram as Ordens a encarregar-se da Educação, a transmitir conhecimentos de natureza agrícola, artesanal e técnica e a fixar as populações.

Sala de Aula Monástica



No caso dos Nobres, a verdade é que o rei não podia lutar apenas com os exércitos que conseguia reunir e muito menos conseguia preservar e defender as terras já conquistadas. Longe iam os tempos do Império Romano com um exército poderoso defendendo a Nação. Aliás, a ideia de Nação surge mais tarde: por enquanto, cada um sentia como sua a terra onde vivia e da qual retirava o rendimento para a sua família. Para além destes limites sentia-se, quanto muito, Cristão, ou Mouro. Não havia a noção de Pátria Portuguesa, ou Pátria Castelhana, como a sentimos hoje. Os Senhores cuidavam dos seus interesses, os Camponeses eram leais aos Senhores de quem dependessem, os militares a quem lhes pagasse melhor ou lhes concedesse alguns privilégios.

Assim, os reis contavam com a riqueza, o prestígio e os exércitos de cada um dos Nobres que se estabelecessem em determinado território que lhes tivesse sido doado. A partir daí, a defesa dessas terra ficava à responsabilidade do nobre que delas fosse titular (era concedido um título de Nobreza geralmente ligado à terra: Duque de Aviz, Conde de Guimarães, Duque de Viseu, etc...). Muitos acumulavam poderes jurídicos e podiam mesmo julgar os seus vassallos (em Portugal nunca esses poderes foram totais. A pena de morte, por exemplo, só poderia ser decretada pelo rei ou por juiz em quem ele tivesse delegado esse poder. Essa é uma das características da forma específica que o Feudalismo tomou entre nós).

Como no resto da Europa, contudo, a Nobreza era privilegiada. Só os Nobres podiam ter Homens de Armas e cavalos, apenas eles e o Clero Regular podiam possuir terras. Os mais ricos de entre eles eram conhecidos como **Nobres de Pendão e Caldeira**, porque podiam levantar verdadeiros exércitos que lutavam sob o seu estandarte (**pendão**) e possuíam os meios necessários (**caldeira**) para os alimentar durante toda uma campanha militar.

Exemplo de pendão medieval



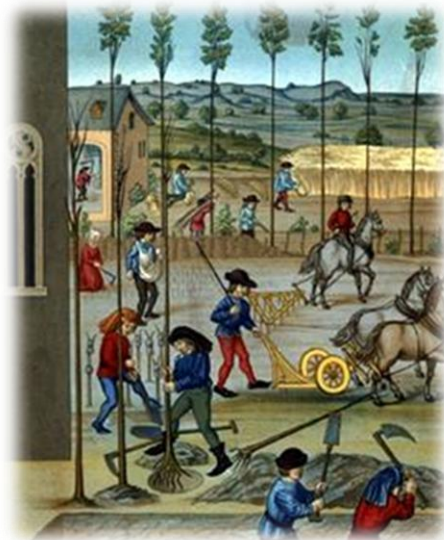
Logo abaixo destes nobres mais ricos estavam os **Infanções**, na sua maior parte descendentes de Nobres dos períodos suevo e visigótico e que, normalmente, eram auxiliares dos Nobres de pendão.

Estes dois escalões mais altos da Nobreza viviam da terra e das rendas que delas retiravam as rendas dominiais constituídas por produtos da terra, dinheiro e certos serviços. Em Portugal, essas rendas chamavam-se, em certas regiões, as **honras**.

O último escalão da nobreza era composto por **Cavaleiros e Escudeiros** que viviam, essencialmente, do serviço militar.

Em tempos de Paz, os Senhores, tanto nobres como religiosos, apoiavam o desenvolvimento das técnicas agrícolas e do artesanato. Isso permitiu um desenvolvimento crescente e uma melhoria de condições de vida dos camponeses o que, por sua vez, aumentava o rendimento dos Senhores e o número de pessoas em condições de saúde e de força que poderiam recrutar quando empreendiam campanhas militares.

Trabalhando os Campos



Um pouquinho de música medieval popular para ti: [aqui](#).

O DINAMISMO DO MUNDO URBANO NOS SÉCULOS XII E XIII

DESENVOLVIMENTO URBANO

O desenvolvimento rural da Europa nos séculos X a XIII (embora isso possa parecer, à primeira vista, contraditório) abriu as portas a um forte desenvolvimento urbano.

Aparecem novas cidades (**burgos**) que se vão formando pouco a pouco em volta dos castelos e dos mosteiros. A princípio têm dimensões reduzidas e são de pequena importância mas várias crescem o suficiente para, em pouco tempo, se poderem verdadeiramente considerar cidades. Os burgos que se formavam junto à muralha em volta do castelo (mas dentro da muralha em volta da povoação primitiva) passam a chamar-se **burgos de dentro**.

Cidade Medieval



Ao crescerem muito, as populações foram obrigadas a construir fora dessas muralhas exteriores e estes novos aglomerados de residências chamaram-se os **burgos de fora**.

O crescimento das cidades foi rápido porque muitos camponeses viam nelas uma possibilidade de se libertarem do pagamento de rendas aos senhores e de subirem de condição social. Vários se fizeram **artesãos** ou **mercadores**.

— A relação entre cidade e campo passou a ser de mútua dependência: como lugar de escoamento e venda dos produtos agrícolas e de compra de utensílios, de tecidos e de outros produtos de artesanato (que foram sendo cada vez mais produzidos nas cidades e cada vez menos nas aldeias campestres), o campo dependia da cidade. Mas na cidade não se podia sobreviver sem os alimentos produzidos no campo. O mercado das cidades passou a incentivar uma maior produção agrícola para que houvesse excedentes e estes pudessem ser vendidos para regiões que não «produziam este ou aquele produto. Chegavam a ser vendidos para o estrangeiro fazendo das cidades pontos de passagem em novas **rotas de comércio internacional**.

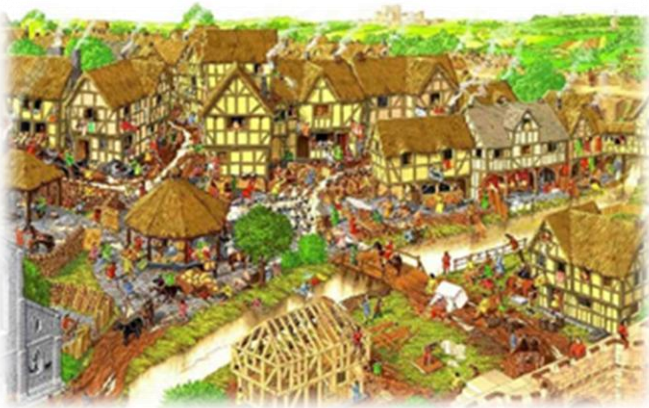
MERCADOS E FEIRAS

Como já dissemos, o desenvolvimento agrícola permitiu a existência de excedentes e o desenvolvimento urbano levou à criação de locais e de circuitos de trocas entre campo e cidade e entre várias regiões. Surgiram então dois tipos de formas regulares de trocas comerciais: os **mercados** e as **feiras**.

Mercados:

Algumas vezes surgiam de forma espontânea mas, na maioria das vezes, eram incentivados pelos senhores locais que iriam aumentar as suas riquezas cobrando taxas em cada venda de produtos. Os mercados podiam ser **semanais** ou **mensais**. Dirigiam-se principalmente aos habitantes da própria região, mercadores ou consumidores mas, por vezes, também por lá passavam vendedores ambulantes que se deslocavam ao longo dos mercados mais importantes.

Dirigindo-se ao Mercado



Feiras:

As cidades com os mercados maiores e mais diversificados acabaram por realizar épocas extraordinárias de vendas, **as feiras**, geralmente **anuais** e associadas a uma festa importante para a região.

As feiras podiam durar semanas e tinham de ser autorizadas pelas autoridades senhoriais mas também eclesiásticas (bispo, abade do mosteiro...) da região, uma vez que faziam parte das festividades religiosas. Mais uma vez os senhores incentivavam estas trocas comerciais e estas feiras pelas mesmas razões que incentivavam os mercados. Os reis também estavam interessadas nelas uma vez que a deslocação de pessoas e de produtos levava à necessidade de construir **estradas** e melhorar, de uma forma geral, todos os **meios de comunicação**. A existência de feiras periódicas também conduzia a uma maior circulação da moeda e à necessidade de maior segurança nos caminhos o que, por sua vez, diminuía a vulnerabilidade a ataques.

Os reis concediam às localidades locais as chamadas **Cartas de feira** onde determinavam a concessão de guarda para proteger os feirantes, salvos-condutos para se dirigirem de terra em terra, os tributos que deveriam pagar, as taxas próprias de cada produto, as tréguas necessárias se houvesse rixas entre feudos vizinhos (**Paz de Feira**), etc... Por vezes, certas feiras eram consideradas tão importantes para a economia da região que os reis sentiam necessidade de as proteger em especial. Concediam, então, isenção de impostos a vendedores e a compradores. Essas feiras chamavam-se **Feiras Francas**.

Feira Medieval



PORTUGAL URBANO

As características do território português a Sul do Tejo sempre dificultaram o povoamento disperso. Isso levou a que a maioria das pessoas se concentrassem nas cidades e as mais importantes aí se localizassem. O Norte foi sempre mais povoado mas também muito mais disperso, com centros populacionais mais pequenos e o campo dividido em vários senhorios.

É assim que, ao chegarmos a século XIII, a Norte do Tejo apenas as cidades de Guimarães, Braga, Porto e Coimbra se podiam considerar relativamente importantes enquanto que, a Sul, se destacavam Lisboa, Santarém, Elvas, Évora, Beja, Sines, Faro e Tavira.

Os reis portugueses sempre estimularam o desenvolvimento das cidades que eram o seu principal apoio e muito ajudaram à centralização do poder régio. Concederam-lhes, desde muito cedo, **Cartas de Foral** que eram documentos onde ficavam definidos os direitos e deveres dos residentes, as regras relativas à justiça e ao pagamento de impostos e as formas de governo da cidade. Contudo, muitas vezes, as cartas de foral apenas vinham reconhecer o que já existia, isto é, as formas há muito adoptadas por populações que estavam habituadas a governarem-se segundo tradições e costumes há muito arraigados.

Carta de Foral de Silves - 1266



FEUDALISMO EM PORTUGAL

ESPECIFICIDADES DO FEUDALISMO EM PORTUGAL

Em Portugal não pode falar-se de Feudalismo entendido como a forma de organização política económica e social que surgiu em França e aí se manteve durante séculos. É por isso que muitos historiadores preferem falar em **Regime Senhorial** e distinguem entre **Feudo** e **Senhorio**. Eis algumas diferenças entre ambos

FEUDO (Europa, sobretudo França)	SENHORIO (Península Ibérica, sobretudo Portugal)
Poder alargado de administração de justiça	Poder limitado de administração de justiça
Poder de organizar um exército independente do rei	Poder limitado de organizar um exército que não era totalmente independente do rei
Poder de cunhar moeda	Só os reis podiam cunhar moeda
Poder alargado de cobrar impostos	Determinados impostos (fossadeira, jantar...) só podiam ser cobrados pelo rei
Direito a punir vassallos com a morte	A pena de morte só podia ser infligida pelo rei ou por juiz a quem tivesse delegado esse poder.
Servos juridicamente ligados ao feudo.	Possibilidade jurídica dos Servos mudarem de vida (embora, na realidade, isso fosse difícil)

Nota: Fossadeira é a multa por não ter cumprido a obrigação de ir ao « fossado» (investida rápida em território inimigo); jantar era a obrigação que cada servo tinha de servir refeição ao rei e à sua comitiva mais chegada, quando por sua casa passassem em campanha militar.

Já dissemos que estas características muito próprias se devem aos termos em que se processou a Reconquista que favoreceu um certo sentido de auto-governo por parte dos camponeses que, habituados (pela política de razias) a não confiar inteiramente nos vários senhores preferiram confiar em si mesmos. Como as condições da época não eram favoráveis a tal independência, os camponeses (e, de uma forma geral, as camadas populares, passaram a apoiar o poder de um só senhor que estivesse acima dos outros e, de alguma forma, contivesse os seus excessos. Isso favoreceu o fortalecimento do poder do rei-Poder Régio.

Tudo isto não quer dizer que não existissem nenhuns traços de Feudalismo em Portugal. Os laços entre Suserano e Vassalo, ainda que atenuados, existiam, bem como uma certa noção de deveres de honra, lealdade, entreajuda, etc, entre ambos. Aliás, a própria concessão do Condado Portucalense ao Conde D. Henrique, pai de D. Afonso Henriques, insere-se exactamente num pacto entre suserano (o Rei de Castela e Leão) e vassalo (o Conde). Do mesmo modo, quando a independência de Portugal é reconhecida no Tratado de Zamora, isso representa um cortar de laços feudais até aí existentes.

Tratado de Zamora



SOCIEDADE PORTUGUESA NOS SÉCULOS X A XIII

Embora o Feudalismo, como já vimos, não tenha tido uma estrutura rígida em Portugal, as bases dessa estrutura eram feudais em certos aspectos como as relações suserano-vassalo, senhor-servo (com as diferenças já mencionadas), existência de senhorios, entre outras.

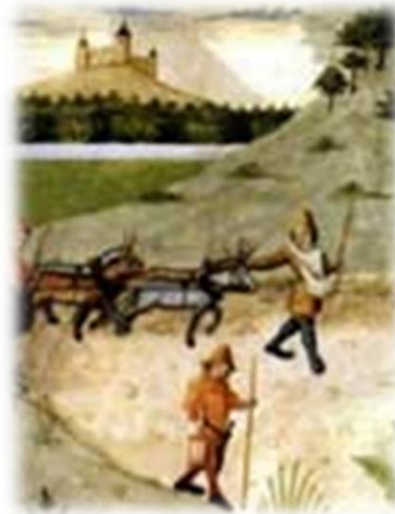
Os senhorios podiam ser entregues a Nobres - Reguengos e Honras ou pertencer à Igreja - Coutos. Honra podia ser o nome do tipo de senhorio mas também o nome das rendas que eram pagas ao seu senhor.

Os trabalhadores, por sua vez, podiam ser livres ou não-livres.

Os **livres** eram compostos por criados domésticos, caseiros (nos campos), trabalhadores rurais que, geralmente, eram contratados temporariamente em ocasiões em que era necessária mão de obra extra, mercadores, artesãos, etc...

Na categoria dos não-livres encontravam-se os **Escravos**, geralmente descendentes de Mouros, e os **Servos**. Estes últimos não eram escravos mas estavam ligados à terra que trabalhavam e ao senhor da mesma. Não podiam deixar a terra sem autorização do senhor mas também não podiam ser expulsos nem eles nem as suas famílias. Pagavam tributos em géneros e prestavam serviços ao senhor quando este deles necessitava. Contudo, esta forma de servidão nunca foi tão rígida como noutras paragens da Europa. Logo na altura da Reconquista muitos servos se libertaram e procuraram outros tipos de vida, principalmente emigrando para as cidades.

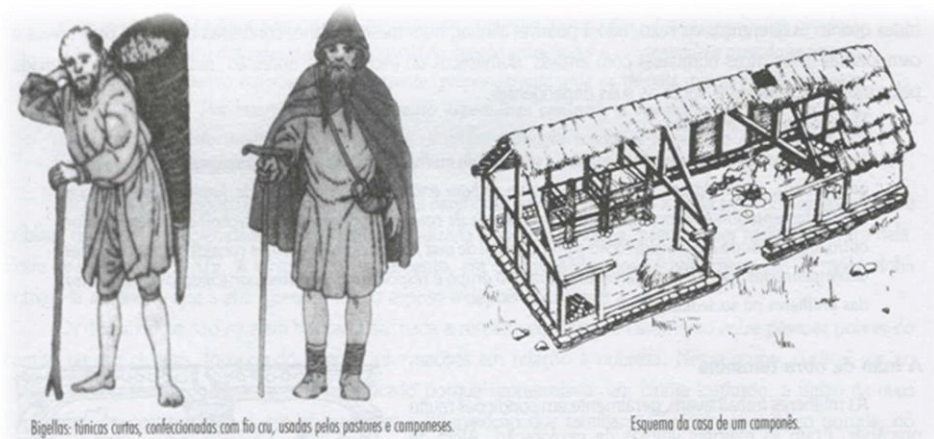
Trabalho num senhorio



Outros foram, ao longo dos tempos, conseguindo que os seus filhos seguissem outros caminhos.

A manutenção do estatuto de servidão foi, entre nós, muito mais uma questão económica do que estatuto jurídico. De facto, os trabalhadores livres, ligados aos senhores por contratos de arrendamento ou por prestação de trabalho assalariado, podiam deslocar-se livremente e adquirir bens imóveis. Mas, na realidade, a sua condição económica era pouco melhor ou igual à dos Servos e, ao contrário destes, podiam ser despedidos do seu trabalho ou expulsos das terras. Assim, vários preferiam manter o estatuto de servidão. Os que se libertavam, geralmente era para emigrar para a cidade, principalmente quando esta cidade era um **concelho** (governada por membros do Povo com protecção régia). Aí podiam ascender (ainda que com muito trabalho e dificuldades) de condição social, o que era quase

impossível nos senhorios. No documentos da época, eram frequentemente designados **Foreiros** (que se tinham colocado sob a protecção da jurisdição, *foro*, do concelho). Também existiam camponeses que acabavam por comprar o direito de não pagar direitos senhoriais por pequenos pedaços de terra. Na prática, era como se fossem seus proprietários e podiam passar esses direitos aos filhos. Esses camponeses chamavam-se **Herdadores**.



Vida de Servo

Estes trabalhadores livres, quando tinham dinheiro suficiente, podiam comprar uma mula (a partir do século XI também um cavalo que, ao princípio, só os nobres podiam possuir) e integrar os exércitos com a designação de **cavaleiros-vilões**. Se o fizessem a pé eram **peões**.

Os Nobres, como também já dissemos, dividiam-se em **Alta Nobreza**, (Nobres de Pendão e Caldeira, Ricos-Homens,, Infanções...) e **Baixa Nobreza** (Cavaleiros e Escudeiros). Quanto ao **Clero**, exercia, por vezes, uma maior influência sobre o Rei do que a própria Nobreza. De facto, o poder espiritual era da Igreja, a transmissão de conhecimentos também, as escolas estavam nas suas mãos.

Não podemos deixar de mencionar, ainda que de passagem, a situação de Judeus e de Muçulmanos que permaneceram em terras portuguesas. Ainda que marginalizados, temidos e muitas vezes perseguidos pelas populações cristãs, com interdição de executarem certos ofícios ou de ocupar certos cargos, tiveram, contudo, um certo grau de protecção por parte dos reis. Estes, regra geral, nomeavam pessoas respeitadas pelas suas comunidades e pertencentes às suas Fés, para os governar, julgar ou administrar. A sua situação era precária mas só se tornou insustentável a partir de finais de século XIII, princípios do século XIV. Veremos isso mais tarde.

Sinagoga - Idade Média



OS DIVERSOS PODERES EM PORTUGAL

Já vimos que a organização político/social medieval em Portugal apresenta características diferentes das do resto da Europa (com excepção de Leão e Castela, com um sistema semelhante ao português). Vamos ver como funcionavam os vários tipos de poder e como se equilibravam uns com os outros.

PODER RÉGIO

Acima de todos estava o Rei, considerado o Suserano de todos os suseranos: Eis alguns dos seus poderes e atribuições principais:

Comandava o exército - Era ele quem chefiava os exércitos do reino. Mesmo os Homens de Armas ao serviço dos vários senhores eram colocados sob o seu comando em caso de guerra.

Determinava quais eram os reinos aliados ou inimigos. As relações com os outros reinos eram da sua responsabilidade.

Administrava a Justiça. Mesmo quando os Senhores o faziam nas suas terras, era sempre por delegação do Rei. E penas extremas como a de morte, de mutilação ou de exílio, só podiam ser decididas por si ou por juiz por ele nomeado e, mesmo assim, só eram aplicadas após a sua aprovação.

Direito de cunhar moeda. Só o monarca podia mandar cunhá-la decidir desvalorizá-la por razões económicas.

Aposentadoria - Quando o Rei e a sua Corte ou os seus exércitos se deslocavam em campanha ou para tratar de assuntos do reino, os habitantes das terras por onde passavam (desde os senhores aos servos) tinham de lhes garantir hospedagem (aposentos) e alimentação.

Comendo em casa do Senhor



A legitimidade dos poderes do rei era geralmente reconhecida e respeitada por todos. Vários factores explicam esse facto como a tradição que vinha dos tempos visigóticos de os reis exercerem o poder em nome de Deus. Outros factores foram as condições particulares da Reconquista, de que já falámos e também a **transmissão do trono de Pai para Filho Primogénito.** Em Portugal, os reis nunca tentaram dividir o reino pelos seus vários filhos: era considerado património indissolúvel e indivisível e da herança fazia parte o «ofício de reinar» considerado como um dever imposto por Deus e ao qual não se poderia fugir. Esse dever incluía a obrigação de preservar o território do reino, alargá-lo quando possível, administrá-lo e garantir a defesa e os direitos dos súbditos.

O Rei era auxiliado no seu «ofício de reinar» por:

Alferes-Mor: comandava o exército quando o rei estava ausente.

Mordomo : administrava a Casa Real.

Chanceler: guardião do selo real que servia para autenticar documentos.

Até D. Afonso III, pelo esforço da Reconquista, o cargo de Alferes- -Mor era o mais importante. Quando o país deixou de estar em estado permanente de guerra, o cargo de Chanceler tornou-se o mais importante. Foi então criada a **Chancelaria Régia**, chefiada pelo Chanceler e com Notários e Escrivães que tinham a responsabilidade de elaborar e redigir os diversos diplomas legais que o Rei assinaria em seguida.

Mais tarde surgirão outros cargos, à medida que os assuntos jurídicos, diplomáticos e económicos se forem tornando mais complexos, como o cargo de **Porteiro-mor** que geria a cobrança de impostos e o de **Tesoureiro-mor** que o guardava e defendia os cofres do reino.

Além destes auxiliares, o Rei contava ainda com um grupo de homens de confiança que o aconselhavam. Constituíam a **Cúria ou Conselho Real**. No século XIII, porém, essa Cúria divide-se no **Conselho Régio** e nas **Cortes**. O Conselho Régio era composto por nobres, eclesiásticos e militares próximos do Rei e as Cortes eram assembleias extraordinárias que ele convocava para ouvir as opiniões do Clero e da Nobreza e, a partir das Cortes de Leiria (em 1254) também dos representantes do Povo. As Cortes serviam para aconselhar em matérias importantes como lançamento de impostos, promulgação de leis, alianças, etc. Também passaram a ser uma ocasião para apresentar queixas ao rei e pedir a solução para diversos problemas

CONCELHOS OU MUNICÍPIOS

O Rei podia fazer de uma cidade uma espécie muito particular de senhorio atribuindo a um nobre o título de Conde, Duque, etc, dessa cidade. O Senhor ficaria assim encarregado de defender os habitantes, preservar o território urbano, até construir muralhas se fosse necessário. Em troca cobraria rendas, impostos e gozaria de outros privilégios. A partir dos séculos XI, XII, contudo, a maioria das cidades (mesmo as que ainda dependiam, em teoria, de um senhor) passam a governar-se segundo os seus próprios costumes e tradições e através de órgãos específicos. As rendas, contudo, poderiam ainda ser pagas em determinados casos muito especiais e a suseranos muito especiais, como nos casos em que o Rei as atribuía à Rainha por contrato de casamento.

Trabalhadores na Cidade



Esse tipo de cidades eram os **Concelhos** e eram criados ou legalizados através da **Carta de Foral** que era um documento assinado pelo rei onde ficavam estabelecidos as leis, as formas de governo, os direitos e os deveres da cidade.

Os habitantes de um Concelho que fossem proprietários de terras em volta ou nelas trabalhassem e os habitantes exercendo ofício na cidade constituíam uma comunidade de **Vizinhos**. Os Vizinhos tinham o direito de eleger uma assembleia que os representasse. Não eram considerados vizinhos com esse direito: nem Judeus nem Mouros a não ser que se tivessem convertido; nem Nobres nem Clérigos a não ser que tivessem abdicado de direitos e privilégios e respeitassem o estabelecido na Carta de Foral; as Mulheres excepto se fossem viúvas.

Normalmente existia uma **Assembleia** (*concilium*, daí a palavra concelho) composta pelas pessoas mais respeitadas na cidade, os chamados **Homens-Bons**. Esta assembleia elegia os magistrados da cidade e podia determinar se os seus militares iriam ou não para batalha (a não ser que fossem convocados pelo rei, caso em que legalmente não podiam recusar; mas, mais tarde, algumas cidades tomaram partido contra o rei ainda que em casos raros e muito particulares). As assembleias podiam ainda decidir o fim de qualquer direito senhorial dentro da área do município.

Até muito tarde (século XV), a assembleia municipal reunia-se ao ar livre (praças, adros de igrejas, entre outros lugares) e por isso quase não existiam edifícios municipais.

Os concelhos possuíam símbolos da sua autonomia governativa. Os principais eram o **pelourinho** (onde era administrada a justiça e, muitas vezes, executadas as penas) e o **selo municipal** que servia para autenticar os documentos.

Pelourinho de Arcos



Além destes, cada concelho podia criar um estandarte com elementos que o representasse: um animal que se pudesse caçar nos seus arredores, uma torre de muralha que todos conhecessem, um rio, etc...

Estandarte de Sacavém



Os magistrados eleitos pelos Homens-Bons nas assembleias eram **juizes** que muitas vezes eram conhecidos por **Alcaldes**, **Alcaides** ou **Alvasis**. Os mais respeitados de entre eles passaram a presidir o concelho e por isso, com o tempo, alcaide passou a ser sinónimo de Presidente do Município. Vários funcionários tinham atribuições diferentes, como o **Almotacé**, responsável pelas finanças, os **Meirinhos** que se ocupavam de executar a justiça ou os **Sesmeiros** que tinham a seu cargo a distribuição das terras pertencentes ao concelho por quem as trabalhasse.

Apesar do governo dos concelhos ser bastante autónomo, o Rei tinha sempre uma palavra a dizer. Entre os magistrados eleitos havia sempre um (ou mais) que o não era. Esse era nomeado pelo Rei e era seu representante: se o concelho tivesse importância suficiente para possuir castelo, era o próprio alcaide que representava o rei. Em outros casos seria o **Almoxarife** encarregado de cobrar os direitos do rei mas também de vigiar e velar para que tudo se cumprisse como estipulado na Carta de Foral. Frequentemente, o Rei nomeava ainda um juiz encarregado de administrar justiça em seu nome (justiça régia, não a contemplada na Carta de Foral). Esse juiz era conhecido como **Juiz de Fora**. A partir do século XIII, os reis sentiram a necessidade de centralizar mais o seu poder e controlar melhor os concelhos. Foi então criado o cargo de **Corregedor** que tinha uma função dupla: representava o Rei junto dos Concelhos e representava estes nas Cortes quando estas eram convocadas.

Deves ter reparado que muitas palavras que designam os cargos têm origem árabe. Isso deve-se ao facto de terem sido os Moçárabes que ficaram em Portugal após a Reconquista a organizar este tipo de Governo Urbano. Foi a organização das cidades de Al-Andalus que lhes serviu de inspiração.

Carta de Foral outorgada por D. Sancho I
a Almada (1190)

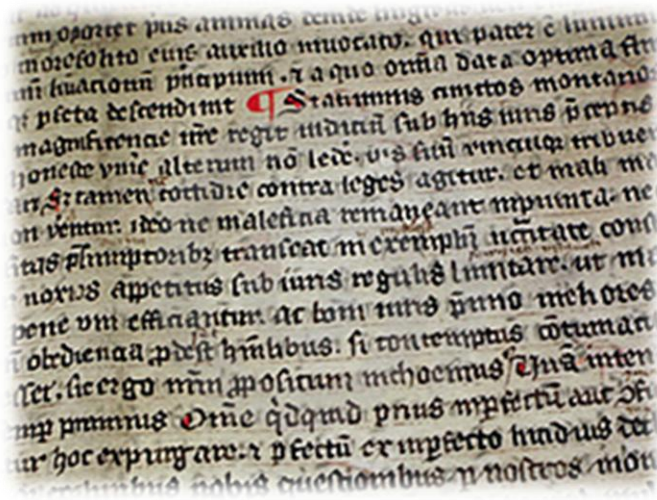


* A CULTURA PORTUGUESA FACE AOS MODELOS EUROPEUS *

CULTURA MONÁSTICA

CULTURA MEDIEVAL

Durante séculos, até quase aos dias de hoje, existiram dois tipos de Cultura: a primeira, erudita, esteve ligada à palavra escrita; a segunda, oral, esteve baseada na palavra falada. Sempre existiu um grande fosso entre aqueles que sabiam ler e os que não sabiam. Quem tem acesso à palavra escrita pode ler todos os tipos de livros e atingir variados ramos do Saber. Os analfabetos só podem conhecer aquilo que os seus pais transmitiram, através do uso da Memória.



Escrita medieval - A Palavra escrita não era acessível a todos.

Na Idade Média estes dois tipos de transmissão de conhecimento estiveram lado a lado, seguindo dois caminhos quase isolados. De tempos a tempos pareciam cruzar-se: uma lenda local podia entrar nas cortes e transformar-se num tema de Literatura. Os temas literários podiam, por sua vez, influenciar os Servos que trabalhavam na casa do seu Senhor. Mas, de uma forma geral, a cultura do aldeão era diferente da do monge ou do cortesão. E a grande barreira, o grande fosso, era a alfabetização.

Quem tinha acesso à palavra escrita era uma reduzida minoria, que pertencia ao Clero e à Nobreza. Eram muito poucos os homens e mulheres fora deste círculo que sabiam ler e escrever. A esmagadora maioria da população medieval (e esta situação manteve-se assim até ao século XX), possuía uma cultura oral.

A Cultura Medieval escrita tinha várias vertentes: a **Monástica**, que pertencia ao mundo dos mosteiros e abadias; a **Cortesã**, que estava ligada às cortes e à Nobreza. Havia, ainda, um tipo de saber que se começou a desenvolver a partir das escolas urbanas. Esta era protagonizada por jovens rebeldes que queriam entrar em confronto com o Sistema e procuravam alternativas para quebrar a «ordem das coisas». São os antecessores dos primeiros intelectuais modernos. Mas esta vertente não é monástica, nem cortesã, nem popular. É qualquer coisa que está à parte da Sociedade Medieval e que foi sempre perseguida pela Igreja. Veremos isso mais tarde quando falarmos nos movimentos culturais com origem nos burgos.

A **Cultura Popular** foi aquela que se propagou de forma oral. Pertencia ao mundo rural e à população das cidades, cuja esmagadora maioria não sabia ler nem escrever.

CULTURA MONÁSTICA

Os mosteiros foram, durante muito tempo, locais de preservação, cópia e escrita de documentos. Foram, também, centros de Ensino quando as escolas estiveram fechadas. Muitos membros da Nobreza eram ali ensinados, antes do aparecimento das universidades. Ali se desenvolveu um tipo de cultura de carácter religioso, que viria a influenciar a mentalidade medieval.

Orar - Os monges seguiam uma regra baseada ou influenciada na de S.Bento: viviam isolados do mundo, rezando em silêncio. Tempo não lhes faltava. Havia tempo para reflectir, meditar, ler e escrever. A Cultura monástica era virada para dentro das paredes do mosteiro, para o Passado e para dentro do ser humano (diálogo da alma com Deus). Não há mudança, não há pressa.

O ser humano vira-se para dentro de si mesmo e, dentro de si, fala com Deus.

Não é de espantar, pois, que a maior parte da produção artística e literária tenha estado ligada à Religião.

Scriptorium - Era o lugar onde os monges liam e produziam os seus manuscritos



Trabalhar - O Trabalho manual era considerado inferior, coisa de servo, de camponês, de artesão, de burguês que negociava e trabalhava. Um homem ou mulher de condição superior não usava as mãos para trabalhar, para fazer tarefas servis. Era por esta razão que os monges trabalhavam: para se humilharem, para se rebaixar diante de Deus, para se recordarem de que eram pecadores e, por isso mesmo, não eram melhores que o resto da Humanidade. Esta forma de Penitência servia para levar os monges a ser mais humildes e, desta forma, ascender a Deus.

Uma das formas de trabalho árduo (para além do cultivo dos campos e a limpeza dentro do mosteiro) era a cópia de manuscritos. Se pensarmos bem, copiar textos não era agradável: destruía a vista de muitos, deixando os monges quase cegos ou mesmo cegos no fim da vida; criava doenças degenerativas nas mãos e braços, devido ao segurar constante do pincel e cálamo, que fazia com que os dedos doessem constantemente.

Iluminura detalhada - Para que as ilustrações atingissem este aspecto tão elaborado, muitos monges chegavam a ficar cegos.



Também não era bom para os pulmões, cérebro e sangue porque certas substâncias eram venenosas (o branco, por exemplo, tinha chumbo, um metal que envenena o sangue e cria danos no cérebro a longo prazo). Há pergaminhos onde encontramos pequenas mensagens deixadas pelos monges. Nelas os copistas pedem aos leitores para orarem por eles, porque sacrificaram a sua vista ao fazê-los.

Ler - Todos os mosteiros e abadias possuíam bibliotecas, umas maiores do que as outras. E nelas havia variados temas, de todos os tipos. No entanto, as Bibliotecas tinham uma área para os «novatos» e outras reservadas só aos monges mais velhos ou ao abade e meia-dúzia de estudiosos. Nem todo o Saber era acessível a todos. Havia livros subversivos, que levavam as pessoas a pensar de forma não desejável, havia cópias de livros considerados malditos ou heréticos (que desafiavam a Religião), até existiam livros produzidos por «infiéis» muçulmanos, mas que interessavam pelo seu conteúdo (Medicina, Óptica, etc..). Estes volumes eram colocados em áreas reservadas, longe dos outros monges.

Tens aqui um exemplo de Biblioteca proibida aos outros monges, retirada do filme *O Nome da Rosa*, adaptação de um Livro de Umberto Eco. A Legendagem está em Espanhol: [aqui](#).

O **Conhecimento**, aos olhos dos clérigos, era importante, mesmo o Mau Conhecimento. A Igreja na Idade Média não destruía a maioria dos manuscritos, guardava-os. Se tinham que combater os seus inimigos em questões de fé e de ideologia, tinham que conhecer primeiro essas ideologias para depois as combater.

Os livros eram produzidos em **Pergaminho**, um material animal que era feito a partir da pele de animais (cabra, ovelha, carneiro, etc...) que era esticada e seca ao sol. Para além de escreverem nele ilustravam as obras com desenhos maravilhosos, que passaram a ser conhecidos como **Miniaturas** e **Iluminuras**. O termo miniatura vem da palavra mínio, um material composto por óxido de chumbo, com o qual se faz a tinta vermelha. Com o passar do tempo este nome misturou-se com

palavras que tinham um som semelhante, como *minor* ou *minur*, que significa «Pequeno». Daí o termo «miniatura». Eram ornamentos ou desenhos de pequena dimensão que embelezavam a primeira letra (letra capitular) do texto. Já as Iluminuras vêm do termo «iluminar», que era sempre feito com ouro. Os manuscritos iluminados eram os que tinham ouro na decoração. Mais tarde o termo «Iluminura» foi usado para nomear toda a pintura decorativa dos pergaminhos.



Manuscrito iluminado a ouro



Miniatura com caçador

Os materiais que utilizavam para pintar eram essencialmente de origem mineral. Eis dois exemplos de como fazer cores:

Verde - O «verdete» era feito a partir do cobre. Colocava-se uma chapa de cobre em vinagre quente. Em seguida enterrava-se essa chapa num pote de barro, que era selado com mel. Esse pote era enterrado em estrume de cavalo durante 30 dias (o estrume tem a capacidade de provocar calor, graças aos vapores que de lá saem). Tirava-se o pote no fim desses dias e a chapa estava pronta para ser raspada.

Vermelho - O «vermelhão» era feito com óxido de chumbo, mas também podia ser conseguido com mercúrio e enxofre. Uma mistura desses dois componentes era moída. Tinha que se tomar cuidado ao moê-la porque o mercúrio tem a tendência a juntar-se em bolhas. Conseguia-se assim, uma pasta preta (que também podia ser usada para pintar). Essa substância era depois aquecida, até produzir a cor vermelha.

...como podemos ver, estas cores pareciam ser executadas a partir de conhecimentos que nos fazem lembrar a Alquimia. Lembram-se do «Azulão» que os Antigos Egípcios produziam? Estas cores eram feitas com o mesmo tipo de fabrico - de forma artificial.

Os pergaminhos eram aproveitados de forma a que não sobrasse espaço. Na Idade Média não existia o desperdício. Nada se deixava fora. Muitas vezes a tinta dos textos era raspada (quando o documento não era considerado indispensável) e escrevia-se outro texto por cima. A esses pergaminhos os estudiosos chamam **Palimpsestos**.



Palimpsesto de Arquimedes - Por detrás deste documento medieval esconde-se um tratado de Arquimedes, grande Matemático Grego. As figuras geométricas (na imagem a preto-e-branco) são finalmente observadas graças às novas Tecnologias.

O tipo de Literatura que se produzia era essencialmente Religiosa: Histórias dos Santos (**Hagiografias**); Tratados de Teologia, onde se interpretam os Textos Sagrados; reproduções da Bíblia, cópias de Profecias relativas ao Fim do Mundo (e suas interpretações), obras escritas por Letrados da Igreja como Santo Agostinho. Mas também, como já dissemos, havia livros relativos à Cultura Clássica (Platão, Ptolomeu, Galeno, entre outros). Também se produzia muita música: Canto Gregoriano, essencialmente. Os monges também faziam documentação relativa a Propriedades (Testamentos, Cartas), Linhagens (Livros de Linhagens) e Contabilidade (do mosteiro, por exemplo).



Monge no jardim do mosteiro

Das hortas dos mosteiros saíam muitas vezes experiências que viriam, mais tarde, enriquecer a Medicina europeia. Todos os mosteiros tinham as suas Farmácias e Boticas, onde guardavam, nas prateleiras, amostras de cada planta medicinal. Os conhecimentos dos monges em matéria de Medicina Natural eram muito detalhados.

Ensino - Para além de centros de produção de Saber, os mosteiros eram centros de Ensino. Já mencionámos, num capítulo anterior que os filhos dos nobres eram para lá enviados, antes da criação das Universidades. Ali aprendiam a ler, a escrever e a exprimir-se na sua língua, através da aprendizagem da Retórica. Aprendiam Direito, Matemática, Astronomia e Geografia. O Ensino tinha bases clássicas (imitava o Ensino Romano) e a Língua que obrigatória era o Latim.

O Ensino monástico estava aberto àqueles que não pertenciam à Nobreza e funcionava como uma forma de ascender de condição social. No entanto, a maioria dos camponeses e habitantes da cidade não podia aceder às escolas monásticas. Viviam do cultivo dos campos e tinham compromissos para com os seus Senhores, tais como pagar as rendas ou servi-los através das corveias.

A Cultura Monástica pertenceu a um tempo em que o próprio Tempo era contado de forma pouco rigorosa. As maneiras de o medir eram várias: os relógios de Sol podiam ajudar a fazer uma estimativa das horas do dia, mas só funcionavam quando não havia nuvens.

À noite, a dificuldade de medir o Tempo era ainda maior. Para esse efeito usavam-se as **Clepsidras** (com água), e **Ampulhetas** (com areia). O dia não tinha 24 horas medidas.

Eram contados os momentos principais do dia: quando deviam acordar, almoçar, plantar, trabalhar ou orar, cear e dormir. O monge que media o tempo fazia depois soar o sino no campanário, para que todos soubessem em que momento do dia se encontravam.

Os sinos foram úteis para os camponeses, porque ouviam o seu toque e sabiam quando deviam começar a trabalhar ou parar de trabalhar. O Sino era um sinal de prestígio para a aldeia. Mostrava a sua riqueza e influência no Reino, devido ao facto de serem caros.

Igreja e camponeses - O sino da Igreja (ao fundo da imagem) marcava as etapas mais importantes do dia.



CULTURA MONÁSTICA EM PORTUGAL

A Cultura Monástica em Portugal não diferia muito da do resto da Europa. Dado que as Ordens espalhadas pela Europa seguiam a mesma ideologia, não é de surpreender que os Portugueses seguissem o mesmo modo de vida e pensar.

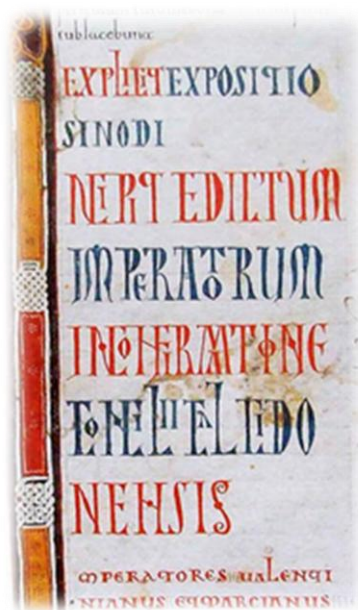
As Ordens chegaram a Portugal a partir do sec. VI, seguindo a Regra de S.Bento. Um dos primeiros mosteiros deste período foi o de

Lorvão. Este produziu obras importantes no século XII tais como o *Livro das Aves* (1183) e o *Apocalipse de Lorvão* (1189).

O Livro das Aves - Produzido no mosteiro de Lorvão



Outro mosteiro que marcou a nossa História foi o de Santa Maria de Alcobaça, que pertenceu à Ordem de Cister. Foi fundado em 1178. Os monges cistercienses desenvolveram reformas importantes no nosso país: fundaram a primeira escola aberta ao público no século XIII (1269), antes da criação da primeira universidade portuguesa, em 1290; trouxeram consigo uma outra forma de escrever, a **escrita carolínea**, que substituiu a anterior (a visigótica).



Letra visigótica



Letra carolina

Era o tipo de letra que se utilizava na Europa ocidental. Parece, nos nossos dias, uma coisa insignificante, já que as letras parecem, aos nossos olhos, todas iguais. No entanto, substituir a escrita visigótica pela carolínea foi o equivalente a utilizar a numeração árabe (0, 1, 2, 3...) em vez da numeração romana (I, II, III). Foi uma revolução intelectual, uma actualização de conhecimentos que existiam na época fora do nosso país.

O mais famoso mosteiro português foi o de Santa Cruz, em Coimbra.



Túmulo de D. Afonso Henriques - O 1º rei de Portugal foi aqui enterrado.

Fundado em 1131 por S. Teutónio, foi um centro extremamente importante na cópia de manuscritos e livros de todos os assuntos e possuía uma grande biblioteca, famosa na Europa pelas suas dimensões e variedade de temas. Nos seus *scriptoria* (*scriptorium* em plural) foram feitas obras que viriam a ter um papel importante na criação de uma Identidade Nacional. No tempo de D. Afonso Henriques foram criados textos que ajudaram os seus descendentes a consolidar o seu poder no reino recém-independente.

Também se dedicava ao tratamento da saúde e das almas dos paroquianos, colaborando de perto com o Hospital de S. Nicolau, construído ao lado do mosteiro, onde os monges que estudavam Medicina ofereciam tratamento gratuito aos mais pobres.

Sendo Portugal um país fundado no sec. XII as Ordens que tiveram maior relevância não foram apenas as de Cluny ou de Cister, foram também as Ordens Militares, das quais as mais importantes no nosso país foram as dos Templários, Hospitalários, São Tiago da Espada e Calatrava

Primeiro temos que explicar o que é uma Ordem Militar: são congregações de monges que, em vez de ficarem isolados do mundo num mosteiro, seguem uma vida activa na comunidade, com treino militar. Não se fecham ao mundo inteiramente, antes servem-se das armas para proteger as congregações cristãs.

A criação de uma comunidade de monges-guerreiros surgiu no período das Cruzadas, quando os Europeus conquistaram a cidade de Jerusalém aos Muçulmanos em 1099 e decidiram protegê-la de futuros ataques e retaliações.

Tomada de Jerusalém
pelos Cruzados



Para evitar que os Muçulmanos tentassem reaver a Cidade, foi criada a Ordem dos Pobres de Cristo do Templo de Salomão (mais tarde Ordem do Templo - **Templários**) que tinha como função proteger os peregrinos cristãos que viajavam até à cidade, bem como defender Jerusalém. Os monges acreditavam que estavam a ser chamados para defender a sua fé contra os «Inimigos da Igreja». A Ordem dos **Hospitalários** começou por ser uma congregação de monges sujeitos à Regra de S.Bento que fundaram uma albergaria para receber peregrinos após a tomada da cidade. Transformaram-se rapidamente numa Ordem Militar, em 1120, quando começaram a receber treino militar. Dedicavam-se à hospitalidade, tratando da instalação, alimentação e cuidados médicos aos peregrinos. Em breve fundariam um Hospital, ao lado do mosteiro onde faziam tratamento e cuidados médicos aos peregrinos que ali chegavam, com os pés feridos de tanto andar, com insolações, desidratados ou então atacados e feridos.

Para além do treino militar os monges Templários e Hospitalários tinham que ter uma vida exemplar, sendo celibatários e vivendo de forma modesta, sem grandes riquezas. Em breve começaram a ser fundadas novas Ordens (Calatrava, São Tiago da Espada, entre outras) com estatutos e regras semelhantes. Este tipo de mosteiros espalharam-se por toda a Europa, incluindo Portugal.

As Ordens Militares chegaram a Portugal pela mão de D.Teresa, mãe de D.Afonso Henriques, que viu nestes monges-guerreiros uma excelente protecção para as suas fronteiras. Não se esqueçam de que ela vivia em pleno período da Reconquista. O seu filho fundou um reino, mas as suas fronteiras ainda vão levar mais tempo a crescer e a estar consolidadas.

As Ordens Militares receberam muitos bens dos Nobres e Reis portugueses. Eram isentas de impostos e as populações que viviam nas regiões dos mosteiros sentiam-se seguras. A presença de um mosteiro numa determinada localidade encorajava as populações a viver nessa localidade, que depressa crescia.

Exerceram uma grande atracção sobre os nobres, dado que as regras e ideais da Cavalaria eram semelhantes ao estilo de vida que estes monges levavam. A valentia no combate era um ideal partilhado tanto por monges-guerreiros como nobres.

As populações admiravam- -nos e olhavam para eles como exemplo a seguir. A juntar à valentia estava uma maneira própria de encarar a Religião Cristã, que propagava a ideia de que as outras religiões eram suspeitas, perigosas e que deviam ser combatidas e expulsas da Cristandade.

Godofredo de Bulhão (1058 a 1100)
Nobre franco participou nas primeiras Cruzadas e foi o primeiro governador de Jerusalém após a tomada da cidade.

A sua figura nesta imagem mostra um cavaleiro enfeitado com uma coroa de flores e frutos.

É uma imagem muito positiva de alguém que vai lutar numa guerra.



Devido ao clima de guerra e à sua posição geográfica na Europa (na periferia), a cultura monástica que existiu no nosso território até ao século XIII assemelhava-se ao tipo de cultura monástica que existia na França de meados do sec.XI.

Os nossos mosteiros não desenvolveram tratados de Teologia ou Filosofia que divulgassem pontos de vista inovadores. Em pleno século XIII havia, na Europa, grandes intelectuais como S. Tomás de Aquino e Roger Bacon que se dedicaram a trazer a sabedoria de Gregos quase esquecidos como Aristóteles, por exemplo. Em Portugal estas inovações levaram tempo a aparecer. Tal aconteceu porque a Península Ibérica viveu durante séculos num contexto de Reconquista, com guerras constantes e preservação de territórios.

No entanto, encontramos algumas, poucas, excepções, como a de **Stº António**, de quem falaremos mais adiante e a de **Pedro Hispano** (c. 1205/ 1210 - 1277). Foi um dos intelectuais que viveram num período delicado na História da Igreja: uma Igreja que tentou adaptar-se aos novos conhecimentos propagados fora dos mosteiros, que tentou controlar as universidades mas, ao mesmo tempo, deixou-se influenciar por elas.

Foi um grande erudito, conhecedor das línguas Grega e Hebraica, divulgou as doutrinas de Aristóteles no mundo medieval, tal como fez S. Tomás de Aquino (uma das maiores personagens da História da Igreja), que foi seu contemporâneo.

Cirurgia no livro *Thesaurus pauperum* - Escrito por Pedro Hispano.



Aristóteles foi «importado» na Europa pelos Árabes, que o admiravam acima de todos os Gregos. Os Europeus começaram a redescobri-lo por volta do século XIII. O pensamento de Aristóteles, baseado no uso da Lógica e da Dedução impulsionou a investigação científica e o avanço do Conhecimento na Europa, fazendo com que a Cultura Monástica, que tão pouco mudara durante séculos, começasse a ser questionada. E Pedro Hispano foi largamente responsável pela sua divulgação.

Estudou na Universidade de Montpellier, em França e tornou-se professor na Faculdade de Medicina de Siena. Escreveu tratados de Medicina, um dos quais sobre Oftalmologia (*De oculo*), que se tornou leitura obrigatória em todas as universidades da Europa. A obra mais conhecida, *Thesuarus pauperum* («Tesouro dos pobres») é uma colectânea de teorias médicas elaboradas por médicos clássicos como Galeno, Hipócrates, Dioscórides e Avicena, por exemplo. Escreveu um tratado que ensinava a tratar de doenças infecciosas. Este tratado ensinava, sobretudo, a lidar com a Lepra, ensinando os doentes a tratar das suas feridas e a ter um pouco mais de qualidade de vida. Teve uma vasta cultura científica, que causava a admiração das pessoas na época. Em 1261 seguiu o sacerdócio e foi eleito Papa em 13 de Setembro de 1276, com o nome de João XXI.

O legado de Pedro Hispano fez-se sentir em toda a Europa. Séculos depois, grandes eruditos ainda liam os seus livros e ainda o citavam como referência.

CULTURA CORTESÃ

CULTURA CORTESÃ

No capítulo anterior dissemos que a Nobreza e as cortes possuíam uma cultura própria, que se afastava da monástica e que seguia os seus próprios códigos e cânones. Os Nobres eram educados nos mosteiros e recebiam uma educação não só religiosa como clássica: aprendiam Latim, para além de adquirirem conhecimentos básicos de Geografia, Astronomia ou Matemática. A partir destes conhecimentos, as cortes e os restantes nobres inventaram a sua própria música, poesia e arte.

Sempre existiu uma cultura própria das cortes. Os reis bárbaros trouxeram consigo as canções, costumes e sagas vindas das suas terras de origem e mantiveram a sua Civilização, apesar de esta já estar um bocado «contaminada» pelas culturas Cristã e Romana. Faziam os seus banquetes onde dançavam as danças da sua terra, tocadas pelos seus instrumentos e contavam histórias dos seus heróis e lendas baseadas no seu folclore. Muita desta cultura permaneceu, transformando-se em algo totalmente novo no início do século XII. Mais tarde a herança árabe, com a introdução de novos instrumentos acabaria por transformar ainda mais esta cultura cortesã.

Os Nobres nunca tiveram medo de dançar ao som de instrumentos musicais considerados diabólicos (especialmente os de percussão), sempre gostaram de dançar (algo considerado «imoral» pela Igreja) e de fazer canções que falassem de assuntos «impróprios» para a Igreja como o Amor.



Instrumentos musicais entre Nobres

Embora o Amor não fosse, nos primeiros tempos, um tema privilegiado (nos séculos VIII a X as sagas dos heróis eram sempre as favoritas) começou, com o passar dos séculos (XI e XII), a ganhar importância. Esta tendência manteve-se até à criação de uma revolução na corte francesa: a **Cultura Trovadoresca**.

Trovador



A criação de uma cultura trovadoresca foi possível no século XII graças aos seguintes factores:

- **Estabilização das fronteiras da Europa ocidental** - Agora que a Europa já não vivia debaixo da ameaça de invasão de povos exteriores aos seus reinos, os Europeus do ocidente já não esperavam guerras intermináveis. As guerras eram agora feitas fora da Europa, no Oriente (nas Cruzadas). Já podiam dedicar-se a outro tipo de diversões como criar poesia e falar de outros assuntos que não fossem só a «valentia no combate». Não significa que este tipo de sagas não tivesse perdido importância. O que queremos dizer é que novas ideias foram acrescentadas.
- **Estabilidade no seio das Casas Feudais** - As Tréguas de Deus produziram grandes resultados em matéria de paz e estabilização das linhagens nobres. As guerras feudais diminuíram de forma drástica. Para além da pacificação da Nobreza, a nova forma de transmitir heranças (aos primogénitos) levou a que uma enorme quantidade de jovens tivessem que se colocar ao serviço de um Senhor para ter acesso às suas próprias terras.
- **Controlo sobre os 2ºs e 3ºs filhos das casas senhoriais** - Dado que os filhos que não fossem primogénitos não podiam casar (a não ser se tivessem terras e bens para transmitir senão as famílias das noivas não os aceitavam) ficavam muitas vezes sós. A ausência de uma companhia levava a que os jovens cavaleiros atacassem as mulheres das aldeias e comesçassem a ser vistos pela população como «perigosos desordeiros». Para controlar esses jovens foi desenvolvido um código de conduta especial adequado aos cavaleiros, onde estavam determinados os modos de pensar e conduta de um jovem nobre. Uma das formas que os Senhores tinham de controlar os seus Vassalos era a de colocar os seus jovens nobres ao serviço das mulheres da sua família. O jovem

rapaz escolhia uma dama que achasse digna de ser amada por ele. Ele passava usar as cores da sua dama, o seu estandarte e a protegê-la dos seus inimigos. Os torneios servia para provar não só a sua valentia em combate mas também para defender ou agradar à sua dama. Era uma espécie de amor que estava acima do carnal. Ao querer agradar à sua amada, a «mia Senhor» como se dizia em Portugal, o jovem nobre encontrava um sentido para a sua vida.

Torneio Medieval



- **Imitação do Imperador** - Quando Carlos Magno tomou o título de *Imperator* e passou a estar rodeado de uma corte de sábios e intelectuais, à semelhança do Imperador Romano Augusto, inaugurou uma nova «tendência» entre os reis que se seguiram. Um rei só era digno de crédito se soubesse não só ser generoso na distribuição de benesses com soubesse escolher os mais inteligentes e criativos para o seu lado. A sua corte tinha que estar cheia de novidades: música inovadora, danças novas, poetas bem-falantes que soubessem encantar a audiência com as palavras, escritores que produzissem livros que tocassem o coração de quem os lia. A Arte era uma forma de trazer prestígio ao rei: todos queriam imitar o que se fazia em seu redor.

Todas as cortes tinham, obrigatoriamente, que ter uma elite e essa elite tinha que ser a melhor em quase todo: a cantar, a dançar e mover-se de forma graciosa, a falar de forma clara e a encontrar as soluções para adivinhas e jogos de palavras em suma, a saber um pouco de cada coisa. As intrigas continuaram, só que de forma mais subtil e mais escondida.

Eis exemplos de músicas que se dançavam nas cortes:

Exemplos de música calma: [aqui](#) e [aqui](#).

Esta música já tem ritmo de percussão: [aqui](#).

Às vezes as danças eram feitas ao som de um único instrumento: [aqui](#).

O *Saltarello* foi um tipo de música (e dança) que surgiu já na Baixa Idade Média (sec.XIII). O mais famoso *Saltarello* data do sec. XIV, do fim da Idade Média. O tipo de ritmo destas músicas era o mesmo: [aqui](#).

...e dançava-se assim: vê [aqui](#).

Miniatura satírica que coloca os instrumentos musicais ao nível do «pecado»: um anjo tenta lançar incenso contra o Senhor que o toca, enquanto outro tenta tocar, por curiosidade, um deles.



- **Crescimento da importância das línguas vernáculas** - No período da Queda do Império Romano o Latim já tinha sofrido transformações. Já tinha um som e uma construção ligeiramente diferentes. Mas na Alta Idade Média as línguas que se falavam na Europa ocidental já tinham substituído o Latim. Algumas descendiam dele (Francês, Galaico-Português, Leonês, Castelhan, Romeno, etc...) mas tinham-se transformado em algo diferente do idioma que se falava na Roma Antiga.

Quando chegamos ao século XII muitos monarcas já se rodeiam de poetas e escritores que escrevem obras na língua que todos falam no seu reino. O Latim é, cada vez mais, relegado para os livros que se produzem nos mosteiros. Fora deles, é a língua vernácula que se vai impondo. Vernácula era a língua própria de cada país. Quando essa língua era herdeira do Latim também se chamava língua Romance.

O crescimento da importância das línguas nacionais ia abrir as portas para uma nova era: D. Dinis toma uma iniciativa inovadora - Promulga uma lei em que determina que todos os textos ligados ao dia-a-dia do reino (documentos jurídicos, administrativos, cartas, etc...) têm que ser escritos em português, em vez de serem escritos em Latim, como se fez na Europa durante séculos.

...E quem diz documentos também diz documentos literários.

A Cultura Trovadoresca serviu de modelo para a música e poesia dos próximos séculos. Nasceu na França do sul, na região da Occitânia, em Provença. Era lá que vivia aquele que foi considerado um dos primeiros Trovadores conhecidos, Guilherme IX, conde de Poitiers e de Aquitânia (1071-1127), que escrevia versos e os cantava, nos seus banquetes e festas ao som de instrumentos de cordas. Os Franceses na altura chamavam «vers» a toda a poesia cantada. Os trovadores eram poetas e, ao mesmo tempo, compositores de música. Eram todos de origem nobre. Os temas que cantavam eram, quase sempre, sobre o Amor: tanto podiam ser canções de despedida de amantes pela aurora, como canções que

falavam em amantes que não eram correspondidos. Mas também cantavam Cantigas Pastoris (sobre o campo) ou baladas sobre vários temas. As canções tinham sempre estrofes que seguiam uma fórmula rígida. Essas estrofes eram cantadas sobre uma música que pouco mudava, numa melodia contínua.

Trovadores tocando para a audiência.
Que estariam eles a tocar?
Talvez esta música?: [aqui](#).



Eis um exemplo de uma canção de amor: [aqui](#).

A filha de Guilherme, Leonor de Aquitânia, (século XII) que mais tarde será rainha de França e, ainda mais tarde, da Inglaterra, aprendeu a valorizar as novas formas de arte e literatura. Recebeu uma educação esmerada do seu pai e tornou-se, ela própria, uma protectora de escritores e poetas. A sua corte tinha figuras ilustres e o seu próprio filho, Ricardo Coração-de-Leão tornou-se num dos mais famosos trovadores, escrevendo as suas próprias canções.

Uma das personalidades mais famosas da sua corte foi o primeiro a escrever sobre o Graal. A sua obra *Perceval e o Conto do Graal* lançou as bases daquilo que viria a ser a chamada «Matéria da Bretanha» e a eterna procura do Graal. Devemos-lhe todos os livros que foram feitos depois dele sobre a Lenda do Graal (mais tarde, estas lendas juntam-se a outras à volta do Rei Artur e da Távola Redonda). Chretien de Troys, o autor de que falamos, foi basear-se em lendas locais que existiam na França, em contos que se contavam à luz da lareira sobre tempos muito antigos e heróis quase esquecidos, muitas vezes misturados com personagens mágicas vindas da Mitologia Céltica, tais como magos e fadas.

Perceval diante do Graal



Este género de Literatura onde se enaltecia o herói não era novo: já antes tinham existido épicos onde certos heróis lendários tinham sido cantados nas cortes: A *Canção de Rolando* ou *Cantar de mio Cid* eram sagas muito amadas pelas cortes europeias. Mas há algo de novo na lenda de Perceval. Ele não é apenas um herói guerreiro, que vai lutar contra o inimigo. É, provavelmente o primeiro «herói involuntário» da Literatura Medieval, aquele que não deseja combater.

Ao longo da história, Perceval vai descobrindo mais e mais sobre a si mesmo: o seu Passado, o seu próprio nome. E todas estas «etapas» que consegue ultrapassar acabam por levá-lo a um palácio onde se encontra um rei doente e ferido. Este só pode ser curado por uma misteriosa taça que contém um líquido regenerador. Cabe a Perceval fazer as perguntas necessárias para compreender o significado do Graal e, através dele, curar o rei e o seu reino.

Nota: Só a partir do século XIII com a influência monástica, sobretudo da Ordem de Cister, o Graal toma conotações religiosas e esse transforma no Santo Graal, cálice que teria recolhido o sangue de Jesus. Antes disso está ligado a mitos de origem bretã e simboliza fertilidade e abundância.

Esta obra pode ser considerada como um dos primeiros romances que assim se chamaram exentamente, porque eram histórias escritas em língua romance.

As cortes tinham vários tipos de poesia e música. Eis alguns:



Dança Ritmada

Canções de Gesta - onde se incluem *A Canção de Rolando* e *Cantar de mio Cid*, entre outras. São poemas épicos onde se narra a vida e morte de um herói (uma morte sempre trágica) que luta contra os seus inimigos em defesa do seu rei, reino e religião. O herói tem quase sempre um companheiro de armas que o ajuda. As Canções de Gesta são herdeiras das Epopeias Clássicas.

Lai - é um tipo de poema cantado, inventado na França e que se transmitia quase sempre de maneira oral. Marie de France foi a primeira a passá-las a escrito e ela própria compôs os seus *lais*. São histórias cantadas em poemas cujas estrofes não são inteiramente rígidas, o que obriga a música a ter variações e a não parecer igual do princípio ao fim. Nestes poemas os temas são baseados no folclore popular: homens que se transformam em lobos ou pássaros, florestas encantadas, casas misteriosas, fantasmas...

Pastorais - Temas bucólicos e pastoris.

Ronda - Eram danças que se faziam em círculos. Os versos do Refrão indicavam quando os pares deveriam mudar de direcção.

Também existia outro tipo de «trovadores», de origem mais humilde, quase sempre vilã. Esses eram chamados **Jograis** ou **Segreís**. O seu tipo de poesia e música era de cariz mais popular. Também escreviam as suas próprias canções. Por vezes, em

certas cortes menos ricas, cantavam e tocavam canções compostas por trovadores mas, nesse caso, indicando a autoria das mesmas.

...E havia mulheres trovadoras. Elas também compunham. A sua especialidade eram as baladas ou danças. Queres conhecer as composições de uma trovadora? Vê [aqui](#).

CULTURA CORTESÃ EM PORTUGAL

A **Cultura Cortesã Portuguesa** recebeu imensas influências dos Árabes, da poesia galega que existia na época (especialmente a de Martim Codax) e da cultura francesa na Provença. Mas isso não significa que tenha sido pobre ou com falta de imaginação. Na verdade, a nossa poesia e música é muito famosa. A qualidade das nossas canções é reconhecida por todos os que estudam Idade Média no mundo inteiro.

Um dos expoentes máximos da poesia trovadoresca em Portugal é o rei D.Dinis, que passou períodos da sua infância junto do seu avô, o famoso Afonso X de Leão, O Sábio (ele próprio poeta e autor das célebres *Cantigas de Santa Maria*). Dele aprendeu toda a herança provençal desde pequeno. É por isso que não é possível separar a cultura cortesã que existia no reino de Leão da portuguesa porque, nesta época, as duas populações estavam muito interligadas. E ambos os lados se admiravam mutuamente.

Eis os tipos de poesia que existiam na Literatura Medieval Portuguesa.

Cantiga de Amor - Segundo uma visão idealizada de um pintor do século XIX



Cantigas de Amor - De inspiração provençal, eram cantadas pelos homens e serviam para louvar a sua amada. A «Amada» era a figura da Dama, que era venerada pelo Vassalo como seu protector e guardião eterno. O Amado estava disposto a morrer por ela, já que ela representava o ideal de mulher perfeita (bela, inteligente, culta e séria). As Cantigas de Amor eram feitas sob o sentimento da «**Dor de Amor**». Nelas, o sofredor queixa-se da «coita» (fardo, tormento) que ela o faz passar. Mas prefere «morrer de amor» a servi-la, do que ser abandonado por ela.

Eis uma Cantiga de Amor de João Garcia de Guilhade.

Estes meus olhos nunca perderán,
 Senhor, gran coita, mentr' eu vivo for;
 E direi-vos fremosa mia senhor,
 Destes meus olhos a coita que han:
 Choran e cegan, quand' alguen non veen,
 E ora cegan por alguen que veen.

Guisado têm de nunca perder
 Meus olhos coita e meu coraçon,
 E estas coitas, senhor, mñas son:
 Mais los meus olhos, por alguen veer,
 Choran e cegan, quand' alguen non veen,
 E ora cegan por alguen que veen.

E nunca já poderei haver bem,
 Pois que amor já non quer e nen quer Deus;
 Mais os cativos destes olhos meus
 Morrerán sempre por veer alguen:
 Choran e cegan, quand' alguen non veen,
 E ora cegan por alguen que veen.



Vassalo sonhando com a sua Dama

Cantigas de Amigo - Esta é uma forma de poesia exclusiva da Península Ibérica e tem uma forte influência popular. As Cantigas de Amigo estão associadas à figura da mulher que fala, na primeira pessoa, sobre o seu amigo (namorado). Os poemas abordam, sobretudo, o lamento da amada que está longe do seu amigo: foi para a guerra; não sabe o seu paradeiro; não aparece no encontro combinado). Uma das mais belas cantigas de Amigo foi escrita por

Ondas do mar de vigo - Manuscrito



Martim Codax, um poeta Galego, que inspirou os poetas portugueses. Nota que quem falava, o chamado «eu poético», era uma mulher mas as cantigas eram compostas e interpretadas por homens.

Eis uma cantiga escrita por ele (Ondas do Mar de Vigo): [aqui](#).

Ondas do Mar de Vigo

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
E ai Deus, se verrá cedo!

Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
E ai Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amigo,
o por que eu sospiro!
E ai Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amado,
por que hei gran cuidado!
E ai Deus, se verrá cedo

Já dissemos que D.Dinis foi um dos maiores poetas da poesia trovadoresca portuguesa. Eis uma Cantiga de Amigo composta por ele que é cantada [aqui](#).

Mas a mais famosa de todas é *Ai Flores do Verde Pino*:

Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo!
Ai Deus, e u é?
Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado!
Ai Deus, e u é?
Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs comigo!
Ai Deus, e u é?
Se sabedes novas do meu amado,
aquele que mentiu do que mh á jurado!
Ai Deus, e u é?

Vós me preguntades polo voss'amigo,
e eu ben vos digo que é san' e vivo:
Ai Deus, e u é
Vós me preguntades polo voss'amado,
e eu ben vos digo que é viv' e sano:
Ai Deus, e u é?

E eu bem vos digo que é san' e vivo
e seerá vosc' ant' o prazo sa'ido:v
Ai Deus, e u é?
E eu ben vos digo que é viv' e sano
e seerá vosc' ant' o prazo passado:
Ai Deus, e u é?

Floresta de Pinheiros



Cantigas de Escárnio e Maldizer - Muitas vezes confundidas como pertencentes a um único género, as Cantigas de Escárnio são ligeiramente diferentes das de Maldizer, em alguns pormenores. Ambas são escritas para troçar ou dizer mal de alguém, mas as de Escárnio são menos directas em relação à pessoa que se deseja «atacar». Os ouvintes deduzem, pelos indícios da canção, de quem é que o trovador fala. Eis o exemplo de uma Cantiga de Escárnio (em baixo). Neste poema, o poeta fala de um jogral que foi cantar a casa de certo infançon e que foi castigado por cantar mal:

Foi um dia Lopo jogar
a casa duü infançon cantar,
e mandou-lhe ele por don dar
três couces na garganta,
e foi-lhe escasso, a meu cuidar,
segundo como el canta

Escasso foi o infançon
en seus couces partir' enton,
ca non deu a Lopo enton
mais de três na garganta,
e mais merece o jograron,
segundo como el canta. Miniatura satírica

Martin Soares



As Cantigas de Maldizer já são mais directas. Praticamente que se menciona o nome da pessoa:



Roi Queimado morreu con amor
 en seus cantares, par Sancta Maria,
 por Da dona que gran ben queria:
 e, por se meter por mais trobador,
 porque lhe ela non quis ben fazer,
 feze-s'el en seus cantares morrer,
 mais resurgiu depois ao tercer dia!

Esto fez el por üa sa senhor
 que quer gran ben, e mais vos en diria:
 por que cuida que faz i maestria,
 enos cantares que faz, á sabor
 de morrer i e des i d'ar viver;
 esto faz el que x'o pode fazer,
 mais outr'omem per ren' nono faria.

E non á já de sa morte pavor,
 senon sa morte mais la temeria, Beleza medieval
 mais sabe ben, per sa sabedoria,
 que viverá, des quando morto for,
 e faz-[s'] en seu cantar morte prender,
 des i ar vive: vedes que poder
 que lhi Deus deu, mais que non cuidaria.

E, se mi Deus a mim desse poder
 qual oj'el á, pois morrer, de viver,
 já mais morte nunca temeria.

Pero Garcia Buralês, CV 988, CBN 1380

Prosa - Os Portugueses não foram inventivos na prosa. A Maioria dos textos produzidos eram cópias de obras estrangeiras.

Para além das Crónicas que narravam os acontecimentos no reino ou a História dos reis do Passado, os portugueses tinham três tipos de Prosa:

Clássica - Obras relativas a Heróis da Mitologia Clássica.

Ciclo Carolíngio - Há bastante material relativo a estas obras em que a figura central era Carlos Magno. Uma das obras mais lidas era a Canção de Rolando. O povo foi muito pródigo em matéria de poemas carolíngios - iremos estudar isso num capítulo posterior.

Ciclo Arturiano - Os Romances de Cavalaria, e os herdeiros da saga de Chretien de Troys, foram adaptados na língua portuguesa. Uma das obras que foi passada a escrito foi *A Demanda do Santo Graal*. Mas a capacidade inventiva dos Portugueses estava essencialmente na Poesia.

CULTURA POPULAR

CULTURA POPULAR

Numa Europa onde a população era, na sua maioria, composta por analfabetos, o tipo de cultura que existia entre os camponeses, servos e vilões, era baseada na Memória, na transmissão oral de pais para filhos. A Cultura Popular era distinta da Cortesã, Universitária ou Monástica mas, por vezes, deixava-se influenciar por elas.

Os Populares também compunham as suas canções (embora não soubessem a escrita musical). Tocavam os instrumentos de ouvido e inventavam as suas danças. Faziam poesia e tinham a identidade ligada aos seus trajes, costumes e rezas. A Cultura Popular, ao contrário do que se pensa, é rica e inventiva.

As principais características da Cultura Popular são as seguintes:

Herança pagã - Já vimos que a Igreja procurou converter as populações pagãs, através de várias estratégias. O resultado dessa união entre as velhas tradições e a cultura cristã foi uma cultura mista, onde muitos hábitos antigos se mantiveram entre os camponeses.

Por debaixo da «camada de verniz cristã», o velho paganismo manteve-se bem vivo. Por isso não é de estranhar que os aldeãos mantivessem estranhos costumes como, por exemplo, levar os seus filhos a certas montanhas ou pedras para que estes as tocassem. Muitos povos em plena Idade Média ainda recitavam encantamentos sagrados para chamar a chuva ou abençoar as colheitas.

Até a religiosidade era diferente. Os santos eram olhados quase como se tivessem a função dos deuses antigos. Cada um tinha a sua função própria (por exemplo, Santa Luzia era representada com um prato com olhos nas suas mãos, porque tratava dos problemas de olhos).



Santa Luzia

Cada gesto dos seus dias tinha uma bênção própria. Havia uma bênção para o pão antes de o pôr a cozer. Eis uma delas, que ainda se pratica nas aldeias em Portugal:

S. Vicente te acrescente...
 S. Mamede te levede
 S. João te faça pão...
 E Deus Nosso Senhor te deite
 Sua divina bênção
 O Senhor te acrescente
 E te queira acrescentar
 Para comer e mais para dar...
 Em nome do Pai, do Filho
 E do Espírito Santo, Ámen.

Canções e música - A Música popular era diferente de lugar para lugar. Preservavam-se muitas canções antigas através da tradição oral e as novas melodias imitavam o seu estilo e sonoridade. O seu mundo era o mundo real e os temas que mais interessavam ao Povo não estavam ligados à valentia das armas ou ao Amor inacessível de uma bela Dama. Eram os temas da vida normal que tanto podiam ser a traição de uma amada, um incitamento aos bois para lavrar mais depressa ou a história de uma loba que atacava os rebanhos. Apresentamos-te uma canção que fala de uma conversa entre mãe e pai. O pai quer casar a filha, a mãe procura desculpas para não o fazer:

Lenga-lenga (cantada pelos Gaiteiros de Lisboa): [aqui](#).

Tenho uma roca de pau de figueira
 Diz a minha mãe que não sou fiandeira
 Diz meu pai Casar, casar
 Diz a minha mãe que não tem que me dar
 Diz meu pai que me dá uma cabra
 Diz minha mãe que a danada é brava
 Diz meu pai Nós a amansaremos

Tenho um tear de madeira de pinho
 Não é de estopa nem de linho
 Diz meu pai Casar, casar
 Diz minha mãe que não tenho enxoval
 Diz meu pai Que me dá uma leira
 Diz minha mãe que não sou lavradeira
 Nós a amanharemos

Tenho dois fusos de ferro coado
 Diz minha mãe que não os dê de fiado
 Diz meu pai Casar, casar
 Diz minha mãe que não tenho lençóis
 Diz meu pai Que mos compra depois
 Diz minha mãe que depois é tarde
 Diz meu pai Nós os esconderemos
 Toca gaiteiro que nós dançaremos

Gaiteiro numa feira medieval em Coimbra



As Danças do povo eram mais vigorosas do que as das cortes. E isto devia-se à necessidade que o povo tinha de se divertir após um dia de grande cansaço. «Viver cada dia» era, para eles, o seu lema. Não estavam interessados em noções de pecado ou imoralidade. Eis um exemplo de dança entre as pessoas que viviam no campo, desde camponeses à nobreza rural (que dançavam de forma mais rápida que os das cortes): [aqui](#).

Ainda hoje se dança na França: [aqui](#).

Farsas, Autos, Saltimbancos, diversões de rua - Os divertimentos que as populações mais adoravam eram as diversões de rua: **festividades de Carnaval** onde havia concursos de todos os tipos (desde a mais bela ao mais horrível e disforme); festas de **S. João**, onde se podia descansar e dançar dias a fio, e as **Artes de palco** que eram realizadas em palcos de madeira que eram montados em frente à entrada principal da Igreja. Havia dois tipos:

Auto - Eram representações ligadas à Religião, encenações da vida de Jesus, Maria ou Santos.

Auto da Estrela Guia - Baseado nos Autos medievais.



Estes teatros eram feitos por autores (quase sempre anónimos) que pretendiam agradar aos gostos do público criando diálogos simples entre personagens. Por vezes as conversas eram intercaladas com cenas que provocavam o riso, quando as forças do Mal (diabos, Demónio) perdiam a batalha com anjos e santos. Havia uma visão a preto-e-branco, dividida entre Bem/Mal. E, no fim havia sempre uma moral na história.

Farsa - As Farsas representavam certas personagens de maneira estereotipada. Eram sempre satíricas. Ridicularizavam certos grupos sociais, ou profissões ou então certos indivíduos que não eram apreciados pela população (Personagens-Tipo). Gil Vicente iria utilizar várias mas, à medida que ia escrevendo novas peças, essas personagens iam ganhando uma nova vida, fora dos vulgares estereótipos. Eis alguns exemplos de personagens-tipo:

O Louco - Quase sempre aparecia no palco vestido em farrapos, com um trapo amarrado à cabeça e com farinha na cara. O louco fazia muitas caretas e fazia coisas que, no dia-a-dia, não era correcto fazer: baixar as calças, fazer caretas, dizer palavrões. O humor na Idade Média era burlesco. O Louco também era como «aquele que apontava o dedo», uma vez que os medievais olhavam para os loucos como «tocados por Deus» e, portanto, pessoas que não mentiam. No meio de tantos palavrões e frases sem nexos, lá ia dizendo umas quantas verdades...

O Louco



O Nobre - Era uma personagem apresentada de forma «efeminada» devido aos ricos trajes que vestia. Era, obviamente, pouco amada, sempre pronta para se servir de toda a gente.

O Judeu - Sempre ligado à banca ou às rotas mercantis era o «infiel» que nunca recebia confiança. Era representado com cores amarelas ou às riscas (o povo judaico sempre teve superstição a vestes de riscas - é contra as leis da Torah).

Judeu Medieval



Prostituta ou Meretriz - Muito maquilhadas e com roupa reduzida (quase sempre de cor vermelho vivo) representavam os pecados da carne. Muitas vezes as figuras de demónios estavam atrás delas, para arrastar as personagens ingénuas para o inferno.

Prostitutas e Demónio



Clérigo - O grupo das personagens-tipo nunca está completo sem uma figura da Igreja que representa a ganância e a própria imoralidade.



Clérigo - Está presente numa cerimónia de Casamento, a abençoar os noivos. Clérigo - Está presente numa cerimónia de Casamento, a abençoar os noivos.

As cores representavam um papel simbólico. Cada uma delas fazia parte da identidade de uma personagem.

Para além das farsas e autos havia grupos de **Saltimbancos**, artistas itinerantes, que viviam em carroças e montavam pequenos palcos onde cantavam ou faziam piruetas e proezas espantosas, como engolir fogo ou andar por cima de uma corda. Muitos deles eram ciganos. Até mesmo os que não o eram viviam da mesma forma, sem morada própria. Assim que o espectáculo acabava, desmontavam o seu pequeno palco e mudavam-se para outra terra.

Saltimbancos numa cidade.



A Cultura Popular manteve-se até muito tarde, no século XX. Contudo, a meio do século passado, ela começou a desvanecer-se. Dois factores contribuíram para esse desaparecimento: a alfabetização (a Escolaridade Obrigatória abriu as portas à população geral) e a introdução de culturas estrangeiras que se tornaram acessíveis graças à Televisão, Rádio ou Cinema. Assim, esta riqueza tem vindo a desaparecer aos poucos e, **a não ser que se tente reabilitar velhas tradições, a Cultura Popular estará perdida para sempre, o que seria uma perda imensa.**

AS NOVAS ORDENS MONÁSTICAS E AS UNIVERSIDADES

AS NOVAS ORDENS MONÁSTICAS E AS UNIVERSIDADES

O século XIII foi, como vimos, marcado pela prosperidade económica e pelo aumento da população europeia. Mas as inovações não se limitaram ao plano económico, também estiveram na Música, Arquitectura e Literatura. No que diz respeito à Religião foi neste século que nasceram as Ordens Mendicantes: os **Franciscanos** e **Dominicanos**.

É preciso compreender quais foram os factores para a sua criação.

Existência das Cruzadas - Os cruzados começaram por ser vistos pelos Cristãos como santos e tomados como um modelo a seguir, nos séculos XI e XII. Contudo, no século seguinte a sua glória começou a desvanecer-se. Não só não cumpriram o seu objectivo (devolver a Terra Santa para as mãos dos Cristãos - Jerusalém foi novamente tomada pelos Muçulmanos em 1187) como começaram a acumular bens materiais, a tomar posições no poder político, e a ser destruídos pela corrupção e imoralidade. A Ordem dos Templários era já olhada como um embaraço. Cheia de riqueza e poder, parecia estar esvaziada da sua função principal que era defender os territórios da Cristandade contra ataques de invasores não-cristãos.

«**Crise de Identidade**» no seio da Igreja - Qual era o seu papel na sociedade?



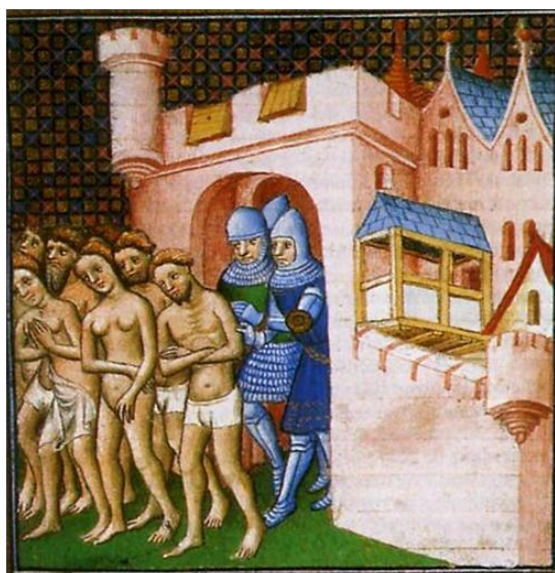
Universidade medieval

As suas escolas nos mosteiros e abadias já não eram os únicos centros de ensino existentes na Europa ocidental.

As universidades recém-criadas ultrapassaram o Ensino Monástico em inovação e qualidade. Os clérigos começaram a entrar em conflito com um poder régio cada vez mais centralizado e com uma burguesia que dominava cada vez mais as cidades e que já não desejava pagar impostos aos bispos e obedecer às suas vontades. O Poder Religioso encontrava-se em conflito com o Poder Laico. Por fim, a população medieval já não tinha o mesmo interesse nas histórias de santos, já lia (quando lia, claro...) outro tipo de livros, divertia-se de várias formas e ouvia outros tipos de música. Parecia não haver espaço para a Igreja neste mundo onde se cantava o «mal de amor» e se escreviam documentos nas línguas nacionais. Por último, o desenvolvimento económico deu origem ao crescimento das cidades e à consolidação do comércio internacional mas também fez aumentar o número de pobres e de sem-abrigo nas cidades. Pobreza que contrastava com a Riqueza da Igreja...

Heresias cristãs - Outra causa que levou ao movimento que pretendia restaurar o prestígio da Igreja foi o aparecimento de heresias cristãs, sendo a mais importante a dos Cátaros. Estes mantiveram, na sua fé cristã muitas ideologias gnósticas do Cristianismo primitivo como, por exemplo, separar a Matéria (impura, própria do Diabo) do Espírito (puro, próprio de Deus). Segundo eles, Jesus não era feito de matéria. A sua aparência sólida era só ilusória. Jesus, na opinião dos Cátaros não tinha um corpo feito de carne. Quanto a este mundo e o Universo, eram obras de um deus menor, não tinham sido criados por Deus, já que a matéria é uma forma de degradação e corrupção. Há muito tempo que a Igreja tinha decretado que estas vertentes cristãs não eram ideologicamente correctas.

Cátaros expulsos de
Carcassonne

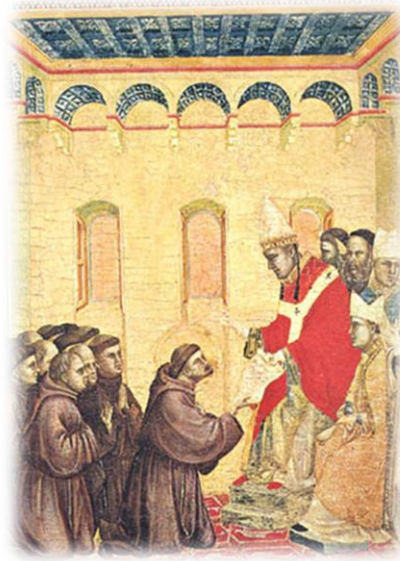


Todas estas correntes que proliferaram no início da Religião Cristã foram banidas como «heresias» em concílios. E eis que, a partir do sec.XII, começou a surgir uma forma de Gnosticismo no sul da França. No século XIII este «problema» já não podia mais ser ignorado pela Igreja. Uma das Ordens monásticas de que falaremos neste capítulo, os Dominicanos, especializou-se no combate às heresias que tinham regressado à Europa.

ORDEM DOS FRANCISCANOS

Fundados em 1209 por S. Francisco de Assis, filho de um rico mercador de tecidos, pregavam a pobreza de Cristo. Levavam mesmo à letra as instruções que Jesus deu aos seus discípulos quando começou a sua vida de pregação: não levar mais do que duas túnicas, um par de sandálias e uma bolsa para guardar as esmolas. Viviam tal como Jesus, de um lado para o outro, vivendo da esmola e da caridade como pedintes e entrando nas casas que os aceitassem, segundo as regras da hospitalidade. **Pregavam a Palavra do Evangelho** e reuniam-se em pequenas cabanas ou no cimo de colinas e montes. Também desciam às cidades, deixando os burgueses, nobres e clérigos irritados, dado que estes incomodavam os poderosos com as suas palavras, para além de que havia sempre uma enorme multidão que se juntava em torno deles. Foram muito populares entre os pobres e humildes que acabavam por ter mais respeito por eles do que por um bispo ou senhor local. A Igreja, no início, desconfiava deles, achando que uma ordem que favorecia a pobreza poderia pôr em risco a Riqueza da Igreja.

Inocêncio III aprova a Ordem de S. Francisco, em 1209



S. Francisco de Assis e seus discípulos (entre os quais se encontra S. António de Lisboa, o maior santo português) estavam a colocar a hierarquia clerical numa posição desfavorável. Se Jesus não era rico, então a Igreja também não o deveria ser. Contudo, após uma resistência inicial, Inocêncio III acabou por abençoar a Ordem, autorizá-la e permitir que se escrevessem os seus estatutos.

A Ordem Franciscana também pregava o amor a todas as coisas, vivas ou mortas. Aos olhos de S. Francisco, tudo era «irmão» ou «irmã», desde as árvores aos animais, do Sol à Lua, dos rios à Morte. Sim, até a Morte era considerada «irmã», já que esta permitia que a alma saísse do corpo e fosse ter junto de Deus.

(...) Ninguém deve ser chamado inimigo. Todos são teus benfeitores e ninguém vos faz mal. Não têm nenhum inimigo a não ser vocês mesmos.(...)

S. Francisco de Assis

A Ordem de Assis pretendia restaurar a Igreja e devolvê-la ao seu estado de pureza inicial. Nunca se corrompeu verdadeiramente. Fundou mosteiros onde viviam segundo uma regra, mas os seus mosteiros foram sempre humildes, sem riquezas nem aparato, comparados com os mosteiros das outras regras monásticas. Ainda hoje um frade ou padre franciscano vive em lugares sóbrios, tem poucas posses e vive humildemente.

ORDEM DOS DOMINICANOS

Fundada no ano de 1215 por S. Domingos de Gusmão, esta Ordem era composta por membros muito cultos, que valorizavam o Conhecimento acima de tudo. Só a Fé se encontrava acima deste. Uma das ideias-chave da sua ideologia era o princípio da Não-Contradição: não se questionam os Dogmas da Igreja e da Fé, simplesmente aceitam-se como são.

Foi por causa desta forma de pensar que os Dominicanos se especializaram no combate às heresias. A Inquisição (que começou por causa dos Cátaros) teve um grande apoio da Ordem Dominicana. De facto foram os que combateram e eliminaram todas as últimas heresias na Europa. Quando a Igreja decidiu proteger - e controlar - as universidades, foi essencialmente à Ordem Dominicana que foi entregue o Ensino das mesmas. Ali, nas Cátedras e reitorias, vigiavam e perseguiram os alunos que achassem ter pensamentos subversivos e perigosos.

Os cães de Deus:

Esta pintura ilustra um episódio da vida de S. Domingos. Tendo sido insultado por hereges durante uma pregação, foi defendido por cães que tinham as cores das roupas dominicanas.



A população tinha medo deles. Ao contrário dos Franciscanos que granjeavam a simpatia de todos, os Dominicanos não eram amados.

O nome que lhes davam (pelas costas) era *Domini canes*, que significa «cães de Deus». O termo vem de um episódio da vida de S. Domingos (mencionado na legenda acima) mas depressa ganhou um outro sentido para as populações: os Dominicanos pareciam ser «cães de caça», farejando uma possível presa. Trabalhavam para um caçador, que era Deus.

Quando a Reforma Protestante surgiu, séculos mais tarde, com Martinho Lutero, a Igreja iniciou a Contra-Reforma: uma Igreja Católica mais rígida, inimiga do progresso científico e das novas ideias. Grandes personagens da História foram mortos ou intimidados por ela: Giordano Bruno foi queimado na fogueira por defender que a Terra girava à volta do Sol; Galileu quase que foi morto pelas mesmas razões; Damião de Góis e Padre António Vieira foram portugueses que também sofreram às mãos dela; Garcia D'Orta foi queimado na Fogueira. A Lista nunca mais acaba. E, atrás da Inquisição, estavam os Dominicanos...

Giordano Bruno na fogueira



UNIVERSIDADES

Quase poderíamos dizer que o nascimento das universidades estava a ser «preparado» na Europa desde Carlos Magno quando este, para fortalecer o Império que tinha criado, ordenou uma reforma da Educação. Convidou um dos intelectuais mais prestigiados do seu tempo, o monge inglês Alcuíno, para residir na sua corte e dirigir essa reforma. Alcuíno inspirou-se no ensino clássico e organizou programas com base no antigo estudo do *trivium* (gramática, retórica e dialéctica) e no *quadrivium* (astronomia, música, aritmética e geometria). Foram assim reestruturadas as escolas existentes e fundadas outras que podiam ser **monacais** (em mosteiros), **catedrais** (junto às sedes de bispados) e **palatinas** (junto às cortes).

Alcuíno apresenta os seus manuscritos a Carlos Magno



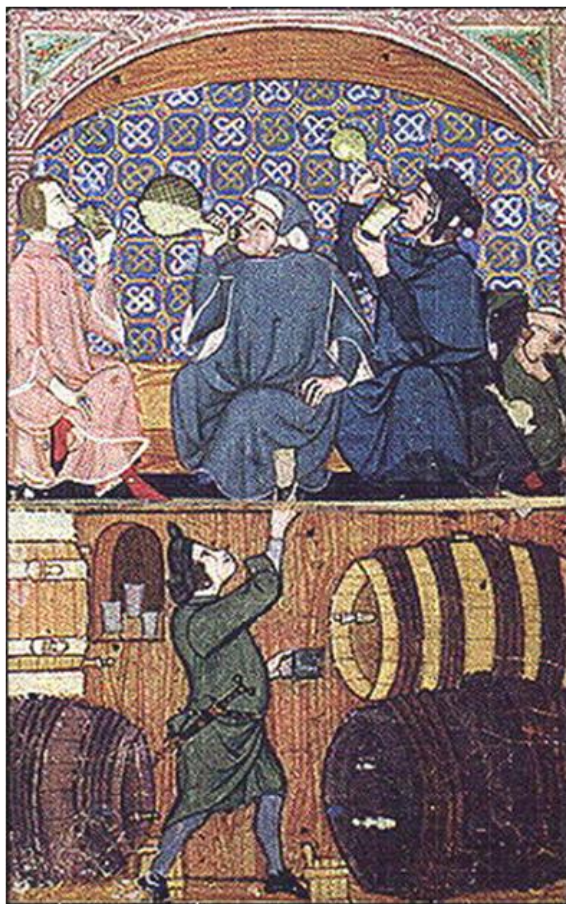
Nos séculos XI e XII, algumas dessas escolas, principalmente as catedrais, destacaram-se pela qualidade de ensino e pela procura que tinham por parte de estudantes de toda a Europa. Algumas transformaram-se em universidades, outras universidades nasceram de raiz, já estruturadas para o ensino superior. As que nasceram a partir das escolas foram chamadas **ex consuetudine** (conforme o costume) e as novas, fundadas por reis ou papas, chamavam-se **ex privilegio** (por permissão especial).

As primeiras universidades foram fundadas na Itália (**Universidade de Bolonha em 1150**) e em França (**Universidade de Paris, Sorbonne, em 1214**) para o estudo de Medicina, Teologia e Direito. O aluno principiava por estudar, fosse qual fosse o curso escolhido, as disciplinas liberais que correspondiam ao *trivium* e ao *quadrivium*. Depois seguia os estudos do ramo específico que tivesse escolhido. Eram matérias consideradas **Essências Universais** e, daí, o termo **Universidade**.

Eram normalmente instituídas por carta real ou papal onde ficavam determinados os cursos, os objectivos e os estatutos. Podiam contratar professores de outros países que se tivessem tornado conhecidos pelo seu saber, podiam partilhar e emprestar umas às outras livros e documentos. Uma Universidade que fosse considerada de excelência e que, além de ensino, também se dedicasse à investigação e inovação de estudos e conhecimento, recebia da Igreja o título de **Studium Generale** e quem tivesse estudado numa delas encontraria trabalho em qualquer país da Europa ou seria chamado para ensinar em outras universidades. Este movimento contribuiu para o intercâmbio cultural que ainda se verifica nos nossos dias.

Como já vimos, os professores e alunos deslocavam-se de uns países a outros. Isso deu origem a necessidades de alojamento e de segurança. Uma cultura e forma de vida específicas (a dos universitários) surgiu. Havia vivacidade nas terras que possuíam universidades mas também mais rixas e turbulências.

Taberna medieval



As autoridades não queriam distúrbios mas também queriam incentivar o prestígio e crescimento das suas terras atraindo os estudantes. Assim, concederam leis e estatutos especiais permitindo que muitos casos que seriam de justiça comum fosse julgados e punidos dentro das universidades e por autoridades próprias. Em 1158, por exemplo, os alunos de Bolonha foram dispensados de pagar impostos e isentos de serviço militar. Os alunos de Paris, entretanto, só podiam ser julgados dentro da própria universidade e por autoridades eclesiásticas. Também foi nesta altura que apareceu o *campus* onde os alunos passavam a residir, evitando assim conflitos com os residentes locais.

Como consequência de todo este movimento, nasceu um tipo particular de cultura, a dos **Goliardos**: eram grupos de jovens universitários que, ou porque eram clérigos pobres e a Igreja não lhes dava o lugar merecido pelos seus estudos, ou porque eram de famílias menos ricas que deixavam de poder pagar o prosseguimento dos seus estudos, se viam, de repente, entre o mundo de onde vinham e ao qual não desejavam voltar e o mundo de classe mais alta no qual tinham dificuldade em entrar. Assim, tornavam-se revoltados, de espírito livre, aquilo a que chamaríamos hoje boémios. Deambulavam pelas tabernas e pelos adros das universidades cantando poemas satíricos, críticos das autoridades e da Igreja e também poemas fortemente eróticos.

Goliardo - Imagem satírica, com animais a saírem das suas vestes.



Cerca de 200 dessas canções críticas e libertinas foram reunidas, num manuscrito do século XIII, o *Codex Latinus Monacensis* que foi encontrado em 1803 num mosteiro beneditino, na Baviera. Muitos dos poemas contidos neste Codex foram escritos por goliardos monges desavindos com a Igreja. Alguns, não todos, têm indicações musicais pelo que se sabe como seriam cantados.

Eis uma música composta por um deles («Quando estamos na Taberna»): [aqui](#).

Em 1847, Johann Schmeller publicou a colecção e deu-lhe o nome de *Carmina Burana* (do Latim *carmen* - canto e *bura* - pano de lã grosseira, material de que eram feitos os hábitos desses monges).

Em 1937, Carl Orff, descendente de uma família alemã de eruditos cujas raízes conseguiu fazer remontar até a alguns goliardos, compôs música para vários desses poemas e imaginou «quadros de época». Nasceu assim a cantata cénica (conjunto de cantos representados) com o nome de *Carmina Burana*. Eis a 1ª canção: [aqui](#).

UNIVERSIDADE EM PORTUGAL

Já em 1284 alguns documentos dão notícia do desejo de D. Dinis de criar uma Universidade. Mas o primeiro documento oficial sobre ela é de 12 de Novembro de 1288 quando vários clérigos pedem ao rei uns Estudos Gerais em Lisboa. A carta régia que funda a Universidade (*ex privilegio*), a ***Charta magna privilegiorum***, é de **1 de Março de 1290**, criando um «**Estudo Geral**» em Lisboa, estabelecendo verbas para o seu funcionamento, normas de segurança e dotando a universidade de privilégios. Determinava que formaria «**Doutores em todas as artes**». Aí seriam ensinadas Artes, Direito e Medicina. O ensino de Teologia ficava reservado aos conventos dominicanos e franciscanos.

Por considerar que, em Lisboa, não havia ambiente suficientemente sossegado para os estudos, o rei transferiu a universidade para Coimbra em 1308. Voltou para Lisboa em 1338 e de novo para Coimbra em 1354. Mas em 1377 regressou a Lisboa, onde ficou a funcionar até **1537, data em que foi fixada definitivamente em Coimbra**.

A Universidade Portuguesa (apesar das «viagens» conhecida como **Universidade de Coimbra**) está entre as 10 mais antigas de toda a Europa.

D.Dinis



DO ROMÂNICO AO GÓTICO

A conversão da maioria da Europa ao Cristianismo fez abandonar os tipos de arte greco-romana e muitos edifícios públicos e templos foram destruídos por serem considerados pagãos.

Começaram então a ser erguidos outros edifícios e novas formas de arte foram surgindo, mais adequadas para expressar a nova Fé.

O Cristianismo oriental, com capital em Bizâncio (antiga Constantinopla e hoje Istambul) manteve sempre um estilo próprio, conhecido como Bizantino. É da Arte no Ocidente que falaremos a seguir.

SÉCULOS V A XII D. C

Chama-se **Arte Carolíngia** à que data do tempo do Imperador Carlos Magno e se mantém até ao século XII (do período dominado pelo Imperador Carlos Magno). As obras desta época misturam estilos de variadas origens (greco-romanos, germânicos, sírios, bizantinos...). As oficinas dos mosteiros desse tempo praticam a iluminura, a arquitectura não é muito elaborada mas a escultura apresenta traços muito característicos e até inovadores. A Arte Carolíngia prepara caminho para aquela que aparecerá no século XII e ficará conhecida como Arte Românica.

Arte Carolíngia - S. João
Evangelista



ARTE ROMÂNICA (1000 – 1100)

A **Arte Românica** marca a ruptura com o período clássico. Nasce por influência das Cruzadas, das lutas contra os Muçulmanos e da expansão das ordens religiosas. É fundamentalmente religiosa porque, nesse tempo, apenas a Igreja e as Ordens Cristãs são suficientemente organizadas para promover a angariação de fundos extraordinários e em larga escala, algo que a construção de edifícios religiosos exige.

Manifesta-se sobretudo na Ourivesaria e na Arquitectura. A Ourivesaria é requintada (os povos de origem bárbara eram mestres na arte da Metalurgia. Poucos tinham a perícia deles). Quanto à Pintura, foca-se sobretudo em murais (hoje já muito gastos, dos quais poucos sobreviveram) e em iluminuras.

Pintura Românica - Os ornamentos assemelham-se aos desenhos estilizados dos Bárbaros.



ARQUITECTURA

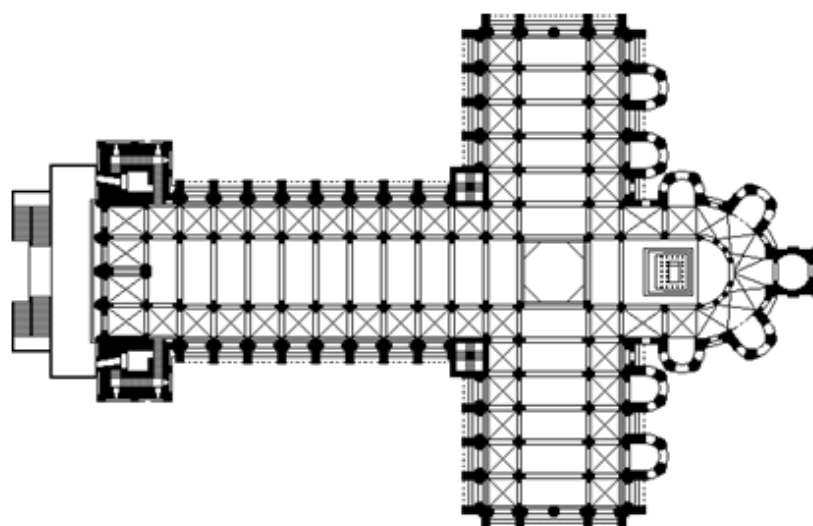
Como se vivia um tempo de insegurança e de guerras, os edifícios românicos são semelhantes a fortalezas. As paredes são de pedra, quase sem reboco, os tectos não muito altos, os interiores com pouca luz devido ao número reduzido de janelas.

As igrejas são as melhores representantes deste estilo: fachada geralmente rectangular, duas torres, uma de cada lado, no interior, arcadas entre os pavimentos.

A planta, geralmente, é em **cruz latina** com 3 a 5 naves com abóbada. Possuem quase sempre um **Deambulatório** (espécie de corredor à volta de toda a igreja) porque, quando foram erguidas, se destinavam a receber multidões e procissões.

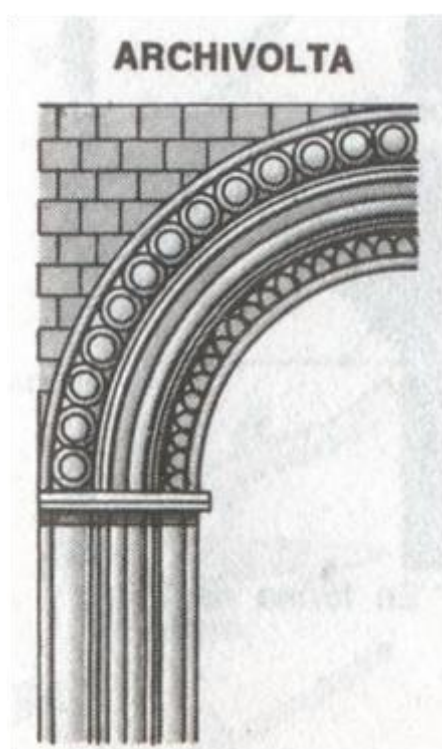
As características principais da Arquitectura Românica são:

- 1 - Igrejas construídas seguindo uma planta de Cruz Latina.
- 2 - Estas Igrejas apresentam uma ou mais naves (vários corredores no interior ao longo do edifício) cortadas por um transepto que forma os «braços» da cruz. No centro do Transepto está o Cruzeiro (ponto central da Igreja, bem no meio da cruz).
- 3 - Substituição dos tectos planos em madeira por abóbadas.
- 4 - Pouquíssimas janelas e paredes muito espessas, com poucas aberturas.
- 5 - Arcos de volta inteira ou volta perfeita.
- 6 - Construção de arquivoltas que consolidassem os arcos.



Absidiolos
(encostados ao
longo da Ábside)

Transepto



Arquivolta

ESCULTURA

A escultura Românica não é muito detalhada. De uma forma geral parece não responder aos Cânones Gregos (é desproporcionada e assimétrica). A Figura humana, quase sempre (com algumas excepções) parece atarracada, como se tivesse sido feita sem grande rigor anatómico. No entanto, esta dificuldade deve-se ao facto de que, após a queda do Império Romano, alguns saberes e técnicas se terem perdido. A escultura perdera os seus mestres que sabiam como talhar um bloco de pedra e fazer sair desse bloco uma figura que quase parecia viva. Essas técnicas vão levar séculos a serem reaprendidas.

Escultura Românica



ARTE ROMÂNICA EM PORTUGAL

Tal como no resto da Europa, a Arte Românica em Portugal está ligada à Igreja e dura muito mais tempo do que nos outros países europeus (há edifícios Românicos que datam do sec. XIV). Isso deve-se ao período prolongado de guerras que o país viveu. As principais manifestações na Arquitectura encontram-se nas sés: a Sé de Lisboa (sobra pouco da Arquitectura inicial); Sé de Braga; Porto; Sé Velha de Coimbra.

Sé Velha de Coimbra



A Grande inventividade dos Portugueses, no que toca a esta forma de arquitectura está nas pequeninas igrejinhas espalhadas pelo país (especialmente no Norte e no Centro). São estruturas humildes, com apenas uma nave e uma abóbada que está colocada sempre por cima da capela-mor.

Os tímpanos, as arquivoltas e os capitéis são embelezados com esculturas de plantas, animais e cenas da Bíblia, que funcionam como histórias em várias etapas para ser compreendidas pelas comunidades que não sabiam ler nem escrever.

Escultura num Tímpano -
Santiago de Antas, Famalicão



ARTE GÓTICA (XI-XIV)

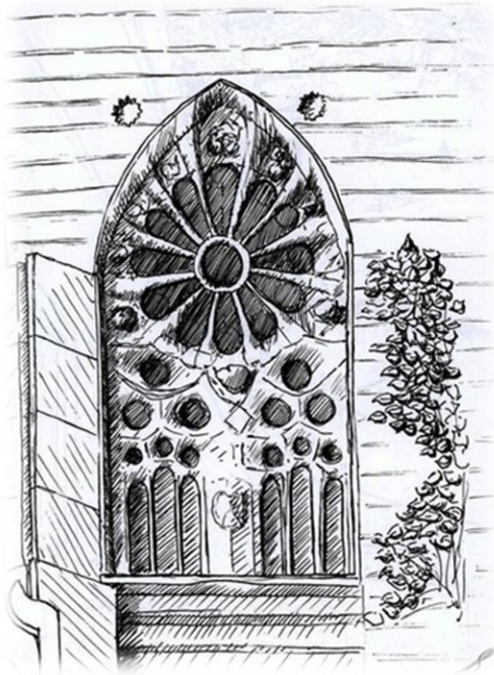
A **Arte Gótica** é própria das cidades. Nasce com o comércio mercantil e com a riqueza que começa a crescer entre as populações. O seu expoente máximo são as catedrais, mas também se manifesta na Ourivesaria, talha e pintura. Algumas catedrais chegam a ser financiadas não só pela Igreja mas também pelos Burgueses.

ARQUITECTURA

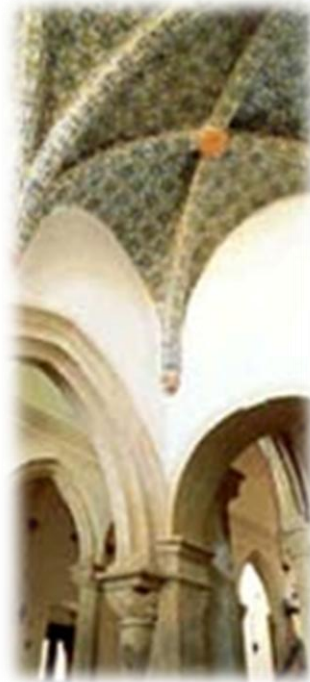
A **grande novidade do Gótico é a forma de como usa a Luz**. A arquitectura é mais elevada e as paredes são mais finas. O Interior é luminoso, sem apresentar a escuridão dos edifícios românicos.

Eis as principais características:

- 1 - Utilização do Arco em Ogiva.
- 2 - Utilização da Abóbada sobre cruzamento de Ogivas, que são apoiadas por Arcobotantes.
- 3 - Espaço iluminado, graças a amplas janelas cheias de vitrais, por onde passa a luz.
- 4 - No exterior dos edifícios existiam os contrafortes, que fazem escoar a força da gravidade para o chão, sem que o edifício desmoronasse.



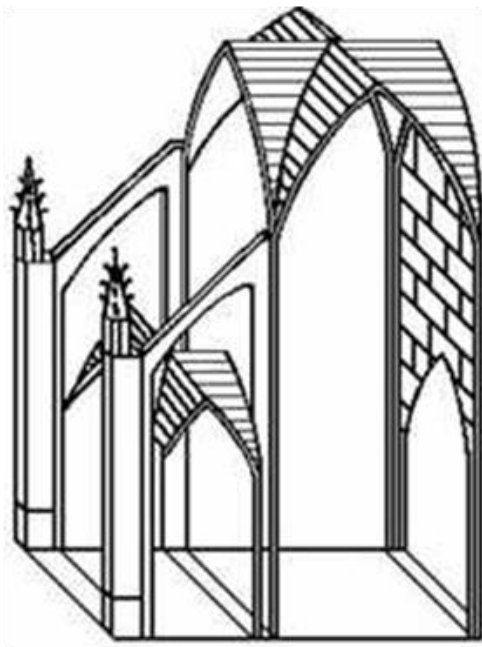
Arco em Ogiva



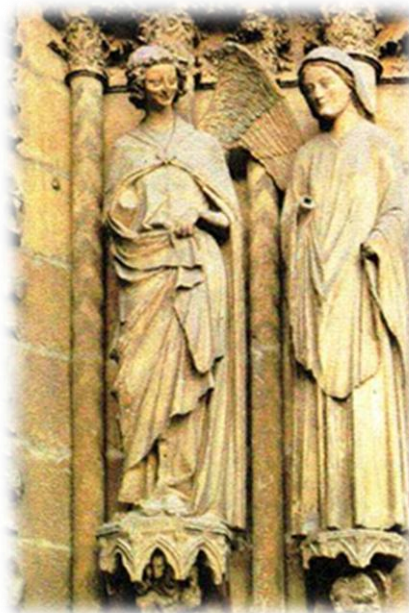
Abóbada em Ogiva

Estes edifícios são ornamentados por esculturas semelhantes às românicas, com a mesma temática mas já mais detalhadas.

As paredes são frequentemente cobertas por pinturas.



Contrafortes



Escultura Gótica

As plantas dos edifícios pouco mudam. Permanecem em forma de cruz mas um dos lados é mais alongado.

GÓTICO EM PORTUGAL

Há várias *nuances* no Gótico Português:

Cisterciense - Mosteiro de Alcobaça: foi o primeiro edifício de traçada gótica em Portugal

Mendicante - S. Francisco de Santarém: linhas simples, de acordo com a simplicidade dos Franciscanos ou Dominicanos.

Gótico Clássico - Mosteiro da Alcobaça: linhas harmoniosas e delicadas

Gótico flamejante - Fachada da Igreja da Graça, em Santarém: formas complexas e intrincadas.



Fachada da Igreja da Graça, em Santarém

* CRISES E REVOLUÇÃO NO SÉCULO XIV *

CRISE ECONÓMICA E CONFLITOS SOCIAIS

CRISE ECONÓMICA E SOCIAL NA EUROPA

Após quase três séculos de desenvolvimento na Europa, seguiu-se um período de crise económica e social que atravessou quase todo o século XIV. As principais causas dessa crise, referidos muitas vezes como «Os flagelos da Idade Média» foram os seguintes:

A Grande Fome - O aumento de população obrigou a uma procura crescente de alimentos. Mas a importância do comércio fazia com que cada vez menos fosse destinado à subsistência dos camponeses. Por outro lado, o número de Nobres aumentava com cada vez mais senhores a receberem títulos e terras. Era necessário pagar as rendas de todos eles e isso levou a uma exploração cada vez maior dos Servos que começaram a revoltar-se. Alguns conseguiam libertar-se e fugir para as cidades em busca de melhor vida mas, a aglomeração de residentes amontoados em habitações toscas e precárias, dificultava a obtenção de trabalho e provocava condições de higiene péssimas o que tornou as cidades um foco de propagação de doenças.

Trabalhando para a
ceia do Senhor



Ao mesmo tempo, o clima sofreu uma profunda alteração que ficou conhecida como **mini-glaciação**. O corte intensivo de árvores efectuado durante os séculos precedentes para desbravar as florestas e criar cada vez mais terrenos agrícolas provocou chuvas torrenciais e que duravam dias e dias sem parar. Em busca de mais alimento, as áreas antigamente destinadas a pastagem foram também cultivadas o que diminuiu o gado. Esta diminuição, além de se traduzir em menos carne, leite e laticínios também fez com que houvesse cada vez menos adubo animal (estrume) para **as colheitas que ficaram cada vez mais pobres**. Os preços dos produtos agrícolas, claro, subiram. A consequência de tudo isto foi a fome, a **Grande Fome** que cobriu paraticamente toda a Europa.

Peste Negra - Já dissemos que as condições de higiene nas cidades deixava muito a desejar.

Embora, ao contrário do que muitas vezes tem sido dito, o hábito do banho não fosse tão raro como é costume pensar-se até em certas regiões, como na Alemanha, existissem estabelecimentos de banhos públicos, a verdade é que, na maior parte da Europa, nem por sombras era considerado um hábito diário como hoje o fazemos. As pessoas tomavam banho completo três ou quatro vezes por ano, geralmente na Primavera e no Verão porque estava menos frio... Aliás é esta a origem das chamadas «Noivas de Maio»: era o mês mais escolhido para casar porque os noivos aproveitavam o banho de Primavera e iam mais limpinhos para a noite de núpcias. A mesma água era usada para toda a família: primeiro o chefe de família, depois a mulher, os filhos por ordem de idades e por aí adiante. Quando chegava a vez dos bebés, a água já sujava mais do que lavava.

Mãe medieval: onde está o Bêbé?



As roupas também eram lavadas raramente porque o sabão era caro e o preço dos tecidos alto (segundo eles, muita lavagem da roupa podia estragá-la). Ao contrário do que tinha sido habitual entre Egípcios, Gregos e Romanos, o hábito de lavar os dentes tinha-se completamente perdido e, por isso, a maioria das pessoas tinha os dentes podres (os poucos que lhes restavam na boca). Homens e mulheres viviam cheios de pulgas e de piolhos. Nas cidades, os excrementos, a urina e a água do banho eram atirados pela janela e os esgotos corriam ao ar livre. Matavam-se muitas vezes animais dentro de casa e a falta de uma limpeza conveniente de sangue e vísceras chamava os ratos que engordavam e se multiplicavam.

Não é de estranhar, pois, que a mortalidade fosse elevada, sobretudo a mortalidade infantil: um terço das crianças morria antes de chegar a um ano de idade e um quarto das que sobreviviam morria antes dos seis. Por outro lado, a Medicina não estava lá muito adiantada e os médicos mais preparados eram pouquíssimos, concentravam-se geralmente nas cortes de reis e senhores e os seus serviços não estavam ao alcance de todos. As pessoas encaravam a doença como castigo de Deus, vingança feita através de magia negra, mal de inveja, etc... Tentavam curar-se com mezinhas caseiras, orações e preparados esquisitos que chegavam a incluir urina e fezes de certos animais.

Medicina medieval



Em meados do século XIV uma grave pandemia matou mais de um terço de toda a população europeia. Ficou conhecida como a **Peste Negra** e foi provocada pela bactéria *Yersinia Pestis* transmitida por ratos da espécie *rattus rattus* um rato preto indiano hoje raro na Europa.

Pensa-se que este tipo de ratos tenha invadido a Europa através dos Mongóis que o teriam trazido desde a região dos Himalaias até à Ucrânia. Em 1347, durante um cerco à colónia genovesa Caffa (na Crimeia) pelos Tártaros auxiliados por Venezianos a peste deflagrou no acampamento dos atacantes e matou tantos que foram obrigados a desistir do cerco. Entretanto já tinham contaminado a cidade. Alguns genoveses fugiram e regressaram a Génova mas outros foram atracar nos portos de Veneza e de Marselha trazendo os porões cheios de cadáveres de marinheiros, os sobreviventes infectados e... os ratos pretos contaminados.

Peste Negra na Itália



Os ratos que já existiam na Europa Ocidental também foram afectados pelas bactérias que infectavam a espécie recém chegada e morreram também em grande número. Os que sobreviviam, contudo, multiplicavam-se e a nova geração voltava a ser infectada e a transmitir a doença aos Homens. Esta era transmitida através das picadas de pulgas que passavam dos ratos aos homens.

Uma vez contagiada, uma pessoa tinha poucas possibilidades de sobrevivência e morria em poucos dias. Primeiro tinha febre altíssima mal estar e vômitos: depois apareciam uma espécie de bolhas cheias de pus por todo o corpo mas principalmente nas virilhas e debaixo dos braços. A morte chegava brevemente.

O terror provocado pela doença (que viria a ter outros surtos ao longo dos séculos e só viria a desaparecer totalmente na Europa a partir do século XVIII) levou as pessoas a considerarem-na como **castigo de Deus** pelos seus pecados e a sentirem a necessidade de se arrependerem. Chegaram a organizar-se «procissões de flagelantes» com cortejos de gente que se flagelava pelas ruas, em penitência. Em sentido contrário, muitos começaram a questionar a Igreja e surgiram vários cultos de natureza mística. E, infelizmente, como acontece demasiadas vezes ao longo da História, apareceram os que procuravam bodes espiatórios e culpavam e perseguiram quem não tinha nada a ver com isso: deeficientes, leprosos e, principalmente, os Judeus.

Procissão de Flagelantes



Um terço (ou mais) da população morreu. Os sobreviventes estavam desesperados, exaustos mas... mais ricos. A falta de mão de obra levou ao aumento de salários, os preços de terras e as próprias rendas diminuíram. As diferenças entre os vários grupos sociais não estavam tão marcadas como até aí e alguns burgueses começaram a vestir-se como os nobres. Os reis e grandes senhores apressaram-se a proclamar as chamadas **leis sumptuárias** (relativas ao luxo) que determinavam o que podia cada grupo e extracto social vestir.

As perseguições às minorias aumentaram imenso. As populações culpavam principalmente os Judeus porque a maioria dos médicos eram judeus e não tinham sabido fazer frente à doença. Além disso, como os Judeus cumpriam rigorosamente as leis higiénicas e de alimentação escritas no *Talmude*, tinham morrido em muito menor número e isso tornava-os suspeitos.

Em muitas cidades, as pessoas contagiadas eram obrigadas a sair da povoação e a ficar isoladas durante 40 dias antes de poderem voltar. Se tivessem sobrevivido a esses 40 dias já não haveria perigo. É por isso que, ainda hoje, quando é preciso isolar alguém ou um grupo de pessoas para evitar que uma infecção se espalhe, se diz que ficam «de quarentena».

Médico com fato protector contra a peste



Algumas ordens religiosas recolhiam e tentavam tratar esses doentes ou, pelo menos, aliviar o seu sofrimento nos últimos dias de vida.

A Peste Negra está na origem de um desenvolvimento sem precedentes no movimento de criação de hospitais e do avanço de estudos de Medicina. Também está na origem de uma mudança de mentalidades que acabará por conduzir a novas formas de organização social e ao Renascimento.

Guerra dos Cem Anos - Apesar do nome, durou um pouco mais de cem anos (de **1337 a 1453**) e foi intermitente (não contínua), isto é, períodos de conflitos iam alternando com períodos de paz. Esta guerra partiu da rivalidade constante entre a França e a Inglaterra que, desta vez, lutavam pelo domínio da região da Flandres, importante como centro de produção e de comércio. A Flandres estava ligada à França por laços de vassalagem mas dependia economicamente da Inglaterra porque era esta quem lhe fornecia a lã com a qual fabricava alguns dos seus melhores tecidos.

Outro dos «pretextos» para a guerra foi a disputa pelo trono de França.

No século XII, Henrique II de Inglaterra tinha casado com Leonor de Aquitânia e tornou-se vassalo do rei francês nas terras francesas que faziam parte do dote de sua mulher. A partir daí, o problema da sucessão ao trono francês passou a estar sempre presente mas, enquanto os reis de França tivessem descendentes masculinos directos, não estalariam os conflitos.

Quando, em 1328, morreu Carlos V, filho do rei francês Filipe IV, o Belo, não havia descendentes directos. Vários foram os que se apresentaram como pretendentes ao trono francês, entre eles Eduardo III de Inglaterra, neto de Filipe IV por parte da mãe. Outro pretendente era o Conde de Valois, também chamado Filipe, e sobrinho do rei mas pertencente a ramo secundário da família real. Uma assembleia de nobres franceses examinou as razões apresentadas por cada um deles e optou pelo Conde de Valois, apoiando a sua decisão na Lei Sálica que determinava que a coroa francesa não podia ser dada a mulheres nem a descendentes dos reis por linha materna. O rei inglês aceitou a decisão.

Mas os problemas não ficaram por aqui. O regente da Flandres prestou vassalagem ao novo rei francês mas os comerciantes flamengos revoltaram-se e decidiram apoiar as pretensões do rei de Inglaterra ao trono de França. Filipe VI (o antigo conde de Valois, agora rei de França) resolveu retirar os domínios que Eduardo de Inglaterra possuía em França para que ele não pudesse reunir homens de armas em território francês. Esse foi o rastilho para que a guerra começasse. Eduardo III de Inglaterra repudiou o juramento antes feito, garantiu não reconhecer Filipe VI como rei de França e fez desembarcar um exército na Flandres, em 1337. Foi o início da Guerra dos Cem Anos.

Desembarque do exército inglês na Flandres



A guerra desenrolou-se sempre em território francês e, depois da derrota de Filipe VI na batalha de Crécy, os Ingleses ocuparam quase toda a França. Dois partidos se formaram entre os próprios Franceses: os de **Armagnac**, que defendiam os interesses franceses, e os **Borguinhões**, que estavam do lado dos Ingleses.

Em 1415 os Ingleses invadiram a Normandia, ocuparam Paris e fizeram prisioneiro o rei Carlos V.

Em 1429 França desencadeou um grande movimento de resistência e venceu algumas batalhas, sendo a mais importante a de Orléans, em que o exército foi comandado pela célebre donzela camponesa que se fez guerreira: **Joana d'Arc**. Joana foi capturada em 1430 e vendida pelo Duque de Borgonha aos Ingleses que a julgaram em Rouen por feitiçaria e a condenaram à fogueira. Foi executada em 30 de Maio de 1431.

Joana d'Arc



A paz entre França e Inglaterra foi finalmente assinada em **1435**, com a França vitoriosa. Durante o tempo que durou, esgotou os exércitos e os camponeses obrigados a abandonar campos para batalhar, empobreceu ainda mais populações já afligidas pela fome e pela peste. Quando terminou, tinha-se desenvolvido uma **consciência de nação** em cada um dos dois países. O Povo também tinha deixado de respeitar os senhores feudais que tinham jogado os seus vassalos e servos como peões dos seus interesses. Os reis passam a contar com o apoio de uma nobreza mais moderna e com o auxílio económico dos burgueses para reconstruir os países e, sobretudo em França, para recuperar a autoridade. Aos poucos, o Feudalismo morre e constroem-se as bases do que virá a ser o **Absolutismo**.

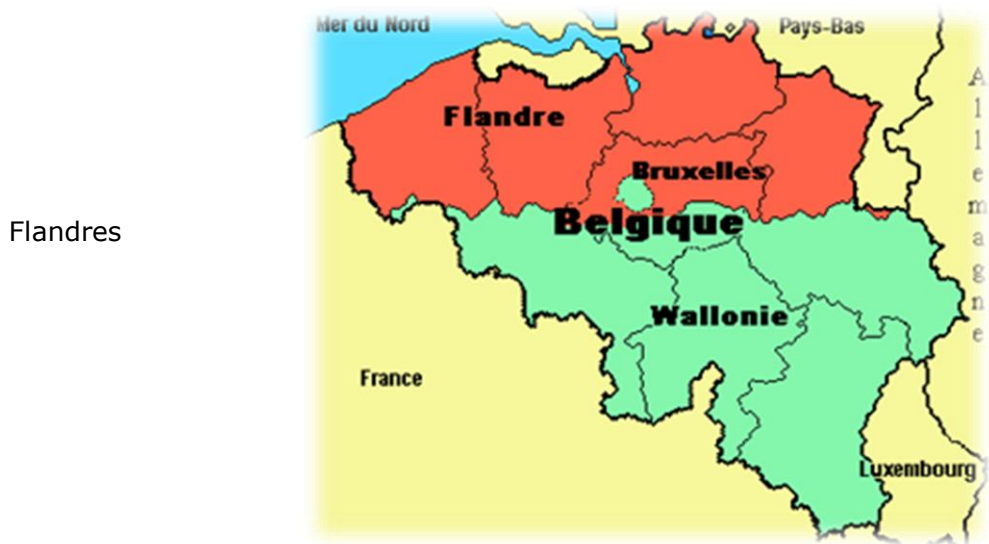
LISBOA NOS CIRCUITOS DO COMÉRCIO EUROPEU

ROTAS COMERCIAIS EUROPEIAS NA BAIXA IDADE MÉDIA

O desenvolvimento urbano da Europa ocidental levou a uma importância crescente do Comércio não só entre as várias regiões de um país como também entre países. Desenvolveram-se estradas mas o transporte de mercadorias por via terrestre continuava a ser muito dispendioso e eram preferidos os meios de transporte fluvial e marítimo.

Durante os séculos XII e XIII, as regiões da Europa que se mostraram mais dinâmicas sob este aspecto foram:

Flandres - Algumas cidades da região (que corresponde hoje, de uma forma geral, a uma região da Bélgica) eram conhecidas pelo fabrico excelente de lanifícios: Bruges, Ypres, Gand, entre outras. Por sua vez, a localização geográfica tornava fácil a chegada de produtos de outras regiões, principalmente do Báltico (peles) mas também produtos vindos dos países a Sul: os Ingleses traziam lã e minerais, os Portugueses vendiam mel, azeite e uvas, os Espanhois contribuíam com amêndoas e figos, os Italianos com especiarias orientais.

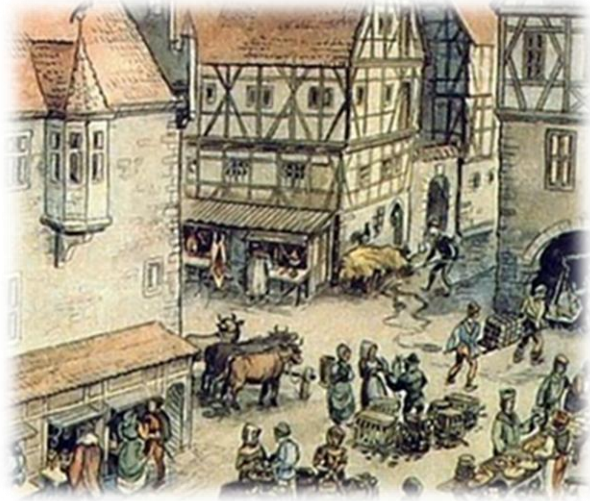


Liga Hanseática - Era uma associação comercial entre várias cidades do Báltico e tinha uma enorme importância económica. As cidades principais eram Riga, Lubeque, Hamburgo e Colónia. Os produtos mais importantes das suas exportações eram peles e madeiras mas também alguns produtos agrícolas.

França - Tornou-se importante nas rotas do Comércio Europeu essencialmente pelas suas feiras que foram as mais famosas ao longo de toda a Idade Média. As mais conhecidas realizavam-se em Lagny e em Troyes. Os reis franceses concederam privilégios muito atraentes a essas feiras que atraíram mercadores de toda a Europa que aí iam comerciar sedas, lanifícios, couro, vinhos, corantes etc...

Cidades-Estado Italianas - Veneza e Génova eram os principais centros comerciais, disponibilizando seda, pérolas, tecidos de luxo, madeiras, peixe salgado e alúmen.

Comércio na Baixa Idade Média



Com o desenvolvimento comercial, a economia monetária vai substituindo pouco a pouco a troca de produtos. A **moeda** é cada vez mais o meio mais prático (e relativamente universal) de calcular o valor de compra e venda dos diversos artigos. Além do uso da moeda, surgem inovações económicas que facilitam todas estas actividades. Entre elas podemos destacar as seguintes:

Dinheiro em papel (notas) - Evitava as deslocações com moedas em metais preciosos.

Letras de Câmbio (ou **Cartas de Câmbio**)- Eram uma espécie de cheques visados: o mercador depositava uma determinada quantia de dinheiro em sítios que podem ser considerados os precursores dos bancos e era-lhe passada uma nota que permitia que ele levantasse essa quantia de dinheiro num «banco» semelhante no lugar de destino.

Cambista no século XIII



Câmbio - As mesmas instituições que passavam as letras também trocavam moeda estrangeira (a de Florença pela de Espanha, a da Alemanha pela de Flandres, etc...) a uma taxa determinada e que variava no tempo consoante a moeda era mais ou menos forte. Vemos aqui um esboço do Sistema de Câmbio que temos hoje.

Sociedades Comerciais - Associações em que vários mercadores investiam e que geriam determinados negócios. Os lucros eram repartidos pelos investidores na proporção do investimento que tivessem feito. E aqui temos um esboço da nossa actual Bolsa de Valores.

Bolsas de Mercadores - Eram uma espécie de companhias de seguros. Os associados pagavam um tanto por cada operação que considerassem importante e esses pagamentos iam constituir um fundo comum para cobrir carástrofes, riscos de viagem, assaltos, etc...

Mercados das cidades



LISBOA NOS CIRCUITOS COMERCIAIS EUROPEUS DA BAIXA IDADE MÉDIA

A situação geográfica de Portugal torna alguns dos seus portos (Porto e, sobretudo, Lisboa) especialmente indicados para que se transformem em pontos importantes nas rotas comerciais da Europa, principalmente na que liga as áreas do Mediterrâneo aos países do Norte. É assim que, ao longo e toda a Baixa Idade Média, vamos encontrar mercadores **estrangeiros** estabelecidos em Lisboa e mercadores portugueses na Flandres, em Itália, França e Inglaterra.

Portugal **importava** madeira, cereais, ferro, armas e artigos de luxo e **exportava** azeite, sal, vinho, cortiça e, em menor quantidade, frutos secos.

As relações comerciais de Portugal estabeleceram-se com todos os centros europeus mas foram mais intensas com a Flandres. Sabe-se que mercadores portugueses estiveram na feira de Lille (cidade no Norte de França que, na época medieval, pertencia à Flandres) em 1267. Depressa D. Dinis compreendeu que era de toda a conveniência proteger esta actividade e os que a ela se dedicavam e, em **1293**, assinou com Eduardo III de Inglaterra um convénio comercial e criou a **Bolsa de Mercadores** destinada aos comerciantes portugueses que viviam na Flandres. Esta, que mais tarde foi alargada a todos os mercadores portugueses, era uma espécie de Companhia de Seguros. Por cada viagem de comércio, o proprietário de um navio (ou quem o alugava para transportar mercadoria) pagava uma determinada quantia. Em caso de alguma coisa correr mal, era ao fundo constituído pela soma desses depósitos que se ia buscar o necessário para ajudar a minorar os problemas.

Lisboa Medieval



Já em **1380**, D. Fernando cria a **Companhia das Naus** que, além das atribuições da Bolsa dos Mercadores permite que um fundo maior seja utilizado para cobrir riscos das viagens marítimas bem como para financiar a construção e reparação de navios. Com a Companhia das Naus, a Marinha Portuguesa recebe um forte impulso.

Lisboa tem um papel central em todo este processo. As características do seu porto sempre a tornaram um ponto privilegiado para as relações comerciais desde os Fenícios aos Romanos e aos Muçulmanos.

Após a Reconquista, logo na Carta de Foral dada por D. Afonso Henriques à cidade (em 1179) se estabelece uma grande nova feira e um mercado. Em pouco tempo o comércio entre Lisboa e as cidades que tinham pertencido a *Al Andalus* se restabelece. Do norte de África voltam a chegar amêndoas, açúcar, marfim, especiarias. Mas outras vias se abrem agora para Lisboa, como as trocas com os Países do Norte, principalmente as cidades da Flandres e da Liga Hanseática. Esses eram portos a que os Muçulmanos, por razões ideológicas, raramente aportavam e, por isso, era através dos Portugueses e dos Espanhois que os produtos das «terras dos Mouros» chegavam. Em Lisboa fundam-se estaleiros e constroem-se barcos cada vez de melhor qualidade. O primeiro navio que se pode considerar como verdadeiramente adaptado à navegação no Atlântico sairá desses estaleiros: é a **Caravela**, cuja primeira menção data de 1226, que mais tarde será tão importante nos Descobrimentos. As profissões ligadas aos mares são protegidas e estimuladas ao ponto de, em 1242, ser criado, em Lisboa, o cargo de um juiz próprio: o **Alcaide do Mar**.

Caravela



Lisboa torna-se tão rapidamente importante e cresce tanto, quer em população quer economicamente, que, em **1255, D. Afonso III a torna capital do reino** transferindo de Coimbra a Corte, a Tesouraria e os Arquivos da Chancelaria Régia.

Com D. Dinis, drena-se o terreno onde hoje existe a Praça do Comércio (conhecido popularmente pelo nome antigo de Terreiro do Paço), são desenhadas novas ruas para que as principais actividades comerciais se situem junto ao porto e o Rossio torna-se o centro da cidade.

FEITORIA DE BRUGES

Não podemos finalizar este tema sem falar no caso particular da Feitoria Portuguesa em Bruges.

As feitorias medievais eram associações de mercadores fora dos seus países. Aí se reuniam, defendiam os seus interesses, tratavam das relações diplomáticas e económicas com o país onde se estabeleciam. As primeiras surgem em 1356, na Liga Hanseática. Mais tarde aparecem também na Flandres e aí tornam-se verdadeiramente importantes. Como, por lei, os estrangeiros não podiam comprar propriedades nas cidades da Flandres, os comerciantes estrangeiros faziam das suas feitorias centros de alojamento e de armazenamento de produtos. Um grupo de comerciantes portugueses criou uma **feitoria em Bruges**, em 1408. Aí alugavam alojamento, criaram instituições bancárias e de seguros, tratavam de assuntos jurídicos e de relações diplomáticas com as autoridades locais. Em pouco tempo a feitoria estava transformada numa verdadeira embaixada.

Em 1411, o Duque de Borgonha concedeu privilégios à feitoria: baixos impostos, prioridades em cargas e descargas no porto, licença de porte de armas, garantia real de todas as operações



Filipe III de Borgonha e sua esposa, Dona Isabel de Portugal dos cambistas.

Em 1430, Dona Isabel, filha de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, casou em Bruges com D. Filipe III, Duque de Borgonha e Conde de Flandres. Acompanhavam-na mais de 2000 portugueses que se dedicaram às artes mas também ao comércio e à gestão de finanças. D. Isabel, profundamente inteligente e culta, (ficou conhecida na História da Flandres como *Isabelle, La Politique*) protegeu as artes e os estudos científicos e representou o marido em diversas missões políticas e diplomáticas.

Com o apoio da mulher e de todos os Portugueses cujo auxílio ela obteve, Filipe de Borgonha e Flandres fundou um estaleiro em Bruges. Em 1438, alarga os privilégios dos mercadores portugueses que passam a ter a possibilidade de eleger cônsules e o direito a ser julgados por juizes próprios e segundo estatutos próprios, desde que os diferendos fossem entre Portugueses.

Finalmente, em 1445, aos Portugueses é concedido o direito de comprar bens imóveis e é assim constituída a **Casa da Feitoria de Bruges**.

Já agora, e antes de terminar, sabes porque é que Portugal possui um património considerável de obras de arte flamenga? Basta visitares o Museu Nacional de Arte Antiga (mas não só) para constatares esse facto. Isso deve-se exactamente às relações privilegiadas entre Portugal e a Flandres, durante séculos. Muitas vezes, os pagamentos eram feitos em obras de arte de artistas bastante valorizados. Investimento em Arte! Moderno, não achas?

A Virgem e o Menino de Hans Memling (c.1430/1494), Museu Nacional de Arte Antiga



CRISE DE 1383-1385

CRISE DE 1383/85: CAUSAS PRÓXIMAS

A Peste Negra:

A partir de Itália, a Peste espalhou-se por toda a Europa e chegou a Portugal em 1348. Os documentos da época dizem-nos que matou quase metade da população e espalhou o caos no país. A situação tornou-se tão grave que foi necessário convocar as cortes em 1352 para determinar as medidas necessárias para fazer frente ao flagelo.

A Grande Nobreza perdeu muito do seu património por não haver gente suficiente para trabalhar a terra e, quando a doença foi finalmente contida, os sobreviventes que mais tinham enriquecido e obtido influência e poder, pertenciam à Pequena Nobreza e, muito especialmente, à **Burguesia**.

Desacreditada, com cada vez menos privilégios, com medo de os perder completamente e, sobretudo, com medo do crescente poder da Burguesia, a Alta Nobreza aliou-se aos interesses da sua congénere em Castela que vivia os mesmos problemas.

A Morte levando uma vítima da Peste



Crescente sentimento anti-castelhano e formação de consciência de Nação:

O Povo e a Pequena Nobreza estavam cansados das constantes lutas com Castela que duravam há séculos, por razões territoriais ou de rivalidades mas também por razões económicas. Os Burgueses, sobretudo, queriam ver os seus interesses comerciais defendidos e temiam a influência de Castelhanos e o domínio dos mesmos que poderiam levar ao estabelecimento em Portugal de um regime senhorial menos favorável e de privilégios a artesãos e mercadores de origem castelhana. Cada vez mais os Populares sentiam as terras onde viviam como fazendo parte de um todo que tinha sido conquistado a custo aos Muçulmanos, depois trabalhado por eles, sustentado durante os maus períodos de fome e peste. Em suma, cada vez mais sentiam que faziam parte de uma **Nação** com unidade de língua, fronteiras e costumes que teria de ser governada por gente da terra e não por quem lhe era estranho.

Problema de sucessão ao trono:

Em 1383, com D. Fernando às portas da morte, tinha de ser decidido o casamento da sua única filha, a Infanta Dona Beatriz. Como o rei não tinha mais filhos, o casamento da Infanta era importantíssimo para os interesses do reino. Já tinha sido prometida a vários príncipes mas agora iria servir de garantia para que o tratado de Paz entre Portugal e Castela, assinado em Elvas em 1382, fosse cumprido. Assim, é negociado um tratado antenupcial em 1383 em que se estipula que D. João I de Castela se casaria com Dona Beatriz e que o 1º filho varão que tivessem herdaria o trono de Portugal, caso D. Fernando tivesse morrido sem herdeiros masculinos. Este casamento foi muito mal aceite pela maioria dos Portugueses porque, se D. Fernando morresse em breve, como era esperado e se Dona Beatriz morresse antes de ter filhos, o seu marido poderia vir a reclamar o trono e, assim, a união entre os dois países ficaria consumada.

D. Fernando I



Existiam outros dois possíveis herdeiros: D. João, filho de D. Pedro I e de Dona Inês de Castro, a viver exilado em Castela, e D. João, Grão-Mestre da Ordem de Aviz, também filho de D. Pedro e de uma aia de Inês de Castro, Teresa Lourenço. O país, contudo, estava dividido e enquanto uns apoiavam o filho de Dona Inês, outros apoiavam o Mestre de Aviz.

1383-1385/INTERREGNO

D. Fernando morreu em Outubro de 1383. De acordo com o contrato de casamento entre sua filha e o rei de Castela, como o casal ainda não tinha filhos (Dona Beatriz tinha apenas 11 anos!!!), a regência foi entregue a Dona Leonor Teles, a rainha viúva. Esta proclamou a filha rainha e assumiu a regência em nome dela e do genro. Este período de crise ficou conhecido como **Interregno** (período em que o trono está vazio por falta de herdeiros). A Alta Nobreza aliou-se a Dona Beatriz, a Pequena Nobreza e os Burgueses não. D. João, filho de D. Pedro e de Dona Inês de Castro, foi preso em Castela para evitar que reclamasse o trono.

D. Fernando com D. Leonor Teles



Os Portugueses reuniram-se então à volta do Mestre de Aviz, a quem pediram para liderar a resistência. Isso foi feito após um levantamento do povo da cidade de Lisboa em que um professor e jurista, **João das Regras**, demonstrou que o trono estava vago e nenhum dos outros pretendentes teria direito a ele porque, segundo ele:

- D. Beatriz não tinha quaisquer direitos porque o casamento de seus pais deveria ser declarado nulo, uma vez que, quando D. Fernando casou com D. Leonor Teles, esta já era casada com João Lourenço da Cunha.
- O rei de Castela também perdera quaisquer direitos que porventura pudesse ter tido porque quebrara normas do tratado antenupcial de 1383 e por ser herege, já que apoiava o antipapa e fora excomungado pelo legítimo. Tinha-se dado um *cisma* (divisão) na Igreja com um Papa a residir em Avignon, apoiado pelos reis de França e considerado pelos aliados deste país como o verdadeiro, e um Papa a residir em Roma, considerado como legítimo pelos inimigos de França. Cada partido considerava o Papa do outro lado como Anti-Papa.

Nota: No levantamento de Lisboa, o Povo, a «arraia miúda», como lhe chama Fernão Lopes foi verdadeiramente importante. São os Populares que acorreram ao Paço onde D. João se tinha dirigido porque correra o boato de que o estavam a matar, foram eles que impulsionaram todo o movimento. Os Burgueses constituíam, nestes tempos, uma classe popular e revolucionária. Isto faz da crise de 1383-85 uma das primeiras revoltas populares da Europa.

João das Regras falando ao Povo



- Os infantes D. Dinis e D. João, filhos do rei D. Pedro I e de Inês de Castro, também não tinham direito legal ao trono por serem ilegítimos. João das Regras negava terminantemente que tivesse alguma vez existido um casamento legal entre D. Pedro e D. Inês.

Sendo assim, o trono estava vago e só a convocação das Cortes poderia ajudar a escolher livremente um rei. O Povo de Lisboa dá ao Mestre de Aviz o título de **Defensor e Regedor do Reino**.

O maior apoiante da causa, **Nuno Álvares Pereira** conseguiu fazer reverter para o seu lado a maioria das cidades que tinham declarado apoiar D. Beatriz e seu

marido. Entretanto, o Mestre de Aviz pediu apoio à Inglaterra (a quem interessava apoiar Portugal já que a sua eterna rival, a França, apoiava Castela) e, em resposta a esse pedido, desembarcou perto de Lisboa um contingente de militares que, embora em pequeno número, eram veteranos da Guerra dos Cem Anos e muito bem treinados e armados.

Nuno Álvares Pereira



Forte com todos estes apoios, D. João pediu às Cortes que se reunissem em Coimbra e estas, **a 6 de Abril de 1384**, relembando os argumentos que tinham sido usados por João das Regras, aclamaram-no como **D. João I de Portugal**, fundador da dinastia de Aviz.

D. João I, Mestre de Aviz



Uma das primeiras decisões do novo rei foi nomear **Nuno Álvares Pereira** como **Condestável** do Reino e este começou a preparar-se para a guerra, que se não fez esperar porque D. João de Castela invadiu imediatamente o reino.

Seguiram-se cercos a cidades portuguesas, (o mais duro foi a Lisboa) e várias batalhas entre os dois países. Uma importante batalha, a dos **Atoleiros (Abril de 1384)**, foi ganha pelos Portugueses e o rei de Castela decidiu então pedir ajuda à França.

Entretanto, enquanto esperava, resolveu pôr **cercos a Lisboa**. Quando a cidade já estava exausta, a peste estalou entre os exércitos castelhanos e D. Beatriz adoeceu gravemente (não de peste) em Castela. Estes dois factos fizeram D. João levantar o cerco e voltar para o seu reino.

No ano seguinte voltou a invadir Portugal, foi derrotado na **Batalha de Trancoso**, e decidiu reunir a maioria do seu exército com os aliados franceses, esperando vencer assim, de uma vez por todas, a resistência em Portugal. Dirigiu-se de novo a Lisboa mas o Condestável, convencido de que a cidade não resistiria a novo cerco, resolveu interceptar os Castelhanos perto de Leiria, junto à vila de Aljubarrota.

A 14 de Agosto de 1385 deu-se a batalha final: de um lado, o rei de Castela com 30.000 soldados, castelhanos e franceses; do outro o recentemente aclamado rei de Portugal, apoiado pelo seu Condestável e um exército de 7.000 homens, portugueses e ingleses.



Batalha de Aljubarrota

Havia ali uma pequena colina e, cerca das 10 h. da manhã, Nuno Álvares Pereira dispôs o exército na sua vertente norte (num plano mais elevado e de costas para o Sol), de frente para a estrada por onde deveriam vir os Castelhanos. Cerca das 2 da tarde estes chegaram e, ao reparar na posição favorável do inimigo, fizeram exactamente o que D. Nuno previra: começaram a contornar a colina para se dirigir à vertente sul. Aí já o Condestável tinha preparado o terreno, criando um desnível artificial e tendo feito erguer paliçadas para proteger a infantaria e os besteiros. Como os Portugueses eram em muito menor número, bastou-lhes dar meia volta e correr para detrás das paliçadas, tendo chegado muito primeiro do que o numeroso e lento exército de Castela.

Por volta das seis da tarde, temendo a chegada da noite, o exército castelhano atacou com uma carga da cavalaria francesa. Mas a paliçada, (com troncos erguidos na vertical e com espaços entre eles que não permitiam a passagem de cavalos) aguentou. Os besteiros e arqueiros portugueses dispararam e fizeram com que a cavalaria ficasse reduzida a menos de um terço ainda antes de conseguir chegar perto. A retaguarda castelhana levou tempo a vir ajudar e os Portugueses aproveitaram para fazer prisioneiros os cavaleiros franceses sobreviventes.

Avançou então a Infantaria Castelhana mas, como o espaço entre os ribeiros ali existentes era pequeno, foram obrigados a apertar-se, desorganizando assim as suas fileiras. Os Portugueses, atrás da paliçada e dispostos na famosa tática de quadrado (formando uma massa compacta em forma de quadrado com os soldados de costas uns para os outros e, em todos os lados com as armas viradas para o inimigo), foram dizimando os adversários. Ao Pôr do sol já quase tudo estava perdido para Castela. Num último esforço, D. João de Portugal ordenou a retirada dos besteiros e arqueiros ingleses e, enquanto a linha da frente era dividida pelo Condestável em dois flancos, avançou com a rectaguarda em direcção aos Castelhanos. Estes responderam mas acabaram por ficar cercados pelos dois flancos de tropas portuguesas e foram completamente esmagados. Já era noite e o massacre foi quase total. De tal forma que, na manhã seguinte, os cadáveres de Castelhanos eram tantos que chegaram a impedir o fluir das águas nos ribeiros.

Mosteiro da Batalha - Capelas imperfeitas



Queres seguir a Batalha?
Então...
Vê [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#).

Com esta vitória, D. João I tornou-se incontestado no trono. Para celebrar a vitória e agradecer, mandou construir perto do sítio da Batalha, o mosteiro de santa Maria da Vitória mais conhecido como **Mosteiro da Batalha**.

Só em **1411** Castela resolveu reconhecer a derrota com o tratado de **Ayton-Segovia**. Entretanto, em **1386**, pelo tratado de Windsor, (fortalecido pelo casamento de D. João I com Dona Filipa de Lencastre, a filha do Duque de

Lancaster) a Aliança Luso-Inglesa é consolidada. Esse tratado ainda está em vigor o que faz da **Aliança Luso-Britânica** a mais antiga aliança do Mundo.

O estabelecimento da Dinastia de Aviz e os contactos por ela mantidos viriam a abrir a porta para os Descobrimentos.



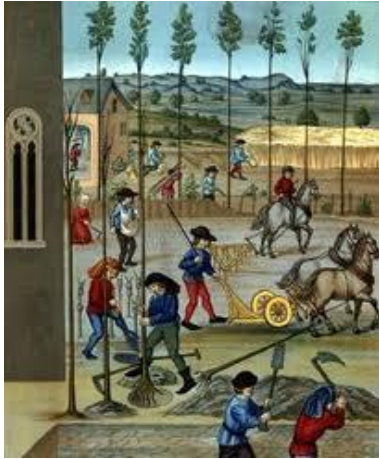
Casamento de D.
João I com D.
Filipa de
Lencastre

Resta-nos mencionar que muito do que chegou até nós sobre esta crise e sobre estes tempos, o podemos ler nas *Crónica de D. Pedro*, *Crónica de D. Fernando* e, principalmente, na *Crónica de D. João I*, escritas por Fernão Lopes a pedido de D. João I. Fernão Lopes é considerado o Pai da História em Portugal, o primeiro a questionar as fontes e é, além disso, um escritor que quase pode ser considerado moderno pelas suas descrições quase «cinematográficas».

*** EXERCÍCIOS ***

DINAMISMO RURAL E DINAMISMO URBANO

1 - O crescimento europeu na Idade Média começou no mundo rural ou no mundo urbano?

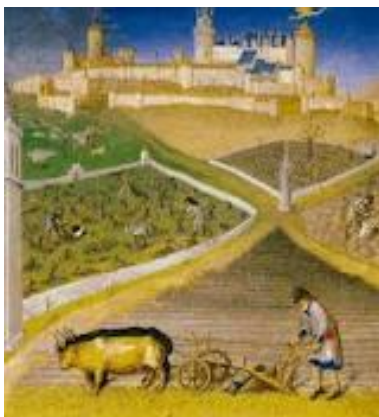


2 - Sabes enumerar algumas razões para esse dinamismo rural?

3 - Como se conseguiu aumentar a área de campos a serem cultivados?



4 - Que é arroteamento?



5 - A melhoria de clima e as técnicas acima indicadas contribuíram para um aumento demográfico?

6 - O dinamismo rural levou ao dinamismo urbano com o desenvolvimento das cidades. Como?



CULTURA MONÁSTICA, CULTURA CORTESÃ E CULTURA POPULAR

1 - Quais as três ordens sociais da Idade Média?

2 - Que funções lhes eram atribuídas?

3 - O Clero era Ordem fechada? (Onde se entrava por nascimento?)

4 - E a Nobreza era uma Ordem fechada ou aberta?

5 - Qual era a Ordem mais culta?

6 - Além de Alto e de Baixo Clero, que outro tipo de divisão encontramos nesta Ordem?

7 - Quais os privilégios dos membros do Clero?

8 - E quais os privilégios dos Nobres?

9 - A quem esteve entregue o Ensino durante a maior parte da Idade Média?

10 - Além do Ensino, de que outra forma contribuíram as Ordens religiosas para a Cultura?

11 - Só faziam cópias e traduções?

12 - Que língua era utilizada nesses textos?

13 - Com o desenvolvimento das cidades e da burguesia, o Ensino começou a não ser exclusivo dos mosteiros e catedrais e criaram-se as primeiras universidades, embora os primeiros mestres fossem clérigos. Em que século começou esse movimento?

14 - Como se chamava o conjunto básico de disciplinas aí ensinadas?

15 - Quais eram essas disciplinas?

16 - Seguia-se o estudo do quadrivium. Quais as disciplinas que o compunham?

17 - Terminados estes dois graus de ensino básico, quais as matérias que os alunos podiam escolher estudar?

18 - Para atrair e fixar estudantes, vários reis ou o Papa concederam privilégios aos estudantes universitários. Quais?

19 - Na Cultura Cortesã, a partir do século XII, assiste-se ao aparecimento de um tipo particular de Poesia. Como ficou conhecida?

20 - Qual a diferença entre Trovadores e Jograis?

21 - Os trovadores cantavam um tipo de amor que obedecia a regras muito definidas. Como se chamava esse tipo de amor e onde nasceu?

22 - E quanto à Cultura Popular?

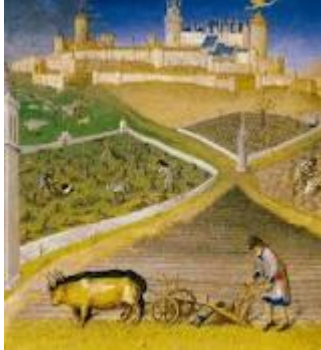
TIPOS DE PODER EM PORTUGAL

1 - Quais eram os nomes mais comuns dos feudos do Clero e da Nobreza em Portugal?

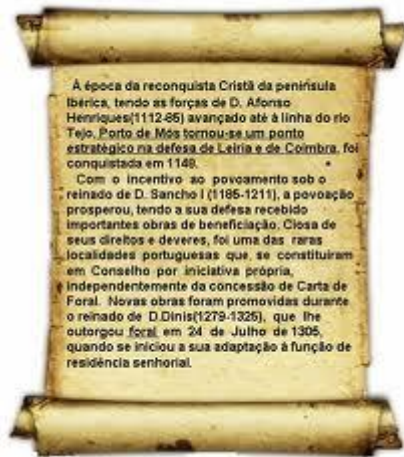


2 - Em Portugal, a partir de certa altura, começaram a surgir povoações de homens livres não dependendo de senhores feudais. Como se chamavam essas povoações?

3 - Os reis protegiam esses concelhos? Como e porquê?



4 - Como se chamava esse documento?



5 - Como se chamava o conjunto de moradores que dirigia o Concelho?

6 - Sabes indicar dois símbolos do poder dos concelhos?

7 - Qual era o maior poder em Portugal?



8 - Que poderes tinha o rei?

9 - Que diferença havia entre o Alferes-Mor do Reino e o Chanceler?



10 - A partir de D. Afonso III. foi criado um órgão chefiado pelo chanceler, composto por notários e escrivães, que tinham a função de redigir os diplomas legais que o rei assinava depois. Como se chamava esse órgão?

11 - O Rei era auxiliado por um Conselho, chamado Conselho Real ou Cúria Régia. A partir de certa altura, passou a convocar de vez em quando um Conselho mais alargado com representantes do Clero e da Nobreza a princípio, depois também com representantes do Povo. Como se chamava esse tipo de Conselho?

12 - Às vezes, os grandes senhores abusavam dos direitos que o rei lhes tinha concedido. O monarca vê-se, assim, obrigado a desencadear mecanismos jurídicos para os evitar. Quais?

INTERREGNO

1- P: Quais os principais factores da recessão que, a partir de finais do século XII e século XIV a Europa sofre?



2 - P: Em Portugal, a juntar a todos esses factores, existiu ainda uma crise dinástica, Porquê?



3 - P: Qual foi essa cláusula?



4 - P: Porque não agradava essa combinação à maioria dos Portugueses?

5 - P: Porque não gostava o Povo da Rainha?

6 - P: Quando D. Fernando morre quem são os possíveis candidatos ao trono?



7 - P: Quem estabelece e explica ao Povo de Lisboa que nenhum deles tem direito legal à Coroa e, portanto, o rei teria de ser aclamado em Cortes?

8 - P: Porque se chama a este período Interregno?

9 - P: O Povo de Lisboa levanta-se, mata o Conde Andeiro e escolhe um dos candidatos para futuro rei. Qual deles?



10 - P: Que título lhe dá?

11 - P: Em que cortes é ele aclamado rei?



12 - P: Na guerra que se segue com Castela, quem é o maior auxiliar do Rei?

13 - P: Que cargo lhe dá o rei?

14 - P: Que batalha pôs fim à guerra?



15 - P: Que País enviou militares para ajudar os Portugueses?

16 - P: A Amizade entre os dois povos é consolidada com um casamento. De quem?



17 - P: Além da aliança com Inglaterra que outra consequência muito importante trouxe esta crise ao nosso Povo?

TESTE

1 - Observa atentamente a imagem e responde às seguintes perguntas:



Domínio Senhorial

1.a - Que tipo de terras constituía um Domínio Senhorial?

1.b - Que nome se dava, em Portugal, às terras arrendadas (aparecem na imagem com o número 7)?

1.c - Na imagem acima, o nº 9 aparece com a legenda «arroteamento». O que é um arroteamento?

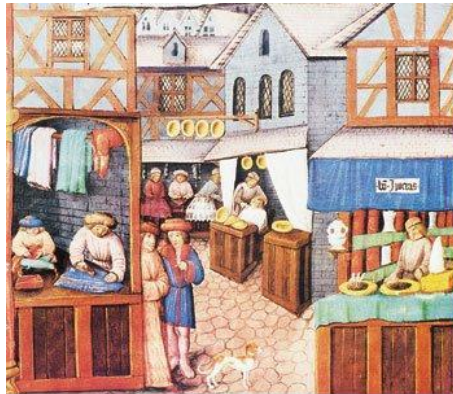
2 - Observa a imagem abaixo e responde à seguinte pergunta:



Agricultura na Baixa Idade Média

Que revoluções agrícolas vês na imagem?

3 - Observa a imagem e responde às seguintes perguntas:



Cidade Medieval

3.a - Que nome se dava às cidades que se iam formando à volta das muralhas dos castelos e dos mosteiros?

3.b - Como se chamavam essas povoações que eram construídas fora e dentro dessas muralhas?

3.c - Quem eram os seus habitantes?

3.d - Na imagem acima vemos um local onde se reúnem os mercadores para vender os seus produtos. Como se chama esse local?

3.e - Havia outro evento que reunia pessoas de várias regiões e que estava associado a um dia religioso? Qual?

3.f - Que nome tinham esses eventos, quando o rei isentava os mercadores e artífices de impostos?

4 - O que era uma Carta de Foral?



Carta de Foral de Silves - 1266

5 - Quais foram algumas das grandes inovações criadas na Arquitectura Gótica?

6- Observa a imagem abaixo e responde às seguintes perguntas:



Vestes protectoras da Peste Negra

6.a - Em que crise económica e social se insere a Peste Negra?

6.b - De que forma surgiu esta doença?

6.c - outros acontecimentos importantes marcaram este século?

TEMA

5

Soluções dos exercícios



*** DAS SOCIEDADES RECOLECTORAS ÀS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES *****PRÉ-HISTÓRIA**

- 1** - Cerca de 3,6 milhões de anos.
- 2** - Há cerca de 4000 anos quando surge a Escrita.
- 3** - Há cerca de 4 milhões de anos, em África.
- 4** - Duas: Homo Sapiens Neandertalensis (Homem de Neandertal) e Homo Sapiens Sapiens (Nós).
- 5** - Paleolítico e Neolítico.
- 6** - Paleolítico - Pedra lascada nos utensílios. Economia recolectora: frutos, bagas, caça e pesca. Estilo de vida nómada. Num período mais tardio: Descoberta do Fogo. Arte Rupestre. Neolítico- Utensílios de Pedra Polida. Agricultura. Criação de gado. Estilo de vida sedentário. Construção das primeiras casas de habitação.

MESOPOTÂMIA

- 1** - A escrita.
- 2** - Estilete sobre argila mole.
- 3** - Cuneiforme.
- 4** - Zígurates.
- 5** - Ao Povo da Babilónia.
- 6** - Mandou compilar um dos primeiros conjuntos de leis: o Código de Hamurábi.
- 7** - Porque nos legaram a escrita, construíram algumas das cidades mais antigas, elaboraram leis, desenvolveram a agricultura, relacionaram-se com outros povos.
- 8** - Entre dois rios: Tigre e Eufrates.

EGIPTO

- 1** - No Nordeste de África, junto à foz do Rio Nilo.
- 2** - Crescente Fértil.
- 3** - Porque as suas águas forneciam pesca e facilitavam o transporte e as suas margens permitiam a Agricultura, e nelas nascia a planta donde se extraía o Papiro.
- 4** - Faraó, Sacerdotes, Militares, Escribas, Artesãos, Mercadores, Pastores e Agricultores.
- 5** - Não, eram Politeístas.

6 - Sim, até desenvolveram um processo para conservar os corpos depois de mortos.

7 - Mumificação.

8 - Ao princípio só tinha esse direito o Faraó (como deus vivo e como «Pai» do seu Povo tinha de continuar a velar sobre o Egípto). Mais tarde, esse direito foi alargado a nobres e gente com posses para pagar esses cuidados.

9 - Hieróglifos.

10 - Além da Arte magnífica, desenvolveram estudos de Astronomia, de Química, de Medicina, de Matemática, de Irrigação, de Higiene, etc, etc, etc...

HEBREUS

1 - A região de Canaã que corresponde, hoje, à Palestina e ao Estado de Israel.

2 - O Monoteísmo - Crença num Deus único.

3 - Eras dos Patriarcas, dos Juízes e dos Reis.

4 - Abraão.

5 - Moisés

6 - Salomão.

7 - Ao Norte, o reino de Israel, ao Sul o reino de Judá.

8 - Primeiro os Assírios, depois os Babilónios, em seguida os Egípcios e, finalmente, os Romanos.

9 - Diáspora.

FENÍCIOS

1 - Na Costa oriental do Mediterrâneo, onde hoje ficam o Líbano, a Líbia e a Síria.

2 - A sua civilização vai dos séculos X a V a.C.

3 - Foram excelentes navegadores. Construíram as primeiras trirremes (barcas com 3 filas de remos).

4 - A atracção, gosto e habilidade para o Comércio.

5 - Não, estavam divididos em Cidades-Estado.

6 - Fundaram colónias, das quais as principais foram Cartago e Cádiz.

7 - Não, eram politeístas.

8 - O alfabeto.

TESTE: PRÉ-HISTÓRIA

- 1** - 1a- Homo Erectus.
1b- Paleolítico.
1c- Bipedia.
1d- Australophitecus.
- 2** - 2a- Homo Habilis.
2b- «Pedra Lascada».
2c- Economia de Caça/Recoleção.
2d- Nomadismo.
- 3** - 3a- Arte Rupestre.
3b- Resposta aproximada: A Arte Rupestre era uma Arte que estava ligada à Magia, para atrair a sorte na caçada e para trazer a fertilidade à tribo.
- 4** - 4a- Neolítico.
4b- A partir de cima: ceramistas; caçadores.
No meio: criadores de gado e pastores.
Em baixo: tratadores de peles de animais (curtidores).
À direita, na ponta da imagem: oleiro.
4c- Em baixo, no meio da imagem: sacerdote, no seu Templo.
Touro- Símbolo de Masculinidade.
- 5** - 5a- «Pedra Grande».
5b- Cromleques (Círculos de pedras); Antas e Dolmens (Estruturas semelhantes a casas pequenas ou mesas, encimadas por grandes lajes);
Menires (Pedras colocadas verticalmente sobre o solo) e Alinhamentos (Filas de Menires).
5c-Cromleque - Lugar de reunião, de culto, de observação de astros e calendário para demonstrar os ciclos da Natureza.
Anta e Dolmen - Algumas foram câmaras fúnebres, outras podiam ter servido apenas para demarcar uma região. Estão associados ao culto da Natureza.
Menir e Alinhamentos- Eram possivelmente usados para demarcar uma região ou para servir de marco a uma construção megalítica importante. Associados ao culto da Natureza.

TESTE: EGÍPTO, FENÍCIOS, HEBREUS

- 1** - Nilo; Inundações; Canais; Calendário; Sírius
I b: Trigo, Cevada, Linho, Papiro, Vinha (Uvas)
I c: Pschent - Egipto Unificado
Hedjet - Alto Egipto
Deshret - Baixo Egipto
- 2** - 2.a - Grupo dos dominados
2.b - Artesãos menores (oleiros, em baixo, à esquerda), camponeses (ao lado dos oleiros).
2.c - Pirâmide (à esquerda) e templo (à direita).
2.d - Imhotep
2.e - Mastaba
- 3** - Tamanho: a importância da figura é determinada pelo tamanho: quanto maior a sua importância, maior o seu tamanho.
Cor: das figuras humanas - pintava-se de ocre os homens e de amarelo as mulheres

Posição das figuras - sempre de perfil, com os dois pés dirigidos para a mesma direcção. Torso de frente e pernas de lado. Olho posicionado bem no meio da cara.

Aparência física das figuras - sempre jovens, elegantes e com um sorriso sereno no rosto. Os rostos parecem quase sempre iguais uns aos outros, devido ao facto de serem pintados da mesma forma.

Fundo da imagem e distanciamento entre figuras - não existe qualquer perspectiva e o fundo é sempre preenchido com algo, quase sempre letras.

4 - A escultura egípcia era ritualizada (era sempre esculpida da mesma forma) e resultava de dificuldades técnicas, tais como não saberem separar os braços do corpo. Tinham quase sempre um aspecto de «coluna». A beleza era investida nos pormenores (peruca, roupas, jóias, etc...)

5 - Anúbis; Reino dos mortos; Osíris; Julgamento; Coração; Maat; Pena; Thot; Ammut; Hórus.

6 - Escrita hierática (em cima) e escrita hieróglifa (em baixo). A escrita hieróglifa é mais antiga (foi a primeira a ser criada) e é composta por milhares de caracteres que são essencialmente representativos e detalhadamente desenhados. A escrita hierática já é uma simplificação desses mesmos caracteres, escritos de uma forma mais rápida.

7 - 7.a - O comércio. Exportavam barcos de guerra construídos por eles (trirremes), que eram encomendados por muitos reis. Comercializavam madeiras (entre as quais o cedro), especiarias. a mercadoria mais desejada era a púrpura.

7.b - Biblos, tiro, sídon e, mais tarde, cartago.

7.c - O alfabeto. era totalmente fonético, adaptável a todas as línguas. foi uma forma de escrita que passou a ser usada por toda a antiguidade por causa da sua simplicidade (aprendia-se com maior rapidez do que as outras) e eficiência.

8 - 8.a - É um acontecimento que afecta os judeus a seguir à destruição do templo de Jerusalém, por parte dos romanos. privados do seu reino, começam a espalhar-se pelo mundo inteiro.

8.b - Torah.

*** A HERANÇA DO MEDITERRÂNEO ANTIGO *****GRÉCIA**

- 1** - Aqueus, Eólios, Dórios e Jónios.
- 2** - Civilização Micénica.
- 3** - Civilização Minóica.
- 4** - Helenos.
- 5** - Não, estavam divididos em Cidades-Estado.
- 6** - Sim, a existência de ilhas e o terreno montanhoso em muitas delas.
- 7** - Atenas.
- 8** - Não. Dirigia-se apenas a cidadãos livres e adultos, do sexo masculino. (Mulheres, Crianças e Escravos não eram considerados cidadãos).
- 9** - Ostraka.
- 10** - Atenas - Democracia. Desenvolvimento artístico e filosófico. Progresso. Educação orientada para a cidadania e para o completo desenvolvimento intelectual.
Esparta - Oligarquia sob a forma de uma monarquia bicéfala. Educação dirigida para o serviço militar e para as condições físicas e psicológicas para ser o «soldado ideal». Conservadorismo.
- 11** - Esparta.
- 12** - Péricles
- 13** - Não, possuíam características, qualidades e defeitos humanos.
- 14** - Não, para os Helenos, tudo tinha de ter a medida do Homem. A Arte tentava imitar (mesmo embelezando-a) a realidade.
- 15** - Uma enorme influência em todo o Ocidente, principalmente do ponto de vista intelectual: Arte, Filosofia, Teatro, Medicina...

ROMA

- 1** - Cerca de 1000 a. C.
- 2** - Rómulo e Remo.
- 3** - 753 a.C.
- 4** - República.
- 5** - Drenagem de pântanos, construção de uma rede de esgotos, construção de edifícios públicos, entre eles templos, criação do Senado.

6 - Os Romanos expulsam Tarquínio, o último rei etrusco e fundam a República Romana.

7 - Patrícios e Plebeus.

8 - Dois Cônsules, apoiados e vigiados pelo Senado.

9 - O Senado.

10 - Ditador.

11 - Lei das Doze Tábuas.

12 - Tribunos da Plebe.

13 - Guerras Púnicas.

14 - Entre 264 a.C. e 146 a. C.

15 - Todas foram vencidas pelos Romanos.

16 - Aníbal Barca.

17 - Primeiro triunvirato.

18 - Octavio.

19 - Não. Manteve as instituições republicanas e a maioria dos Romanos achava que continuava a viver numa república. Ele tomou o título de Princeps e o Senado concedeu-lhe o de Augusto (Sacro, favorito dos deuses). Foi como Augusto que ficou conhecido para a História.

20 - Pax Romana.

21 - Porque se recusavam a aceitar os outros deuses, porque tinham ideias que os dirigentes romanos consideravam perigosas para a manutenção do seu poder e porque se recusavam a prestar culto ao Imperador.

22 - Porque se recusavam a aceitar os outros deuses, porque tinham ideias que os dirigentes romanos consideravam perigosas para a manutenção do seu poder e porque se recusavam a prestar culto ao Imperador.

23 - Bárbaros.

24 - Em 313, pelo Édito de Milão, promulgado pelo Imperador Constantino.

25 - No Ocidente, em 476, quando os Hérulos, de origem germânica chefiados por Odoacro, invadiram e conquistaram Roma. Subsistiu o Império Romano do Oriente, com sede em Constantinopla (mais tarde Bizâncio e depois Istambul) que só caiu em 1453.

CRISTIANISMO

- 1** - Nasceu na Palestina.
- 2** - Jesus de Nazaré.
- 3** - Porque na Grécia, país que divulgou esta Religião, o conheciam como Cristo, que significa «Ungido», «Escolhido».
- 4** - Dado que começou por ser um ramo do Judaísmo, era monoteísta.
- 5** - Amor e respeito a Deus; amor a todos; caridade; perdão aos inimigos; igualdade de todos como filhos de Deus; promessa da salvação da alma.
- 6** - Porque pregarem a igualdade poderia tornar-se perigoso, porque não aceitavam as outras religiões e se recusavam a prestar culto ao imperador.
- 7** - São Pedro.
- 8** - Deu uma unidade doutrinária à Igreja, integrou nela os povos de origem não-judaica e impulsionou a expansão da nova doutrina.
- 9** - Constantino (Édito de Milão - 313).
- 10** - Imperador Teodósio (381).

TESTE: GRÉCIA

- 1** - 1.a - Civilização Micénica
1.b - Tróia; Homero; VII a.C.; Épica.
- 2** - Terras agrícolas e Matérias-Primas; Colónias; Mar Mediterrâneo; Polis; Língua, Religião, Cultura, Arte, Desporto.
- 3** - 3.a - Ostraka
3.b - Para mandar exilar (por 10 anos) alguém que precisa de ser «corrigido».
3.c - Democracia.
3.d - Clístenes.
3.e - Péricles
- 4** - Século de Péricles; Atenas; Reformas: 1- Remuneração para os menos abastados, durante o tempo em que estes estivessem no cargo; 2- Transformar os Tribunais e Assembleias em Espaços Públicos; 3- Pôr fim ao Direito de Veto do Aerópago (Assembleia dos Anciãos).
- 5** - 5.a - Friso; Arquitrave; Capitel; Coluna.
5.b - A Dórica não tinha Base, as suas colunas eram assentes logo na plataforma dos degraus. Já a Ordem Jónica e Coríntia possuíam uma base.
5.c - Número Áureo ou Phi; Porque esta «Matemática Mágica» é encontrada em toda a parte: nas plantas, nos animais e até em objectos como as colmeias ou teias de aranha. É portanto, um número sagrado.

TESTE: ROMA

1 - 1.a - (Resposta aproximada) a Expansão Romana foi, numa etapa inicial, causada pela necessidade de auto-defesa: defesa das suas terras das tribos rivais, defesa contra povos que viviam ao lado dos romanos na Península; defesa contra povos estrangeiros que existiam fora da Península. Havia também uma necessidade de obter mais terras férteis para a Agricultura.

1.b - (Resposta aproximada) Roma precisou de se defender de outros povos que desejavam derrotá-la, mas as guerras constantes levaram a que o Exército precisasse de ser remodelado, com frotas navais e armamento avançado. Isto colocou os romanos numa posição de vantagem em relação aos outros povos.

Roma cresceu e enriqueceu com o saque das guerras e com os prisioneiros (que se tornaram escravos). O Poder transformou esta nação por completo, que começou a «ganhar o gosto» de vencer e de dominar as outras nações.

2 - Na Agricultura - O aumento das terras de cultivo concentrou-se nas mãos de poucos indivíduos, que enriqueceram à custa de vender os seus produtos a preço mais barato. Os camponeses de terras mais pequenas, que não conseguiram competir com os grandes latifúndios, acabaram por vender as suas, engrossando a massa dos pobres nas cidades. O *ager romanus* tornou-se, cada vez mais, numa propriedade privada.

Na população existente em Roma - À medida que as terras foram sendo vendidas aos grandes proprietários, os camponeses foram viver para as cidades. Os pobres aumentaram, as massas estavam descontentes e agitadas e os governantes tiveram que inventar formas de os sustentar. Nasceu a política de «pão e circo», para alimentar e distrair a plebe. O número de escravos aumentou e isso levou a que Roma se transformasse numa nação escravagista, isto é, dependente dos escravos.

Na Decadência da República - O aumento da propriedade privada em contraste com a pobreza crescente das populações levou a conflitos sociais. Nestes conflitos, as famílias Patrícias tomaram partido de determinados indivíduos e guerrearam entre si. Isto criou um clima de instabilidade que, a pouco e pouco, corroeu o Sistema da República.

3 - 3.a - Termas romanas.

3.b - Oferecer Higiene às populações das cidades, dado que a maioria não se podia lavar nas suas casas.

3.c - Edifícios Públicos: Aquedutos; Pontes; Basílicas; forum (um complexo de vários tipos de edifícios - o coração da cidade romana); Cisternas (ligadas a uma rede de esgotos).

Edifícios de Lazer: Circos; Anfiteatros; Teatros.

Edifícios Religiosos: Templos (com uma planta arquitectónica inspirada na Arquitectura Grega); Panteão (existia apenas na cidade de Roma).

4 - 4.a - Porque a maioria dos habitantes não tinha uma casa de banho.

4.b - As casas de banho públicas tinham uma bancada de assentos onde, por baixo, havia um túnel onde a água circulava por baixo. Os detritos eram, assim, arrastados;

4.c - A água era levada para a cidade através da construção de aquedutos. Eram gigantescas estruturas, construídas com arcos de volta redonda e que tinham, no seu interior mecanismos de bombear a água e fazê-la transportar, no cimo da estrutura, até à cidade.

5 - Sincretismo Religioso; Evocatio; a aliar-se aos Romanos; em procissão até Roma; Panteão de Roma; descendente de deuses; Máximo Pontífice.

6 - 6.a - Funções de um lararium : homenagear os deuses protectores do lar, através de oferendas, sacrifícios e orações.

6.b - Era o pater familias quem a praticava, em nome de toda a família.

6.c - lares.

6.d - Manes: antepassados da família, que velam por ela.

7 - Vénus

Vulcano

Júpiter

Diana

Juno

Baco

8 - Políticos: dirige a política externa e controla a administração.

Religiosos: dirige a Religião Oficial do Reino; é o Sumo- -Sacerdote.

Militares: é o Supremo Comandante do Exército; dirige as províncias do Império

Financeiros: controla toda a Riqueza de Roma.

Judiciais: fiscaliza a Justiça e vela para que esta seja cumprida.

9 - Escolas públicas; quatro; ludus; litterator; grammaticus; trechos de Literatura, História e Geografia; rethor; a arte da Retórica (arte de aprender a debater as suas opiniões e falar de forma a convencer as audiências); Grécia, Pérsia, Egipto; cursus honorum.

*** A FORMAÇÃO DA CRISTANDADE OCIDENTAL E A EXPANSÃO ISLÂMICA ***

POVOS E REINOS BÁRBAROS

1 - Os Helenos e os Romanos chamavam Bárbaros a todos os que não falavam nem Grego nem Latim.

2 - Tinham origem germânica.

3 - Não, estavam organizados em tribos.

4 - Anglo-Saxões na Grã-Bretanha. Francos na França. Lombardos e Ostrogodos na Itália. Suevos e Visigodos em Portugal. Vândalos no Norte de África. Visigodos em Espanha.

5 - Unidade principal-Família.

Reunião de famílias com antepassado comum? - Clã.

Agrupamento de clãs habitando o mesmo território - Tribo.

Grupos sociais: Nobreza - Grandes proprietários de terras, governantes e guerreiros. Homens Livres - Pequenos proprietários de terras e guerreiros. Homens não livres - vencidos em guerra, servos e escravos. Os nobres e homens livres constituíam a Assembleia de Homens Livres que tomava as decisões mais importantes e elegia o rei.

6 - Agricultura e Pastorícia.

7 - Não, eram politeístas. Após as invasões da Europa, contudo, à medida que se sedentarizavam e formavam reinos, foram-se convertendo ao Cristianismo.

8 - Merovíngia e Carolíngia.

9 - Meroveu (rei lendário) diz-se ter fundado a dinastia merovíngia. Ela só é notável, contudo, a partir de seu neto, Clóvis, que unificou as tribos francas. A dinastia carolíngia é iniciada por Pepino o Breve após o Mordomo do Reino, Carlos Martel, ter vencido os Árabes em 732 na batalha de Poitiers e ter entregue o poder a Pepino. O nome da dinastia, porém, vem do filho deste, o poderoso Carlos Magno.

10 - Criação de um vasto império que será reconhecido pelo Papa e intitulado Sacro Império Romano-Germânico, em 800. Unificação do sistema jurídico em todo o império. Formação de instituições que abriram caminho ao Feudalismo. Desenvolvimento cultural, criação de escolas e restauração do sistema de ensino. Apoio a mosteiros que copiavam, traduziam e preservavam conhecimentos da época clássica greco-romana.

11 - Vikings ou Normandos, Magiares e Muçulmanos.

12 - Principiaram por estabelecer relações comerciais mas, a partir do século VII, começaram a fazer incursões com os seus drakkars (barcos de guerra) em que saqueavam e destruíam, e por vezes conquistavam terras. A defesa contra estes povos estimulou a construção de castelos e muralhas e o fortalecimento do feudalismo.

13 - A sua maior importância foi a de, depois de se terem convertido ao Cristianismo, e terem fundado o Estado Húngaro no Cárpato, reconhecido pelo Papa, terem passado a ser uma espécie de «tampão» a novas invasões, principalmente de cultura islâmica.

14 - A influência dos Muçulmanos, que invadiram a Península Ibérica e aí fundaram Al Andalus, foi muitíssimo maior em vários níveis da organização política e cultural ao desenvolvimento cultural.

SOCIEDADE MEDIEVAL E FEUDALISMO

1 - Por razões de facilidade de estudo, convencionou-se chamar Idade Média ao período que vai desde 476 (queda do Império de Roma no Ocidente) e 1453 (queda de Constantinopla/Império Romano no Oriente).

2 - Alta Idade Média (sec. V a sec. X) e Baixa Idade Média (sec.XI a sec.XV). O século XI corresponde a uma estagnação do sistema político e social.

3 - Formação dos Reinos Bárbaros. A Oriente, formação do Império Bizantino. Economia essencialmente rural. Formação do Sistema Feudal. A Igreja como única autoridade reconhecida como acima dos vários reis. Primeiras Ordens monásticas. Expansão islâmica.

4 - Terra atribuída a um nobre, por herança ou por doação do rei ou de um outro nobre mais poderoso.

5 - Manso senhorial - para uso exclusivo do senhor feudal. Tudo o que lá se produzisse era para ele e sua família.

Manso servil - parte do feudo arrendada aos servos. O que se produzia aí servia para a subsistência dos servos mas uma percentagem determinada era para o senhor.

Manso comunal - parte do feudo cujo uso era comum a senhores e servos - prados, pastos, bosques. Ainda assim, a caça ou o corte de madeiras só era permitida aos servos mediante a autorização do senhor.

6 - Suserano e Vassalo.

7 - Homenagem.

8 - Os servos estavam ligados à terra que trabalhavam. Não podiam sair dela sem autorização do senhor, não podiam mudar de profissão, raramente se libertavam deste destino. Também não podiam ser expulsos das terras. Os camponeses vilões não estavam ligados às terras. Eram, geralmente, descendentes/herdeiros de pequenos proprietários romanos que tinham entregue as suas terras a senhores feudais, em troca da protecção destes.

9 - Corveia - Obrigação de trabalhar durante um ou mais dias por semana nas terras do senhor (manso senhorial).

Talha - Obrigação de entregar uma parte do produto obtido no manso servil ao senhor.

Mão Morta - Taxa que era paga ao senhor quando o chefe da família de servos morria, para que a família pudesse continuar a residir e a trabalhar a terra.

10 - As classes sociais são baseadas na riqueza, no tipo de educação, no círculo de amigos, etc... Permitem uma maior mobilidade, através do estudo, do casamento, etc..

11 - Oratores (Clero) - Cabia-lhes rezar pela salvação de todos e preservar o conhecimento.

Bellatores (Nobreza) - A sua função era lutar e defender as populações.

Laboratores (Camponeses) - Trabalhavam para o sustento de todos.

12 - As novas técnicas agrícolas levam à existência de excedentes. Criam-se mercados e feiras para o escoamento desses mesmos. Desenvolvem-se os burgos/cidades e o comércio. Camponeses que conseguem comprar a liberdade ou fugir para as cidades formam aos poucos um novo grupo social: os burgueses. O poder real começa a centralizar-se e o feudalismo entra pouco a pouco em declínio. Surgem as primeiras corporações de artesãos e as ligas de mercadores. Desenvolve-se o comércio internacional.

IGREJA MEDIEVAL

1 - A da Igreja

2 - Convertendo os vários Povos germânicos ao Cristianismo. Criou um factor de unidade entre eles.

3 - Não, na Idade Média, riqueza e poder eram muitas vezes sinónimos e a riqueza media-se, sobretudo, em terras. A Igreja chegou a ser proprietária de dois terços das terras da Europa.

4 - Vendia relíquias religiosas, perdões especiais (Indulgências), dispensas de jejum, etc... Também foi muitas vezes beneficiária de testamentos de nobres e de grandes senhores.

5 - Cada paróquia tinha um Padre à sua frente, várias paróquias formavam uma diocese sob a autoridade de um Bispo, várias dioceses (ou um país) podiam depender de um Cardeal e, à frente de todos, estava o Papa, eleito pelos Cardeais. A organização era semelhante à de um Estado forte.

6 - Grupos de religiosos que desejavam dedicar a vida à oração, ao estudo, e valorizar a humildade através do trabalho manual.

7 - Ordem Beneditina, de Cluny e de Cister. Mais tarde, Ordens Dominicana e Franciscana.

8 - Religiosamente: ajudaram à conversão dos Povos Germânicos. Mantiveram e transmitiram os ensinamentos da Igreja. Economicamente: ajudaram a melhorar as técnicas da agricultura e estimularam o artesanato. Havia campos cultivados pertencentes a abadias e mosteiros e oficinas artesanais onde os monges trabalhavam. Culturalmente: A realização de cópias e de traduções ajudaram a conservar o Conhecimento Antigo. Transmitiram-no através do ensino pois, durante muito tempo, as únicas escolas existentes funcionavam em igrejas e mosteiros. Muitas abadias possuíam bibliotecas. Demograficamente: Ajudaram a fixar as populações, oferecendo protecção dentro das suas paredes, criando postos de trabalho, matando a fome em casos de maior miséria, aliviando sofrimentos e doenças pelo estudo de ervas medicinais que cultivavam nos seus jardins, proporcionando alguma mobilidade social através das escolas.

9 - Ordens Militares. Por exemplo: Templários, Hospitalários, de Calatrava, mais tarde a de Aviz, etc...

10 - Românico e Gótico.

COMÉRCIO MEDIEVAL

1 - Na Baixa Idade Média.

2 - As técnicas agrícolas que se tinham desenvolvido permitiram excedentes que passaram a ser comercializados. Por outro lado, as cidades começaram a crescer e produziam produtos de artesanato de que as aldeias necessitavam e que trocavam por produtos agrícolas necessários nas cidades.

3 - Sim, patrocinavam, porque isso permitia o desenvolvimento das suas terras e porque cobravam taxas por esses negócios. Protegiam, assim, a realização de mercados e de feiras.

4 - Os mercados eram, quase sempre, semanais e as feiras eram acontecimentos realizados duas ou três vezes no ano, geralmente coincidindo com festividades locais e religiosas. Atraíam gente de várias regiões.

5 - Feiras Francas.

6 - O transporte fluvial já que as estradas existentes eram as que tinham ficado da época romana e, muitas delas, estavam estragadas. O percurso era longo e cheio de perigos, entre eles o de assaltos e roubos.

7 - Reforçou-se o uso da moeda em vez da simples troca de produtos. Criou-se o papel-moeda para evitar transportar ouro e prata. Criaram-se letras de crédito e cartas-cheque, bem como sistemas de câmbio. Surgiram, assim, os primeiros bancos. O transporte de mercadorias passou a ser essencialmente marítimo levando ao desenvolvimento de portos e de armazéns nos mesmos. Criaram-se sistemas de «seguro» para ajudar em caso de desastres, assaltos, catástrofes, etc...

8 - Sim, a Bolsa de Mercadores» fundada em 1293 por D. Diniz e a Companhia das Naus, criada por D. Fernando em 1380.

9 - Flandres, Liga Hanseática, Veneza e Génova.

MUÇULMANOS NA PENÍNSULA IBÉRICA

1 - Na Península Arábica, entre o Mar vermelho e o Golfo Pérsico, no século VII.

2 - Muhamad, conhecido entre nós por Maomé.

3 - Após a morte de Maomé, os Muçulmanos começaram a expandir-se porque:

a - queriam converter o maior número de pessoas à nova Religião.

b - procuravam novas terras (as suas eram muito pobres) e riquezas.

c- as lutas pela sucessão que começaram praticamente logo a seguir à morte do Profeta, levaram as várias facções à procura de influência e poder.

4 - Pela Arábia, o Médio oriente, a Ásia e a Península Ibérica.

5 - Em 711.

6 - Sim, à excepção de um pequeno território a Norte, a região das Astúrias.

7 - Não. O processo de reconquista cristã fez-se com avanços e recuos e com períodos de paz.

8 - Al Andalus.

9 - Relativamente. Foi um dos períodos de maior tolerância religiosa que a História conheceu. Contudo, Povos que não pertencessem às Religiões do Livro (Judeus e Cristãos) não eram tão bem tolerados e, geralmente, eram escravos. E Cristãos e Judeus tinham de pagar tributo e cumprir outras obrigações.

10 - Como uma época e região de grande desenvolvimento, de protecção às artes e às ciências, de estudo e de transmissão de conhecimentos.

11 - Moçárabes.

12 - Muladis.

TESTE

1 - 1.a - Os Bárbaros eram, para os Romanos «os outros», os que não eram da sua Civilização, não falavam Latim e não tinham os seus costumes. Eram, portanto, considerados «estranhos» e «perigosos».

1.b - Hunos, Alamanos, Suevos, Visigodos, Ostrogodos, Francos, Vândalos, Burgúndios, Lombardos, Anglos, etc...

1.c - Os Suevos e os Visigodos

2 - 2.a - MEDICINA - Criação de Hospitais onde se usava álcool para se lavar as feridas e se usava anestesia com uma Esponja Soporífera (embebida em Ópio e Mandrágora). Criação de xaropes, graças à Herbologia (Estudo das Plantas). Descreveram o sistema pulmonar e criaram a primeira Enciclopédia Médica.

2.b - ENGENHARIA - Técnicas de irrigação inovadoras: máquinas hidráulicas automatizadas; mecanismos de roldanas e engrenagens que estão na base dos primeiros relógios mecânicos.

2.c - LITERATURA CLÁSSICA - Foram verdadeiros guardiães da Literatura Grega e Romana, graças à cópia dos pergaminhos que sobreviveram no Oriente.

2.d - ASTRONOMIA, MATEMÁTICA E NAVEGAÇÃO - Tradução dos livros de Ptolomeu. Utilização e aperfeiçoamento do sistema numérico indiano, que introduziu o nº zero.

Utilização e aperfeiçoamento de Instrumentos de Navegação inventados pelos Gregos, tais como o Astrolábio.

2.e - MÚSICA - Introdução de novos instrumentos musicais que viriam a modificar o som da música europeia, tal como o Oud nas cordas, o Duff na percussão e o Mizmar no sopro.

3 - 3.a - Cerimónia de Homenagem.

3.b - É o indivíduo que está ajoelhado, do lado direito.

3.c - É o indivíduo sentado, do lado esquerdo.

3.d - Proteger o seu Senhor quando este estivesse em perigo; juntar os seus exércitos aos do Senhor, quando este o convocasse; prestar auxílio e conselho ao Senhor sempre que este necessitasse.

3.e - Proteger o vassalo dos seus inimigos; protecção nas questões da Lei, quando este precisasse de apoio numa questão jurídica; dar-lhe um feudo em troca de vassalagem.

3.f - Feudalismo.

4 - 711; Al-Andalus; do Livro; separados; Moçárabes; gízia; carage; Muladis; cargos públicos; mulheres muçulmanas; por um muçulmano; Suq; hammam; os homens; as mulheres.

5 - 5.a - Ordem de Cluny, fundada em 910 por Guilherme o Piedoso.

5.b - Tréguas de Deus. Consistiam num período de 40 dias entre as brigas entre Senhores e a declaração de guerra. Nesse período tinham que rezar, reflectir e pedir conselho à Igreja. Depois dos 40 dias já podiam declará-la. A maioria desistia, porque, entretanto, a sua raiva tinha arrefecido.

5.c - O trabalho manual era considerado inferior pelos mais abastados. Mas os monges faziam-no para imitar Cristo, que era pobre e para se redimirem aos olhos de Deus.

*** PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU NOS SÉCULOS XII A XIV ***

DINAMISMO RURAL E DINAMISMO URBANO

1 - No mundo rural.

2 - Substituição da madeira pelo ferro nas alfaías. Rotação trienal das várias culturas levando a que apenas 1/3 da terra ficasse em pousio. Boa fertilização dos campos (com cinza e com estrume animal, principalmente). Aproveitamento mais racional da força animal para transportes e para o trabalho agrícola.

3 - Com o desbravamento da floresta e o arroteamento das terras.

4 - É uma técnica que permite drenar, arrancar raízes, revolver e preparar para a agricultura a terra ganha à floresta ou a terrenos húmidos (pântanos, leitos de rios...).

5 - Sim, a população europeia quase duplicou.

6 - O aumento da população levou a que esta tivesse de se expandir para fora das muralhas - Burgos de fora. As cidades necessitavam dos produtos alimentares produzidos nos campos e produziam artesanato necessário às aldeias.

Incentivaram-se, pois, trocas. A realização de feiras e mercados, atraía camponeses às cidades. Uma maior possibilidade de ascensão social tornou as cidades, embora minoritárias em relação às aldeias agrícolas, o maior motor de progresso cultural e económico da Idade Média.

CULTURA MONÁSTICA, CULTURA CORTESÃ E CULTURA POPULAR

1 - Clero, Nobreza e Povo.

2 - Clero - Oratores - Rezar pelo bem e salvação de todos.

Nobreza - Bellatores - Lutar e defender todos.

Povo - Laboratores - Trabalhar para o sustento de todos.

3 - Não, não se nascia clérigo. O Alto Clero (Bispos, Cardeais, Abades, Superiores de Mosteiros, etc) costumava ser recrutado entre os Nobres; o Baixo Clero (Párocos, Irmãos Conversos, etc) vinha geralmente do Povo.

4 - Era fechada, com raríssimas excepções e assim se manteve até muito tarde. Nascia-se nobre. As excepções eram os casos em que se era enobrecido como recompensa por feitos heróicos ou de alguma forma notáveis e excepcionais.

5 - O Clero, pela própria natureza das suas funções.

6 - Clero Regular (que obedece a uma regra) - Os monges, frades e freiras.

Clero Secular - Os que estão no meio da população em geral - Párocos, Bispos...

7 - Possuíam feudos e outras terras próprias. Possuíam edifícios próprios. Estavam isentos de impostos. Regiam-se por direito próprio e eram julgados por tribunais específicos. Possuíam alguns direitos feudais sobre a população residindo nas suas terras.

8 - Também possuíam algumas leis próprias, direito a terem homens de armas e a usar armas, direito a trabalho não remunerado dos servos, isenção de impostos, direito a cobrar taxas sobre a população residindo nos seus domínios.

- 9** - À Igreja, principalmente aos Mosteiros.
- 10** - Através de cópias e de traduções, preservaram e transmitiram o conhecimento antigo.
- 11** - Não, também produziam textos religiosos e textos de estudo e interpretação de ciências antigas.
- 12** - Quase sempre o Latim.
- 13** - No século XII.
- 14** - Trivium.
- 15** - Gramática, Retórica e Lógica.
- 16** - Aritmética, Geometria, Astronomia e Música.
- 17** - Normalmente, Medicina ou Direito. Algumas Universidades eram autorizadas a ensinar Teologia.
- 18** - Isenção de Impostos. Facilidades no aluguer de residências. Direito a serem julgados (por crimes que não implicassem ofensas religiosas nem homicídio) dentro da universidade por juízes pertencentes ao seu corpo docente e com estatutos e regulamentos próprios.
- 19** - Poesia Trovadoresca.
- 20** - Os Trovadores eram quase sempre de origem nobre e compunham as suas próprias cantigas e poemas. Os Jograis eram frequentemente não nobres e interpretavam as composições dos trovadores.
- 21** - Chamava-se fin 'amors ou "amor cortês" e nasceu na corte de Provença.
- 22** - Os Burgueses começaram a frequentar as escolas e as universidades e tornaram-se juizes, médicos, etc... Interessavam-se cada vez mais pela cultura que, até então, era privilégio de mosteiros ou da corte. Os camponeses e artesãos mantiveram a tradição oral, as danças e cantigas, os autos e farsas que representavam nos adros das igrejas.

TIPOS DE PODER EM PORTUGAL

- 1** - Os do Clero eram conhecidos por Coutos e os da Nobreza por Honras.
- 2** - Concelhos.
- 3** - Sim interessava-lhes a sua existência porque ajudavam a povoar e defender o reino. Concediam-lhes um documento onde ficavam definidos os direitos e deveres dos seus moradores.
- 4** - Carta de Foral.
- 5** - Assembleia de Homens Livres ou de Homens Bons.
- 6** - O Pelourinho e o Selo Municipal.

7 - O Poder Régio (do rei).

8 - Comando do exército. Direito a cunhar moeda. Administração da Justiça. Decisões sobre Política Externa. Direito a aposentadoria.

9 - O Alferes-Mor comandava o exército na ausência do rei. O Chanceler era o guardião do selo real que autenticava os documentos.

10 - Chancelaria Régia.

11 - Cortes.

12 - Confirmações - Confirmavam os privilégios recebidos por alguém.
Inquirições - Indagavam da legalidade dos privilégios de alguém.

INTERREGNO

1 - A população tinha crescido em demasia. Houve uma série de maus anos agrícolas. A falta de produtos levou à carestia de vida e, em muitos casos, à fome. A partir de 1348, a epidemia de Peste Negra teve consequências terríveis, entre elas, a perda de mais de metade da população europeia. A falta de gente qualificada para os vários trabalhos agravou a depressão económica. Dão-se alterações nos preços, nos salários e no valor da moeda, desestabilizando o mercado.

2 - D. Fernando tinha passado muito tempo a batalhar contra Castela por achar que tinha direito ao trono desse país. Contudo, em 1383, assinou um tratado de paz com uma cláusula que desagradou à maioria dos Portugueses e que dizia respeito à sua sucessão.

3 - O tratado previa o casamento de D. Beatriz, sua filha, com D. João I de Castela e estipulava que, se D. Fernando morresse sem descendência masculina, o trono de Portugal seria para o primeiro filho varão do novo casal.

4 - O tratado previa o casamento de D. Beatriz, sua filha, com D. João I de Castela e estipulava que, se D. Fernando morresse sem descendência masculina, o trono de Portugal seria para o primeiro filho varão do novo casal.

5 - Porque já era casada quando conheceu o rei. Porque tinha um amante (o Povo dizia que o caso já existia em vida de D. Fernando), o conde D. Andeiro, homem arrogante que desdenhava o Povo. Porque o Povo achava que ela defendia os interesses de Castela.

6 - D. Beatriz, D. João filho de D. Pedro e de D. Inês de Castro, D. João Mestre de Aviz, filho de D. Pedro e de D. Teresa Lourenço.

7 - Um jurista, João das Regras.

8 - Porque é um período «entre reinados»: o trono está vazio à espera do novo rei.

9 - D. João, Mestre de Aviz.

10 - O de Regedor e Defensor do Reino.

11 - Nas Cortes de Coimbra de 1384.

- 12** - D. Nuno Álvares Pereira.
- 13** - O de Condestável.
- 14** - A Batalha de Aljubarrota, na noite de 14 para 15 de Agosto de 1385.
- 15** - A Inglaterra.
- 16** - De D. João I com a filha do Duque de Lencastre: D. Filipa.
- 17** - Uma forte consciência de Nação.

TESTE

- 1** - 1.a - Reservas (exploradas pelos seus Senhores e cultivadas pelos camponeses que ali viviam) e Mansos (terreno arrendado pelo Senhor a uma família de camponeses que passariam a viver nela).
 - 1.b - Casais.
 - 1.c - Preparação de um novo terreno agrícola através da remoção das raízes das árvores, da drenagem dos pântanos e nivelamento dos terrenos.
- 2** - Substituição de utensílios (alfaia) em madeira por utensílios em ferro. Utilização de animais para o trabalho de sementeira, transporte de produtos. No fundo da imagem (do lado esquerdo) - terreno de pasto, onde os animais se alimentam e produzem estrume para adubar. No fundo da imagem (do lado direito) - terreno em pousio. O ciclo trienal de culturas aumentava a fertilidade da terra.
- 3** - 3.a - Burgos.
 - 3.b - Burgos de fora e Burgos de dentro.
 - 3.c - Camponeses que viam nelas uma possibilidade de se libertarem do pagamento de rendas aos senhores e de subirem de condição social. Vários se fizeram artesãos ou mercadores.
 - 3.d - Mercados.
 - 3.e - Feiras.
 - 3.f - Feiras Francas.
- 4** - Documentos onde ficavam definidos os direitos e deveres dos residentes, as regras relativas à justiça e ao pagamento de impostos e as formas de governo da cidade.
- 5** - A utilização do Arco em Ogiva, a utilização da Abóbada sobre cruzamento de Ogivas; espaço iluminado, com amplas janelas cheias de vitrais; os contrafortes, no exterior dos edifícios; fazem escoar a força da gravidade para o chão.
- 6** - 6.a - Crise do século XIV ou Crise económica e social no sec. XIV.
 - 6.b - Foi provocada por uma bactéria que se alojava no pêlo de ratos.
 - 6.c - A Grande Fome - A população aumentou e os terrenos não eram suficientes para alimentar toda a gente.A Guerra dos cem anos - Crise da sucessão ao trono francês. A discórdia entre os candidatos levou à guerra.
O Grande Cisma - Havia dois Papas na Igreja, um em Avinhão e outro em Roma. As discórdias alimentaram as tensões na Europa.